OS GENERAIS DE DEUS

Por que tiveram sucesso e por que alguns falharam



Roberts Liardon

Roberts Liardon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP-Brasil Catalogação na fonte

Liardon,Roberts
Os generais de Deus : por que tiveram sucesso e por que alguns falharam / Roberts Liardon,- tradução de Marta Mendes R. dos Anjos.- São Paulo : The Hay Books, 2008.

368 p.; 23cm.

ISBN 978-85-99579-04-6

Título original em inglês: God's Generals

1. Evangelistas - Estados Unidos - Biografia. 2. Cura Divina - Estados Unidos - Biografia. 3. Pentecostais - Estados Unidos - Biografia. I. Ticulo

CDD 270.8

OS GENERAIS DE DEUS
Por que tiveram sucesso e por que alguns falharam Roberts Liardon

Copyright © 1996 by Roberts Liardon
Publicado originalmente sob o título
God's Generals: *Why Some Suceeded and Why Some Failed*
por Whitaker House, 1030 Hunt Valley Circle New
Kensington, PA 15068, USA.
Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela THE WAY Editora. Proibida a reprodução total ou parcial deste livro sem a autorização por escrito por parte dos editores.

Traduzido por Marta Mendes R. dos Anjos Revisão: Raul Flores
Pr. Francisco de Oliveira
Daina Flores Projeto gráfico: Emerson de Lima Coordenação editorial: Raul Flores

Editora THE WAY
Telefones: (11) 3104-6149 / 3101-4879 / 3242-8672 E- mail: thewaybooks@hotmail.com

SUMÁRIO

Introdução 5

Capítulo 1: John Alexander Dowie - O *Apóstolo da Cura* 7
Capítulo 2: Maria Woodworth-Etter- *A Demonstradora do Espírito* 31
Capítulo 3: Evan Roberts - *O Avivalista Galês* 59
Capítulo 4: Charles F. Parham - *O Pai do Pentecoste* 87
Capítulo 5: William J. Seymour - *O Catalisador do Pentecoste* 113
Capítulo 6: John G. Lake - *O Homem da Cura* 139
Capítulo 7: Smith Wigglesworth - *O Apóstolo da Fé* 165
Capítulo 8: Aimée Semple McPherson - *Uma Mulher Separada por Deus* 195
Capítulo 9: Kathryn Kuhlman - *A Mulher que Cria em Milagres* 233
Capítulo 10: William Branham - *Um Homem de Notáveis Sinais e Prodígios* 269
Capítulo 11: Jack Coe - *O Homem que Possuía Uma Fé Ousada* 303
Capítulo 12: A. A. Allen - *O Homem dos Milagres* 331

INTRODUÇÃO

Quando eu tinha quase 12 anos de idade, o Senhor me apareceu em uma visão. Ele me disse que deveria estudar a vida dos grandes pregadores, para aprender sobre os sucessos e os fracassos deles. E daquele dia em diante, dediquei grande parte da minha vida ao estudo da história da Igreja.

No mundo secular, quando alguém proeminente morre, as pessoas começam a olhar para os feitos naturais dele. Entretanto, quando são os líderes do corpo de Cristo que morrem, creio que Jesus não quer que olhemos apenas para o que eles realizaram no mundo material, mas também para o que eles conquistaram no corpo de Cristo. A razão de nos lembrarmos desses líderes não é para elogiá-los ou criticá-los, mas tomá-los como exemplo para a nossa própria vida.

Os "Generais" relatados neste livro foram simples seres humanos. Suas histórias representam uma colaboração de como a vida realmente é. Minha intenção não foi mostrá-los como super-homens ou alguém biônico. Aqui falo de suas lágrimas, suas alegrias, seus sucessos e seus fracassos. Eles foram perseguidos, enganados, traídos, caluniados, da mesma forma que foram honrados, amados e encorajados.

Contudo, o mais importante de tudo é o fato de que procurei revelar os segredos do poder de Deus no chamado de cada um para o ministério - como eles agiram, em que eles criam e o que motivou cada um a TRANSFORMAR a sua geração para Deus.

Os fracassos que aconteceram na vida desses grandes homens e mulheres vão tentar se repetir. Porém, os sucessos deles também nos desafiam e estão ao nosso alcance para serem alcançados outra vez. Não há nada novo debaixo do sol. Se existe alguma coisa nova para você, talvez seja porque você é novo debaixo do sol.

E necessário mais que um desejo para se cumprir a vontade de Deus; isso exige poder espiritual. A medida que você for lendo estes capítulos, permita que o Espírito de Deus o conduza em uma jornada que lhe mostrará as áreas de sua vida que precisam ser priorizadas ou dominadas. Depois, determine que sua vida e ministério serão um sucesso espiritual nesta geração, e que irá abençoar as nações da terra, para a glória de Deus.

Roberts Liardon

CAPÍTULO UM

John Alexander Dowie



"O APOSTOLO DA CURA"

Será que ele vai ter coragem de orar pedindo chuva?... Se ele fizer isso e knão chover, **é** porque não **é** Elias. Porém, se ele não orar, **é** porque está com medo - e isso **é** pior ainda." "Finalmente, o pregador ajoelhou-se atrás do púlpito. Seus ouvintes nunca haviam prestado tanta atenção nas orações daquele homem como naquele momento. Então ele orou:Senhor Deus, nosso Pai, temos visto a grande miséria pela qual esta terra tem passado... Agora, Senhor, eu te peço, olha para ela com Sua misericórdia, e manda chuva../

"De repente, o Supervisor Geral parou, e disse: 'Corram para suas casas, depressa! Já estou ouvindo o som de abundante chuva.' Entretanto, já era tarde. Exatamente no momento em que a multidão se virou para sair, caiu um verdadeiro temporal."[1]

Hoje em dia poucas pessoas conhecem o fascinante e dramático ministério de John Alexander Dowie. Sem dúvida nenhuma esse homem teve muito êxito na sua tarefa de abalar o mundo no final do século XIX. Ele trouxe para a vanguarda da sociedade, a igreja visível do Deus vivo, principalmente em relação às áreas de cura divina e arrependimento. Independentemente de alguém concordar ou não com o Dr. Dowie, o fato é que essa história incrível é um exemplo de fé inabalável e grande visão. Eram incontáveis as conversões atribuídas ao ministério de John Alexander

Dowie - foram milhões delas. Embora o seu ministério tenha tido um final trágico, raramente houve um trabalho com mais poder e vitalidade que o seu. Seu chamado apostólico transformou o mundo. De costa a costa, sem contar com nenhuma ajuda, desafiou a apostasia e a letargia espiritual reinantes na sua época, e triunfou sobre isso, demonstrando claramente que Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e o será para sempre.

Contra toda a oposição dos religiosos hipócritas, a ferocidade de publicações mentirosas, bandos assassinos e impiedosas autoridades governamentais, o Dr. Dowie usou o seu chamado apostólico como uma coroa dada por Deus, e as perseguições que sofreu, como um distintivo de honra.

UMA PESSOA INCOMUM

John Alexander Dowie nasceu no dia 25 de maio de 1847, na cidade de Edimburgo, na Escócia. Seus pais, Sr. e Sra. John Murray Dowie, que eram cristãos, lhe deram um nome segundo o que esperavam que ele se tornasse, quando crescesse: *John*, cujo significado é "pela graça de Deus", e *Alexander*, que significa "um ajuda-dor de homens".

Tendo nascido em um lar tão pobre, só mesmo com os olhos da fé poderia alguém imaginar, o que Deus faria por intermédio daquela criança. Apesar de sua freqüência às aulas ser bastante irregular, por causa de suas constantes enfermidades, o jovem Dowie era um exemplo de brilhantismo e entusiasmo. Seus pais sempre o ensinaram e o ajudaram, pois tinham muitas esperanças em seu chamado para a obra do Senhor. O pequeno Dowie participava com seus pais das reuniões de oração e estudos da Palavra, e eles nunca o deixavam de fora de qualquer ministração. Eles o amavam com grande ternura. Essa segurança que ele sempre teve por parte dos seus pais foi o elemento principal na construção do seu caráter.

Com apenas seis anos de idade, o pequeno Dowie já havia lido toda a Bíblia. Profundamente convencido por aquilo que havia lido, desenvolveu uma enorme aversão ao consumo de qualquer bebida alcoólica. Nessa época, o Movimento Pela Abstinência estava em franca ascensão na Escócia e, mesmo que ainda não tinha percepção da mão de Deus sobre a sua vida, Dowie fez uma campanha contra o abuso do álcool e assinou um compromisso de nunca ingerir bebida alcoólica.

Dowie continuou lendo a sua Bíblia e, sempre que podia, acompanhava seu pai em suas "jornadas de pregação". Em uma dessas viagens, encontrou-se com um humilde pregador de rua, chamado Henry Wright e, ouvindo com atenção à sua exposição minuciosa do Evangelho, entregou sua vida ao Senhor Jesus.

Contudo, mesmo tendo recebido o chamado para o ministério com apenas sete anos de idade, Dowie ainda não sabia como responder a este chamado.

Aos treze anos, John e seus pais deixaram a Escócia em direção à Austrália, em uma viagem que durou seis meses. Quando chegaram àquele novo país, o jovem Dowie começou a ganhar a vida trabalhando com seu tio em uma loja de calçados. Entretanto, logo deixou esse emprego e passou a trabalhar em vários lugares, sempre desempenhando funções simples. Naquela época, seus companheiros de trabalho já percebiam que ele era "uma pessoa incomum" para os negócios. Não demorou para que ele se tornasse o assistente do sócio de uma empresa com uma arrecadação anual de mais de dois milhões de dólares.

Durante esses anos de "crescimento profissional", Deus continuava a falar com John e seu coração se sentia atraído constantemente em direção a um ministério de tempo integral. Ele cria que havia muitas verdades na Bíblia há tempos negligenciadas pelas autoridades da Igreja daqueles dias. E uma dessas doutrinas - a da cura divina - tinha se tornado realidade para ele, em função da sua própria saúde debilitada. Ele havia sido uma criança que estava constantemente doente, e sofria de dispepsia crônica, um grave problema digestivo do qual fora acometido quando tinha dez anos de idade. Contudo, depois de ler sobre a vontade de Deus com relação à cura divina, Dowie rogou ao Senhor que o curasse e foi "completamente liberto daquela aflição."[2] E essa manifestação divina foi apenas um sinal da revelação que estava para vir sobre a sua vida.

Finalmente, já com a idade de vinte e um anos, Dowie tomou a decisão de responder ao chamado de Deus. Decidiu usar o dinheiro que havia economizado com seu trabalho, e contratou um professor para prepará-lo para o ministério. Um ano e três meses depois, ele deixou a Austrália e se matriculou na Universidade de Edimburgo, para estudar na Faculdade da Igreja Livre. Mesmo sendo o melhor aluno de Teologia e Ciência Política, ele não era considerado um modelo de estudante, por causa dos seus desentendimentos com os professores e suas doutrinas. Ele desafiou, de forma brilhante, as letárgicas interpretações deles. John Dowie tinha uma incrível fome e sede da Palavra de Deus. Ele lia muito, e possuía uma memória fotográfica. E isso o colocava muito além de seus superiores em solidez e precisão doutrinária.

Enquanto estava em Edimburgo, Dowie se tornou o "capelão honorário" do hospital da cidade. E foi ali que ele teve a oportunidade única de estar perto dos famosos cirurgiões do seu tempo, e comparar os seus diagnósticos com a Palavra de Deus. Entretanto, enquanto os pacientes se prostravam sem esperança debaixo da força do clorofórmio, Dowie ouvia esses mesmos cirurgiões falando sobre suas limitações médicas. Então ele entendeu que aqueles doutores não podiam curar os pacientes; a única coisa que tinham condições de fazer era recorrer à extração dos órgãos enfermos, esperando que, assim, fossem curados. Ele viu muitas cirurgias terminarem em morte. E ouvindo da boca dos próprios professores de medicina a confissão de que estavam apenas "tateando no escuro", e presenciando suas tentativas frustradas, Dowie desenvolveu uma forte aversão a cirurgias e medicamentos.[3]

Até hoje muitos acusam John Dowie de condenar o campo da medicina. Quero, porém, salientar que, no tempo dele, as práticas médicas eram bastante primitivas. E ele foi um dos poucos privilegiados que puderam ver "por trás dos bastidores" dessa área da ciência. Ele foi testemunha de como os médicos de sua época enchiam o paciente de esperança, mas confessavam às escondidas que não sabiam nada a respeito da

enfermidade daquelas pessoas. Viu pobres vitimas pagando uma soma incalculável de dinheiro por uma esperança de cura, ao mesmo tempo que recebiam os diagnósticos mais desanimadores. Dowie detestava a falsidade e, por isso mesmo, procurou por respostas. E quando ele começou a se posicionar publicamente contra os métodos enganadores dos cirurgiões, suas acusações provaram ser verdadeiras.

Quando ele ainda estava estudando na Universidade de Edimburgo, recebeu um telegrama de seu pai, na Austrália. Por causa do seu grande amor pelo ministério, voltou rapidamente para casa, para abrir mão de seus direitos na herança da família. E por ter deixado tudo e retornado à sua casa tão rapidamente, se viu passando por um grande aperto financeiro. Entretanto, decidiu em seu coração que esse revés não iria atrapalhá-lo, e fez um compromisso de que cumpriria a missão para a qual havia sido chamado: seria um embaixador de Deus em tempo integral.

Logo Dowie aceitou o convite para pastorear a Igreja Congregacional na cidade de Alma, Austrália. Ele tinha responsabilidades em várias congregações e, como era de se esperar, seus corajosos sermões provocaram ondas de inquietação e divisão por toda a igreja. Rapidamente se levantou uma perseguição contra ele e, por causa da sua maneira ousada e direta de pregar, gerou ressentimentos na congregação. Dowie era um visonário; entretanto, apesar de seu freqüente empenho, era incapaz de tirar as pessoas de seu estado de letargia. Por essa razão, mesmo precisando da igreja financeiramente, preferiu renunciar ao pastorado, pois sentiu que era uma perda de tempo continuar na liderança daquela igreja.

John Alexander Dowie era um reformador e um avivalista. E quem possui esse tipo de chamado *precisa ver resultados,* por causa da paixão que têm por Deus, e que arde tão intensamente dentro deles. Ele amava as pessoas, mas seu compromisso com a verdade fazia com que se concentrasse apenas em grupos que respondiam às suas expectativas.

Pouco tempo depois de sua renúncia ele foi convidado para pastorear a Igreja Congregacional, de Manly Beach. Dowie aceitou o convite e foi calorosamente recebido. Contudo, mais uma vez, ficou incomodado com a falta de arrependimento das pessoas e da insensibilidade delas à Palavra de Deus. Dessa vez, porém, permaneceu no pastorado. Sua congregação era pequena e, por isso, tinha tempo disponível para separar tempo para continuar seus estudos e receber orientação de Deus.

Com o passar do tempo Dowie continuou a sentir uma agitação incessante em seu espírito. Ele sabia que tinha uma missão a cumprir, mas não fazia a menor idéia de onde, ou como, esse chamado seria concretizado.

John Dowie começou a desejar igrejas maiores, e logo surgiu uma oportunidade para ele pastorear um grande grupo em Newton, um subúrbio de Sidney. Assim, em 1875, mudou-se mais uma vez. E mesmo que não soubesse naquela época, essa mudança lhe daria a revelação que faria deslanchar seu ministério em âmbito mundial.

"VENHA DEPRESSA! MARY ESTÁ MORRENDO..."

Durante o tempo em que estava pastoreando em Newton, uma epidemia mortal varreu a região, especialmente nos arredores da cidade de Sidney. As pessoas estavam morrendo a uma taxa tão elevada que a população ficou totalmente paralisada de medo e pavor. E em apenas algumas semanas nesse novo cargo, Dowie já havia realizado mais de quarenta cultos fúnebres. Enfermidade e morte pareciam estar espreitando a cada esquina. Toda essa tragédia atingiu o coração de Dowie de maneira tão extrema que ele foi buscar respostas imediatas. E ele sabia que só encontraria tais respostas na Palavra de Deus. Veja o sentimento de tragédia que se pode perceber nas palavras escritas pelo jovem pastor:

> "Sentei-me em minha sala de estudos na casa pastoral da Igreja Congre-gacional, em Newton, subúrbio da Austrália. Meu coração estava pesado, pois acabara de visitar mais de trinta pessoas do meu rebanho, que estavam enfermas e à beira da morte. Além disso, já tinha feito mais de quarenta cultos fúnebres, de parentes destas mesmas pessoas. Onde, ó onde, estava Aquele que curava as dores dos Seus filhos? Nenhuma oração pedindo cura parecia chegar até Seus ouvidos. Contudo, mesmo assim eu sabia que suas mãos não estavam encolhidas... Aquela situação era como se, às vezes, eu mesmo pudesse ouvir o triunfante escárnio dos demônios cochichando em meus ouvidos, enquanto falava as palavras cristãs de esperança e consolo, àqueles em luto. Doença, terrível fruto do pai diabo e da mãe pecado, estava afrontando e destruindo... e não havia nada que livrasse o povo.

"E ali, assentado e com a cabeça baixa, cheio de tristeza por causa do meu rebanho angustiado, permaneci até que as lágrimas amargas desceram para aliviar o meu coração destroçado. Orei para que recebesse alguma palavra... então as palavras inspiradas pelo Espírito Santo, registradas em Atos 10.38, passaram em minha frente como uma luz brilhante, mostrando Satanás como o destruidor, e Cristo como Aquele que cura. Minhas lágrimas cessaram, meu coração se fortaleceu, e vi o caminho da cura... Então eu disse: 'Senhor, ajude-me a pregar a tua Palavra a todos aqueles que estão morrendo ao meu redor, e mostre a eles que o diabo é quem traz a doença. Contudo, Jesus continua sendo Aquele que cura, pois Ele continua sendo o mesmo hoje.'

"Ouvi tocar a campainha e fortes batidas na porta de entrada... eram dois mensageiros ofegantes, que disseram: 'Por favor, venha depressa; Mary está morrendo. Venha fazer uma oração/ Saí correndo de casa pela rua abaixo, e até me esqueci do chapéu. Cheguei às pressas no local e entrei no quarto onde estava a jovem. Lá estava ela, deitada, gemendo e rangendo os dentes em agonia, em intensa luta contra aquilo que a estava destruindo... olhei para ela e senti meu coração se incendiar de revolta...

E, de forma estranha, algo aconteceu... percebi que a espada que eu precisava ainda estava em minhas mãos.... e eu jamais iria largá-la. O médico, um bom cristão, andava silenciosamente de um lado para outro do corredor... e, dentro de alguns instantes, parou ao meu lado, e disse: 'Sr. Dowie, os caminhos de Deus não são muito misteriosos?' 'Caminhos de Deus?!' exclamei. De maneira nenhuma; isso não é coisa de Deus; é ação do maligno! E já está na hora de clamarmos por Aquele que veio destruir as obras do diabo."[4]

Ofendido pelas palavras de Dowie, o doutor saiu da sala. John voltou-se para a mãe de Mary, e perguntou-lhe por que ela havia mandado chamá-lo. Quando ela lhe disse que gostaria que ele fizesse uma oração de fé pela filha, ele aproximou-se da cama, inclinou a cabeça, e clamou a Deus. Naquela mesma hora a garota ficou imóvel, e sua mãe perguntou ao pastor se a filha estava morta. Dowie respondeu: "Não... ela vai viver. A febre já **passou/'**[5]

Poucos instantes depois a jovem estava sentada na cama, comendo. Ela pediu desculpas por ter dormido tanto e disse a todos, com grande entusiasmo, que estava se sentindo muito bem. E assim que o pequeno grupo agradeceu ao Senhor pela cura, Dowie foi até o outro quarto, onde estavam outro filho e outra filha, também doentes, orou por eles e também foram instantaneamente curados.[6]

E daquele momento em diante, no que disse respeito à congregação de Dowie, a epidemia foi totalmente afastada. Nenhuma outra pessoa do rebanho de John Dowie morreu por causa daquela epidemia. Como resultado dessa revelação, o grande ministério de cura de John Alexander Dowie foi, finalmente, iniciado.

MARCHA NUPCIAL

Pouco tempo depois daquela extraordinária revelação a respeito de cura divina, Dowie começou a pensar em se casar. E foi aí que percebeu que estava enamorado de sua prima, Jeanie, e que não conseguiria ser feliz sem ela. Após várias discussões controversas entre os membros da família, concordaram com o casamento deles. Assim,



Da direita para a esquerda: John, Gladstone, Jeanie e Esther Doivie.

com a idade de vinte e nove anos, no dia 26 de maio de 1876, ele casou-se com sua prima e, juntos, começaram uma incrível missão.

O primeiro filho do casal, Gladstone, nasceu no ano de 1877. Nessa época, por ter confiado em pessoas que não deveria, Dowie se viu em grandes problemas financeiros. Por isso, Jeanie e Gladstone foram viver com os pais dela, até que a situação melhorasse. Nem é preciso dizer que essa decisão causou ainda mais confusão no meio da família, por causa da desconfiança que os sogros de John tinham dele. Entretanto, mesmo com todas essas dificuldades, ele permaneceu sendo um homem de visão. E no meio daquele caos, se agarrou firme ao trabalho que estava à frente e, depois, escreveu à esposa, dizendo o seguinte: "Consigo ver o futuro com muito mais clareza do que posso solucionar os mistérios do presente."[7]

Todo ministério tem um futuro; entretanto, precisamos acreditar plenamente nessa verdade, ou nunca

conseguiremos dar o primeiro passo. Como Dowie, precisamos decidir nos agarrar à Palavra de Deus e lutar por aquilo que nos pertence aqui na terra. Os reveses sempre existirão, mas somos nós que determinamos se os problemas vão permanecer e por quanto tempo. Mesmo que tenhamos um chamado, ainda assim precisamos lutar contra os ataques do inimigo, que são enviados para destruir nossa visão e nos desanimar. Os anjos do Senhor podem nos ajudar, mas a luta pelo nosso destino é uma responsabilidade pessoal a qual temos de vencer.

CHEGA DE RELIGIÃO!

Durante esses tempos difíceis, Dowie tomou uma decisão que nunca havia tomado antes: deixar a denominação da qual ele fazia parte. Afinal de contas, ele não conseguia entender e nem trabalhar com a frieza e a indiferença da sua liderança. Além do mais, ele queimava por dentro de paixão por proclamar a mensagem de cura divina por toda a cidade. As congregações que ele liderava haviam atingido o tamanho de mais de duas vezes o das outras. Contudo, parecia que o seu sucesso havia falado a ouvidos surdos e ele estava constantemente lutando contra as políticas e a teologia da "letra da lei" que ameaçava refrear a sua fé.

Por causa da hostilidade demonstrada pelos líderes de sua denominação, Dowie estava sempre na defensiva. Em uma carta para a sua esposa, falando sobre a sua decisão de começar um ministério independente, ele falou sobre o sistema político denominacional de sua igreja:

> "... sufoca e destrói a iniciativa e capacidade individual de seus membros, transformando-os em meras ferramentas da denominação. Ou, o que é ainda pior; faz com que adotem uma mentalidade mundana, deixando-os meio perdidos e praticamente inúteis - bons navios, mas muito mal conduzidos e excessivamente sobrecarregados de mundanismo e apatia."[8]

Dowie chegou à conclusão de que se a igreja pudesse ser despertada, um avivamento seria absolutamente possível. Então, passou a considerar a grande oportunidade que estava à sua frente. Primeiro, fez um estudo do estado letárgico da igreja e, depois, analisou os que não freqüentavam a igreja. Assim, tomou a decisão de que se alcançasse o grande número dos não convertidos, isso resultaria num maior fervor espiritual por parte deles, em relação à Pessoa de Jesus Cristo. Foi aí que decidiu parar de trabalhar entre os crentes frios e determinou que sua missão seria alcançar as massas negligenciadas que estavam perecendo. Ele levaria a elas a revelação de que Cristo era o mesmo ontem, hoje e eternamente.

Em 1878 Dowie saiu de sua denominação e alugou o Teatro Royai, na cidade de Sidney, para começar um ministério independente. Centenas de pessoas afluíram para lá com o propósito de ouvir suas mensagens poderosas. Porém, mais uma vez a falta de recursos interrompeu o seu trabalho. E mesmo a freqüência sendo grande, a maioria não possuía recursos financeiros. A única saída que John encontrou foi vender a sua residência e móveis, mudar-se para uma casa menor, e investir o dinheiro na obra. Depois que Dowie fez isso, o trabalho prosperou. Em uma mensagem onde descreveu esses acontecimentos, ele disse o seguinte:

> "Meus belos móveis e quadros se foram, mas em seu lugar vieram homens e mulheres, trazidos aos pés de Jesus por intermédio da venda desses meus bens terrenos/'[9]

Na paixão que Dowie tinha pela obra de Deus, não se preocupava com a forte oposição que havia se levantado contra ele. Denunciou veementemente os males daqueles dias e organizou um grupo de pessoas para distribuírem literatura evangélica por toda a cidade. E, por causa dessa sua iniciativa, levantou-se uma violenta perseguição, na sua maioria por parte dos pastores locais. Entretanto, mesmo diante de toda essa oposição, Dowie lidava com a letargia dos líderes religiosos de maneira implacável. Ele não media suas palavras e falava francamente: "Não reconheço o direito deles de pedirem alguma explicação sobre a minha maneira de agir. Também não tenho nenhuma consideração para com a opinião deles." Certa ocasião, ele respondeu o seguinte, a um pastor:

> "Para mim, o seu julgamento é tão fraco e incapaz quanto o seu ministério... gostaria de conhecer quem distribuiu estes 'folhetos maldosos' entre as suas ovelhas; eu certamente o elogiaria por haver escolhido tão bem o 'campo' para fazer o seu trabalho de distribuição/'[10]

Uma das facetas do chamado de Dowie era lidar com pecados morais. E uma postura muito forte contra questões morais geralmente está associada a um forte ministério na área de cura divina. (O pecado é a maior causa de muitos males e doenças.) John Dowie, entretanto, deixava sem ação os seus críticos com tal perspicácia que isso os levou a se juntarem em um complô para destruí-lo. Dessa forma, o palco estava montado para o aparentemente invencível John Alexander Dowie.

DESVIANDO-SE **DO** CHAMADO

Dowie foi um apóstolo, mas não entendia totalmente a função deste ministério. A unção que Deus lhe deu, provocou um impacto nos movimentos religiosos de sua época, mas poucos o compreenderam. E como nem ele mesmo compreendia bem, não sabia como proceder para com as responsabilidades decorrentes da paixão de seu chamado. Uma dessas responsabilidades era na área da política.

A liderança de Dowie estava adquirindo uma forte influência no cenário político. Por isso, vendo seu potencial e conhecendo sua posição, o Movimento Pela Abstinência o convidou para concorrer a uma vaga no Parlamento. Inicialmente ele foi contra a idéia. Entretanto, mais tarde mudou de opinião, pensando que, possivelmente, poderia influenciar um número bem maior de pessoas no campo político. Assim, resolveu entrar na disputa.

Dowie, porém, sofreu uma enorme derrota nas eleições. Os jornais locais que haviam sido tão prejudicados por causa do ministério dele, travaram um ataque ferrenho contra a sua pessoa. Os políticos e os donos de indústrias de bebidas alcoólicas pagaram quantias estratosféricas de dinheiro para que ele fosse caluniado e derrotado. Após as eleições, John Dowie havia magoado a sua igreja e prejudicado grandemente o seu ministério.

Ele era alguém movido por anseios espirituais tão grandes que procurou satisfa-zê-los a qualquer custo, mesmo pelos meios naturais. Eu não sei por que ele mudou o rumo de seu ministério; tudo o que posso fazer é especular. Pode ser que foi porque o povo da igreja não estava assimilando as verdades que ele pregava da maneira rápida como ele gostaria. Contudo, seja qual for a razão, ele não entendeu nem o tempo e nem os planos de Deus para o seu ministério.

Precisamos entender que o Senhor tem um ponto central a partir do qual opera em cada aspecto de nossa vida, seja individualmente ou em conjunto. Esta área é chamada de "timing" (tempo mais adequado para agir). E da operação dessa única palavra, a nossa vida pode seguir com Deus, ou ser impedida. As nações podem avançar, ou retroceder espiritualmente. A vida no reino espiritual tem um tempo certo tanto quanto a vida no mundo natural. Por isso, é de extrema importância para nós seguirmos a liderança do nosso espírito. Precisamos entender que nem sempre precisamos agir só porque aquilo parece ser o mais certo a fa-zer. Esse tipo de obediência só vem por intermédio de longos períodos de oração e intercessão.

Nunca os políticos ou a política conseguiram mudar o mundo, a igreja, ou o governo. Somente as pessoas cujos corações foram transformados pelo Evangelho podem transformar as leis e normas civis. Parece que, de modo geral, os políticos estão destinados a fazerem concessões para agradar as pessoas. A missão apostólica apresenta a Palavra de Deus; depois, depende das pessoas se adequar a ela e obedecê-la. O mundo político e o apostólico não se misturam. Por causa do seu chamado ministerial, Dowie nunca deveria ter ido atrás do estilo de vida político.

Durante o tempo que John esteve em campanha política, negligenciou o seu chamado de pregar sobre cura divina. Ele simplesmente se dirigiu para longe do seu chamado para poder perseguir seus alvos pessoais, pensando que poderia alcançar um número maior de pessoas se estivesse no mundo político. E como resultado disso, o restante de seu tempo na Austrália foi obscuro e inútil.

AS PESSOAS AFLUÍRAM DE TODAS AS PARTES

Em 1880, Dowie finalmente se arrependeu e voltou a pregar a mensagem de cura divina. Como resultado, muitas bênçãos físicas e espirituais vieram sobre a vida dele. Os dons do Espírito começaram a manifestar-se em sua vida e as manifestações eram abundantes, como nunca antes. Por causa de sua obediência, milhares foram curados por intermédio do seu ministério. Por outro lado, as perseguições também eram abundantes; até ao ponto de seus inimigos do crime organizado planejarem colocar uma bomba debaixo de sua mesa, em seu escritório. A bomba foi programada para explodir bem tarde, uma vez que Dowie era uma pessoa que

tinha o hábito de ficar trabalhando até altas horas. Naquela noite, porém, ele ouviu uma voz lhe dizendo: "Levante-se, e saia daqui!" Inicialmente ele não deu muita atenção; entretanto, na terceira vez que ouviu a tal voz, pegou seu casaco e foi para casa terminar seu trabalho lá.

Poucos minutos após chegar a salvo em casa, a bomba explodiu debaixo de sua mesa, a vários quarteirões dali.

Passados oito anos, já no ano de 1888, John Dowie sentiu vontade de ir para os Estados Unidos e depois, possivelmente para a Inglaterra. Esse seu desejo se tornou realidade no mês de junho daquele mesmo ano, quando passava debaixo da ponte Golden Gate, em San Francisco. Os jornais publicaram a notícia de que Dowie havia chegado à América, e que as pessoas estavam vindo de todas as partes da Califórnia para serem curadas por ele. E de manhã até à noite, as salas ficavam superlotadas com pessoas esperando para serem recebidas por John Dowie; e ele só orava por uma de cada vez.

Aquele reformador possuía uma maneira singular de orar por quem estivesse doente. Ele cria firmemente que ninguém poderia ser curado se ainda não tivesse passado pela experiência do novo nascimento e se arrependido de qualquer tipo de vida contrário ao evangelho. Em geral ficava indignado se notasse algum tipo de mundanismo em alguém que o procurasse para ser curado. Por causa disso, no início de seu ministério ele orava por bem poucas pessoas - entretanto, aqueles por quem ele orava, eram curados instantaneamente.

ABANDONANDO O QUE É DIVINO

Rapidamente Dowie começou a realizar cruzadas de cura divina por toda a costa da Califórnia. E foi nessa época que ele conheceu Maria Woodworth-Etter, a grande evangelista que também tinha o ministério de cura divina. Entretanto, logo surgiram conflitos entre eles e John Dowie condenou os métodos que ela adotava em seu ministério. Creio que esse foi um grande erro da parte dele.

Todos precisamos desenvolver relacionamentos em nossa vida; às vezes casuais, outras vezes, íntimos. Contudo, os que são mais significantes para o reino de Deus são os "relacionamentos divinos". Em todo chamado, seja secular ou ministerial, Deus nos envia pessoas para nos ajudar a fortalecer o nosso caminhar com Ele. Podemos ter muitos relacionamentos casuais; contudo, relacionamentos divinos são muito poucos. Eles geralmente são tão raros que podemos até contá-los nos dedos.

Acredito que Dowie e sua família perderam uma tremenda oportunidade de ter um relacionamento divino com Maria Woodworth-Etter. Porém, por alguma razão, possivelmente um orgulho "ministerial masculino", ele não perdia uma oportunidade de maltratar essa serva do Senhor. Antes de se indispor com ela, chegou a ir em uma de suas reuniões, ocupar o palco, e dizer que ela era uma pessoa de Deus; contudo, abandonou aquela orientação do Espírito e, mais tarde, negou o ministério dela.

Por não compreender os métodos de ministração de Etter, Dowie ficou receoso quanto à sua maneira de agir. Contudo, mesmo assim nunca tirou um tempo para falar com ela a esse respeito, de coração aberto. Suas "preferências" ministeriais, ou seu estilo favorito de ministrar fez com que ele rompesse relações com Maria. Etter também havia recebido alguma revelação a respeito de cura divina, mas a área em que tinha maior experiência era a de cooperar com o Espírito Santo. Além disso, ela tinha uma firmeza espiritual que a habilitava a ministrar ao próprio Dowie, e poderia tê-lo ensinado a viver no espírito, ao mesmo tempo que descansava o seu corpo físico. Ele não conseguia um tempo para o descanso e essa era uma área com a qual tinha problemas. Em sua paixão pelas coisas de Deus, às vezes chegava a trabalhar quarenta e três horas ininterruptas. Através de Maria, ele poderia ter conseguido amigos de fé e com chamados semelhantes ao seu, favorecendo, assim, o seu próprio ministério. Mas ele não quis.

Como resultado disso, os relacionamentos de Dowie eram apenas casuais e com alguns de seus seguidores, em vez de desfrutar relacionamentos divinos que poderia ter tido com outros companheiros, também líderes.

Acho interessante o fato de que Dowie entrevistou o grande impostor de sua época, Jacob Schweinfurth, que dizia ser Jesus Cristo.[11] Ele também teve a oportunidade de desafiar o famoso ateísta Robert Ingersoll para um confronto.[12] Entretanto, nunca concedeu à irmã Etter a gentileza de uma conversa franca e sincera.

Não perca os relacionamentos divinos de sua vida. Sempre haverá companheiros de ministério; entretanto, os relacionamentos divinos são raros.

FINALMENTE UM LAR

Alguns pastores invejosos começaram uma violenta perseguição contra Dowie. Contudo, naquela altura da vida ele já havia se tornado um veterano na arte de enfrentar oposição. As perseguições só faziam colocar em maior evidência a sua capacidade e firmeza. Ele pouco se incomodava com quem procurava persegui-lo, *a menos que* tal ação, de alguma forma, impedisse a continuidade de sua missão.

Dowie visitou algumas regiões dos Estados Unidos e escolheu se estabelecer em Evanston, Illinois, nas proximidades de Chicago. Logo depois de se fixar ali, os jornais de Chicago começaram a atacá-lo cruelmente, chamando-o de falso profeta e impostor. Diziam, com todo atrevimento, que ele não era bem-vindo àquela cidade. Porém, aqueles ataques não foram capazes de fazer Dowie vacilar. Ele permaneceu exatamente onde havia escolhido morar e ministrava em qualquer lugar que sentisse que deveria.

Certa vez, durante sua pregação em uma conferência a respeito de cura divina, na cidade de Chicago, foi chamado a orar por uma senhora que estava à beira da morte por causa de um tumor fibróide. Naquela época, Chicago era a segunda maior cidade dos Estados Unidos, e governada por fortes influências espirituais do mal. Por essa razão, Dowie estava muito interessado em estabelecer as bases do seu ministério ali. Então, ele tomou o pedido de cura daquela mulher como um teste para saber se deveria ou não começar o seu trabalho naquela localidade. Disseram a ele que o tumor já tinha atingido o tamanho de um coco, e que havia se espalhado por várias partes do corpo dela. E tão logo John Dowie orou, ela foi instantaneamente curada. Na verdade, a sua cura foi tão extraordinária que muitos dos jornais da cidade publicaram a notícia. Com isso, ele ficou convencido e estabeleceu a sede de seu ministério na grande cidade de Chicago. Seus inimigos não gostaram nada dessa decisão, mas ele não deu a menor importância à opinião deles.

Dentro de poucos meses a Feira Mundial estaria acontecendo em Chicago. Por essa razão, Dowie construiu uma pequena "tenda" na entrada da cidade, e deu-lhe o nome de "Tabernáculo Sião". Bem no alto dela, colocou uma bandeira com os seguintes dizeres: "Cristo é Tudo". Havia cultos durante todo o dia e à noite e, mesmo que no início a freqüência não fosse grande, as multidões foram chegando. Logo as pessoas precisavam ficar do lado de fora, na neve, para conseguirem ver as milagrosas curas sendo operadas dentro do tabernáculo.

E do mesmo modo que havia acontecido na Austrália, Dowie abriu as portas de Chicago por intermédio do ministério de cura divina. Nunca antes e nem depois houve um homem que tenha conquistado uma cidade daquela maneira. Não obstante, foi naqueles primeiros anos que Dowie enfrentou a maior oposição. Ele ministrava a Palavra de Deus sobre cura com muito poder e, como conseqüência, tanto os médicos quanto as igrejas "religiosas" começaram a sofrer dificuldades financeiras. Por causa disso, os jornais mais do que depressa elaboraram uma lista de possíveis aliados, incluindo aí pastores, para tentar impedir, a qualquer custo, seu ministério. Porém, ninguém conseguia apagar o brilho do seu trabalho. Para desespero deles, seus constantes artigos e difamações impiedosas só serviam para tornar ainda mais abrangente o alcance do trabalho de John Dowie.

UM NOVO LAR - A CADEIA!

A essa altura dos acontecimentos, centenas de pessoas afluíam para a cidade de Chicago, a fim de participar dos cultos ministrados por Dowie. Por causa disso, estava ficando cada dia mais difícil encontrar hospedagem para todos. Assim, Dowie abriu várias pensões chamadas "Casas de cura", onde aqueles que vinham em busca de cura poderiam se hospedar e descansar entre um culto e outro, no Tabernáculo Sião. Ali eles recebiam constante ministração da Palavra, até que sua fé fosse edificada e pudessem ser curados. Contudo, os jornais, principalmente o *Chicago Dispatch,* foram sem misericórdia, chamando aquelas casas de "Manicômio de Lunáticos" e continuaram a publicar todo tipo de mentiras contra John Dowie.[13]

E foi por causa dessas casas de cura que os inimigos de Dowie julgaram haver encontrado um ponto vulnerável naquela situação. Assim, no início de 1895, eles o prenderam sob a acusação de "prática da medicina sem licença". Obviamente isso era uma grande mentira, pois Dowie seria a última pessoa neste mundo a permitir qualquer tipo de remédio dentro de suas casas. Em contrapartida, ele contratou os'serviços de um brilhante advogado, para lhe manter informado dos procedimentos legais do processo, pois o próprio Dowie preferiu representar a si mesmo no tribunal. Afinal de contas, ninguém melhor que ele para articular a sua defesa de maneira tão acurada.

Contudo, a inteligência superior de Dowie não foi suficiente para anular a jurisdição maligna daquele tribunal. Por isso, apesar de sua profunda argumentação, ele foi penalizado. Porém, nem em sonho eles podiam imaginar que ele iria recorrer da sentença e apelar para uma instância superior, o que lhes custaria muito mais do que o valor das multas que haviam imposto a ele. Quando ele recorreu, a corte superior condenou os feitos da corte inferior e reverteu a situação em favor de Dowie.

As autoridades da cidade esperavam que ele desanimasse se elas continuassem a prendê-lo e a multá-lo. Assim, antes do final de um ano, ele já havia sido detido cem vezes!

E apesar de tantas perseguições, ele nunca desanimava. Aquelas perseguições conferiram ao caráter de Dowie uma grande capacidade de recuperação. De fato, ele até mesmo se regozijava por causa das perseguições e interrogatórios por parte dos seus perseguidores.

O mal vai sempre tentar atrapalhar o mover de Deus. Mas Dowie estava sobrenaturalmente seguro e ancorado na autoridade divina. E o sobrenatural jamais se curvará ao'natural.

FOLHAS DE CURA

Tendo suas tentativas frustradas no sistema legal, os inimigos de Dowie fizeram um complô para retirar dele os benefícios e descontos que ele tinha no uso dos correios. Em 1894, Dowie tinha uma publicação de larga circulação semanal, chamada *Leaves ofHealing* (Folhas de cura). Era uma publicação cheia de ensinamentos e testemunhos a respeito de cura divina. Nem é preciso dizer que Dowie tinha um carinho muito grande com esse periódico. Ele costumava se referir a ele carinhosamente como a "Pombinha branca".

Fiel às suas convicções, Dowie nunca media as palavras em seus escritos e fervorosamente denunciava o pecado e expunha as atividades do mal. Aquele periódico também advertia aos leitores contra a letargia e as denominações manipuladoras. E aqueles que haviam sido mais prejudicados por aquela publicação, viram ali mais uma oportunidade para colocar um fim ao ministério de John.

As pessoas admiravam o modo dramático e direto de Dowie falar. Muitos tinham vontade de dizer as mesmas coisas que ele e, por isso, o viam como se fosse seu porta-voz. Mesmo aqueles que diziam desprezá-lo, liam seus escritos para saberem o que ele tinha a dizer. Como resultado, a circulação dos periódicos aumentou rapidamente. Muito do seu sustento e ministério foi atribuído a essas publicações.

O gerente geral dos correios de Chicago era um católico devoto. Aproveitando-se disso, os inimigos de Dowie trataram de conseguir a revogação da tarifa especial de correio que ele gozava, dando ao gerente um exemplar impresso de um de seus sermões, onde ele negava a infalibilidade do papa. A reação do gerente foi imediata, cancelando a tarifa especial e obrigando Dowie a pagar uma quantia quatorze vezes mais cara que o preço normal.

Contudo, Dowie não se deixava vencer facilmente. Ele pagou o aumento e pediu aos seus leitores que escrevessem diretamente para as autoridades em Washington contando-lhes a respeito dessa grande injustiça. Seus mantenedores vieram em seu socorro com a maior rapidez possível e ele conseguiu uma audiência imediata com o diretor geral dos correios. E tão logo John Dowie contou-lhe a sua história e mostrou as mentiras maliciosas a respeito de seu trabalho, publicadas no jomãrcle Chicago, tanto esse periódico, como o seu editor, foram denunciados pelo governo dos Estados Unidos. Na verdade, em 1896 este mesmo editor, que era um dos maiores perseguidores de Dowie, foi preso por causa de uma outra acusação, execrado publicamente e desmoralizado pelo resto da vida.

Enquanto estava em Washington, Dowie conseguiu marcar um encontro com o Presidente William McKinley e lhe garantiu que sempre orava por ele. O Presidente ficou profundamente agradecido por isso. Pouco antes de deixar a Casa Branca, Dowie comentou com o seu pessoal que temia pela vida de McKinley. Mais tarde ele pediu aos seus companheiros que orassem pela segurança do Presidente, pois sentia que ele não estava suficientemente protegido.[14] Entretanto, apesar da advertência profética de Dowie, William McKinley foi baleado na cidade de Buffalo, Nova Iorque, no dia seis de setembro de 1901. Ele morreu oito dias depois, sendo o terceiro presidente americano assassinado até então.

"SIÃO CHEGOU"

Quando chegou o fim do ano de 1896, Dowie já havia se tornado uma pessoa de grande influência na cidade de Chicago. Seus inimigos estavam ou mortos, ou presos ou calados. Os policiais locais, que já o

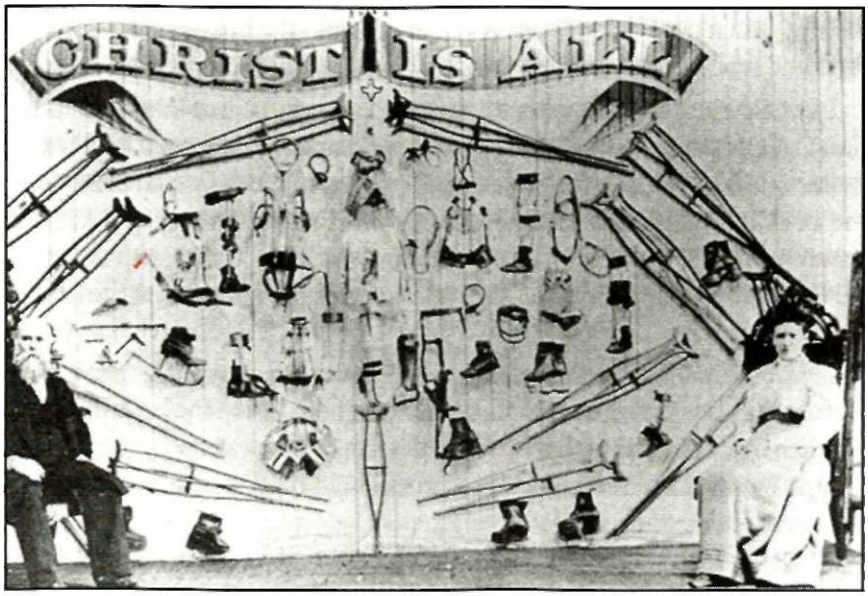
haviam prendido cem vezes, agora eram seus amigos e estavam prontos a protegê-lo, a qualquer momento. Os políticos da cidade, inclusive o prefeito, haviam sido eleitos com a ajuda dos votos dos fiéis de Dowie. Cura divina era agora pregada em cada esquina. Ele dividiu a cidade em regiões e enviou equipes, chamadas de "Os setenta", para proclamarem o evangelho em cada uma dessas áreas.

Em pouco tempo, quase não havia mais ninguém naquela cidade que ainda não tivesse ouvido a mensagem do evangelho. Toda semana Dowie orava por milhares de pessoas, para que recebessem a cura divina. Sadie Cody, sobrinha de Búfalo Bill Cody, foi milagrosamente curada, depois que leu um exemplar de *Leaves ofHealing* (Folhas de cura). Entre as celebridades que foram curadas, estavam Amanda Hicks, prima de Abraham Lincoln, Dra. Lilian Yeomans, Rev. F. A. Graves, a esposa de John G. Lake, e a esposa de um membro do congresso americano.

Por intermédio de seu ministério apostólico, John Alexander Dowie conduziu a cidade de Chicago a Jesus. Ele alugou o maior auditório da cidade e transferiu o grande Tabernáculo Sião para aquelas instalações; ele permaneceu ali por seis meses. Em todo aquele tempo ele ocupou os seus seis mil lugares em cada culto que realizava.

Finalmente Dowie estava pronto para realizar o sonho que havia muito trazia em seu coração - organizar uma igreja fundada nos princípios apostólicos. Este foi o grande desejo de toda a sua vida - trazer de volta os ensinamentos e os fundamentos da igreja primitiva, registrados no livro de Atos. Assim, no mês de janeiro, realizou a primeira conferência e lançou as bases dessa obra, denominada de "Ministério Católico Cristão". A palavra "Católico" tinha o sentido de "universal", e não tinha nada a ver com a Igreja Católica Romana.

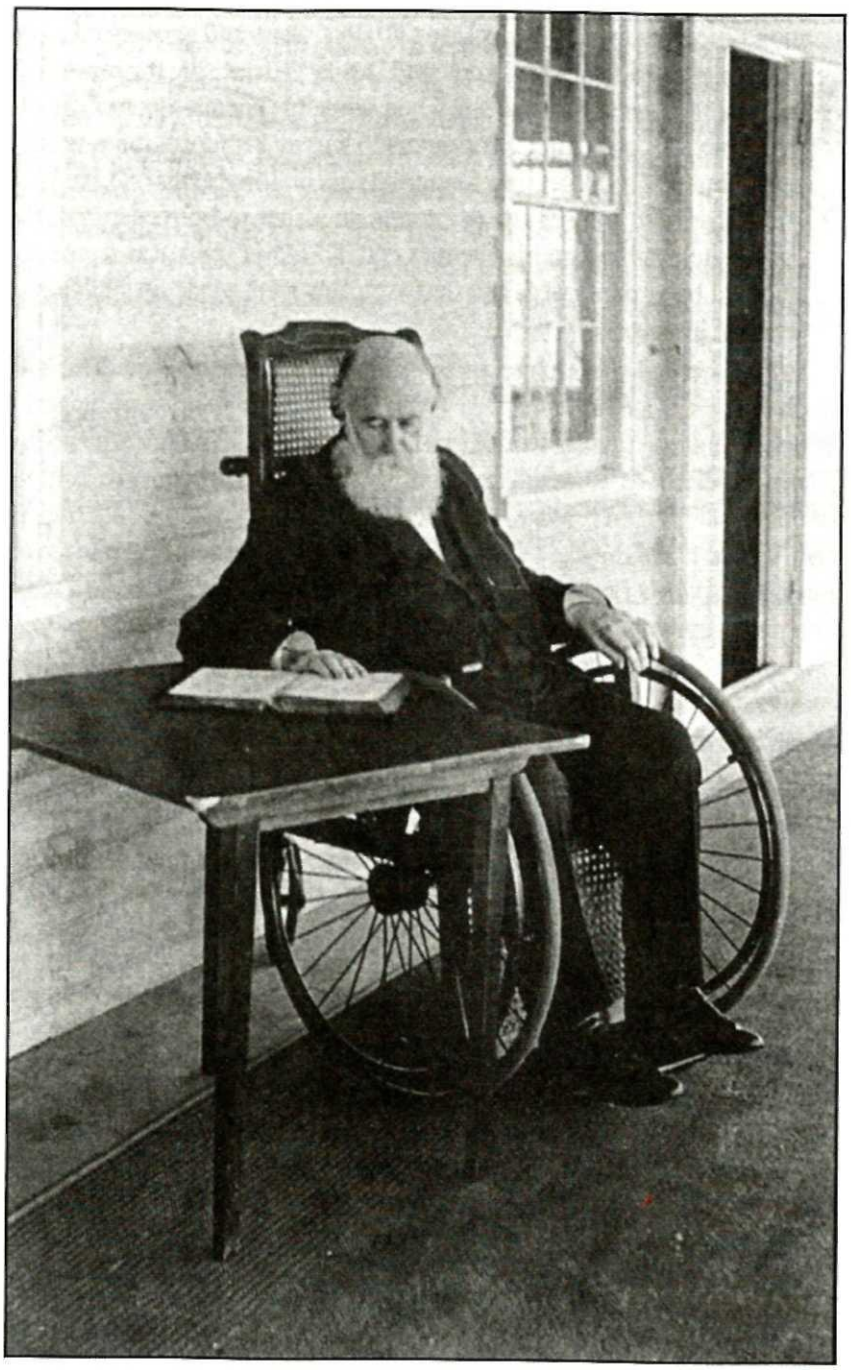
John Alexander Dowie jamais permitiria que sua igreja fosse conhecida como sendo "alguma novidade". Ele a via como uma "restauração" dos princípios que o Corpo de Cristo foi perdendo ao longo dos anos. Sua teologia era saudável porque ele estava sempre advertindo que se algo era "novo", então isso era "falso". Dentro



Dowie e sua esposa Jeanie sentados na frente de uma parede cheia de troféus na Igreja Católica Cristã.



Dowie pregando na Austrália.



Última fotografia de Dowie pouco antes de sua morte.

de poucos anos, os membros da Igreja Cristã Católica já haviam se multiplicado em dezenas de milhares.

Creio que, sem sombra de dúvida, todos os cinco ministérios listados em Efésios 4 estão presentes e atuantes na igreja de hoje (veja versos de 11 a 13). O ofício do apostolado não foi encerrado quando os doze discípulos morreram. Tampouco Deus permitiu que seus planos para a Igreja terminassem com a morte dos apóstolos. Os princípios estabelecidos na nova aliança devem continuar até a volta de Jesus. Eles não estão limitados a idéias e nem a teologías humanas, e nem as promessas do Senhor cessam quando duvidamos

delas. Existem muitos outros que foram chamados, e não apenas os primeiros doze apóstolos. Ainda hoje existem muitos chamados para esse ministério.

Efésios 2.20 diz que a Igreja foi edificada sobre os fundamentos dos apóstolos e dos profetas, e que o próprio Jesus é a sua pedra angular. Existe grande autoridade no ministério de um apóstolo, e eu creio que Deus, de maneira soberana, escolhe e capacita quem Ele quer para esse serviço. Contudo, sempre houve uma falta de sabedoria a respeito da administração desse dom. Acredito firmemente que Dowie teve um chamado divino e foi equipado por Deus para ser apóstolo; não creio que seu ministério tenha fracassado por ele ter aceito esse chamado. O que eu acredito é que, por causa de sua falta de sabedoria e compreensão da extensão do seu chamado, ele não entendeu as implicações espirituais do seu trabalho. A meu ver, foi essa falta de entendimento a grande deficiência espiritual que fez com que ele usasse sua autoridade de maneira errada.

Durante o tempo em que a igreja de Dowie estava sendo estabelecida, ocorreram alguns acontecimentos interessantes; esse tempo foi chamado de "Os Anos Dourados de Sião."[15] Os seguintes três anos foram tranqüilos, prósperos e de grande influência. E foi nessa época que Dowie fez os seus planos secretos para a construção de sua cidade especial.

Sabendo que tal empreendimento iria despertar curiosidade, Dowie planejou desviar a atenção das multidões decretando uma "guerra santa", e anunciou a pregação de uma mensagem que se chamava "Doutores, Drogas e Demônios". E como pregasse essa mensagem por semanas, o fato causou um certo tumulto entre as pessoas. Assim, enquanto seus inimigos estavam distraídos com tudo isso, ele secretamente contratou proprietários de terras para procurarem um terreno que ficasse a uma distância de aproximadamente sessenta e cinco quilômetros ao norte de Chicago, para que ele pudesse construir ali uma cidade. Depois que encontraram uma propriedade de aproximadamente 2.670 hectares no Lago Michigan, Dowie se disfarçou de mendigo para não ser reconhecido e, depois, fez uma excursão pela região. E antes mesmo que seus inimigos descobrissem o que estava acontecendo, ele comprou a terra e fez planos concretos para a construção da cidade de Sião, que seria erguida no estado de Illinois.

Dowie só revelou os planos que havia arquitetado para a construção da cidade de Sião, no culto de passagem de Ano, no dia 01 de janeiro de 1900. Suas habilidades para os negócios foram bastante elogiadas pelos seus seguidores e também pelo mundo secular, ao começar a Associação de Investimentos na Terra de Sião. O terreno foi

loteado e começaram a construção das casas. Os lotes não seriam vendidos, mas arrendados por um período de mil e cem anos. Os termos desse arrendamento proibiam veementemente a posse ou o consumo de cigarros, bebidas e carne de porco dentro pos limites da cidade.[16] Dentro de dois anos as casas estavam construídas e a cidade já estava tomando forma.



John Alexander Dowie, Supeivisor Geral de Sião, com sua vestimenta de sumo

COMPLEXO DE ELIAS

Embora sua "utopia moral" fosse bastante exagerada, aqueles que estavam mais perto de Dowie perceberam que alguma coisa estava mudando: os problemas estavam começando a se formar em Sião. Não havia mais tempo para as pregações a respeito de cura divina, pois todos os esforços de John Dowie eram para administrar a cidade. Ele se considerava o Supervisor Geral de Sião. Queria que o controle total de toda a cidade estivesse apenas em suas mãos. Por isso, problemas e mais problemas apareciam de todos os lados para desviá-lo, de maneira muito engenhosa, do comando de seu ministério inicial.

Foi nessa época que alguns pastores vieram a Dowie, proclamando ser ele o profeta Elias, prenunciado na Bíblia. Inicialmente ele os repreendeu severamente. Entretanto, as palavras daqueles líderes permaneceram "soando em seus ouvidos" e, dentro de pouco tempo, o próprio Dowie disse que uma voz parecia dizer: "Elias precisa voltar, e quem, a não ser você, está fazendo o trabalho dele?"[17]

E, no final, John Alexander Dowie estava tão afastado dos planos de Deus para a sua vida que, infelizmente, aceitou a sugestão e a proclamou como sendo verdadeira. Ele realmente cria que era Elias. E esse grande apóstolo da cura foi mais além: achava que estabelecendo outras cidades como Sião, nos arredores de cada grande cidade americana, poderia, finalmente, ter o dinheiro necessário para construir nos arredores de Jerusalém. Seu plano era comprar das mãos dos turcos, dos muçulmanos e dos judeus a cidade de Jerusalém para Jesus. Assim, o Senhor poderia estabelecer ali a sua cidade, durante o período do milênio. Dowie estava completamente enganado, e rapidamente seus ensinamentos se deterioraram ao ponto de se tornarem meras denúncias dos seus inimigos. Ele chegou até mesmo a fazer "palestras" sobre política, enquanto exortava seus ouvintes a investirem mais dinheiro na construção da cidade.[18] Ele nunca pedia conselhos às pessoas, exceto em assuntos sem importância, e afastava qualquer um que quisesse questioná-lo ou atrapalhar seus planos.

NOCAUTE NO MADISON SQUARE

O que antes era uma perseguição à Palavra de Deus, havia se tornado uma guerra pessoal para manter o nível de influência do próprio Dowie. Foi a perseguição religiosa que inflamou a chama do seu chamado apostólico, mas agora a sua luta era apenas para manter a sua influência pessoal e a sua fama. E isso acabou por destruí-lo.

Um exemplo vivo e triste da vaidade de Dowie nessa área aconteceu no episódio conhecido como "A Provação de Nova Iorque". O bispo da Igreja Metodista e o editor do jornal da denominação, o Dr. Buckley, solicitaram uma entrevista com Dowie, e ele concordou em recebê-los. Depois desse encontro, Dowie estava certo de haver convencido aqueles dois senhores a acreditarem em suas afirmações. Contudo, o que aconteceu depois provou que ele estava completamente enganado. Segundo Buckley escreveu em um artigo do seu jornal, Dowie "estava vivendo no limiar entre a loucura e a sanidade, onde em alguns casos grandes movimentos de curta duração se originaram." E completou: "Quer ele creia, quer não, ele nada mais é que um impostor."[19] Enraivecido, Dowie pagou para usar a Praça Madson e, mesmo estando passando por dificuldades financeiras, providenciou oito trens para levar milhares de seus seguidores até a cidade de Nova Iorque. Uma vez ali, seu plano era promover um confronto público entre ele e aqueles dois homens, para mostrar na prática, o poder que ainda tinha. O que antes havia sido inspirado pela direção divina, era agora reduzido a uma mera iniciativa humana, Dowie estava agindo totalmente na carne. Sua reação foi a de uma pessoa machucada e emocionalmente ferida, determinada a dar vazão à sua vingança.

Os planos de Dowie falharam miseravelmente. Embora milhares estavam ali por causa de Dowie, outros milhares tinham planos diferentes. Eles encheram a praça, mas tão logo Dowie subiu na plataforma para falar, começaram a sair aos montes. A cena confundiu John Dowie de tal maneira que ele não conseguiu falar absolutamente nada do que havia planejado. A cidade de Nova Iorque, como um todo, nem tomou conhecimento de que alguma coisa havia acontecido nessa reunião. Era como se Deus houvesse silenciado os jornais e tivesse tido misericórdia do Seu servo.

UM FINAL FATAL

Nessas alturas dos acontecimentos, a cidade de Sião se encontrava quebrada financeiramente. Assim, Dowie buscou uma escapatória fazendo uma dispendiosa viagem pelo mundo, na qual percebeu que não era

bem-vindo em muitas das cidades visitadas. Foi nessa viagem que ele parou na cidade de Pomona, Califórnia, a qual passava por uma severa seca que já durava oito meses. Os repórteres do local desafiaram Dowie lembrando-lhe de que Elias, no tempo de uma grande seca em Israel, orou a Deus pedindo chuva, e o Senhor respondeu ao seu pedido. Portanto, se ele era de fato Elias, certamente faria o mesmo pela Califórnia. Por essa razão, no final do culto, Dowie orou pedindo chuva. E antes mesmo de as pessoas chegarem em casa, caiu uma chuva pesada.

Ao deixar a Califórnia, Dowie planejava fazer uma viagem pelas terras do México, para estabelecer o que ela chamou de "Plantação Sião". Ele esperava que esse novo empreendimento pudesse pagar os débitos de sua primeira Sião. Contudo seus seguidores, que agora já estavam arruinados financeiramente e desiludidos, já não confiavam mais nele. Afinal, a única coisa que eles podiam ver era o quanto estavam pobres, enquanto Dowie vivia em opulência, promovendo festas suntuosas e viajando pelo mundo.

Alguns dizem que Dowie construiu sua própria cidade porque estava cansado de ser perseguido. Em minha opinião, porém, não creio que isso seja verdade. Apesar de ter sido uma pessoa grandemente ungida e enviada por Deus, parece que ele tinha uma fraqueza pelo poder e pelo sucesso. Certa ocasião, ele disse o seguinte a respeito de si mesmo:

> "Tornar-se um apóstolo não é uma questão de alcançar **o** topo, mas de tornar-se suficientemente humilde... Não creio ter alcançado **o** nível mais profundo da verdadeira humildade... da verdadeira humilhação e auto-ne-gação, necessárias ao tão elevado ministério do apostolado..."[20]

Jesus nunca nos mandou construir comunidades. Sua ordem para nós foi "Ide!", e não, "Ajuntem-se". A vida em comum, descrita no livro de Atos, também não funcionou por muito tempo (At 2.44-47; 5.1-10). O grupo logo começou a ser perseguido e os seguidores de Jesus foram espalhados para os cantos mais remotos da terra (At 8.1). Será por quê? Simples: para que a Grande Comissão, dada em Mateus 28.19,20 pudesse ser cumprida. Precisamos ser a luz no mundo e penetrar nas trevas de Satanás. Se optarmos pelo comodismo, essa grande obra não poderá ser realizada.

A maior prova para um líder não está na área da perseguição, embora muitos falhem nisso. Creio que uma das maiores armadilhas são o poder e o sucesso. Nunca devemos achar que fomos nós que "fizemos" algo e sair por aí declarando o sucesso dado por Deus como sendo um resultado do nosso poder pessoal. O sucesso traz um grande número de novos caminhos e possibilidades. Se nos deixamos ocupar com essa enorme variedade de opções que resultam do sucesso, *se deixamos de desenvolver nossa resistência espiritual ao encanto do sucesso,* podemos nos tornar mais uma vítima desse "furacão" de oportunidades. Não há como alcançar a paz com relação ao nosso passado fazendo uso do poder que temos hoje. A cada novo degrau precisamos trabalhar para fortalecer nossa resistência espiritual. E por essa razão que algumas igrejas crescem até certo ponto, e depois estacionam numa zona de conforto ou decaem. A liderança fica tão ocupada com os muitos "caminhos", e assim, acaba perdendo tempo e energia que deveriam ser gastos no desenvolvimento deles quanto dos seus membros, para alcançarem uma posição mais elevada em Cristo.

Sempre que obedecemos a Deus, o sucesso vem. Por isso, não tenha medo! Entretanto, para podermos lidar de maneira apropriada com ele, precisamos permanecer na força do Espírito, escutando atentamente para seguir a sua direção - *e não a nossa.* Somente por meio da força do Espírito e de nosso anseio por Deus seremos capazes de perseverar no que Deus nos falou, aguardando para dar o próximo passo.

Não demorou muito, e Dowie se proclamou o Primeiro Apóstolo de uma renovada Igreja dos últimos tempos. Ele também renunciou ao seu sobrenome e passou a assinar seus documentos como "John Alexander, Primeiro Apóstolo."[21] Contudo, não muito depois dessa sua "auto-nomeação", sofreu um derrame cerebral quando estava no púlpito, ministrando seu último sermão. Então, enquanto ele estava fazendo tratamento fora do país, os moradores da cidade de Sião convocaram uma reunião para decidirem sobre o seu afastamento da direção.

Dowie lutou contra essa decisão até a última gota de energia que lhe restava, mas nunca conseguiu reaver a sua posição de liderança. Entretanto, deram a ele a permissão de passar os seus últimos dias na Casa *Shiloh,* que havia sido seu lar por muitos anos, e onde veio a falecer no dia 9 de março de 1907. Sua morte foi registrada pelo juiz V. V. Barnes, com as seguintes palavras:

"... Na última noite de John Alexander na terra, ele via-se novamente, em espírito, em um palanque, falando a uma grande multidão. Ele sentia-se pregando durante aquela noite, ensinando os princípios do

Evangelho para os milhares reunidos ali. Enquanto ensinava as mesmas antigas verdades... ele caiu no sono novamente, acordando de vez em quando e continuando a ministração da antiga mensagem do evangelho. O último hino que ele cantou, quando as primeiras luzes da manhã surgiam, foi 'Sou um Soldado da Cruz'. Logo depois ele disse a sua última frase: 'O milênio chegou; eu voltarei para reinar por mais mil anos.' Essas foram as últimas palavras que ele disse; a última frase que pronunciou."[22]

Como uma vida tão grandiosa pôde terminar de forma tão triste? Será que existe alguma resposta? Acredito que a resposta está na falta de entendimento dos princípios espirituais.

Dowie foi espiritualmente separado por Deus para ministrar à cidade de Chicago - e ele fez isso. Durante o tempo em que viveu ali, executando os compromissos dados por Deus, nem principados e nem potestades puderam atingi-lo. Entretanto, parece que ele se mudou de Chicago pelo seu próprio desejo de poder e, assim, deu liberdade ao diabo para destruir a sua vida. Quando ele deixou a cidade do seu chamado, o inimigo destruiu a sua influência mundial por meio de decepções, matou um membro de sua família, acabou com o seu casamento e destruiu o próprio Dowie, com "todo tipo de enfermidade" se alimentando de seu corpo."[23]

Precisamos permanecer no plano original e santo de Deus para a nossa vida, e permitir que Ele abra os caminhos para que possamos executá-lo. Talvez Dowie devesse ter aberto *igrejas* e *escolas bíblicas,* em vez de construir uma *cidade.* Esse caminho teria trazido milhares para o ministério, por intermédio de sua santa influência.

Dowie partiu em paz para estar com o Senhor. Aqueles que estiveram ao seu lado nos seus momentos finais, disseram que ele havia voltado à fé que professava nos primeiros anos. Muitos chegaram mesmo a dizer que ele se tornara um homem gentil e amoroso, que agia como se tivesse sido liberto de um grande fardo.

A cidade de Sião, no estado de Illinois, permanece até os dias de hoje, sendo administrada por muitos irmãos, já que "....ninguém é capaz de, sozinho, realizar completamente o trabalho de John Dowie." [24]

UMA GRANDE LIÇÃO OBJETIVA

Gordon Lindsay, o biógrafo oficial de John Alexander Dowie e fundador do ministério Cristo Para as Nações, em Dallas, Texas, descreveu o ministério de Dowie como sendo "a maior lição objetiva na história da Igreja."[25] Com relação ao seu trabalho, sua vida foi cheia de detalhes vívidos e instrutivos. As lições que tiramos de sua trajetória jamais terão a pretensão de denegrir ou criticar esse grande homem de Deus. Seus problemas pessoais devem ser mantidos separados do chamado de Deus para a sua vida.

John Alexander Dowie entrou na história como um impostor; no entanto, foi um gênio chamado por Deus. E mesmo em meio aos seus erros, profetizou a invenção do rádio e da televisão na nossa geração. Ele teve as suas falhas, mas a sua vida desencadeou o aparecimento de grandes homens de Deus. Seu ministério inspirou John G. Lake, o grande apóstolo para o Sul da África; F. F. Bosworth e seu irmão, B. B. Bosworth, cujas campanhas de cura alcançaram incontáveis milhões; Gordon Lindsay, cuja vida e ministério deram início à fundação da grande faculdade mterdenominacio-nal Cristo Para as Nações, na cidade de Dallas, Texas; Raymond T. Richey, pregador de cruzadas de cura divina; e Charles Parham, "O Pai do Pentecoste", cuja escola Bíblica em Topeka, Kansas, introduziu um novo mover do Espírito Santo. Muitos outros que vieram a Cristo por sua influência tiveram um grande ministério radiofônico e realizaram poderosos trabalhos missionários.

Sem sombra de dúvida, John Alexander Dowie foi muito bem-sucedido em tornar a Bíblia um Livro vivo para milhões de pessoas. Ele foi um instrumento usado por Deus para restaurar as chaves da cura divina e a revelação de arrependimento para uma geração morna e apática. Se existe uma conclusão moral para a mensagem de fracasso em sua vida, esta mensagem é: Nunca se afaste do que Deus mandou você fazer aqui neste mundo. Não importa a sua idade, sua geração não terá passado até que você deixe a terra e entre no céu. Então, se Deus o chamou para cumprir uma missão, faça disso a prioridade de sua vida, enquanto você viver.

CAPÍTULO UM, JOHN ALEXANDER DOWIE Referencias:

[1] Gordon Lindsay. *John Alexander Dowie: A Life Story of Triáis, Tragedies and Triumphs* (John Alexander Dowie: Uma história de provações, tragédias e triunfos). Dallas, TX: Christ for the Nations (Cristo para as Nações), 1986. Pp. 228,229.

2 *Ibid.,* 15.
3 *Ibid.*
4 *Ibid.,* 22-24.
5 *Ibid.,* 25.
6 *Ibid.*
7 *Ibid.,43.*
8 *Ibid.,* 44,45.
9 *Ibid.,* 46.
10 *Ibid.,* 49.
11 *Ibid.,* 95.
12 *Ibid.,* 151.
13 *Ibid.,* 107-109.
14 *Ibid.,* 133-135.
15 *Ibid.,* 161.
16 *Ibid.,* 173.
17 *Ibid.,* 188.
18 Aza., 199.
19 *Ibid.,* 221.
20 *Ibid.,* 155,156.
21 J&z'd., 235.
22 Ifciá., 260,261.
23 *Ibid.,* 251.
24 TTiz's *We Believe* (Nisso cremos), livreto da Igreja Católica Cristã, 7.
25 Lindsay, *John Alexander Dowie, A Life Story...,* Introdução. (John Alexander Dowie, uma história... Introdução)

CAPÍTULO DOIS

Maria Woodworth-Etter



"A DEMONSTRADORA DO ESPIRITO"

' ✓""^Senhor me concedeu a missão especial de promover um espírito de **I** lunidade e amor... Deus está levantando em toda parte pessoas que estão buscando mais dEle, dizendo: Venham nos ajudar. Queremos um espírito de amor. Queremos ver os sinais e maravilhas."[1]

Não se tem notícia de alguém que tenha demonstrado tanto o poder do Espírito de Deus, desde o livro de Atos dos Apóstolos, do que Maria Woodworth-Etter. Ela foi uma mulher de visão e força espiritual

formidáveis, que se manteve firme ante uma feroz oposição; levantou sua pequena mão e permitiu que o Espírito Santo espalhasse Seu fogo. A irmã Etter viveu no plano espiritual como um canal poderoso da direção divina e das manifestações sobrenaturais de Deus. Foi uma fiel amiga do céu e preferiu perder sua reputação secular para ganhar a espiritual.

Maria (cuja pronúncia é "Ma-rai-a") nasceu em 1844 em uma fazenda de Lisbon, Ohio. Ela nasceu de novo no início do Terceiro Grande Avivamento aos treze anos de idade. O pastor que a levou ao Senhor profetizou que sua vida "seria uma luz brilhante."[2] Ele não poderia imaginar que a menina pela qual orou se tornaria a avó do Movimento Pentecostal que se espalharia por todo o mundo.

Maria logo sentiu o chamado de Deus e dedicou sua vida ao Senhor. A respeito de seu chamado, mais tarde escreveria: "Ouvi a voz de Jesus me chamando para sair pelos caminhos e recantos a fim de reunir as ovelhas perdidas."[3] Contudo, algo bloqueou este chamado - ela era uma mulher - e naquele tempo, as mulheres não tinham permissão para pregar. Em meados do século dezenove, as mulheres sequer tinham o direito de votar nas eleições nacionais, de forma que ser uma pregadora era algo altamente censurável. E ser uma mulher *solteira* no ministério estava fora de questão. Assim, Maria refletiu a respeito do que o Senhor havia dito a ela e decidiu que deveria se casar com um missionário a fim de cumprir o seu chamado. Planejou continuar seus estudos e depois entrar na faculdade a fim de se preparar.

Contudo, a tragédia chegou à sua família. Seu pai morreu enquanto trabalhava nos campos da fazenda da família, e ela retornou imediatamente para casa a fim de ajudar a amparar os seus. Agora, sua esperança de educação formal estava frustrada, de forma que decidiu levar o que considerava uma vida cristã normal.

"ANJOS VIERAM AO MEU QUARTO"

Durante a Guerra Civil, Maria conheceu P.H.Woodworth, que havia retornado do conflito por conta de ter sido dispensado após um ferimento na cabeça. Ela viveu um breve e intenso namoro com o ex-soldado e logo estariam casados. Dedicaram-se à fazenda, mas nada conseguiram com esta atividade. Parecia que tudo estava falhando.

Com o passar dos anos, Maria tornou-se mãe de seis filhos. Assim, ela tentou levar uma vida familiar normal enquanto o Senhor continuava a chamá-la. Maria, absorvida totalmente com o papel de esposa e mãe, não pôde responder a este chamado. Casou-se com um homem alheio ao ministério, tinha seis crianças para criar, e com isso mostrava-se enfraquecida. Então, uma grande tragédia acometeria o seu lar. Os Woodworth perderam cinco de seus filhos para a doença. Maria conseguiu se reerguer deste triste acontecimento, contudo, seu marido jamais se recuperaria da perda. Ela fez o que pôde para ajudá-lo enquanto criava a filha remanescente. Apesar de toda esta situação, nunca demonstrou amargura contra o Senhor, nem endureceu o coração por causa da perda.

Maria, todavia, precisava de respostas para a dor que oprimia seu coração por causa da calamidade que se abateu sobre sua família. Recusando-se a desistir, ela começou a buscar a Palavra de Deus. E, à medida que lia, percebia como as mulheres foram repetidamente usadas em toda a Bíblia. Leu a profecia de Joel que previa o derramamento do Espírito de Deus sobre homens e mulheres. Porém, Maria olhava para o céu e dizia: "Senhor, não posso pregar. Eu não sei o que dizer e não tenho nenhum preparo". Não obstante, ela continuou a ler e a encontrar a verdade na Palavra de Deus enquanto lutava contra o seu chamado. Mais tarde escreveria: "Quanto mais lia as Escrituras, mais elas me condenavam."[4]

Então, Maria teve uma grande visão. Anjos vieram ao seu quarto e a levaram para o oeste, sobre planícies, lagos, florestas e rios, onde ela viu um vasto campo de trigo. A medida que a visão se descortinava, ela começava a pregar e via grãos que caiam em feixes. Então, enquanto pregava, Jesus lhe dizia: "assim como os grãos caíram, pessoas cairão durante a tua pregação."[5] Finalmente, Maria percebeu que jamais seria feliz se não atendesse ao chamado. Em resposta a esta grande visão de Deus, ela se submeteu e com um "sim" ao Seu chamado, pediu a Ele que fosse ungida com um grande poder.

MULHER NÃO É SINÓNIMO DE FRAQUEZA

Muitas mulheres que estão lendo este livro têm o chamado de Deus para pregar. Você tem recebido visões e unção do Espírito de Deus para ir e libertar os cativos. Deus tem lhe falado a respeito de cura divina, libertação e liberdade do Espírito. Portanto, jamais permita que espíritos religiosos silenciem o que o Senhor

lhe falou. A religião gosta de anular às mulheres e seus ministérios, especialmente se são jovens. Você precisa aprender a obedecer a Deus sem questionar. Caso Maria tivesse respondido ainda jovem, possivelmente seus filhos não teriam morrido. Não estou dizendo que Deus matou seus filhos. Apenas que, quando desobedecemos diretamente a Deus, nossas ações abrem a porta para as obras do diabo. Seu trabalho é destruir. O trabalho de Deus é trazer vida. Logo, aprenda a obedecer a Deus com ousadia. A ousadia atrai o poder de Deus e deixará seus acusadores sem fala em sua presença. Busque, também, mulheres fortes e que tenham ministérios sólidos para lhe ensinar. Deixe que estas palavras da irmã Etter revolvam o seu coração:

> "Minha querida irmã em Cristo. Assim que ouvir essas palavras, possa o Espírito de Cristo vir sobre você e lhe conceder o desejo de realizar o trabalho que o Senhor lhe designou. Este é o momento propício para que as mulheres deixem sua luz brilhar, para mostrarem os talentos que estiveram escondidos e enferrujados, e usá-los para a glória de Deus, fazendo tudo o que puderem com a força de suas mãos e crendo no poder de Deus que disse: 'Nunca te abandonarei'. Não vamos chorar fraquezas. Deus usará as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes. Somos filhos e filhas do Deus Altíssimo. Não deveríamos honrar nosso chamado e fazer tudo para salvar aqueles que permanecem no vale da sombra da morte? Ele não enviou Moisés, Arão e ***Miriam*** para serem líderes? Baraque não ousou enfrentar o inimigo a menos que Débora os liderasse. O Senhor levantou homens, mulheres e crianças de Sua própria escolha - Ana, Huida, Ana (a profetisa, esposa de Simeão), Febe, Narciso, Trif ena, Pérside, Júlia, as Marias e as irmãs que colaboraram com Paulo. É menos apropriado para as mulheres servirem hoje em dia, no reino de Cristo e Sua seara, do que no passado?"[6]

Busque o Espírito de Deus por si mesma. Se for chamada, terá de responder a esse chamado. Obedeça a Deus sem questionar. Ele cuidará dos detalhes.

ELES CHORAVAM POR TODA A CASA

Maria lançou seu ministério primeiramente em sua própria comunidade. Ela não tinha idéia do que falaria, mas Deus lhe assegurou que Ele colocaria as palavras em sua boca[7]. E Deus cumpriu Sua Palavra. Assim que Maria enfrentou sua primeira platéia, composta em sua maior parte de parentes, abriu a boca e a platéia começou a chorar e a cair no chão. Alguns se levantavam e corriam chorando. Depois deste evento, Maria foi muito procurada em sua comunidade. Muitas igrejas lhe convidaram para reavivar suas congregações. Expandiu, rapidamente, seu ministério para o Oeste e tomou parte em nove avivamentos; pregou duzentos sermões e inaugurou duas igrejas com mais de cem pessoas assistindo à escola dominical. Deus honrou Maria e recuperou seus anos perdidos em pouco tempo.

Em certa ocasião foi realizada uma reunião em uma cidade chamada *Devils Den* (Caverna de Demônios). Nenhum ministro obtivera sucesso ali, de forma que as pessoas vieram para zombar dela. Compareceram com a expectativa de ver a mulher evangelista fugindo da cidade, despedaçada e derrotada. Mas eles teriam a maior surpresa de suas vidas! A irmã Etter podia até ser uma mulher, mas não era do tipo que se dobra facilmente. Ela conhecia a tática para batalhas espirituais e a oração fervorosa que abria o céu.

Ela pregou e cantou por três dias. Ninguém se moveu. Finalmente, no quarto dia, ela exerceu sua autoridade espiritual através da intercessão e colocou abaixo o principado demoníaco que governava Devils Den. Ela orou para que Deus mostrasse o Seu poder e quebrasse a rigidez formal do povo. Naquela noite, durante o culto, pessoas choraram e se entregaram a Deus. Foi a maior manifestação da presença de Deus que a cidade já havia testemunhado.

PODER DEMOLIDOR

Não somos chamados para desistir. Somos chamados para obedecer a Deus a qualquer custo, a fim de deixar que o nosso sucesso silencie nossos críticos. Se você possui uma área difícil em sua vida ou ministério, não se lamente ou reclame. Não racionalize a situação. Ore! Explicações e desculpas nos roubam força e poder. Não balance a cabeça e fuja. Use a autoridade que lhe foi concedida através de Jesus e destrua os poderes demoníacos que cegam as pessoas. Através da oração, invista-se de autoridade e construa um

caminho claro para que o Espírito de Deus ministre aos corações das pessoas. A irmã Etter preparou seu espírito através da oração, resultando numa força invencível. Ela era conhecida como uma avivalista com poder para quebrar as forças que dominavam as cidades.

ELES VIERAM GRITANDO, PEDINDO PERDÃO

A irmã Etter foi uma pioneira nas manifestações pentecostais tão comuns nos movimentos atuais. Somente após a sua pregação ao oeste de Ohio, em uma igreja que havia perdido o poder de Deus, é que a visão que tivera do feixe de trigo se tornou clara. Foi nesta igreja, onde as pessoas caíram em transe[8]. Esta foi a manifestação espiritual que marcou grandemente seu ministério, mas que lhe trouxe uma perseguição ferrenha.

Até àquele momento, este tipo de manifestação não era conhecido da forma como acontece hoje em dia. A esse respeito, ela escreveu:

> "Quinze pessoas vieram ao altar gritando, pedindo perdão. Homens e mulheres caíam e ficavam como mortos. Jamais vira algo parecido com aquilo. Percebi que era a mão de Deus, mas não sabia explicar, nem o que dizer."[9]

Após algum tempo deitadas no chão, essas pessoas se punham de pé em um salto, com os rostos brilhantes, dando glórias a Deus. A irmã Etter disse que jamais vira conversões tão deslumbrantes. Os ministros e anciãos choravam e glorificavam a Deus por Seu "poder pentecostal". E a partir desta reunião, o ministério da irmã Etter seria marcado por este tipo de manifestação, em que centenas se entregavam a Cristo após a sua pregação.

A EXPERIÊNCIA DO "TRANSE"

Os transes se tornaram o assunto do momento. Centenas afluíam para provar deste derramamento do Espírito, enquanto outros vinham observar ou ridicularizar. Em determinado encontro, quinze médicos vieram de diferentes cidades a fim de investigar os transes. Um desses médicos era um líder, *expert* em sua área. A esse respeito, a irmã Etter assim escreveu:

> "Ele não quis admitir que o poder viesse de Deus. Ele se daria por satisfeito em provar que o fenômeno era outra coisa qualquer. Ele veio investigar, mas foi convidado a outra parte da casa. Concordou, na esperança de encon-



Na estrada

trar algo novo. Para sua surpresa, encontrou seu filho no altar pedindo-lhe que orasse por ele. Ele não podia orar. Deus mostrou **o** que ele era, e **o** que estava fazendo. Então começou a orar em favor de si mesmo. Enquanto orava, caiu em transe, e viu os horrores do inferno. Estava caindo e, após uma terrível luta, Deus **o** salvava. A partir dali, começou a trabalhar para ganhar almas para Cristo/'[10]

A irmã Etter também narrou a respeito de um grupo de jovens mulheres que veio assistir à reunião com o intuito de se divertir imitando o transe. Contudo, elas foram imediatamente impedidas pelo poder de Deus, e sua zombaria se transformou em altos gritos pela misericórdia divina.[11]

Certa vez, um ancião que havia viajado o mundo, estava visitando uma região onde Maria estava pastoreando. Ele era um homem religioso, de forma que decidiu assistir a uma das reuniões por curiosidade. A medida que a reunião prosseguia, ele fazia comentários jocosos com seus amigos a respeito da manifestação do poder. Cheio de orgulho, o homem rumou para a plataforma a fim de investigar. Porém, antes que chegasse ao púlpito, foi "jogado ao chão pelo poder de Deus" e ali ficou deitado por mais de duas horas. Enquanto neste estado, Deus mostrou a ele uma visão do céu e do inferno. Imaginando que teria de fazer uma escolha, imediatamente escolheu a Deus e nasceu de novo. Então, recobrou a consciência, louvando a Deus.

A única coisa que este homem pôde dizer após ter retornado do transe foi que sentia muito ter perdido sessenta anos na religiosidade, jamais conhecendo Jesus Cristo pessoalmente[12]. Mesmo assim, os jornais e os ministros descrentes avisaram outros para se manterem longe desses encontros. Diziam que "estes encontros faziam as pessoas enlouquecerem". Apesar disso, milhares eram salvos, muitos "derrubados, caindo como mortos", até mesmo a caminho de casa. Dizem que muitos, também, caíam pelo poder em suas casas, a milhas de distância dos encontros.

Mas o que são estes "transes"? Compõem uma das quatro formas da manifestação de Deus em uma visão. O primeiro tipo de visão é uma "visão interior". O quadro que você vê de seu homem interior, ou homem espiritual, trará grandes benefícios se você prestar atenção. Segundo, há a "visão aberta". Essa visão ocorre quando você está com os olhos bem abertos. E como ver uma grande tela de cinema bem à sua frente, à medida que Deus lhe mostra o que pretende de você. Terceiro, temos a visão noturna. Ocorre quando Deus lhe dá um sonho a fim de alertá-lo quanto a determinado assunto. O último tipo de visão é a "visão em transe". Nessa visão, as habilidades naturais são paralisadas, possibilitando a Deus ministrar o que for necessário. As pessoas que retornavam da visão em transe, nas reuniões da irmã Etter, diziam ter visto ambos: céu e inferno.

O estilo da irmã Etter era, por assim dizer, "diferente" do empregado pelos ministros do seu tempo. Ela nunca proibia a platéia de participar. De modo diferente ao da ordem estóica da igreja de fins dos anos 1800,

Maria acreditava no grito, na dança, no canto e na pregação. Ela entendia que as demonstrações emocionais eram importantes, se houvesse ordem, e acreditava que a falta de manifestação física era um sinal de apostasia.

ORDEM OU AGITAÇÃO?

Acredito que Deus se mostra preocupado com as igrejas, hoje em dia, porque elas se recusam a permitir que o povo se expresse aberta e livremente para Ele. Se o povo não pode se expressar livremente para Deus, então Deus não pode se manifestar para este povo. Algumas pessoas têm medo de emoções na igreja. Elas não têm problemas em se emocionar em casa, ou em um evento esportivo. Porém, por alguma razão religiosa, acham que a igreja deve ser silenciosa e serena. Mas deixe-me dizer-lhe algo, o céu não é silencioso e sereno! Algumas pessoas terão uma grande surpresa quando morrerem e forem para o céu. Terão que aprender como se regozijar com todos os demais - pois o céu está repleto de vida e energia! Temos muito por que gritar - aqui *e* lá!

Nossas igrejas precisam receber o mover renovador de Deus. E, queiram ou não, *o mover áe Deus afeta as emoções.* "Bem, Roberts, eu não acredito que Deus esteja naqueles gritos e danças". Os gritos e a dança não são Deus. São apenas as respostas espontâneas ao Seu poder. Você já colocou o dedo no soquete de uma lâmpada e ficou quieto? Quanto mais quando você toca Deus! Quando Deus toca você, ocorre uma reação. Se você disser "Bem, e quanto aos exageros?" Eu digo "Por que nos preocupamos tanto com um fosso no caminho quando temos tanta estrada adiante para olharmos?"

Focalize a verdade e o que é falso irá desvanecer. Quando o poder de Deus estiver sobre você, você irá se deleitar! E quando você se deleita em algo, você demonstra isso. Então, aprenda a verdade a respeito do que Deus ama em seus adoradores, e pratique isto.

Agora você diz: "Bem, as pessoas vão falar a nosso respeito". Eu digo: "E daí?". A verdade se sobrepõe à mentira. O que as pessoas não compreendem, elas criticam. Mentiram a respeito de Jesus, mas Ele continua vivo hoje. Quando estas pessoas experimentarem o toque real de Deus, mudarão suas mentes.

"E se perdermos dinheiro nisso?" Bem, o dinheiro é o seu deus? Deixe-me lembrar-lhe de que o dinheiro não salva vidas. O Espírito de Deus é quem leva o homem a Jesus. Obedecendo ao Espírito, exaltamos a Jesus. Não é uma questão de perder ou ganhar dinheiro. Se você é o líder de alguma igreja, Deus te ordena obedecer ao comando do Espírito Santo e aprender Seus caminhos. A Bíblia diz que aqueles que são guiados pelo Espírito são os filhos de Deus (Romanos 8.14). Então, deixe que Ele o guie!

Se você se deixar guiar pelo Espírito, as visões irão aumentar em sua igreja. Devemos ter um amadurecimento espiritual a fim de enfrentar qualquer tipo de problemas ou espíritos malignos. As religiões da Nova Era têm ido tão a fundo no reino dos espíritos enganadores que a igreja de Cristo têm se mostrado receosa em procurar as reais manifestações do Espírito de Deus. No reino espiritual Deus age, mas também os espíritos demoníacos, e se o Espírito Santo não for o seu guia quando estiver nesse ambiente, você estará sujeito ao lado demoníaco. Contudo, os adeptos da Nova Era não entram no reino espiritual através de Jesus Cristo. Entram por seus próprios meios. E é aí que são enganados. Não somos nada sem o sangue de Jesus.

Alguns temem ser acusados de se envolver com a Nova Era ao buscarem a manifestação sobrenatural de Deus. Se você estiver seguindo o Espírito Santo, Ele lhe manterá puro.

Então, abra sua igreja para o mover de Deus, e aprenda com aqueles que vieram antes de você. Onde está o Espírito de Deus, aí há liberdade e também *ordem.* Não estou falando dos limites que são fixados por temor, ou controle denominacional. As pessoas estão famintas por Deus e por liberdade. Alguns irão viajar por continentes a fim de ouvir alguém que verdadeiramente conheça a Deus e as manifestações de Seu Espírito.

"ELAS CAEM ATORDOADAS"

Quando a irmã Etter chegou aos quarenta anos de idade, já havia se tornado um fenômeno nacional. Algumas denominações reconheceram sua habilidade para reavivar igrejas mortas, atrair os não-convertidos e criar um novo e profundo caminhar com Deus. Médicos, advogados, bêbados e adúlteros - pessoas de todos os tipos - eram gloriosamente salvos e cheios do Espírito Santo em suas reuniões. Por causa de uma dessas reuniões em 1885, a polícia afirmou que jamais havia presenciado tal mudança em uma cidade. A cidade estava tão pacífica que eles não tinham trabalho algum a fazer![13]

O repórter de um jornal escreveu a respeito da irmã Etter:

"Ela se aproxima das pessoas como garras que seguram a presa. Por algum poder sobrenatural, elas caem atordoadas, e quando estão no chão, ela aplica uma pressão hidráulica e bombeia toneladas da graça de Deus dentro delas."[14]

Por fim, o Senhor levou Maria a orar pelos doentes. Ela se mostrou relutante, de início, sentindo que isto a distanciaria de seu chamado evangelístico. Mas Deus continuou a mostrar claramente a Sua vontade e ela finalmente cedeu. Estudou a Palavra e começou a pregar que a vontade de Deus é curar os enfermos. Logo, seria possível ver evangelismo e cura caminhando lado a lado, à medida que milhares recebiam a Cristo como resultado dos testemunhos de cura.

Maria pregava que a manifestação arrebatadora do Espírito "não era novidade; era algo que a igreja havia perdido"[13]. Ela se recusou a ser levada pelas doutrinas prediletas da moda, desejando apenas que o Espírito Santo fizesse o Seu trabalho.

Certa feita, em uma das reuniões, uma multidão acorreu ao púlpito, gritando: "O que devemos fazer?" Maria nos relata o restante da história:

"Eles foram ao chão pelo vento poderoso do Espírito de Deus, que soprou sobre os filhos de Deus até que suas faces brilhassem como a de Estêvão, quando seus inimigos disseram que ele se parecia com um anjo. Muitos receberam dons; alguns para o ministério, outros para evangelismo, alguns para a cura, e centenas de pecadores receberam o dom da vida eterna."[16]

Em outra oportunidade, mais de vinte e cinco mil pessoas se reuniram para ouvir a irmã Etter. É bom lembrar que naqueles dias não existia o microfone! Maria escreveu dizendo que, mesmo antes de ela terminar o sermão, o poder de Deus caiu sobre a multidão e se apoderou de cerca de quinhentas pessoas, à medida que iam ao chão.[17]

O OESTE MUITO, MUITO SELVAGEM

Evidentemente, a vida da irmã Etter foi marcada por inúmeras perseguições. Havia problemas em cada esquina, sem falar na pressão que era liderar uma quantidade tão grande de pessoas que experimentavam, pela primeira vez, as manifestações do Espírito em suas vidas. Além de tudo isso, ela era uma pastora, casada com um homem infiel.

Enquanto ministrava em sua cruzada polêmica em Oakland, Califórnia, a infidelidade de P.H.Woodworth veio à tona. A irmã Etter decidiu abandoná-lo, e enquanto durou a cruzada ficaram em quartos separados. Por fim, após vinte e seis tempestuosos anos de casamento, em Janeiro de 1891, divorciaram-se. Depois, em menos de um ano e meio, P.H.Woodworth casou-se de novo e, publicamente, difamou Maria e seu ministério. Ele morreu não muito depois disso, em 21 de Junho de 1892, de febre tifóide.

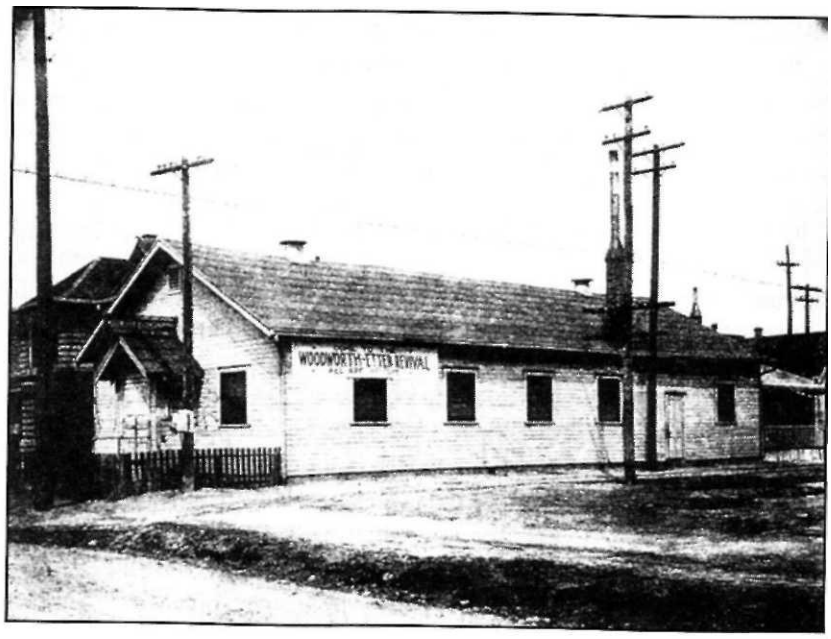
A despeito do relacionamento conturbado com este homem, Maria encontrou tempo para deixar seu ministério e assistir ao funeral. Dizem que ela não somente compareceu ao funeral como também participou do culto fúnebre.

Os maiores testes para Maria aconteceram enquanto esteve na Costa Oeste. Ela acreditava que o Oeste poderia ser ganho para Deus da mesma forma que ocorrera ao Meio-Oeste. Assim, em 1889, ela chegou a Oakland e comprou uma tenda para oito mil lugares. Breve, haveria uma multidão de espectadores a fim de ver os transes, ouvir sobre as visões e presenciar outras manifestações do Espírito Santo.

Contudo, ela também sofreu uma dura perseguição na Costa Oeste. Criminosos, ou gangues, como são chamados hoje em dia, começaram a atormentar as suas reuniões. Muitas vezes, esses homens escondiam explosivos nos aquecedores a lenha e, milagrosamente, nunca ninguém se feriu. Em certa ocasião, um vendaval rasgou a lona da tenda durante uma reunião. Ameaças de morte eram enviadas a ela semanalmente, jornais a caluniavam sem trégua e pastores se levantavam contra ela. Gente maldosa trazia pessoas com distúrbios mentais para seus encontros, sabendo que iriam causar uma grande comoção. Isto aconteceu com tanta freqüência que, muitas pessoas inocentes, pensavam que as reuniões de Maria haviam

deixado aquelas pessoas dementes! E por causa da má interpretação de sua teologia, os cidadãos chamavam diariamente as autoridades a fim de que acabassem com as reuniões. Todavia, Maria se recusou a deixar Oakland até que sentisse que Deus havia terminado a Sua obra ali.

Quando tudo indicava que as gangues estavam conseguindo seu intento, o Departamento de Polícia de Oakland destacou "seguranças" a fim de proteger as reuniões. Contudo, esta situação piorou porque os seguranças eram inexperientes, tanto em caráter quanto por não usarem de bom senso.



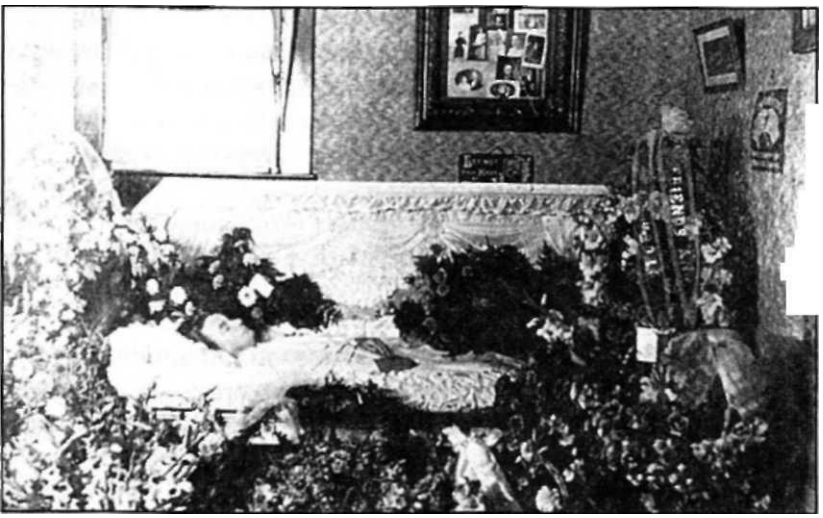
Igreja construída pela irmã Etter em Indiana, conhecida como "Tabernáculo Etter"



Sioux City, Iowa



A evangelista M.B. Woodworth-Etter. Nos últimos anos de seu ministério, Maria sempre vestia branco quando ministrava



Velório de Maria

Então, veio uma dura profecia através de Maria. Ela anunciou que um desastre ocorreria na costa e a destruiria. Após ter anunciado isto, os jornais a aterrorizaram, tratando-a como uma criminosa. Eles fizeram citações errôneas e falsificaram a profecia de tal forma que não era possível conhecer o verdadeiro teor do que fora predito por ela. Depois, como era de se esperar, outros homens e mulheres, simulando serem guiados pelo Espírito, aproveitaram-se da situação. Enganados pelo inimigo, profetizavam mais destruição e tristeza para a Costa Oeste, causando uma grande controvérsia.

A irmã Etter tinha muitos ministros proeminentes a seu favor, e muitos outros contra ela. Um deste último grupo era John Alexander Dowie. Enquanto ela permaneceu na Costa Oeste, ele se juntou aos que criticavam Maria e, publicamente, denegria o que chamara de "evangelismo de transes", dizendo que o movimento não passava de um grande engano[18]. Não havia outro ministério, a não ser o de Maria, que se comparasse ao de Dowie em termos de curas e popularidade, de modo que ele, freqüentemente, se referia a ela quando falava em abusos. Somente uma vez a irmã Etter se defendeu de Dowie publicamente. Ela usou estas palavras:

> "Depois de afirmar em nossas reuniões perante milhares de pessoas, que ele nunca havia visto tal poder de Deus, e de forma tão maravilhosamente manifestada, e depois de aconselhar os seus a me apoiarem, percorreu toda a costa pregando contra mim e contra minhas reuniões, até que suas obras missionárias entraram em colapso. Sua única objeção era que alguns caíam, pelo poder de Deus, em nossos encontros.
>
> Ele fez conferências contra mim duas ou três vezes em São Francisco, e disse que eu tenho parte com Satã. Muitos foram ouvi-lo, mas seu discurso se deu de tal forma que muitos se retiraram desgostosos no momento em que ele ainda falava. Eu disse às pessoas que eu havia sido sua amiga e que o tratara como a um irmão, e que ele não estava lutando contra mim, mas contra Deus e Sua Palavra. Eu disse às pessoas que eu o entregaria nas mãos de Deus, e que eu seguiria adiante com o Mestre.
>
> Eu disse a eles que prestassem atenção na forma como nós iríamos sair disso tudo, e de como ele cairia em desgraça, e que eu estaria viva ainda, quando ele morresse."[19]

A irmã Etter viveu dezessete anos a mais do que John Alexander Dowie.

Pode-se dizer que a irmã Etter cometeu alguns erros em sua cruzada em Oakland. Mas não é de se espantar, tamanha a quantidade de ataques planejados contra ela. Contudo, devemos lembrar que em 1906, São Francisco sofreu o terremoto mais devastador da história da América. A profecia da irmã Etter em 1890, então se confirmaria.

Etter também fez alguns bons amigos enquanto esteve naquele lugar, sendo um deles Carrie Judd Montgomery. Montgomery viera da Costa Leste a fim de conduzir reuniões na Califórnia. As duas se encontraram e desenvolveram uma longa amizade. Carrie e seu marido, George, foram peças fundamentais no desenvolvimento do

Movimento Pentecostal e fundaram a *Casa da Paz* em Oakland. O casal apoiou bastante a irmã Etter durante todo o seu ministério.

PRESENTE DE DEUS

Durante este período da vida da irmã Etter, também surgiram alguns momentos de refrigério. Ao lado das amizades feitas, Deus não quis que ela carregasse o manto do ministério sozinha. Levou algum tempo, mas, dez anos depois do divórcio, Maria encontrou um homem maravilhoso de Hot Springs, Arkansas, de nome Samuel Etter. Deus lhe enviou o companheiro perfeito e se casaram em 1902. A irmã Etter nutria um grande respeito por este cavalheiro e, com freqüência, referia-se a ele como o seu "presente de Deus". Mais tarde, ela escreveu a respeito dele:

> "Ele ficou comigo no pior momento da batalha, e desde o dia em que nos casamos, jamais recuou. Ele defende a Palavra e todos os dons e operações do Espírito Santo, mas não quer nenhum fanatismo ou insensatez. Não importa o que eu lhe peça para fazer. Ele ora, prega, canta e é muito bom para trabalhar no altar. **O** Senhor sabia do que eu precisava, e tudo veio pela mão dEle, através do Seu amor e cuidado para comigo e com a obra."[20]

Três anos após o casamento com Samuel Etter, Maria desapareceu do ministério público e permaneceu em silêncio pelos sete anos seguintes. Não se sabe a razão para esse longo silêncio. Contudo, quando ela ressurgiu, sete anos depois, era tão poderosa quanto antes, tendo, agora, o suporte amoroso de um marido esplêndido. Samuel Etter amou e cuidou fielmente de Maria. Ele organizava todas as reuniões, e cuidou de todos os escritos dela, assim como da distribuição dos livros. Na verdade, o ministério da irmã Etter produziu diversos livros:

1. *Vida, Obra e Experiência de Maria Beula Woodworth, Evangelista.*
2. Maravilhas e Milagres feitos por Deus no Ministério da Sra. M. B. Woodworth-Etter em Quarenta Anos.
3. *Sinais e Maravilhas feitos por Deus no Ministério da Sra. M. B. Woodzuorth-Etter em Quarenta Anos.*
4. Hinários.
5. Perguntas e Respostas sobre Cura Divina.
6. Atos do Espírito Santo (publicado depois como "Um Diário de Sinais e Prodígios".

Alguns de seus livros foram reimpressos várias vezes, e alguns foram traduzidos para outras línguas. Embora tenhamos uma grande quantidade de livros de temática cristã em nossos dias, os livros da irmã Etter são bastante raros. Pessoalmente, já recebi ofertas de milhares de dólares por minha coleção particular, todas recusadas. Em minha opinião, nenhuma quantia em dinheiro poderia comprar os escritos da irmã Etter.

Assim, Samuel Etter - marido, amigo, editor, gerente, e ministro auxiliar - "presente de Deus" - encontrou sua posição ideal como suporte no ministério de sua esposa. Sua habilidade mostrou a personalidade rara e notável deste homem. Como resultado, tornou-se uma peça vital do ministério em quase todos os aspectos até sua morte, doze anos depois.

PERSEGUIÇÕES, PROBLEMAS E AMEAÇAS DE PRISÃO

Maria foi a única líder evangelista do Movimento da Santidade que abraçou a experiência pentecostal do falar em línguas. Hoje nós a chamaríamos pregadora da "Santidade Pentecostal". Ela abraçou a doutrina da Santidade, tanto quanto a doutrina pentecostal do falar em línguas. Muitos ministros não entenderam as manifestações do Espírito Santo, nem entenderam a doutrina de Etter a esse respeito. Maria se defendia em público tão raramente que, quando o fazia, tornava-se muito evidente. Ela dizia ao povo que não havia sido chamada para se defender, e sim para levar pessoas a Jesus Cristo.

A irmã Etter demonstrou uma força inabalável ao persistir diante de tanta oposição. Quando passou por ameaças à sua segurança, ela se recusou a deixar a cidade até completar sua missão. Nunca sentia medo de perigos desconhecidos, pois sabia que o Senhor lutaria por ela. Muitas vezes, arruaceiros apareciam nos encontros a fim de atrapalhar as reuniões, pois haviam sido pagos para isto. Outros vinham por vontade própria. Ela, certa vez, escreveu:

> "**Já** corri muitos perigos; em muitas situações, poderia levar um tiro a qualquer momento, até mesmo no púlpito, ou indo e vindo das reuniões... Mas eu disse a mim mesma que jamais fugiria nem faria concessões. O Senhor sempre colocou seu grande poder sobre mim, tirando de mim todo temor, me fazendo como um gigante... Se em algum momento tentassem atirar em mim ou tivessem me matado, O Senhor os destruiria. Algumas vezes eu disse isso a eles."[21]

Certo homem veio à reunião determinado a acabar com o culto. Aproximou-se cerca de três metros do púlpito e despejou uma série de vulgaridades e impropérios. Então, de repente, sua língua recusou-se a obedecê-lo, como se uma "força estranha prendesse suas cordas vocais". Totalmente protegida pelo Espírito de Deus, Maria parecia ignorar a presença daquele homem! Indagado, depois, por dois dos principais jornais da região sobre o acontecido, o homem, assustado, respondeu: "Descubram vocês mesmos."[22]

Maria foi presa quatro vezes durante seu ministério, porém, três destas intimações nunca a levaram à corte. O único lugar onde ela foi presa e levada à corte foi New England. Seu julgamento em Framingham, Massachusetts, foi baseado na acusação de que ela teria praticado medicina ilegal e hipnotizado pessoas fazendo-as cair em transe. Foi um grande acontecimento para a causa de Cristo, pois muitas pessoas

testificaram a seu favor, relatando testemunhos pessoais que se pareciam com as histórias contidas no livro de Atos. O grande escritor e fundador da Escola

Bíblica Betei, E. W. Kenyon, estava entre estas pessoas que testemunharam. Kenyon, mais tarde, levaria avante um grande ministério de cura e ensino. Foi um autor prolífico. Muitos de seus livros são usados em escolas bíblicas ao redor do mundo.

O amor que Maria nutria por diferentes culturas também foi motivo de perseguições raciais. Ela amava as comunidades afro-americanas e americanas nativas da mesma forma que amava as pessoas da raça branca. Muitas vezes, ela pregou para igrejas de negros, ajudou seus pastores e apoiou seus avivamentos. Também foi para uma reserva indígena, permanecendo por semanas através de seus próprios recursos. Todas as classes sociais eram bem-vindas em sua casa - ricos e pobres. A irmã Etter amava a todos.

"NENHUM CIRCO..."

Não há nenhum livro capaz de descrever todos os atos do ministério de Maria Woodworth-Etter. Ela foi uma fonte de força espiritual, humilde, "muito parecida com uma avó comum, mas que exercia uma fantástica autoridade sobre o pecado, doença e demônios."[23] A irmã Etter não pôde aceitar todos os convites recebidos para ministrar, e os que aceitou, criaram uma comoção nacional jamais silenciada.

Certa reunião foi planejada pelo então jovem pastor F. F. Bosworth em Dallas, Texas. Seus escritos sobre os encontros espetaculares ocorridos de julho à dezembro sacudiram o mundo. Como conseqüência, Dallas se tornou o centro do avivamento pentecostal.

Certa noite, três ministros muito ilustres foram à reunião. Uma vez que não havia lugares disponíveis, os pastores perto do púlpito cederam seus assentos para estes homens. Relutantemente, os "ilustres" tomaram seus assentos. A reunião prosseguiu, com a costumeira demonstração do poder de Deus. Repentinamente, um dos renomados ministros caiu da cadeira em meio à serragem no chão, imóvel. Os outros dois tentaram ignorar o ocorrido com o amigo. No entanto, em alguns minutos, o segundo ministro se juntou ao primeiro, caindo, retumbante, em meio ao pó. Então, o terceiro caiu da plataforma e se juntou aos outros dois no chão, todos imóveis. Os três permaneceram caídos sob o poder de Deus por mais de três horas. Finalmente, se levantaram um após o outro, batendo a poeira da roupa, caminhando entorpecidos para a saída![24]

Milhares foram à Dallas, alguns depois de percorrerem mais de três mil quilômetros, trazendo enfermos e atormentados para serem curados. Um homem tinha três costelas fraturadas por causa de uma queda. Mal conseguia permanecer de pé, tal a dor que sentia. A irmã Etter impôs as mãos sobre ele e fez a oração da fé, instantaneamente os ossos que haviam afundado voltaram para o lugar. A princípio, ele vacilou quando Maria o tocou, mas depois bateu na costela, constatando que a dor havia desaparecido. Outro homem foi trazido em uma maca, sofrendo de tuberculose. Sua situação era desesperadora, tinha também uma fístula (ferida aberta que deixou um buraco em seu corpo). Porém, quando Maria orou, o poder de Deus golpeou o homem. Ele pulou da maca e correu de um lado a outro em frente à platéia. Ele retornou para casa sentado como os demais, recuperando mais de um quilo e meio por dia a partir de então.

O câncer havia destruído um lado do rosto e pescoço de certo homem. Sentia tanta dor que teve de ser levado logo no primeiro encontro. Quando a irmã Etter impôs as mãos sobre ele e orou, o poder de Deus o atingiu. A dor, o enrijecimento e a queimação imediatamente cessaram. De repente, foi capaz de virar seu pescoço de um lado a outro. Ele subiu ao púlpito e pregou para as pessoas.

Certa noite, três pessoas que eram surdas e mudas, desconhecidas umas das outras, se postaram de frente ao púlpito, chorando, se abraçando e pulando, pois Deus havia aberto seus ouvidos e recuperado suas vozes. Muitos, com lágrimas nos olhos, se dirigiram ao altar a fim de conhecerem a Deus e serem salvos. Uma das três pessoas, que antes fora muda e surda, deu seu testemunho:

"Quando a irmã Etter colocou seu dedo na base de minha língua, e em seguida em meus ouvidos, ordenando ao espírito 'surdo e mudo' para sair, Deus no mesmo instante abriu meus ouvidos e devolveu minha voz."[25]

Outra irmã sofria com dois problemas: câncer e tuberculose. Parecia um esqueleto vivo. Fora desenganada pelos melhores médicos de Dallas. Trazida em uma maca, muitos pensavam que fosse morrer antes que a irmã Etter pudesse chegar a ela. Quando recebeu a oração, foi instantaneamente curada, pulando

da maca e gritando! Ela assistiu a todos os encontros posteriores, todas as noites, sentando-se com os outros. Embora ainda parecesse muito magra, todos os que a conheciam diziam que ela estava ganhando peso e progredindo a cada dia.

O grande evangelista de cura e pastor, F. F. Bosworth, escreveu a respeito dos encontros em Dallas:

"Noite após noite, logo que o apelo era feito, todo o espaço disponível de 15 metros ao redor do altar era tomado por tantas pessoas doentes, atormentadas, e outras em busca de salvação e do batismo no Espírito Santo, que se tornava difícil transitar entre elas."[26]

Em cada encontro dirigido por ela havia uma demonstração do poder do Espírito como nunca visto em nossa geração. Um repórter de Indiana escreveu: "Veículos de todos os tipos começaram a chegar à cidade bem cedo... nenhum circo ou ajuntamento político jamais foi capaz de trazer tamanha multidão."[27] Outro escreveu que era a primeira vez que sua comunidade de Iowa pudera presenciar um ajuntamento religioso capaz de "ofuscar um bom *show"*. Ele relatou que funcionários do teatro foram ao local da reunião para ver o que estava atraindo o seu público.[28]

O PONTO DE RUPTURA

Um empresário cristão bem-sucedido de Los Angeles, R. J. Scott, visitou Dallas durante esses encontros. Ele e sua esposa haviam sido batizados no Espírito Santo durante o avivamento da Rua Azusa. Contudo, neste período, a maioria dos líderes integrantes do avivamento da Rua Azusa havia se dispersado. Scott buscava uma forma de trazer de volta o mover sobrenatural a Los Angeles. Ele ouviu a respeito das curas milagrosas e se dispôs a ver se eram verdadeiras, e se a doutrina de Maria combinava com a sua. Jubiloso com o que viu, intentou pedir que Maria fosse a Los Angeles e presidir o que, segundo pensou, seria o "acampamento dos sonhos". Ele sentiu que ela possuía a força que Los Angeles precisava. Assim, a irmã Etter concordou em ir.

Como se pode imaginar, milhares afluíram à área de Los Angeles, aos encontros ao ar livre. As reuniões aconteciam durante o dia e por boa parte da noite, atraindo milhares de pessoas de todas as partes da América do Norte. Tendas eram montadas e pessoas dormiam no chão. Na verdade, havia tantas tendas que foram formadas "ruas" entre elas com nomes como: "Avenida do Louvor", "Alameda Aleluia" e "Avenida da Glória". Dessa forma, tornava-se mais fácil a localização de determinada tenda!

Embora os resultados das reuniões fossem fenomenais, este Encontro Mundial de Los Angeles em 1913 (Encontro Azusa/ Arroyo Seco), também ficou conhecido como o evento que deu origem à primeira divisão do Movimento Pentecostal. Foi aqui que surgiu o debate em torno da doutrina "Só Jesus", "Unicismo" ou "Novo Tema". Este ensinamento teve origem em John G. Scheppe, um homem que passou a noite em oração durante os encontros. Scheppe acreditava ter recebido algo novo a respeito do uso do nome de Jesus, e correu o acampamento a fim de compartilhar isto com outras pessoas. Como resultado, as pessoas da Costa Oeste começaram a batizar apenas em "Nome de Jesus", eram informadas de que se fossem batizadas na Trindade, teriam que ser batizadas de novo. Este pensamento dividiu o Movimento Pentecostal. O "acampamento dos sonhos" de Scott objetivava criar unidade dentro do corpo de Cristo. Em vez disso, produziu uma das maiores rupturas já conhecidas nesta geração.[29]

Logo, o Movimento Pentecostal estaria dividido em outros grupos que enfatizavam uma série de doutrinas. A irmã Etter fez o possível para se manter fora destas controvérsias. Ela acreditava que o ponto mais importante era dizer aos pecadores que Jesus estava voltando, através da pregação de Sua Palavra e com demonstração de sinais e prodígios. Ela sustentou melhor esta posição em um sermão intitulado: *Não Negligencies o Dom que Há em Ti.* Nessa mensagem, ela disse:

> "Os embaixadores de Cristo devem cessar toda essa querela; todas essas teorias desnecessárias devem ser abandonadas; essa ou aquela doutrina, que enfatiza 'a obra terminada' ou 'a santificação' que produz controvérsia entre os santos, deve ser deixada de lado. Paulo diz que a pregação tem que ser feita com demonstração do Espírito e de poder... Deixem a Palavra agir com a demonstração de poder, de forma que as pessoas possam ver o que Deus tem para elas."[30]

Logo a irmã Etter desenvolveria a política de pregar apenas em encontros que não tivessem doutrinas "exageradas". Anos mais tarde ela diria que o "Unicismo" era "a maior ilusão que o diabo **já** inventara."[31]

"ELETRIFICOU A TODOS NÓS"

Compreensivelmente, a irmã Etter nutria um misto de emoções a respeito do encontro em Los Angeles. Ela foi apresentada como oradora principal, e milhares vieram de toda a América para estar em seus encontros. Contudo, por causa da controvérsia política, os pastores tomaram o controle, e a irmã Etter se viu forçada a ministrar apenas durante as manhãs. Os homens tomaram as tardes e noites a fim de exporem fundamentalmente a nova doutrina do "Unicismo". Ela foi pressionada a abrir mão de parte de seu tempo a fim de que o orador da tarde pudesse começar. Mas a despeito de tudo isso, milhares foram milagrosamente curados. Houve relatos de que, quando seu tempo de ministração se aproximava do fim, a irmã Etter levantava suas mãos em direção ao céu enquanto deixava a tenda e naquele momento, muitos eram curados. Um jovem recorda: "Ela levantou suas pequenas mãos e o poder do Espírito Santo eletrificou a todos nós."[32]

Pessoas inválidas deixavam seus leitos de dor, o surdo ouvia, o cego enxergava, a artrite era instantaneamente curada, tumores destruídos, a hidropisia debelada. Em suma, todo tipo de enfermidade e doença que ousava desafiar a irmã Etter durante os encontros, tinha que dobrar os joelhos perante Jesus Cristo e era desintegrada pelo fogo do Espírito. E tudo isso mesmo em meio a divisões doutrinárias.

Elizabeth Waters lembra assim estes encontros:

"Lembro-me como se fosse ontem, eu e uma amiga empurrando minha mãe em uma cadeira de rodas por



Maria e seus obreiros em Indiana, 1924

seis ou sete longos quarteirões... Dois homens enormes colocaram a cadeira de rodas em frente ao púlpito circular que já estava rodeado de muitas outras cadeiras. Estava tão quente que minha mãe implorou para que eu a levasse de volta para casa, mas insisti que ficasse. Para a glória do Senhor, foi indicado, por revelação, que sua cadeira de rodas deveria ser colocada sobre o púlpito, onde uma pequena e linda senhora, que jamais esquecerei, falou com a minha mãe. Eu a vi respondendo com um meneio de cabeça, e então ela [a irmã Etter] bateu em seu peito (pareceu-me rude). Era como se um raio a tivesse atingido, fazendo-a saltar e correr de alegria. Todo o povo gritava; duvido que tivessem assistido algo parecido antes. Muitos outros milagres foram presenciados. Quase tivemos que amarrar minha mãe à cadeira de rodas na volta para casa. Ela queria andar, mas estava fraca, uma vez que estivera presa à cama por dois anos. Quando chegamos em casa, minha avó e outros vizinhos estavam esperando por nós. Minha mãe levantou-se da cadeira de rodas e subiu as escadas. Todos gritaram e choraram. Daquele dia em diante minha mãe estaria totalmente curada, saudável, bem nutrida e temente a Deus."[33]

Por causa das reuniões em Dallas e Los Angeles, a irmã Etter continuou a ser uma evangelista líder pelo resto de sua vida. Embora gostasse da vida itinerante, Deus teria ainda outro plano para ela. Ele ainda não havia terminado de escrever as páginas da sua história.

HISTÓRIAS DO TABERNÁCULO

Após quarenta e cinco anos de ministério e pregar milhares de sermões de costa a costa, Deus falou com Maria a respeito da construção de um tabernáculo no oeste de Indianápolis. Muitos haviam pedido que ela construísse um local permanente onde pudessem ir a qualquer momento a fim de receber sua ministração. Todos os cantos da América ofereceram um local, porém, ela escolheu Indiana por causa de sua posição central. Bem ao estilo da irmã Etter, o tabernáculo foi um modelo para as igrejas pentecostais atuais. Ela construiu a igreja ao lado de sua casa e ministrou neste lugar pelos seis últimos anos de sua vida.

Naquela época, havia poucas igrejas grandes. Assim, em 1918, quando a irmã Etter começou uma igreja para quinhentos assentos, não foi uma tarefa fácil. Em todo o seu ministério, Maria nunca havia pressionado as pessoas para contribuírem financeiramente. Mas para a construção do tabernáculo, ela teve que enviar cartas pedindo ajuda financeira. O dinheiro chegou e o prédio foi terminado. O tabernáculo foi consagrado em 19 de maio de 1918 e, até o momento, apenas uma mulher pôde superá-la na habilidade de construir igrejas. Esta mulher foi uma evangelista que imitou muito o estilo de Etter: Aimée Semple McPherson.

A irmã Etter utilizou o tabernáculo como sua base de operações. Ela tinha um discernimento especial para escolher parceiros que pudessem contribuir com o avivamento. Por conta disto, a igreja permanece até hoje - embora em local diferente -afiliada às Assembléias de Deus. As pessoas afluíam de todas as partes da América a fim de estarem em sua igreja, e muitos permaneceram membros fiéis. Certo homem se recorda de que "as pessoas iam em direção ao altar e caíam antes de chegar lá".

Ele disse que nunca percebeu qualquer manipulação psicológica ou pessoas sendo empurradas - "Era Deus. Não havia falsificação a respeito da irmã Etter."[34]

Uma incrível história ocorrida no tabernáculo envolveu uma família romena. A filha desta família sofria de tuberculose e duas mulheres pentecostais haviam ido à sua casa a fim de orar por ela. Percebendo que sua filha havia sido curada pela oração, a família procurou uma igreja pentecostal e encontrou o tabernáculo. Durante o primeiro culto, uma moça que havia sido milagrosamente curada de câncer, ficou de pé e entregou uma mensagem em línguas por vinte e oito minutos. Alguns se perguntavam qual seria a razão de a irmã Etter ter permitido que a mensagem continuasse livremente, no Espírito, por tanto tempo. Todavia, a razão do ocorrido seria esclarecida no próximo domingo, quando se descobriu que a mensagem havia sido proferida em romeno, uma língua que ela jamais havia ouvido ou aprendido.

Esta pequena família romena ouviu uma mensagem de Deus em sua própria língua no momento em que entraram, e ficaram completamente aturdidos. O pai era o único que sabia falar inglês. Diziam que para Maria e os membros do tabernáculo "estas experiências eram tão comuns nos cultos, quanto cantar a doxologia o é em algumas congregações."[35]

Outra história do tabernáculo envolveu a cura de um menino. Ele sofria de tuberculose e desenvolveu um rumor do tamanho de um punho. Quando sua mãe o levou à Maria, disse: "Bem, cortaremos isto com a espada do Espírito". Diante desta palavra, a irmã Etter pegou sua Bíblia e "golpeou" o menino no pescoço, e ele foi curado."[36]

OS GRANDES ENCONTRAM OS GRANDES

Uma das minhas histórias favoritas do tabernáculo é a do encontro entre Maria Woodworth-Etter e Aimée Semple McPherson. Naquele tempo, Aimée ainda era uma evangelista itinerante. Ela amava intensamente a irmã Etter e desejava ardentemente encontrar Maria e assistir a um dos encontros. Em minha opinião, creio que Aimée "devorou" tudo o que pôde acerca da irmã Etter, e fortaleceu seu próprio chamado em razão da coragem demonstrada por Maria.

Havia um alerta de gripe na cidade de Indianápolis até a chegada do "Carro do Evangelho" de Aimée. O alerta finalmente terminou na noite em que ela chegou e Aimée atribuiu o fato a um ato de Deus. Em 31 de outubro de 1918 ela escreveu em seu diário:

"Esperei anos para conhecer a irmã Etter; tenho falado mais acerca disso nos últimos meses. Desejo ouvir sua pregação e estar em suas reuniões... Amanhã o tabernáculo da senhora Etter estará aberto e eu satisfarei o desejo de meu coração. Glória!"

Após o encontro, Aimée escreveu:

"Regozijamo-nos e louvamos ao Senhor juntas. O poder de Deus caiu... derramando suas bênçãos sobre nós."[37]

A irmã McPherson deixou Indianápolis no dia seguinte, sem dúvida, regozijan-do-se a caminho de seu próprio destino divino - Califórnia. Podemos apenas imaginar o carinho com que guardou as memórias daquele encontro com Maria.

Uma vez que não haja qualquer declaração pública da irmã Etter a respeito do que pensava sobre Aimée, sua companheira de viagem, Bertha Schneider, fez um comentário. Em certa ocasião, irmã Etter e Aimée estavam na mesma cidade. Era uma noite de folga, de modo que o grupo da irmã Etter compareceu a uma das reuniões de Aimée. Maria, porém, decidiu não ir. A razão fornecida pela senhora Schneider foi que *"A* irmã Etter mostrou preocupação a respeito da direção na qual o ministério de Aimée estava seguindo - representações teatrais e outras atrações populares."[38] Pessoalmente, vendo a situação como a irmã Etter, sob o aspecto da santidade, entendo que sua preocupação era genuína e não crítica.

Muitos oradores conhecidos naquele período visitaram o tabernáculo. Embora não haja registro de qualquer encontro entre a irmã Etter e o lendário evangelista inglês Smith Wigglesworth, muitos acham que ele foi um discípulo do ministério dela. Acredita-se que muitas das frases utilizadas por Wigglesworth vieram da irmã Etter.[39] O evangelista conduziu uma série de encontros no tabernáculo após a morte de Maria em 1925.

Para alguns de vocês, essas histórias podem parecer assustadoras. Compreenda que Deus está restaurando o mover sobrenatural na igreja de hoje. Alguns, ao lerem este livro, se mostrarão atemorizados a esse respeito. Deus tem dito a alguns de vocês que orem pelos doentes em suas igrejas, e vocês não estão obedecendo a este chamado. Talvez você não saiba muito acerca da vontade de Deus para curar. Talvez você se sinta confuso. E a vontade de Deus que o homem seja liberto. Ele veio para destruir as obras do diabo, e não quer que as toleremos e vivamos com elas. A igreja de hoje precisa aprender a lidar com o destruidor e a levar a verdadeira vida ao povo.

Muitos vivem dentro dos limites de uma doutrina "confortável", ou de uma teologia de "escolha e pegue". Deus quer que todo o Seu conselho seja pregado e demonstrado ao povo. E por esta razão que Jesus nos deu o Seu sangue. Comece a ler o livro de Atos e você irá aprender a respeito dos demonstradores do Seu Espírito e da oposição que sofreram. Assim como os apóstolos, a irmã Etter permaneceu fiel à totalidade do conselho de Deus em todos os dias de sua existência - apesar da pressão e perseguição - e nós devemos fazer o mesmo. Ela é um dos que passaram a tocha, e nós devemos ser fiéis ao carregá-la.

PIONEIRA NO MINISTÉRIO FEMININO

O verão de 1924 foi difícil para Maria. Com oitenta anos, sofrendo de gastrite e hidropisia, recebeu uma notícia que lhe quebrantou o coração. Sua única filha, Li-zzie, de sessenta anos, morreu em um acidente de bonde. Agora, todos os familiares mais próximos de Maria tinham subido para estar com o Senhor. Mesmo estando com a saúde debilitada, ela encontrou forças para subir ao púlpito e conduzir o funeral. Ao fazê-lo, exortou o povo a ter fé em Deus e a olhar para o céu, não para a sepultura.[40]

Durante aquele ano, havia ocasiões em que a irmã Etter estava tão fraca que não podia andar. Mas isto não a impediu de pregar. Se não podia andar, designava alguém para carregá-la até o púlpito. Por fim, o tabernáculo presenteou-lhe com uma grande cadeira de madeira. Assim, quando ela se mostrava fraca demais para andar, alguns homens fortes transportavam a cadeira de madeira da igreja para a sua casa, colocavam-na no assento e levavam-na de volta para a igreja. No minuto em que seus pés tocavam a plataforma, o Espírito de Deus fazia com que se pusesse de pé e andasse por toda ela, pregando e ministrando no poder sobrenatural de Deus. Centenas puderam testemunhar o quanto ela estava fraca antes, e quão incrivelmente forte se tornava depois. Ao fim do culto, os homens colocavam-na de volta na cadeira e a carregavam para sua casa.

A fé da irmã Etter fazia com que ela continuasse, quando muitos já teriam desistido. E conveniente lembrar que, naquele tempo, ela já havia ultrapassado os oitenta anos. Não havia aviões e outras comodidades naquele tempo. Não existia ar-con-dicionado ou as facilidades modernas que temos hoje. Ela atravessou a nação em carros pequenos e trens, muitas vezes dormindo em tendas, quando o dinheiro era escasso ou nenhuma acomodação havia sido providenciada. Mas ela não se importava com isto.

Três semanas antes de morrer, o Senhor revelou à Maria que "era questão de dias a sua partida" para receber seu galardão. Durante este período, uma senhora lhe trouxe flores, agradecendo, a irmã Etter disse: "Logo estarei onde as flores são eternas."[41] Algumas vezes ela chegou a pregar sermões àqueles que a visitavam em casa.

A respeito de sua morte, August Feich, um obreiro da igreja, escreveu:

"Poucos dias antes de seu falecimento, ela me chamou, segurou-me a mão e disse: 'Irmão Feich, você entende que estou indo para onde é o destino de toda a carne?' 'Sim, mãe', respondeu ele. 'Você tem sido fiel ao nosso ministério por todos esses anos', replicou ela. Agora, eu creio que as bênçãos de Deus deverão continuar sobre você; logo não estarei aqui para ajudá-lo".

O fim de Maria Woodworth-Etter veio calmamente, à medida que mergulhava em um profundo sono:

"Sua visão estava boa para alguém de sua idade. Sua lucidez se manteve intacta até o fim. Não houve um momento sequer durante sua enfermidade que ela não pudesse conversar tranqüilamente com qualquer pessoa a respeito de qualquer assunto. A todo o momento os santos vinham a ela tomar conselhos. Alguns vinham direcionados pelo Espírito a fim de orar por ela; outros vinham para receber oração. Ela impunha as mãos sobre os doentes e orava pelos necessitados. Ela fez isso até o fim. Ministrava ao mesmo tempo em que sabia que sua força estava se esvaindo rapidamente. Ela costumava falar repetidamente durante seu ministério que preferia *gastar-se por Jesus a enferrujar-se. "*[42]

Antes que a irmã Etter fosse ao encontro do Senhor com a idade de oitenta anos, ela enterrou todos os seis filhos e seus dois maridos; pregou milhares de sermões de costa a costa; manteve-se vencedora sobre gangues e ministros corruptos; foi pioneira no ministério feminino e manifestou firmemente, o poder do Espírito Santo com sinais poderosos e maravilhas.

Ela não tinha formação. Não se importava com aulas de seminário e não perdeu tempo em explicar o modo como Deus agia. Ela pregou um Evangelho bem simples, se ofereceu totalmente a ele e teve fé para ver sinais e maravilhas. A única paixão de Maria era ver o Evangelho avivado e presenciar pessoas sendo dirigidas pelo Espí-líto. Ela pregou muitas vezes com lágrimas rolando pela face, implorando para que as pessoas se chegassem a Cristo. Suas reuniões e ensinamentos serviram de base para o surgimento de muitas denominações pentecostais, incluindo as Assembléias de Deus, Evangelho Quadrangular e outras denominações similares.

A FAMÍLIA ATUAL DE ETTER

O legado de Maria somente foi lembrado em 1977. Seu tetraneto, Tom Slevin, sentiu vontade de pesquisar sua árvore genealógica. Para sua surpresa, descobriu ifue um parente seu bem próximo foi "uma pequena pregadora pioneira" de nome Maria Woodworth-Etter, também conhecida como "vovó Etter". Ela havia sido uma evangelista famosa, fundadora de uma igreja não muito longe de sua casa. Ele in-ílagou a respeito com sua mãe Mary, mas ela não pôde relatar quase nada, uma vez mjiie muita informação havia sido perdida. O senhor Slevin recusou-se a desistir. Pes-«pisou os livros e sermões de Etter, lendo o material continuamente. Logo, sua própria vida seria influenciada pelos sermões dessa mulher, alguns pregados há mais iáe oitenta anos.

Slevin disse: "Quando li pela primeira vez os seus livros, imaginei que estivessem exagerando em razão dos incríveis milagres relatados. Assim, fui a outras cidades pesquisar através de microfilmes. Li antigos jornais e descobri coisas maravilhosas. Descobri que as histórias em seus livros foram absolutamente verídicas, e iqiie os jornais deixaram de fora muitos milagres!"

Slevin e sua mãe ficaram tão curiosos a respeito da vida de Etter que foram ouvir *ã* pregação de um evangelista que havia recebido a ministração da irmã Etter quando ainda menino. Este evangelista, Roscoe Russel, era o garoto que, ao receber a pancada no pescoço com a Bíblia da irmã Etter, foi milagrosamente curado. Quando a mãe de Slevin atendeu o apelo para receber oração, o evangelista disse: "O mesmo Deus

que respondeu às orações de sua bisavó está aqui hoje. Ele irá responder às suas orações do mesmo modo." Depois disso, a mãe de Slevin foi batizada na igreja afiliada ao ministério de Etter.

Slevin gosta de comparar o ministério de sua tetravô Etter com o de Smith Wi-gglesworth. Ele percebe uma similaridade no relacionamento que os dois mantinham com Deus, principalmente na área da fé. Embora tenha muitas histórias {favoritas, Slevin lembrou a do encontro de John G. Lake com Etter em 1913. Dizem ique após o encontro, Lake aconselhou seu rebanho a "orar como a Mãe Etter".

A partir desta pesquisa, Slevin compreendeu melhor a personalidade de sua tetravô. "O que mais me impressionou", conta ele, "foi como ela dedicou completamente a sua vida a Deus. Maria era diferente de muitos hoje em dia. Ela ia aonde Deus a levava; não importava se para vinte ou milhares de pessoas. Seu tempo pertencia a Deus. Nunca estava 'ocupada demais' para fazer o que Ele pedia. Todos eram importantes para ela, pois eles eram importantes para Deus. Esta é a razão pela qual Maria conhecia tão bem a Deus. Eis o motivo pelo qual ela podia 'socar o estômago' ou 'bater no pescoço' de alguém. Ela conhecia a Deus e sabia que Ele iria curá-los."[43] Não resta dúvida de que a herança espiritual da irmã Etter será perpetuada através da família de Slevin.

UMA VISÃO PESSOAL

Pelas minhas observações pessoais, o ministério que a irmã Etter conduziu ultrapassou o tempo e permanece vivo ainda hoje. Todos os ministérios devem ser seguidos de sinais e maravilhas, do contrário, os ministros estarão apenas brincando de ministério. Se o seu ministério estiver seguindo os preceitos de Jesus, então os sinais e maravilhas irão se manifestar.

Os diferentes tipos de ministérios e métodos variam de pessoa para pessoa. Ninguém pode operar de forma idêntica, pois temos características próprias e existem muitos povos com características diferentes a serem alcançados.

Contudo, quando temos um ministério que opera com a mesma magnitude que outro do passado, costumo dizer que o "manto" passou de um para o outro. Um' manto é um termo espiritual que pode ser descrito, no plano natural, como um casaco ou um xale. Quando "vestimos" este manto, operamos de forma similar ao ministério do qual o recebemos.

Partindo desse ponto de vista pessoal, parece-me que Aimée Semple McPher-son perpetuou o legado de Etter, mostrando sinais, maravilhas e bravura. Acredito que ela recebeu o manto de Maria. A partir de McPherson, um manto parecido foi repassado para Kathryn Kuhlman. Kuhlman também ficou conhecida pela grande magnitude de milagres em seu ministério e pela intimidade com o Espírito Santo. Atualmente, parece-me que um manto similar foi passado de Kuhlman para Benny Hinn, embora este último não goste dessa analogia. Hinn acha que recebeu seu próprio manto de Deus, e não um que já pertencera a outro. Ele é o grande pastor e evangelista da cura em Orlando, Flórida.

NÃO SE ENFERRUJE

Maria Woodworth-Etter alcançou muitos milhares de pessoas por toda a América com a mensagem de libertação de Jesus Cristo. As seguintes palavras foram escritas sobre ela:

"Glória a Deus e ao Senhor Jesus por tê-la chamado, revestido de poder, guardado e feito dela uma 'Mãe em Israel' para nós. O mesmo amor que zelava por ela está agora à nossa disposição. Amém."[44]

Sinais poderosos e maravilhas estão de volta à Terra! Cultive os tesouros divinos dentro de você através das experiências e da Palavra. Traga-os para a superfície por meio da oração e obediência. Acredite que, através de você, Deus pode operar sinais e prodígios. Disponha-se a ser um instrumento neste momento e se apresse a receber a plenitude de Deus em você. Não permita que os reveses da vida lhe frustrem «MI impeçam. Clame pelo poder do Espírito e complete sua carreira em total vitória. Adote as palavras da irmã Etter:

"É preferível se desgastar por Jesus Cristo a ficar enferrujado."

Não pare até que você tenha terminado. O mundo está procurando a resposta «e está dentro de você.

CAPÍTULO DOIS, MARIA WOODWORTH-ETTER Referências:

1 WARNER, Wayne E., "Neglect Not the Gift That is in Thee" *[Não negues o Dom que há em ti].* Sermão de Erter extraído de *The Woman* Evangelist [A Mulher Evangelista], Metuchen, New Jersey e London: The Scarecrow Press, Inc, 1986, p. 307, apêndice c.

2 Ibid., p. 6.

3 Ibid., p. 7.

4 Ibid., p. 8.

5 Ibid., p. 10.

6 WOODWORTH-ETTER, Maria, "A Sermon for Women" [Um sermão dirigido às mulheres], estraído de *A Diary of Signs & Wonders* [Um Diário de Sinais e Maravilhas], Tulsa, Oklahoma: Harrison House, p. 30-31. Reedição das páginas 215 e 216 da edição de 1916.

7 WARNER, Wayne E, *TJte Woman Evangelist,* p. 14.

8 Ibid., p. 21.

9 Ibid., p. 22.

10 WOODWORTH-ETTER, *A Diary of Signs & Wonders,* p. 67-68.

11 WARNER, Wayne E, *The Woman Evangelist,* p. 41.

12 WOODWORTH-ETTER, *A Diary of Signs & Wonders,* p. 111.

13 WARNER, Wayne E, *The Woman Evangelist,* p. 42.

14 Ibid.

15 Ibid., p. 148.

16 Ibid., p. 146.

17 Ibid.

18 Ibid., p. 81, nota de rodapé n.[0] 18. DOWIE, John Alexander, "Trance Evangelism" [Evangelismo e Transe], *Leaves of Healing,* 8 de março de 1895, p. 382. Relançamento de uma antiga edição de *Leaves of Healing,* p. 98.

19 WOODWORTH-ETTER, Maria, *Life & Testimony of Mrs. M. B. Woodworth-Etter,* e Testemunho da Sra.M.B.Woodworth-Etter] p. 12.

20 WOODWORTH-ETTER, *A Diary of Signs & Wonders,* p. 151.

21 Ibid., p. 184.

22 WARNER, Wayne E, *Tlte Woman Evangelist,* p. 41.

23 Ibid., p. 213.

24 Ibid., p. 167.

23 WOODWORTH-ETTER, *A Diary of Signs & Wonders,* p. 166.

26 Ibid., p. 173.

27 WARNER, Wayne E, *Vie Woman Evangelist,* p. 201.

28 Ibid., p. 202-203.

29 Ibid., p. 172.

[0] Artigo extraído de *Vie Latter Rain Evangel,* [Evangelho da Chuva Tardia] agosto de 1913. l-n HP 1913

31 to de lyicJ.

WARNER, Wayne E, *The Woman Evangelist,* p. 188. Nota de rodapé n.[s] 48, extraída de *Spirit-Filled Sermons,*[Sermões Cheios do Espírito] de Woodworth-Etter.

32 Ibid., p. 169, extraído de *Fire on Azuza Street,* [Fogo na Rua Azusa] de A. C. Valdez.

33 Carta pessoal de Elizabeth Waters para Thomas Slevin, da quarta geração de descendentes da irmã Erter.

34 WARNER, Wayne E, *The Woman Evangelist,* p. 268, nota de rodapé n.º 21.

35 Ibid., p. 256-257,267, nota de rodapé nº 13.

36 Ibid., p. 256.

37 McPherson, Aimée Semple, This is That [Isto é Aquilo], Los Angeles, Califórnia: Echo Park Evangelistic Association Inc., 1923, p. 149-150.

38 WARNER, Wayne E, *The Woman Evangelist,* p. 294, nota de rodapé n.º 11.

39 Ibid., p. 287.

[40] Ibid., p. 290.

[41] WOODWORTH-ETTER, Maria, *Life & Testimony of Mrs. M. B. Woodiuorth-Etter,* p. 123.

ibid., p. **1Z4.** [4]

[43] Entrevista pessoal com Tom Slevin, membro da quarta geração de [2]
descendentes da irmã Etter.

[44] I

bid., p. 124.

Entrevista pessoe

tes da irmã Erter.

WOODWORTH-ETTER, Maria, *Life & Testimony of Mrs. M. B. Woodworth-Etter,* p. 138.

CAPÍTULO TRÊS

Evan Roberts

"O AVIVALISTA GALES"

Em minha opinião, a história do jovem Evan Roberts, avivalista do País de Gales, é o relato mais triste deste livro. Este jovem pregador das minas de carvão do sul de Gales teve uma revelação inconfundível sobre avivamento mundial, fferém, por causa de sua inexperiência, limitação das revelações e grande oposição analigna, seu incrível ministério foi interrompido muito cedo. Entretanto, antes de Mudarmos a vida dele, quero deixar bem claro que as verdades apresentadas nesta mt*ra não devem ser vistas como alguma forma de criticismo. As lições que eu vou ctrar aqui foram escolhidas para ajudar a nossa geração a aprender a guardar o cão, zelar pela sua unção e ser bem-sucedida no meio do fogo do avivamento.

UMA VERDADE COBERTA DE CARVÃO

Evan Roberts nasceu no dia 8 de junho de 1878, na conservadora família calvinis-etodista de Henry e Hannah Roberts. E creio que, com ele, também nasceu um írito avivalista". Seus pais tiveram uma forte influência na formação do espírito *« da* natureza dele. Seu caráter era extraordinário e sensível. Sua família era conhecida pelo seu amor à Palavra de Deus e pelo trabalho duro. Cada membro, não importava quão jovem fosse, tinha sua própria Bíblia, já bastante usada.

Gostaria de abrir um parêntese aqui para chamar a atenção dos pais. Permitam r-e seus filhos se envolvam com o mover de Deus. E impossível mostrar o quão importante é ensinar e instruir os filhos nas coisas concernentes a Deus. Eles precisam saber como orar, como estudar a Palavra de Deus e como buscar a unção. Ensine-os a louvar ao Senhor juntamente com você, bem como a fazer isso por eles mesmos, quando estiverem a sós. Muitas vezes as chamas do avivamento morrem porque os pais preferem deixar os filhos no berçário, em vez de levá-los para participar do mover de Deus. O berçário é uma bênção para cuidar dos nossos bebês e criancinhas de colo. Entretanto, chega uma hora que eles já são capazes de se comportarem de maneira apropriada e podem participar na obra de avivamento.

E como o avivamento pode sobreviver se não o passarmos adiante? Muitos movimentos de renovação do passado e muitos avivalistas não levaram em conta a geração que viria após eles. Por causa disso, Deus teve de procurar por uma outra geração para reacender o fogo que nunca deveria ter se apagado. Os avivamentos não podem acabar; devem continuar. O fogo do Senhor precisa ser passado para cada nova geração. As crianças são moldáveis e sensíveis e estão prontas para aprender. São como pequenas esponjas sedentas para

absorver tudo o que passarmos a elas. Então, pais, sejam seus professores. Se você tem filhos, então esta santa responsabilidade de transmitir a eles o fogo do Senhor está em suas mãos. E é evidente que a família de Evan Roberts levou muito a sério essa tarefa.

O forte caráter de Evan foi o resultado dos ensinamentos de sua família. Quando ele ainda era bastante jovem, seu pai ficou gravemente ferido em um acidente e, por isso, Evan precisou deixar os estudos para ajudá-lo no trabalho na mina de carvão. Contudo, isso nunca foi motivo para ele reclamar.

Muito cedo em sua vida, Evan desenvolveu o hábito de sua família, que era memorizar passagens bíblicas. E ele nunca era visto sem a sua Bíblia. As pessoas diziam que, enquanto ele trabalhava, costumava deixá-la nas fendas da mina de carvão. Certo dia, um enorme incêndio destruiu tudo por onde passou - exceto a Bíblia do jovem Evan. Suas páginas ficaram apenas chamuscadas e, assim, ele pôde continuar a carregá-la todos os dias e a memorizar os versículos da Palavra de Deus. Todas as manhãs, ele costumava ficar na entrada da mina, distribuindo porções das Escrituras, para cada trabalhador que passava, para que eles pudessem meditar durante o seu trabalho. Depois do trabalho, quando ele os encontrava, perguntava-lhes: "Qual a lição que você tirou daquela passagem?" Quando aqueles trabalhadores passavam por aquele jovem coberto de carvão, não tinham a mínima idéia de como o Senhor iria usá-lo para transformar a nação deles.

"O QUE JESUS FARIA?"

Evan era completamente diferente de todos os outros jovens da sua idade; ele nunca participava de esportes, diversão ou de brincadeiras vulgares. Trabalhava nas minas todos os dias, depois voltava para casa e caminhava quase dois quilômetros até a Capela Moriá. Com a idade de treze anos ele teve o seu primeiro encontro com Deus. E foi então que o jovem Evan Roberts se comprometeu ainda mais com o trabalho do Senhor. Uma frase simples, mas profunda, vinda do púlpito da Capela Moriá, mudou a vida de Evan. A frase "O que Jesus faria?" tornou-se a sua obsessão.

Mais tarde, quando ele se dedicou à obra do Senhor, ficava constantemente se perguntando: "**O que eu** tenho feito por Jesus?"

Ele dedicou a sua vida ao Senhor de forma tão intensa que lia tudo o que encontrava a respeito de Deus. Ele usou seu dinheiro para comprar instrumentos e, mais tarde, aprendeu a tocá-los. Na verdade, ele era bem-sucedido em quase tudo p que punha as suas mãos. E a razão disso era porque tudo o que ele fazia, fazia com inteireza de coração. Ele se sobressaía em qualquer aprendizado de negócio que lhe era oferecido e também em termos de caráter pessoal. Evan foi um engenhoso escritor, e chegou a ter vários de seus poemas e artigos publicados nos jornais de sua cidade.

Enquanto outros de seu grupo de idade estavam interessados em namoros, ele preferia ficar na igreja, discutindo as Escrituras com outros homens. Logo os líderes da sua congregação o encarregaram de começar um grupo de debates entre os jovens de sua idade, que se reuniam semanalmente. Entretanto, esses tempos de alegria foram abruptamente interrompidos, quando aconteceu uma explosão na mina onde Evan trabalhava. Os solteiros foram os primeiros a serem dispensados de suas funções e, por isso, em 1898, Evan começou a trabalhar na cidade de Mountain Ash, localizada ao norte de onde ele vivia. Quando ele deixou a sua casa, não tinha a mí-rima idéia do preparo espiritual que havia adquirido.

"MEU PEITO ESTÁ ARDENDO EM CHAMAS, ESPERANDO POR UM SINAL"

Naquele tempo, apenas algumas pessoas compreendiam o poder da oração. Muitos freqüentavam a igreja apenas como um compromisso moral e não espiritual. Entretanto, não era assim com Evan. Por causa de seu desejo especial pelo Senhor, entregou-se de corpo e alma a uma vida de oração e intercessão. E isso era tão verdade que aos vinte anos ele era conhecido por alguns como sendo um "místico lunático". As histórias a seu respeito se tornaram largamente conhecidas. Houve até mesmo boatos de pessoas que diziam tê-lo visto parado ao lado da estrada, em "es-r=do de transe", exprimindo profundos suspiros, enquanto seus lábios se moviam sem que se ouvisse o som de sua voz.[1] Também diziam que ele passava tanto tempo meditando na Palavra de Deus que geralmente se esquecia de jantar. Às vezes ele ficava acordado até altas horas da madrugada, orando e discutindo com algum amigo sobre avivamento.

Muitos pastores, preocupados, procuraram Evan para falar com ele sobre o seu estranho comportamento. Ele simplesmente lhes respondeu: "**Eu fui** movido pelo Espírito." Durante esse tempo, alguns amigos o apresentaram a um especialista, o Dr. Hughes. O médico então disse aos seus amigos que ele estava sofrendo de "fana-o religioso". Certo cristão disse o seguinte sobre Evan:

"Nós geralmente tínhamos um tempo de leitura e oração, antes de apagarmos as es. Naquelas ocasiões eu podia ouvir Evan clamando e gemendo em Espírito. Eu conseguia entender o que ele estava dizendo a Deus, e algum santo temor me mr>edia de lhe perguntar."[2]

Embora as pessoas não entendessem os métodos de Evan, o poder espiritual que ele transmitia era indiscutível. Certa ocasião, ele viajou para a cidade de Builith Wells para participar de uma reunião de oração para a qual havia sido convidado. O coração das pessoas estava comovido por causa do poder manifestado na oração de Evan. Após a reunião, o pastor veio conversar com ele e falou que devia considerar a possibilidade de trabalhar na obra do Senhor em tempo integral.

Ele pensou seriamente a respeito e respondeu ao chamado. Por meio de sua igreja, Evan foi convidado a pregar duas vezes em todas as doze congregações, e suas mensagens tiveram uma grande aceitação entre os irmãos. Ele confidenciou a um irmão que o seu segredo divino era: Pedi e ser-vos-á dado. Deposite toda **a** sua **fé na** promessa de Deus de lhe conceder o seu Espírito.[3].

Durante esse período, Evan escreveu a um amigo, dizendo: Tenho orado **a** Deus para que ele batize **a** mim e **a** você com o Espírito Santo.[4] Pouco depois ele ficou tão extasiado pelo Senhor que sentiu a sua cama tremer.

Então, depois dessa experiência, acordava todas as noites à uma da madrugada, "para se envolver em uma comunhão divina". Então, orava por umas quatro horas, tornava a dormir às cinco da manhã, e se levantava novamente às nove, para ficar orando até ao meio-dia.

Em dezembro de 1903, Evan sentiu em seu coração que Deus havia planejado um grande avivamento para o povo da comunidade galesa. Durante uma pregação na Igreja Moriá, ele disse: Eu levantei as minhas mãos e toquei labaredas de fogo. Meu peito está ardendo em chamas, esperando por um sinal.[5]



A Capela Moriá

Gostaria de chamar a sua atenção para uma coisa. O avivamento precisa estar ■dentro do seu coração, antes de chegar à igreja. Cada avivamento é único e não tem ■nada a ver com o anterior; mas com aquele através de quem ele começa.

Durante aquele tempo, todas as denominações do País de Gales estavam orando por um avivamento. A Igreja Moriá tinha uma forte linha calvinista e, por isso, Evan fcavia sido muito bem treinado na doutrina "homem, pecado e salvação". Os jovens seminaristas recebiam a orientação de que deveriam ouvir aos

grandes homens de suas denominações e imitar o estilo de pregação deles. Contudo, Evan era uma exceção. Embora tivesse sido aceito na escola bíblica, ele não conseguiu concluir seus estudos por causa do seu ardente desejo de orar e pregar.

"QUEBRANTA-NOS! QUEBRANTA-NOS!"

O ano de 1904 foi um ano de muitas lutas para Evan Roberts. Ele estava dividido entre fazer o que as pessoas esperavam que ele fizesse, ou seguir o que sentia que o Espírito de Deus o estava orientando.

Sidney Evans, seu amigo mais chegado, participou de uma reunião de oração e noltou de lá muito empolgado. Contou a Evan sobre como ele havia entregado totalmente a sua vida à obra do Senhor. A reação de Evan, contudo, foi bastante estranha. Temendo não ser capaz de receber o Espírito Santo de maneira completa, caiu em uma profunda depressão - um comportamento pelo qual ele seria conhecido durante todo o seu ministério. Ele estava tão consumido por esse pensamento que ninguém conseguia acalmar o seu coração.

Então, em setembro, alguns amigos o convenceram a ir com eles para ouvir o grande evangelista Seth Joshua. Sem que Evan soubesse de nada, o Rev. Joshua estava orando por anos para que Deus levantasse outro "Eliseu"; alguém comum, que fosse "revestido de poder". E Joshua recebeu exatamente o que pediu ao Senhor. Quando um poderoso avivamento veio por intermédio da liderança de Evan Roberts, os renomados pregadores da Inglaterra e do País de Gales tiveram de se curvar ante aquele rude trabalhador mineiro, para poderem ver as maravilhas de Deus.

Evan permaneceu calado durante todo o culto de Joshua. Entretanto, assim que ele começou a pregar "Quebranta-nos! Quebranta-nos!", o espírito de Evan se agitou dentro dele. Depois da reunião, o grupo foi para a casa de Joshua para tomar o café da manhã; mas Evan se recusou a comer. Ele estava extremamente tenso e sério, pois tinha medo de que o Espírito Santo viesse sobre ele e que ele não conseguisse recebê-Lo. Assim, mais uma vez, Evan caiu em depressão.

Em minha opinião, isso mostrou a falta de conhecimento de Evan em relação à maneira de agir do Espírito de Deus. Essa pressão tão forte e anormal que ele colocou sobre si mesmo só serviu para levá-lo ao erro, mais tarde na sua caminhada. Precisamos entender que o Espírito Santo jamais se imporá a qualquer pessoa. Ele nunca nos oferecerá algo que não tenhamos como receber ou nos pedirá para fazer alguma coisa que não consigamos. Também não quer torturar a nossa alma, nem pressionar-nos ou forçar-nos a viver isolados. Ele veio nos trazer poder para realizar a obra de Deus, e para conceder-nos ousadia, sensibilidade e força. Tudo o que temos a fazer e dizer-lhe: "Vem Santo Espírito". Se a nossa vida necessita de alguns ajustes, ele irá mostrar-nos as áreas necessárias, bem como o plano divino para transformá-las. O reino dos céus é justiça, paz e alegria (Rm 14.17); qualquer coisa além disso irá nos deixar desnorteados.

Evan deixou a companhia de seus amigos e voltou para a igreja onde o Rev. Joshua havia dirigido a reunião. E enquanto ele estava ali, começou a responder à oração que o Reverendo havia feito mais cedo. Evan clamava a Deus, dizendo: "Quebranta-me!" Quebranta-me!" E durante essa oração de total submissão, ele recebeu a revelação do amor de Deus. Naquele dia ele se rendeu à vontade de Deus e permitiu que a compaixão do Senhor o enchesse. A descrição que um dos seus amigos fez dele durante aquele período foi "uma partícula de rádio cujo fogo em seu interior estava ardendo".[6]

Embora por muitas vezes parecesse que Evan Roberts estava sendo guiado para as coisas de Deus de forma artificial, também se podia dizer que ele tinha um grande amor pelo Espírito Santo e por seu mover na terra.

UM BRAÇO ESTENDIDO **DA LUA**

De modo geral, Evan não era uma pessoa muito dada a visões. Entretanto, em outubro de 1904, ele teve essa experiência pela primeira vez.

Durante um passeio pelo jardim, em companhia de seu amigo Sidney Evans, Evan percebeu que o amigo estava em estado de choque, olhando fixamente para a lua. Então, Evan também olhou para o céu e perguntou: "**O** que você está olhando? **O** que está vendo?" Naquele momento, de repente, ele também viu. Era um braço estendido desde a lua, tocando o País de Gales, na terra. Evan já estava orando fervorosamente

havia algum tempo pelo acréscimo de cem mil almas para o reino de Deus e recebeu essa rara visão como uma resposta direta às suas orações.

Mais tarde, disse a Sidney Evans: "Tenho uma novidade maravilhosa para você. Tive uma visão de todo o País de Gales sendo levantado até o céu. Estamos prestes a testemunhar o maior avivamento que este país já viu - e o Espírito Santo está chegando. Precisamos estar prontos."[7] Depois disso, ele ficou ainda mais determinado a dar início ao seu ministério. Ele estava pronto a investir todo o seu tempo e dinheiro no trabalho que estava à sua frente. Seu lema de que "não podemos fazer nada sem o Espírito Santo"[8], estabeleceu a prioridade para o resto do seu ministério. As vezes essa sua posição era útil; outras, exagerada.

Zeloso pelo Espírito Santo, às vezes Evan parecia sair pessoalmente em Sua defesa. Certa vez, enquanto estava assentado, assistindo a um culto, colocou-se de pé de um salto, interrompeu o pregador, e acusou a congregação de falta de sinceridade e honestidade. Seus amigos ficaram preocupados com ele, enquanto outros o chamaram de lunático. E com a mesma rapidez com que ele se tornava exagerado, geralmente também voltava ao equilíbrio e orientava aos que estavam ao seu redor a buscar a paz com Deus.

AS CHAVES PERDIDAS

Finalmente Evan conseguiu permissão para iniciar uma série de reuniões. E o orue começou no dia 31 de outubro como uma pequena reunião na igreja, rapidamente se transformou num grande avivamento que durou por duas semanas!

O grupo começou com um pequeno número de crentes consagrados, que ouviram atentamente à mensagem de Evan. Desta vez, no lugar de pregar atrás do púlpi-), o jovem avivalista andava para frente e para trás, no corredor da igreja, pregando e fazendo perguntas aos ouvintes que estavam sentados nos bancos. Esse era um)cedimento desconhecido naqueles dias. O objetivo daquelas primeiras reuniões consagrar e treinar intercessores para o avivamento que estava por vir. E Evan alcançou o seu alvo. Ele cria que o avivamento viria através do conhecimento sobre o Espírito Santo, e que alguém deveria "colaborar" com esse Espírito para poder ope-nar com poder. Até mesmo as crianças foram ensinadas a orar pela manhã e à noite, rara que Deus "mandasse o Espírito Santo até a igreja Moriá, em nome de Jesus!"

Pouco depois o fervor dos cultos foi aumentando e Evan enviou uma mensagem ao colégio bíblico pedindo mais pessoas para ajudá-lo. Fortes movimentos de intercessão enchiam os locais de reunião durante cada culto e, muitas vezes, as reuniões passavam da meia-noite. Ouve uma ocasião que Evan passou a noite toda em oração com a congregação, e não voltou para casa até a manhã seguinte. Esse pequeno grupo de intercessores, dirigidos pelo jovem evangelista, transformou toda a comunidade. Algumas reuniões só terminavam por volta das quatro da manhã, com uma multidão esperando do lado de fora para a reunião de oração seguinte, às seis *àà* manhã. Em dois anos, todos os moradores do País de Gales conheciam o nome Evan Roberts.

Durante todo esse tempo de avivamento, Evan se recusou a ser reconhecido como o líder. Ee repreendia a qualquer um que o procurasse como tal, e se recusava terminantemente a ser fotografado. Conta-se que uma vez ele chegou a sconder atrás do púlpito, quando o fotografe» de um jornal veio para uma reunião munido ***ée*** uma câmera fotográfica. Por isso, as únicas íoíos que temos dele hoje são as que pertencem ***à*** família.



Alguém que esteve presente no avivamento que o que atraía as pessoas a Evan, "taimáis que qualquer outra coisa, era a genuí-humildade que ele demonstrava em todas as suas ações."[9] Seus cultos eram marcados por risos, choros, danças, alegria e quebrantamento. Em pouco tempo, os jornais começaram a dar .-sibilidade a essas reuniões e o avivamento se

r.: mou um acontecimento nacional.

À medida que os cristãos de todas as denominações adoravam a Deus juntos, debaixo do mover do Espírito Santo, as reuniões políticas foram canceladas, os jogos de futebol não tinham jogadores no gramado e nem torcedores nas arquibancadas. Os teatros fecharam por causa do baixo número de espectadores, o movimento das casas de jogos e de bebidas caiu e as barreiras doutrinárias começaram a desaparecer.[10] Até mesmo alguns repórteres se converteram naquelas reuniões. Ao mesmo tempo que o avivamento se espalhava com grande intensidade por todo o País de Gales, bares e cinemas iam sendo fechados. Ex-prostitutas passaram a freqüentar estudos bíblicos, as pessoas passaram a pagar suas antigas dívidas e aqueles que antes gastavam egoisticamente todo o seu dinheiro com bebidas alcoólicas, repentinamente passaram a sustentar os seus familiares, tornando-se assim, uma grande alegria para os seus.

Nas reuniões de avivamento no País de Gales não havia grupo especial de louvor, nem cerimônias especiais. Também não havia ofertas, hinários, nem departamentos eclesiásticos, nem dirigentes de louvor, tampouco propagandas pagas para divulgar o movimento. Líderes de denominações, sedentos por mais de Deus, freqüentavam as reuniões. Conta-se que em certa cidade, os pastores decidiram trocar de púlpito por um dia, na tentativa de derrubar barreiras denominacionais e promover a unidade no corpo de Cristo. Até as mulheres, que naquela ocasião ainda não podiam desenvolver nenhuma atividade pública na vida da igreja, foram convidadas a participar. Contudo, agora podiam ser vistas orando e louvando a Deus abertamente. Como conseqüência disso, Evan chegou até mesmo a encorajar a quebra de barreiras raciais e nacionais.

O avivamento no País de Gales se fundamentou em quatro pontos: (1) confessar todo pecado conhecido; (2) trazer à luz todos os "segredinhos" ou qualquer coisa duvidosa; (3) confessar o Senhor Jesus publicamente; (4) e empenhar sua palavra de que obedecerá totalmente ao Espírito Santo.

Evan Roberts descobriu as chaves do avivamento. E se aquelas chaves foram importantes naquela época, certamente o são hoje em dia. Creio que "arrependimento" é uma palavra um tanto quanto obscura na atualidade. Por causa de questões sociais e atitudes erradas, ela perdeu muito do seu significado. Algumas pessoas estão tão deslumbradas com a lei de Deus a respeito da graça e misericórdia, que negligenciam o restante das leis divinas. A graça e a misericórdia de Deus não nos dão licença para agir do jeito que a gente bem entender. Não vivemos debaixo de uma graça e uma misericórdia baratas.

A justificação que desfrutamos como crentes foi comprada pelo sangue de Jesus - um preço grande demais para se definir em palavras. Se não obedecermos, não a receberemos. O arrependimento nos trouxe para o reino de Deus, e é ele também que vai nos manter caminhando debaixo da nuvem do Senhor.

Além disso, devemos amar a Deus mais do que amamos a qualquer outra coisa. Quando eu era um garoto, fiquei surpreso ao deixar de jogar basquetebol. Afinal de contas, não há nada de errado com esse jogo. Entretanto, naquela ocasião, eu já sabia o que Deus havia me chamado para fazer. Abandonei esse esporte porque parecia que eu amava mais o basquetebol do que a oração. Deus já tinha planos para a minha vida, e eu concordei com eles; assim, a oração se tornou minha força inspiradora. Não há nada de errado em aproveitar a vida. Contudo, temos de ter certeza de que não amamos a vida mais do que amamos a Deus.

"DEUS ME FEZ FORTE E CORAJOSO"

As reuniões de avivamento de Roberts eram diferentes de qualquer outra que o País de Gales já havia presenciado. No começo de uma dessas reuniões, duas moças foram até o púlpito da igreja. Uma delas orou e clamou a Deus, pedindo que as pessoas se entregassem ao mover do Espírito Santo. Em seguida a outra, depois de dar o seu testemunho e cantar, não conteve as lágrimas e caiu em prantos. Eles chamavam isso de "aquecer o ambiente". Se a congregação manifestava curiosidade por saber por que Evan Roberts não havia voltado ao púlpito depois que as duas terminaram, bastava olhar para ele para entender. Ele estava de joelhos, chorando e clamando a Deus. Muitos diziam que não era a eloqüência de Evan que quebrantava as pessoas, mas, sim, suas lágrimas. Frank Bartleman, em seu livro *Azusa Street* (Rua Azusa), cita uma testemunha que disse: "Enquanto Robert caía prostrado no púlpito, por causa da sua intensa agonia, muitos desmaiavam no meio da platéia."

Durante as reuniões presididas por Evan, era muito comum ver os membros da congregação caírem de joelhos, de repente, e começarem a orar em alta voz. Era como se ondas de alegria e arrependimento enchessem a igreja. As mulheres se prostravam, de joelhos, e os homens se deitavam nos corredores

chorando, rindo e orando, tudo ao mesmo tempo. E enquanto durava esse mover do Espírito, não havia nem leitura da Bíblia e nem instrumento musical sendo tocado. Alguns se sentiam inspirados a se levantar e cantar hinos. Conta-se que os membros da congregação ficavam tão envolvidos com a presença de Deus que até mesmo se esqueciam de voltar a casa para jantar. Naqueles dias não se ouvia nada comparado a isso ao sul do País de Gales. Com o passar dos dias, o culto da noite se tornou uma incessante reunião de oração. Evan Roberts podia ser visto subindo e descendo o corredor da igreja, balançando os braços, batendo palmas e pulando.

Apesar de o sucesso dele ter se tornado o assunto do momento na nação, muitos ainda não sabiam o que pensar a respeito dele. Eles estavam acostumados às pregações exaltadas dos antigos ministros, e Evan nunca levantava a sua voz. Ele chegou até a ser chamado de "o pregador silencioso". Quando ele não sentia a unção de Deus para pregar, permanecia em silêncio. Em uma dessas ocasiões, Evan sentou-se na fileira de bancos da frente por umas três ou quatro horas e, depois, levantou-se e nregou por apenas quinze minutos.

Naquela época, a maioria das pessoas estava acostumada com pregadores de rosto sério, carrancudo; Evan, no entanto, era o oposto disso. Seu rosto estava cons-rantemente radiante. Uma vez, quando um pastor leu uma lista com o nome de trinta e três pessoas que haviam aceitado a Cristo, Evan abraçou-o cheio de alegria, e disse: "Isso não é simplesmente glorioso?"

Como resultado desse avivamento, as livrarias da cidade não conseguiam ter es-:oque suficiente de Bíblias. A própria indústria mineira galesa de carvão também rassou por algumas "transformações". E que os cavalos que trabalhavam ali haviam sido treinados a obedecer ordens que vinham seguidas de praguejamentos. Assim, com a conversão dos trabalhadores, perceberam que os animais precisavam ser treinados novamente, porque não entendiam as ordens sem que estivessem acompanhadas de palavrões.

E óbvio que havia as preocupações de sempre. E uma dessas era que as pessoas começaram a murmurar por causa da falta de ordem nos cultos. Evan trabalhava ininterruptamente, sem nenhum descanso. Quando lhe perguntavam se não estava cansado, respondia:

> "Cansado, eu? De jeito nenhum! Deus me fez um homem forte e corajoso. Posso enfrentar milhares. Meu corpo está cheio de eletricidade dia e noite e não preciso dormir antes de uma outra reunião."[11]

É documentado o fato de que Evan Roberts comia e dormia muito pouco durante os dois primeiros meses desse grande avivamento. Na verdade, ele dormia uma média de apenas duas ou três horas por noite.

"OBEDEÇA ESTA ORDEM: DESCANSE!"

Se temos o propósito de andar continuamente no Espírito, precisamos obedecer às leis universais instituídas por Deus. E uma dessas leis é cuidar do nosso corpo físico. Embora o Espírito seja mais forte que a carne, se não cuidarmos dessa carne, enquanto estivermos aqui no mundo, o corpo poderá sofrer um colapso, ou até mesmo vir a morrer. E se o corpo morrer, o espírito também terá de ir embora. Deus estabeleceu uma lei universal que diz que o nosso corpo precisa repousar e se alimentar de forma adequada. O próprio Deus descansou no sétimo dia, após concluir a obra da criação. E ele fez isso para estabelecer um princípio para nós seguirmos.

Quando estou debaixo da unção de Deus, todo o meu ser recebe os efeitos. Sinto o meu corpo fortalecido e submeto a minha mente à vontade de Deus. Por quê? Porque a unção traz vida. Entretanto, as exigências físicas do meu corpo continuam, eu estando ou não sob essa unção do Senhor. Meu sangue ainda precisa de oxigênio e nutrientes, e minha mente continua precisando de descanso. Afinal de contas, ainda não recebemos o nosso corpo glorificado. Por isso, avivalistas que têm maturidade *precisam* aprender a cuidar do seu corpo físico. Você *pode* viver no mundo espiritual e operar na unção, mesmo assim precisará descansar. Se não fizer isso, o desastre será apenas uma questão de tempo. O Espírito Santo nunca nos obriga a fazer alguma coisa - ele nos guia. Não conseguiremos ouvir a voz de Deus com clareza e segui-la, se o nosso corpo estiver fraco e exausto. Geralmente *pressão e necessidade estãc presentes quando o avivamento chega,* porque as pessoas tomam conhecimento da sua verdadeira situação espiritual.

Um avivalista precisa saber como *liderar* e também como *descansar,* para continuar a ser um instrumento importante para Deus. Creio que *um* dos principais motivos do ministério de Evan Roberts ter acabado tão cedo, foi o fato de ele não ter aprendido esse princípio.

E não demorou para Evan começar a demonstrar sinais de cansaço emocional. Entretanto, apesar da sobrecarga, ele continuou a ir de cidade em cidade rogando aos moradores que se preocupassem com os perdidos. Todas as vezes que os seus amigos falavam com ele sobre a necessidade de descansar, ele reagia negativamente. E apesar de o seu corpo estar se desgastando rapidamente, o poder de Deus que emanava dele continuava a alimentar a fome das pessoas. Um jornal noticiou certa vez que enquanto alguns gritavam, cheios de convicção de pecado, outros estavam literalmente tremendo.

MANIFESTANDO O DIVINO

Participar de uma daquelas reuniões dirigidas por Evan Roberts era uma experiência sobrenatural. Ele possuía a habilidade de introduzir as pessoas à presença do Espírito, de maneira que pudessem experimentar o Seu poder como se fosse uma força quase palpável. Ele fazia com que até o crente comum se tornasse consciente do mundo espiritual, principalmente na área de pureza e santidade ao Senhor. E já que ele raramente pregava, Evan permitiu que três cantoras - Annie Davies, Maggie Davies e S. A. Jones - viajassem com ele para participarem nas reuniões. Muitas vezes as canções que elas cantavam serviam de inspiração para a mensagem de Deus. E Evan repreendia a qualquer um que tentasse interromper os hinos. Ele cria que deveria dar ao Espírito Santo o papel principal nos cultos, e que ninguém tinha o direito de interromper o mover do Espírito. Sabia que, se permitisse uma interrupção, estaria aceitando o tipo errado de autoridade e de controle nas reuniões.

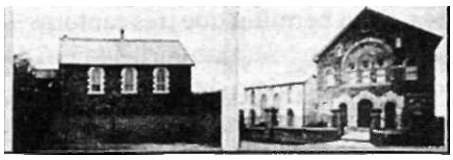
Para Evan, o Espírito Santo não era uma força invisível, mas uma Pessoa Divina, que tinha todo o direito de ser louvada, adorada e obedecida. Chegou ao ponto de que, quando uma ou duas pessoas na congregação pareciam não estar participando ativamente do culto, ele se colocava de pé, e dizia: "O Espírito Santo não pode se manifestar em nosso meio".[12] E muitas vezes chegava mesmo a ir embora da reunião.

Os moradores das cidades e de localidades vizinhas geralmente chegavam em grande quantidade para assistirem às reuniões. Em uma cidade, com uma população de umas três mil pessoas, geralmente mil apareciam para assistirem às reuniões. Se não chegassem a tempo de conseguir um lugar para sentar, permaneciam do lado de fora para poderem, pelo menos, dar uma olhada. Admirados, os repórteres dos j ornais comentavam que as cidades nunca haviam tido tantos visitantes como quando Evan Roberts as visitava.

Rapidamente a notícia desse avivamento espalhou-se por outros países. Pessoas ia Africa do Sul, antiga Rússia, índia, Irlanda, Noruega, Canadá e Holanda se apressaram para chegar ao País de Gales. Um grupo de americanos disse que estava ali só para poder dizer: "Eu estava presente quando os milagres aconteceram." Muitos \ieram porque queriam levar um pouco daquele avivamento de volta para seus países. Comentou-se que durante aquele tempo Frank Bartleman, um jornalista e evangelista da Califórnia, escreveu para Evan e perguntou-lhe o que deveria fazer para Levar o avivamento para os Estados Unidos. Eles trocaram correspondência durante muito tempo, e em cada carta Evan enviava alguns princípios sobre avivamento, ao



0! **Ysbryd Sanctaidd. tyrd ¡ lawr** I **qgoneddu Iesu** tnawr: **Plyg yr eglwysl wrth E¡ draed. A golch y byd mewn dwyfol waed.**



A Sra.Roberts, a casa de Evan em Loughor, o Sr.Roberts, o Sr. Evan Roberts, a Srta. Roberts e o Sr. Dan Roberts



Monumento a Evan Roberts



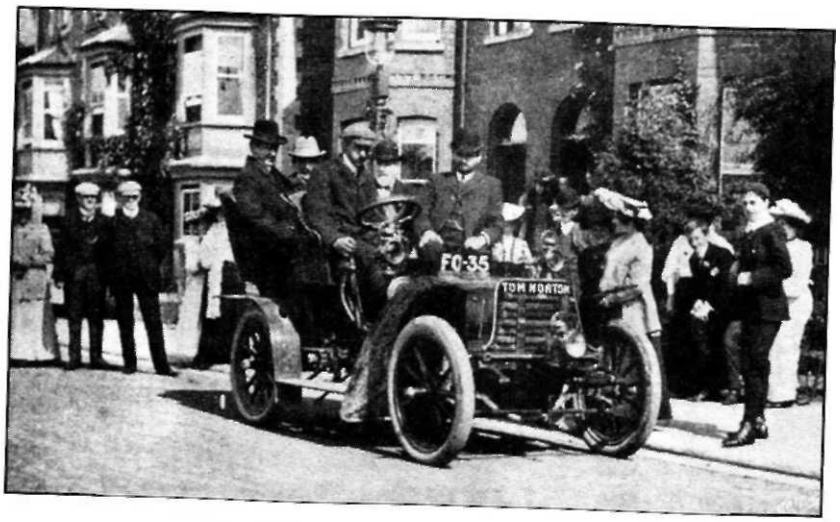
O Avivalista Galês



Roberts com as damas que cantavam em suas reuniões



Roberts lendo a Palavra



Evan Roberts (no banco traseiro) com amigos



Uma alma incendiada de paixão por Deus

mesmo tempo que o encorajava a buscar esse mover, garantindo-lhe, também, que o povo galês estava orando por eles. Mais tarde Bartleman se tornou um verdadeiro instrumento para escrever sobre os acontecimentos do Avivamento da Rua Azusa, que aconteceu no sul da Califórnia, em 1906. Não há dúvida de que o avivamento do País de Gales desencadeou em todo o mundo uma verdadeira fome de Deus.

CONFUSÃO E RUÍNA

Em 1905 a mente de Evan Roberts começou a ficar confusa. As críticas publicadas por um ministro Congregacional perturbaram bastante o jovem avivalista; mas ele não desistiu.[13] Evan dizia sempre que gostaria de participar dos "sofrimentos do Mestre". As vezes ele começava o culto de maneira gentil e alegre,

mas de repente, dava um salto, começava a acenar com as mãos e repreendia severamente aqueles que não estivessem com o coração puro; em seguida, ameaçava sair do culto. Evan comentou com seu amigo Sidney Evans que tinha medo de falar qualquer coisa que não fosse vinda do Senhor. Ele ouvia muitas vozes e, às vezes, não tinha certeza de qual era a de Deus, e quais eram provenientes de sua própria imaginação. Também estava constantemente examinando-se a si mesmo para ver se havia algum pecado não confessado em sua vida. O seu maior medo era de que as pessoas dessem a glória a ele e não a Deus.

Certa ocasião, quando ele estava na cidade de Neath, alguns participantes do avivamento ficaram surpresos e desapontados com a inesperada decisão de Evans de permanecer em reclusão por sete dias, na casa de seu anfitrião. Durante todo aquele tempo ele não recebeu nenhum visitante e nem falou com ninguém.[14]

A medida que o avivamento ia prosseguindo e as necessidades foram se tornando mais claras, Evan começou a agir através dos dons do Espírito Santo. Entretanto, por falta de conhecimento, o povo passou a chamá-lo de vidente, pois não entendiam como ele podia ser tão exato nas afirmações que ele fazia pelo poder do Espírito. Entretanto, em vez de parar de ensinar às pessoas a respeito dos dons do Espírito do Senhor, Evan simplesmente continuou a agir sob a poder dos dons.

Algumas vezes quando ele estava pregando, parava de repente, olhava para a galeria e exclamava que alguém lá em cima precisava de salvação. Dentro de segundos, alguém que estava naquele lugar caía de joelhos clamando a Deus em arrependimento. E isso acontecia freqüentemente nos cultos que ele dirigia.

Às vezes ele falava sobre algum pecado específico, no qual alguém ali estava vivendo, e chamava a pessoa para que se arrependesse imediatamente. Outras vezes ele via, em espírito, alguém lá fora, em grande agonia diante de Deus. Então ele saía imediatamente do culto, direto até o centro da cidade, e encontrava a tal pessoa de 'oelhos, clamando por Deus.

Entretanto, essas vozes que ele costumava ouvir, passaram a perturbá-lo grandemente. Porém, em vez de ouvir os conselhos dos líderes mais experientes, preferiu continuar seguindo apenas os sinais e a ignorar sua inquietação interior. Foi nessa época que Evan sofreu seu primeiro colapso emocional e foi obrigado a permanecer na casa de um amigo e cancelar suas reuniões.

"OBSTÁCULOS CHEGANDO... E INDO EMBORA"

Quando as pessoas ouviram que ele havia cancelado as reuniões, ficaram ofendidas e desapontadas. Por isso, apesar de gravemente cansado, Evan se deixou levar pela pressão e remarcou as reuniões.

Porém, como já era de se esperar, durante as reuniões ele ainda estava com a mente meio confusa e, por isso, acontecia de repreender severamente a multidão. Chegou até mesmo a apontar para os ouvintes e dizer: "obstáculos chegando", e, "obstáculos **indo** embora". As pessoas começaram a ficar mais preocupadas com os conflitos que ele estava demonstrando, do que com a fome que tinham de Deus. Depois disso, as reclamações e críticas sobre Evan começaram a "chover", vindas de todos os cantos do País de Gales. Passaram a chamá-lo de "hipnotizador", "exibicionista", e de "ocultista". Em resposta, Evan Roberts começou a condenar a todos na congregação, pelo coração frio de um ou dois que apareciam para as reuniões. Certa ocasião chegou até mesmo a condenar a "alma" de um homem, e proibindo qualquer pessoa de orar por ele.

As críticas e as acusações se espalharam como fogo. Todos os dias chegavam novos e cruéis ataques através dos jornais e de cartas. E em cada nova reunião apareciam muitos agnósticos que o chamavam, de maneira desafiadora, de "portador de fogo falso", ou de "profano". Os amigos tentavam justificar seu comportamento dizendo que ele era um jovem e inexperiente pregador e, por isso, sujeito a cometer "os erros da juventude".

Não demorou muito e Evan Roberts sofreu outra crise física e emocional. E para alegria dos seus críticos, cancelou todas as suas reuniões. Ele foi classificado de desequilibrado e, por isso, as pessoas que haviam se convertido durante o avivamento começaram a se perguntar se não haviam sido enganados pelo diabo.

Em resposta àquele seu estado, um psicólogo que o examinou fez o seguinte comentário: "Nosso organismo não pode suportar tantas tensões cruéis, e nem choques violentos e repetitivos, que deixam os nervos abalados e o corpo e o cérebro em um estado de total exaustão."[15] Depois disso, Evan entrou num período de silêncio.

GRANDE GLÓRIA, GRANDE PRESSÃO

Em decorrência da forte pressão por parte dos críticos, as pessoas que apoiavam Evan enviaram vários pedidos à sua secretária, pedindo que ele voltasse a ministrar. Então, após um curto espaço de tempo, ele concordou em aceitar os convites, e publicou no jornal o itinerário das reuniões.

No dia de sua primeira reunião, as ruas estavam abarrotadas de gente. Centenas de pessoas chegaram mais cedo para conseguirem um lugar. Quando estava quase na hora de começar, sua secretária subiu ao púlpito e leu uma nota de Evan, onde estava escrito: "**Diga às** pessoas **que eu não vou** poder comparecer **à** reunião. **O Espírito me** impede **de ir e, por isso, não posso** pregar."[16] Houve uma grande manifestação de revolta e desapontamento entre os presentes. Dessa vez, nem mesmo os amigos de Evan puderam apoiar esta alegada "direção do Espírito". Tudo o que puderam dizer era que ele estava sob forte pressão.

Evan se fechou em um lugar afastado para dedicar tempo à Palavra e à oração. Então, após mais um breve período de descanso, retornou ao ministério público. Dessa vez, porém, os resultados pareceram como os dos primeiros dias de avivamento. Evan viu a si próprio como "o mensageiro especial de Deus, que despertaria as igrejas para a sua tarefa de salvar a nação."

E novamente uma severa crítica se levantou. Evan, que já não era mais conhecido pela sua mansidão, passou a repreender abertamente a líderes renomados. Chegou mesmo a dizer, em uma igreja em que estava ministrando, que ela não estava "alicerçada na Rocha". E foi um duro golpe para os homens desta mesma igreja que, durante uma reunião souberam que Evan iria substituir o pastor ausente; ele precisou enfrentar centenas de homens insatisfeitos. Quando chegou, preferiu não subir ao púlpito. Em vez disso, ficou sentado, em silêncio, por duas horas. E como as críticas dos outros pastores presentes eram claramente ouvidas, Evan se levantou e deixou a capela. Quando o pastor da igreja retornou, prometeu que as reuniões continuariam em paz e pediu aos seus ministros que se conduzissem de maneira pacífica. Evan voltou, e quando assumiu o púlpito, sorriu e exortou-os a examinar Ezequiel 34, que fala sobre o verdadeiro Pastor.

Por causa da condição física debilitada de Evan, suas feridas emocionais se tornaram mais difíceis de serem curadas, e qualquer coisa o deixava perturbado. Tomava como ofensa pessoal quando ouvia falar de pessoas convertidas "afugentando o diabo" ou "seguindo curandeiros e profetisas". Por causa disso, ficava deprimido a maior parte do tempo.

O ponto crítico da decadência de Evan foi quando ele voltou para o norte do País de Gales, no verão de 1906. Ele foi convidado a participar de uma convenção de páscoa, em Keswick, para pastores e líderes de igreja. Foi lá que Evan falou sobre o seu "novo peso", que era a identificação com Cristo por intermédio do sofrimento. Depois dessa convenção ele ficou tremendamente desgastado e entrou em crise novamente.

ENTRA JEZABEL

Durante as reuniões de Keswick, a senhora Jessie Penn-Lewis, uma mulher rica e influente da sociedade inglesa, se apresentou a Evan. Ela também era uma pregadora, mas o seu trabalho havia sido rejeitado pelos galeses por causa de sérios conflitos doutrinários. Eles rejeitaram o seu ensino de "sofrimento" e cancelaram o seu ministério em sua nação.

Quando ela ouviu a mensagem de Evan sobre a cruz, decidiu associar-se a ele para conseguir a aprovação do avivalista. Ela confidenciou a amigos que Evan "havia sido muito machucado e que precisava de algum tipo de escape". Em seguida, convenceu Evan de que ela tinha uma excelente posição social e que ele era um excelente pregador, mas que vinha sofrendo injúrias por causa disso. E no seu estado de fraqueza, Evan sucumbiu à influência dela. Menos de um mês depois de estar sempre às voltas com Penn-Lewis, ele sofreu o seu quarto e mais grave colapso nervoso.



O Sr. e a Sra. Penn-Lewis

Cartas encontradas mais tarde mostraram que Penn-Lewis tinha segundas intenções para se aproximar de Evan Roberts. Ela usou o nome dele diversas vezes para defender seus próprios métodos e crenças, e também disse aos ministros do País de Gales que estava tão ferida pela opinião deles a respeito dela e de seus ensinamentos, que não pretendia voltar mais ali. E acrescentou que seria melhor para Evan que ele também se mantivesse afastado daquele país, porque ele, da mesma forma que ela, estava "muito machucado para conseguir fazer qualquer coisa".

Depois do que a Sra. Penn-Lewis disse, levou Evan rapidamente e em segredo, de trem, de sua amada terra natal e do lugar onde Deus o havia chamado. Ela e seu marido o levaram para o seu estado, Woodlands, na Inglaterra. Ali construíram sua nova casa, toda voltada para as necessidades do seu hóspede. Construíram um quarto para ele, servido por uma escada particular e com outro quarto anexo para ele fazer suas orações. E foi ali que o grande evangelista ficou confinado a uma cama.

PRIMEIRO REIS **21?**

Durante o tempo que Evan Roberts estava em Woodlands, Penn-Lewis o visitava diariamente. Ele a ouvia, cheio de respeito, enquanto ela lhe falava dos equívocos e julgamentos errados feitos por ele no decorrer do seu ministério. Entretanto, Evan não era capaz de discernir que tudo o que ela lhe dizia era baseado unicamente nas opiniões dela.

Certa vez, um pastor tentou ser recebido por Roberts, pois queria colher informações para colocar em um livro. Contudo, foi impedido por Penn-Lewis, e ficou muito irado ao ver o total controle que ela mantinha sobre os assuntos do pregador. Convencido de que ela havia destruído toda a efetividade do avivalista, escreveu-lhe dizendo que Penn-Lewis e todos aqueles que trabalhavam com ela haviam feito "de tudo para estragar a eficácia dele".[17] As cartas desse pastor foram interceptadas por Penn-Lewis e nunca chegaram às mãos de Evan. Outras cartas também ficaram sem nenhuma resposta, o que levou à ampla circulação de rumores sobre o desaparecimento de Roberts.[18]

Como Penn-Lewis o aconselhasse durante a sua reclusão, aproveitou para questioná-lo a respeito dos dons sobrenaturais que operavam através dele. Ela afirmou que a depressão dele havia sido causada por aquelas manifestações espirituais. E denunciando esses dons manifestos através de Evan, Penn-Lewis disse que, a não ser que ele tivesse convicção de que o seu "eu" já havia sido totalmente crucificado, ele tinha se enganado a respeito dos dons do Espírito. Assim, debaixo de grande condenação, Evan Roberts finalmente concordou que todas as operações sobrenaturais que ele havia experimentado não poderiam ser de Deus. Então concluiu que, além de ter confundido multidões, ele também havia sido enganado por aquelas manifestações sobrenaturais.

Influenciado pelos conselhos da Sra. Penn-Lewis, Evan decidiu que, daquele dia em diante, nunca mais acreditaria em nenhum mover sobrenatural. E concluiu que, para que o Espírito Santo pudesse agir através de qualquer cristão, seria necessário que ele ou ela possuísse uma sabedoria e uma experiência muito maior do que a que ele teve. O estado de depressão de Evan era extremamente delicado e foi só piorando por causa das constantes críticas e provocações de Penn-Lewis.

Fico imaginando se Evan não levou em consideração as milhares de pessoas que se chegaram a Deus e nasceram de novo por causa dos seus dons. Será que ele se esqueceu das multidões que vieram de outras nações para receber a sua ministração e, depois, levá-la de volta para ser ministrada em seus países? Creio que, sem dúvida, ele ouviu relatos tremendos de despertamentos, vindos dessas nações.

Também fico me perguntando se ele se lembrava das multidões, esperando nas ruas e desejosas de um toque, tudo porque ele tinha sido um canal de Deus, limpo, usado pelo Espírito Santo. Será que ele nunca pensou que o que provocou o seu distúrbio foi a sua falta de descanso, e não uma falta de consagração? Será que ele pensou que os erros que ele cometeu em suas fases de exaustão, eram capazes de anular todos os frutos do seu ministério?

Se algum dia ele pensou sobre isso, o pensamento nunca chegou a ser colocado em ação. Assim, o "equipamento" espiritual que ele havia recebido como resultado do seu chamado, ficou severamente danificado para qualquer manifestação futura.

PREGAR? NUNCA MAIS!

Defrontando-se com muitas críticas por causa da maneira com que agia com Evan Roberts, Penn-Lewis escreveu para um respeitado avivalista. Nessa carta ela dizia como ele necessitava ser "protegido" e que estava amadurecendo a um "nível bastante elevado, percebendo como havia sido enganado". Mais tarde ela escreveu a essa mesma pessoa, desta vez afirmando o quanto Evan havia crescido espiritualmente, e que podia ver como os dois haviam sido "especialmente treinados para uma obra muito especial".

Em minha opinião, parecia que a senhora Penn-Lewis estava usando a força e o chamado de Evan para se promover. Por meio de registros anteriores, sabia-se que ela não possuía nem o poder, nem o caráter e nem o chamado para fazer sozinha, o que vinha fazendo. Por isso, acredito que ela precisava de algo que pudesse provar sua eficácia espiritual; e esse "algo" foi Evan Roberts. Se ela conseguisse uma parceria com ele, depois seria fácil também compartilhar o seu púlpito.

Apesar de Evan permanecer isolado na casa de Penn-Lewis, um pastor e um amigo tinham permissão de visitá-lo. E à medida que o aconselhavam e oravam com ele, foram de grande influência para a sua recuperação. O amor deles ajudou a encorajalo espiritualmente. Entretanto, ainda levou um ano até que aquele pregador emocionalmente destruído fosse capaz de, fisicamente, se colocar de pé e andar.

Após um ano, um conselheiro médico disse a Evan que ele nunca mais deveria subir a um púlpito novamente. Poderia até fazer aconselhamentos informalmente, mas foi advertido a não pregar novamente. Obvio que, por outras razões que não apenas de saúde, Penn-Lewis concordou plenamente.

Sem saber das reais condições físicas de Evan, os galeses que haviam se convertido durante o avivamento estavam muito magoados, pois se sentiam abandonados pelo seu líder. Mais ou menos um ano depois da partida de Evan para Woodlan-ds, alguns amigos, preocupados, acusaram Penn-Lewis de que ela tinha sido muito reticente em revelar a natureza do relacionamento deles. Evan respondeu à desaprovação deles dizendo que estava ali por sua livre e espontânea vontade. Chegou mesmo a dizer que Penn-Lewis era "uma pessoa enviada de Deus" e que o trabalho dela só podia ser compreendido pelos "fiéis de Deus, cujos olhos foram abertos pelo Senhor".[19] Porém, infelizmente, mesmo tendo os seus olhos bem abertos, era Evan quem estava se recusando a ver.

ROMPENDO LAÇOS DE SANGUE

Logo depois disso, Evan começou a recusar receber até mesmo a visita de seus parentes mais chegados. Quando sua mãe ficou gravemente enferma, não lhe deram a notícia por causa de suas condições emocionais. Parece que quem decidiu isso foi Penn-Lewis. Porém, uma vez que seu pai veio visitá-lo, não foi ela, mas sim o próprio Evan quem se recusou a falar com ele. A razão que ele deu para não ver o pai foi que "havia sido separado para uma tarefa altamente espiritual e que, por isso, tinha sido obrigado a esquecer laços de sangue."[20]

Gostaria de mencionar algo muito importante aqui. *Nunca corte relações com sua família.* Quer queira, quer não, "olhá-los nos olhos" é extremamente relevante. Muito do que você é hoje, o é graças às orações de sua família. O velho ditado que diz que "o sangue é mais denso do que a água" é muito verdadeiro. Quando todas as forças do inferno se voltam contra nós, podemos contar com a nossa família para nos amar e se importar conosco, especialmente se fomos criados em um lar cristão. Quando rompemos nossos laços de sangue, estamos lançando fora parte da nossa própria herança. Por alguma razão, parece que os pregadores podem ser facilmente enganados nessa área, principalmente se acharem que sua família não é espiritual o bastante para eles. John Alexander Dowie também passou pela mesma situação, e por um certo período de tempo, chegou até mesmo a rejeitar o seu sobrenome. Nunca chegaremos a ser tão espirituais a ponto de nos esquecermos o que diz o mandamento da Palavra de Deus: "Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa; para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a terra" (Ef 6.2,3 - RC).

De acordo com as Escrituras, se você desonrar a sua família, perderá a sua paz e seus anos de vida poderão ser encurtados. Se você se acha muito espiritual para a sua família, então, ame-a ao ponto de querer elevar o seu nível espiritual; mas nunca desista dela.

GUERRA CONTRA OS SANTOS

Durante aqueles anos de reclusão, Penn-Lewis aproveitou-se da unção de Evan Roberts e escreveu vários livros. O primeiro deles, *War on the Saints* (Guerra contra os Santos), foi publicado em 1913. Ela afirmava que o livro havia sido resultado de seis anos de muita oração e experiência com a verdade. Acredita-se que tal obra tenha sido fruto do trabalho dos dois, mas ela recebeu os créditos sozinha. E ficou melhor assim. Planejado para ser um manual completo de respostas sobre problemas espirituais, o que essa obra veio a ser foi, em vez disso, um verdadeiro ajuntamento de confusão espiritual.

Mais ou menos um ano depois da publicação desse livro, o próprio Roberts o condenou. Ele disse a alguns amigos que tal obra era uma "arma fracassada que havia confundido e dividido **o** povo de Deus".

Embora mais tarde a opinião de Evan tenha finalmente mudado, durante os anos em que o livro *Guerra contra os Santos* estava sendo escrito, ele parecia encantado por Penn-Lewis. Ele disse: "Não conheço ninguém que tenha **o** mesmo conhecimento que ela tem a respeito de coisas espirituais. Ela é uma veterana em assuntos celestiais."[21] A essa altura da recuperação de Evan, a Sra. Penn-Lewis o convenceu de que o seu sofrimento havia sido um plano de Deus para equipá-lo no combate aos poderes satânicos, e treinar a outros para batalhar. Como resultado, ela o persuadiu a traduzir para o galês as revelações *dela* sobre batalha espiritual e também a escrever livretos dessas revelações em inglês.

E impressionante ver como um avivalista nacional, que antes fora tão forte e invencível pelo poder do Espírito Santo, pôde ser tão subjugado, dominado e enganado dessa maneira. Os relatos bíblicos sobre Elias e Jezabel, Sansão e Dalila continuam a se repetir através da história.

SERMÕES NAS SOMBRAS

A recém-formada equipe, composta por Roberts e Penn-Lewis, também publicou uma revista chamada *The Overcomer* (O conquistador), que foi idealizada por ela, onde Evan escrevia um artigo e ela o restante da edição. Para mim, essa revista era simplesmente mais uma ferramenta para ajudar Penn-Lewis na sua constante necessidade de conferir peso e popularidade ao seu trabalho. Ela atacava antigos grupos pentecostais e classificava suas práticas como sendo satânicas. Com uma lista de aproximadamente cinco mil assinantes, a revista circulou pela Grã-Bretanha, Europa, América do Norte, África do Sul, Coréia, e China.

Em finais de 1913, Penn-Lewis adoeceu e Evan escreveu a maior parte da revista, durante o tempo que ela ficou afastada. Mais tarde, alguns meses depois de ter a sua saúde recuperada, ela anunciou que estava fechando a revista, pois havia decidido rrabalhar com o que chamou de "Conferências dos Obreiros Cristãos", nas quais ela iria ministrar. Durante essas conferências, Evan ficaria em um local de oração e, de vez em quando, poderia aconselhar algum grupo. Ela justificou essa atitude dizendo que os médicos dele haviam dito que ele nunca mais deveria se colocar atrás de um púlpito. Assim, Evan se submeteu e usava seus dons apenas em aconselhamentos.

Um dos que participaram em um desses grupos de aconselhamento, disse o seguinte: "O que mais me deixou impressionado foi o discernimento preciso de Evan Roberts. Ele raramente se engana em seus diagnósticos e discernimentos espirituais."

Então, como podia alguém, que já havia sido tão invencível pelo poder do Espírito Santo, e que contestava a qualquer um que não concordasse, ser agora confinado a algumas simples sessões de aconselhamento?

Com o passar dos anos, as conferências de Penn-Lewis foram se tornando cada vez menos populares. Quando elas diminuíram, Evan encontrou uma saída na Escola de Oração, que surgiu por causa do "Relógio de Oração", instituído durante a Convenção de Swansea de 1908. Nessa escola, Evan ensinava como orar pela família, pelos pastores e pelas igrejas, e também escreveu artigos sobre os vários aspectos e categorias da oração. Muitos pastores comentaram que tudo o que sabiam sobre oração, haviam aprendido com os ensinamentos dele.

Evan "reviveu" quando começou a falar sobre oração; aquela escola acendeu uma nova chama dentro dele. Algum tempo depois ele desligou-se do Relógio de Oração e retornou secretamente para a sua vida pessoal de oração.

Por algum tempo, muitos se reuniram com ele no seu quarto de oração, na casa de Penn-Lewis. Depois, afastou-se do grupo e preferiu interceder sozinho, diante do Senhor. Certa vez comentou com um amigo: "Gostaria de alcançar um grau na oração onde minha vida não fosse nada mais do que uma constante oração, de manhã até a noite".

Evan vibrava com o seu chamado para uma vida de intercessão, e seu ministério de oração era direcionado aos crentes e líderes cristãos de todo o mundo. Quando um grupo de oficiais do Exército de Salvação francês lhe perguntou sobre batalha espiritual agressiva, ele respondeu:

> "Em Lucas não está escrito 'pregar sempre **e** nunca esmorecer'; mas, sim, 'orar sempre **e** nunca esmorecer'. Pregar não é difícil. Porém, enquanto você ora, está a sós, em algum lugar solitário, lutando numa batalha de oração contra os poderes das trevas. Fazendo isso você conhecerá o segredo da vitória."[22]

Acredito que essa declaração fortaleceu a decisão de Evan de deixar o ministério público. De fato, ele se tornou tão desprendido do gênero humano que não conseguia mais se relacionar com as pessoas. Penn-Lewis escreveu o seguinte a respeito dele: "As pessoas que estão ao redor dele não conseguem manter uma conversa com ele - mesmo se estiverem na mesma casa."[23]

Evan Roberts permaneceu morando na casa de Penn-Lewis durante oito anos.

A vida de Evan era muito complexa. Acho interessante o fato de que, mesmo que a Sra. Penn-Lewis tenha usado a influência do ministério dele em favor dos seus próprios interesses ocultos, Evan obviamente permitiu isso. Creio que no início ele não tinha muita escolha, por causa de suas condições de quase inválido. Entretanto, o jovem avivalista permaneceu na casa dela por um período de *oito anos.* Isso me deixa com um monte de interrogações. Será que a casa dela era uma espécie de "zona de conforto" para ele? Teria ele perdido toda a confiança em sua imagem pública? Por que ele não voltou para sua casa?

Será que suas crises emocionais fizeram com que ele se sentisse mais seguro com outra pessoa no controle? A única coisa da qual podemos ter certeza é que ele escolheu sair de cena da vida pública. E que a casa de Penn-Lewis era o lugar onde ele queria ficar.

"SERÁ QUE TEREMOS OUTRO AVIVAMENTO?"

Não se sabe exatamente como ou por que Penn-Lewis e Evan Roberts se separaram.

Primeiro, em 1920, foi falado que ele não estava mais contribuindo em nenhum dos escritos dela. Quando lhe perguntavam a respeito do sumiço dele, ela respondia: "É algo digno de nota o fato de que o Sr. Roberts não tenha mais tido condições de fazer parte do ministério. Entretanto, o seu trabalho está sendo realizado por outras pessoas."[24]

Então, algum tempo entre 1919 e 1921 Evan se mudou para Brighton, em Sussex, Inglaterra. Ele comprou uma máquina de datilografar e começou a escrever muitos livretos. Contudo, seus escritos eram desorganizados e muitas partes das Escrituras estavam citadas fora do contexto. Aqueles livretos nunca foram um sucesso.

Evan escreveu a vários amigos de sua terra dizendo de como nunca havia se esquecido do amor e do apoio deles. Naquela época a Inglaterra e o País de Gales estavam cruelmente divididos e Evan sabia que regressar à sua cidade não seria nada fácil sem o apoio e a permissão dos cidadãos do seu país. Além do fato de Evan haver saído de lá, os crentes que haviam se convertido no avivamento ocorrido ali ainda estavam feridos e ofendidos com o que haviam lido no livro *Guerra contra os Santos.* Para eles, era como se o seu líder houvesse contradito tudo aquilo pelo que havia batalhado. Agora os galeses não sabiam o que pensar do jovem avivalista. Achavam que conheciam o seu coração, mas não tinham como explicar suas atitudes.

Ele escreveu à sua denominação, parabenizando o pastor que havia sido empossado. O ministro ficou muito contente de receber a carta e perguntou se poderia publicá-la como forma de quebrar aqueles dez anos de silêncio de Evan. O avivalista permitiu e foi convidado a retornar ao País de Gales a qualquer hora que desejasse.

Em 1926, o pai de Evan Roberts caiu doente. Quando ele retornou para casa para visitá-lo, sua famüia o recebeu muito bem. Todos os membros estavam felizes em vê-lo e asseguraram que tudo estava perdoado. E enquanto ele estava ali, alguns membros de uma igreja o convidaram para pregar em uma reunião. Obviamente esquecendo-se dos conselhos do médico, Evan aceitou. E ao mesmo tempo em que a congregação ficou surpresa com a sua aparência de homem de meia-idade, também reconheceram o poder do Espírito Santo que ainda ressoava em sua voz. O povo ficou tão empolgado que começou a espalhar o seguinte boato por todo o norte do País de Gales: "Será que teremos outro avivamento?"

A Sra. Penn-Lewis faleceu em 1927, por causa de uma doença nos pulmões, e já havia algum tempo que Evan estava sentindo falta da sua terra. Assim, após a morte dela, voltou de vez para casa. E interessante notar que, embora ele tivesse começado a *visitar* a sua terra havia algum tempo, *mudou-se* da Inglaterra somente quando ?enn-Lewis faleceu.

O LUGAR FICOU CHEIO DE LUZ

O pai de Evan Roberts morreu em 1928. Durante o culto fúnebre, Evan fez algo inesperado. Quando as pessoas estavam tristes, falando sobre as qualidades do seu pai, o avivalista repentinamente interrompeu a cerimônia, e disse: "**Isto não é uma** morte, **mas sim** uma ressurreição. **E nós** vamos **ser** testemunhas **dessa**

verdade." Mais tarde, alguém fez o seguinte comentário sobre aquele acontecimento: "Naquele dia, parecia que tínhamos sido atingidos por uma descarga elétrica. A sensação era de que, se Evan tivesse continuado a falar, teria começado outro avivamento naquela hora."

E com certeza houve um breve avivamento. Os diáconos de Moriá convidaram Evan a participar de um culto especial, e quando ele decidiu pregar, a maravilhosa notícia percorreu todo o País de Gales. Os visitantes afluíam em grande quantidade para o norte do país, e os moradores locais correram para a igreja, logo após o expediente. Duas horas antes do início do culto a igreja já estava cheia. Do lado de fora, na rua, já havia se juntado uma grande multidão. Os jovens estavam ansiosos para ouvir o homem de quem seus pais haviam falado tanto. Então, Evan calmamente falou à multidão. Em seguida, saiu e falou também aos que estavam do lado de fora.

Durante esse breve período de tempo, ele visitou várias igrejas e exortou o povo contra a asfixia materialista que havia penetrado lentamente dentro da igreja. Certa vez, os pais de uma criança a trouxeram até o local de oração onde Evan se encontrava. Quando ele orou pela criança, "o lugar onde estavam encheu-se de luz e da presença de Deus", e os pais começaram a louvar ao Senhor em alta voz. Logo, logo alguns trabalhadores ali perto ouviram e deixaram o serviço para se juntarem a eles. Pessoas que estavam fazendo compras naquela mesma região também ouviram a comemoração e correram para o local, a fim de participarem. Em pouco tempo havia tal aglomeração de pessoas que os carros não podiam circular nas ruas. Segundo o relato de uma testemunha, Evan orou por cura e libertação e também profetizou. Entretanto, dizem que ele repreendeu abertamente alguém que tentou falar em línguas. Apesar disso, alguns chegaram a pensar que Evan Roberts havia se tornado pentecostal. Curas, conversões e orações respondidas foram os resultados mais comentados desse pequeno avivamento. Um ano depois, Evan desapareceu totalmente da vida pública.

UMA IMAGEM VAGA DO SUCESSO

Por volta de 1931, Evan já era um homem quase desconhecido e morava em um quarto que havia sido providenciado pela Sra. Oswald Williams. A única coisa que ela queria era garantir-lhe paz de espírito. Ele passou seus últimos dias escrevendo poesias e cartas para os pastores. Escrevia diariamente em seu diário e, como forma de passatempo, assistia a esportes e a filmes. Em maio de 1949, pela primeira vez na vida Evan teve de ficar de cama durante um dia todo. Nas anotações de seu diário, em determinado dia do mês de setembro de 1950, estava escrita a seguinte palavra: "doente".

Evan Roberts foi sepultado no dia 29 de janeiro de 1951, com a idade de setenta e dois anos. Foi sepultado em um pedaço de terra que sua família tinha no cemitério, localizado atrás da Capela Moriá, ao norte do País de Gales. Alguns anos depois, foi levantado um monumento em sua homenagem, em frente daquela igreja, em reconhecimento aos seus esforços no sentido de incentivar o avivamento.

Só o funeral dele já foi um marco. Centenas de pessoas que amavam Evan Roberts, mas que haviam perdido o contato com ele, no decorrer dos anos, compareceram e cantaram os hinos favoritos do avivalista.

Entre os muitos tributos dedicados a ele, o do *The Western Mail* (O correio ocidental) foi o que melhor o definiu. Estava escrito:

"Ele foi um homem que experimentou coisas singulares. Na sua juventude parecia que ele segurava a nação na palma de suas mãos. Ele agüentou pressões e passou por grandes mudanças no seu modo de pensar, mas suas convicções religiosas permaneceram firmes até o fim."

Com certeza, Evan Roberts foi um grande avivalista que teve nas mãos as chaves do despertamento espiritual. Ele conduziu um tremendo mover do Espírito no País de Gales. Entretanto, quarenta anos mais tarde não se podia encontrar nem mesmo um vestígio desse avivamento em sua terra. Isso iria permanecer simplesmente como uma lembrança no coração daqueles que experimentaram esse mover.

MAS, POR QUE APENAS "UMA LEMBRANÇA"?

Porque um homem sozinho não pode carregar o peso de um avivamento. Ele pode *liderar* o mover de Deus, mas as pessoas também têm de fazer a sua parte. Se o mover de Deus desaparece do meio do povo é

porque, em parte, as pessoas não perseveraram no que receberam. Portanto, estamos cometendo um erro se culparmos unicamente o líder.

Existe uma enorme quantidade de perguntas sem resposta a respeito da vida de Evan Roberts. Alguns acreditam que ele foi ordenado por Deus para um ministério público de apenas dois anos e, depois, foi chamado para gastar o resto de sua vida em oração e intercessão pelo mundo inteiro. Se isso fosse toda a verdade, creio que ele teria morrido como um homem muito feliz. Contudo, algumas poesias em tom depressivo foram encontradas escritas em seu diário. Quando ele estava em seus sessenta anos, ele se perguntava se ainda existia algum propósito em sua vida. Sua reação era uma mistura de "perdas pessoais, solidão e fracasso". Parecia que estava constantemente procurando saber qual o papel que ele deveria desempenhar.

Acredito que ele possuía as verdades espirituais que abalariam o mundo, mas estas verdades ficaram apenas em seu coração; parece que nunca encontrou realmente as chaves do equilíbrio emocional. Evan desejava que sua personalidade desaparecesse e, por isso, repetia sempre: "Eu não quero ser visto". Mesmo assim, em minha opinião, a fraqueza do seu estado emocional fez com que ele fosse mais visto do que se tivesse assumido a liderança com autoridade próprias do mover de Deus.

Para suportar o peso que vem com a liderança de um avivamento, especialmente para uma nação, todas as três partes do ser humano - espírito, alma e corpo - precisam ser fortalecidas. Assim, podemos perceber, por meio da vida de Evan, que avivamento é mais do que revelação espiritual. Fome espiritual e revelação estão sempre presentes nos despertamentos. Porém, somos mais do que seres espirituais. Por essa razão, o corpo humano e as emoções precisam ser fortalecidos através da Palavra de Deus, para podermos manter o avivamento na terra.

Seu trabalho para Deus não precisa, necessariamente, fracassar ou ser interrompido. Fortaleça o seu corpo, cuide da sua alma, e renda o seu espírito ao plano de Deus. Você *pode* ter avivamento em sua nação e fazer com que ele permaneça.

CAPÍTULO TRÊS, EVAN ROBERTS

Referências:

1 Brynmor Pierce Jones. *An Instrument of Revival: The Complete Life of Evan Roberts, 1878-1951* (Um instrumento de avivamento: a vida completa de Evan Roberts, 1878-1951). South Plainfield, NJ: Bridge Publishing, 1995,10.

2 *Ibid.,* 10-12,19.

3 *Ibid.,* 14.

4 *Ibid.*

5 *Ibid.,* 15.

6 Charles Clarke. *Pioneers of Revival* (Pioneiros do avivamento). Plainfield, NJ: Logos International, 1971, 26.

7 James Alexander Stewart. *Invasion of Wales by the Spirit Tlirough Evan Roberts* (A invasão do Espírito Santo no Pais de Gales, por intermédio de Evan Roberts). Asheville, NC: Revival Literature, 1963,28.

8 B. P. Jones. *An Instrument of Revival.* 26.

9 David Mattheus. J *Saw the Welsh Revival* (Eu testemunhei o avivamento gales). Kimmel, IN: Pioneer Books, 75.

10 J. A. Stewart. *Invasion of Wales by the Spirit Through Evan Roberts,* 64,65.

11 B. P. Jones. *An Instrument of Revival,* 41.

12 *Ibid.,* 58,59.

13 Charles Clark. *Pioneers of Revival, 29.*

14 David Matthews. J *Saw the Welsh Revival,* 115,116.

15 *Ibid.,* 92-98.

16 *Ibid.,* 109.

17 Eifion Evans. *The Welsh Revival of 1904* (O avivamento gales de 1904). Bridgend, Mid Glam, Wales: Evangelical Press of Wales, 1969.174.

18 David Matthews. J *Saw the Welsh Revival.* 115,116.

19 B. P. Jones. *An Instrument of Revival.* 168.

20 *Ibid.,170.*

[21] *Ibid.*, 169,170.
[22] *Ibid.*, 192.
[23] *Ibid.*, 198.

CAPÍTULO QUATRO

Charles F. Partiam

[24] *Ibid.*, 204.



"O PAI DO PENTECOSTE"

or ocasião da segunda vinda de Cristo, Ele encontrará a Igreja desfrutando do mesmo poder que tiveram os apóstolos e a Igreja Primitiva. O poder do Pentecoste é manifesto em nós. A religião cristã precisa ser demonstrada e o mundo deseja ver isso. Então, deixemos o poder de Deus ser evidenciado através de nós."[1]

Charles Fox Parham deu a sua vida para restaurar a verdade revolucionária da cura divina e do batismo com o Espírito Santo na Igreja. Os primeiros quarenta anos *éo* século XX foram profundamente impactados pela mensagem pentecostal desse liomem que mudou a vida de milhares de pessoas por todo o mundo.

Os milagres que aconteceram durante o ministério de Charles Parham são muito numerosos para serem documentados. Milhares encontraram salvação, cura, libertação e o batismo com o Espírito santo. Quando ele proclamou ao mundo, em 1901, gne "falar em línguas era a evidência do batismo com o Espírito Santo", as verdades do Pentecoste da Igreja Primitiva foram maravilhosamente restauradas. Contudo, o evangelista teve de pagar um alto preço por isso. A mesma reação impiedosa de perseguição e calúnia que Parham enfrentou durante a sua vida teria destruído outros de caráter mais frágil. Para ele entretanto, serviu apenas para fortalecer e au-xjentar ainda mais a sua sólida fé, cheia de determinação e propósito.

PREGAR ATÉ MESMO PARA AS VACAS

Charles F. Parham nasceu no dia 4 de junho, de 1873. Depois de seu nascimento, na cidade de Muscatine, Iowa, seus pais, William e Ann Maria Parham, se mudaram para o sul de Cheney, Kansas. Eles viveram como pioneiros americanos e verdadeiramente se consideravam como tais.

Além da vida dura de pioneiros que levaram, a infância de Parham foi particularmente difícil. Quando ele tinha apenas seis anos de idade, foi acometido de uma terrível febre que chegou a deixá-lo acamado. Durante os primeiros cinco anos de sua vida, sofreu de espasmos tão terríveis que sua testa chegou mesmo a aumentar muito de tamanho, fazendo com que sua cabeça ficasse exageradamente grande. Mais tarde, ao completar sete anos, sua mãe veio a falecer.

Embora tivesse outros quatro irmãos, ele sentiu uma enorme sensação de dor e solidão quando perdeu sua amada mãe. Suas recordações o deixavam melancólico e desanimado, ao pensar em todo o cuidado que

ela havia tido com ele, mesmo durante a sua enfermidade. Ao se despedir dele, pouco antes de partir para estar com o Senhor, ela olhou para ele com ternura, e disse: "Charlie, seja um bom menino". E ali, na presença de Deus e de sua mãe, ele jurou que um dia iria encontrá-la no céu.[2] Aquelas simples palavras causaram um profundo impacto na vida dele e, mais tarde, foram de grande influência em sua decisão de entregar a vida ao Senhor. Alguns anos depois, seu pai casou-se com uma jovem chamada Harriett Miller, que era muito amada pela família e sempre ajudou muito a todos eles.

Aos nove anos, Parham contraiu um tipo de reumatismo inflamatório que afetou todo o seu corpo. Quando aquela terrível enfermidade o deixou, sua pele estava completamente transparente. Nessa época, seus familiares descobriram que ele tinha solitária em seu organismo e, para combatê-la, teve de fazer uso de medicamentos tão fortes que o revestimento de seu estômago ficou todo danificado e, finalmente, destruído. Seu sofrimento com os remédios durou por um período de três anos, durante os quais seu crescimento ficou atrofiado.[3]

E foi também aos nove anos que Parham recebeu o seu chamado para o ministério. Pelo fato de ele e seus irmãos terem sido levados à escola dominical desde os seus primeiros anos, Parham teve o privilégio de ter consciência de Deus ainda muito cedo em sua vida. Mesmo antes de sua conversão, o pensamento que não lhe saía da mente era: "Ai de mim se não pregar o evangelho!"[4] (1 Co 9.16.)

Então, ele começou a procurar boa literatura para se preparar para o chamado de Deus. Apesar de na época Kansas não ser uma cidade moderna e não ter muitas livrarias disponíveis, começou a adquirir alguns livros de história e a estudá-los, juntamente com a Bíblia. E enquanto executava as suas tarefas e ajudava seus irmãos, encontrou outras maneiras de preparar-se para o ministério. Era fato conhecido que enquanto cuidava do gado da família, costumava pregar sermões eloqüentes sobre variados temas para os bois e as vacas, desde os relacionados ao céu até os que diziam respeito ao inferno.

ATINGIDO POR UM "RAIO"

Parham nunca reclamou por ter tido de estudar tanto por sua própria conta. Na verdade, isso até foi de grande vantagem para ele. Pelo fato de que havia tão poucas igrejas e pregadores no campo e, por outro lado, sem ter ninguém para ensiná-lo, Parham estudou a Palavra de Deus e procurou segui-la ao pé da letra. Não havia nenhuma interferência de teologia humana em sua doutrina e nem tradições com as quais discordar. Ainda muito novo, com menos de treze anos, ele havia ouvido sermões de apenas dois pregadores. E foi durante uma dessas reuniões que ele se converteu ao Senhor Jesus.

Para ele, era absolutamente necessário haver profundo arrependimento no coração do novo convertido; no entanto, na sua própria experiência, esse componente emocional estava ausente. Por isso, depois de buscar a salvação durante aquela reunião, ao voltar para casa começou a questionar sua conversão. Ele estava oprimido de tal maneira e com o coração tão pesado que não conseguia orar. Foi então que começou a murmurar o hino *I Am Corning to the Cross* (Estou vindo para a cruz) e, quando chegou ao terceiro verso, imediatamente teve a certeza de sua conversão. Mais tarde, escreveu o seguinte sobre essa sua experiência: "Brilhou **do** céu uma luz como **o** brilho do sol, e como **o** golpe de um raio isso penetrou em cada fibra **do** meu ser, de maneira emocionante."[5] E daquele momento em diante, Parham nunca mais teve dúvidas sobre a sua salvação.

"VOCÊ VAI PREGAR?"

Após a sua dramática conversão, Parham trabalhou como obreiro e professor na escola dominical. Ele dirigiu seu primeiro culto com a idade de quinze anos e obteve resultados bastante positivos. Pregou durante algum tempo e depois ingressou na Faculdade de Southwestern Kansas, com a idade de dezesseis anos.

Quando começou os estudos, Parham tinha realmente a intenção de entrar para o ministério. Contudo, começou a perceber o desrespeito e a aversão geral que o mundo secular tinha para com os pregadores, e isso o perturbou. Também começou a ouvir sobre as condições de pobreza que acompanhavam o ministério. Desencorajado por essas histórias, ele começou a procurar outras profissões com mais interesse. E logo Parham renunciou ao seu chamado e começou a afastar-se da fé.

Lembrando-se dos anos traumáticos de sua infância doente, ele começou a pensar que o campo da medicina seria um bom empreendimento. Então, passou a estudar para ser um médico. Entretanto, estava

sempre atormentado pela lembrança da promessa que fizera de se tornar um missionário. Não demorou muito e ele contraiu febre reumática.

Após padecer durante meses com o ardor da febre, um médico o examinou e disse que ele estava quase à morte. Aqueles meses acamados, entretanto, fizeram com que ele se lembrasse das palavras que um dia soaram em seus ouvidos: "Você vai pregar? VOCÊ VAI PREGAR?" Ele novamente teve desejo de responder a esse chamado, mas não queria viver nas condições de pobreza que pareciam inevitáveis ao ministério naqueles dias. Então, clamou a Deus: "Se o Senhor me enviar a algum lugar em que eu não tenha de pedir ofertas ou mendigar para viver, então eu pregarei."

Por causa de sua condição de saúde, Parham estava tão sedado pela morfina que não era capaz de pensar em mais nenhuma palavra para adicionar à sua oração. Por isso, começou a recitar a oração do Pai Nosso. Quando chegou na parte que diz: "... seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu" (Mt 6.10), sua mente se iluminou e ele contemplou a majestade de Deus. Ele teve um rápido vislumbre de como a vontade de Deus se manifestava em cada pequena parte da criação e compreendeu que era a vontade d'Ele curar. Então, ele clamou ao Senhor, dizendo: "Se a Tua vontade for feita em minha vida, então serei curado." Quando ele fez essa oração, sentiu um alívio imediato em cada junta do seu corpo e cada um dos seus órgãos foi curado. Apenas os tornozelos continuaram debilitados. Seus pulmões ficaram limpos e seu corpo foi restaurado.

Imediatamente após a sua recuperação, Parham foi convidado para participar de uma reunião evangelística. Nessa ocasião ele reafirmou a promessa que havia feito a Deus, e jurou abandonar a faculdade e entrar para o ministério, se Deus o curasse de seu problema nos tornozelos. Certo dia, enquanto rastejava debaixo de uma árvore, começou a orar e Deus curou imediatamente a parte do seu corpo que ainda estava enferma. Ele sentiu uma "poderosa corrente elétrica" atingindo seus tornozelos, curando-os por inteiro.[6]

UM "CAIPIRA" PODEROSO

Parham presidiu sua primeira reunião evangelística na Pleasant Valley School House, próxima de Tonganoxie, Kansas quando tinha dezoito anos. Ele era um desconhecido naquela comunidade do interior quando pediu permissão para promover um avivamento na sua escola. Assim, quando lhe deram a permissão, ele subiu a um lugar mais elevado, ergueu as suas mãos sobre o vale, e orou pedindo ao Senhor que todas as pessoas daquele lugar entregassem a vida a Deus.[7]

Na primeira noite da reunião, a freqüência já estava muito boa, mas a maioria não estava acostumada a participar ativamente. Assim, no início poucas pessoas responderam ao apelo. Entretanto, pouco antes de a noite terminar, muitos já haviam se convertido ao Senhor Jesus.

A família dos Thistlewaite assistiu a essa reunião e resolveu escrever à sua filha Sarah contando sobre tal evento. Ela havia crescido naquela cidade, mas estava estudando em Kansas City. Quando voltou para casa, as reuniões já haviam terminado, mas os membros da comunidade tinham providenciado para que Parham voltasse no domingo seguinte.

Na reunião, a refinada Sarah Thistlewaite ficou surpresa com o que viu. Parham parecia muito diferente dos pregadores cultos e ricos com que ela estava acostumada lá na cidade de Kansas. E quando ele subiu ao púlpito, não trazia escrito o sermão, como faziam os outros pregadores que ela conhecia. Na verdade, Parham nunca escrevia o que ele iria pregar; preferia confiar totalmente no Espírito Santo para lhe dar inspiração. Assim, quando Sarah ouviu a pregação do jovem evangelista, percebeu a sua falta de espiritualidade. Ela sabia que vinha seguindo a Jesus de uma forma "muito distante" e, por isso, tomou a decisão de consagrar a sua vida totalmente ao Senhor. Sarah começou a desenvolver uma amizade com Charles Partiam e não demorou muito para que aquilo que havia começado como um simples interesse, se tornasse algo sério com propósito de casamento.

DENOMINAÇÕES? NUNCA MAIS!

Quando Parham estava com dezenove anos de idade, foi convidado a pastorear a Igreja Metodista em Eudora, Kansas, o que ele fez com muita dedicação. Nesta época, ele também pastoreava em Linwood, nas tardes de domingo. Sarah e sua família freqüentavam essas reuniões regularmente.

A congregação cresceu bastante e um novo prédio teve de ser construído para acomodar as pessoas. Os líderes da denominação viram um grande futuro para Parham. Eles teriam lhe dado qualquer pastorado ou função, se ele tivesse se submetido à autoridade deles. Entretanto, nem tudo estava bem entre ele e a denominação Metodista. Parham havia feito um voto a Deus de que seguiria a orientação do Espírito Santo, independente de qualquer outra coisa que o homem lhe pedisse para fazer. Quando aconselhava os novos convertidos, orientava-os a procurar uma igreja que ficasse o mais perto possível de suas casas, mesmo que não fosse a igreja Metodista. Ele explicava-lhes que associar-se a uma denominação não era um pré-requisito para se ganhar o céu, e que as igrejas gastavam mais tempo pregando sobre suas denominações e líderes, do que sobre Jesus Cristo e Seus mandamentos. Isso causou muitos conflitos entre ele e a sua denominação. Certa ocasião, ele falou o seguinte, a respeito desses conflitos:

> "Experimentar as limitações **do** pastorado, e sentir a mesquinhez **do** sectarismo igrejeiro me faziam estar sempre em conflito com as autoridades superiores, e isso geralmente terminava em ruptura; então deixei **o** denomi-nacionalismo para sempre, mesmo sofrendo amarga perseguição por parte da igreja... Ah! Como é triste ver a mesquinhez de muitos que se dizem ser 'propriedade do Senhor'!"[8]

Os pais de Parham ficaram muito desapontados com essa atitude do filho, já que eram grandes mantenedores da igreja. Devido a isto, quando ele renunciou, foi procurar apoio na casa de amigos, que o acolheram como se fosse um filho.

Nessa época, Parham começou a buscar a direção de Deus para a sua vida. Muitas acusações caluniosas se levantaram contra ele e isso o deixou muito preocupado; afinal, as perseguições por causa de sua renúncia ao pastorado poderiam prejudicar para sempre o seu ministério. Então, certo dia, durante um momento de oração intensa, ele ouviu a frase: "... a si mesmo se esvaziou..." (Fp 2.7), e essas palavras o fortaleceram e encorajaram. À medida que o Espírito Santo estava continuamente lhe falando por intermédio das Escrituras, tomou a decisão sobre que rumo daria à sua vida: iria se dedicar ao evangelismo e não teria vínculo com nenhuma denominação. Decidiu que faria suas reuniões em escolas, salões, igrejas, tendas - em qualquer lugar que pudesse - e confiava em que o Espírito Santo se manifestaria de uma maneira poderosa.

Enquanto dirigia uma reunião na parte ocidental de Kansas, Parham escreveu para Sarah Thistlewaite, e a pediu em casamento. Ele a preveniu de que a sua vida era totalmente dedicada ao Senhor, e que era uma pessoa de futuro incerto. Porém, se ela era capaz de confiar em Deus juntamente com ele, eles deveriam se casar. Assim, Charles e Sara se casaram seis meses depois, no dia 31 de dezembro de 1896, na casa do avô dela.

CURA-TE A TI MESMO!

Quando o jovem casal começou a viajar, foram recebidos com grande aprovação pelas pessoas. Em setembro de 1897, nasceu o primeiro filho deles, a quem deram o nome de Claude. Entretanto, a alegria do acontecimento durou pouco, pois Charles foi acometido de uma grave doença do coração. Nenhum tipo de medicamento parecia funcionar e ele foi ficando cada dia mais fraco. E como se isso não bastasse, repentinamente o pequeno Claude foi atacado por uma febre altíssima. Os Parham oraram pelo bebê, mas nada acontecia; os médicos não conseguiam dar um diagnóstico para a febre dele e, por isso, não tinham como tratá-lo.

Nessa mesma época, Parham foi chamado para orar por um homem que também estava doente; assim, apesar do seu fraco estado de saúde, foi visitar o enfermo. Enquanto orava pela cura do doente, as palavras das Sagradas Escrituras: "Médico, cura-te a ti mesmo!" (Lc 4.23) vieram com força total ao coração de Parham e, enquanto orava, o poder de Deus tocou aquele mensageiro do Senhor e ele foi imediatamente curado.

Após aquela visita, ele voltou às pressas para a sua casa, segurou Sarah e contou a ela sobre a sua experiência; em seguida, orou por seu filho. Então jogou fora todo o medicamento, jurando que nunca mais confiaria em nada, a não ser unicamente na Palavra de Deus. A febre deixou o corpinho de Claude e ele cresceu sendo sempre um garoto forte e saudável.

Gostaria de dizer algo muito importante aqui. O ministério de cura de Parham sempre foi controvertido para aqueles que não o compreendiam. Ele vivia em um tempo quando os médicos, de modo geral, eram contrários ao Evangelho. Foi a sua *fé pessoal* que o inspirou a jogar fora seus medicamentos. Ele acreditava

que confiar totalmente nos remédios era negar o poder do sangue de Jesus e o preço que Cristo pagou na cruz. Quando a verdadeira revelação vem, é infalível e sempre produzirá resultados. A profunda revelação de Parham a respeito disso foi passada para sua família e, por essa razão, remédios estavam proibidos em sua casa. Contudo, ele deixava com cada um a decisão final de fazer uso ou não de medicamentos. Sempre haverá aqueles que seguem a inspiração de outros, sem ter qualquer revelação por eles mesmos. Por causa disso, temos visto segmentos do corpo de Cristo se recusando a tomar medicação e chamando de "pecadores" aqueles que usam remédios. Parham nunca ensinou isso; portanto, seria um erro culpá-lo, como muitos fizeram, pelos desvios que alguns crentes cometeram a respeito de cura divina.

O VOTO DE "VIDA OU MORTE"

Não muito depois de Parham e seu filho terem sido curados, o evangelista recebeu uma notícia muito triste. Dentro do curto espaço de apenas uma semana, dois de seus amigos mais chegados vieram a falecer. Assim, consumido pela dor, Parham correu para a sepultura deles. Aquele foi o dia que iria marcar o restante do seu ministério.

> "Quando eu me ajoelhei entre as sepulturas dos meus dois amados amigos, que poderiam ter sobrevivido se eu tivesse unicamente falado com eles sobre **o** poder curador de Cristo, fiz um voto de "vida ou morte" de que, daquele dia em diante, pregaria **o** Evangelho de cura divina."[9]

Parham mudou-se com sua família para Ottawa, Kansas, onde ele realizou a sua primeira reunião de cura divina. Durante o culto, ele corajosamente proclamou as cerdades da Palavra de Deus. Entre os presentes havia uma senhora que sofria de hidropisia, e a quem os médicos haviam dado apenas mais três dias de vida. Na-nquela reunião, porém, ela foi instantaneamente curada. Na mesma noite, outra jovem senhora, inválida, cega e padecendo de uma doença devastadora, semelhante à tuberculose, sentiu como se seu peito estivesse sendo rasgado e foi completamente curada. Deus também restaurou sua visão, e desde então, ela trabalhou até o fim dos seus dias como costureira.

As verdades sobre cura divina eram muito raras na Igreja naquele tempo. Dowie e Etter alcançaram grande sucesso, mas essas verdades eram quase desconhecidas **Ia** região de Parham. E apesar de os resultados serem inquestionáveis, muitos di-jiam que o poder manifestado através da vida dele vinha do diabo. Essas acusações levaram Parham a fechar-se em um quarto para poder firmar-se mais e mais na verdade. E quando ele estava orando e pesquisando as Escrituras, descobriu que a cura ■divina estava presente em todos os lugares em que ele lia na Bíblia. Então ele entendeu que a cura divina fazia parte da obra expiatória do sangue de Jesus tanto quanto a salvação, e daquele dia em diante, nem perseguição e nem calúnias nunca mais © incomodaram. Foi aí que lhe ocorreu uma idéia revolucionária: iria providenciar uma casa-refúgio para todos aqueles que estivessem procurando a cura divina. Ele içou totalmente eufórico com essa idéia.

UMA CASA "TODA DE FÉ"

Em novembro de 1898, no dia de Ações de Graça, nasceu a filha de Parham, a fuem ele deu o nome de Esther Marie. Pouco depois, ele inaugurou a sua casa de cora divina em Topeka, Kansas, à qual ele e sua esposa, Sarah, deram o nome de Ttetel". A idéia era providenciar uma atmosfera familiar para todos aqueles que confiavam em Deus para obterem a cura. Na parte de baixo dessa casa havia uma capela, uma sala de leitura e um escritório onde faziam impressão. Em cima, havia quatorze quartos com enormes janelas. Os Parham mantinham as janelas cheias de flores naturais, o que conferia à casa uma atmosfera linda e cheia de paz. Havia cultos diários na capela, durante os quais a Palavra de Deus era ensinada de maneira poderosa. E todos tinham a oportunidade de ter alguém orando por eles, individualmente, várias vezes durante todo o dia e também à noite.

A casa Betei também oferecia cursos especiais para pastores e evangelistas, a fim de prepará-los para o ministério. Este lugar de refúgio também se encarregava de encontrar lares cristãos para órfãos, e emprego para os desempregados.

Certa vez, um hóspede da casa Betei escreveu o seguinte:

"Quem poderia pensar em um nome mais doce que 'Betei'? Com certeza essa é **a** casa de Deus. Tudo aqui é conduzido com amor e harmonia. Quando entramos nos cômodos ficamos impressionados com **a** presença divina que irradia por toda parte... Toda ela é uma Casa de Fé."[10]

Inicialmente o boletim *The Apostolic Faüh* (A fé apostólica), publicado quinzenalmente por Parham, era mantido com o pagamento das assinaturas. Entretanto, ele mudou isso rapidamente pedindo aos leitores que lessem Isaías 55.1 e depois, contribuíssem conforme o Senhor os guiasse. O periódico publicava maravilhosos testemunhos de cura e muitos dos sermões pregados em Betei.

Charles Parham sempre acreditou que Deus iria suprir todas as necessidades financeiras da casa Betei. Certa ocasião, depois de um dia de trabalho árduo, lembrou-se de que teria de pagar o aluguel na manhã seguinte e que não tinha o dinheiro para cumprir com esse compromisso. Completamente exausto, olhou para o céu e disse a Deus que precisava descansar, e que sabia que Ele não iria decepcioná-lo. Logo no próximo dia, pela manhã, um homem apareceu na casa Betel e disse: "Nessa noite eu acordei de repente pensando em você e no seu ministério. E não consegui voltar a dormir enquanto não prometi a Deus que traria a você isto." Falando isso, entregou-lhe exatamente a quantia de que eles precisavam para o pagamento do aluguel.

Em outra oportunidade, Parham tinha apenas uma parte da quantia que precisava para saldar um compromisso. Então, pela fé, saiu em direção ao banco para pagar essa conta. Enquanto estava a caminho, encontrou um conhecido seu que lhe entregou uma certa quantia de dinheiro. Ao chegar ao banco, descobriu que a quantia de dinheiro que havia recebido era exatamente a mesma de que necessitava para pagar toda a dívida.[11] E, além dessas, ainda há muitas outras histórias incríveis da provisão financeira de Deus relacionadas ao ministério de Parham.

Em março de 1900 a família Parham foi abençoada com o nascimento de mais um filho, a quem deram o nome de Charles, como o pai. Agora a sua família havia se tornado um pouco numerosa para viver na casa Betei e, por isso, construíram uma casa pastoral. E juntamente com o crescimento numérico de sua família, a sede espiritual de Parham também estava crescendo. Assim, sentiu que deveria deixar um pouco

Betel e visitar outros ministérios. Ele passou a direção da casa para dois pastores da igreja Holiness, e foi visitar o trabalho de outros líderes que exerciam o ministério em Chicago, Nova Iorque e Maine. Quando voltou para casa, estava renovado e disposto, e com mais sede de Deus do que antes.

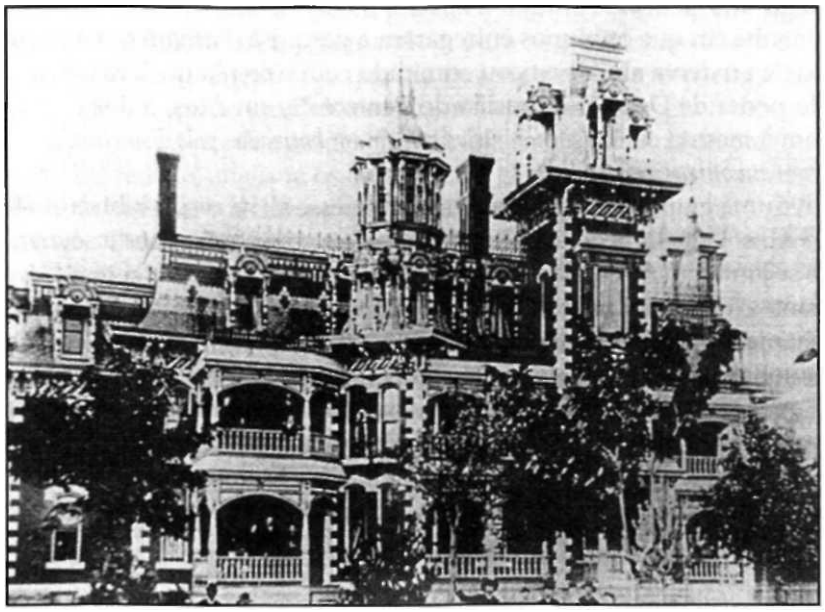
"Voltei para casa totalmente convencido de que enquanto muitos já alcançaram uma experiência de santificação e de unção que permanece, ainda existe um grande derramar do poder de Deus para os cristãos que vão viver nos tempos finais desta era/'[12]

Nessas palavras estavam contidas as sementes de verdades que Parham só viria a descobrir mais tarde.

ENVOLVIDA POR UMA AURA

Por causa do seu grande sucesso em Betei, muitas pessoas começaram a insistir com Parham para que abrisse uma escola bíblica. Assim, mais uma vez ele se afastou por um tempo de seus afazeres para dedicar tempo ao jejum e à oração. Então, em novembro daquele ano, conseguiu um belo prédio em Topeka, Kansas, com o propósito de começar ali um instituto bíblico. Ele deu-lhe o nome de "Stone's Folly" (Extravagância de Stone), pois era uma grande construção projetada para ser no estilo de um castelo inglês, que por falta de dinheiro, seu dono chamado Stone terminou a obra com materiais de segunda linha.

Essa construção tinha uma escada que ligava o primeiro andar ao segundo, construída em madeira de



A "Extravagância de Stone", Topeka, Kansas

cedro, cerejeira, bordo, e pinheiro. O terceiro andar, por sua vez, foi construído de madeira comum, pintada. O lado de fora era feito de tijolos vermelhos e pedras brancas, com uma escada em espiral que levava para um observatório. Uma outra passagem levava dali para um pequeno cômodo, ao qual deram o nome de Torre de Oração. Era ali o lugar onde, todos os dias, por um espaço de três horas, os estudantes se revezavam para orar.

Quando a "Extravagância de Stone" foi concluída, houve um culto de dedicação. Nessa ocasião, um homem olhou para fora da Torre de Oração e teve uma visão. Viu, sobre a construção, um "grande lago de águas cristalinas, quase transbordando, suficiente para satisfazer a necessidade de cada sedento."[13] Mais tarde entenderam que aquela visão era um sinal de coisas que estavam para suceder.

O instituto bíblico de Parham estava aberto para qualquer ministro cristão ou crente que estivesse disposto a "abandonar tudo". Quem ali chegasse tinha de estar pronto para estudar profundamente a Palavra de Deus, crendo no Senhor para suprir todas as suas necessidades. A fé do estudante era o único custo; todos tinham de crer que Deus supriria a cada uma de suas necessidades.

As provas eram feitas no mês de dezembro e abrangiam temas como arrependimento, conversão, consagração, santificação, cura divina e a volta de Jesus. Quando eles terminaram de estudar esses assuntos no livro de Atos, Parham deu aos alunos uma histórica tarefa: estudarem diligentemente as evidências bíblicas do batismo com o Espírito Santo e, em três dias, fazer um relatório de suas descobertas. Depois de passar essa tarefa, Parham deixou seus alunos e foi participar de uma reunião na cidade de Kansas. Depois, retornou para o instituto bíblico para a vigília da noite de Ano Novo.

Na manhã em que os alunos entregaram a pesquisa, Parham ouviu a leitura do trabalho de quarenta alunos e ficou admirado com o resultado. Durante a manifestação do poder de Deus, por ocasião do Pentecoste, em Atos, todos os estudantes chegaram à mesma conclusão: *Aqueles que foram batizados pelo Espírito Santo naquele dia falaram em outras línguas!*

Houve uma grande agitação e um novo interesse ali na escola bíblica em torno do livro de Atos. Um clima de expectativa encheu a atmosfera quando setenta e cinco pessoas se juntaram na escola para a vigília de Ano Novo.

Durante o culto, um frescor espiritual parecia cobrir a reunião. Então, uma estudante chamada Agnes Ozman, aproximou-se de Parham e pediu que ele impusesse as mãos sobre a sua cabeça, para que ela recebesse o batismo com o Espírito Santo. Ela cria que Deus a havia chamado para o campo missionário e queria estar equipada com o poder espiritual. Inicialmente Parham hesitou, dizendo a ela que ele mesmo não possuía o dom de falar em outras línguas. Entretanto, como ela insistisse, ele impôs as suas mãos sobre ela. Mais tarde Parham escreveu sobre o que aconteceu depois que ele cedeu ao pedido daquela aluna.

> "Eu mal tinha pronunciado algumas frases quando **a** glória do Senhor desceu. Era como se houvesse uma aura envolvendo **a** cabeça dela. Repentinamente aquela jovem começou a falar na língua chinesa, e nos próximos três dias, não conseguiu falar em inglês, apenas em chinês."[14]

Ozman testificou mais tarde que, enquanto ainda estava na Torre de Oração, havia recebido algumas daquelas mesmas palavras. Contudo, após a imposição de mãos de Parham, foi completamente inundada pelo poder sobrenatural de Deus.

LÍNGUAS DE FOGO

Depois de presenciar esse incrível derramar do Espírito Santo, os estudantes retiraram suas camas do dormitório que ficava na parte superior do instituto e o transformaram em uma sala de oração. Durante três dias e duas noites a escola rendeu-se diante do Senhor.

Em janeiro de 1901, Parham pregou na igreja em Topeka, compartilhando com as pessoas sobre as maravilhosas experiências que estavam acontecendo na "Extravagância de Stone". Ele disse que acreditava que muito em breve também estaria falando em outras línguas. Naquela noite, depois de voltar da reunião, um estudante veio procurá-lo e o levou até a sala de oração. Quando entrou, ficou surpreso ao ver ali doze pastores de outras denominações. Alguns estavam sentados, outros ajoelhados e outros em pé, com as mãos levantadas; e todos estavam falando em outras línguas. Alguns deles tremiam debaixo da força do poder de Deus. Uma idosa senhora se aproximou dele e contou-lhe como que, momentos antes de ele entrar na sala, 'línguas de fogo" haviam descido sobre a cabeça dos que estavam ali.

Completamente impactado pelo que viu, Parham caiu de joelhos atrás de uma mesa, louvando a Deus. Então, pediu a Deus a mesma bênção e, em seguida, ouviu claramente a voz de Deus chamando-o para se posicionar diante do mundo como um mensageiro. Significava que ele deveria revelar a verdade desse poderoso derramar do Espírito em todos os lugares em que fosse. Ele também recebeu uma revelação da severa perseguição que sofreria em decorrência da pregação dessa mensagem. Entretanto, analisou os custos de tal chamado e resolveu obedecer; exatamente como havia obedecido na questão da mensagem de cura divina. Foi nesse momento que Charles Parham também foi cheio do Espírito Santo e passou a falar em outras línguas.

> "Naquele exato momento, bem ali, senti algo como uma leve 'reviravolta' em minha garganta. A glória de Deus desceu sobre mim de tal maneira que comecei a glorificar ao Senhor em sueco, depois em outra língua e continuou assim por um bom tempo..."[15]

Logo a novidade do que Deus estava fazendo colocou o instituto bíblico no noticiário jornalístico, nas conversas dos professores de língua e dos intérpretes do governo. Eles compareceram às reuniões para poder falar ao mundo todo sobre esse mcrível fenômeno. Chegaram a um consenso de que as línguas faladas pelos estudantes do instituto eram as mesmas línguas faladas no mundo. Seus jornais publicavam notícias com letras garrafais, que diziam "Pentecoste! Pentecoste!" e os jornaleiros gritavam pelas ruas: "Saibam tudo sobre o Pentecoste!"

Em 21 de janeiro de 1901 Parham pregou seu primeiro sermão dedicado exclusivamente a falar sobre a experiência do batismo com o Espírito Santo, com a manifestação do dom de línguas.

PORTA PARA O SOBRENATURAL

Hoje em dia algumas pessoas costumam dizer que "o dom de línguas não é para os nossos dias". Entretanto, digo que somente quando os milagres, os sinais e maravilhas, e as manifestações do Espírito Santo forem coisas do passado, o falar em línguas também o será. Só então não teremos mais necessidade de falar em línguas estranhas. Contudo, enquanto estivermos no planeta Terra, todas essas coisas permanecerão. Ainda hoje o livro de Atos continua vivo na vida da Igreja. A única coisa que faz parte do passado é o sacrifício de ovelhas, porque Jesus satisfez o sistema sacrificial de derramamento de sangue e rasgou o véu que separava o homem de Deus.

O falar em línguas mostrará a vontade de Deus ao nosso espírito; não dependeremos mais do nosso intelecto ou da orientação de outras pessoas. "Saberemos", por nós mesmos, qual a vontade do Pai para a nossa vida. Às vezes nos sentimos limitados em nossa oração por causa de nossa linguagem natural, e geralmente não sabemos como orar por uma determinada situação. A Bíblia diz que "orar no espírito", ou em línguas, nos capacita a orar a perfeita vontade de Deus, em qualquer situação, porque orar em línguas nos coloca dentro do reino do Espírito. Podemos ir para o céu sem o batismo com o Espírito Santo, mas essa não é a suprema vontade de Deus para nós.

Existem muitas manifestações do falar em línguas na Bíblia. Primeiro, o dom de línguas pode se manifestar de maneira sobrenatural, mas que outras nacionalidades podem entender (veja Atos 2.8-11). Segundo, o dom de línguas pode ser manifesto por intermédio de uma pessoa em público e, em seguida, essa língua ser interpretada, o que traz edificação para as pessoas reunidas ali (veja 1 Coríntios 14.27, 28). Existe também a poderosa oração em línguas que irá edificar e desenvolver a nossa fé. Finalmente, orar no espírito trará ousadia, força e direção para a vida do crente. Orar em línguas é também uma das mais poderosas formas de intercessão espiritual (veja Romanos 8.26, 27; 1 Coríntios 14.4; Efésios 6.18 e Judas 20).

Se você ainda não experimentou o batismo com o Espírito Santo com a evidência de línguas estranhas, então busque a Deus fervorosamente nesse sentido. Falar em línguas não é destinado apenas a "alguns". Essa é uma experiência para *todos;* exatamente como a salvação. Se escolhermos entrar nessa medida da plenitude de Deus, nossa vida nunca mais será a mesma.

PATERNIDADE ESPIRITUAL

A essa altura da vida de Parham nunca havia existido "glória tão refinada" e tamanha paz em sua família. Ele viajou pelo país pregando as verdades do Espírito

Santo por intermédio de maravilhosas demonstrações do poder de Deus. Certa ocasião, durante um culto, ele começou a falar em línguas estranhas. Ao terminar, um homem na congregação se colocou de pé, e disse: "Fui curado de minha falta de fé; acabei de ouvir, em minha própria língua, o Salmo 23 que aprendi no colo da minha mãe."[16] Esse foi apenas um dos incontáveis testemunhos relativos ao dom de falar em outras línguas presente no ministério de Parham. E não demorou muito para que centenas e mais centenas de pessoas começassem a receber essas manifestações. Entretanto, juntamente com esse poderoso derramar do Espírito, veio também uma grande perseguição de calúnias por parte daqueles que desprezavam esse dom.

Em seguida, no dia 16 de março de 1901, uma tragédia se abateu sobre a família de Parham: seu filho mais novo, Charles, faleceu. A família ficou arrasada pelo golpe da perda, e a dor aumentou ainda mais quando seus opositores os perseguiram acusando-os de contribuir com a morte do próprio filho. Muitos dos que amavam *a* família, mas que não criam em cura divina alimentaram ainda mais a tristeza dos enlutados, começando a encorajá-los a abandonar a sua crença nessa área. Entretanto, através de tudo isso, a família Parham demonstrou uma tremenda força de ca-rarer mantendo o coração sensível ao Senhor, vencendo assim mais esse teste de fé. Como resultado, Parham continuou pregando o *miraculoso* Evangelho de Cristo por todo o mundo, com mais fervor ainda.

Alguns meses antes do final de 1901, o local onde funcionava o instituto bíblico em Topeka foi pedido de volta a Parham e vendido para uso comercial. Ele advertiu aos novos compradores de que se eles usassem a escola para propósitos seculares, o prédio seria destruído. Eles, entretanto, ignoraram suas palavras proféticas. Contudo, no final de dezembro, chegou até Parham a notícia de que o edifício havia sido totalmente destruído em um incêndio.

Depois que a "Extravagância de Stone" foi vendida, a família Parham mudou-se para a cidade de Kansas, onde alugaram uma casa. Foi nessa época que Charles Parham começou a realizar reuniões por todo o país, e centenas de pessoas de todas as denominações foram curadas e receberam o batismo com o Espírito Santo. E

como acontece com todo avivalista pioneiro, Parham era ou totalmente amado ou totalmente odiado pelas pessoas; mas todos reconheciam sua personalidade alegre e seu «ooração amoroso. Um jornal da cidade de Kansas publicou o seguinte sobre ele: "Independentemente do que se possa dizer a seu respeito, Charles Parham tem atraído miais atenção para os assuntos relacionados à religião do que qualquer outro pregador durante muitos anos."[17]

Foi também no ano de 1901 que Parham publicou o seu primeiro livro, *A* feio? *Crying in the Wilderness* (Uma voz clamando no deserto), cheio de sermões sobre salvação, cura divina e santificação. Muitos pastores em todo o mundo estudaram esse livro, bem como ensinaram através dele.

Em junho de 1902, a família Parham foi agraciada com a chegada de mais xm membro, Philip Arlington. Nessa época Charles Parham havia se tornado um pai para o derramamento Pentecostal e, nesse sentido, estava sempre atento aos seus alhos espirituais, para ajudá-los a crescer na verdade. Em 1903 ele teve sua primeira experiência com o fanatismo, quando pregou em uma igreja onde ocorreram manifestações extravagantes e carnais. A experiência iria adicionar uma nova dimensão em sua pregação. Embora ele nunca tenha permitido ser chamado de líder do Movimento Pentecostal, sentia-se pessoalmente responsável por cuidar que o batismo com o Espírito Santo fosse ministrado de acordo com a Palavra de Deus. Por essa razão ele se empenhou em conhecer a personalidade do Espírito Santo e pregava fortemente contra qualquer coisa contrária ao que ele havia aprendido. E bem provável que tenha sido esse seu zelo que o tenha levado a falar contra a manifestação da Rua Azusa, alguns anos mais tarde.

"ELE PREGA SOBRE GRANDES PORÇÕES DA BÍBLIA"

No outono de 1903, a família Parham mudou-se para Galena, Kansas, e montou uma grande tenda ali, que comportava duas mil pessoas. Contudo, ainda era muito pequena para acomodar a multidão. E com a chegada do inverno, tiveram de alugar um prédio maior; entretanto, mesmo assim, as portas tinham de permanecer abertas durante os cultos, para que os que se aglomeravam do lado de fora pudessem participar. Um grande número de pessoas afluiu a Galena, vindas de cidades vizinhas, atraídas pelas fortes manifestações do Espírito e centenas foram miraculosamente curadas e salvas.

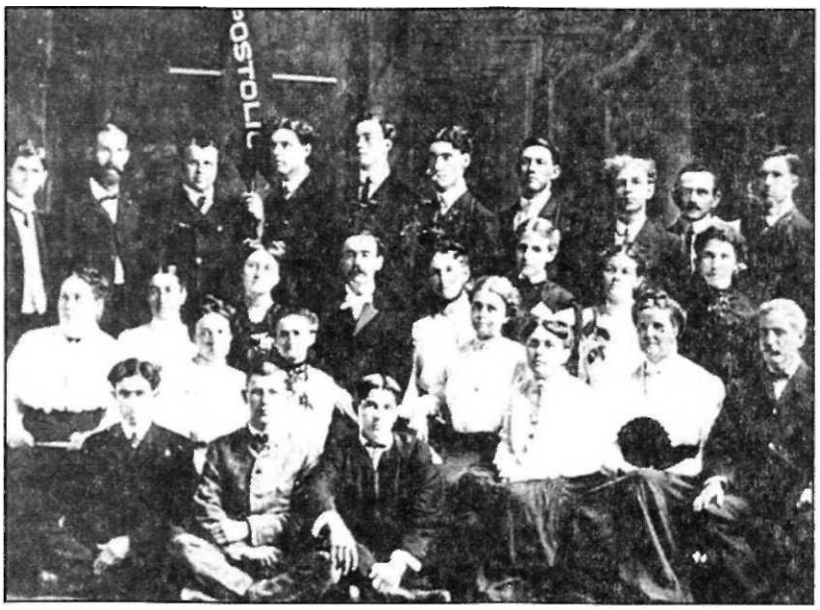
Naqueles dias, pelo fato de muitos virem para as reuniões para serem curados, a solução foi entregar às pessoas um cartãozinho, no qual havia um número escrito, que funcionaria como uma espécie de senha. O procedimento era o seguinte: durante o culto, alguém chamava os números de maneira aleatória e aqueles que portassem os cartões com os números chamados, receberiam oração de cura divina. Desse modo, todos teriam as mesmas chances de terem seus números chamados. Esse procedimento, entretanto, não agradou Charles Parham por muito tempo e, por isso, ele parou com essa prática e decidiu que oraria por todos os que viessem, independentemente do tempo que isso fosse levar.

Dois jornais da época, o *Joplin Herald* (Mensageiro de Joplin) e o *Cincinnati Inquire?* (O inquiridor de Cincinnati) declararam que as reuniões que Parham realizava em Galena eram a maior demonstração de poder e milagres desde os tempos dos apóstolos. Eles escreveram: "Muitos vão às reuniões com a intenção de zombar, mas acabam ficando para receberem oração."[18]

Em 16 de março de 1904 nasceu Wilfred Charles, mais um filho para os Parham. Um mês depois do seu nascimento, Charles mudou-se com a família para Baxter Springs, Kansas, e continuou realizando grandes reuniões em todo o estado.

Parham sempre advertiu às pessoas a nunca chamá-lo de "curandeiro", relem-brando-lhes de que ele não tinha poder para curar, da mesma forma que não tinha poder para salvar. Um observador disse o seguinte: "O irmão Parham pregou a Santa Palavra de Deus com total franqueza, fazendo uso de grandes porções da Bíblia; pregou verdades duras, mas verdadeiras o suficiente para tirar a venda dos nossos olhos."[19]

As reuniões de avivamento sempre foram muito interessantes. Parham era conhecido como alguém que tinha um amor muito grande pela Terra Santa; em seus



O Instituto Bíblico de Parham, 1905



Equipe Evangelística, Texas, 1905

ensinamentos, ele sempre mencionava a importância desse lugar. Assim, além dos muitos milagres, geralmente expunha uma enorme quantidade de vestimentas típicas daquela região, que ele havia colecionado no decorrer dos anos. Os jornais sempre destacavam favoravelmente esse aspecto do seu ministério.

Em 1905 Parham viajou para Orchard, no Texas, em resposta aos incessantes convites feitos por parte de alguns crentes que haviam assistido às suas reuniões no Kansas, e estavam orando fervorosamente para que ele viesse até à cidade deles. Enquanto ele ministrava ali, houve um derramar do Espírito tão grande que inspirou Parham a começar os seus "impactos": uma série de reuniões estrategicamente planejadas para alcançar todo o país. Quando Parham retornou para Kansas, muitos se ofereceram para ajudar naquele grande projeto.

TUDO É GRANDE NO TEXAS!

O primeiro "impacto" foi planejado para a cidade de Houston, Texas. Charles Parham e mais vinte e cinco auxiliares realizaram essa reunião em um local chamado Salão Bryn, onde foram apresentados como não-denominacionais, convidando a todos aqueles que desejassem experimentar mais do poder de Deus. Os jornais vibraram com a novidade dos trajes típicos da Terra Santa, usados por Parham. Quando escreveram notas a respeito do evento, seus comentários sobre os milagres sempre foram favoráveis.

Depois dessas reuniões, Parham e seu grupo realizaram grandes desfiles, marchando pelas ruas de Houston vestidos com seus trajes típicos da região da Palestina. Os desfiles ajudaram a despertar o interesse de muitas pessoas que acabaram vindo assistir às reuniões da noite. Quando os "impactos" terminaram, a equipe de Parham retornou para Kansas louvando a Deus pelos excelentes resultados.

Por causa da grande exigência do público, a equipe acabou voltando a Houston. Dessa vez, entretanto, sofreram uma grande perseguição. Muitos dos auxiliares de Parham foram envenenados durante uma das reuniões e ficaram muito doentes, sofrendo com dores horríveis. Sem demora, contudo, Parham orou por cada um, e foram completamente curados.

O próprio Parham foi ameaçado várias vezes, mas sempre conseguia escapar. Certa vez, durante uma de suas pregações, pediu um copo de água para beber. Enquanto estava no púlpito, sentiu uma dor terrível que o fez curvar-se. Entretanto, orou a Deus e a dor o deixou instantaneamente. Mais tarde, quando o composto químico da água do seu copo foi examinado, descobriu-se que ali havia veneno suficiente para matar uma dúzia de homens.[20]

Sem intimidar-se pela perseguição, o destemido mensageiro de Deus anunciou a inauguração de uma nova escola bíblica em Houston. Assim, no inverno de 1905, ele transferiu a sede do ministério para aquela cidade. A escola ali era mantida com ofertas, da mesma forma que a de Topeka. Não havia mensalidade no instituto e cada estudante tinha de confiar em Deus para as suas próprias despesas. Conta-se que eles adotavam um estilo basicamente militar na escola, e que cada pessoa compreendia muito bem como trabalhar em harmonia entre si.[21]

Parham nunca teve a pretensão de que as escolas fundadas por ele fossem seminários teológicos; eram centros de treinamento onde se ensinavam as verdades de Deus da maneira mais prática possível, com a oração como o ingrediente chave. Muitos dos que ali passaram, ao concluírem seus estudos, saíram pelo mundo para servirem a Deus.

Foi na cidade de Houston que Parham conheceu Seymour. Até essa época a lei Jim Crow proibia negros e brancos de freqüentarem a mesma escola; por isso, as classes de Parham eram compostas apenas de brancos. Os negros nunca haviam solicitado ingressar nas escolas, até que surgiu Seymour. A sua humildade e fome pela Palavra de Deus moveu o coração de Parham e ele decidiu ignorar as regras racistas daqueles dias. Seymour conseguiu uma vaga na escola, onde pôde experimentar as verdades revolucionárias sobre o batismo com o Espírito Santo. Mais tarde, William Seymour se tornaria o líder da Missão da Rua Azusa, em Los Angeles, Califórnia.

Depois que a histórica escola de Parham, localizada em Houston, encerrou suas atividades, ele se mudou com a família para Kansas. Em 01 de junho de 1906 nasceu Robert, o último filho de Sara e Charles.

Parham continuou realizando reuniões por todo o país e, a cada dia, era mais requisitado. Foi nessa ocasião que ele recebeu algumas cartas de Seymour pedindo-lhe que viesse até a Missão em Los Angeles, na Rua Azusa, para ajudá-lo. E que manifestações espiritualistas, forças hipnóticas e contorções corporais estavam acontecendo nas reuniões e fugindo completamente ao controle. Disseram que Seymour "pedia que o Sr. Parham viesse o mais rápido possível para ajudá-lo a discernir o verdadeiro do falso."[22] Entretanto, em vez de atender a esses apelos, Parham sentiu-se orientado por Deus a realizar uma cruzada na cidade de Sião, Ilinóis.

ANDANDO SOBRE AS ÁGUAS DE SIÃO

Quando Parham chegou à cidade de Sião, encontrou os irmãos ali em uma situação muito difícil. Seu líder, Dowie, estava com o ministério bastante desacreditado e outras pessoas estavam a ponto de assumir a liderança da cidade. Havia uma grande opressão pairando sobre aquele lugar porque pessoas de várias nações e de várias classes sociais haviam investido todo seu futuro nas mãos de Dowie. Desencorajadas e

falidas, elas não tinham mais nenhuma esperança e Parham viu essa situação como uma grande oportunidade de introduzir o batismo com o Espírito Santo a Sião. Ele não imaginava uma bênção e nem uma alegria maior do que poder apresentar a eles a plenitude do Espírito.

Ao chegar a Sião, enfrentou grande oposição e não conseguiu providenciar um local para realizar as reuniões. Parecia que todas as portas estavam fechadas. Finalmente ele foi convidado pelo gerente de um hotel e pôde, finalmente, realizar a sua reunião em uma sala particular. Na noite seguinte, duas salas e um corredor ficaram abarrotados e, daí em diante, o número de pessoas que compareciam às reuniões só foi aumentando.

E logo Parham começou a realizar reuniões nas melhores casas da cidade. Uma dessas casas pertencia ao escritor e grande evangelista de cura divina, F. F. Boswor-th. A casa dele se tornou, literalmente, em uma casa de reuniões durante a estada de Parham na cidade. Todas as noites ele realizava cinco reuniões, em cinco lares diferentes, todas começando às sete horas da noite. Quando seus ajudantes chegavam, ele ia de reunião em reunião pregando, dirigindo rapidamente para ter certeza de que conseguiria chegar a tempo em cada uma delas. Como resultado, centenas de pastores e evangelistas saíram de Sião cheios do poder do Espírito para pregar a Palavra de Deus, operando sinais e prodígios.

Embora Sião fosse uma comunidade cristã, parecia que a perseguição a Parham era ainda maior ali. Jornais seculares provocaram um ataque repentino na mídia mencionando que o "profeta Parham" estaria tomando o lugar do "profeta Do-wie".[23] O próprio Dowie veio a público para criticar a mensagem e as atitudes de Parham. O novo Supervisor Geral de Sião, Wilbur Voliva, estava ansioso para que Parham deixasse a cidade. Voliva chegou mesmo a escrever a Parham perguntando-lhe quanto tempo pretendia ficar na cidade de Sião; sua resposta foi: "Ficarei o tempo que o Senhor quiser que eu fique."[24]

Em outubro de 1906, Parham sentiu que já era hora de deixar Sião, e apressou-se a ir para Los Angeles, para atender ao chamado de Seymour.

A HISTÓRIA DE LOS ANGELES

Algumas pessoas contaram a Parham que Seymour chegou a Los Angeles com um espírito de humildade. Aqueles do Texas que se mudaram para Los Angeles juntamente com Seymour ficaram impressionados com as suas habilidades; era claro que Deus estava realizando uma obra maravilhosa na vida dele. Entretanto, também era claro que Satanás estava tentando "fazê-lo em pedacinhos".[25] E pelo fato de Seymour haver estudado na escola de Parham, este sentia-se responsável pelo que estava acontecendo.

As experiências de Parham com o grupo da Rua Azusa serviram para ampliar sua compreensão daquilo que constituía ou não fanatismo. Segundo Parham, houve muitas experiências genuínas de verdadeiro recebimento do batismo, mas também houve muitas manifestações falsas. Ele dirigiu umas duas ou três reuniões em Azusa, mas não conseguiu convencer Seymour a mudar a sua maneira de conduzir as reuniões. As portas da missão se fecharam para Parham e, por isso, ele não pôde voltar ali. Porém, em vez de ir embora de Los Angeles, alugou um espaçoso local naquela cidade e dirigiu grandes reuniões onde se ministrava libertação de espíritos malignos às multidões que compareceram aos cultos.

Parham considerou o conflito vivido por Seymour como um exemplo de orgulho espiritual. Ele escreveu sobre isso em seu jornal dizendo que o fanatismo sempre produz uma falta de disposição em receber conselho em todos aqueles que se deparam com isso.

Ele explicou que aqueles que estão sobre a influência de falsos espíritos:

> "... sentem que são mais importantes que os outros, e pensam que possuem uma experiência mais marcante que a de qualquer outra pessoa, que não precisam de ensino ou conselho... e se colocam fora do alcance daqueles que poderiam ajudar/'

E concluiu o seu "depoimento" dizendo:

"Embora muitas formas de fanatismo tenham se infiltrado entre as pessoas, creio que todo verdadeiro filho de Deus sairá dessa nuvem de escuridão mais forte e melhor equipado para discernir todo tipo de extremismo que possa surgir em reuniões desse tipo."[26]

"PEDAÇOS DE PERNIL"

Em dezembro de 1906, Parham deixou Los Angeles e voltou a Sião. Impossibilitado de conseguir um local para suas reuniões, ele armou uma tenda em um terreno vago naquela cidade. Suas reuniões eram assistidas por uma média de duas mil pessoas. Na noite de véspera de Ano Novo, ele pregou sobre o batismo com o Espírito Santo durante duas horas e provocou tal empolgação, que muitos homens se aproximaram dele com a idéia de iniciar um "movimento" e uma grande igreja.

Entretanto, Parham não concordou com a sugestão. Disse àqueles senhores que não estava ali para obter ganhos pessoais e que sua intenção ao vir para Sião era trazer a paz de Deus para aquela cidade tão oprimida. Ele acreditava, sinceramente, que o país já possuía igrejas suficientes e que a cidade de Sião precisava de mais espiritualidade nas igrejas que já existiam ali. Para ele, se as pessoas acreditassem em sua mensagem, iriam apoiá-lo independentemente de haver ou não uma organização. Parham se preocupava com a possibilidade de que os grupos, agora unidos em torno da verdade do "batismo com o Espírito Santo" pudessem, eventualmente, adotar um objetivo secular ou mundano.

Depois de analisar essas questões, Parham renunciou à sua posição de "idealizador" do Movimento Pela Fé Apostólica. Muitas controvérsias sobre liderança já haviam se desenvolvido em outros estados que adotaram o movimento. Ele escreveu o seguinte em seu jornal:

> "Agora que eles [os princípios da fé apostólica] são largamente aceitos, eu simplesmente tomo o meu lugar entre os meus irmãos para levar avante o Evangelho do reino como uma testemunha para todas as nações."[27]

Essa posição de Parham lhe trouxe muito mais inimigos em Sião e quando terminou suas reuniões ali, ele viajou sozinho para o Canadá e Nova Inglaterra, onde foi pregar. Sua família permaneceu em Sião e foi grandemente perseguida. Seus filhos, a cada dia sofriam mais perseguições na escola. Pelo fato de carne de porco ser proibida na cidade, as crianças da escola começaram a chamar seus filhos de "Pedaços de pernil", o que os deixava muito tristes e fazia com que, quase todos os dias, voltassem para casa em lágrimas. A família de Parham acreditava que estavam so. do toda aquela perseguição basicamente porque ele não havia aceitado dar início um "movimento". Mais tarde ele mesmo escreveu:

> "Se eu sou diferente das pessoas de Sião, com relação a qualquer uma dessas verdades, isso é simplesmente pelo fato de que como indivíduos, somos todos diferentes uns dos outros."[28]

Certo dia a Sra. Parham recebeu uma carta que a deixou muito triste; era de um morador de Sião, que acusava seu esposo de maneira escandalosa. Embora não acreditasse nas difamações da carta, decidiu pegar os filhos e voltar para Kansas, uma vez que as condições continuaram adversas e as perseguições aumentaram grandemente.

CHAMAS DO INFERNO: O ESCÂNDALO

E aqui que chegamos à maior polêmica na vida de Charles Parham. Era claro que ele tinha muitos inimigos em algumas proeminentes organizações cristãs. Entretanto, seu maior opositor foi Wilbur Voliva, o novo Supervisor Geral da cidade de Sião. Depois que Parham renunciou publicamente à sua posição de "idealizador" do Movimento Pela Fé Apostólica, vários rumores de que ele havia sido preso por causa de imoralidade sexual circularam em todos os meios pentecostais. O jornal *Waukegan Daily Sun* insinuou que a saída repentina de Parham da cidade de Sião havia sido motivada por "homens misteriosos, que diziam ser detetives, prontos para prendê-lo por causa de acusações igualmente misteriosas". O próprio jornal reconheceu, mais tarde, que seu noticiário tinha se baseado em boatos e que o departamento de polícia de Sião não sabia absolutamente nada a respeito do incidente.[29] Contudo, o estrago já estava feito.

Em meados de 1907, Parham estava pregando em uma antiga missão de Sião, localizada em San Antônio, quando a história do escândalo sobre ele, publicada no Jornal *San Antonio Light* (Luz de San Antônio) se tornou notícia nacional. A manchete foi: "Evangelista é Preso. Charles F. Parham, famoso pregador, notável pelas reuniões realizadas nesta cidade, foi detido."[30] A história dizia que Parham havia sido acusado de

sodomia, o que era crime no estado do Texas, e que ele havia sido preso juntamente com o seu suposto companheiro, J. J. Jourdan que, juntamente com o pregador havia sido liberado após pagamento de fiança no valor de mil dólares.

Parham ficou muito irado com tudo isso e respondeu imediatamente. Contratou um advogado, C. A. Davis, e declarou que seu antigo inimigo, Wilbur Voliva, havia "cuidadosamente tramado" contra ele. Parham tinha certeza de que Voliva estava furioso porque ele tinha pregado em uma igreja da cidade de Sião, a qual havia aderido ao Movimento Pela Fé Apostólica, e se desligado da Associação Sião.

O avivalista estava determinado a limpar o seu nome e, bastante indignado, se recusou a ir embora da cidade. Entretanto a sua esposa, que já havia lido aquelas notidas em uma carta quando estava em Sião, deixou Kansas e foi para San Antônio. O caso nunca foi aos tribunais e o nome de Parham desapareceu das manchetes do noticiário secular tão rápido quando entrou. Nenhuma acusação formal foi apresentada e não há qualquer arquivo do incidente no fórum daquele município.[31]

Entretanto, os jornais evangélicos não foram tão gentis com Parham como os seculares. Os órgãos de imprensa religiosos pareciam encontrar ainda mais detalhes sobre "os casos" de Parham do que a imprensa não cristã. Dois dos jornais que abusaram dos fatos na cobertura dessa matéria foram o *The Burning Bush* (A sarça Ardente) e o *Zion Herald* (O arauto de Sião). Este último era o jornal oficial da igreja de Wilbur Voliva, na cidade de Sião. Esses dois jornais teriam publicado supostas citações do *San Antonio Light* (Luz de San Antonio), juntamente com relatos de testemunhas oculares dos supostos atos pecaminosos de Parham, inclusive uma confissão por escrito, que diziam ser dele. Contudo, quando investigaram essas acusações, descobriu-se que os artigos "citados" nessas duas publicações, *nunca haviam sido publicados 110 jornal de San Antônio.* Também se descobriu que o escândalo só havia sido noticiado em alguns lugares, e que todas as fontes de informação tinham os traços do jornal *Zion Herald.* E foi unicamente através de boatos que esses rumores alcançaram abrangência nacional.[32]

Sem dúvida alguma, o que parecia era que Voliva estava tentando fazer todo o possível para que o escândalo alcançasse proporções gigantescas, "revirando tudo". E embora ninguém pudesse afirmar que ele era o instigador das acusações, todos sabiam que ele frequentemente costumava espalhar rumores sobre imoralidades contra o seu rival. Além desses ataques à pessoa do avivalista, Voliva também fez acusações verbais aos companheiros de ministério de Parham, que moravam na cidade de Sião, chamando-os de "adúlteros" e "imorais". Eles tentaram mover ações legais de "calúnia e difamação" junto às autoridades, contra Voliva, mas elas se recusaram a tomar qualquer providência nesse sentido.[33]

A Sra. Parham cria que os inimigos de sua família tinham certeza de que seu marido não revidaria, porque se esse tipo de ataque tivesse acontecido com uma pessoa do meio secular, com certeza o caso teria ido parar nos tribunais. Entretanto, Parham nunca falava sobre essas acusações em público. Preferia deixar o assunto sob a discrição dos seus seguidores, crendo que aqueles que realmente fossem fiéis, jamais acreditariam em tais acusações.[34] Em seu aniversário de quarenta anos, escreveu o seguinte:

> "Creio que a maior tristeza da minha vida seja o fato de saber que meus inimigos, na tentativa de me arruinarem, acabaram destruindo tantas vidas preciosas para Deus."[35]

Contudo, tristeza e destruição pouco importam para aqueles que se opõem ao trabalho do Senhor. Nove anos mais tarde, quando Parham retornou a Sião, para o regar, os discípulos de Voliva mandaram imprimir cartazes e folhetos que traziam a confissão de culpa pelo crime de sodomia, assinada por Charles Parham.[36]

REALIZANDO UM SONHO DE MUITOS ANOS

Durante os anos que se seguiram ao escândalo, Parham continuou evangeliz do por todo o país. Muitos disseram que seus sermões eram uma crítica aos cristãos pentecostais, outros, que ele nunca havia conseguido se recuperar das acusações de Voliva. Em 1913, em Wichita, uma multidão armada com paus e forcados quis atacá-lo; entretanto, um amigo o escondeu e o levou por outro caminho, e sua reunião aconteceu conforme estava marcado. Naquele culto, muitos se arrependeram de seus pecados e foram curados de suas enfermidades.

Mesmo decepcionado e ferido por aqueles que ele pensou serem seus amigos Parham nunca deixou de pregar em nenhuma cidade onde Deus o houvesse conduzido. Chegou mesmo a retornar a Los Angeles, onde falou em uma grande reunião, durante a qual milhares de pessoas se entregaram a Jesus, foram

batizadas com o Espírito Santo, curadas e libertas. Durante o inverno de 1924 ele realizou conferências no Oregon e em Washington. Foi em uma dessas reuniões que Gordon Lindsay entregou sua vida a Cristo e, mais tarde, realizou uma grande obra para o reino de Deus, fundando o instituto bíblico internacional, Cristo Para as Nações, localizada em Dallas, Texas.

Em 1927, Charles F. Parham teve, finalmente, condições de ver o seu grande sonho se realizar. Alguns de seus amigos se juntaram e recolheram dinheiro para poderem financiar a sua visita à cidade de Jerusalém. Essa viagem lhe trouxe grande regozijo e ele sentiu uma enorme satisfação ao andar pelas ruas da Galileia, de Samaria e Nazaré. Foi ali que ele descobriu o verdadeiro significado da sua passagem favorita das Escrituras, o Salmo 23. Nas terras da Palestina, a realidade do Pastor e Suas ovelhas ganharam nova vida para Parham, trazendo-lhe grande paz e conforto. Quando retornou ao porto de Nova Iorque, em abril de 1928, trouxe consigo alguns *slides* da terra dos seus sonhos. E daí em diante, em todas as suas reuniões, ele mostrava esses registros aos quais chamava de "O Salmo 23".

"PAZ, PAZ COMO UM RIO"

Por volta do mês de agosto de 1928, Parham começou a sentir-se cansado e esgotado, e chegou a confidenciar a alguns amigos que seu trabalho estava chegando ao fim. Para um deles, ele escreveu o seguinte:

> "Nestes dias estou vivendo **à** beira da Terra gloriosa, e tudo é tão real do outro lado da cortina que eu me sinto imensamente tentado a fazer a travessia." [37]

Depois de passar o Natal de 1929 com a sua família, Parham havia sido convidado para pregar na cidade de Temple, no Texas, onde também iria mostrar seus *slides* da Terra Santa. Sua família estava bastante preocupada com essa viagem, pois a sua saúde havia piorado; entretanto ele estava determinado a ir. Alguns dias depois que ele havia partido, sua família recebeu a notícia de que ele havia desmaiado em uma de suas reuniões, durante a demonstração dos *slides.* Enquanto ele ainda estava no chão, recobrou a consciência e disse que queria continuar a apresentação.

Sua família viajou imediatamente para Temple, para verificar como ele estava. Quando eles chegaram ali, decidiram cancelar o restante das reuniões e levar Parham de volta para Kansas, de trem. Ele estava tão fraco por causa das condições do seu coração que mal conseguia falar; entretanto, ainda assim, esperou que seu filho Wilfred retornasse do ministério que estava exercendo na Califórnia. E enquanto esperava, Parham recusou-se a tomar qualquer remédio, dizendo que, se o fizesse, estaria "negando aquilo que cria". A única coisa que ele pedia era que orassem por ele.

Robert, seu filho mais novo, deixou o seu emprego em uma loja de departamentos para vir para a casa onde seu pai estava, para orar e jejuar por ele. Depois de muitos dias, ele chegou-se ao lado da cama de Parham e lhe disse que também "entregara sua vida para o chamado missionário". Bastante emocionado com a notícia de que dois de seus filhos haviam aceitado o chamado missionário, Parham teve forças suficientes para dizer:

> "Quando encontrar face a face com o meu Mestre, não poderei me gloriar de nenhuma boa obra que tenha feito; mas poderei dizer que fui fiel à mensagem que Ele me deu, e que vivi uma vida pura e sem mancha."

Sara disse que jamais seria capaz de se esquecer do rosto do seu amado esposo; ela viu na alegria e no olhar pleno de paz e satisfação do marido, que as orações que ele havia feito durante tantos anos, tinham sido, finalmente, respondidas.[38]

Em seu último dia de vida, as pessoas que estavam ao lado de Parham puderam ouvi-lo citando: "Paz, paz como um rio. E nisso que tenho pensado todo esse dia." Durante a noite ele cantou um pedaço do hino: "Há poder, sim, força sem igual" e depois pediu à sua família que terrninasse de cantá-lo para ele. Quando eles terminaram, ele pediu-lhes: "Cantem novamente".[39]

E no dia seguinte, 29 de janeiro de 1929, com cinqüenta e cinco anos de idade, Charles F. Parham partiu para estar com o Senhor.

Em seu funeral compareceram mais de duas mil e quinhentas pessoas, que vieram prestar-lhe uma última homenagem, em um dia em que a neve recém caída cobria parcialmente a terra. Durante o culto, um coro de cinqüenta vozes ocupou a plataforma da igreja, juntamente com muitos pregadores de várias partes da nação. Ofertas chegaram de várias partes do país e em grande quantidade, o que deu condições à família para comprar uma lápide de granito em forma de púlpito. Nela eles mandaram escrever: "João 15.13", a passagem das Escrituras que Parham havia lido em sua última reunião na Terra: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos."

VERDADEIRAMENTE FIEL

Mesmo antes da morte de Charles Parham, seu ministério já havia contribuído para a conversão de mais de dois milhões de pessoas, direta ou indiretamente falando. As multidões que compareciam às suas reuniões freqüentemente excediam a sete mil pessoas. E mesmo que alguns houvessem falado em línguas antes de To-peka, Kansas, Parham foi o pioneiro da verdade sobre o dom de línguas como a evidência do batismo com o Espírito Santo.

Sua vida exemplifica a dura realidade da perseguição e dos conflitos que acompanham a vida de um avivalista de Deus. E mesmo que muitos homens tenham procurado destruir Parham, eles não foram capazes de abalar o pilar de força construído dentro de seu espírito. Ele nunca se desviou de seu chamado por causa das difamações lançadas contra ele. E quando chegou a hora de partir para estar com o Senhor, ele o fez porque *quis* fazê-lo. Embora alguns não irão aceitar o ministério de Parham por causa de seu apoio à Ku Klux Klan,[40] a maioria se lembra dele por seu amor sacrificial e, principalmente, por sua fidelidade. O maior desejo do coração de Deus é que sejamos fiéis aos Seus planos. E para Charles F. Parham, ele não poderia viver de outra maneira que não obedecendo ao que Deus havia determinado. A fidelidade sempre suportará as pressões que vem com o intuito de desafiá-la.

Deus chamou a cada um de nós para um ministério específico. Seja diante de multidões, ou apenas diante de nossa família, nós, como Charles Parham, também devemos provar a nossa fidelidade. Porém, em nossa geração "acomodada" e hedonista, parece que a fidelidade foi comprometida. Contudo, não importa para qual geração estejamos falando, a Palavra de Deus permanece a mesma. Em 1 Coríntios 4.2 encontramos que fidelidade é um *requisito* para aqueles que crêem.

Crer na Palavra de Deus e *confiar* no Senhor para cumprir as promessas que Ele nos fez, apesar dos conflitos da vida, produz fidelidade. Que maravilha será ouvir o Senhor dizer: "Bem feito, servo bom e *fiell"*, em vez de ouvi-lo dizer apenas: "Bem...e agora?"

Gostaria de desafiá-lo hoje a fazer uma análise de sua vida, a considerar o preço a ser pago e a avaliar sua verdadeira posição na questão da fidelidade. Eu o desafio, também, a ter plena consciência daquilo em que você crê e daquilo que discorda, para então poder defender firmemente as suas convicções. Demonstre na prática, às nações da terra, a ação penetrante da verdade, e nunca se permita estar entre os perseguidores, os críticos e os invejosos. Qualquer que seja o seu chamado, sempre se coloque firme ao lado de Deus. Seja fiel.

no

CAPÍTULO QUATRO, CHARLES E PARHAM Referências:

[1] Mrs. Charles Parham. *The Life of Charles F. Parham* (A vida de Charles Parham), Birmingham, AL: Commercial Printing Company, 1930. Pp. 59,74.
[2] *Ibid.,* 1.
[3] *Ibid., 2.*
[4] *Ibid.*
[5] *Ibid.,* 5.
[6] *Ibid.,* 6-9.
[7] *Ibid.,* 11.
[8] *Ibid.,* 23.
[9] *Ibid.,* 33.
[10] *Ibid.,* 42.
[11] *Ibid.,* 46,47.
[12] *Ibid.,* 48.
[13] *Ibid., 57.*
[14] *Ibid.,* 52,53.
[15] *Ibid.,* 54.
[16] *Ibid.,* 62.
[17] /bid., 76.
[18] *Ibid.,* 95-97.
[19] IHd., 100.
[20] *Ibid.,* 134.
[21] ***Ibid.,*** 136.
[22] 155,156.
[23] IWd., 158,159.
[24] *Ibid.,* 159.
[25] Mi., 161,162.
[26] *Ibid.,* 163,164,168.
[27] *Ibid.,* 176.
[28] üb«/., 182.
[29] James R. Goff Jr. Fz'eWs WTn'te *Unto Harvest* (Campos brancos para a ceifa). Fayetteville and London: The University of Arkansas Press (Fayetteville e Londres: a Universidade da imprensa do Arkansas). 1988, 136, 223. Nota de rodapé, 32.
[30] *Ibid.,* 136.
[31] *Ibid.,* 136.
f *Ibid.,* pp. 138,139,224,225. Nota de rodapé 41.
[33] *Ibid.,* pp. 225,226. Notas de rodapé 44 e 45.
[34] *Ibid.,* p. 141.

in

[35] Parham. *The Life os Charles F. Parham* (A vida de Charles F. Parham), p. 201.
[36] *Ibid.,* pp. 260, 261 e James R. Goff Jr., seção central, e fotos dos cartazes.
[37] Parham. *The Life of Charles F. Parham,* p.406.
[38] *Ibid.,* pp. 200,410.
[39] *Ibid.,* p. 413.
[40] Goff, *Fields White Unto Harvest* (Campos brancos para a ceifa). p. 157.

CAPÍTULO CINCO

William J. Seymour



O CATALISADOR DO PENTECOSTE"

fogo... mas sinceramente, não gosto dessa barulheira toda, dessa gritaria.

- Concordo plenamente com a irmã, respondi. Existem muitas manifestações entre o povo de Deus que eu também não aprecio; mas, sabe de uma coisa? Quando o Espírito do Senhor desce sobre mim, eu fico realmente muito empolgado!

"Quando ela olhou para mim, através do seu elegante lornhão* de ouro, disse:

- Reverendo, eu creio no batismo com o Espírito Santo e com

Ela esboçou um leve sorriso, como que dizendo que não concordava, mesmo assim continuei:

- Agora, minha irmãzinha, se você quiser entrar no quarto de oração e orar buscando o batismo com o Espírito Santo, por favor, fique à vontade. E quando isso acontecer, não grite, a menos que realmente deseje fazê-lo. Simplesmente seja você mesma.

Ela acenou a cabeça, concordando, e disse:

- Ah, sim; com certeza, é o que farei.

Como eu estava muito ocupado em meu escritório, distante do local de

" Lornhão: "Instrumento de óptica, formado de duas lentes engastadas em uma armação sem hastes, com um cabo, e que se põe sobre o nariz" (Dicionário Aurélio).

oração mais ou menos uns vinte metros, logo me esqueci da irmã. Entretanto, repentinamente ouvi um grito agudo.

Corri e rapidamente abri a porta e olhei para dentro da igreja. Lá vinha aquela irmãzinha, tão depressa como se houvesse sido arremessada de um canhão. Ela começou a saltar, dançar e clamar ao Senhor. Foi muito interessante ver aquela irmã tão reservada e fina, com o seu lornhão dourado, dançando e se agitando toda... gritando e cantando, ora em línguas, ora em inglês.

Fui ao seu encontro, rindo por dentro e disse:

- Irmã, o seu comportamento não me agrada. Ela deu um pulo nada "refinado", e exclamou:
- Talvez ao senhor não; mas, com certeza, a mim sim!"[1]

Servindo como o "catalisador" do "Movimento Pentecostal" no século XX, William J. Seymour transformou um pequeno estábulo de cavalos, localizado na Rua Azusa, na cidade de Los Angeles, em um centro internacional de avivamento. Pelo fato de o batismo com o Espírito Santo, acompanhado pela evidência do dom de falar em línguas, ocupar a maior parte das reuniões que se realizavam ali, Seymour se tomou o líder do primeiro movimento organizado a promover essa experiência. Ali em Azusa, negros e

brancos, hispânicos e europeus, todos se encontravam e louvavam juntos, transpondo barreiras culturais impossíveis de se ultrapassar em outros tempos. E apesar do sucesso daquele avivamento ter sido tão curto, continuamos a colher os seus frutos. Hoje, Azusa continua sendo uma palavra muito conhecida no meio do povo de Deus.

Aquela missão, localizada na Rua Azusa, produziu muitas histórias extraordinárias. O tempo não era problema para esses pioneiros pentecostais que, geralmente, ficavam até altas horas orando a Deus pela libertação de alguma pessoa. Eles criam na Palavra de Deus e esperavam que o Seu poder se manifestasse entre eles.

Em cada situação que surgia, aqueles que estavam buscando a Deus ordenavam, na autoridade da Palavra, que a solução surgisse. Se algum membro da igreja tinha problemas com pragas em sua plantação, os cristãos de Azusa se dirigiam até o local e, baseados na autoridade da Palavra de Deus, reivindicavam a proteção do Senhor para aquela terra. Em todos os casos que foram relatados, os insetos ficaram longe dos campos dos irmãos e não cruzaram as divisas das lavouras. E se a praga estivesse destruindo as plantações de vizinhos de algum crente, os insetos ficavam a aproximadamente uns vinte metros distantes da área cultivada daquele servo do Senhor.

Em outra ocasião, durante um culto, um grande número de bombeiros entrou correndo ali na missão, puxando enormes mangueiras para apagar um incêndio, mas não acharam nada! E que os vizinhos haviam visto um enorme clarão que os fez pensar que o prédio da missão estivesse sendo engolido por chamas e, por isso, chamaram o corpo de bombeiros. Na verdade, o que eles viram foi a manifestação da glória de Deus.

UM HOMEM DE VISÃO

A cidade de Centerville, no estado de Louisiana, está localizada em uma região meio pantanosa, a apenas alguns quilômetros do Golfo do México. Em 2 de maio de

1870, o casal Simon e Phyllis Seymour teve um filho. Eles haviam sido libertos da escravidão há apenas alguns anos e, por isso, William nasceu em um mundo cheio de terríveis violências raciais. A Ku Klux Klan vinha agindo livremente com grande wiolência por anos. A Lei Jim Crow havia sido promulgada visando excluir a possibilidade de os negros terem acesso a qualquer direito social, e a segregação racial imperava por todos os lugares, até mesmo dentro da própria Igreja.

Mesmo depois de terem sido libertos, os pais de Seymour continuaram trabalhando na lavoura. Por essa razão, quando ele cresceu, seguiu os passos dos pais. E, sem deixar-se desanimar pela falta de uma educação básica ele, como muitos outros, se alfabetizou sozinho, principalmente por intermédio da leitura da Bíblia. Seymour encontrou sua verdadeira identidade em Jesus Cristo, e creu que o Senhor era o único que poderia salvar o ser humano. Ele era um jovem sensível e muito espiritual, sedento pelas verdades da Palavra de Deus. As pessoas diziam que ele a visões do Senhor e que, ainda muito cedo em sua vida, ansiava pelo retorno Cristo.[2]

William Seymour sempre teve um grande complexo de inferioridade; entretanto, **bnando** tinha 25 anos conseguiu, finalmente, livrar-se desse sentimento. Então, fa-**pEndo** o que poucos homens negros de sua época tinham coragem de fazer, deixou sua terra natal, ao sul de Louisiana, e foi para o Norte, para a cidade de Indianápo-fc. no estado de Indiana.

De acordo com o censo americano de 1900, até aquela época, somente dez por cento dos negros haviam saído do Sul. Contudo, Seymour já havia se decidido, e ·u. Ele estava determinado a não permitir que nenhum obstáculo o impedisse.

SANTOS E VARÍOLA

Diferente do Sul, uma região predominantemente rural, Indianápolis era uma ci-üade bastante agitada e que oferecia muitas oportunidades. Todavia, muitas empresas e companhias ainda mantinham suas portas fechadas para a população negra; assim, o único emprego que Seymour conseguiu foi **como** garçom.

Logo depois que chegou ali, Seymour passou a freqüentar a Igreja Metodista Episcopal Simpson. Essa igreja, que era um braço da Igreja Metodista do Norte, possua um apelo evangelístico voltado para todas as classes, o que foi do agrado dele. 'Mais tarde, o exemplo dessa igreja o ajudou a estruturar as bases da sua fé.

Para ele, ■Stava se tornando mais evidente que não havia divisão de classe ou de cor na obra lodentora de Jesus Cristo.

Entretanto, logo as diferenças raciais começaram a ficar difíceis ali em Indianápolis e, por **isso,** Seymour mudou-se para Cincinnati, no estado de Ohio. Lá, continuou ,ā freqüentar a Igreja Metodista; contudo, logo percebeu que a doutrina ali também nestava ficando cada dia mais severa. Ele era um ferrenho seguidor de John Wesley, itijjpe cria em orações poderosas, santidade, cura divina e que, em Jesus, não deveria *'haver* discriminação de pessoas. Contudo, para ele, parecia que os metodistas estacam se desviando de suas raízes.

Na sua procura por uma igreja, Seymour conheceu, por acaso, a Evening Light Saints (Santos da Luz Vespertina), que mais tarde ficaria conhecida como Movimento de Reforma da Igreja de Deus. Os crentes ali não usavam instrumentos musicais, não permitiam o uso de brincos ou maquiagem, e nem dança ou jogos de cartas. Embora parecesse a religião dos "nãos", o grupo era extremamente feliz. Aqueles cristãos encontraram gozo na fé cristã, tanto nos tempos de bonança quanto nas adversidades.[3]

Seymour foi calorosamente recebido pelos cristãos ali. Foi durante esse tempo que ele recebeu o seu chamado para o ministério; contudo, relutou bastante e estava temeroso em atender. E no meio dessa batalha, contraiu varíola que, naquele tempo, era fatal. Ele, porém, sobreviveu àquele terrível sofrimento por um período de três semanas. Todavia, como conseqüência da enfermidade, perdeu a visão do olho esquerdo e ficou com profundas cicatrizes no rosto.

William Seymour chegou à conclusão de que havia contraído aquela doença pelo fato de não ter respondido prontamente ao chamado de Deus. Então, submeteu-se imediatamente aos planos do Senhor e foi ordenado pelos Santos da Luz Vespertina. Começou logo a viajar como evangelista itinerante, levantando o seu próprio sustento financeiro. Naqueles dias não era muito comum os obreiros do Senhor pedirem ofertas, e eram muito poucos os que o faziam. E Seymour, como muitos do seu círculo, cria que Deus era o seu Provedor. Ele confiava que, se Deus o havia chamado, então Ele supriria todas as suas necessidades.

FALAR EM LÍNGUAS... HOJE?

Nesse tempo, Seymour deixou Cincinnati e viajou para Texas, evangelizando por todo o caminho por onde passava. Quando chegou a Houston, sentiu-se em família ali, e decidiu estabelecer a base do seu ministério naquela cidade.

Em meados do ano de 1905, o evangelista Charles F. Parham estava realizando uma cruzada em Bryen Hall, no centro de Houston. Todas as noites, depois que o trânsito diminuía um pouco, Parham e seus colaboradores faziam um desfile pelas ruas da cidade, vestidos com os pomposos trajes típicos da Terra Santa, carregando o seu estandarte do "Movimento Pela Fé Apostólica". Os jornais falavam muito bem daqueles desfiles, e sempre lhes davam destaques em suas páginas.[4]

Houston era uma cidade de uma enorme variedade cultural e, por isso, nas reuniões de Parham haviam pessoas de todas as raças. Certa senhora, Lucy Farrow, amiga de Seymour, participou regularmente dessas conferências e desenvolveu um relacionamento muito bom com a família do avivalista. Antes de ir embora, ele ofereceu a ela o emprego de governanta de sua família, caso ela estivesse disposta a ir com eles para Kansas, onde viviam. Farrow era pastora de uma pequena igreja Ho-liness; contudo, o seu amor pela família Parham e seu desejo pelas coisas de Deus a motivaram a aceitar o convite. Por causa disso, ela perguntou a Seymour se ele não aceitaria tomar conta da igreja dela durante a sua ausência. Ele concordou e ficou ali, até que ela voltou com a família Parham, dois meses depois.

Quando a senhora Farrow voltou para Houston, compartilhou com Seymour sobre as maravilhosas experiências espirituais que ela havia tido na casa de Parham,

- e sobre a sua experiência de falar em outras línguas. Ele ficou muito impres-com a experiência dela, mas questionou o novo ensino. Mais tarde, ele tam-aceitaria a doutrina, embora ele mesmo tenha tido de esperar por algum tempo, falar em línguas.[5]

Os Santos da Luz Vespertina não aprovaram a nova teologia de Seymour. Assim, ~io que ainda não tivesse falado em línguas, ele deixou o grupo. Foi quando Par-"i anunciou a abertura de uma escola bíblica na cidade de Houston, para dezem-iaro daquele ano, e a senhora Farrow insistiu veementemente com Seymour para que ir matriculasse. Então, motivado pela insistência dela e pelo seu próprio crescente Énferesse, Seymour se inscreveu.

A escola de Parham, em Houston, foi montada nos mesmos padrões da outra que IB existia na cidade de Topeka, Kansas. Era do tipo onde escola e residência funcio-taavam no mesmo prédio, e onde alunos e professores passavam dias e noites reuni-***éos*** em oração e estudo da Palavra, de uma maneira muito informal. Os alunos não pagavam mensalidade, mas tinham de confiar em Deus para suprir as suas necessidades pessoais. Por causa dos costumes racistas da época, até hoje existem dúvi-iáas se Seymour teve permissão para permanecer na escola durante a noite também; **Lontudo,** sua sede de Deus moveu o coração de Parham. E creio que, embora tenha sdo muito bem recebido por Parham, Seymour era um aluno que estudava somente durante o dia. E apesar de ele não ter abraçado todas as doutrinas que Parham ensinou, aceitou a que dizia respeito ao Pentecoste. E, a partir dos ensinos dele, Seymour o desenvolveu a sua própria teologia.

NO PRINCÍPIO

Após concluir os seus estudos na escola de Parham, os acontecimentos que levariam Seymour para Los Angeles começaram a acontecer. Em 1906, no início do ano, ele começou a fazer planos para abrir uma nova igreja Pentecostal, onde pudesse pregar a sua recém descoberta doutrina. Então, inesperadamente recebeu uma carta de uma jovem chamada Neely Terry. Quando Seymour estava substituindo pastora Lucy Farrow em sua igreja na cidade de Houston, Neely Terry estava ali **ri** visita a seus parentes e, durante esse tempo, freqüentou aquela igreja. De volta Califórnia, a jovem não se esqueceu da liderança gentil e segura de Seymour. Por essa razão, em sua carta ela pedia a ele que viesse para Los Angeles e aceitasse ser o pastor de uma igreja que tinha se separado da Igreja do Nazareno. Crendo que aquela carta estava revelando a vontade de Deus para a sua vida, no mês de janeiro Seymour fez as malas e partiu para a Califórnia. Mais tarde ele escreveu o seguinte, a esse respeito:

> "Foi um chamado divino que me trouxe de Houston para Los Angeles. O Senhor colocou no coração de uma de suas servas aqui da cidade, para escrever-me dizendo que sentia que Deus me queria aqui. E eu cri que isso era **a** vontade do Senhor para **a** minha vida. Então Ele providenciou os meios e aqui estou para assumir **a** liderança de uma missão na Rua Santa Fé."[6]

AS CONDIÇÕES ESPIRITUAIS DA CIDADE

Havia uma fome espiritual crescendo na cidade de Los Angeles; um grande anseio e um enorme desejo de que algo tremendo acontecesse ali. E mesmo antes da chegada de Seymour já havia evidências de um avivamento espiritual. Na virada do século, os evangelistas haviam espalhado o fogo de Deus por todo o sul da Califórnia, e muitos grupos estavam indo de porta em porta, orando e testemunhando do Senhor. Na realidade, a cidade inteira estava às portas de um grande acontecimento, uma vez que muitos grupos de cristãos estavam buscando a Deus com sinceridade de coração.

Em 1906, Los Angeles era como um quadro em miniatura do mundo. Raramente se tinha notícia de alguma discriminação racial, porque cada cultura, de chineses a hispânicos, convivia pacificamente naquela cidade.

Um grupo em particular, a Primeira Igreja Batista de Los Angeles, estava esperando a volta do seu pastor, o Rev. Joseph Smale, que havia empreendido uma viagem de três semanas ao País de Gales, para ouvir o grande evangelista Evan Roberts. O coração de Smale estava em chamas pelo Senhor, e esperava trazer para a sua cidade o mesmo avivamento que havia descido sobre aquele pequeno país europeu.

Outro jornalista e evangelista, Frank Bartleman, que também compartilhava da mesma visão a respeito de avivamento, se uniu à sua igreja em oração, em prol desse assunto. Bartleman escreveu para Roberts em busca de orientação. Uma das respostas de Evan para ele finalizava assim: "Peço a Deus que ouça as suas orações, fortaleça a sua fé e salve a Califórnia." Bartleman disse que foi por meio dessas cartas que ele recebeu o dom da fé para o avivamento que estava para vir. Ele cria também que as orações feitas no País de Gales tiveram muito a ver com o derramamento do poder de Deus que desceu sobre a Califórnia; mais tarde ele disse o seguinte: "O avivamento mundial que estamos vivendo hoje foi acalentado no berço do pequeno País de Gales."[7]

Em Los Angeles havia um pequeno grupo de negros, que se reunia para louvar ao Senhor e que tinha fome por mais de Deus. A líder desse grupo, a Irmã Julia Hutchinson, tinha uma visão sobre santificação que não estava de acordo com a doutrina de sua igreja. Conseqüentemente, o pastor expulsou todas as famílias

que estavam envolvidas com os ensinamentos dela. Esse grupo, mais tarde, formou o grupo do qual Seymour se tornaria pastor.

A expulsão, entretanto, não desanimou esse grupo. As pessoas rapidamente se reuniram no lar do casal Asbery, mais tarde, aumentaram tanto que tiveram de alugar um pequeno salão na Rua Santa Fé. Juntamente com esse crescimento, surgiu também o desejo de uma mudança na liderança. Eles achavam que alguém de fora da área de Los Angeles seria mais apropriado, pois seria capaz de impor mais respeito entre eles. Então a senhorita Terry, prima de Asbery, acreditava que só havia um homem para desempenhar aquele trabalho. E depois de orarem sobre isso, todos concordaram em fazer o convite para Seymour, que aceitou prontamente.

ENTREGANDO A MENSAGEM

Quando Seymour chegou a Los Angeles, já havia um clima de avivamento que permeava toda a cidade. E isso contribuiu para comprovar que ele estava na direção certa. Então, um grande número de pessoas se reuniu, ávidas por ouvir o primeiro sermão de Seymour, que ministrou poderosamente o Evangelho sobre cura divina e o breve retorno de Cristo. Em seguida, ele passou a ministrar baseando sua mensagem em Atos 2.4, sobre o falar em línguas. Ele disse que, se a pessoa não falasse em lünguas, isso significava que ela não era batizada no Espírito Santo; e admitiu que ele mesmo ainda não havia recebido essa manifestação. Apesar disso, proclamou sendo essa a Palavra de Deus.

As pessoas daquela cidade o receberam com reações diversas. Enquanto alguns concordavam com ele, outros foram veementemente contra. Certa ocasião, uma fa-niiília, cujo sobrenome era Lee, o convidou para jantar na casa deles. Naquela noite, ao voltarem com ele para a missão, descobriram que a Irmã Hutchinson havia fe-ídiado as portas com cadeado. Ela estava indignada e declarou que não permitiria ensino tão extremo em sua pequena missão na Rua Santa Fé. Assim, Seymour foi impedido de voltar para o seu quarto de dormir.[8]

Com isso, Seymour ficou sem lugar para ficar, e bem pouco dinheiro no bolso. Dessa forma, a família Lee sentiu-se na obrigação de levá-lo para sua casa, embora com certas reservas. Enquanto esteve com essa família, Seymour permaneceu fechado em seu quarto, em jejum e oração. Então, depois de vários dias, convidou os Lee para se pintarem a ele em oração, e eles aceitaram. Depois disso, os membros daquela família passaram a tratá-lo melhor. E logo outros membros da missão começaram a ouvir so-liie as reuniões de oração que estavam sendo realizadas na casa dos Lee; e começaram ase unir a eles e Seymour passou a ser conhecido como um homem de oração.[9]

E não demorou muito para que a Irmã Hutchinson ouvisse falar sobre aqueles inpie estavam se juntando a Seymour. Assim, ela promoveu uma reunião entre ele e ims lideres da Igreja Holiness, para verificar o que é que estava errado. Seymour teve «He encarar um público numeroso e difícil, uma espécie de inquisição, mas ele se fir-*mmi* na Palavra, leu novamente Atos 2.4 e explicou que, a menos que eles tivessem a mesma experiência que os discípulos tiveram no cenáculo, eles não tinham recebido • batismo com o Espírito Santo. Segundo Seymour, o problema deles não era com UÉe propriamente dito, mas com a Palavra de Deus.

r Um dos ministros que haviam se posicionado contra Seymour, escreveu mais ■tade: "A discussão ficou só do nosso lado. Nunca conheci alguém com tamanho ^■■itrole sobre si mesmo. Nenhuma acusação ou confusão parecia perturbá-lo. Ele mitou-se atrás daquela mala e ficou sorrindo para nós, até que todos nos sentimos piiadenados por aquilo que estávamos fazendo."[10]

RUA BONNIE BRAE NORTE, 214

O estilo tranqüilo de liderança de Seymour era percebido por todos. Após o in-gatório, os Asbery o convidaram para morar com eles na rua Bonnie Brae Norte

para realizar reuniões regulares ali. Seymour aceitou, e o pequeno grupo começou a reunir-se ali no final de fevereiro de 1906. Esses encontros consistiam de horas de oração, buscando receberem o batismo com o Espírito Santo.

Como o número de assistentes estivesse aumentando muito, Seymour pediu ajuda à sua amiga de muitos anos, Lucy Farrow. Ele explicou ao grupo que Farrow tinha uma habilidade extraordinária para apresentar o Espírito Santo e, assim, tiraram uma oferta para poderem trazê-la de Houston.

Quando a Irmã Farrow chegou, Seymour anunciou ao grupo que eles iriam começar um jejum de dez dias, até que recebessem a divina bênção do batismo com o Espírito Santo. O grupo jejuou e orou durante todo o fim de semana. Então, na segunda-feira, o Sr. Lee pediu que Seymour fosse até a sua casa para orar por ele, pois estava doente. Seymour o ungiu com óleo, orou, e o Sr. Lee foi imediatamente curado. Em seguida, ele pediu para que Seymour impusesse as mãos sobre ele e orasse, para que recebesse o batismo com o Espírito Santo. E tão logo Seymour fez isso, o Sr. Lee começou a falar em línguas em alta voz! Os dois se alegraram grandemente pelo resto do dia e, mais tarde, foram juntos para a reunião de oração da noite.

Quando chegaram à casa de Asbery, na Rua Bonnie Brae, todos os cômodos estavam lotados de pessoas. Muitos já estavam orando. Seymour assumiu a direção da reunião, liderou o grupo em cânticos, testemunhos e mais orações. Depois contou ao grupo o que havia acontecido com o Sr. Lee. Assim que terminou, o próprio Sr. Lee levantou as mãos e começou a falar em línguas. Todo o grupo caiu de joelhos louvando ao Senhor e pedindo o batismo com o Espírito. Em seguida, umas seis ou sete pessoas ergueram a voz e começaram a falar em línguas. Jennie Evans Moore, que mais tarde seria a esposa de Seymour, caiu de joelhos ao lado do banquinho do piano, como uma das primeiras a falar em línguas.

Alguns correram para a porta da frente, profetizando e pregando. Outros, enquanto falavam em línguas, correram para as ruas para que toda a vizinhança pudesse ouvi-los. A filha mais jovem de Asbery entrou correndo dentro da sala de estar e encontrou o seu irmão, que também corria assustado, indo na direção contrária à dela! Jennie voltou ao piano e começou a cantar com a sua bela voz - em mais ou menos seis línguas diferentes - e todas com interpretação. A reunião durou até quase onze horas da noite, quando todos foram embora em grande alegria e gratidão.[11]

Durante três dias eles celebraram o que chamaram de "O Primeiro Pentecoste Restaurado". A notícia espalhou-se rapidamente trazendo multidões que encheram toda a área ao redor da casa de Asbery. Grupos de todas as culturas começaram a procurar pelo endereço da rua Bonnie Brae Norte, número 214. Alguns ficavam do lado de fora, tentando ouvir alguém orar em línguas. As vezes o que se ouvia era muito barulho; outras, tudo ficava absolutamente quieto. Muitos caíam no chão, "debaixo do poder do Espírito", e permaneciam assim por até três ou quatro horas.[12]

Naqueles dias também houve curas surpreendentes. Uma pessoa relatou:

> "O barulho do grande derramar do Espírito me atraiu. Eu havia sido "uma farmácia ambulante" durante toda a minha vida, padecendo de câncer e pulmões fracos. Quando eles me viram, disseram: 'Filho, Deus vai curar você'. Naqueles dias de tão grande derramamento de poder, quando eles diziam que Deus iria curar alguém, isso era verdade! Fui curado e isso já faz trinta e três anos; nunca mais voltei ao médico e nem tomei mais aqueles ve**lhos** remédios, graças a Deus! O Senhor me salvou, me batizou com o Espírito Santo, me curou e pude seguir a minha vida me regozijando."[13]

As pessoas costumavam dizer que, quando Seymour pregava para as pessoas : na residência dos Asbery, "o alpendre daquela casa se tornava em um púlpito e em bancos". Não demorou muito e aquela varanda veio abaixo, por causa do das pessoas; entretanto, foi rapidamente consertada e as reuniões puderam itinuar. **E** foi durante a terceira noite daquelas reuniões que Seymour finalmente teve o próprio encontro com o Espírito Santo. Já era tarde naquela noite de 12 de abril 1906 e muitos já tinham ido embora, quando Seymour foi cheio do poder e co**çou** a falar em línguas. Ele estava ajoelhado ao lado de um servo do Senhor que ústrava a ele, ajudando-o a orar por um quebrantamento quando, finalmente, **iour** recebeu o batismo. O tão esperado dom do Espírito finalmente desceu so-o homem cuja pregação havia trazido libertação para tantos outros.

RUAAZUSA,312

Todos concordavam que deveriam encontrar outro local de reuniões rapidamen-Afinal de contas, a residência dos Asbery não podia mais acomodar todas aque-pessoas. Assim, no dia 14 de abril de 1906, Seymour e seus ajudantes saíram à **ira** de um lugar mais apropriado. Eles andaram pela cidade, pelos locais nas)ximidades de onde estavam se reunindo, até que, finalmente, chegaram em uma sem saída, aproximadamente a um quilômetro de onde costumavam se reunir. >i ali, na região industrial de Los Angeles, que eles encontraram o que antes havia Io uma velha igreja Metodista. Depois de ter sido usada

como igreja Metodista, a ítrução havia sido reformada para usos variados. O prédio havia sido dividido duas partes - a parte de cima havia sido usada como apartamentos. Contudo, incêndio havia destruído o piso, e o telhado tipo catedral, fora rebaixado e co**to** com piche.

Quando Seymour adquiriu a propriedade, o andar de cima estava sendo usado **como** depósito, e a parte de baixo havia sido transformada em um estábulo para ca-idalos. As janelas estavam quebradas e uns soquetes sem lâmpadas pendiam do te-**Ifeado.** O proprietário ofereceu **o** prédio para Seymour pela quantia de oito dólares
I **por** mês.[14]

E como a notícia se espalhou, pessoas vieram de todos os lugares para ajudar oa reforma. A. G. Osterburg, **o** pastor da Igreja do Evangelho Pleno, pagou vários homens para ajudarem naquela obra de restauração. Voluntários varreram **o** piso e lavaram as paredes. J. V. McNeil, um católico devoto e proprietário da maior madeireira de Los Angeles, fez uma doação de madeira para as necessidades da obra. Colocaram serragem no piso e construíram bancos utilizando tábuas e barris. Duas caixas de madeira vazias foram pregadas uma sobre a outra e usadas como o púlpito de Seymour.

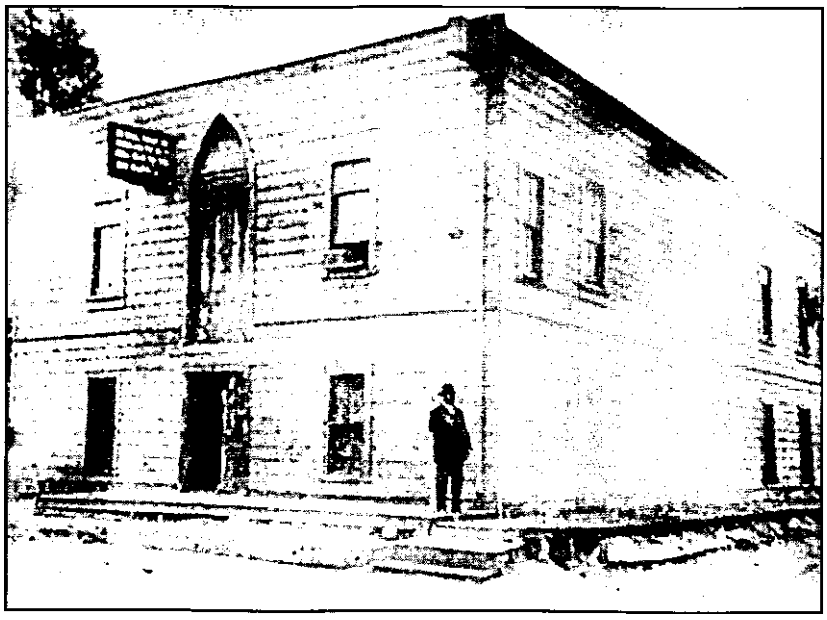
E foi nesse lugar humilde, habitado por bêbados e vagabundos, que os novos inquilinos da Rua Azusa 312 se prepararam para um avivamento internacional.

ESTÁGIOS INICIAIS

O dia 18 de abril de 1906 ficou marcado na história dos Estados Unidos como o dia do grande terremoto de São Francisco. No dia seguinte, um tremor um pouco menor foi sentido em Los Angeles, fazendo com que muitos, tomados de medo, se arrependessem de seus pecados. Centenas deles correram para a missão da Rua Azusa para ouvir a mensagem do Evangelho e experimentar o batismo com o Espírito Santo, acompanhado da evidência de falar em outras línguas. Mesmo os mais ricos vinham para essa área pobre da cidade, para ouvir do poder de Deus.

Os assentos estavam dispostos de maneira bastante singular em Azusa. Pelo fato de que não havia plataforma, Seymour sentava-se no mesmo nível que os outros membros da congregação. Os bancos eram dispostos de tal maneira que cada participante ficava de frente um para o outro. As reuniões eram bastante espontâneas e ninguém nunca sabia o que iria acontecer ou quem seria o pregador.

Na fase inicial em Azusa, todas as músicas eram cantadas de improviso e sem o uso de qualquer instrumento ou hinário. As reuniões geralmente começavam com uma pessoa cantando um hino ou dando um testemunho. E porque não havia nenhuma programação, alguém finalmente se levantava, com a unção



William }. Seymour, Rua Azusa, 312

para trazer a mensagem. O pregador poderia ser de qualquer raça, idade ou sexo. E todos sentiam que Deus era o responsável pelos apelos ao altar, que podiam acontecer em qualquer momento da reunião.

Na Rua Azusa os sermões eram pregados em inglês ou em línguas, com a devida interpretação. As vezes os cultos duravam por umas dez ou doze horas, ininterruptamente. Alguns duravam dias e noites! Muitos diziam que a congregação nunca se cansava, pois eram fortalecidos pelo Espírito Santo. E não era raro ver alguns dos participantes, depois das reuniões, reunidos em alguma rua nas primeiras horas da manhã, debaixo da luz de algum poste, falando sobre as coisas de Deus.

Os cultos eram tão ungidos que se alguém se levantasse para pregar, do seu próprio conhecimento intelectual, os cristãos, cheios do Espírito, começavam a chorar copiosamente. Isso ficou bem exemplificado com o que aconteceu a uma senhora chamada Mãe Jones. Certo dia, durante o culto, um homem levantou-se para pregar e, aparentemente, não havia sido guiado pelo Espírito. Enquanto ele estava ali de pé, pregando, ela se dirigiu rápida e em silêncio para a plataforma, sentou-se aos pés do púlpito, e começou a encarar aquele irmão com um olhar frio e desconfiado. Finalmente ela disse: "Será que você não está vendo que não tem a unção para pregar?" Por causa desse incidente, Mãe Jones ganhou rapidamente a reputação de desencorajar qualquer pregador que não estivesse cheio da unção de Deus de assumir •o púlpito. As pessoas diziam que tudo o que ela precisava fazer era ficar de pé, e o pregador "sem unção" saía correndo do púlpito!

Logo pessoas de todas as classes sociais começaram a freqüentar as reuniões da Rua Azusa. Em seu livro, *Azusa Street* (Rua Azusa), Frank Bartleman escreveu [o seguinte:

> "Muitos eram apenas curiosos e incrédulos, mas outros estavam realmente com fome de Deus. As perseguições de fora nunca prejudicaram o trabalho; o que tínhamos de temer eram as obras do mal que estavam dentro. Mesmo os espiritualistas e hipnotistas vieram investigar, e tentar influenciar negativamente. Depois, também vieram religiosos invejosos e desonestos, procurando um lugar na obra que estava sendo realizada ali. Entretanto, esse é sempre um perigo em qualquer trabalho novo, pois esse tipo de pessoa não tem espaço em nenhum outro lugar. Esta situação trouxe certo temor sobre muitos, que foi difícil de vencer; isso impedia o Espírito, pois muitos ficaram temerosos de buscar a Deus, temendo serem atacados pelo diabo."[15]

Bartleman também escreveu:

> "Muito cedo no trabalho de Azusa' descobrimos que, quando tentávamos 'segurar a arca', o Senhor parava de agir. Preferimos não chamar muito a atenção das pessoas para as obras do diabo, pois o temor acabaria por vir; a única coisa a fazer era orar. E o Senhor nos deu a vitória. Havia uma presença de Deus conosco, por intermédio da oração, na qual podíamos confiar. Embora os líderes tivessem experiências limitadas, o mais maravilhoso é que o trabalho sobreviveu a todos os ataques dos seus poderosos adversários."[16]

Creio que essa declaração de Bartleman tenha sido uma das razões principais para que Seymour fosse severamente criticado como líder. Contudo, Deus estava procurando por um vaso disposto - e encontrou Seymour. Deus não estava à procura daqueles que se gabavam de sua experiência e *status* social. Em termos espirituais, porém, a experiência *limitada* de Seymour pode ter sido a causa de suas dificuldades. Eu acredito que toda liderança deve enfatizar fortemente a verdade, em vez de focalizar no que é falso; afinal de contas, o engano não pode prevalecer contra a autoridade, a força, e a visão de uma liderança santa e piedosa. Estou feliz que aqueles irmãos tenham confiado sempre na oração, pois é ela que traz a solução; entretanto. Deus também transmite a sua voz por intermédio da liderança. E essa voz, pelo poder do Espírito Santo, saberá separar o que é verdadeiro daquilo que é falso e que vai perecer. Uma liderança forte e orientada por Deus pode separar o ouro do latão.

Apesar de alguns conflitos espirituais, a missão em Azusa começou a operar de dia e de noite. Todo o prédio foi organizado de maneira a ser usado em sua capacidade total. Enfatizava-se muito o poder do sangue de Jesus, o que inspirava o grupo a procurar um modo de vida mais elevado. Um amor divino começou a se manifestar, impedindo que qualquer palavra desagradável fosse pronunciada entre eles; as pessoas tinham o cuidado de não magoarem o Espírito Santo. Tanto o rico e educado, como o pobre e. sem instrução sentavam-se juntos na serragem e nos barris transformados em bancos.

LOTANDO AS RUAS

Certo homem, em Azusa, disse o seguinte: "Eu preferiria viver seis meses nesta época de hoje, do que cinqüenta anos de uma vida medíocre. Por mais de uma vez já me detive a dois quarteirões do local e orei pedindo forças, antes de me atrever a continuar. A presença de Deus ali era absolutamente real!"[17]

As pessoas costumavam dizer que, em Azusa, o poder de Deus podia ser sentido mesmo do lado de fora do prédio. Dezenas de pessoas foram vistas prostrando-se ao chão em plena rua, antes mesmo de conseguirem chegar à missão. Depois, muitos se levantavam falando em línguas, sem sequer ter recebido qualquer orientação de alguém do lado de dentro.[18]

No verão, a freqüência já tinha alcançado números surpreendentes, geralmente em torno de milhares. O local havia se tornado um ajuntamento internacional. Um relatório dizia que "Todos os dias, dos trens desembarcava um grande número de visitantes que tinham vindo de todas as partes do continente. Novos relatórios das reuniões se espalharam por toda a nação, tanto na imprensa secular como na religiosa."[19]

Embora a inexperiência de Seymour pudesse ter prevalecido no início, veteranos experientes no ministério chegaram para ajudar no apoio ao trabalho dele. Muitos vieram do movimento Holiness, ou eram missionários voltando do campo. O resultado dessa experiente mistura de pessoas foi um maravilhoso novo grupo de missionários que foram enviados a todas as nações. Muitos, recém batizados com o Espírito Santo, senriam-se chamados para a obra missionária em paises específicos. Por isso, homens e mulheres estavam partindo para países como a Escandinávia, China, índia, Egito, Irlanda e várias outras nações. Até mesmo a Irmã Hutchinson, que inicialmente havia fechado as portas da missão para Seymour, juntou-se ao trabalho em Azusa, recebeu o batismo com o Espírito Santo e foi enviada como missionária para a Africa."[20]

Owen Adams, de Califórnia, viajou de Azusa para o Canadá, onde se encontrou com Robert Semple, primeiro marido de Aimée Semple McPherson. Quando Adams encontrou Semple, contou a ele dos acontecimentos milagrosos ocorridos em Azusa e de sua experiência de falar em línguas. Semple ficou muito empolgado e ralou sobre isso com a sua esposa Aimée, antes que seguissem para a China, onde Robert Semple morreria. Contudo, as novidades de Adams fizeram nascer no coração de Aimée uma ardente curiosidade, e assim, quando ela voltou para os Estados Unidos, escolheu Los Angeles para ser a base de seu trabalho, sendo o lugar onde giu o seu fenomenal ministério.[21]

Embora houvesse muita empolgação circulando entre as pessoas de Azusa sobre batismo com o Espírito Santo, muitos não compreenderam o propósito de se falar em línguas. Uma boa parte deles achava que isso era apenas uma língua divina para ser usada nas nações para onde estavam sendo enviados como missionários.[22]

Nessa época, tinha-se a impressão de que todas as pessoas amavam William Sey-inour. Durante o mover do Espírito, ele costumava se prostrar em oração, introdu-"ndo a sua cabeça na caixa de madeira que servia de púlpito, e que ficava logo à sua liente. O irmão Seymour nunca falava sobre salário; por isso, freqüentemente era listo "andando entre a multidão com notas de cinco e dez dólares saindo de dentro dos seus bolsos, que as pessoas haviam enfiado ali sem que ele percebesse."[23]

John G. Lake também visitou as reuniões da Rua Azusa. Mais tarde, em seu livro, *ventures in God* (Aventuras em Deus), ele escreveu o seguinte a respeito de Sey-ur: "Ele tinha o vocabulário mais engraçado que eu já vi. Mas quero dizer uma coisa: havia ali doutores, advogados e professores ouvindo as coisas maravilhosas que saíam de seus lábios. Não foi o que ele disse em palavras, mas o que ele "disse" por meio do seu espírito para o meu coração que me mostrou que ele tinha mais de Deus em sua vida do que qualquer outro homem que eu já havia conhecido até aquele t[illegible]ele que atraía as pessoas a ele."[24]

Os missionários eram chamado[illegible]alhando para virem presenciar o fenômeno cend[illegible]am e levaram a mensagem pentecostal da tudo[illegible] todos os milagres que ocorreram ali.





ırrega[illegible]o para qualquer lugar cue fossem, para sem [illegible]e teste-unhavam e oravam pelos enfermos ngele[illegible]cantando e pregando, e trabalhavam como as po[illegible] era incrível e muito empolgante de se ver. do d[illegible]ma publicação chamada *The Apostolic Faith* s me[illegible]a com mais de vinte mil nomes. E logo no havia[illegible]

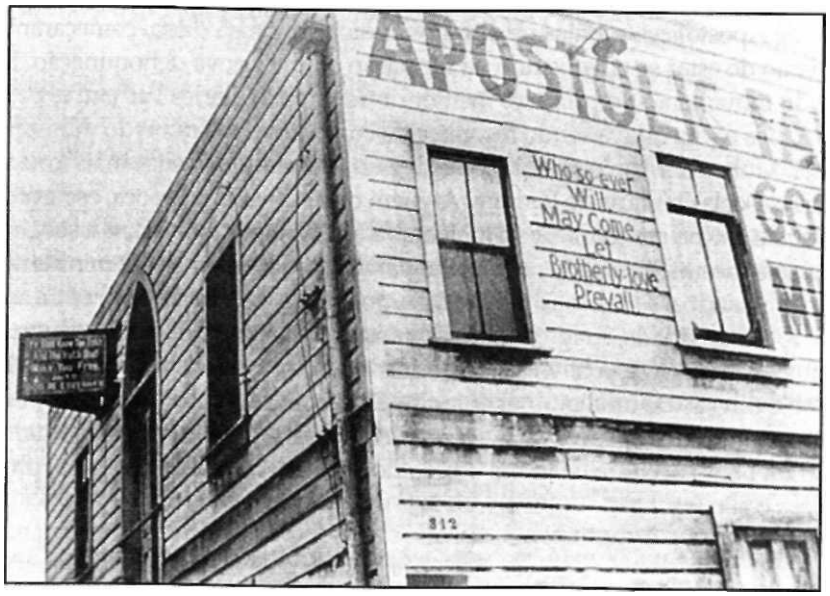
Jennie Evans Seymour



Seymour com F.F.Bosioorth (no meio) ejohn G. Lake (embaixo à direita)



Papai Seymour



Missão Fé Apostólica, na Rua Azusa 312, Los Angeles, Califórnia

mais do que dobrado. Nessa publicação Seymour anunciava a sua intenção de restaurar "a fé que uma vez foi outorgada" por intermédio das antigas pregações, reuniões em acampamentos, avivamentos, missões, trabalhos nas ruas e nas prisões.[25]

Em sua primeira publicação, Seymour escreveu: "... multidões têm chegado. Deus não faz diferença de nacionalidade."[26]

Depois, alguns meses mais tarde, ele escreveu:

> "O culto foi uma ocasião de quebrantamento e união. As pessoas, quebrantadas, se uniam umas às outras... como uma só massa, um mesmo pão, um só corpo em Cristo Jesus. Não há judeu ou gentio, escravo ou livre, na Missão Azusa. Nenhum instrumento que possa ser usado por Deus é rejeitado por causa de cor ou maneira de se vestir, ou mesmo por falta de instrução. E por isso que Deus tem edificado a sua obra... e o que é mais agradável é a amorosa união que existe aqui."[27]

Obviamente essas palavras foram revolucionárias naquele tempo de tantos conflitos raciais.

O COMEÇO DO DECLÍNIO

Já era esperado que as perseguições das pessoas de fora de Azusa fossem ocorrer; entretanto, isso logo começou a se manifestar também dentro do movimento. Certa manhã de outono, quando alguns membros chegaram cedo à missão, viram as palavras: "Missão Fé Apostólica" escritas no alto do prédio. Por causa disso, começaram a acusar a missão de estar se envolvendo na formação de uma nova denominação. Este era o nome do movimento do primeiro mentor de Seymour, Charles Parham e, por isso, a Missão Azusa agora estava sendo reconhecida como um novo ramo do ministério desse mentor. Muitos temiam que a missão estivesse se tornando apenas mais uma na rede de igrejas e escolas bíblicas de Parham. Alguém que estava lá na época, escreveu:

"Daquele tempo em diante, os problemas e as divisões começaram a surgir. Já não se percebia a mesma liberdade no Espírito para todos, como antes. O ministério havia mudado, passando a ser apenas mais um grupo, uma organização rival entre as outras igrejas e seitas da cidade... a igreja é um organismo, não uma organização humana."[28]

Naquele tempo, Azusa havia estabelecido centros evangelísticos em Seattle e Por-tland, sob a direção de uma mulher de nome Florence Crawford. A sede de Los Angeles tentou atrair todos os focos de avivamento da Costa Oeste para a sua organização, mas não foi bem-sucedida e assim, a obra do avivamento foi aos poucos, preparando-se para o seu fracasso.

A QUESTÃO DA "ESPERA" E O DOM DE LÍNGUAS

Aquela nova parte do corpo de Cristo também não entendeu o conceito da "espera". Eles ficavam simplesmente esperando por horas pelo derramar do Espírito.

Depois, quando sentiam que muitos estavam abusando desse tempo, ficavam inquietos e incomodados. O que eles não imaginavam era que o Espírito Santo já havia vindo. Ele estava ali!

Além disso, ouve também a confusão em torno da compreensão que eles tinham a respeito de falar em outras línguas. Até ali, o que haviam aprendido era que o dom de línguas era apenas para o desenvolvimento de missões estrangeiras. Criam que se uma pessoa tinha o chamado para o campo missionário, receberia o dom de pregar na língua da nação para onde estava sendo chamada. Muitos missionários de Azusa ficaram desapontados quando descobriram que essa não era a regra. Embora seja um fato bíblico e histórico que esse dom pode se manifestar com esse propósito, não é apenas esse o seu uso. E foi um pouco mais tarde, durante o crescimento do Movimento Pentecostal, que esse dom seria entendido também como uma oração em línguas. Contudo, ali na Rua Azusa, a experiência de falar em línguas estava apenas "engatinhando"!

Os crentes de Azusa também acreditavam que a pessoa só precisava falar em línguas uma vez para ser cheia do Espírito Santo. Para os primeiros membros ali, falar em outras línguas era um mover soberano de Deus que significava esperar em Deus para que Ele viesse sobre eles.

Junto com todos esses mal-entendidos, começou a circular entre eles acusações de que manifestações carnais estavam sendo denominadas de "mover do Espírito Santo". E sendo essa compreensão espiritual algo tão novo, o amigo leitor pode imaginar como era difícil liderar isso tudo? Foi então que Seymour escreveu para Charles Pa-rham, pedindo que ele viesse a Azusa e presidisse um avivamento para todos.

FANÁTICOS, FALSOS E FRAGMENTADOS

Embora Seymour não concordasse totalmente com toda a teologia de Parham, creio que ele respeitava e confiava na experiência de liderança dele. Talvez acreditasse que Parham poderia mostrar outro ponto de vista e inflamar um novo mover de Deus ali.

Também foi falado que muitos outros escreveram cartas a Parham implorando que ele viesse até Azusa, e determinasse quais manifestações eram fingimento e quais eram verdadeiras. Não há documentação dessas cartas, mas a Sra. Parham disse que algumas delas estão em sua coleção.[29] Temos apenas uma carta escrita por Seymour para Parham, que diz: "... estamos esperando que um avivamento geral comece novamente

quando você chegar, e que esses pequenos avivamentos irão se juntar em um só e formar um grande avivamento unido."[30]

E verdade que houve muitas divisões entre os avivamentos de Los Angeles. Con-Tudo, pelos primeiros exemplos do caráter de Seymour, creio que ele desejava que Parham unisse a cidade, em vez de discipliná-la. E a verdade é que Parham não teria ido a Azusa se não tivesse sido convidado.

Quando Parham chegou, Seymour o apresentou como o "Pai deste Evangelho do reino."[31] Acredito que Seymour estava sendo sincero, pois ele precisava de um pai espiritual para ajudá-lo a liderar aquele grande movimento. Entretanto, o que quer que seja que ele esperava de Parham, as coisas não aconteceram como ele havia planejado. Depois dos sermões de Parham e das suas exortações em particular, Sey-mour fechou as portas da missão para ele.

Fico me perguntando o que será que Parham disse a Seymour? O que pode ter provocado a atitude dele de manter Parham longe de Azusa? Embora seja verdade que a educação, a liderança e a experiência de Parham fossem diferentes das de Seymour, a visão de ambos a respeito do batismo com o Espírito Santo parecia ser a mesma. Ou não?

Quando chegou em Azusa, Parham sentou-se no culto enquanto olhava horrorizado para as manifestações que estavam acontecendo ao seu redor. Durante os seus cultos, ele permitia que os membros tivessem certa liberdade, mas nada que beirasse o fanatismo. Alguns dos estudantes das escolas bíblicas do próprio Parham até sentiam que ele era muito rigoroso em sua definição de "fanatismo". E em Azusa, além dos gritos e das danças, as pessoas se "chacoalhavam" e tremiam. Era uma atmosfera profundamente emocional, e havia muitas manifestações verdadeiras do Espírito juntamente com as falsas. Por causa da variedade de culturas ali representadas, Seymour acreditava que cada pessoa deveria ter liberdade para ter a sua própria experiência emocional, baseado em como cada indivíduo entendia o mover do Espírito, independentemente deste entendimento estar certo ou errado.

A teologia de Seymour permitia que o Espírito Santo tivesse total liberdade para agir. Contudo, poucos sabiam o suficiente sobre o mover do Espírito para liderar o povo nessa questão. Seymour sentia que se uma cultura era forçada a agir ou se expressar de certa maneira, o Espírito não iria se manifestar entre eles. Creio que ele era muito sensível espiritualmente em seu modo de liderar, e seguiu isso com o melhor de suas habilidades. Existe uma linha muito tênue entre ferir o espírito humano e ofender o Espírito Santo.

Não existe nenhum registro de Seymour com respeito a manifestações de hipnotismo. Entretanto, existe de Parham. Vejamos um de seus relatórios sobre o assunto:

> "Eu corri para Los Angeles e, para a minha surpresa e espanto, encontrei a situação ainda pior do que imaginava... manifestações na carne, possessões; embora muitos estivessem mesmo recebendo o verdadeiro batismo com o Espírito Santo, vi pessoas no altar praticando o hipnotismo naqueles que estavam buscando o batismo com sinceridade de coração.
>
> "Depois de pregar por dois ou três minutos, dois líderes da igreja me disseram que eu não era bem-vindo naquele lugar. Então, juntamente com alguns cooperadores do Texas, abrimos um grande avivamento no prédio W.C.T.U. em Los Angeles. Muitos foram salvos e maravilhosas curas aconteceram ali. E mais ou menos umas trezentas pessoas que estavam possessas ou com estranhos espasmos e ataques durante os trabalhos na Rua Azusa foram libertas, receberam os verdadeiros ensinos do Pentecoste e também falaram em outras línguas.
>
> "Quando falei sobre as diferentes fases do fanatismo que se tem visto aqui, o fiz com toda bondade e ao mesmo tempo, com todo temor e firmeza. Contudo vou falar francamente com respeito ao trabalho que encontrei aqui: encontrei influências hipnóticas, influência de espíritos familiares, influências do espiritismo, do mesmerismo*, e todo tipo de feitiços, espasmos, pessoas em transe, etc.
>
> "Também quero dizer umas palavras sobre o Batismo com o Espírito Santo. O falar em línguas nunca é produto de nenhuma das práticas ou influências mencionadas acima. Tais procedimentos não são conhecidos entre nossos obreiros, como a sugestão de certas palavras e sons, um tipo de movimento do queixo, ou massagem na garganta. Existem muitos em Los Angeles que cantam, oram e falam em línguas maravilhosamente, à medida que o Espírito Santo as orienta, mas existe muita barulheira aqui que não é o dom de línguas de maneira nenhuma! O Espírito Santo não faz nada que não seja natural ou apropriado, e qualquer empenho forçado do corpo, mente ou da voz não é obra do Espírito Santo e, sim, de algum espírito familiar, ou outra influência. O Espírito Santo nunca nos leva além do ponto do autocontrole ou do

controle de outros, enquanto que espíritos familiares ou fanatismo, ambos nos fazem perder o autocontrole e a capacidade de ajudar aos outros."[32]

Talvez a percepção de Parham estivesse certa, contudo, os resultados poderiam Ser sido diferentes se ele tivesse sido um pouco mais paternal do que ditador. Seymour nunca mudou sua teoria e nem Parham. Durante dois meses Seymour não mencionou a rivalidade. E mesmo quando ele finalmente o fez, seus comentários fornam discretos, evitando qualquer crítica direta. Ele escreveu:

"Algumas pessoas estão perguntando se o Dr. Charles F. Parham **é** o líder deste movimento. Podemos responder que não, ele não **é** o líder do movimento da Missão Azusa. Pensamos que ele poderia ser o nosso líder e, por essa razão, declaramos isso em nossos jornais, antes mesmo de esperar a confirmação de Deus. Às vezes podemos ser precipitados, especialmente quando somos muito inexperientes no poder do Espírito Santo. Somos apenas como bebês - cheios de amor - e estávamos prontos a aceitar como nosso líder a qualquer um que tivesse o batismo com o Espírito Santo. Entretanto, o Senhor começou a nos estabelecer, e vimos que Ele deveria ser o nosso líder. Por isso honramos a Jesus como o Grande Pastor das ovelhas. Ele **é** o nosso modelo."[33]

Assim, na tentativa de defender a sua doutrina de unidade, Seymour permaneceu fiel aos seus ensinamentos, não permitindo que nenhuma palavra rude fosse proferida contra qualquer dos seus acusadores.

*" Teoria de Franz Anton Mesmer (1733-1815), médico austríaco, segundo a qual todo ser vivo seria dotado de um fluido magnético capaz de se transmitir a outros indivíduos, estabelecendo-se, assim, influências psicossomáticas recíprocas, inclusive com fins terapêuticos (Dicionário Aurélio).

O PROBLEMA DA SANTIFICAÇÃO

Embora Seymour fosse um seguidor de John Wesley, ele nunca seguiu seus ensinamentos sobre santificação. Seymour cria que uma pessoa poderia vir a perder a salvação, se agisse na carne. Ele ensinava que a santificação, ou a perfeição sem pecado, era uma obra da graça, diferente da salvação. Uma vez que a pessoa fosse santificada, iria agir em santidade durante todo o tempo. Entretanto, se pecasse ela perderia a salvação.

Pode imaginar os problemas e acusações que esse tipo de ensino provocou ali em Azusa?

Muitos cristãos, super zelosos, eram pegos apontando o dedo e julgando uns aos outros. O comportamento farisaico deles resultou em conflitos, divisões e muita controvérsia. Na verdade, essa era a razão principal de Seymour nunca reagir na carne por causa de alguma perseguição que viesse contra ele. Segundo a sua teologia, ele precisava agir assim para manter a sua salvação. Ele disse o seguinte a esse respeito:

"Se você ficar irado, ou falar palavras nocivas, ou caluniar alguém, não me importa em quantas línguas você possa falar - você não tem o batismo com o Espírito Santo. Você perdeu a sua salvação."[34]

Seymour poderia até fechar as portas para algum pregador que fizesse oposição a ele, mas jamais falaria uma única palavra contra tal pessoa.

AMORE TRAIÇÃO

Apesar das muitas acusações, erros e perseguições, Seymour permaneceu fiel na sua busca por avivamento. Parecia que ele confiava e acreditava sempre no melhor de cada pessoa. E como uma demonstração de sua natureza gentil e quase ingênua, mais tarde ele escreveu:

"Você não pode ganhar as pessoas pregando contra suas igrejas ou pastores... se você pregar contra igrejas, vai descobrir que o doce Espírito de Cristo... vai desaparecer e um severo espírito de julgamento virá para ocupar o lugar dele. As igrejas não devem ser culpadas pelas divisões. As pessoas estão

buscando a luz. Elas fundam denominações porque não conhecem uma maneira melhor. Quando as pessoas fogem do amor do Senhor, começam a pregar sobre roupas, comidas, doutrinas de homens e contra as igrejas. Todas essas denominações são nossas irmãs... por isso, vamos buscar a paz e não a confusão... No momento que acharmos que somos os donos da verdade, estaremos prestes a cair."[35]

Na próxima primavera, Seymour precisava decidir se iria comprar o local em Azusa, ou mudar-se para outro local. Então ele apresentou as opções para a congregação e os irmãos concordaram em fazer um pagamento imediato de quatro mil dólares, dos quinze mil que precisavam. E dentro de um ano, bem antes do prazo final que eles tinham, o restante foi pago. Nesse tempo, notícias de milagres e abertura de novas missões chegavam a Los Angeles, vindas de todas as partes do mundo. Encorajado, Seymour comentou: "Estamos às portas do maior milagre que o mundo já presenciou/'[36]

Durante esse tempo, Seymour começou a pensar em se casar. Então, Jennie Evans Moore, um membro fiel do seu ministério em Los Angeles, tornou-se a sua esposa. Ela era uma moça conhecida por sua beleza, por seus talentos musicais e pela sensibilidade espiritual que possuía. Era uma pessoa muito gentil e sempre se manteve fiel ao lado de Seymour. Foi ela quem sentiu de Deus que eles dois deveriam se casar, e Seymour concordou. Assim, o casamento foi realizado no dia 13 de maio de 1908. Depois do casamento, William e Jennie se mudaram para um modesto apartamento que ficava no piso superior da Missão Azusa.

Entretanto, a notícia do seu casamento irritou um pequeno, mas influente grupo na missão. Uma das pessoas que mais se colocou contra foi Clara Lum, a secretária da missão e responsável pela publicação do jornal. Depois que ela ficou sabendo do casamento de Seymour, decidiu repentinamente que era hora de deixar a missão.

Alguns membros de Azusa tinham umas idéias muito estranhas sobre casamento. O grupo de Lum acreditava que o casamento nos últimos dias era uma desonra, uma vez que Jesus já estava voltando. Ela condenou severamente Seymour por causa de sua decisão.

Pode ser que Clara Lum estivesse secretamente apaixonada por Seymour, e tenha decidido ir embora por causa do seu ciúme. Qualquer que seja a razão, o fato **I** que ela se mudou para Portland, no estado do Oregon, para se juntar à missão liderada por uma antiga membro associada de Azusa, Florence Crawford. E quando ela foi embora, levou consigo as listas de assinantes do jornal de Seymour, tanto a nacional como a internacional.

Essa atitude inconcebível acabou com o alcance mundial da publicação de Seymour. Toda a sua lista de assinantes, nacionais e internacionais, de mais de cinqüenta mil nomes, fora roubada. Ele ficou apenas com os assinantes da cidade de los Angeles. Então, quando a edição de maio de 1908, da revista *Fé Apostólica* foi enviada para o correio, a capa era igual às anteriores, mas dentro havia uma nota avisando do novo endereço em Portland, para onde os assinantes deveriam enviar as ofertas e correspondências. Os milhares que ansiosamente liam o jornal e en-'avam as suas contribuições para a publicação, agora começaram a enviá-las a rtland, sem questionar a mudança. E já no número de junho, não havia nenhum go de Seymour publicado. Finalmente, por volta de setembro daquele ano, as ferências sobre Los Angeles foram omitidas completamente. Quando ficou claro e a senhorita Lum não voltaria, os Seymour viajaram até Portland para a con-ntarem e pedir de volta a lista. Contudo, eles nunca conseguiram o seu intento, sem essas informações vitais, era impossível para Seymour continuar com a sua blicação. E assim começou uma era dramática em Azusa.

A ÚLTIMA DIVISÃO: DEUS OU O HOMEM?

Durante os anos de 1909 e 1910 Seymour continuou o seu ministério em Azusa. apesar de o número de pessoas ter diminuído dramaticamente, por falta de influência e recursos. Então, ele deixou dois jovens na direção da missão e partiu para Chicago, em uma viagem de pregações pelo país. E no início de 1911, William H. Durham começou a realizar reuniões em Azusa, em seu lugar.

A pregação dramática de Durham trouxe centenas de pessoas novamente para a missão. Até muitos dos antigos cooperadores de Azusa, de muitas partes do mundo, também voltaram para a missão. Quando o fogo começou a descer novamente ali, eles chamaram isso de "o segundo aguaceiro da Chuva Tardia". Em um dos cultos, mais de quinhentas pessoas tiveram de voltar para suas casas, pois não havia lugar. Por isso, nos intervalos dos cultos, as pessoas não saíam, com medo de perder os seus assentos.[37]

O último conflito em Azusa aconteceu entre Seymour e Durham. Os dois divergiam grandemente em sua teologia. Durham pregava em alto e bom som, de modo inflexível, que a pessoa não poderia perder a sua salvação, mesmo se cometesse pecados. A salvação era pela fé, expressada em obras; mas não apenas pelas obras. Ele pregava que o Movimento Pentecostal precisava desesperadamente de um equilíbrio entre a lei e a graça, porque a doutrina das "obras", havia provocado muitas divisões.[38] Seus ensinos caíram como uma chuva fresca em dia quente sobre aqueles que o ouviram. Isso fez com que as pessoas voltassem literalmente, aos montes!

Alarmados pelo grande número de seguidores de Durham e pelas diferenças em sua doutrina, os líderes de Azusa acharam melhor entrar em contato com Seymour. Por isso, ele voltou imediatamente a Los Angeles para reunir-se com Durham. Entretanto, Seymour e Durham não conseguiram chegar a um acordo sobre as suas doutrinas. Assim, no mês de maio, Seymour fez novamente uso do "cadeado" e fechou as portas da missão para Durham.[39]

Sem se deixar abalar pela atitude de Seymour, Durham e seus auxiliares adquiriram um grande prédio de dois andares que tinha capacidade de acomodar mais de mil pessoas sentadas. O andar de cima era usado como um local reservado para oração e ficava aberto dia e noite. As multidões de Azusa seguiram Durham e milhares foram salvos, batizados e curados, enquanto a velha missão Azusa se transformou em um local virtualmente deserto.

CANSADO E EXAUSTO

Entretanto, a velha missão Azusa permaneceu aberta para qualquer um que desejasse entrar. Seymour continuou sendo o líder e manteve a sua doutrina, mesmo não havendo ninguém interessado em participar. Ele mudou as reuniões para apenas uma vez por semana, aos domingos, as quais duravam o dia inteiro. Por várias vezes ele tentou aumentar o número de reuniões, mas não havia interesse por parte do público. E no final, havia uma assistência de apenas vinte pessoas, que eram basicamente do grupo original de Azusa. Ocasionalmente apareciam visitantes que haviam participado da missão nos seus "tempos de glória" e, naturalmente, Seymour içava feliz em lhes dar as boas vindas. Contudo, a cada dia ele passava mais e mais iempo na leitura e na meditação.

Em 1921 William Seymour fez a sua última campanha pela América. Quando efe regressou a Los Angeles, em 1922, as pessoas começaram a notar que ele parecia muito cansado. Ele assistia a muitas convenções ministeriais, mas nunca recebia cualquer reconhecimento por parte dos líderes destas convenções.

Finalmente, em 28 de setembro de 1922, enquanto estava na missão, Seymour sentiu uma súbita dor no peito. Um dos seus auxiliares correu para chamar um médico que ficava há apenas algumas quadras de onde ele se encontrava. Depois de examinar Seymour, o doutor recomendou que ele descansasse. Mais tarde, naquele mesmo dia, às cinco horas da tarde, enquanto ele ditava uma carta, sentiu outra terrível dor no peito. Ele lutou com grande dificuldade para conseguir respirar, mas acabou falecendo. Partiu para estar com o Senhor com a idade de cinqüenta e dois anos. A causa oficial de sua morte foi declarada como parada cardíaca.

O avivalista foi enterrado em um simples caixão de sequoia, no Cemitério Ever-green, em Los Angeles. Ele foi colocado para descansar entre as sepulturas de muitos outros, de várias nações e continentes. Em seu epitáfio, escreveram as simples palavras: "Nosso Pastor". Infelizmente, apenas duzentas pessoas compareceram ao funeral de William Seymour, mas elas deram muitos testemunhos das grandes obras de Deus realizadas por intermédio deste grande general, que lutou na linha áe frente do ministério.

SOMBRAS E LOBOS

Depois da morte de Seymour, por alguns anos sua esposa exerceu a função de pastora da Missão da Rua Azusa. Tudo continuou bastante tranqüilo durante oito anos. Depois, em 1931, mais problemas surgiram. Por intermédio de uma série de batalhas judiciais travadas por alguém que desejava assumir a liderança da Missão, as autoridades da cidade se indispuseram com o grupo e disseram que a estrutura ¿a propriedade estava condenada. Mais tarde, nesse mesmo ano, o prédio foi demolido. Antes disso, porém, ela havia sido

oferecida a uma denominação Pentecostal, «pie respondeu: "Não estamos interessados em ruínas"[40] Hoje, só existe uma placa ■a rua onde ficava a propriedade. Aquele local é apenas um lote vago.
Cinco anos mais tarde, Jennie Seymour foi admitida em um hospital da região, cjue tratava de doentes terminais. Ela faleceu no dia dois de julho de 1936, vitima de ada cardíaca e foi unir-se ao seu marido, no céu.

O LEGADO DE PODER

Embora o legado deixado por William J. Seymour pareça um tanto desanimador, seu trabalho entre os anos de 1906 e 1909 resultou no surgimento e vertiginoso crescimento do Movimento Pentecostal em todo o mundo. Hoje, muitas denominações atribuem a sua fundação aos participantes de Azusa. Muitos dos primeiros líderes *¿a* Igreja Assembléia de Deus vieram do ministério em Azusa. Demos Shakarian, o fundador da Associação dos Homens de Negócio do Evangelho Pleno, disse que o seu avô havia sido membro daquele ministério. Os esforços evangelísticos da família Valdez, da família Garr, do Dr. Charles Price, e outros incontáveis também são ligados àquele avivamento.

Provavelmente todos do Movimento Pentecostal de hoje podem atribuir suas raízes, de algum modo, ao trabalho de Azusa. Independentemente de toda a controvérsia e doutrinas peculiares de Azusa, sempre que esse nome é mencionado, mais do que depressa se pensa no poder do Espírito Santo que foi derramado ali.

DEUS NÃO É RACISTA

Alguns têm tentado fazer do Avivamento da Rua Azusa e do ministério de William J. Seymour uma simples questão de racismo. Infelizmente, algumas vezes um genuíno mover de Deus acaba ficando em segundo plano em função de considerações raciais. Talvez esse seja o principal motivo porque o que se deu em Azusa tenha durado apenas três anos. Deus não perrmtiria que sua glória fosse vítima das discussões de homens. E, se isso porventura acontecesse, Ele se aparta e fim da questão.

Alguns dos que parecem se deixar influenciar por questões raciais ficam chateados com o fato de Seymour ser chamado de o "catalisador" do Pentecoste, em vez de "pai" desse movimento. Segundo o dicionário Webster, o "catalisador" é algo que "apressa um processo ou um acontecimento, e aumenta o grau de velocidade a que se processa uma reação" (tradução direta do original inglês). E foi exatamente isso o que Seymour fez. O ministério Pentecostal de William Seymour aumentou a consciência das pessoas a esse respeito a tal ponto que não apenas causou uma reviravolta na maior cidade dos Estados Unidos da época, como também se espalhou por todo o mundo a um ritmo inacreditável. Parece que cada continente foi de alguma forma, tocado pelo avivamento de Azusa.

Conforme já mencionamos, questões raciais foram apenas uma pequena parte das *muitas* interferências ocorridas em Azusa. Creio que cometemos um grande erro quando olhamos para esse avivamento como se fosse uma questão primordialmente de negros e brancos. Nenhuma raça em particular pode reclamar a patente do mover de Deus. O Senhor nunca agiu segundo a cor do homem; Ele opera através do coração humano.

A medida que vamos conhecendo os grandes Generais do nosso passado e nos dispomos a aprender com o sucesso deles, não permita que você seja contado entre os que fracassaram. Recuse-se a ouvir as vozes de ontem e de hoje que vêem apenas as aparências. Em vez disso, siga o exemplo daqueles que foram impulsionados pelo Espírito de Deus. Prossigamos em direção à maturidade e lutemos pelo prêmio que é muito melhor que a glória pessoal.

Só a eternidade revelará totalmente os frutos do ministério de William J. Seymour. Contudo, uma coisa é certa: ele foi como uma banana de dinamite, pronta para ser usada por Deus, para provocar a explosão do avivamento pentecostal por todo o mundo. E foi exatamente isso o que ele fez.

CAPÍTULO CINCO, WILLIAM **J.** SEYMOUR Referências:

A.C.Valdez Sr. Fire on Azusa Street (Fogo na rua Azusa). Costa Mesa, CA: Gift Publications, 1980. pp. 87-89.
Emma Cotton. *Personal Reminiscenses* (Recordações pessoais). Los Angeles, CA: West Coast Publishers, 1930, p. 2, citado em "Inside Story of the Outpouring of the Holy Spirit, Azusa Street, April 1906" (Por dentro da

história do derramamento do Espírito Santo na Rua Azusa, abril de 1906), publicado em *Message of the Apostolic Faith* (Mensagem da fé apostólica), abril de 1939. Vol. 1, pp. 1-3.
James S. Tinney, *In the Tradition of William J. Seymour* (Na tradição de William J. Seymour), p. 13, citado de "Father of Modern-Day Pentecostalism" (Pai do pentecostalismo moderno), no *Journal of the Interdenominational Theological Center* (Diário do centro teológico interdenominacional), p. 4 (outono de 1976), pp. 34-44, e extraído de *Autobiography* (Autobiografia), do Dr. Duane Miller. Sra. Charles Parham, *The Life of Charles F. Parham* (A vida de Charles Parham), Birmingham: Commercial Printing Co., 1930. pp. 112-123.
Ibid., Tinney. *In the Tradition of William J. Seymour* (Na tradição de William J. Seymour), p. 14. *Ibid.,* p. 15.
Frank Bartleman, *Azusa Street* (Rua Azusa), Plainfield, NJ: Logos International, 1980. pp. 33, 90.
C.W. Shumway, "A Critical Study of the Gift of Tongues" (Um estudo crítico sobre o dom de línguas), A. B. Dissertação, Universidade da Califórnia, julho de 1914, p. 173 e "A Critical History of Glossolalia" (Uma história crítica de Glossolalia), tese de doutorado, Universidade de Boston, 1919.
Cotton, *Personal Reminiscences* (Recordações pessoais), p. 2.
C. M. McGowan, *Another Echo From Azusa* (Um outro eco de Azusa), Covina, CA: Oak View Christian Home, p. 3.
Thomas Nickel, *Azusa Street Outpouring* (O derramamento da rua Azusa), Hanford, CA: Great Commission International, 1956,1979, 1986, p. 5, e Shumway, *A Critical Study of the Gift of Tongues* (Um estudo crítico sobre o dom de línguas), p.175.
Shumway, *A Critical Study of the Gift of Tongues* (Um estudo crítico sobre o dom de línguas), pp. 175,176, e Cotton, *Personal Reminiscences* (Recordações pessoais), p. 2.
Cotton, *Personal Reminiscences* (Recordações pessoais), p.3.
Shumway, *A Critical Study of the Gift of Tongues* (Um estudo crítico sobre o dom de línguas), pp. 175,176.
Bartleman, *Azusa Street* (Rua Azusa), p. 48.
Ibid.

17 *Ibid.,* pp. 59,60.
18 Tinney, *In the Tradition of William J. Seymour* (Na tradição de William J. Seymour), p. 17.
19 *Ibid.*
20 Nickel, *Azusa Street Outpouring* (O derramamento da rua Azusa), p. 18.
21 *Ibid.*
22 Shumway, *A Critical Study of the Gift of Tongues* (Um estudo crítico sobre o dom de línguas), pp. 44,45.
23 Tinney, *In the Tradition of William J. Seymour* (Na tradição de William J. Seymour), p. 18
24 John G. Lake, *Adventures in God* (Aventuras em Deus), Tulsa, OK: Harrison House, Inc., 1981, pp.18,19.
25 *Ibid.,* p. 18.
26 *Apostolic Faith* (Fé apostólica), setembro de 1906.
27 *Ibid.,* novembro e dezembro de 1906.
28 Bartleman, *Azusa Street* (Rua Azusa), pp. 68, 69.
29 *Interview with Mrs. Pauline Parham* (Entrevista com a Sra. Pauline Parham).
30 Parham, *The Life of Charles F. Parham* (A vida de Charles Parham), p. 154.
31 *Ibid.,* p. 163.
32 *Ibid.,* pp. 163-170.
33 *Apostolic Faith* (Fé apostólica), dezembro de 1906.
34 *Ibid.,* junho de 1907.
35 *Ibid.,* janeiro de 1907.
36 *Ibid.,* outubro de 1907 - janeiro de 1908.
37 Bartleman, *Azusa Street* (Rua Azusa), p. 150.
38 *Ibid.,* pp. 150,151 e Valdez, *Fire on Azusa* (Fogo sobre Azusa), p. 26.
39 Bartleman, *Azusa Street* (Rua Azusa), p. 151.

[40] Tinney, *In the Tradition of William J. Seymour* (Na tradição de William J. Seymour), p. 19.

CAPÍTULO SEIS

John G. Lake



"O HOMEM DA CURA"

y/''T1 u disse aos médicos: Senhores, gostaria que fizessem mais uma coi-l-H sa. Vão até o seu hospital e me tragam um homem que tenha uma I J inflamação nos ossos da perna. Coloquem na perna enferma os equipamentos médicos de monitoração que desejarem, deixando apenas um espaço para que eu coloque a mão na perna afetada. Podem colocar equipamentos de ambos os lados."

"Quando estava tudo pronto, coloquei a mão na parte enferma e orei de modo semelhante às orações da irmã Etter - nada de orações tímidas, apenas um clamor a Deus, do fundo do meu coração. Eu disse: Senhor, mata esta enfermidade satânica com teu poder. Que o teu Espírito aja neste homem agora e traga vida a ele."

"Então eu lhes perguntei: E então, senhores, o que está acontecendo?" "A resposta deles foi: Cada célula afetada está reagindo."[1]

Se algum dia existiu alguém que se pode dizer que andou sob o poder da revelação de "Deus no homem", essa pessoa foi John G. Lake. Ele era um homem com propósito, visão, força e caráter; seu único objetivo na vida era mostrar o Senhor, em sua plenitude, a cada pessoa.

Ele sempre dizia que o segredo do poder de Deus não estava no *fazer,* **mas sim,** tio *ser.* **Para ele, os cristãos cheios do Espírito deveriam** *manifestar o mesmo tipo de ministério de Jesus* quando viveu aqui na terra, e que isso só seria possível se eles vissem a si mesmos como Deus os vê.

AS SOMBRAS DA MORTE

John Graham Lake realizou o seu ministério e viveu toda a sua vida neste mund pensando que essa era a maneira correta de os cristãos viverem.

Ele nasceu no dia 18 de março de 1870, em Ontário, Canadá; ao todo os seus pais tiveram dezesseis filhos. Quando ainda era um garoto, ele e toda a sua família se mudaram para Michigan.

A primeira vez que Lake ouviu a mensagem do Evangelho foi em uma reunião do Exército de Salvação, quando ele tinha dezesseis anos de idade; logo depois entregou a sua vida ao Senhor. Embora sempre tenha tido uma vida correta, seu coração vivia inquieto até que pediu a Deus que o salvasse. Mais tarde, falando sobre o seu encontro com Jesus Cristo, Lake escreveu o seguinte:

"Fiz minha entrega ao Senhor, e a luz do céu inundou a minha alma. Quando me levantei do lugar onde estava ajoelhado, o fiz com a certeza de que tinha me tornado um filho de Deus."[2]

Os pais de Lake eram fortes, pessoas verdadeiramente vigorosas que haviam sido abençoadas por Deus com uma saúde maravilhosa. Entretanto, um espírito de enfermidade e de morte havia se agarrado aos demais membros de sua família. Oito deles - quatro irmãos e quatro irmãs - haviam morrido vítimas de alguma doença. "Por um período de trinta e dois anos, um ou outro membro de nossa família sempre esteve enfermo", escreveu Lake. "Durante todo esse tempo a nossa casa nunca ficou livre da sombra da enfermidade." Em suas lembranças dos tempos de juventude sempre houve a presença de "doenças, médicos, enfermeiras, hospitais, carros fúnebres, funerais, cemitérios e sepulturas; um lar cheio de tristeza; uma mãe de coração destruído e um pai em constante agonia, lutando para esquecer a dor de perdas passadas para poder cuidar dos membros da família que ainda estavam vivos e que precisavam do amor e do cuidado deles."[3]

"CIÊNCIA" ERRADA - ATITUDE CORRETA

Quando jovem, Lake sempre demonstrou grande interesse por assuntos relacionados à ciência e à física. Ele também gostava muito de química e amava fazer experiências com instrumentos e materiais científicos. Chegou até mesmo a fazer um curso de medicina, contudo, mais tarde abandonou os estudos.

Lake era muito meticuloso em suas pesquisas, tanto na área da ciência como nas questões religiosas. Ele era incansável no estudo da Palavra, não apenas para entendê-la melhor, mas também para certificar-se de sua precisão nas questões relacionadas à nossa vida diária. E, por isso, Lake andava, falava e respirava em sintonia com a vida ressurreta de Cristo.

Em 1890, quando ele tinha vinte anos, um fazendeiro cristão ensinou-lhe **a** resto da santificação. Essa verdade ficou gravada em seu coração **e** foi solenemente tada como **a** complementação da obra de Deus em sua vida. Ele escreveu o sete, sobre essa nova revelação:

"Jamais deixarei de agradecer a Deus por ter me revelado a grandeza... do poder do sangue de Jesus. Depois dessa revelação, uma maravilhosa unção do Espírito Santo veio sobre a minha vida."[4]

Um ano mais tarde, em 1891, Lake mudou-se para Chicago **e** foi admitido na Es-I Ministerial Metodista. Em outubro desse mesmo ano ele foi indicado para pas-ar uma igreja em Peshtigo, no Wisconsin; entretanto, recusou aquela indicação. *zsa* época ele também decidiu deixar **a** escola Metodista **e** mudar-se para Harvey, inois, onde fundou um jornal local, chamado *The Harvey Citizen* (O cidadão de 'ey). E foi ali, naquela cidade, que ele conheceu **a** sua futura esposa, Jennie Ste-, uma jovem da cidade de Newberry, Michigan.

UMA DÁDIVA CHAMADA "JENNIE"

Jennie era o que se poderia chamar de moça perfeita para John Lake. Possuía um fundo senso de humor, um discernimento aguçado, uma firme fé em Deus **e** uma de sensibilidade espiritual. Os dois logo se apaixonaram profundamente **e** se am no dia 5 de fevereiro de 1893, na cidade de Millington, Illinois. O Senhor os coou com uma maravilhosa união no Espírito **e** sete filhos. Para Lake, um dos ministérios mais importantes que sua esposa Jennie possuía era oração **e** intercessão. Durante o seu tempo de casados, houve muitas ocasiões em enquanto um estava enfrentando algum problema, o outro se encontrava revido espiritualmente, para poder prestar todo o apoio necessário ao companheiro. ; sempre valorizou muito os conselhos **e** o suporte de sua esposa. Entretanto, logo após dois breves anos de um casamento maravilhoso, **a** enfer-**Intdade** passou a rondar o lar daquele casal. Após alguns exames, o diagnóstico que **LB** médicos deram sobre o estado de saúde de Jennie era que ela estava com tuber-kiiose **e** sérias complicações no coração. O seu batimento cardíaco irregular muitas ▪Ezes lhe causava desmaios; algumas vezes Lake **a** encontrava caída no chão, outras, ***ma***cama, inconsciente.

Para combater essas crises, os médicos receitavam doses cada vez mais fortes de (estimulantes, na tentativa de controlar o ritmo das batidas do seu coração. Mais tar-peela teve de fazer uso de comprimidos de nitroglicerina. Na prática, essas medidas pzeram dela virtualmente uma inválida.

Finalmente, por recomendações médicas, Lake mudou-se com sua família para 't Saint Marie, Michigan, onde passou **a** dedicar-se totalmente ao ramo dos ne-os. Entretanto, as condições de saúde de Jennie continuaram piorando até 1898, do os médicos disseram **a** ele que não havia mais nada que **a** medicina pudesse por sua esposa.

VAMOS SER RADICAIS!

Nessa época Lake estava passando por uma série de dificuldades em sua vida, e se perguntava onde estaria o poder de Deus. Afinal de contas, toda a sua família havia sido afligida por enfermidades: durante vinte e dois anos, um de seus irmãos havia estado praticamente inválido por causa de uma hemorragia interna; sua irmã. de trinta e quatro anos, tinha câncer; outra irmã havia quase morrido por causa de uma doença no sangue. E agora Jennie, a pessoa que ele mais amava, estava à beira da morte.

Contudo, Lake já havia experimentado o poder curador de Deus em sua vida. Quando ele era um pouco mais jovem, tinha padecido de reumatismo; e quando a deformação e a dor causadas por aquela doença chegaram a um ponto que ele não podia mais suportar, viajou para a Casa de Cura de John Alexander Dowie, em Chicago. Enquanto estava ali, um senhor de idade impôs as mãos sobre ele, e o poder de Deus desceu de maneira poderosa, curando-o instantaneamente.

Alguns outros membros da família de Lake, que também estavam doentes e quase em estado terminal, também haviam sido curados ali na casa de Dowie. Incentivado por sua própria cura, Lake trouxera seu irmão inválido para que John Dowie orasse por ele. Quando impuseram as mãos sobre seu irmão, a doença que ele tinha no sangue desapareceu e ele levantou-se de sua cama na mesma hora.

Então foi a vez de Lake levar a sua irmã que estava morrendo de câncer, para ir a Chicago. Quando chegaram lá, ela teve um pouco de dúvida; entretanto, tão logo ela ouviu a Palavra de Deus pregada com tão grande poder, sua fé aumentou - ela também foi curada e a dor desapareceu instantaneamente. O grande caroço do câncer sumiu dentro de poucos dias, e os nódulos menores também desapareceram; e Deus restaurou o seu seio mutilado.

MORRER? "EU NÃO ACEITO ISSO!"

Uma outra de suas irmãs permaneceu doente mesmo depois de muita oração. Lake estava planejando levá-la também até a Casa de Cura; entretanto, antes mesmo que ele pudesse por em prática seu plano, recebeu um telefonema de sua mãe dizendo que sua irmã estava morrendo, e que se ele quisesse vê-la mais uma vez com vida, precisava se apressar. Quando chegou na casa de seus pais, encontrou sua irmã inconsciente, sem pulso e o quarto cheio de pranto. Profundamente tocado por toda aquela cena, ele olhou para o bebê de sua irmã deitado no berço, e pensou: "Ela não pode morrer! Eu não vou permitir!" Mais tarde ele escreveu o seguinte, a respeito desse profundo sentimento:

> "Nenhuma palavra que eu dissesse seria capaz de expressar **o** clamor que havia em meu coração, nem a chama de ira que ardia em minha alma contra a morte e a doença; sentimentos esses que **o** próprio Espírito de Deus havia atiçado dentro de mim. Foi como se toda a ira de Deus contra essas mazelas houvesse tomado conta do meu ser."



John em pé à esquerda, com os membros sobreviventes da família Lake. Oito de seus dezesseis irmãos e irmãs morreram de diversas enfermidades

Lake andou pelo quarto com o coração suplicando por alguém que pudesse aju-los, e só conseguia pensar em um único homem que tinha esse tipo de fé - John xander Dowie. Então, resolveu enviar-lhe o seguinte telegrama:

"Aparentemente minha irmã está morta; entretanto, o meu espírito não vai permitir que ela se vá. Eu creio que se você orar por ela, Deus a levantará."

A resposta de Dowie veio logo em seguida:

"Fique firme no Senhor. Estou orando. Ela vai viver."

Depois de ler essas palavras, Lake travou uma batalha espiritual muito forte con-o poder da morte, repreendendo-a firmemente em o nome de Jesus. E em menos uma hora sua irmã estava completamente revigorada. Cinco dias depois ela esta-reunida com sua família, para o jantar de Natal![5]
Mas tudo isso havia acontecido antes. Agora, a sua amada esposa estava sofren-j e seu estado de saúde estava ficando cada dia pior.

DESMASCARANDO O DIABO

Em 28 de abril de 1898, quando parecia que as últimas horas de vida de Jennie vam se esgotando, um companheiro de ministério de Lake o aconselhou a sujei-à vontade de Deus e aceitar a morte da esposa. As palavras do amigo pesaram muito no coração de Lake, mas ele resolveu continuar resistindo. Todavia, a realidade da morte de sua companheira parecia iminente.

E durante um momento de total desespero, Lake arremessou a sua Bíblia em direção à lareira, e ela caiu aberta em Atos 10. Quando ele se encaminhou em direção ao Livro Sagrado para apanhá-lo, seus olhos foram guiados para o versículo 38, que diz: "... Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder, o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do DIABO, porque Deus era com ele."

Aquelas palavras poderosas se fixaram em seus pensamentos. "OPRIMIDOS DO DIABO!" Isso significava que Deus não era o responsável pela enfermidade de Jen-nie, ou por *qualquer* outra doença! E se ele era filho de Deus, por meio de Jesus Cristo, então isso queria dizer que Deus estava *com ele,* da mesma maneira que estivera com Jesus! Agora ele estava convencido de que era o *diabo,* e não o Senhor, que estava

causando a doença de Jennie. Era o *diabo* que estava querendo roubar a mãe dos seus filhos. Era o *diabo* que estava tentando destruir a sua vida!

9:30H DA MANHÃ

Depois disso, Lake abriu a Bíblia em Lucas 13.16, e leu: "Por que motivo não se devia livrar deste cativeiro, em dia de sábado, esta filha de Abraão, a quem Satanás TRAZIA PRESA há dezoito anos?" Agora ele teve a compreensão de que não apenas Satanás era o responsável pelas doenças e mortes, mas também que Jesus - por intermédio de Lake - poderia trazer cura e libertação para aqueles que estivessem passando por aflições. Através dele, Jesus Cristo poderia vencer o poder da morte! Agora ele já não tinha mais a menor dúvida de que Jesus havia morrido para trazer cura à sua esposa Jennie, da mesma forma que havia morrido para salvá-la de seus pecados. Então ele determinou, em fé, que absolutamente ninguém iria roubar de Jennie a dádiva da vida.

E assim, munido de uma coragem que só o Espírito Santo pode dar, Lake decidiu que seria Deus, e não Satanás, quem daria a última palavra naquela situação. E aí ele começou a andar pelo quarto, declarando às forças visíveis e às invisíveis, que a sua esposa seria curada exatamente às 9:30H da manhã!

Em seguida, ele entrou em contato com Dowie para informá-lo sobre o que Deus faria naquela hora especificamente deteravinada. Quando o relógio marcou 9:30H, Lake se ajoelhou ao lado da cama de sua preciosa esposa, e clamou pelo Deus vivo. E tão logo ele fez isso, o poder do Senhor desceu sobre Jennie e inundou o seu corpo da cabeça aos pés. A paralisia desapareceu, as batidas do seu coração se normalizaram, sua tosse parou, sua respiração ficou regular e a sua temperatura voltou ao normal - e tudo isso imediatamente!

Primeiro Lake ouviu um som fraco sair dos lábios dela. Em seguida, ela deu um grito: "Louvado seja Deus, eu estou curada!" Aquele grito o deixou totalmente assustado, porque fazia anos que ele não ouvia tal força na voz da esposa. Imediatamente ela jogou os cobertores para fora da cama, e se levantou - totalmente curada![6] As palavras de louvor e gratidão com que ambos adoraram ao Senhor foram indescritíveis!

OS RAIOS DE JESUS

Logo a historia da cura de Jennie se tornou nacionalmente conhecida, levando tos a viajarem grandes distancias para visitar o lar de Lake. Os jornais desperta-a curiosidade da nação de tal forma que, de uma hora para outra, a familia Lake o seu ministério passaram a ser grandemente procurados para ministrarem aos putros. Pessoas chegavam à sua casa diariamente para verem os milagres de Deus e para receberem oração. Muitos outros enviavam pedidos de oração.

Certo dia, após ter orado por um homem que sofria com uma chaga febril de uns ■nte centímetros de diâmetro. Lake recebeu um telegrama que dizia o seguinte: "Irmão Lake, uma coisa muito incrível aconteceu. Uma hora depois que você foi emisora, a marca da sua mão apareceu gravada em cima da ferida, com mais ou menos seis milímetros de profundidade!" Mais tarde, em seus sermões, Lake iria se re-a tal poder como "os raios de Jesus":

> "Vamos falar sobre a voltagem do céu e **o** poder de Deus! Existem raios na alma de Jesus! Os raios de Jesus curam **o** homem com **o** seu fulgor! O pecado se dissolve e a doença foge quando **o** poder de Deus se aproxima!"[7]

Lake também comparava a unção do Espírito de Deus com o poder da eletricidade. Da mesma maneira que o homem aprendeu as leis da eletricidade, Lake descobriu as ps do Espírito. E, como um "pára-raios" de Deus, ele se levantaria com o chamado do Senhor para *eletrificar* os poderes das trevas e *solidificar* o corpo de Cristo.

EXERCITANDO PODER ESPIRITUAL

Em 1901 Lake mudou-se para Sião, Illinois, para estudar sobre cura divina com John Alexander Dowie. Não demorou muito e ele já estava pregando durante a noite, estudando quando dava e trabalhando durante o dia, em tempo integral, como o administrador das construções de Dowie.

Entretanto, em 1904, quando os problemas financeiros de Dowie começaram a crescer e vir à tona, Lake decidiu se afastar e transferir-se para Chicago. Enquanto ele estava em Sião, havia investido nas propriedades daquele local; entretanto, com a morte de Dowie, em 1907, suas ações se desvalorizaram deixando-o praticamente na ruína. Então ele decidiu negociar na bolsa de valores de Chicago. Assim, no decorrer do próximo ano, conseguiu acumular mais de $130.000 em ações bancárias, e £90.000 em bens imóveis.

Reconhecendo que ele tinha uma habilidade extraordinária nesse ramo, alguns executivos do ramo de negócios imediatamente sugeriram que Lake criasse uma empresa reunindo as três maiores companhias de seguros da região e onde ele teria um salário de $50.000 anuais, o que era, sem dúvida, muito dinheiro naquela época. Ele se tornou um alto consultor de negócios, para os mais bem-sucedidos executivos, e também ganhava centenas de dólares de comissão.

Para os padrões de vida da virada daquele século, John G. Lake estava fazendo fortuna. Entretanto, dentro do seu coração, o chamado do Senhor continuava falando alto. Por algum tempo, ele conseguiu conciliar o seu grande sucesso no meio secular com o seu crescimento no Senhor. Havia aprendido a andar no Espírito de uma forma que ele descreveu assim:

> "Havia se tornado fácil me desligar das coisas do mundo, de maneira que, enquanto minhas mãos e minha mente estavam ocupadas nos afazeres normais do dia-a-dia, em meu espírito eu estava em constante comunhão com Deus."[8]

Algumas pessoas acham que se você tem um chamado para a obra de Deus. tem de deixar seu trabalho secular *imediatamente.* Contudo, como aconteceu com Lake, isso nem sempre é a verdade. E aprendendo a desenvolver comunhão com Deus em espírito, ele continuou sua vida aguardando o tempo perfeito para iniciar o seu ministério. Ele não se precipitou, evitando assim o sofrimento de sua família. Depois, quando o tempo certo chegou, foi capaz de vender tudo o que tinha, porque havia aprendido muito sobre fé nos anos em que andou com Deus, sendo um homem de negócios.

Lake aprendeu, bem cedo em seu treinamento para o ministério, que o *ser* precede o *fazer.* Ele havia aprendido a obedecer ao tempo do céu.

O DOM DE LÍNGUAS E O TEMPO DE DEUS

Quando ainda vivia em Sião, Lake participou de uma reunião de grupo caseiro na casa de seu amigo Fred F. Bosworth. Naquela ocasião, quem deu a palavra foi Tom Hezmalhalch. Quando ele terminou a sua mensagem, disse a Lake: "Quando eu estava pregando, senti o Senhor me dizer que é para você e eu trabalharmos juntos na pregação do Evangelho." Naquele momento Lake chegou mesmo a rir do que Hezmalhalch disse; entretanto, logo se submeteu à perfeita vontade de Deus.[9]

Pouco tempo depois, em 1906, Lake começou a orar pelo batismo com o Espírito Santo. Ele buscou ao Senhor durante nove meses e, depois, desistiu, pensando que essa experiência "não era para ele". Então, certo dia, ele foi com Tom Hezmalhalch. que agora era um grande amigo, orar por uma senhora que estava muito aflita. Bem no exato momento em que Lake sentou-se na cama, ao lado daquela irmã, ele começou a tremer movido por um intenso anseio pelo Senhor.

Hezmalhalch, absolutamente ciente do que estava acontecendo, pediu para Lake impor as mãos sobre a senhora. Quando ele o fez, algo como um raio, vindo da parte de Deus, jogou Hezmalhalch ao chão. "Louvado seja Deus, John!", disse ele, enquanto se levantava, "Jesus batizou você com o Espírito Santo!"[10]

Mais tarde, Lake escreveu o seguinte a respeito dessa experiência:

> "Quando aquele fenômeno passou, a glória daquela experiência permaneceu em minha alma. Descobri que em minha vida começou a se manifestar uma variedade de dons do Espírito Santo. Falei em línguas pelo poder de Deus e Ele fluía através de mim com uma nova força. As curas divinas se manifestaram com maior poder/'

Lake falava em línguas freqüentemente. Ele acreditava que nada que não fosse oi total enchimento do poder de Deus, pudesse ser qualificado como sendo batismo com o Espírito Santo:

> "Falar em línguas tem sido para mim", disse Lake, "uma parte importante do meu ministério. É uma comunicação peculiar que tenho com Deus... [que] revela à minha alma as verdades que transmito a vocês todos os dias, em meu ministério."[11]

Novamente, esperar pelo tempo certo de Deus é muito importante. Precisamos entender que o nosso chamado para o ministério existe antes mesmo de nascermos. **E.** à medida que vamos crescendo e amadurecendo, também vamos nos conscientizando desse chamado. Contudo, o fato de nos tornarmos conscientes disso não significa que seja "o tempo certo" para atendermos a ele. O chamado divino deve preceder o começo de um ministério de tempo integral. Então, não fique desencorajado durante o seu tempo de preparação. Outra coisa: não compare a obra que i)eus tem para você com a que Ele tem para as outras pessoas. Cada chamado de Deus tem o seu próprio tempo e os seus próprios planos. Sua fidelidade à Palavra de Deus, somada a uma zelosa preparação espiritual, determinarão o momento certo.

A ÁFRICA ESTÁ CHAMANDO

Depois que recebeu o batismo com o Espírito Santo, o desejo de Lake de entrar para o ministério em tempo integral aumentou. Ele conversou com o seu chefe no trabalho, solicitando uma licença de três meses para sair e se dedicar à pregação. Seu chefe concordou, mas lhe disse o seguinte: "Quando chegar o final desses três meses, esses $50.000 que você ganha por ano vão lhe parecer muito dinheiro, e você vai ter bem pouca vontade de sacrificar tudo isso em favor da possibilidade de realizar algum sonho religioso." Lake agradeceu ao seu chefe por tudo o que havia feito por ele e deixou o seu emprego. Mais tarde, no final dos três meses, ele declarou com ioda confiança: "Rompi para sempre com qualquer coisa desta vida, exceto com a proclamação e demonstração prática do Evangelho de Jesus Cristo."[12] Ele nunca mais retornou ao seu emprego.

Em 1907, John e Jennie se desfizeram de todos os seus bens, propriedades e todos os seus recursos e, em um grande passo de fé, decidiram depender inteiramente de ODeus para sustentá-los. Chegara o momento de partir para o campo missionário.

Enquanto estava pregando na região norte de Illinois, o Espírito do Senhor disse a Lake: "Vá para Indianápolis, prepare-se para realizar uma campanha no inverno I providencie um local bem amplo. Depois, na primavera, você irá para a África." 'Quando ele voltou para casa e contou a Jennie o que Deus havia falado com ele, ela já estava sabendo de tudo, pois o próprio Senhor havia falado com ela também.

Quando Lake ainda era apenas um garoto, havia lido muito sobre as expedições de Stanley e Livingstone, e isso tinha despertado nele, desde então, um grande interesse pela África. Quando se tornou adulto, ele se imaginava muito mais na África do que mesmo em terras americanas. Por intermédio do Espírito Santo, Lake obteve um entendimento sobre o povo e a geografia de uma terra onde ele nunca havia estado; agora aquele sonho estava se tornando realidade. Deus lhe disse que ele estaria indo para a África na próxima primavera!

Assim, Lake e sua família se mudaram para Indianápolis, onde ele se reencontrou com seu amigo Tom Hezmalhalch. Eles permaneceram ali, onde os dois formaram uma poderosa equipe ministerial, levando centenas de pessoas a receberem o batismo com o Espírito Santo.

Certa manhã, Lake sentiu que deveria começar um jejum. Então ele buscou ao Senhor por um período de seis dias e recebeu de Deus a orientação de que, daquele dia em diante, deveria começar um trabalho de expulsão de demônios. Rapidamente ele recebeu do Senhor uma habilidade especial para discernir espíritos e expulsar demônios e dentro de pouco tempo, Lake começou a atuar nessa área com grande precisão.

ANDANDO SOBRE AS ÁGUAS

Em janeiro de 1908 Lake começou a orar a Deus em favor das necessidades financeiras para a realização da sua viagem para a África. Tom juntou-se a ele e juntos chegaram à conclusão de que precisariam de $2.000 para as despesas. Depois de orarem por algum tempo, Tom chegou até Lake, deu um tapinha em suas costas, e disse: "Não precisa orar mais, John. Jesus acabou de me dizer que vai nos mandar o dinheiro, e que o mesmo estará em nossas mãos dentro de quatro dias."

Exatamente quatro dias mais tarde Tom voltou do correio e jogou em cima da mesa quatro ordens de pagamento no valor de $500 cada. "John, aqui está a resposta de nossas orações; foi Jesus quem mandou. Estamos indo para a África!", gritou ele.

As coisas aconteceram da maneira que Jesus havia dito: na primavera de 1908 o grupo partiu para a África. A equipe era formada por Lake, Jennie, seus sete filhos, Tom e mais três companheiros. Um dos colegas de Tom havia vivido na África por cinco anos, sabia falar em zulu e iria servir-lhes de intérprete. Eles compraram as passagens, mas não tinham nenhum dinheiro extra para cobrir as despesas durante a viagem. Aquele servo do Senhor que uma vez fora milionário, agora teria de aprender a confiar totalmente em Deus. Lake tinha apenas $1,50 em seu bolso.

Entretanto, como Lake obedeceu, Deus, de maneira milagrosa, providenciou tudo para a equipe. As leis de imigração na África do Sul exigiam que cada família que chegasse ali tivesse pelo menos $125. Se eles não tivessem essa quantia, não teriam permissão nem para sair do navio. E quando eles entraram no porto, Lake não tinha o dinheiro. Jennie olhou para ele, e perguntou: "O que você vai fazer?" Lake respondeu-lhe: "Vou entrar na fila junto com o restante dos passageiros. Até aqui temos obedecido a Deus; agora depende do Senhor."

Quando ele entrou na fila, pronto para explicar às autoridades o seu dilema, um passageiros deu um tapinha em seu ombro e o chamou para o lado. Fez algumas rguntas a Lake e, depois, entregou a ele duas ordens de pagamento, num valor total de $200. "Senti que deveria dar-lhe esta quantia para ajudar no seu trabalho", «disse o estranho.

Se temos um chamado específico de Deus, então devemos ir em frente com uma ***Se***ousada e agressiva. Ele estará ao nosso lado sempre, para satisfazer todas as nossas necessidades.

UM LAR LONGE DE CASA

A família Lake estava orando fervorosamente para encontrarem um lar, quando chegassem a Johannesburgo. Como seu ministério seria totalmente pela fé, eles não •inham sustento de nenhuma igreja, nem pessoas esperando para recebê-los quando ■tiiegassem. Tudo o que eles tinham era a sua fé em Deus.

Quando eles chegaram ao porto daquela cidade, em maio de 1908, notaram uma pequena senhora correndo de um lado para outro, na área da doca, olhando para todos os passageiros. Ela era americana. Correndo em direção ao irmão Tom, ela perguntou: "Você é de algum grupo missionário americano?" "Sou", respondeu «e. Então ela continuou: "Quantos são em seu grupo?" "Quatro", respondeu Tom. Ela balançou a cabeça, e disse: "Não, vocês não são a família que estou procurando. [Você sabe se existe uma outra?"

Respondendo a essa pergunta, Tom a levou até onde estava Lake. "Quantos são ■em sua família?" perguntou a senhora. "Minha esposa, eu e nossos sete filhos", respondeu Lake. Ela ficou estática por um momento e cheia de alegria, gritou: "Vocês são a família!" Daí ela contou a eles como Deus a havia direcionado a vir encontrá-los no navio. Deveria ser uma família americana, constituída de dois adultos e sete crianças, e que ela deveria providenciar-lhes um lar.[13]

E naquela mesma tarde a família Lake foi instalada em uma casa mobiliada, na cdade de Johannesburgo. Deus havia providenciado tudo, exatamente como eles haviam pedido. Aquela americana, a senhora C. L. Goodenough, permaneceu uma amiga verdadeiramente fiel durante todo o ministério deles.

UM CICLONE ESPIRITUAL

Alguns dias depois da chegada de Lake, sua primeira porta para o ministério se abriu. Um pastor sul-africano tirou uma licença de algumas semanas e pediu a Lake nue o substituísse nas pregações. John G. Lake aceitou imediatamente o convite.

Em seu primeiro domingo de pregação, havia mais de quinhentos zulus presentes no culto. Como resultado, um grande avivamento veio sobre eles, e em poucas semanas, multidões de Johannesburgo e áreas vizinhas estavam sendo salvas, curadas e batizadas com o Espírito Santo.

Todo aquele sucesso deixou Lake maravilhado. Mais tarde ele escreveu o seguinte, a esse respeito:

> "Desde o início era como se um ciclone espiritual houvesse atingido o lugar."[14]

As reuniões geralmente só terminavam lá pelas quatro horas da manhã.

Uma das características principais dessas reuniões milagrosas eram os testemunhos poderosos sobre orações respondidas. A oração de fé poderia estar sendo feita em favor de alguém em outra parte da África, e a mesma recebia a resposta instantaneamente, onde estivesse. As notícias sobre esses acontecimentos se espalharam rapidamente por toda parte e centenas de pessoas afluíram até Johannesburgo para receberem oração.

Quando as reuniões terminavam, os nativos costumavam acompanhar os missionários até suas casas, para continuar a fazer perguntas a respeito das coisas de Deus. Muitas vezes, quando a alvorada chegava no horizonte africano, o grupo ainda estava discutindo sobre o poder do Senhor. Depois, durante o decorrer de todo o dia, podia-se ver pessoas com suas Bíblias nas mãos, testemunhando o que haviam aprendido na noite anterior, sobre o poder de Deus. Também havia grandes manifestações de curas. Pessoas feridas, doentes e fracas faziam fila ao lado da plataforma e depois que recebiam oração, saíam do prédio gritando: "Deus me curou!" A multidão que ficava dentro da igreja também gritava e vibrava ao presenciar os milagres que Deus operava.

JOHN E JENNIE: A EQUIPE

Quando o povo africano não conseguia chegar para as reuniões de Lake, eles seguiam até a casa "do pregador". Às vezes a multidão era tão grande que Jennie nem tinha tempo para preparar as refeições para a sua própria família. Ela recebia as pessoas pela porta da frente, para receberem oração e, depois, pedia que elas saíssem pela porta dos fundos, para haver espaço para os outros que já vinham entrando logo atrás.

Jennie também era a parceira de ministério de John. Ele acreditava que a sua esposa possuía "o espírito de discernimento em um nível mais elevado" que ele. Ela geralmente tinha uma palavra de sabedoria com relação àqueles que não conseguiam ser curados por causa de alguma dificuldade pessoal, ou algum pecado não confessado.

Os Lake tinham uma maneira muito simples de operar em seu ministério de cura. Quando as pessoas procuravam John em seu escritório para receberem oração, ele impunha as mãos sobre elas e aquelas que eram instantaneamente curadas, eram dispensadas. Entretanto, as que continuavam doentes, ou que recebiam a cura apenas parcialmente, eram conduzidas para uma outra sala. Então, quando Lake terminava de atender a multidão, trazia Jennie até aquela sala e ela, guiada pelo Espírito de Deus, revelava a cada um tudo o que os estava impedindo de serem curados. Depois de ouvirem sobre os seus segredos mais íntimos, muitos confessavam seus pecados e pediam o perdão de Deus. Então John e Jennie oravam novamente e Deus curava aqueles que se arrependiam. Contudo, aqueles que escolhiam não se arrepender, mesmo depois de tomarem conhecimento da verdade que a Sra. Lake havia revelado a eles, voltavam para casa sofrendo com as suas doenças.

COM QUEM ELE SE PARECE?

Lake era um homem de ação. Certa ocasião, após um apelo bastante inspirado, toda a congregação foi à frente. Entre o grupo havia um homem que caiu ao chão em frente da plataforma, sob um ataque epiléptico. Imediatamente Lake saltou do lugar onde estava e, em segundos, estava do seu lado, expulsando o demônio no nome de Jesus. Depois que o homem foi liberto, Lake voltou rapidamente para o púlpito.

O Espírito do Senhor habitou poderosamente na vida de Lake durante todos aqueles anos. Ao cumprimentar as pessoas, quando elas chegavam para os cultos, elas geralmente caíam ao chão, debaixo do poder de Deus. Em outras ocasiões, elas caíam prostradas quando ainda estavam a uma distância de quase dois metros dele.

Lake tinha grande compaixão pelas pessoas necessitadas e nunca deixava ninguém sem ser atendido. Ele também nunca se recusava a atender um chamado de uma pessoa doente e era conhecido por orar até por animais que estivessem morrendo. Havia ocasiões em que ele precisava de descanso, mas as pessoas acabavam descobrindo onde ele estava e traziam a ele os seus enfermos. Lake orava por eles dia e noite e se recusava a deixar alguém sem ser atendido.

Aquela "equipe" missionária estava sempre precisando de alimentos e recursos. E como pedir ofertas não fosse uma prática comum naqueles dias, Lake nunca fazia menção disso. Entretanto, eles sempre estavam

encontrando na porta de casa cestas de comida ou pequenas quantias de dinheiro, deixadas ali discretamente.

Talvez o desafio mais difícil que Jennie tenha encontrado na África tenha sido adaptar-se aos hábitos ministeriais de seu marido. Era tarefa de John trazer para casa o mantimento que a sua grande família precisava. Entretanto, se acontecia de ele encontrar uma viúva que, junto com os filhos, estivessem precisando de alimentos, ele daria tudo o que tinha para a família dela. Jennie também nunca sabia quando o marido iria ou não trazer visitas para o jantar; por isso, precisava estar sempre "multiplicando" a comida para alimentar uma grande multidão. Parecia que os mantimentos nunca eram suficientes.

EQUIPE DE REVEZAMENTO

Das primeiras reuniões dirigidas por Lake, na igreja do pastor sul africano, ele foi para salões alugados. Depois, quando aqueles lugares já não estavam mais comportando a multidão, eles resolveram adotar o sistema de reuniões nos lares e Lake e Hezmalhalch se tornaram a "dupla" evangelizadora. Durante a pregação cada um falava por umas cinco ou seis vezes, e ninguém era capaz de dizer onde a mensagem de um terminava e a do outro começava. Era tudo muito bem harmonizado pelo Espírito Santo de Deus.

Lake fundou o Tabernáculo Apostólico em Johannesburgo e, em menos de um ano, ele já havia dado início a cem igrejas, espalhadas por toda a África. E o trabalho de supervisioná-las o mantinha cada vez mais longe de casa.

ADEUS, JENNIE

Naquele dia 22 de dezembro, Lake ficou totalmente transtornado ao receber a notícia mais devastadora que ele poderia ter recebido. Enquanto ele estava ministrando na região do deserto de Kalahari, recebeu o comunicado de que sua amada esposa havia falecido. Quando ele chegou em casa, doze horas depois, ela já havia partido para estar com o Senhor.

Muitas das explicações sobre a morte de Jennie Lake atribuem o seu falecimento à desnutrição e à exaustão física. Quando John estava fora, um grande número de pessoas enfermas se aglomerava no gramado de sua casa, esperando por sua volta. Assim, do pouco de comida que Jennie dispunha em sua casa, ela ainda conseguia economizar para providenciar alimentação para todo aquele povo. Ela tentava fazer com que aquele tempo de espera pela volta de Lake fosse o mais confortável possível para todos. Entretanto, fazendo isso, acabou por negligenciar as suas próprias necessidades.

Lake, por sua vez, ficou tão envolvido em ministrar às outras pessoas, que se esqueceu de atentar ao que a sua própria esposa estava precisando.

Um fator que geralmente ignoramos em se tratando de ministério é que sempre estará "faltando" alguma coisa para que o mesmo seja completo. Nenhum ministério, por mais poderoso ou ungido que seja, é capaz de satisfazer a todas as exigências que surgem durante a sua realização. Por isso, é sempre de extrema importância ter bom senso para desenvolver o trabalho cristão. O nosso corpo físico e a nossa família natural precisam de nossa atenção; a unidade familiar deve ser sempre o centro de qualquer ministério.

Por razões bastante compreensíveis, Lake ficou totalmente desolado ao chegar em casa e encontrar a esposa morta. Aquele foi um período de muito sofrimento e a dor quase agonizante permaneceu com ele durante muitos anos.

No ano seguinte, em 1909, Lake voltou aos Estados Unidos para levantar sustento para o seu ministério na África e para recrutar mais obreiros para ajudá-lo ali. E, novamente, através de uma única contribuição e de maneira sobrenatural, Deus supriu todo o dinheiro que ele estava precisando - $3.000 para ele e para os seus companheiros poderem retornar.

A PESTE

Quando a equipe desembarcou em solo africano, em janeiro de 1910, uma terrível peste estava assolando partes daquela nação. Em menos de um mês, um quarto de toda a população já havia morrido. De fato, a peste era tão contagiosa que o governo estava oferecendo $1.000 para qualquer enfermeira que aceitasse cuidar dos enfermos. Lake e seus assistentes se ofereceram para ajudar, sem cobrarem nada por isso. Ele e

um dos colaboradores entravam nas casas, retiravam os que haviam morrido e os enterravam. Entretanto, ele jamais foi atingido por qualquer sintoma da peste. No auge daquela horrível epidemia, um médico mandou chamar Lake, e lhe fez a seguinte pergunta:

"O que você tem feito para se proteger? Você deve ter algum segredo!"

Então, Lake respondeu a ele:

"Irmão, isso é a lei do Espírito de vida em Jesus Cristo. Creio que enquanto eu mantiver a minha alma ligada ao Deus vivo, de maneira que Seu Espírito continue fluindo dentro de meu corpo e da minha alma, nenhum germe vai conseguir sequer chegar perto de mim, pois o Espírito de Deus vai destruí-lo antes."

Depois Lake convidou o médico para fazer uma experiência com ele. Pediu que o doutor retirasse um pouco da espuma do pulmão de uma das vítimas daquela peste mortal e a examinasse sob a lente de um microscópio. O médico fez o que John sugeriu e encontrou uma enorme quantidade de germes vivos ali. Em seguida, Lake chocou as pessoas que estavam naquela sala, quando pediu ao médico que espalhasse aquela espuma mortal em suas mãos, e anunciou que os germes iriam morrer.

E tão logo o doutor fez isso, descobriu que os germes morriam instantaneamente, assim que entravam em contato com as mãos de Lake. Aqueles que testemunharam aquela experiência ficaram atônitos, enquanto Lake deu glórias a Deus e explicou o ienômeno nas seguintes palavras:

"Você pode encher a minha mão com esses germes. Depois disso, eu vou colocá-la debaixo do microscópio e você vai verificar que, em vez permanecerem vivos, eles vão morrer imediatamente."[15]

Esse mesmo poder constantemente fluía das mãos de Lake para o corpo dos jpprimidos, trazendo cura às multidões. Os "raios de Deus" exterminavam todos os males e enfermidades.

Quando a Rainha da Holanda pediu que Lake orasse pelo seu problema de conceber filhos, ele enviou uma mensagem a ela dizendo que suas orações haviam sido fespondidas. E menos de um ano depois, a Rainha, que já havia tido seis abortos, deu à luz ao seu primeiro bebê gerado até o final da gravidez, que foi a Rainha Juliana da Holanda.[16]

O MINISTÉRIO DO ESPÍRITO

Em dezembro de 1910, Tom Hezmalhalch deixou o ministério de Lake. Foi um tempo muito difícil para John; afinal de contas, há pouco havia perdido a sua que-*mda* esposa e agora estava perdendo seu melhor amigo e parceiro de ministério. Entretanto, fortaleceu-se no Senhor, pois sabia que estava cumprindo a vontade de Deus para a sua vida. Ele também encontrou muito consolo nos seus mantenedores americanos. Muitas pessoas, de vários lugares, enviaram cartas de encorajamento^ reafirmando-lhe a confiança em seu ministério.

De 1910 a meados de 1912, Lake ministrou cura divina e orou pelos enfermos. Até hoje os grandes milagres operados naquela época continuam impactando as terras africanas. Ele também fundou duas igrejas: A Missão da Fé Apostólica ou Tabernáculo Apostólico (que não está relacionada à Igreja da Fé Apostólica) e a Igrejal Cristã de Sião.

Regularmente Lake e sua congregação publicavam um boletim que era enviado a milhares de pessoas. Antes de enviarem os exemplares, porém, os membros da igreja impunham suas mãos sobre eles, e oravam a Deus pedindo que aquela literatura fosse cheia do Espírito do Senhor. Eles criam que o poder de Deus iria ungir aquele boletim exatamente como aconteceu com os lenços do apóstolo Paulo (At 19.11,12 -E como resultado disso, milhares de cartas chegavam de todas as partes do mundo, relatando como as pessoas haviam ficado cheias do Espírito de Deus, no exato momento em que abriram aquele informativo. Uma senhora contou que quando ela estava segurando o boletim, "tremeu" de tal maneira que mal conseguiu sentar-se em uma cadeira. Então ela foi batizada com o Espírito Santo e começou a falar em outras línguas. Lake explicou aquelas manifestações simplesmente dizendo:

"O ministério do cristianismo **é** o ministério do Espírito Santo."[17]

Lake sabia como levar toda a sua congregação à presença de Deus. Ele os capacitou e os levou ao amadurecimento com o poder espiritual que fluía dele, e como conseqüência, eles se tornaram capazes de acompanhar os seus passos em relação ao sobrenatural. Em 1912, um senhor pediu aos membros da congregação para orarem em favor de sua prima, que vivia em um asilo para pessoas dementes, localizado no País de Gales, a mais de onze mil quilômetros de distância. Quando a igreja começou a orar fervorosamente ao Senhor, uma grande consciência da presença de Deus veio sobre Lake. Era como se fachos de luz, vindos dos intercessores, estivessem vindo em sua direção. Então, repentinamente, ele se achou viajando em espírito, na velocidade de um raio. Chegou a um lugar onde jamais havia estado, e imaginou que fosse o País de Gales. Ali, entrou no quarto da prima do homem que havia pedido oração, a qual estava presa a uma cama de lona e balançava a cabeça para frente e para trás. Ele impôs as mãos sobre ela e expulsou o demônio que a estava subjugando. Em seguida viu-se de volta a Johannesburgo, ajoelhado no púlpito. Três semanas mais tarde, chegou a notícia da total recuperação daquela senhora. Quando os médicos viram que, "inesperadamente", ela estava curada e saudável, lhe deram alta imediatamente.

UM VIAJANTE UNGIDO

Quando chegou a hora de John G. Lake finalmente deixar a África e voltar para a América, seus esforços missionários já haviam produzido 1.250 pastores, 625 congregações, e 100.000 novos convertidos. Entretanto, o número exato de milagres realizados jamais poderá ser enumerado.[18] E essas estatísticas são o resultado de apenas cinco anos de ministério!

Lake voltou para os Estados Unidos em 1912. O primeiro ano da família ali foi cheio de viagens e de um necessário descanso. Depois, em 1913, John conheceu Florence Switzer, da cidade de Milwaukee, no Wisconsin e algum tempo depois, casaram-se e tiveram cinco filhos. Florence era uma excelente estenógrafa e se encarregou de registrar grande parte dos sermões de Lake, com a finalidade de conservá-los.

No verão de 1914, Lake encontrou-se com o seu velho amigo e investidor do ramo ferroviário, Jim Hill. Quando Lake trabalhava em Chicago, os dois haviam se tornado grandes amigos. Jim estava muito feliz de reencontrar Lake, e ofereceu a ele e a toda a sua família passagens gratuitas a qualquer lugar para onde os seus trens viajassem.

AS SALAS DE CURA EM SPOKANE

Lake aproveitou a oferta do seu grande amigo, de poder viajar de graça, e começou a viajar por todo o país. Seu primeiro destino foi a cidade de Spokane, em Washington, onde ele permaneceria por um bom tempo e iniciaria as "salas de cura", em um antigo prédio de escritórios. Calcula-se que nessas salas tenham ocorrido aproximadamente umas cem mil curas.[19]

Os jornais da cidade constantemente publicavam os muitos testemunhos das pessoas, contando de suas curas. Na verdade, os resultados eram tão inacreditáveis que o *Better Business Bureau** decidiu verificar a autenticidade de tais curas. Por isso, entraram em contato com os líderes daquelas salas de cura para conseguirem sua permissão para dar prosseguimento a uma investigação.

Para satisfazer às perguntas do pessoal do departamento, Lake convocou as pessoas cujos testemunhos haviam saído nos jornais. Todas as dezoito que estavam nessa categoria repetiram o seu testemunho sobre o poder de Deus na presença daquelas autoridades. Então, Lake deu aos investigadores os nomes das pessoas que haviam sido curadas por toda a cidade, para que eles pudessem procurá-las e fazer perguntas a elas também. Depois disso, ele se ofereceu para realizar uma reunião no domingo seguinte, onde cem pessoas poderiam contar das curas que haviam recebido. Lake pediu ao comitê de investigações que providenciasse um corpo de jurados composto por médicos, advogados, juízes e educadores que pudessem emitir um veredicto.

Entretanto, na quinta-feira antes da reunião proposta por Lake, ele recebeu uma carta do pessoal do Better Business Bureau, informando-o de que a investigação havia sido muito positiva e que a reunião do domingo não seria necessária. Eles ainda o parabenizaram pelo excelente trabalho que ele estava fazendo

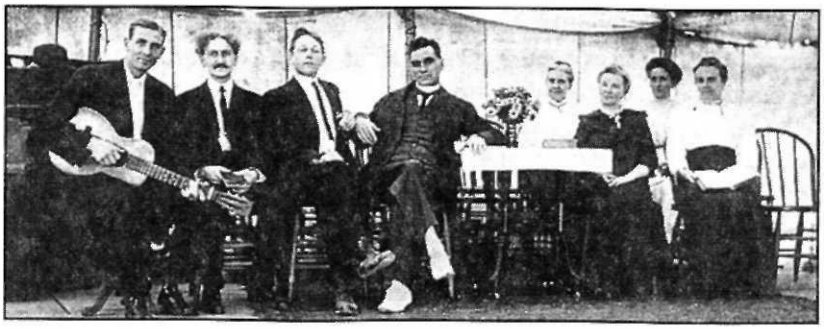
pela cidade de Spokane. Dois membros daquele comitê chegaram mesmo a visitá-lo, secretamente, para dizer-lhe: "Você não nos contou nem a metade de tudo o que pudemos comprovar aqui!"

Entre os que foram entrevistados pelo comitê de investigação, estava uma senhora que, mesmo não tendo mais os seus órgãos femininos, foi capaz de gerar e dar à

Better Business Bureau: órgão governamental dos EUA e Canadá, cuja função é intermediar e regular os direitos de empresas e consumidores; uma espécie de PROCON. (Nota da tradutora.)



John, Jennie Lake e filhos antes de sua partida a África do Sul



Lake e seus colaboradores de cruzadas



Anunciando a mensagem nas ruas



Lake e seus colaboradores das salas de cura de Spokane, Washington, 1915-1920



Menino curado nas salas de cura de Spokane

luz, por meio da cura divina. Ela chegou a mostrar o seu bebê, fruto do milagre Deus em sua vida, aos senhores que estavam investigando o ministério de Lake.

Outra mulher contou da cura milagrosa efetuada na rótula de seu joelho, que estava quebrada em várias partes. Depois de receber oração, as partes se juntaram e soldaram, sem que ela sentisse qualquer dor. Ainda uma outra mulher, que estava padecendo com um câncer incurável, também foi completamente curada logo apos receber oração. E ainda outra, que sofria de artrite reumatóide, recebeu oração e tev~ os seus ossos instantaneamente restaurados. Esta mesma senhora foi curada de um sério problema no estômago e de uma deformidade física, pois havia nascido sem o lóbulo da orelha; depois da oração de cura, aquela parte do seu corpo que faltava, cresceu milagrosamente no lugar.

Contudo, o caso mais marcante ocorrido na Casa de Cura de Spokane, foi o de garoto. As pessoas costumavam dizer que a cabeça dele tinha a forma de um iate cabeça para baixo". Os médicos já tinham dito

que não havia nada que pudesse ser feito enquanto ele não completasse doze anos e que, mesmo assim, a cirurgia seria de alto risco. Entretanto, após a oração, os seus ossos amoleceram, sua cabeça dilatou e seu crânio foi restaurado à sua forma normal. Sua paralisia também desapareceu milagrosamente e ele passou a falar como qualquer outra criança da sua idade.

E qual a explicação que Lake costumava dar para essas curas incríveis? Muitas vezes ele gostava de usar a Irmã Etter em suas ilustrações, pois ela havia sido de grande influência espiritual na sua vida.

> "Quando você vê aqueles santos raios da chama celeste na vida de alguém, como podemos notar na vida da Irmã Etter; quando alguém **é** curado, isto acontece porque a consciência dela está em sintonia com Deus. Ela está 'conectada' com Cristo. Eu vi uma mulher que estava morrendo sufocada ser liberta em trinta segundos, tão logo a Irmã Etter expulsou o demônio dela. O segredo de tudo isso **é** a chama de Deus, o fogo do Espírito Santo, e dez segundos de conexão com o Cristo todo-poderoso, que está no trono de Deus/"[20]

EMPENHE-SE PELO PENTECOSTE

Segundo estatísticas do governo americano, entre os anos de 1915 a 1920, a cidade de Spokane, em Washington, foi "a cidade mais sã do mundo", por causa do ministério de cura de John G. Lake. O prefeito da cidade chegou até mesmo a prestar-lhe uma homenagem pública em reconhecimento de seus esforços.

Como um excelente homem de negócios que era, Lake sempre se certificava de que todos os registros de suas atividades fossem absolutamente precisos. Esses relatórios mostravam que quase duzentas pessoas por dia recebiam oração e eram curadas nas Casas de Cura de Spokane, e que muitas delas não pertenciam a nenhuma igreja.

Então, com base nessas informações, Lake fundou a Igreja Apostólica em Spokane, a qual atraiu milhares de pessoas vindas de todos os lugares, e que estavam em busca de ministração e cura. Ele celebrava cultos seis noites por semana e duas vezes aos domingos; além disso, durante toda a semana atendia as ligações das pessoas.

Em maio de 1920, Lake deixou a cidade de Spokane e mudou-se para Portland, Oregon, para onde costumava viajar como apóstolo e também havia pastoreado por algum tempo. Logo ele começou uma outra Igreja Apostólica ali, e um ministério de cura similar ao que tinha em Spokane.

Quando estava em Portland, Lake teve uma visão na qual um anjo apareceu para ele, abriu a Bíblia no livro de Atos e mostrou a passagem que fala sobre a descida do Espírito Santo, no dia de Pentecoste. O anjo chamou ainda a atenção de Lake para outras manifestações e revelações espirituais naquele mesmo livro, e disse:

> "Este é o Pentecoste, como Deus colocou no coração de Jesus. Empenhe-se por isso. Lute por isso. Ensine às pessoas a orar sobre isso. Pois isso, e só isso, pode suprir as necessidades do coração humano, e apenas isso terá o poder de derrotar as forças das trevas."[21]

Desse dia em diante, Lake batalhou para cumprir a Palavra de Deus com mais intensidade ainda e nos próximos onze anos, ele viajou por toda a América, duplicando os seus esforços em todos os lugares por onde havia passado.

O ERRO DE LAKE

Durante os seus últimos anos de vida, John G. Lake desfrutou de um maravilhoso equilíbrio entre o mundo natural e o sobrenatural. Entretanto, quando ele finalmente chegou a essa compreensão, já havia pago um alto preço - a sua própria família.

Os filhos do primeiro casamento de Lake sofreram muito por causa de suas constantes ausências. E mesmo quando ele estava com eles, em casa, estava sempre com os pensamentos longe, meditando e concentrado nos assuntos relacionados ao seu ministério e à obra de Deus. Por essa razão, seus filhos sentiram-se grandemente negligenciados.

Não devemos nos esquecer de que esses são os mesmos filhos que viram a sua ETiãe passando fome e trabalhando até a morte, na África. Por essa razão, desenvolveram um grande sentimento de amargura e saíram de casa ainda muito cedo, entre os seus quinze e dezesseis anos de idade, para viver no Canadá. Mais tarde, se tornaram adultos cheios de mágoa e ressentimento. Contudo, apesar de tudo isso, dois deles, quando estavam em seu leito de morte, disseram: "Gostaria que papai estivesse aqui para orar por mim."

Lake sofreu muito por não ter dado a atenção necessária a seus filhos. Algum tempo depois ele escreveu, em uma de suas cartas, que os muitos milagres realizados por intermédio de suas mãos, jamais poderiam compensar a perda de sua família.

O FATOR DE COMPENSAÇÃO

Com respeito à questão da organização do seu tempo, finalmente Lake aprendeu com a experiência e assim, encontrou o equilíbrio para ser um bom marido, um pai participativo e um poderoso ministro do Evangelho. Os filhos que teve com Florer ce tiveram uma atitude diferente em relação a ele, e sempre lembravam dele coi um homem que gostava muito de rir e divertir-se com os amigos.

Nos últimos anos de sua vida, Lake mudou radicalmente. Ele não tinha mais cabeça nas nuvens e as pessoas também já não se sentiam mais constrangidas de talar na frente dele; afinal de contas, agora ele interagia amorosamente com elas. havia, finalmente, aprendido a desfrutar totalmente tanto das coisas naturais, quart-j to das espirituais. O clima em sua casa não era mais tão sério e tenso, pois agora eiej tinha muito prazer em brincar com a família à mesa, nos momentos da refeição. SUÍ gargalhadas descontraídas podiam ser ouvidas por toda a casa! E como ele gostas: de ouvir música sinfônica e ópera, todos os domingos à noite, ele separava tempij para ouvir seus programas radiofônicos favoritos.

Lake também desenvolveu um excelente senso de humor e gostava muito de *′.em* a coluna do humorista americano Will Roger, no jornal. Mais tarde chegou mesmos se considerar "um grande comediante". Lake tinha um enorme prazer em manter; atmosfera ao seu redor tranqüila e cheia de alegria.

O ÍMÃ DE DEUS

No auge do ministério de Lake, as pessoas de fora da igreja se sentiam atraídas pela compreensão que ele mostrava ter de Deus que constantemente procuravam. Era o seu entendimento do que era a justificação que lhe permii estar no controle de cada situação. Ele também não suportava as canções que referiam ao ser humano como "verme". Quando ele ouvia esse tipo de músk ele franzia o nariz e torcia a boca, e dizia que eram "canções de conceito bai Cria que elas eram uma vergonha para o sangue de Cristo. Certa ocasião, ui das filhas de Lake descreveu o pai como sendo alguém que tinha "uma gn consciência do que era ser um rei e sacerdote diante de Deus e com uma atituc e conduta condizente com essa condição de nobreza." E era assim que ele ení rajava às outras pessoas a se portarem. Lake sempre ensinou sua família a trat os crentes como reis e sacerdotes.[22]

Em seu tempo, Lake foi o grande defensor do sobrenatural. Muitas vezes expres sava seu desagrado por simpósios, fossem eles educacionais, médicos ou científ que criticavam a "fraqueza" do cristianismo. Bastava ele pregar uma vez para seguir mudar toda a situação: as pessoas corriam para a "Escola do Espírito", ***or***\ aprendiam a agir em sintonia com o Senhor e em unidade com o poder de Deus.

Lake estava bastante preocupado com a obsessão das pessoas com a questão mero poder psicológico. Ele conta, ter presenciado na índia um homem ser ente rado vivo, ficar enterrado por três dias e depois sair do túmulo bem vivo e sauí vel. Conta também de outro homem que fez levitar o seu próprio corpo apoiade duas cadeiras, enquanto um outro o golpeava com uma enorme pedra no peito rias vezes, até que esta se partisse ao meio.

Com respeito à questão da organização do seu tempo, finalmente Lake aprendeu com a experiência e assim, encontrou o equilíbrio para ser um bom marido, um pai participativo e um poderoso ministro do Evangelho. Os filhos que teve com Florence tiveram uma atitude diferente em relação a ele, e sempre lembravam dele como um homem que gostava muito de rir e divertir-se com os amigos.

Nos últimos anos de sua vida, Lake mudou radicalmente. Ele não tinha mais a cabeça nas nuvens e as pessoas também já não se sentiam mais constrangidas de falar na frente dele; afinal de contas, agora ele interagia amorosamente com elas. Lake havia, finalmente, aprendido a desfrutar totalmente tanto das coisas naturais, quanto das espirituais. O clima em sua casa não era mais tão sério e tenso, pois agora ele tinha muito prazer em brincar com a família à mesa, nos momentos da refeição. Suas gargalhadas descontraídas podiam ser ouvidas por toda a casa! E como ele gostasse de ouvir música sinfônica e ópera, todos os domingos à noite, ele separava tempo para ouvir seus programas radiofônicos favoritos.

Lake também desenvolveu um excelente senso de humor e gostava muito de ler a coluna do humorista americano Will Roger, no jornal. Mais tarde chegou mesmo a se considerar "um grande comediante". Lake tinha um enorme prazer em manter a atmosfera ao seu redor tranqüila e cheia de alegria.

O ÍMÃ DE DEUS

No auge do ministério de Lake, as pessoas de fora da igreja se sentiam tão atraídas pela compreensão que ele mostrava ter de Deus que constantemente o procuravam. Era o seu entendimento do que era a justificação que lhe permitia estar no controle de cada situação. Ele também não suportava as canções que se referiam ao ser humano como "verme". Quando ele ouvia esse tipo de música, ele franzia o nariz e torcia a boca, e dizia que eram "canções de conceito baixo". Cria que elas eram uma vergonha para o sangue de Cristo. Certa ocasião, uma das filhas de Lake descreveu o pai como sendo alguém que tinha "uma grande consciência do que era ser um rei e sacerdote diante de Deus e com uma atitude e conduta condizente com essa condição de nobreza." E era assim que ele encorajava às outras pessoas a se portarem. Lake sempre ensinou sua família a tratar os crentes como reis e sacerdotes.[22]

Em seu tempo, Lake foi o grande defensor do sobrenatural. Muitas vezes expressava seu desagrado por simpósios, fossem eles educacionais, médicos ou científicos, que criticavam a "fraqueza" do cristianismo. Bastava ele pregar uma vez para conseguir mudar toda a situação: as pessoas corriam para a "Escola do Espírito", onde aprendiam a agir em sintonia com o Senhor e em unidade com o poder de Deus.

Lake estava bastante preocupado com a obsessão das pessoas com a questão do mero poder psicológico. Ele conta, ter presenciado na índia um homem ser enterrado vivo, ficar enterrado por três dias e depois sair do túmulo bem vivo e saudável. Conta também de outro homem que fez levitar o seu próprio corpo apoiado em duas cadeiras, enquanto um outro o golpeava com uma enorme pedra no peito, várias vezes, até que esta se partisse ao meio.

Lake refutou publicamente o valor desse tipo de comportamento, dizendo o seguinte:

> "Tudo isso está no plano psicológico. O plano espiritual e as surpreendentes maravilhas do Espírito Santo de Deus estão muito além disso. Se o Senhor tomasse o controle do meu espírito por apenas dez minutos, Ele poderia fazer algo dez mil vezes maior do que eles estão fazendo."[23]

> "Cristianismo **é** algo cem por cento sobrenatural", dizia ele freqüentemente, "e a expressão 'Todo o poder' faz parte do vocabulário exclusivo do cristianismo."[24]

Ele possuía uma grande habilidade de encorajar a fé naqueles que ouviam a sua pregação e trazer revelação ao coração deles. Os ministros do Evangelho que ouviam os seus ensinamentos fundaram seus próprios ininistérios de fé, e isso resultou em curas surpreendentes.

Lake disse:

> "Se ele [o cristão] não tiver o Espírito para ministrar no verdadeiro sentido da palavra, então ele não tem nada a pregar. Afinal de contas, qualquer um pode ter habilidade intelectual; entretanto, apenas o cristão possui o Espírito. Jamais devemos confundir estes dois aspectos."[25]

Para alcançar os alvos que estavam na esfera do sobrenatural, Lake convocou cada crente a buscar o mesmo poder derramado no Pentecoste. Certa vez, quando falava sobre isso, ele deu a seguinte profecia:

> "Eu posso ver, à medida que o meu espírito discerne o futuro e vê o coração do ser humano e o desejo de Deus, que virá do céu uma nova e poderosa manifestação do Espírito Santo, e que essa manifestação será em doçura, em amor, em ternura e no poder do Espírito. Será algo muito além do que qualquer coisa que o nosso coração ou a nossa mente jamais imaginou. O próprio raio do Senhor resplandecerá nas almas dos homens. Os filhos de Deus lutarão contra os filhos das trevas e prevalecerão."[26]

O LEGADO DO HOMEM QUE FAZIA MILAGRES

Por volta de 1924 Lake era conhecido em toda a América como um evangelista de cura divina. Ele havia fundado quarenta igrejas, espalhadas pelos Estados Unidos e Canadá, nas quais haviam acontecido tantas curas que os membros de suas congregações o apelidaram de "Doutor" Lake.

Em dezembro daquele mesmo ano, algo bastante significativo aconteceu em *peu* ministério. Gordon Lindsay, fundador do ministério Cristo Para as Nações, em Dallas, Texas, se converteu, enquanto ouvia uma pregação de Lake, em Portland.

Lindsay assistiu a quase todos os seus cultos e considerava Lake o seu mentor. Algum tempo mais tarde, Lindsay envenenou-se com ptomaína* e só conseguiu ser curado ao chegar à casa de Lake e receber a oração dele.

Quando chegou o ano de 1931, John G. Lake, com a idade de sessenta e um anos, retornou à cidade de Spokane. Estava fraco, sentindo muita fadiga e quase cego; então, decidiu ter uma "conversa séria" com Deus sobre a sua situação. Lake disse ao Senhor como seria vergonhoso ele ficar cego depois de mais de cem mil enfermos terem sido curados através do seu ministério, apenas na América. No final daquela "conversa", sua visão foi completamente restaurada e permaneceu assim durante o resto de sua vida.

HABITANDO AS REGIÕES CELESTES

Era um domingo quente e úmido de 1935, Dia do Trabalho nos Estados Unidos. A família Lake havia participado de um piquenique da escola dominical, e John havia voltado desse evento totalmente exausto; por isso, deitou-se para descansar. Sua esposa, Florence, o encorajou a ficar em casa à noite, enquanto ela iria para a igreja. Quando ela retornou, depois do culto, Lake havia sofrido um derrame cerebral. Durante duas semanas ele ficou muito mal, a maior parte do tempo inconsciente. Então, no dia 16 de setembro daquele ano, aos sessenta e cinco anos de idade, John G. Lake partiu para estar com o Senhor.

Durante o culto em sua homenagem, muitas pessoas fizeram grandes elogios à sua vida e ao seu trabalho. Contudo, entre todas as palavras ditas a seu respeito, as que melhor descreveram o seu ministério estão condensadas em uma parte do tributo prestado a ele, por um dos muitos convertidos de Spokane:

"O Dr. Lake veio para Spokane e nos encontrou vivendo em pecado. Ele nos encontrou doentes, vivendo em pobreza de espírito. Ele também nos encontrou desesperados; contudo, nos mostrou um Cristo como jamais havíamos sequer sonhado conhecer aqui neste mundo. Pensávamos que a vitória só poderia ser alcançada no céu, mas o Dr. Lake nos mostrou que a vitória estava bem aqui."[27]

Antes de terminar este capítulo, gostaria de desafiá-lo a andar na revelação de sua justificação em Cristo. A justificação é um *estilo de vida* que nos leva a obtermos vitória em todas as situações. Se cada um de nós simplesmente pudesse se apropriar da realidade de nossa posição em Cristo Jesus, como Lake fez, todas as nações iriam se encher de louvores a Deus, e todos as potestades demoníacas seriam destruídas debaixo da autoridade do Senhor.

John G. Lake nos provou, por intermédio de sua vida, que esse estilo de vida pode ser vivido e desfrutado por aqueles que o adotam. Portanto, não receba menos do que Deus tem para a sua vida através de Jesus Cristo. Permita que o Espírito Santo revele a você a sua posição celestial e, depois, assuma o seu lugar e conquiste as nações para Deus.

*** Ptomaína:** s.f., 1.Qualquer das substâncias tóxicas aminadas provenientes da putrefação das matérias orgânicas de origem animal. (Dicionário Aurélio.)

CAPÍTULO SEIS, JOHN G. LAKE Referências:

1 John G. Lake, *Adventures in God* (Aventuras em Deus), Tulsa, OK: Harrison House, 1981. p. 30.

2 Wilford Reidt, *John G. Lake: A Man Without Compromise* (John G. Lake: um homem irrepreensível), Tulsa, OK: Harrison House, 1989. p. 13.

3 Lake, *Adventures in God* (Aventuras em Deus), pp. 73, 74.

4 Reidt, *John G. Lake: A Man Without Compromise* (John G. Lake: um homem irrepreensível), p. 21.

5 Gordon Lindsay, ed., *John G. Lake: Apostle to Africa* (John G. Lake: apóstolo para a Africa), Dallas, TX: Christ for the Nations (Cristo para as nações), Inc., Reprinted 1979, pp. 12,13. Lake, *Adventures in God* (Aventuras em Deus), p. 77.

6 Lake, *Adventures in god* (Aventuras em Deus), pp. 78-80.

7 *Ibid*., pp. 35,36.

8 Lindsay, *John G. Lake: Apostle to Africa* (John G. Lake: apóstolo para a África), p. 16.

9 Gordon Lindsay, ed., *Astounding Diary of John G. Lake* (O surpreendente diário de John G. Lake), Dallas, TX: Christ for the Nations (Cristo para as nações), 1987, pp. 13,14.

[10] Lindsay, *John G. Lake: Apostle to Africa* (John G. Lake: apóstolo para a África), pp. 18,19.
[11] Reidt, *John G. Lake: A Man Without Compromise* (John G. Lake: um homem Irrepreensível), p. 27.
[12] Lindsay, *John G. Lake: Apostle to África* (John G. Lake: apóstolo para a África), p. 20.
[13] Lake, *Adventures in God* (Aventuras em Deus), pp. 59-69.
[14] Lindsay, *John G. Lake:Apostle to África* (John G. Lake: apóstolo para a África), p. 25.
[15] Gordon Lindsay, ed., *John G. Lake Sermons on Dominion Over Demons, Disease & Death* (Os sermões de John G. Lake acerca da autoridade sobre espíritos malignos, doenças e a morte), Dallas, TX : Christ for the Nations, Inc., 1949, reim-presso em 1988, p. 108.
Lindsay, *John G. Lake: Apostle to Africa* (John G. Lake: apóstolo para a África), p. 36.
f Lake, *Adventures in God* (Aventuras em Deus), pp. 106,107. I Lindsay, *John G. Lake: Apostle to Africa* (John G. Lake: apóstolo para a África), p. 53.
[l] - ***Ibid.***

I Kenneth Copeland Publications, *John G. Lake: His Life, His Sermons, His Boldness of Faith* (John G. Lake: sua vida, seus sermões e sua fé ousada), Fort Worth, TX: Kenneth Copeland Publications, 1994, p. 442.
[21] Reidt, *A Man Without Compromise* (Um homem irrepreensível), p. 95.
[22] ***Ibid.,*** p. 60.
[23] Kenneth Copeland Publications, *John G. Lake,* p. 443.
[24] *Ibid.,* p. 432.
[25] *Ibid.,* p. 27.
[26] Lindsay, New Jo/rn *G. Lake Sermons* (Novos sermões de John G. Lake), Dallas TX: Christ for the Nations (Cristo para as nações), Inc., 1976, pp. 19,20.
[27] Lindsay, *John G. Lake: Apostle to Africa* (John G. Lake: apóstolo para a Áfri-

CAPÍTULO SETE

Smith Wigglesworth

ca), p. 9.



"O APOSTOLO DA FE"

,Â^r'~K\ uando meu amigo disse: 'Ela está morta', ele estava apavorado. Eu I I nunca havia visto um homem tão assustado em toda a minha vida. ^ae^ 'O que eu devo fazer?' perguntou ele. Você pode até

achar que o que eu fiz em seguida tenha sido algo absurdo, mas corri até a cama e a arranquei de lá. Carregando-a nos ombros, levei-a até a parede e a ergui, firmando o seu corpo contra aquela parede, já que ela estava realmente morta. Olhei firmemente para o seu rosto, e disse: 'Em nome de Jesus, eu repreendo este espírito de morte.' Repentinamente, todo o seu corpo começou a tremer, desde o alto da cabeça até a sola do pé. E continuei: 'Em nome de Jesus, eu te ordeno que andes', disse a ela. Tornei a repetir: 'Em nome de Jesus..., em nome de Jesus, ande!' E ela andou."[1]

A ressurreição de mortos era apenas uma das facetas extraordinárias do ministério de Smith Wigglesworth. Este grande apóstolo da fé andou debaixo de tão grande medida da unção de Deus que os milagres que aconteceram durante o seu ministério eram coisas de valor secundário. Durante a sua vida, este que um dia havia sido encanador, daria um novo significado à palavra "ousadia". Você só precisa de um requisito para ter ousadia - *simplesmente crer!*

Para Wigglesworth, a simples obediência àquilo que se crê, não é nenhum ato extraordinário - é apenas o resultado dessa crença. Sua própria fé era conhecida como uma fé inabalável e, às vezes, implacável. Entretanto, ele também era conhecido como sendo possuidor de uma unção incomum para o ensino, bem como de um grande senso de compaixão - uma característica que produzia incontáveis conversões e milagres em seu ministério, todos os dias.

O PEQUENO COLHEDOR DE NABOS

Smith nasceu no dia 8 de junho de 1859, na pequena vila de Menston, em Yorkshi-re, na Inglaterra. Seus pais foram John e Martha Wigglesworth. Quando ele nasceu, o ano de 1859 já estava sendo considerado um ano histórico. O Terceiro Grande Despertar estava acontecendo na América já fazia dois anos; o General William Booth havia se afastado do sistema tradicional de igrejas para fundar o Exército de Salvação, e a igreja do País de Gales estava orando a Deus por um avivamento.[2] Que Smith fosse contado entre os grandes líderes cristãos como Booth na sua época, era algo que nem passava pela mente dos pais de Smith. Contudo, era exatamente isso o que iria acontecer no futuro. O filho deles seria aquele que traria o fogo de Deus de volta ao altar das igrejas que se encontravam com sua chama apagada durante centenas de anos.

A família de Smith era bastante pobre. Seu pai trabalhava muitas horas por dia para sustentar sua esposa, uma filha e três filhos. Por isso, o garoto começou a trabalhar com a idade de seis anos, colhendo nabos em uma plantação da região. O trabalho era pesado, e suas pequenas mãos ficavam feridas e inchadas de tanto colher nabos desde a manhã até à noite. Mas isso contribuiu para formar nele uma sólida ética de trabalho, como a de seu pai; uma ética que implicava trabalhar longas horas, arduamente, pelo ganho a ser obtido.

Quando Smith completou sete anos de idade, foi trabalhar com o pai e um amigo da família na fábrica de tecidos de lã da cidade. Desde então, a vida se tornou um pouco mais fácil para a família Wigglesworth, pois seus rendimentos aumentaram e a comida se tornou um pouco mais abundante.

O pai de Smith era um grande amante de pássaros. Teve uma época que ele chegou a ter dezesseis deles em casa; sua predileção era pelos cantadores. Dessa forma, o garoto desenvolveu o mesmo interesse do pai pela natureza e estava sempre à procura de ninhos. As vezes ele capturava pássaros cantadores e os vendia no mercado da cidade, para conseguir algum dinheiro para ajudar no sustento de sua família.

QUAL É A DIFERENÇA ENTRE NÓS?

Embora seus pais não fossem cristãos, nunca houve um tempo na vida do jovem Smith em que ele não estivesse buscando a Deus. Em casa, os seus pais nunca o ensinaram a orar; mesmo assim, ele estava sempre buscando o Senhor à sua maneira. Muitas vezes Smith orava a Deus pedindo que Ele lhe mostrasse onde encontrar algum ninho de pássaros e quase que instantaneamente, ele encontrava um.

Sua avó era um antigo membro da igreja Wesleyana, que acreditava no poder de Deus e sempre fazia questão de que Smith fosse à igreja com ela. E como qualquer garoto da sua idade, ele se sentava e ficava observando os mais velhos baterem pal-

mas, dançarem **na** presença do Senhor e cantarem canções que falavam sobre "o sangue". Quando ele completou oito anos de idade, resolveu que já era hora de participar do louvor, juntamente com os irmãos da igreja. E tão logo ele começou a participar nos cânticos, recebeu uma "clara compreensão sobre o novo

nascimento" e passou a entender o que Jesus havia feito por ele por intermédio de Sua morte e ressurreição. Mais tarde, Smith escreveu o seguinte sobre aquela experiência:

> "Compreendi que Deus nos ama tanto que tornou a salvação o mais fácil possível; tudo o que precisamos é - ***'simplesmente crer'.***"[2,]

E ele nunca teve a menor dúvida com relação à sua salvação.

O jovem Wigglesworth imediatamente se tornou um ganhador de almas, e a primeira pessoa que ele ganhou **para** Cristo foi **a** sua própria mãe. Quando seu pai via que a "experiência" cristã havia alcançado a sua casa, começou a levar a família para a Igreja Episcopal. Nessa época o pai de Smith ainda não era nascido de novo, ***mm*** gostava do pároco, já que costumavam freqüentar o mesmo bar para se divertüem **e** beberem cerveja juntos.

Logo cedo, Smith concordou **em** participar do coral da igreja, juntamente como **seu** irmão. Pelo fato de ter tido de trabalhar ainda muito criança, Wigglesworth ***mm*** impedido de freqüentar uma escola secular. Tinha quase dez anos quando fez a **SOB** "profissão de fé". Durante aquela cerimônia, quando o pastor estendeu as mãos s#-bre ele, uma poderosa consciência da presença de Deus, que permaneceria com SaaV **th** por muitos dias, encheu o seu coração. Entretanto, aquela sua experiência pareâi **ter** acontecido somente com ele, deixando de fora **os** outros garotos, como o próprio Smith escreveu mais tarde:

> "Depois da cerimônia de profissão de fé, todos os outros garotos continuaram sua vida de brigas e palavrões; e eu ficava me perguntando o que havia de diferente entre eles e eu."[4]

EXISTE ALGO DIFERENTE EM VOCÊ

Quando Smith estava com treze anos, sua família se mudou de Menston panai Bradford, onde ele começou a participar ativamente na Igreja Metodista WeskpB-■L Sua vida espiritual adquiriu **um** novo significado e ele ansiava pelo Espírito ide Deus. Embora não lesse muito bem, ele nunca saía de casa sem levar o seu NovoTea-it&mento **no** bolso.

Mais tarde, **os** metodistas planejaram uma reunião especial de pregação, e sde Jovens foram escolhidos para participar, inclusive Smith. Com três semanas paia ar preparar, o adolescente "passou em oração". Quando o dia chegou, ele subiu ***atilem*** [púlpito e pregou durante quinze minutos. Ao terminar a sua pregação, ele não aV **lBha** a mínima idéia do que havia dito. Tudo o de que conseguia se lembrar era dai incrível zelo que tomou conta dele ao ouvir os aplausos e **os** gritos entusiasmada» ***mas*** pessoas.

Depois disso, Smith começou a pregar o Evangelho a todas as pessoas que eie encontrava. Entretanto, não conseguia compreender por que tantos pareciam tã# desinteressados. Depois, em 1875, o Exército de Salvação iniciou um trabalho em Bradford, e Smith ficou extasiado quando ouviu a novidade. Finalmente ele poderia se juntar a um grupo que compartilhava do seu desejo pelos perdidos! Assim, quando aquele ministério chegou à sua cidade, Smith se uniu ao grupo e logo aprendeu sobre o poder da oração e de jejum.

Naquele tempo, o Exército de Salvação obtinha mais resultados que qualquer outro ministério, especialmente em se tratando de número de convertidos. Muitas vezes eles tinham reuniões de oração onde ficavam toda a noite prostrados diante do Senhor. Os primeiros membros do Exército de Salvação tinham grande autoridade espiritual, e isso era perceptível em cada culto que realizavam. Nas reuniões semanais, o grupo se reunia e pedia a Deus pelo menos de cinqüenta a cem pessoas para o Senhor, sabendo que alcançariam esse número e até mais. Um grande número de pessoas aceitou a Jesus como seu Senhor e Salvador por intermédio daquele ministério ali na cidade de Bradford.

Quando Smith estava com dezessete anos de idade, um homem de Deus que trabalhava com ele no moinho, lhe ensinou a profissão de encanador. E durante o tempo que trabalharam juntos, esse homem explicou a Smith o significado e a importância do batismo nas águas.

Ansioso por cumprir todos os mandamentos da Palavra de Deus, Smith alegremente obedeceu às ordenanças sobre o batismo e procurou ser batizado imediatamente. Durante esse tempo ele também conheceu a mensagem sobre a segunda vinda de Cristo, e cria firmemente que Jesus voltaria na virada daquele século. Por isso, estava determinado a "mudar o curso" da vida de cada pessoa que cruzasse o seu caminho.

Confiando totalmente que o Senhor proveria todas as coisas para ele, Smith decidiu começar o seu ministério. Em 1877, ele foi procurar emprego em uma companhia de serviços hidráulicos. Chegando lá, porém, o dono lhe informou que não havia vagas. Smith agradeceu, se desculpou por estar tomando o seu tempo, e se virou para sair. De repente, entretanto, o homem o chamou de volta e lhe disse: "Existe alguma coisa diferente em você. Eu simplesmente não posso deixá-lo ir."[5] E, assim, Smith foi contratado.

Smith fazia um trabalho tão excelente que em pouco tempo não havia mais trabalho para fazer - ele trabalhava rápido demais! Então ele decidiu se mudar para Liverpool, e usar ali a sua experiência com a hidráulica. Cheio do poder de Deus, ele resolveu começar a trabalhar entre as crianças de rua daquela cidade. Desejoso de ajudá-las, Smith pregou-lhes o Evangelho do Senhor Jesus e centenas delas passaram a vir para o galpão no cais, onde ele ministrava. Maltrapilhos e famintos, meninos e meninas vinham até Smith e ele cuidava de cada um. Embora tivesse um bom rendimento financeiro, Smith nunca gastava o seu dinheiro com ele próprio; em vez disso, preferia usar todos os seus recursos para vestir e alimentar aquelas crianças.

Além do seu ministério com as crianças, Smith e um amigo visitavam hospitais e navios testemunhando de Jesus Cristo para as pessoas ali. Ele dedicava todos os domingos ao jejum e à oração em favor desses trabalhos e nunca havia menos do que cinqüenta conversões cada vez que ele pregava. O pessoal do Exército de Salvação sempre o convidava para pregar em seus cultos e enquanto pregava sempre se emocionava muito e chorava diante do público. Embora ele desejasse possuir a eloqüência de Charles Spurgeon e de outros grandes pregadores, era o seu quebrantamento que fazia com que centenas de pessoas viessem à frente desejosas de conhecer a Deus.

"QUEM SÃO ESTAS PESSOAS EXCÊNTRICAS?"

Um dos diferenciais mais marcantes da vida de Smith Wigglesworth foi a sua es-*vosa,* Mary Jane "Polly" Featherstone. Na vida de grandes casais envolvidos com o ministério cristão, parece que quando um é muito vigoroso, o outro deve exercer um papel mais "nos bastidores", para poder evitar ao máximo os conflitos. Entretanto, definitivamente esse não era o caso dos Wigglesworth! Polly era igualmente forte, se não mais forte ainda que seu marido, em alguma áreas. Contudo, ela nunca se recusou a "ocupar o segundo lugar" quando era necessário, e Wigglesworth estava de acordo com a sua maneira de agir. Ele disse o seguinte, a respeito da companheira: "Tudo o que sou hoje eu devo, pela graça de Deus, **à** minha preciosa esposa. Ah, ela sempre foi adorável!"[6]

Polly Featherstone nasceu em uma boa família metodista. Embora seu pai fosse um dos defensores do Movimento Pela Abstinência, acabou herdando uma grande rortuna que fora amealhada com a venda de bebidas alcoólicas. Não obstante, coerente com suas convicções, ele recusou-se a aceitar um centavo sequer dessa herança de origem iníqua. Polly observou o estilo de vida de seu pai e reproduziu o seu caráter firme e as suas crenças sobre santidade. Uma outra característica dela é que sempre falava o que pensava.



A Família Wigglesworth. Em pé: Alice, Seth e Harold. Sentados: Ernest, Smith, Mary Jane (Polly) e George

169

Mais tarde, Polly abandonou o seu ambiente na alta sociedade e foi em busca de "fama e fortuna", na cidade de Bradford. Quando chegou ali, arranjou emprego na casa de uma família numerosa.

Certo dia, quando estava ali naquela cidade, ouviu gritos e sons de trombetas. Procurando chegar até onde estava "o barulho", ficou intrigada com o que viu -era uma reunião ao ar-livre! Naquela época, o Exército de Salvação ainda não era uma organização muito conhecida. Polly pensou: *Quem são estas pessoas excêntricas?* Curiosa, ela seguiu o grupo que foi parar em uma velha e espaçosa construção. Quando os membros daquele "exército" marcharam para dentro do prédio, ela permaneceu na esquina, com a esperança de que ninguém a tivesse visto ali. Finalmente, vencida pela curiosidade, entrou, meio que escondida, e sentou-se na parte de cima, na galeria.

"ALELUIA! ESTÁ FEITO!"

Naquele dia, quem estava pregando era Gypsy Tillie Smith, irmã do famoso evangelista Gypsy Rodney Smith. Literalmente "despejando" sua ardente mensagem sobre as pessoas, ela pregou a salvação por intermédio do sangue de Jesus. Polly foi profundamente tocada por aquelas palavras e compreendendo a sua condição de perdida, saiu da galeria, dirigiu-se até a parte da frente do salão e caiu de joelhos. Ela recusou a oração de qualquer um dos ajudantes que estavam ali até que, finalmente, Tillie Smith abriu caminho em direção ao lugar onde ela estava, vindo ao seu encontro para orar com ela. Com a luz de Cristo aquecendo o seu coração, Polly levantou-se de um salto, tirou suas luvas, atirou-as para cima, e gritou: "Aleluia! Está feito!"[7] Sentado entre os presentes, não muito longe de onde ela estava, um jovem olhava atentamente para Polly. Esse jovem, mais tarde, se tornaria o seu futuro marido e companheiro de destino - Smith Wigglesworth.

"Parecia que desde o início havia uma inspiração divina sobre ela", disse Smith.[8] Na noite seguinte, quando ela estava dando o seu testemunho, ele sentiu que ela era "a pessoa de Deus" para ele. Depois de concluir o habitual período de treinamento do Exército de Salvação, Polly recebeu, do próprio General Booth, a patente de oficial daquele exército.

Em seguida, Polly seguiu para a Escócia, para servir no destacamento daquele país durante uma temporada; ao terminar, retornou para Bradford. Algum tempo depois, ela deixou o exército, por causa de um conflito a respeito de seu relacionamento com Wigglesworth. Ela era uma "oficial", enquanto ele era apenas um simples "soldado". E apesar de Smith nunca ter ingressado oficialmente no Exército de Salvação, as regras sobre relacionamentos entre essas duas categorias eram muito rigorosas.

Depois que deixou o Exército de Salvação, Polly passou a fazer parte de um outro exército; agora o Blue Ribbon Army (exército da fita azul). Entretanto, permaneceu sendo sempre uma grande amiga dos membros do seu antigo destacamento. Nessa época, os líderes da Igreja Metodista a convidaram para fazer um trabalho de evangelismo entre as igrejas deles, e centenas vieram a se converter por intermédio do ministério dela. O poder de Deus estava claramente muito forte em sua vida.

"SMITH, VOCÊ NÃO É MEU DONO!"

Polly se tornou a "Sra. Wigglesworth" em 1882, com a idade de vinte e dois anos; Smith era um ano mais velho. Nessa época, ele estava muito satisfeito com o seu trabalho no setor hidráulico, e encorajou sua esposa a continuar o seu ministério evangelísti-co. Contudo, ele sentia um peso no coração por certa área da cidade de Bradford, onde não havia igreja. Por isso, o casal alugou um pequeno local e abriu as suas portas para a realização de reuniões ali. Deram o nome de "Missão da Rua Bradford" ao local.

Em trinta anos de casados, os Wigglesworth tiveram uma filha, Alice, e quatro filhos: Seth, Harold, Ernest e George (que veio a falecer no ano de 1915). Antes do nascimento de cada um dos seus filhos, os Wigglesworth oravam consagrando-os a Deus, para que fossem servos do Senhor. Depois que nasciam, Smith cuidava deles durante os cultos, para que sua esposa pudesse pregar. E logo que a mensagem terminava, Smith vinha para o púlpito e orava por aqueles que aceitavam a Jesus. Nem um pouco incomodado pelo papel ministerial de sua esposa, Smith dizia: "O trabalho dela **é** lançar a rede; o meu, puxar os peixes para fora d'água. Este último **é** tão importante como o primeiro."[9] Ele reconhecia o valor de se ter um coração de servo.

O inverno de 1884 foi muito rigoroso em Bradford, e por isso, os encanadores estavam sendo muito requisitados. Smith não apenas trabalhou duro durante toda aquela estação, como também continuou ocupado por mais uns dois anos, consertando os estragos causados pelas complicações daquele inverno.

Durante aqueles dias de muito trabalho e grande prosperidade, a freqüência de Smith à igreja foi diminuindo rapidamente e o seu coração começou a esfriar-se com relação às coisas de Deus. Entretanto, enquanto seu interesse pela obra do Senhor diminuía, o de Polly crescia a cada dia e o seu zelo por Deus e por uma vida de oração nunca vacilaram. Sua consistência e diligência na obra de Deus faziam com que a falta de interesse de Smith se tornasse ainda mais evidente; e isso fez com que ele passasse a ficar irritado com a simples presença da esposa.

Certa noite, Polly voltou da igreja um pouco mais tarde do que o costume. Por isso, tão logo ela entrou em casa, Smith disse-lhe: "Eu sou o chefe desta casa, e não vou permitir que você volte tão tarde desse jeito!" Ao que Polly retrucou na mesma hora: "Sei que você é o meu marido, mas Cristo é o meu Dono."[10] Então, profundamente irritado, Smith abriu a porta dos fundos, empurrou-a para fora de casa, e trancou a porta atrás dela. Contudo, tão aborrecido ele estava com ela que se esqueceu de trancar a porta principal. Ela simplesmente deu a volta até a frente da casa e entrou - dando gargalhadas! Na verdade, ela riu tanto que Smith finalmente desistiu e começou a rir também. E enquanto ele estava rindo, sentiu que deveria passar uns dez dias em jejum e oração, buscando a presença do Senhor. Em desespero e profundamente arrependido, encontrou o caminho da restauração.

QUAL É A SUA CLASSIFICAÇÃO NA "ESCALA DE RICHTER"?

Dizem que "a mulher é o termômetro da casa", e acho que isso é a pura verdade. Por exemplo, se a esposa está de mau humor, os outros membros da família também vão acabar tendo uma atitude negativa. Por outro lado, se ela está alegre, independentemente de como o marido se encontre, tudo vai parecer mais feliz.

Polly Wigglesworth sempre foi um maravilhoso exemplo de "equilíbrio". Entretanto, tenho certeza de que sua alegria e fidelidade foram grandemente testadas durante o tempo de "apostasia" de seu marido. Ela era uma pregadora muito conhecida, que realizava grandes reuniões evangelísticas por toda a cidade, onde centenas de pessoas se entregavam a Cristo - enquanto isso, seu esposo ficava em casa. sentado sem fazer nada ou executando qualquer outro serviço de menor importância. Sem dúvida havia muitos comentários sobre a condição espiritual de Smith, enquanto o ministério de Polly era publicamente investigado; entretanto, ela seguiu com o seu trabalho, sem se deixar abater. Obviamente, sua vitória foi possível por causa de um único fator - *a sua firmeza em Jesus Cristo.*

Na maioria dos casos, quando o marido começa a esfriar na sua vida espiritual, a esposa começa a resmungar e a queixar-se, crendo que assim ela fará com que ele se arrependa e tome uma atitude. Contudo, um coração arrependido é fruto da obra do Espírito Santo na vida da pessoa, e não da reclamação de outros. Durante todo aquele tempo, o fogo do Senhor manteve acesa a chama da alegria dentro do coração de Polly. E por isso, Smith reconheceu o seu erro e voltou-se para Jesus. A atitude de sua esposa foi a responsável direta pelo seu arrependimento e, conseqüentemente, pelo tremendo ministério que tiveram. Este deve ser o supremo alvo do cônjuge - ajudar o companheiro (ou companheira) a cumprir o seu chamado, qualquer que

seja ele. Deus conhece o coração do nosso companheiro e o que o levará a desenvolver o ministério que lhe foi proposto. A única coisa que devemos fazer é manter o nosso coração reto diante do Senhor e deixar as outras pessoas com Deus e com o Espírito Santo. Dessa maneira, nunca iremos fracassar.

A PRIMEIRA CURA

Por volta do final dos anos de 1890, Smith viajou para Leeds com o propósito de comprar material para o seu negócio na área de hidráulica. Enquanto ele estava naquela cidade, foi a uma igreja onde estavam sendo realizados cultos de cura divina. Smith entrou, sentou e ficou observando maravilhosas curas acontecerem. Tudo isso o tocou profundamente, e ao chegar em Bradford, começou a procurar as pessoas que se encontravam enfermas e a pagar as suas despesas para que fossem às reuniões de cura realizadas em Leeds. Entretanto, não disse uma única palavra sobre isso para a sua esposa; afinal de contas, ele temia que a reação dela fosse a mesma de alguns críticos daquela época, que costumavam rotular cura divina como sendo "fanatismo". Porém, quando ela finalmente descobriu a verdade, ouviu-o atentamente descrever como eram as reuniões e precisando ela mesma de ser curada, o acompanhou em sua próxima viagem até Leeds. Chegando lá, ela recebeu a oração da cura e foi restaurada imediatamente. E daquele dia em diante, os Wigglesworth se apaixonaram pelas verdades a respeito de cura divina.

Como resultado, a igreja que eles cuidavam em Bradford começou a crescer e tiveram de procurar outro lugar para as suas reuniões. Encontraram um local bastante espaçoso, na rua Bowland, e denominaram aquele novo trabalho de "Missão da Rua Bowland". Na parede que ficava atrás do púlpito, mandaram fazer a pintura de um grande pergaminho, onde pediram que fosse escrita a seguinte frase: "Eu Sou o Senhor que te Sara." (Ex 15.26.)

A primeira experiência pessoal de Smith com cura divina aconteceu no início dos anos de 1900. Desde a sua infância, ele sofria com um problema de hemorróidas, que o incomodava muito. Certo dia, um ministro do Evangelho que estava visitando a família, orou por Smith e declarou em fé, que ele seria curado dessa enfermidade. Até então, todos os dias Smith tinha de fazer banhos de assento, com sais medicinais; entretanto, convencido de que era a vontade Deus curá-lo, parou com esse procedimento. Não demorou muito, ele descobriu que estava completamente curado, e nunca mais sofreu com aquele problema.

Neste ponto de sua vida, Smith passou a dedicar-se totalmente ao ministério de cura divina. Sendo o seu próprio patrão, ele tinha tempo para organizar grupos para ir até à Casa de Cura de Leeds, sempre pagando do seu bolso por todas as despesas da viagem. Smith era conhecido por sua grande compaixão para com os enfermos e necessitados. Quando os obreiros da Casa de Cura viam Smith chegar com os grupos de enfermos, costumavam rir entre si, pois o que parecia era que ele não compreendia que Deus poderia curar aquelas pessoas em Bradford, da mesma maneira que curava em Leeds.

"EMPURRADO" PARA O PÚLPITO

Convencidos de que Smith precisava de um "empurrãozinho" para iniciar o seu rninistério público, os líderes da Casa de Cura de Leeds tomaram uma decisão. Aproveitando a ocasião em que eles estavam indo para a Convenção de Keswick, pediram que, durante o tempo que estivessem fora, ele assumisse a responsabilidade pelos trabalhos. Inicialmente Smith ficou meio receoso, mas os ministros lhe asseguraram de que ele era absolutamente capaz de executar a tarefa. Sem outra alternativa, ele se consolou, dizendo a si mesmo que ele só precisaria ser o responsável, e que haveria um grande número de pessoas dispostas a pregar. Contudo, todos concordaram que era ele quem deveria fazer isso. Assim, bastante temeroso, ele começou a ministrar e no final de sua mensagem, quinze pessoas vieram à frente para receber a oração de cura. Entre elas estava um homem que andava com a ajuda de muletas e, quando Smith orou por ele, começou a saltar e a correr pelo salão, livre das muletas e totalmente curado. Ninguém naquele local estava mais surpreso que o próprio Smith!

Depois dessa reunião, as portas começaram a se abrir para Smith pregar. E não demorou muito para ele anunciar que iria começar reuniões de cura em Bradford. Na primeira noite de reuniões, doze pessoas vieram para serem curadas e todas receberam a cura. Entre estas estava uma senhora que tinha um enorme tumor que vazava constantemente; depois de receber a oração da fé, ela voltou para a sua casa. No dia seguinte, ela retornou contando que no local do tumor agora havia apenas uma cicatriz.

POR FAVOR... CALE A BOCA!

Não demorou muito, e Smith teve de enfrentar o seu primeiro desafio; era uma questão de vida ou morte. A esposa de um amigo muito querido estava tão doente que» os médicos acreditavam que ela não passaria daquela noite. O amigo de Smith disse-lhe que não tinha fé para que a esposa fosse curada. Uma profunda compaixão enchej o coração de Smith e ele decidiu que iria fazer de tudo para ajudar aquela família. As-sim, foi procurar um pastor que estava abrindo uma pequena igreja em Bradford, e perguntou-lhe se ele poderia ir orar por aquela senhora; mas o ministro se recusou. Então ele foi em busca de um amigo, muito conhecido por suas orações fervorosas. **O** amigo concordou em ir com ele, e assim, os dois seguiram para a casa da enferma.

Smith sentiu-se encorajado por ter alguém com ele, e pediu ao amigo que começasse a orar tão logo entrasse na casa. Ao ver o estado de total fraqueza em que a senhorz se encontrava, ele atendeu imediatamente ao pedido de Smith e começou a orar - mas não como Smith esperava. Em sua oração, o homem começou a pedir pela "família que ficaria enlutada" e continuou nesse tom negativo até que Smith pediu que ele parasse de orar. Pensando que o pior já havia passado, Wigglesworth pediu ao marido da enferma que orasse também, mas a oração dele seguiu o mesmo tom desalentador da anterior. Finalmente, quando Smith já não estava agüentando mais aquilo, gritou tão alto que podia ser ouvido lá da rua - "Senhor, faça**-o** calar!" E o esposo se calou.

Então Smith pegou um vidro de óleo que sempre trazia em seu bolso, e derramou todo o seu conteúdo sobre o corpo da mulher, orando em nome de Jesus. Depois, em pé na cabeceira da cama, ele teve a sua primeira visão. Ele disse: "Repentinamente **o** Senhor Jesus apareceu, **e** mantive os meus olhos fixos nele. E Ele me deu um daqueles sorrisos bondosos. Eu nunca me esquecerei daquela visão... a visão daquele sorriso terno **e** doce."[11] Alguns momentos depois que a visão desapareceu, a mulher sentou-se na cama, cheia de nova vida. Ela teve muitos filhos, e viveu mais tempo que o próprio marido.



"...Tudo o que ele precisava saber estava na Palavra de Deus..."

"DIABO, SAI EM NOME DE JESUS!"

A fome de Smith pela Palavra de Deus era tão grande que ele nunca permitiu nenhum tipo de publicação em sua casa, secular ou cristã, que não fosse a Bíblia. Ele cria que tudo o que precisava saber, estava nas Escrituras. Ele disse o seguinte, sobre a sua esposa: "Assim que ela viu **o** quanto eu era ignorante, começou a me ensinar a ler **e** a escrever... Infelizmente ela nunca conseguiu me ensinar ortografia."[12]

A próxima experiência de Smith envolvendo uma situação de vida ou morte aconteceu em sua própria vida. Certo dia, ele foi acometido de uma terrível dor e teve de ficar acamado. Tendo previamente combinado com sua esposa de que nenhum medicamento entraria em sua casa, deixou a questão de sua cura nas mãos de Deus.

A família orou durante a noite toda por algum tipo de alívio, mas nada aconteceu. Com o passar do tempo, ele só piorou e, finalmente, disse para a esposa: "Está me parecendo que minha hora chegou. Para o seu próprio bem e proteção, **é** melhor você chamar o doutor." Profundamente triste Polly mandou chamar um médico crendo que a vida de seu marido havia chegado ao fim.

Quando o médico chegou, balançou a cabeça em sinal de desânimo. Ele disse à família que era apendicite e que, pelo estado de Smith, suas condições já deviam estar se agravando nos último seis meses. Ele continuou dizendo que os órgãos de Wi-gglesworth estavam tão afetados que não havia mais nenhuma esperança, nem mesmo a cirurgia. Quando o médico estava indo embora, uma idosa senhora e um jovem senhor entraram no quarto de Smith. Essa senhora cria na oração da fé e que toda enfermidade provinha do diabo. Enquanto ela orava, o jovem senhor aproximou-se da cama de Smith, impôs suas mãos sobre ele, e clamou: "Diabo, sai em nome de Jesus!"

E para surpresa de Smith, o diabo saiu, e a dor desapareceu completamente. Por uma questão de segurança, o casal tornou a orar por Smith e, em seguida, ele se levantou, vestiu-se, desceu as escadas, e disse à esposa: "Eu estou curado. Tem algum trabalho para fazer?" Quando Polly o ouviu contar o que havia

acontecido, e ainda totalmente surpresa, entregou-lhe os pedidos de serviço. Imediatamente ele saiu para fazer os reparos que precisavam ser feitos e nunca mais foi incomodado pela apendicite.[13]

"ELES ESTÃO RECEBENDO DEMÔNIOS"

Em 1907, a vida de Smith Wigglesworth chegou novamente a um ponto decisivo. Ele ouviu que um grupo de pessoas em Sunderland haviam sido "batizadas com o Espírito" Santo e "falado em línguas", e decidiu verificar esses acontecimentos pessoalmente.

Até aquele dia, Smith cria que já havia sido batizado com o Espírito Santo. Tanto ele como a sua esposa compartilhavam da crença popular de que a pessoa recebia o batismo com o Espírito Santo no mesmo dia em que se convertia ao Senhor. Então, Smith lembrou-se de uma situação que o levou a arrepender-se de seus pecados e a fazer um jejum de dez dias, ocasião em que encontrara novamente o caminho para Deus. De fato, naquela época, ele havia experimentado uma mudança definitiva em sua vida. E em meio a muito choro e intensa oração, ele se consagrara ao Senhor para ser totalmente santificado. Quando o período de jejum havia terminado, ele estava livre do seu gênio difícil e da sua melancolia de tal maneira que alguns até comentavam que gostariam de ter o mesmo espírito que Smith tinha. Por causa de tudo isso, Smith cria sinceramente que já era batizado com o Espírito Santo ou santificado.

Em correspondência trocada com amigos em Sunderland, sobre o dom de línguas, eles o aconselharam a ficar longe desse tipo de coisa, dizendo que "aquelas pessoas estavam recebendo demônios." Entretanto, quando ele chegou ali e orou com esses amigos sobre o assunto, eles lhe disseram: "Obedeça às suas próprias convicções."[14]

Quando Smith assistiu às reuniões em Sunderland, dirigidas por Viçar Alexander Boddy, ele ficou muito desapontado; afinal de contas, parecia que havia muito mais mover de Deus em Bradford do que ali. Os cultos naquele lugar pareciam secos e sem as manifestações do poder de Deus. Por causa de sua frustração, ele ficava o tempo todo interrompendo as reuniões, dizendo: "Eu vim de Bradford porque quero esta experiência de falar em línguas da mesma maneira que houve no dia de Pentecoste. Entretanto, não compreendo por que as nossas reuniões de lá parecem cheias de fogo, e as de vocês, não."[15]

Em seu desespero, Smith interrompeu as reuniões tantas vezes que foi convidado a se retirar do local.

UM BANHO DE PODER E GLÓRIA

Buscando a Deus de todo o seu coração, com o propósito de ter a experiência com o "batismo com o Espírito Santo", Smith foi até o prédio do Exército de Salvação para orar. Ali, por três vezes ele foi jogado ao chão pelo poder de Deus. Os salvacio-nistas o advertiram contra esta questão de falar em línguas, mas Smith estava determinado a conhecer a Deus nessa área. Durante quatro dias ele buscou ao Senhor, esperando poder falar em línguas; contudo, nada aconteceu. Finalmente, já com o espírito desanimado, sentiu que era hora de voltar para casa, em Bradford. Entretanto, antes de partir, ele foi até à casa pastoral para despedir-se da esposa do pastor, a Sra. Boddy. Ele disse a ela que precisava voltar para casa e que, infelizmente, não ha-via falado em línguas. Então ela lhe disse: "Não é das línguas que você precisa; mas, sim, do batismo."[16] Ao ouvir isso, Smith pediu que ela impusesse as mãos sobre ele, antes que partisse. Ela fez uma oração simples, mas poderosa e, em seguida, saiu da sala. E foi aí que o fogo caiu! Banhado pelo poder e pela glória do Senhor, Smith teve uma visão da cruz de Cristo, vazia, e Jesus exaltado à direita do Pai. Cheio de louvor e adoração, Smith abriu a sua boca e começou a falar em línguas. Ele finalmente compreendeu que, embora já tivesse recebido a unção, agora recebia o batismo com o Espírito Santo, como foi no dia de Pentecoste.

Assim, em vez de voltar para casa, Smith foi direto para a igreja onde o Rev. Boddy estava realizando um culto e, interrompendo-o, pediu a palavra por alguns minutos. Quando ele terminou o seu "sermão", Cinqüenta pessoas haviam sido gloriosamente batizadas com o Espírito Santo e estavam falando em línguas! O jornal local, chamado *Sunderland Daily Echo* (O eco diário de Sunderland), deu destaque sobre a reunião, fornecendo detalhada menção à experiência de Smith, incluindo o falar em línguas e as curas. Ele telegrafou para casa contando à sua família a grande novidade.

RISADA SANTA

Ao voltar para a cidade de Bradford, Smith sabia que teria de enfrentar alguns desafios a respeito daquela sua nova alegria; e ele tinha razão. Assim que ele entrou em sua casa, Polly disse com toda a firmeza: "Quero que você saiba que eu já sou batizada no Espírito Santo tanto quanto você, e não falo em línguas... Domingo você vai pregar sozinho, e quero só ver o resultado de tudo isso."[17]

Ela manteve a sua palavra e, quando chegou o domingo, foi para a igreja e sentou-se no último banco de trás. Quando Smith subiu ao púlpito, o Senhor lhe deu uma mensagem em Isaías 61.1-3. Ele pregou com grande poder e confiança. Durante todo o culto, Polly ficou se remexendo no banco, repetindo para si mesma: *Aquele não é o meu Smith, Senhor. Aquele não é o meu Smith!"*™

Após o término da mensagem, um trabalhador ficou de pé e disse que desejava ter a mesma experiência que Smith tinha. Quando ele foi sentar-se, não calculou bem onde estava a cadeira e acabou indo parar no chão! O filho mais velho de Smith também ficou de pé e repetiu as mesmas palavras que o homem havia dito. Ao tentar sentar-se, igualmente não viu direito onde estava a cadeira e também caiu! Em um curto espaço de tempo, onze pessoas estavam no chão, rindo sob o poder do Espírito. Então, toda a congregação foi dominada por uma risada santa, no momento em que Deus derramava o Seu Espírito sobre os presentes. E esse foi o começo do grande derramamento espiritual ocorrido na cidade de Bradford, quando centenas de pessoas receberam o batismo no Espírito Santo e o dom de línguas.

Pouco depois que Polly recebeu o batismo com o Espírito Santo, o casal viajou por todo o país, atendendo a convites para pregar. E onde eles chegavam, parecia que uma grande convicção de pecados caía sobre o povo. Certa ocasião, quando Smith entrou em um supermercado para fazer compras, três pessoas caíram de joelhos, em sinal de arrependimento. Uma outra vez, enquanto duas senhoras estavam trabalhando no campo, Smith passou por elas e gritou-lhes: "Vocês já estão salvas?" E no mesmo instante, elas colocaram suas vasilhas no chão, e começaram a clamar a Deus.[19]

O PACTO FINANCEIRO COM DEUS

Nos dias que se seguiram, Smith desenvolveu o hábito de orar e jejuar. Logo, pessoas de todas as partes do país começaram a enviar cartas para ele, pedindo-lhe que fosse até onde moravam, e orasse por aqueles que estavam doentes ali; Smith atendia a todos os pedidos que podia. As vezes, após uma viagem de trem até alguma cidade, ele ainda tinha de pegar uma bicicleta e viajar mais uns vinte quilômetros para chegar até onde se encontrava um dos aflitos que precisavam de suas orações.

E por causa dessa incrível demanda em seu ministério, Smith logo viu seu trabalho de encanador entrar em declínio. Afinal, ele tinha de sair de sua cidade tantas vezes, para ir orar por alguém, que seus clientes acabavam tendo de chamar um outro profissional para fazer o serviço. Cada vez que ele retornava à sua cidade, havia menos serviço para ele fazer.

Certa vez, quando ele retornou de uma conferência, viu que a maioria de seus clientes havia procurado outro profissional para fazer o serviço de que estavam precisando. Entretanto, houve uma viúva que não conseguiu ninguém para ajudá-la; oor isso, quando ele chegou, dirigiu-se imediatamente para a casa dela, fez os consertos necessários e também consertou o telhado que estava danificado. Quando ela lhe perguntou quanto era o preço do seu trabalho, Smith respondeu: "A senhora não me deve nada. Isso vai ser a minha oferta ao Senhor, pelo meu último trabalho como encanador."[20]

Depois dessa declaração, ele quitou suas dívidas, fechou seu negócio e começou um ministério de tempo integral. Ele acreditava que, apesar das histórias de pobreza que havia ouvido, Deus supriria abundantemente as suas necessidades; bastava apenas servir ao Senhor fielmente. Assim, confiante em sua parceria com Deus, Smith estipulou uma condição:

> "A sola dos meus sapatos nunca serão um motivo de vergonha, e eu nunca terei de usar calças rasgadas nos joelhos. Se uma dessas coisas acontecerem comigo, avisei ao Senhor que voltarei a trabalhar como encanador."[21]

Deus nunca deixou de suprir todas as necessidades de Smith, e ele nunca mais voltou a trabalhar como encanador.

"DEIXE-A IR'

Uma das maiores tristezas da vida de Wigglesworth estava prestes a acontecer. Certo dia, enquanto estava na estação de trem, esperando o momento de viajar para a Escócia, Smith recebeu uma notícia devastadora: Polly havia tido um ataque do coração enquanto voltava da Missão da Rua Bowland.

Embora tivesse voltado o mais rápido que pôde para o lado de sua esposa, quando Smith chegou, viu que o espírito de sua companheira já havia partido para tar com o Senhor. Sem aceitar esse fato, ele imediatamente repreendeu a morte e, mesmo instante, a vida retornou ao corpo de Polly; porém, por apenas alguns momentos. O Senhor lhe disse: "Chegou a hora de levá-la para casa, para estar comigo." Então, com o coração arrasado, Smith liberou sua companheira, aquela a quem ele havia amado por tantos anos, para que fosse com o Senhor. Polly Wigglesworth serviu a Deus até o seu último dia de vida, que foi 1 de janeiro de 1913.[22] Dizem que após a sua morte, Smith pediu a Deus que lhe concedesse porção dobrada do Espirito Santo.[23] E daquele momento em diante, seu ministério tornou-se ainda mais cheio de poder.

EIS O SEGREDO...

Imediatamente depois desses acontecimentos, Smith começou a ministrar em todo o país, viajando na companhia de sua filha e do genro. Naquela época, era muito incomum a imprensa secular britânica noticiar alguma coisa a respeito do meã© religioso; entretanto, o ***Daily Mirror*** (espelho diário) dedicou a sua primeira página para estampar quatro fotos retratando Wigglesworth em seu ministério dinâmico.[31] E pelo fato de que esse jornal era o que possuía a maior circulação naqueles dias,, centenas de pessoas começaram a procurar o ministério de Smith. Ele tinha uma incrível capacidade de revelação nos assuntos relacionados à fé, e seus ensinamento!

nessa área atraíam multidões. Wigglesworth não se contentava em ter apenas uma esperança de que a oração pudesse funcionar; a revelação que recebera sobre fé era prática, concreta, capaz de amolecer o coração mais endurecido pelo pecado, para a realidade do amor de Jesus Cristo.

Smith tinha uma teoria muito simples a respeito de fé: simplesmente crer. Ele não aceitava a idéia de que Deus tinha filhos favoritos, e um dos seus primeiros exemplos desse princípio veio do Novo Testamento, onde João é mencionado como sendo "aquele a quem ele [Jesus] amava". Segundo Wigglesworth, o fato de o discípulo ter 'reclinado a sua cabeça sobre o peito de Jesus", não fazia dele um favorito (Jo 13.25). O que chamava a atenção para a pessoa de João era o seu relacionamento com Cristo e a sua dependência dele. Smith sempre dizia:

> "Existe algo muito especial em crer em Deus; isso faz com que Ele passe pelo meio de um milhão de pessoas simplesmente para chegar até você, e ungir sua vida."[25]

Muitos livros já foram escritos na tentativa de desvendar o segredo da unção de Wigglesworth. Contudo, a resposta é muito simples: sua grande fé veio por meio de seu relacionamento com Jesus Cristo. Era desse relacionamento que Smith conseguia a resposta para cada situação que ele tinha de enfrentar. Deus não tem favoritos - Ele simplesmente opera por intermédio daqueles que crêem n'Ele.

"EU NUNCA ESTOU ATRASADO"

Os métodos usados por Smith estavam freqüentemente sendo criticados ou mal compreendidos. Entretanto, ele nunca se deixava abalar por essas críticas e sempre tinha compaixão por aqueles que lhe criticavam. Em vez de revidar, Smith sempre respondia: "Não sou impulsionado por aquilo que ouço ou vejo; mas, sim, pelo que creio."[26]

Nessa ocasião, o Espírito Santo começou a ensinar a Smith os vários passos na caminhada da fé. E a primeira lição que ele aprendeu foi que *a fé pode ser criada* nas outras pessoas.

Um exemplo desse conceito aconteceu com um garoto que estava seriamente enfermo. A família mandou um recado para Smith, pedindo que ele viesse vê-lo; entretanto, ao chegar, a mãe do menino foi encontrá-lo à porta, dizendo: "Infelizmente você chegou muito tarde. Não existe mais nada que se possa fazer por ele." Ao que Smith respondeu: "Deus nunca me envia a algum lugar 'muito tarde'."[27] As condições do rapaz eram tão ruins que se eles simplesmente o movessem de onde ele se encontrava, seu coração poderia parar e ele

certamente morreria. A família não teve fé para crer, e o jovem estava muito doente para crer por si mesmo. Antes de Smi-th ter a oportunidade de orar pelo garoto, teve de sair para oficializar um noivado em uma igreja naquela região. Entretanto, antes de deixar a casa, disse à família que coitaria e que era para eles prepararem uma roupa para o filho vestir, pois o Senhor :ria levantá-lo daquela cama. Porém, quando Smith voltou, a família não havia feito

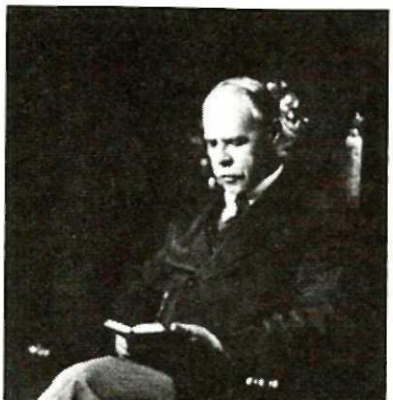


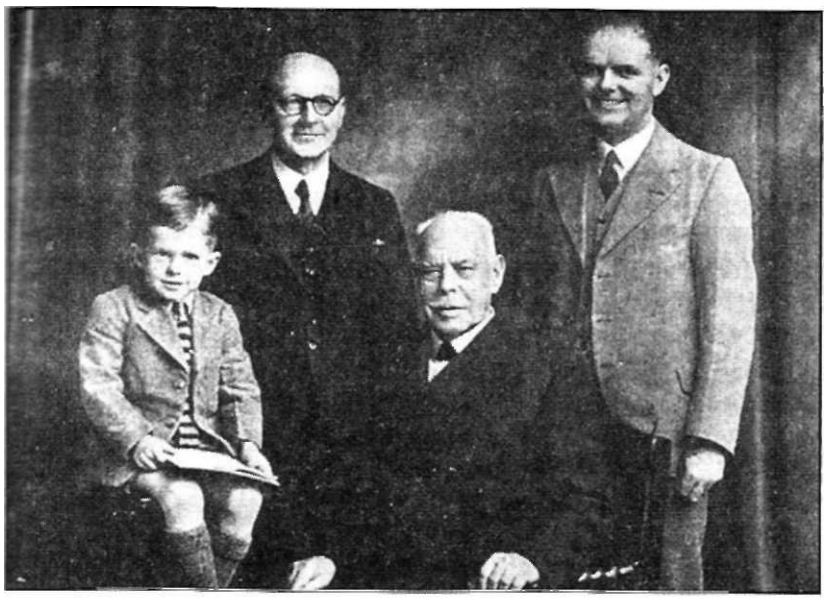
regando a Palavra



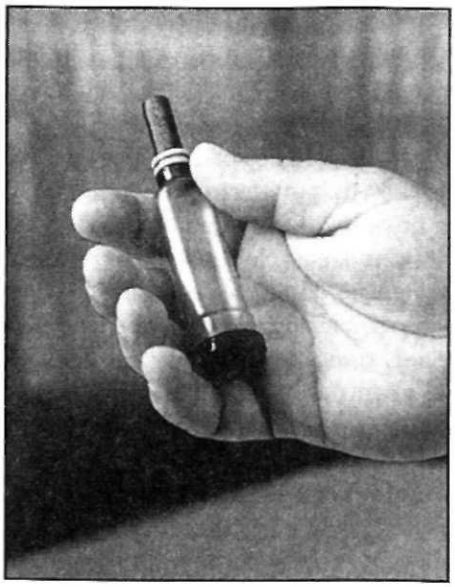
Ministrando no Espírito







Quatro gerações



Garrafinha de óleo de unção usada por Wigglesworth

o que ele pedira; quando viram a sua grande fé, ficaram envergonhados e imediatamente arrumaram as roupas para o garoto. Então Smith disse-lhes para colocareir apenas um par de meias nele. Em seguida, fechou a porta do quarto e disse ao garoto sem vida que algo diferente de tudo o que ele já havia experimentado, estava para acontecer. "Quando eu colocar as minhas mãos sobre você, a glória do Senhor vai encher este lugar de tal maneira que eu não vou conseguir ficar de pé. Provavelmente eu vou cair prostrado aqui no chão."[28] E no exato momento em que Smith tocou o corpo do garoto, o poder de Deus encheu o quarto de maneira tão forte que Wigglesworth simplesmente caiu. E, de repente, o garoto começo a gritar: "Isto é para a Sua glória, Senhor!" Smith ainda estava no chão quando o jovem se levantou da cama e vestiu-se. Em seguida, abriu a porta, e gritou: "Pai, Deus me curou! Eu estou curado!"[29]

A glória do Senhor estava sobre aquela casa de uma maneira tão intensa que os pais do garoto também caíram prostrados. A irmã dele, que havia saído pouco tempo atrás de um manicômio, teve a sua mente

instantaneamente restaurada, e a vila inteira onde eles moravam foi visitada pelo mover de Deus. Como resultado, um grande avivamento veio sobre toda aquela cidade.

Naquele dia miraculoso, Smith aprendeu como *transferir a fé* por intermédio d imposição de mãos. Seu ministério nunca mais seria o mesmo, pois ele havia conhecido um novo degrau na escalada da fé: *a fé podia ser criada e transferida para uma ou tra pessoa!*

"CORRE, MULHER... CORRE!"

A medida que Smith foi crescendo em sua caminhada de fé, o Senhor lhe mostrou outro princípio: *a fé deve ser colocada em ação.*

Até então, uma boa parte dos crentes parecia crer que Deus agia somente de maneira soberana, e que eles não tinham parte nisso; porém, o ministério de Smith Wigglesworth trouxe uma nova luz a essa área escura da vida deles. Através do seu profundo relacionamento com Deus, ele começou a perceber na Bíblia que as pessoas que recebiam alguma bênção do Senhor haviam *agido* em fé na Palavra para obter os resultados. Por isso, o seu ministério começou a adotar essa operação de fé em todos os cultos. No início de seus apelos, Smith costumava dizer: "Se você der apenas um passo, você será abençoado; se andar cem metros, alcançará mais. Agora, se você vier até aqui na plataforma, nós vamos orar por você, e Deus vai suprir as suas necessidades com a Sua provisão."[30]

Essa era a verdade central por trás de seu ministério de cura, com relação à fé. Muitas pessoas, porém, diziam que era uma verdade "insensível". A maneira de Smith Wigglesworth agir era o resultado de uma grande compaixão pelos necessitados e de uma inabalável fé em Deus. Um cristão deve *agir* de acordo com o aquilo que crê, para receber a manifestação do Senhor; por isso, às vezes Smith tinha de *iniciar* a ação de fé em alguns. Ele costumava chamar esse tipo de ministério de "cura a varejo", pois a sua fé contribuía grandemente para a tomada de decisão de cada um daqueles irmãos.

Um exemplo disso aconteceu durante uma reunião no Arizona, quando uma ovem senhora atendeu ao seu apelo de cura divina. Ela estava muito doente, com tuberculose e, enquanto ela começou a andar pelo corredor em sua direção, ele lhe disse: "Agora eu vou orar por você e, depois, você vai correr em volta desse lugar." Ele orou, e então gritou: "Corre mulher... corre!" ao que ela respondeu: "Correr como, se eu mal posso ficar de pé." "Não me contradiga", gritou Smith, "faça o que eu mando!" Ela continuou relutante e, por isso, Smith pulou do púlpito, agarrou-a pela mão, e começou a correr com ela. A senhora se agarrou a ele até que alcançaram velocidade. Em seguida, correu sozinha em volta do salão, sem o menor esforço.[3'] Havia naquela mesma reunião uma outra senhora, que tinha as pernas travadas **cor** causa de muitas dores no nervo ciático. Smith disse a ela: "Corre!" Ela também estava tão relutante que Smith teve de puxá-la, literalmente! Então ele correu em volta do salão com ela agarrada a ele e, finalmente, o poder de Deus veio ao encon-**rro** daquela atitude de fé e ela foi completamente curada. Ela veio a pé para o res-rante das reuniões, e se recusou a pegar o bonde, tão feliz estava de ter recuperado o completo uso de suas pernas.

"ALGO ESTÁ PASSANDO POR TODO O MEU CORPO!"

Às vezes em seu ministério Smith usava uma outra abordagem para *agir* em fé. Ele lia uma passagem das Escrituras e, em seguida, agia conforme sentisse em seu coração. Freqüentemente ele também promovia suntuosos banquetes para os mendigos e os deficientes físicos, e os membros da Missão da Rua Bowland serviam farta comida. Durante os banquetes, ele providenciava para que alguns dessem os seus restemunhos de cura divina, como uma maneira de entreter os seus convidados e, assim, levava aqueles necessitados às lágrimas.

Durante o primeiro banquete, Smith já estabeleceu um precedente para os outros que ele planejava. Ao final daquela primeira grande refeição, ele anunciou:

> "Nesta noite nós oferecemos diversão a cada um de vocês aqui nesta festa; entretanto, no próximo sábado, teremos uma outra reunião. Todos vocês que hoje estão impossibilitados de andar, que vieram em cadeiras de rodas... vocês que já gastaram tudo o que tinham com médicos e não conseguiram serem curados, serão aqueles que vão nos entreter contando as histórias de libertação que receberam hoje, pelo poder do nome de Jesus." E para concluir, disse: "Quem aqui deseja ser curado?"[32]

É claro que todos quiseram! Uma senhora que havia vindo em cadeira de rodas voltou para casa andando; uma outra, que sofria de epilepsia há dezoito anos, foi curada instantaneamente, e em duas semanas já estava trabalhando. Houve também **I** um menino que vivia preso a um aparelho ortopédico metálico e que, na hora em rue **o** poder de Deus o tocou, foi imediatamente curado. "Papai, papai, papai", exclamou ele, "estou sentindo algo passando por todo o meu corpo!"[33]

Semana após semana, as notícias dos milagres das reuniões anteriores se espalhavam, atraindo assim os doentes e aflitos para as reuniões dos banquetes. E que tremendo avivamento começou entre eles! Simplesmente por agirem segundo a Palavra de Deus.

"EU VOU MOVER O ESPÍRITO"

Smith Wigglesworth levava Hebreus 11.6 muito a sério. Ele cria que, sem fé, é realmente impossível agradar a Deus. Por causa disso, ele incorporou essa fé em todos os segmentos de sua vida espiritual, incluindo as manifestações do Espírito Santo. Quando o mover do Espírito, por menor que fosse, vinha sobre Smith, ele se retirava para uma sala para estar a sós com o Senhor. E foi no desenvolvimento desse relacionamento *de sensibilidade à vontade do Espírito Santo* que ele compreendia a maneira de agir em fé enquanto ele cooperava com o Espírito.

Certa vez, durante uma reunião, alguém fez um comentário sobre a rapidez com que Smith entrava no mover do Espírito; então lhe perguntaram qual era o seu segredo, e ele respondeu: "Bem, **é o** seguinte: se **o** Espírito não se move em mim, eu movo **o** Espírito."[34] Aqueles que não entendiam os princípios da fé pensavam que essas declarações eram arrogantes e desrespeitosas; na realidade, porém, *Smith sabia como atrair o Espírito de Deus.* Aquela atitude era uma questão unicamente de/é, e não de arrogância. Se no momento de iniciar um culto, Smith não sentisse o mover do Espírito, ele começava assim mesmo. Então, pela fé, ele levava os ouvintes a se focalizarem na Palavra e no poder de Deus e fazia com que as expectativas deles com relação ao culto aumentassem. Como resultado disso, o Espírito Santo se manifestava entre eles em uma resposta direta à sua fé. E era também pela fé que Smith tomava a iniciativa e exercitava os dons que havia dentro dele. Wigglesworth não ficava esperando que algo sobrenatural viesse e se apossasse dele espiritualmente. Para ele. cada ação, cada operação e cada manifestação provinha de uma só coisa: *fé completa. A fé verdadeira confronta, e é acesa pela nossa iniciativa.*

Depois disso, Smith começou a ensinar aos membros do corpo de Cristo que eles poderiam falar em línguas por *iniciativa própria.* Para ele, a fé era a principal substância que movimenta o espírito humano, e não algum poder soberano. J. E. Stiles, um grande autor e ministro da Assembléia de Deus, aprendeu esse maravilhoso principio com Smith Wigglesworth, e carregou-o consigo por todo o seu ministério.

Em uma grande reunião na Califórnia, Smith pediu a todos aqueles que ainda não haviam recebido o batismo com o Espírito Santo, que se colocassem de pé. Depois, pediu que todos aqueles que haviam recebido, mas que já não falavam em línguas por seis meses, que também ficassem de pé. "Agora vou fazer uma oração simples", começou ele, "e quando eu terminar, vou dizer 'Agora', e todos vocês vão falar em línguas." Então Smith orou e, em seguida, gritou: "Agora!" E tão logo todos começaram a orar em línguas, um som como de muitas águas encheu o auditório. Em seguida, ele disse para as pessoas fazerem a mesma coisa novamente só que. desta vez, quando ele dissesse "Agora", todos deveriam cantar em línguas, pela fé. Ele orou, e então gritou: "Agora! Cantem!" e o som que se ouviu foi como um numeroso e glorioso coro.

Rev. Stiles disse que, naquele dia, aprendeu que o Espírito opera pela fé. E poupo depois dessa revelação ele começou o seu ministério internacional.[35]

OUTRO SEGREDO

Smith Wigglesworth era um homem grandemente movido pela compaixão. Quando recebia pedidos de oração de todas as partes do mundo, clamava a Deus e cho-pelas pessoas que enviavam estes pedidos. Muitas vezes, enquanto ele esta-ministrando aos aflitos, lágrimas banhavam o seu rosto. Ele também era muito vel com os idosos e com as crianças. Se durante os seus cultos o calor se tor-se muito forte, ele sentia uma grande compaixão pelos bebês e pelos idosos, e va por eles primeiro.

Demonstrando as verdades de Atos 19.11 e 12, centenas e mais centenas de pes-s foram curadas pelas orações que Smith fazia sobre lenços, enviados àqueles ele não conseguia visitar. Um amigo íntimo seu, falou sobre a sinceridade e a paixão que ele demonstrava, dizendo: "Quando chegava a hora de abrir as car-, todos tínhamos de parar qualquer coisa que estivéssemos fazendo e nos colo-os debaixo do fardo daqueles que escreviam. Não havia nada de desleixado ou pitado em seus métodos... todos na casa tinham de se unir em oração e impo-as mãos sobre os lenços que seriam enviados àqueles que estavam sofrendo. Li-vamos com aqueles lenços como se seus donos estivessem ali presentes."[36]

ESCORRACE O DIABO!

Ciente de que a fonte de todos os milagres de Cristo provinha de Sua compaixão, ith se tornou positivamente agressivo em desfazer as obras do diabo. Seu único ■alvo era levar a cura a todos os oprimidos e ensinar ao corpo de Cristo a lidar, implacavelmente, com o diabo.

Certo dia, enquanto esperava pelo ônibus, ele observou a maneira com que uma senhora tentava fazer o seu cão voltar para casa, entretanto, mesmo após várias tentativas "dóceis", o cachorro permanecia impassível. Quando ela viu que o ônibus estava chegando, bateu o pé no chão e gritou: "Vá para casa depressa!" e o cachorro saiu correndo com o rabo entre as pernas. "E exatamente assim que você tem de lidar com o diabo", disse Smith, alto o suficiente para que todos ouvissem.[37]

Smith não tinha a menor paciência com demônios, principalmente quando eles tentavam atrapalhar as suas reuniões. Certa ocasião, ele estava realizando um culto e não estava sentindo "liberdade" para pregar; então, começou a gritar! Contudo, nada aconteceu; tirou o paletó, mas tudo continuou igual. Então Smith perguntou a Deus o que estava acontecendo, e o Senhor lhe mostrou uma fileira de pessoas sentada em um dos bancos da igreja, todas de mãos dadas. Imediatamente ele percebeu que eram espíritas, e que estavam ali com o propósito de impedi-lo de realizar aquela reunião.

Então, quando ele começou a pregar, desceu do púlpito e caininhou em direção ao lugar onde elas estavam sentadas. Depois, segurou no banco e ordenou ao diabo que saísse dali imediatamente. O grupo caiu ao chão, depois aquelas pessoas se levantaram, e acotovelando-se uma à outra saíram apressadas do prédio.

Todas as vezes que Smith Wigglesworth ia expulsar demônios, estava sempre absolutamente seguro e confiante na fé que tinha no Senhor Jesus. Ele sabia que as orações não precisavam ser longas; afinal, se a oração era feita em fé, com certeza a resposta viria.

AUTORIDADE INTERNACIONAL

O ministério internacional de Smith começou em 1914 e, em 1920, estava a pleno vapor! Embora as perseguições contra a sua pessoa fossem muito grandes, ele nunca dava muita importância a isso. E ao contrário do que é comum na maioria dos ministérios, existem mais escritos sobre o seu grande poder e os milagres que realizou, do que sobre os problemas e perseguições que teve de enfrentar. Talvez isso seja devido à sua grande fé. Smith se livrava das críticas tão rápido quanto do pó que ficava no seu paletó; ele nunca se descuidava dessa área.

Em 1920, na Suécia, alguns profissionais da área médica e as autoridades locais acharam que poderiam "frear" o ministério de Wigglesworth proibindo-o de impor as mãos sobre as pessoas. Entretanto, ele não estava nem um pouco preocupado. Afinal, ele sabia que Deus responde à *fé,* e não a *métodos.* Por isso, após encerrar a pregação, instruiu às mais de vinte mil pessoas presentes que, enquanto ele estivesse orando, elas deveriam "impor as suas próprias mãos sobre si mesmas", e acreditarem que receberiam a cura. Instantaneamente, multidões foram curadas. Smith chamou aquele tipo de cura em larga escala de "cura por atacado".

Naquele mesmo ano, Smith foi preso por duas vezes na Suíça; os mandados de prisão foram expedidos sob a acusação de prática da Medicina sem licença. Em uma terceira ocasião, os oficiais chegaram até à casa de um ministro pentecostal com um outro mandado de prisão para Wigglesworth. O pastor que os recebeu à porta, disse-lhes: "O Sr. Wigglesworth não está no momento; porém, antes de vocês o prenderem, gostaria de mostrar-lhes o resultado do seu trabalho nesta cidade." Em seguida, aquele servo do Senhor acompanhou os policiais até à parte mais pobre da cidade, para a casa de uma senhora à qual aqueles mesmos policiais já

haviam prendido várias vezes. Depois que eles viram aquela mulher totalmente transformada, prova viva de sua completa libertação e fé em Jesus Cristo, ficaram tocados e disseram ao pastor: "Não temos como fazer este trabalho parar; uma outra pessoa terá de prender esse homem.' E "uma outra pessoa" o fez. Depois de preso, um oficial veio ter com Smith, no meio da noite e lhe disse: "Eu não vejo nada errado em você. Pode ir embora." Wigglesworth, porém, respondeu: "Não; só vou embora sob uma condição: que todos os oficiais que estão aqui fiquem de joelhos e aceitem que eu ore por eles."[38]

PENTECOSTE!

Por volta de 1921, o ministério de Smith estava no seu apogeu. Convites para ministrar internacionalmente chegavam em grande quantidade em sua casa, chamando-o para embarcar na mais longa viagem itinerante de toda a sua vida.

Embora ele já fosse muito conhecido na Europa e América, parecia que ninguém havia dado importância à sua chegada a Colombo, Ceilão (Sri Lanka). Entretanto, dentro de poucos dias, multidões enchiam o local de reuniões na tentativa de encontrar um lugar para sentar; muitos tiveram de ficar do lado de fora. Quando as reuniões terminavam, Smith ia passando entre as centenas de pessoas, tocando-as e crendo em Deus, juntamente com elas, para que Ele atendesse às suas orações. Algumas informações sobre aquelas reuniões de Smith noticiaram que um grande número de pessoas foram curadas, tão logo "sua sombra" passou sobre elas.[39]

Em 1922, Smith fez uma viagem para a Austrália e Nova Zelândia. Algumas pessoas acreditam que as reuniões dele ali foram as responsáveis pelo surgimento das igrejas pentecostais nesses dois locais. Apesar de ter ficado apenas alguns meses ali, milhares foram salvos, curados, cheios do Espírito Santo e receberam o dom de línguas. A Austrália e a Nova Zelândia experimentaram o maior avivamento espiritual de todos os tempos.

VOCÊ PODE ABENÇOAR O PORCO?

Certa vez, o Dr. Lester Sumrall, da cidade de South Bend, Indiana, compartilhou sobre um incidente muito engraçado que aconteceu durante uma viagem que ele fizera com Smith. Foi no País de Gales, quando ofereceram aos dois um jantar, e o prato principal era porco assado! Antes de comerem, os anfitriões pediram que Smith desse graças pela refeição. Então, em alto e bom som, ele orou: "Senhor Deus, se podes abençoar aquilo que amaldiçoaste, então abençoa este porco!" O senso de humor de Smith e a sua ousadia, causaram uma grande impressão em Sumrall. Ele geralmente ria muito quando compartilhava essa história comigo!

UMA SÉRIA CONTROVÉRSIA

Embora muitas igrejas tenham sido fundadas como resultado das reuniões de Smith Wigglesworth, durante todo o seu ministério ele sempre preferiu não se ligar a nenhuma denominação. Seu coração estava cheio do desejo de alcançar todas as pessoas, independentemente das diferentes doutrinas. Ele nunca quis ser controlado por nenhuma denominação em particular.

Surgiu, na vida de Smith Wigglesworth, uma polêmica que contribuiu ainda mais para reforçar a sua preferência por um ministério independente. Em 1915 ele havia se tornado membro da União Missionária Pentecostal, que não era uma denominação e nem oferecia qualquer licença ministerial ou ordenação. Ela existia apenas para dar cobertura a ministros que compartilhavam da mesma fé. Smith trabalhou com a UMP até que, em 1920, foi forçado a deixá-la.

Os fatos se sucederam assim. Depois de sete anos que estava viúvo, Smith desenvolveu amizade com uma mulher chamada Senhorita Amphlett, e disse-lhe que sentia que os dois tinham uma "afinidade espiritual". Entretanto, Amphlett rejeitou aquela idéia e, juntamente com outra mulher, escreveu uma carta para a UMP, reclamando da conduta de Smith. Essa carta foi endereçada a Cecil Polhill, que notificou aos outros membros do conselho, bem como ao secretário, o Sr. Mundell.

Embora a UMP tivesse uma postura muito rigorosa com respeito a relacionamentos entre homem e mulher, Smith Wigglesworth tinha certeza de que eles iriam ficar do lado dele, apesar das acusações.

Entretanto, quando o conselho recebeu a carta da Srta. Amphlett, imediatamente o Sr. Polhill escreveu a Smith pedindo que ele "renunciasse à sua posição no conselho e se abstivesse de participar publicamente da obra do Senhor por um longo período. Devia também buscar a restauração diante de Deus e dos homens, assumindo por um bom tempo, um estilo de vida piedoso e tranqüilo, e mostrando, dessa forma, frutos dignos de arrependimento."[40]

Smith aceitou o pedido de deixar o conselho, embora cresse firmemente que aquelas duas senhoras haviam se juntado com o firme propósito de arruinar o seu ministério. Na verdade, ele ficou tão desapontado com Polhill, por ele ter permitido que aquela situação tomasse proporções tão alarmantes, que escreveu uma carta diretamente ao secretário do conselho, o Sr. Mundell, dizendo o seguinte:

> "Creio que, desta vez, o Sr. Polhill ultrapassou os limites, fazendo parecer que cometi fornicação ou adultério, e estou totalmente inocente dessas acusações. O que fiz foi agir tolamente, mas Deus já me perdoou. Essa questão foi resolvida dentro de princípios espirituais e, depois disso, também na igreja e com o Sr. Polhill; e ele deveria ter dado o caso por encerrado."[41]

Em uma outra carta, desta vez endereçada ao próprio Sr. Polhill, Smith escreveu:

> "... Deus mesmo vai se encarregar de consertar as coisas. A boa mão do Senhor está sobre mim, e eu conseguirei refutar essas acusações. Esta semana mesmo o Senhor me usou para repreender o opressor; por isso, amado irmão, eu lhe digo que seguirei fazendo a obra de Deus. Apenas peço-lhe que cuide para não se encontrar impedindo o Evangelho. Nesta situação você deveria ter agido comigo como desejaria que agissem com você. Não se incomode em me enviar alguma coisa para eu assinar; eu já assinei esta carta que ora lhe envio, e isto é tudo."[42]

Desse dia em diante, Smith Wigglesworth estava continuamente viajando, atendendo a convites para ministrar por todo o mundo. E para se proteger de mais alguma falsa acusação dessa natureza, ele sempre viajava na companhia de sua filha, Alice. Aquela polêmica que resultou na renúncia de Smith nunca fez com que eíe diminuísse o seu ritmo de trabalho. Na verdade, parece até que fez com que ele trabalhasse ainda mais!

E isso que geralmente acontece quando alguém sai de debaixo do denominario-nalismo. Sei que a UMP não era uma denominação, mas esses tipos de governos regidos por comitês às vezes podem desenvolver um controle até quando começam com a intenção certa. Mesmo que o controle possa ser quase imperceptível, ainda assim afeta o bom andamento da obra. Foi bem melhor para Smith desenvolver o seu ministério por conta própria. Ele não precisou da reputação e nem do suporte da UME Afinal de contas, ele tinha o poder de Deus.

MELHOR ESTAR PREPARADO

Wigglesworth amava a Palavra de Deus e era muito disciplinado no estudo dela. Ele nunca se considerava totalmente "vestido" e pronto para sair, a menos que estivesse carregando a Bíblia. Enquanto outros liam novelas, livros ou jornais, ele lia as Escrituras. Smith também nunca se levantava da mesa de um amigo sem antes ler o que ele chamava de "uma pequena porção **do** Livro".

A ENFERMIDADE TEVE DE CEDER

Embora o próprio Wigglesworth tenha visto muitas curas e milagres acontecerem instantaneamente, ele mesmo quase não experimentou tais milagres. Em 1930, quando estava perto de completar setenta anos de idade, estava passando por uma grande luta com uma dor terrível. Ele orou ao Senhor pedindo que o livrasse daquela angústia, mas isso não aconteceu. Então decidiu ir ao médico que, após tirar algumas radiografias, disse que Smith estava com um problema muito sério de pedras nos rins e em estágio bastante avançado. A cirurgia seria a sua única esperança íá que, de acordo com o médico, se ele continuasse com aquelas dores, não viveria muito tempo. Diante de tal diagnóstico, ele respondeu:

"Doutor, **o** Deus que fez **o** meu corpo é **o** Único que tem **o** poder de curá-**lo.** Enquanto eu viver, nenhuma faca vai cortá**-lo!**[43]

O médico ficou bastante preocupado e até desanimado com essa resposta. Entretanto, Wigglesworth saiu do seu consultório lhe assegurando que ele ainda iria ouvir de sua cura. Porém, a dor aumentava a cada dia e, para piorar, agora vinha acompanhada por inflamações. Durante as noites, Smith deitava e levantava várias vezes, rolando no chão com dores agonizantes, enquanto tentava expelir as pedras que, uma por uma, iam saindo. Ele pensou que seu suplício logo terminaria, mas durou por seis longos e penosos anos.

Durante todo esse tempo, Smith nunca deixou de comparecer a uma reunião marcada e, muitas vezes, ministrava em até dois cultos por dia. Em algumas reuniões orava por até oitocentas pessoas, enquanto ele mesmo estava sentindo dores terríveis. As vezes tinha de sair às pressas do púlpito, quando as dores se tornavam insuportáveis, para ir ao banheiro tentar se livrar de mais uma pedra. Depois retornava ao púlpito e continuava dirigindo o culto.

Freqüentemente acontecia de ele ter de se levantar da própria cama, para atender os pedidos de oração por cura. Poucos sabiam que ele estava passando pela maior provação de toda a sua vida. As vezes ele perdia tanto sangue que o seu rosto ficava pálido e tinha de se envolver em cobertores para conseguir se aquecer um pouco.

Passados seis anos, mais de cem cálculos renais já haviam sido juntados dentro um frasco de vidro.

O genro de Smith, James Salter, deu este belo depoimento a respeito dele:

"Tendo morado com o Sr. Smith e chegado mesmo a compartilhar do mesrad quarto com ele, fato que aconteceu com certa freqüência naqueles anos, ficávarrwsi maravilhados de ver o zelo intenso, presente em sua pregação inflamada e seu ***mm*** nistério cheio de compaixão pelos enfermos. Ele não apenas suportava as suas age»H nias; mas fazia com que essas mesmas dores servissem ao propósito de Deus, e ***aa*** gloriava nelas.[44]

"ESTÃO VENDO A MIM E NÃO AO SENHOR"

Depois de dois anos de batalha com o seu problema de rins, Smith não desistia. Pelo contrário, em 1932 ele pediu a Deus que lhe concedesse mais quinze anos de vida para continuar servindo-O. Deus atendeu ao seu pedido e, durante aquele tempo, YV1-gglesworth visitou a maior parte da Europa, África do Sul, Estados Unidos e Canada. Sua maior alegria era ver a Palavra de Deus sendo confirmada através de sinais e maravilhas que o Senhor operava como resultado da fé das pessoas. Seu alvo principal era que as pessoas vissem a Jesus naqueles milagres, e não a pessoa de Smith Wiggleswor-th. Em seu último mês de vida, ele se entristeceu muito e fez o seguinte comentário:

"Hoje encontrei em minha correspondência um convite para pregar na Austrália, outro na índia e no Ceilão, e ainda um terceiro para a América. As pessoas estão vendo a mim."

E com o coração cheio de tristeza, começou a chorar:

"Pobre Wigglesworth. Que decadência pensar que as pessoas estão olhando para mim. Deus jamais permitirá que outro receba a Sua glória; Ele vai me tirar de cena."[45]

E ELE NÃO ESTAVA MAIS ALI... POIS DEUS O TOMOU

Sete dias depois desse acontecimento, Smith estava indo ao funeral de um ministro amigo seu. Durante o caminho, ele comentou com alguns amigos que estava se sentindo "maravilhosamente" bem. Ele mostrou os diferentes lugares onde ele e Polly haviam visitado ou pregado e, depois, falou sobre os grandes milagres ocorridos enquanto estavam lá.

Ao chegar à igreja, seu genro James abriu a porta e o ajudou a entrar na casa pastoral, onde havia uma lareira aquecendo o ambiente. Ao entrar, encontrou o pai de uma garota pela qual ele havia orado quatro

dias atrás. A família já havia aceitado que a garota iria mesmo morrer, mas Smith tinha uma grande fé na cura dela. Quando ele viu o homem, perguntou: "Bem, e aí? como ela está?"[46]

Ele esperava ouvir que a garota estava completamente curada; entretanto, o que KEuviu, foi uma resposta meio relutante: "Ela está um pouco melhor, um pouquinho unais aliviada; suas dores não têm sido tão fortes durante os últimos dias." Bastante desapontado com aquela resposta, Smith deixou escapar um profundo suspiro, dheio de compaixão. Depois, inclinou a cabeça e, sem nem mais uma palavra e nem sentindo qualquer dor, partiu para o lar celeste, ao encontro do Senhor. Smith Wigglesworth faleceu no dia 12 de março de 1947.

FÉ + COMPAIXÃO = MILAGRES

Anos atrás, enquanto orava por algumas pessoas, um homem veio até mim, com lágrimas escorrendo pela face. Ele me contou do poder que havia experimentado umas reuniões de avivamento *Voice of Healing* (Voz de cura). O poder que ele havia sentido durante aquelas reuniões haviam trazido libertação a ele. Depois, disse algo que jamais me esquecerei, enquanto eu viver: "Será que não existe ninguém que ande no poder de Deus como eles andavam naqueles tempos? Será que não existe ninguém que possa trazer libertação à minha vida? Será que existe pelo menos uma pessoa como aquelas, nos dias de hoje?"

E eu pergunto: Será que não existe mais aquele poder, debaixo do qual Smith Wigglesworth andou? Será que aquele poder morreu com ele? E claro que não! O mesmo poder sob o qual Wigglesworth operou está aqui à nossa disposição hoje; não rrecisamos de *mais poder. A* única coisa que precisamos é usar a nossa fé e a nossa compaixão para que aquele poder opere. Wigglesworth agia na fé mais audaciosa que eu jamais vira, desde o livro de Atos; porém, aquela fé era incendiada pela *compaixão.* Smith se apropriava da Palavra de Deus e era impulsionado pela compaixão pelas pessoas; e essa combinação produz milagres.

O desafio agora está sobre a nossa geração. Deus deu uma ordem para que homens e mulheres invadam as cidades e as nações com o poder do alto. Você vai atender ao chamado de Deus? Vai ter a coragem de *crer simplesmente?* O seu coração está tão cheio de compaixão pelas multidões, que você vai dar um passo de fé, crendo que o Senhor cumprirá a Sua Palavra? Faça a sua parte para que se possa dizer de nossa geração:... *os quais, por meio da fé, subjugaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam bocas de leões, extinguiram a violência do fogo, escaparam ao fio da tespada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos em guerra, puseram em fuga exércitos de estrangeiros* (Hb 11.33,34). Coloque em ação o dom que existe em você e invada a sua casa, o seu bairro e a sua nação com o poder de Deus. Que a vontade de Deus seja feita aqui na terra - através de nós!

CAPITULO SETE, SMITH WIGGLESWORTH Referências:

Stanley Howard Frodsham, *Smith Wigglesworth: Apostle of Faith* (Smith Wi-gglesworth: o apóstolo da fé), Springfield, MO: Gospel Publishing House,,. 1948, pp. 58,59.
W. E. Warner, *The Anoiting of His Spirit* (A unção do Seu Espírito), Ann Arbor;, MI: Vine Books, segment of Servant Publications, 1994, p. 237. Frodsham, *Smith Wigglesworth: Apostle of Faith* (Smith Wigglesworth: o apóstolo da fé), p. 12. *Ibid.,* p. 13. *Ibid.,* p. 15. *Ibid.,* p. 17. *Ibid.,* pp. 18,19. *Ibid.,p.* 19. *Ibid.,* p. 22. *Ibid.*
Ibid., pp.35,36. *Ibid.,* p. 21. *Ibid.,* pp. 37,38. *Ibid.,* p.
42. *Ibid.*
Ibid, p. 44. *Ibid.,* p. 46. *Ibid.,* p. 47. *Ibid.,* pp.
48,49. *Ibid.,* p. 53. *Ibid.*
Ibid, p. 148.
Warner, *The Anoiting of His Spirit* (A unção do Seu Espírito), p. 238. *Ibid.*
Frodsham, *Smith Wigglesworth: Apostle of Faith* (Smith Wigglesworth: o apóstolo da fé), p. 76.
Kenneth and Gloria Copeland, *John G. Lake: His Life, His Sermons, His Boldness of Faith* (John G. Lake: sua vida, seus sermões e sua fé ousada), Forth Worth}, TX: Kenneth Copeland Publications, 1994, p. 443. *Ibid.,* p. 432. *Ibid.,* p. 27.
Gordon Lindsay, *Nezu John G. Lake Sermons* (Os novos sermões de John G. LakeJ» Dallas: Christ for the Nations (Cristo para as nações), Inc., 1976, pp. 19,20. Lindsay, *John G. Lake: Apostle to Africa* (John G. Lake: o apóstolo para a Africa), p. 9.

Ibid., pp. 65, 66. *Ibid.,* p. 55. *Ibid.,* p. 56. *Ibid.,* p. 126.
George Stormont, *Wigglesworth: A Man Who Walked With God* (Wigglesworth: o homem que andou com Deus), Tulsa, OK: Harrison House, Inc., 1989, pp. 53,54.
Frodsham, *Smith Wigglesworth: Apostle of Faith* (Smith Wigglesworth: o apös-tolo da fe), p. 114.
Ibid., p. 72.
Ibid., pp. 102,103.
Ibid., p. 79.
Polhill to Wigglesworth (de Polhill para Wigglesworth), 20 de outubro de 1920. Polhill Letters (As cartas de Polhill), 1919-1929.
Wigglesworth to T. H. Mündel (de Wigglesworth para T. H. Mundell), 21 de outubro de 1920.
Wigglesworth to Polhill Letters (de Wigglesworth para as cartas de Polhill), 21 de outubro de 1920.
Wigglesworth File (arquivo de Wigglesworth). Frodsham, *Smith Wigglesworth: Apostle of Faith* (Smith Wigglesworth: o apos-tolo da fe), p. 137. *Ibid.,* p. 139.
Albert Hibber, *Smith Wigglesworth: The Secret of His Power* (Smith Wigglesworth: o segredo do Seu poder), Tulsa, OK: Harrison House, Inc., 1982, pp. 14,15.
Frodsham, *Smith Wigglesworth: Apostle of Faith* (Smith Wigglesworth: o apös-tolo da fe), pp. 150,151.

CAPÍTULO OITO

Aimée Semple McPherson



UMA MULHER SEPARADA POR DEUS"

Provavelmente alguém deve tê-la visto marchando pela rua principal, vindo dos lados do banco e da barbearia; uma jovem muito nova, usando um vestido branco e carregando uma cadeira.

E em pé naquela cadeira, ergueu as mãos em direção ao céu, como se estivesse suplicando por ajuda... e, depois disso, não fez mais nada... ela fechou os seus grandes olhos e simplesmente ficou ali, com os seus braços estendidos, imóvel como uma estátua de mármore...

Mesmo com os seus olhos fechados, Aimée podia perceber as pessoas curiosas se aproximando, com uma atitude crítica, até que o número já chegava a uns cinqüenta espectadores, que a vaiavam de maneira escancarada... então, a jovem abriu os olhos, e olhou ao seu redor.

'Gente', gritou ela, saltando da cadeira, venham rápido e sigam-me!

Pegando a cadeira pelo encosto, ela foi abrindo passagem entre a multidão e começou a correr descendo a rua principal. As pessoas a seguiram, primeiro os garotos, depois homens e mulheres... Eles a seguiram direto até a porta da Missão Vitória, que estava aberta. E ali havia lugar suficiente para que todos se sentassem.

Tranque a porta, cochichou ela para o porteiro. Tranque a porta e a mantenha fechada até eu terminar a pregação."[1]

Aimée Semple McPherson tem sido descrita como uma mulher à frente de seu tempo. Na verdade, ela foi a pioneira espiritual que preparou o caminho para nós, e deve ser considerada a grande responsável pela forma com que demonstramos c cristianismo em nossos dias.

Aimée seguia em frente mesmo contra todas as previsões. Sua biografia mostra que ela era uma mulher dinâmica e de personalidade marcante. Não havia fraqueza em sua pessoa. Para ela, os desafios eram para serem aceitos e vencidos. Estava sempre muito bem informada sobre tudo o que dizia respeito aos meios de comunicação; na verdade, ela os influenciava na direção que queria. Se as notícias publicadas a seu respeito pareciam negativas, ela sempre conseguia dar um jeito de tirar o melhor da situação, mantendo sempre um sorriso nos lábios. Se alguém dizia para tomar cuidado com alguma coisa, estava pronta a fazer exatamente 1 contrário, se recusando a curvar-se ao medo. De fato, não havia *nada* que fosse tão radical para Aimée Semple McPherson. Qualquer coisa que precisasse ser feita para "atrair uma pessoa", ela fazia. Ela se sentava com os "publicanos e prostitutas", em lugares que o cristão comum jamais pensaria em fazê-lo e por causa disso, os pobres, os medíocres e os ricos, todos tinham um amor especial por ela. E eles compareciam às suas reuniões aos milhares.

Entretanto, os "religiosos" a detestavam, e isso é absolutamente óbvio. Quando os "políticos denominacionais" pareciam querer atrapalhar e ferir o seu ministério,, Aimée raramente lhes dava atenção. Ela jogou por terra os preconceitos religiosos e a mesquinhez das denominações, e até parecia que tinha pena daqueles que se deil xavam controlar por esse domínio. Ela se dedicou a construir um ministério tão amplo e de tamanha grandeza que até mesmo Hollywood quis saber mais acerca dele.

Numa época em que as mulheres eram consideradas apenas um "acessório" para o ministério, Aimée construiu o Templo Angelus com o propósito de incluí-las,. Aquele templo foi erguido e inaugurado durante a Depressão; era uma construção' muito elaborada, onde podiam sentar-se cinco mil pessoas. Quando o prédio já lotava a sua capacidade três vezes durante o domingo, Aimée se aventurou ainda mais abrindo a primeira estação de rádio evangélica do mundo e fundando uma das denominações que mais crescem nos dias de hoje.

Aimée viveu no auge do Movimento Pentecostal, época cheia dos *pode* e *não pois* da religião, e quando as mulheres, de um modo geral, não eram aceitas no ministério de liderança. E para piorar ainda mais aquela situação para os padrões religiosos da sua época, Aimée era uma mulher divorciada.

SURGE UMA NOVA GERAÇÃO

A vida de Aimée começou em meio a escândalos e polêmicas. Nasceu no dia 9 de outubro, de 1890, filha de James Morgan e Mildred "Minnie" Kennedy, em um local próximo de Salford, Ontário, Canadá. Filha única, Aimée Elizabeth Kennedy cres em uma pequena cidade, onde rumores e fofocas corriam soltos, alimentados aqueles que tinham restrições quanto às circunstâncias de seu nascimento. Seu que na época contava com cinqüenta anos de idade, casou-se com sua mãe, Minnie, quando ela ainda era uma adolescente de apenas quinze anos.

Antes de se casar, a órfã Minnie havia sido uma militante fervorosa do Exército de Salvação. Sentindo o chamado para o ministério, ela evangelizava dia e noite pelas cidades de Ontário. Algum tempo depois, ela viu um anúncio em um jornal que dizia que a família Kennedy estava em busca de uma enfermeira que pudesse morar no emprego, para cuidar da Sra. Kennedy. Minnie aceitou o emprego e se mudou para a casa daquela família, deixando o seu ministério de lado.

Após a morte da Sra. Kennedy, Minnie permaneceu no seu emprego e não muito tempo depois, o Sr. Kennedy pediu Minnie em casamento. A cidade trovejou de fofoca, mas James Kennedy não deu a menor importância aos falatórios e eles se casaram.

Contudo, um dia após o casamento, Minnie caiu de joelhos e orou a Deus. Ela confessou que não havia sido fiel a seu chamado e pediu ao Senhor que a perdoasse. E fez a seguinte oração:

> "Senhor Deus, se ouvires a minha oração, do mesmo modo que ouviste a oração de Ana, no passado, e me deres uma filha, eu vou dedicá-la totalmente à Tua obra, para que ela pregue a Palavra como eu deveria ter pregado, ocupe o lugar que eu deveria ter ocupado, e viva a vida que eu deveria ter vivido em Teu serviço. O Senhor, ouça a minha oração e responda-me..."[2]

Pouco tempo depois, Minnie ficou grávida. Ela nunca teve dúvidas de que seu bebê seria uma menina. Por isso, tudo o que ela planejava, comprava ou ganhava para o bebê era na cor rosa. Então, como resposta à sua oração, uma garotinha nasceu no dia 9 de outubro de 1890, na casa dos Kennedy, em uma fazenda canadense que ficava nas proximidades da cidade de Salford.

Os salvacionistas vieram visitar o bebê. Quando estavam ali, deram à Minnie a triste notícia de que Catherine Booth, esposa do grande General William Booth, havia falecido. Catherine tinha sido co-fundadora do Exército de Salvação, e um dos visitantes sugeriu que Aimée poderia muito bem ser a sua sucessora.[3]

Quaisquer que fossem os planos de Deus para aquela criança, depois que Minnie ouviu aquelas palavras, ficou bem claro para ela que Aimée certamente iria crescer para realizar uma obra muito além de suas expectativas.

RÃS E A PLACA COM O NOME DA TURMA DA ESCOLA

Quando Aimée tinha apenas três semanas de vida, Minnie a dedicou ao Senhor durante um culto realizado no Exército de Salvação. Sua infância foi maravilhosamente perfeita. Ela era a única criança em uma espaçosa casa de uma grande fazenda, com vários animais como seus amiguinhos de diversão. Cresceu ouvindo as histórias bíblicas de Daniel na cova dos leões, José e Faraó, e Moisés conduzindo os í3hos de Israel em sua saída da terra do Egito. Quando ela estava com quatro anos de idade, ia para as esquinas, subia em um banco de madeira e contava histórias blicas, para uma grande multidão que sempre se aproximava para ouvi-la.

Aimée era uma garotinha muito corajosa e cheia de idéias obstinadas. Nada a sustava, exceto a certeza de que, em qualquer lugar que estivesse, Deus podia ***smà*** absolutamente tudo o que ela fazia.

Certa vez, estando doente e de cama, um empregado apareceu na porta do r quarto, e perguntou-lhe se ela estava precisando de alguma coisa. Aimée deu unni profundo e mimado suspiro, e disse: "Eu gostaria de ouvir os sapos cantando, até o pântano e me traga uns três ou quatro deles e os coloque em um balde de ágp; ao lado de minha cama."

Então, o homem fez o que ela disse e, aproximadamente uma hora mais tardei voltou trazendo um enorme balde, cheio de água e lírios, e com os sapos dentro. EU saiu logo em seguida para o trabalho, mas não ouviu Aimée gritando por ele, paod que voltasse e colocasse os sapos de volta no balde, pois os bichinhos haviam pulado fora e estavam saltando por todos os lados dentro do quarto! Foi a mãe de Aimeá Minnie, que teve de "recuperar" os intrusos viscosos![4]

Na escola, Aimée sempre era a líder. Quando as outras crianças a irritavam chm-l mando-a de "filhinha do Exército de Salvação", ela ficava muito brava. Porém, *em* vez de partir para a briga, preferia levar tudo na brincadeira. E, no futuro, foi exatamente esse tipo de reação que fez com que ela se tornasse tão popular.

Um dia, quando alguns colegas estavam zombando dela, em lugar de agir em represália, Aimée preferiu pegar uma caixa, uma régua e uma toalha de mesa vermelhãa Em seguida, indicou um garoto para carregar "a bandeira vermelha" e começou a marchar em volta da sala, batendo na caixa como se esta fosse um tambor, enquanto cantava com todas as suas forças. No início, os garotos entraram em fila atrás dela, fazendo piada com a marcha; mas depois começaram a gostar. E não demorou muito e as garotas se juntaram ao divertido "desfile". E desse dia em diante, ninguém mais incomodei Aimée com o assunto do Exército de Salvação. Sua fé sempre atraía; nunca afastava.-

Quando Aimée ainda era uma criança, gostava muito de ver a sua mãe, que era a superintendente da escola dominical, nas reuniões dos salvacionistas. Logo que voltava para casa, juntava algumas cadeiras em círculo em seu quarto e ficava imitando a mãe, pregando para um grupo imaginário.

Na sua foto de escola, Aimée, então com oito anos de idade, está sentada no meio da classe, segurando a placa com o nome da turma. As outras crianças, sentadas ao lado da professora, estão visivelmente aborrecidas. Elas estão tristes porque, pouce antes da foto ser tirada, começaram a discutir sobre quem iria segurar a placa. E foi então que, no meio da discussão, Aimée repentinamente pulou no meio do grupo e agarrou o objeto do desejo de todos os outros alunos. Assim, enquanto as crianças tentavam tirar de suas mãos a tão cobiçada placa, a professora pegou todos eles, e os fez sentar, exatamente na hora de tirar a foto.

Aquela fotografia serve como algo profético do ministério futuro de Aimée Sem-ple McPherson. As crianças sentadas ao seu redor, incomodadas por sua coragem e determinação e bem no meio delas, entre as pernas protetoras de sua professora, Aimée sentada - cheia de alegria e confiança em uma vitória triunfante!

EM BUSCA DO OURO!

Já durante a sua juventude, o caráter dogmático de Aimée começou a aparecer. Ela era uma pessoa que tinha uma atitude competitiva em relação à autoridade. Se alguém fosse escolhido para ser o líder dela em algum acontecimento, teria de provar que tinha condições de fazer isso, antes de esperar qualquer atitude de submissão por parte dela.

Isso não significa absolutamente que ela fosse uma pessoa desrespeitosa ou rebelde, e ela nunca desejou, de verdade, ser um desafio à autoridade. Era simplesmente pelo fato de que sua habilidade de liderança era tão forte que todos aqueles que estavam ao seu redor sentiam-se automaticamente desafiados e sem palavras. Mesmo quando ainda era uma criança, sempre que entrava em algum lugar, era capaz de atrair a atenção de todos, mesmo sem precisar falar uma única palavra.

Alguns dizem que Aimée foi uma criança muito mimada, e que foi o pai, James Kennedy, o responsável por esse seu comportamento. Afinal de contas, ele tinha muita alegria com a sua pequena e corajosa menina.

Outros dizem que ela simplesmente deixava-os cansados e sem ânimo para ir contra suas vontades, por causa do seu espírito super ativo e de sua enorme criatividade. Contudo, para Minnie e James, ela era uma resposta de Deus e a tratavam como a um verdadeiro tesouro.

Minnie Kennedy era uma boa mãe para Aimée e protegia a filha como um verdadeiro falcão. E só o fato de alguém ser capaz de fazer frente à ela, já era um grande leito. A simples façanha de Aimée conseguir manter suas convicções, mesmo tendo a mãe por perto, serviu para preparar a jovem para os inúmeros questionamentos difíceis que teria de enfrentar no futuro, como uma grande líder cristã.

Por causa de seu ardor pela vida e sua força emocional, Aimée logo começou a gostar dos aplausos. Como uma pré-adolescente, sua personalidade dramática se tornou conhecida nas produções teatrais de sua vila. E na escola, ela se tornou uma ©radora muito popular.

Com a idade de doze anos, Aimée ganhou a medalha de prata por um discurso ■pe apresentou na União de Mulheres Cristãs Pela Abstinência, em Ingersoll, Ontário, Canadá. Depois disso, foi para London, Ontário em busca da medalha de ouro.

Quando ela estava com apenas treze anos, já era uma famosa e importante oradora. Era convidada para participar dos jantares da igreja, de várias organizações, <ée eventos natalinos, festivais e piqueniques. As comunidades de Ingersoll e Salford Ifego perceberam que as pessoas viriam de quilômetros de distância somente para lanvirem as apresentações dessa garota que tinha um talento especial.[6]

DARWIN OU JESUS?

O treinamento de Aimée, na Igreja Metodista de Salford, logo iria causar-lhe al-ipms problemas. Embora os metodistas encorajassem as palestras e a diversão den-Btoo de seus templos, condenavam veementemente que se assistisse a filmes e peças teatrais fora dos seus domínios. De fato, Minnie havia aprendido que os filmes cine-loatográficos eram a coisa mais pecaminosa já inventada. Assim, Aimée cresceu em meio a uma geração que seguia regras religiosas muito rígidas. Os líderes da igreja e algumas outras pessoas a advertiram seriamente de que, se algum dia ela fosse a algum cinema, acabaria indo para o inferno. Contudo, na primeira vez que recebeu um convite para ir a um cinema, não pensou duas vezes antes de aceitar. Ao chegar ali, reconheceu vários outros membros de sua igreja; entre eles, um professor da escola dominical. Toda essa hipocrisia a afetou profundamente.

Em 1905, quando ela começou a fazer o Ensino Médio, a Teoria de Darwin era a "última moda" na escola. Repentinamente, todos os livros estavam cheios dessa teoria que dizia que a vida na Terra havia surgido de uma ameba e que o homem era primo do chimpanzé.

Aimée ficou chocada! Embora ela ainda não houvesse tido a experiência do novo nascimento, havia sido criada dentro dos princípios bíblicos e sentiu-se totalmente insultada com as pretensões de Darwin. Então, ela se aproximou de seu professor de ciências e com toda a coragem que lhe era peculiar, perguntou-lhe sobre o assunto. Segundo ele, até onde era do seu conhecimento, a "pesquisa biológica tinha superado as antigas superstições" 7 Contudo, ela o deixou tão sem saída que o pobre homem finalmente teve de reconhecer as suas limitações. E pra finalizar a questão ele lhe entregou uma lista de livros da biblioteca para que estudasse. A jovem Aimée Elizabeth aceitou o desafio. Ela não apenas leria todos aqueles autores seculares e suas teorias, como também, ao terminar, ninguém, a não ser os próprios autores, iriam saber mais sobre a Teoria de Darwin do que ela. E essa atitude se tornaria padrão durante toda a sua vida. Aimée era uma pessoa diligente e imbatível.

Contudo, durante as suas leituras, ela finalmente chegou à conclusão de que a Teoria de Darwin tinha de ser a verdade. Afinal de contas, a igreja já não praticava o que a Bíblia dizia. Parecia que a igreja era mais uma reunião social, um lugar de diversão, e não havia mais milagres como aqueles sobre os quais ela havia lido na Bíblia. Então, começou a argumentar com os ministros visitantes e a questionar por que eles ainda continuavam pregando, se os milagres já não aconteciam mais.

Um desses ministros, quando questionado, engasgou e explicou-lhe como a era dos milagres havia ficado no passado, descrevendo esse evento como a "cessação dos dons". Depois, quando Aimée o desafiou em outras passagens bíblicas, ele finalmente lhe disse que esses assuntos eram muito complicados para a cabeça dela. Obviamente aquele homem não conhecia a determinação daquela moça.

Uma outra noite, após o culto, Aimée desafiou um pregador visitante de tal maneira que até seus pais ficaram pasmos. "Se o que está na Bíblia é verdade, então por que as pessoas pagam altos impostos para

financiar pesquisas que têm a intenção de minar a nossa fé?" perguntou ela ao inseguro ministro.[8] E, novamente, Aimée ficou sem uma resposta convincente. Ela já estava sentindo-se péssima,, porque parecia que ninguém tinha "munição" espiritual para responder às suas indagações.

Aimée finalmente chegou à conclusão de que, se algumas partes da Bíblia não eram mais verdadeiras para os nossos dias, então nada dela era verdade. Assim, fez a seguinte dedução: se existe um vazamento em algum recipiente, então todo o conteúdo vai acabar escoando por ali. Por isso, ela decidiu tornar-se ateísta.

Quando ela voltou para casa, depois de travar essa última guerra de palavras com aquele pastor, Aimée correu para o seu quarto, abriu a janela e começou a observar a noite. E enquanto ela reparava no esplendor das estrelas, começou a se quebrantar. Alguém, ou alguma coisa, tinha de ter criado os céus; e ela ansiava para ■saber o quê, ou quem. Ela estava cansada de histórias, de boatos... o que ela precisara agora era de fatos.

E foi então, exatamente ali em seu quarto, que Aimée fez a seguinte oração: "O Deus - se é que existe um - revela-Te a mim!"[9] E, dois dias depois, o Senhor atendeu ao seu pedido.

OS SANTOS ROLADORES ESTÃO AQUI!

Aimée era o retrato de uma pessoa sumamente determinada. Com a idade de dezessete anos, era uma linda jovem que parecia possuir tudo o que desejava. Di-Éerente das outras moças de sua região, ela nunca falava em casamento ou filhos. Era muito inteligente e sua família tinha uma situação financeira muito confortável. Suas roupas, feitas sob medida, eram sempre na moda. Seus pais a adoravam e, ailém de tudo, ela tinha a habilidade de atrair a atenção das pessoas com apenas uma ou duas frases. Nessa época, ela já havia vencido todos os concursos de oratória dos ouais havia participado. Costumava ir a salões de dança, e encontrá-los cheios dos membros da igreja. Na verdade, a primeira pessoa com quem ela havia dançado em um salão daqueles tinha sido um ministro presbiteriano. Entretanto, mais do que tudo, Aimée precisava de Deus, e logo O encontraria.

Certo dia, depois daquela noite em que pedira a Deus para que se revelasse a ela, Aimée estava voltando da escola para casa, na companhia de seu pai; quando estavam descendo a Rua Main, em Ingersoll, ela viu uma placa na vitrine de uma loja, -ide se lia: AVIVAMENTO DO ESPÍRITO SANTO: ROBERT SEMPLE, EVANGELISTA IRLANDÊS.

Aimée já havia ouvido que os Pentecostais costumavam rolar pelo chão durante os seus cultos, e que falavam um tipo de linguagem que ninguém conhecia. Ela também tinha ouvido falar de suas famosas histórias de gritos e danças. Por tudo isso, ncara bastante curiosa e, assim, na próxima noite, antes do ensaio dela para o programa de Natal, James Kennedy levou a sua filha até a missão. Eles sentaram-se na ultima fileira de bancos.

ATÉ OS PÁSSAROS SORRIRAM

Durante a reunião, Aimée estava absolutamente atenta a tudo. Ela estava impressionada de ver algumas pessoas da cidade cantando e gritando "Aleluia" com as mãos levantadas. *Que show!* pensou ela. Se não fosse uma ateísta, ela mesma estaria gritando também, pensou. De sua "redoma" intelectual, Aimée estava realmente se divertindo com aquele show ingênuo. Foi então que Robert Semple entrou dentro do salão.

Naquele exato momento, tudo mudou para Aimée. Ele tinha mais ou menos l,98m de altura, olhos azuis, cabelos castanhos encaracolados e possuía um excelemt-te senso de humor. Mesmo alguns anos mais tarde, Aimée continuava se referindo carinhosamente aos seus olhos azuis como "tendo a luz do céu".

Semple, um irlandês presbiteriano, pegou um navio em sua terra natal e foi para a cidade de Nova York; de lá, viajou por terra até Toronto, Canadá e, depois, para Chicago, Illinois. Foi no ano de 1901 que as manifestações pentecostais, como o falai em línguas, se espalharam de Topeka, Kansas, até Chicago. E foi lá, em Chicago, que Robert Semple falou em línguas pela primeira vez. Enquanto trabalhava como balconista em uma loja de departamentos da cidade, Deus o chamou para o ministér» e ele se tornou um evangelista de grande sucesso, bastante conhecido em todo o Canadá e norte dos Estados Unidos. E agora ele estava ali, na cidade de Aimée.

Quando Semple entrou naquela pequena missão, pareceu que todo o mundo de Aimée havia parado. O Rev. Robert Semple subiu ao púlpito e abriu a Bíblia no segundo capítulo do livro de Atos. Depois de ler a passagem, repetiu uma simples ordem: "Arrependei-vos... arrependei-vos."

Aimée começou a se inquietar e a contorcer-se em seu banco. Cada vez que o pregador falava alguma coisa, suas palavras penetravam o coração da jovem como um» flecha. Mais tarde, ela disse: "Jamais havia ouvido um sermão como aquele. Usando a Bíblia como uma espada, ele dividiu o mundo inteiro em duas partes."

O jovem evangelista não via nenhuma possibilidade de alguém servir a Deus e ao mundo ao mesmo tempo, pois se amarmos a um, então não poderemos amar ao outro. Ou somos por Deus, ou contra Ele; simples assim. Aimée "bebia" cada palavra. Então, o jovem pregador ergueu os olhos para o céu e começou a falar em línguas. E enquanto ela olhava atentamente para ele, viu como se a face do jovem brilhasse com uma luz vinda do seu interior.

À medida que Semple falava, Aimée compreendia perfeitamente tudo o que ele estava dizendo. Era a voz de Deus, revelando-se a ela, em resposta à oração que havia feito dois dias atrás.

> "Desde o momento que ouvi aquele jovem falando em línguas, não tive a menor sombra de dúvida, nem por um segundo, de que era Deus me mostrando minha verdadeira condição de pobre pecadora, perdida, miserável e condenada ao inferno."[10]

Três dias depois, Aimée parou a sua carruagem no meio de uma estrada deserta, ergueu as mãos para o céu e clamou pela misericórdia de Deus. O que aconteceu em seguida, foi registrado por ela mesma:

> "O céu encheu-se de luz. As árvores, os campos, e os pássaros voando à minha volta estavam louvando ao Senhor, e sorrindo para mim. Eu estava tão consciente do sangue perdoador de Jesus Cristo, que parecia que podia senti-lo correndo pelas minhas veias."

Finalmente Aimée havia tido a experiência do novo nascimento.

TREMENDO SOB O PODER

Buscando uma direção para a sua vida, Aimée orou a Deus e teve uma visão. Quando fechou os olhos, viu um rio escuro passando em sua frente, e milhões de homens, mulheres e crianças caindo dentro dele. Aquelas pessoas estavam sendo tragadas pela correnteza das águas e não havia ninguém para livrá-las de caírem em \a enorme cachoeira logo à frente. E foi então que ela ouviu uma voz lhe dizendo: "Torne-se uma ganhadora de almas"[11]

Intrigada em como *ela* poderia realizar essa tarefa, Aimée passou a buscar a Deus **ainda** mais. Naqueles tempos, as mulheres não podiam pregar, pois isso simples**mente** não era permitido. Contudo ela cria que, se Pedro, um simples pescador, pôde **regar,** talvez uma jovem canadense, vinda da fazenda, também poderia. E então ela diu procurar alguma orientação no Novo Testamento. Tão logo ela fez isso, chegou à conclusão de que o único requisito necessário para aquele que tinha um cha**mado** para pregar, era ser batizado com o Espírito Santo. Assim, mesmo contra a ontade de sua mãe, Aimée começou a freqüentar reuniões onde o objetivo maior era receber o Espírito; essas reuniões estavam sendo realizadas em Ingersoll, Ontário.

Havia abundância de manifestações nessas reuniões, cujo propósito era ajudar as pessoas a receberem o batismo com o Espírito Santo. Naquela época, em 1908, essas reuniões eram vistas por muitos como extremamente radicais. Preocupados, até I mesmo os irmãos do Exército de Salvação resolveram procurar Minnie, para falar pobre o repentino comportamento pentecostal de sua filha.[12]

Entretanto, Aimée nunca se importou com o que qualquer pessoa pensasse; tudo **Luque** ela desejava era agradar a Deus... e a Robert Semple. E foi o amor dele por Deus **Lpe fez** com que ela passasse a buscar ao Senhor daquela maneira tão fervorosa. Ela lealmente desejava conhecer a Deus da mesma maneira que Robert conhecia.

Na escola, porém, as notas de Aimée estavam indo de mal a pior, porque ela pastora muito tempo nas reuniões, buscando o Espírito Santo. Certa manhã, passan-Lâo na porta da casa onde as reuniões eram ministradas, sentiu que simplesmente [união poderia continuar seguindo seu caminho para a escola - precisava muito falar j-IER: línguas! De fato, ela queria tanto falar em línguas que desceu imediatamente do ■nem e foi tocar a campainha daquela residência. Seu desejo pelo Senhor era tanto agora ela estava até faltando às aulas para poder passar o tempo orando! Quando a convidaram para entrar, explicou o desejo do seu coração à líder do Iprupo e juntas, começaram a buscar a Deus em oração. Aimée chegou até mesmo a fcedir ao Senhor que fizesse com que as aulas atrasassem, para que ela pudesse ficar BE até receber o que estava buscando. E tão logo ela terminou de fazer esse pedido, LUNR.a nevasca caiu sobre a cidade de Ingersoll. A neve que caiu não apenas a impe-IsÉru de ir para a escola, como também não lhe deu condições de voltar para casa. E Lfczmee simplesmente adorou aquela situação! Ela ficou "presa" pela neve durante [lodo o final de semana, com tempo suficiente para poder dedicar-se com todo em-kenho a buscar o Espírito.

No sábado, bem cedo, enquanto todos na casa ainda estavam dormindo, ela se l levantou para continuar buscando a Deus. Quando ergueu a voz em adoração, seu

louvor veio do mais profundo do seu ser até que, finalmente, sentiu como se ti sido atingida por um raio que descera sobre ela, fazendo com que seu corpo trei se desde o alto da cabeça até a ponta dos pés.

Aimée caiu ao chão, sentindo como se estivesse envolta em nuvens de ria. Então, de repente, começou a falar em outras línguas - primeiramente nas frases curtas; depois, sentenças inteiras. Naquele momento, todos na casaj haviam acordado com o barulho que ela fazia, e todos desceram as escadas " tando e se regozijando com ela; entre eles, Robert Semple. Não se sabe qu tempo ele permaneceu na cidade de Aimée; entretanto, creio que deve ter fie indo e vindo ali, pois estava presente naquele dia em que ela fora batizada c o Espírito Santo. -

UMA DANÇA "ELETRIZANTE"

Robert estava constantemente viajando, mas se correspondeu com Aimée d-te todo aquele inverno. Depois, no início da primavera de 1908, voltou para a *ã* de de Ingersoll e a pediu em casamento. De fato, ele pediu Aimée em casamento mesma casa onde ela havia recebido o batismo, alguns meses antes. Seis meses pois, no dia 12 de agosto de 1908, ela e Robert se casaram na casa da fazenda dos dela, que ficava no município de Salford, Ontário.

Por causa de Robert, Aimée não chegou a terminar os seus estudos. Na verda ela abandonou tudo para poder amar, honrar e seguir ao seu esposo, pois sentia cu ele era tudo o que ela precisava para ter uma vida completa e maravilhosa.

"Ele era a minha escola teológica", escreveu ela mais tarde, "o meu mentor e piritual e o meu amor fiel, meigo e paciente."[13]

Antes de se casarem, Robert e Aimée já haviam conseguido convencer os p



Robert e Aimée Semple

louvor veio do mais profundo do seu ser até que, finalmente, sentiu como se tivesse sido atingida por um raio que descera sobre ela, fazendo com que seu corpo tremesse desde o alto da cabeça até a ponta dos pés.

Aimée caiu ao chão, sentindo como se estivesse envolta em nuvens de glória. Então, de repente, começou a falar em outras línguas - primeiramente apenas frases curtas; depois, sentenças inteiras. Naquele momento, todos na casa já haviam acordado com o barulho que ela fazia, e todos desceram as escadas gritando e se regozijando com ela; entre eles, Robert Semple. Não se sabe quanto tempo ele permaneceu na cidade de Aimée; entretanto, creio que deve ter ficado indo e vindo ali, pois estava presente naquele dia em que ela fora batizada com o Espírito Santo. -

UMA DANÇA "ELETRIZANTE"

Robert estava constantemente viajando, mas se correspondeu com Aimée durante todo aquele inverno. Depois, no início da primavera de 1908, voltou para a cidade de Ingersoll e a pediu em casamento. De fato, ele pediu Aimée em casamento na mesma casa onde ela havia recebido o batismo, alguns meses antes. Seis meses depois, no dia 12 de agosto de 1908, ela e Robert se casaram na casa da fazenda dos pais dela, que ficava no município de Salford, Ontário.

Por causa de Robert, Aimée não chegou a terminar os seus estudos. Na verdade, ela abandonou tudo para poder amar, honrar e seguir ao seu esposo, pois sentia que ele era tudo o que ela precisava para ter uma vida completa e maravilhosa.

"Ele era a minha escola teológica", escreveu ela mais tarde, "o meu mentor espiritual e o meu amor fiel, meigo e paciente."[13]

Antes de se casarem, Robert e Aimée já haviam conseguido convencer os pais dela de que o falar em



Robert e Aimée Semple

línguas era bíblico. Entretanto, foi bem mais difícil convencer sua mãe com relação ao chamado do casal para a China.

Para conseguir os recursos para a viagem, Robert trabalhava em uma indústria durante o dia e, à noite, continuava pregando na igreja. Pouco tempo depois a sua organização os enviou a London, Ontário, onde ministravam nas casas. Robert pregava, e Aimée tocava piano, cantava e orava por aqueles que se convertiam. E em apenas alguns meses, cem pessoas já haviam recebido o batismo com o Espírito Santo, enquanto um número ainda maior havia se convertido. Eles também presenciaram muitas curas extraordinárias.[14]

Em janeiro de 1909, os Semple foram para Chicago, Illinois, onde Robert foi ordenado pelo Pr. William Durham. Eles ficaram ministrando ali por muitos meses, em um bairro italiano, e estavam muito felizes e realizados.

Mais tarde naquele ano, eles viajaram com o Pr. Durham para Findlay, Ohio, para trabalharem em uma outra missão. E foi ali que Aimée teve a sua primeira experiência pessoal com a cura divina. Isso aconteceu quando ela caiu de uma escada e quebrou o tornozelo. O médico que engessou seu pé disse que ela nunca mais teria o uso normal dos ligamentos daquele membro e que deveria ficar sem colocar o pé no chão, pelo menos, por um mês. Contudo, ela continuou pulando em uma perna só, para ir participar das reuniões de oração, mesmo que a menor vibração no solo lhe causasse grande dor.

Finalmente, durante uma das reuniões, a dor se tornou tão intensa que ela teve de voltar para o seu quarto. Enquanto estava sentada, olhando para os dedos escuros e inchados, ouviu uma voz lhe dizendo: "Se você voltar para o salão de reuniões, e pedir ao Irmão Durham que imponha as mãos sobre o seu pé, eu vou curá-lo." Reconhecendo que era a voz do Senhor, Aimée obedeceu imediatamente.

Lá na reunião, Durham estava caminhando entre os corredores, para cima e para baixo; contudo, tão logo viu Aimée, parou e colocou suas mãos no pé dela. Imediatamente, uma sensação como de um choque elétrico atingiu a sua perna e, na mesma hora, a cor escura dos dedos desapareceu. Sentiu os ligamentos voltando para o lugar à medida que o osso era restaurado. Então, repentinamente, não estava mais sentindo nenhuma dor.

Tremendamente feliz, Aimée pediu a alguém para cortar o gesso e retirá-lo do seu pé. Após algumas opiniões contrárias e outras a favor, o pessoal finalmente concordou em atender ao seu pedido. Quando o gesso foi retirado, todos se admiraram de ver que o seu pé estava totalmente curado. Imediatamente Aimée calçou os sapatos e começou a dançar por toda a igreja![15]

DEMÔNIOS, LARVAS E HINDUS EM CHAMAS

Logo no início de 1910, os Semple, que agora estavam esperando a chegada de seu primeiro filho, embarcaram em um navio rumo à China. O casal visitou os pais de Robert na Irlanda e, depois, fizeram uma parada em Londres, onde ele pregou em várias reuniões. Enquanto ele estava fora, em uma dessas reuniões, um milionário cristão pediu a Aimée que fosse pregar em Vitória e em Albert Hall. Ela tinha apenas dezenove anos de idade e nunca havia pregado em público antes; porém, não gostaria de perder essa oportunidade de servir ao Senhor. Então, mesmo com receio, aceitou o convite e foi.

Ao se colocar de pé, à frente daquelas pessoas presentes naquela reunião, Aimée abriu sua Bíblia em Joel 1.4, e começou a pregar profeticamente sobre a restauração da igreja, através das gerações. Na verdade, ela estava tão envolvida com aquele momento ali que, quando a reunião terminou, a única coisa de que ela se lembrava era da tremenda unção que havia inspirado a mensagem. Ela não se lembrava de nada do que havia dito, mas podia muito bem ouvir os aplausos, e ver as pessoas enxugando os olhos.

Em junho de 1910, a família Sempie chegou a Hong Kong; entretanto, Aimée não estava preparada para o que viu. O costume chinês de comer larvas, insetos e ratos, lhe causou grande repugnância. E para completar, o apartamento onde moravam era muito barulhento; por isso, quase não conseguiam dormir. Mais tarde descobriram que o pequeno apartamento era "habitado" por espíritos demoníacos, que estavam fazendo alguns dos barulhos que ouviam dia e noite.

Certo dia, os hindus colocaram fogo em um homem vivo, bem embaixo da janela de sua cozinha. Tudo isso, associado com muitas outras coisas, faziam com que Aimée, na maior parte do tempo, vivesse à beira de uma crise histérica. E a situação piorou a tal ponto que ela chegou mesmo a odiar a missão. E por causa das suas precárias condições de vida, logo ela e Robert contraíram malária. O estado de saúde do seu esposo era pior que o dela e, no dia 17 de agosto, apenas dois meses depois de terem chegado ali, Robert Sempie estava morto.

Aimée agora estava sozinha e indefesa numa terra estranha. Sua tristeza era insuportável e para complicar ainda mais a sua situação, ela ainda estava grávida. No dia 17 de setembro de 1910, um mês após a morte do esposo, deu à luz a uma menina pesando pouco menos de dois quilos, e deu-lhe o nome de Roberta Star.

Entretanto, a morte de Robert havia inundado a vida de Aimée de tristeza. Seu estado de melancolia era indescritível, deitada em uma cama de hospital, dominada pelo horror da realidade de ter de continuar sozinha. As vezes ela se virava para a parede do seu quarto no hospital e simplesmente começava a gritar.[16]

Finalmente a mãe de Aimée, Minnie, enviou-lhe dinheiro para que voltasse para casa. Quando a desolada missionária viúva pegou o navio para cruzar o Pacífico de volta à sua terra, aquele pequeno bebê que ela carregava nos braços era a única coisa que ainda lhe dava alguma esperança.

LAR, DOCE LAR!

Depois que voltou para casa, Aimée ainda lamentou a morte de Robert por mais de um ano; entretanto, continuou a buscar a vontade de Deus para a sua vida. Viajou para Nova York e, depois, para Chicago, com a intenção de pregar nas igrejas que Robert havia deixado; porém, sua filha começou a apresentar problemas de saúde e ela teve de retornar à sua cidade. Contudo, a dor que ela trazia no peito não impediu que ela ficasse parada durante muito tempo; assim, algum tempo depois, retornou a Nova York.

Durante aquele tempo em Nova York, Aimée conheceu Harold McPherson que.

mais tarde, se tornaria o seu segundo marido. Ele era de Rhode Island, e as pessoas **O** descreviam como um homem íntegro, objetivo, determinado e muito gentil.

Assim, no dia 28 de fevereiro de 1912, Aimée e Harold se casaram. Ela o apelidou de "Mack"; Roberta o chamava de Papai Mack. Eles se mudaram para Providence, em Rhode Island, onde foram morar em um

pequeno apartamento. Harold conseguiu emprego em um banco e Aimée ficava em casa, cuidando do lar. Em julho daquele mesmo ano ela ficou grávida novamente.

De acordo com a própria Aimée, o único problema que ela e Harold tinham em seu relacionamento conjugal tinha a ver com a grande diferença entre os alvos de cada um. Ela descreveu os três anos após o seu segundo casamento, como sendo muito parecidos com a história do Profeta Jonas. Ela estava fugindo de Deus e como resultado, estava sofrendo de depressão. Naquele tempo ela passou por muitas enfermidades e, por fim, sofreu um colapso emocional.

"VOCÊ IRÁ?"

Rolf, seu único filho, nasceu no dia 23 de março de 1913. A maternidade lhe conferiu uma estabilidade e uma maturidade emocional que iriam beneficiar, em muito, **o** seu futuro. Pouco tempo depois do nascimento do filho, Aimée começou a ouvir a voz de Deus falando com ela: "Eu preciso que você pregue a minha Palavra! Você irá?" Era geralmente quando estava envolvida nos afazeres da casa que ela costumava ouvir aquela voz.[17]

Aquela sensibilidade para ouvir a voz de Deus que Aimée desenvolveu naqueles anos iria, mais tarde, servir para despertar uma nação adormecida. As pessoas cos-rumavam dizer que, durante as suas ministrações, ela se dirigia aos milhares do seu público como uma mãe se dirige a seus filhos.

Em 1914, Aimée trabalhou em sua cidade pregando e ensinando em escolas dominicais; entretanto, isso não estava mais satisfazendo ao chamado que, agora, estava praticamente gritando em seu interior: "PRECISO QUE VOCÊ REALIZE UM TRABALHO EVANGELÍSTICO! VOCÊ IRÁ?"

E foi nesse mesmo ano que Aimée ficou gravemente enferma. Depois de várias cirurgias, o seu estado não apresentou nenhuma melhora. Ela ficou tão desesperada que suplicou a Deus que a deixasse morrer.

Sua saúde estava tão debilitada que os médicos acharam melhor chamar a mãe de Harold e Minnie para informá-las de que a hora de Aimée havia chegado. Contudo, juando Minnie ouviu o que eles disseram, lembrou-se claramente do dia em que orou a Deus pedindo por uma filha. Ela lembrou-se também de seu voto - de que Aimée iria cumprir o chamado que ela própria havia rejeitado. Minnie se agarrou às promessas de Deus, se recusando a deixar a filha morrer. As enfermeiras que estavam no quarto começaram a chorar, quando viram aquela mãe angustiada deitar-se sobre o corpo da rilha, chorando e renovando a promessa que fizera a Deus, antes que ela nascesse.

E já quase sem esperanças, os médicos transferiram Aimée do quarto onde ela estava para uma ala onde eles colocavam as pessoas que estavam à beira da morte. Foi então que Aimée saiu do coma e começou a falar. Ela estava chamando as pessoas ao arrependimento - e estava ouvindo a voz novamente: "VOCÊ IRÁ?". Ela juntou todo o resto de energia que seu corpo ainda tinha, e sussurrou que iria. Então, ela abriu os olhos, e já não estava mais sentindo nenhuma dor. E dentro de duas semanas ela já estava de pé, e curada.

"EU CAÍ AO CHÃO, DE COSTAS"

Nessa ocasião, Harold tinha um bom emprego e queria que Aimée fizesse o que qualquer outra mulher de sua época fazia - lavar, passar, limpar e cozinhar. Entretanto, ela sentia que não era possível viver assim tão presa ao lar e, ao mesmo tempo, atender ao seu chamado ministerial. Assim, certo dia, na primavera de 1915, depois que Harold saiu para o trabalho, Aimée arrumou as suas malas e as dos filhos, Roberta e Rolf, e partiu para Toronto.[18]

Antes de sair para participar da sua primeira reunião em um acampamento Pen-tecostal, ela enviou um telegrama para Harold, dizendo: "Eu tentei fazer as coisas do seu jeito, mas não consegui. Será que agora a gente não poderia fazer do meu jeito? Tenho certeza de que seremos felizes."[19]

Minnie concordou em tomar conta das crianças, pois assim Aimée poderia iniciar o seu ministério. Somente muitos meses depois foi que Harold respondeu à mensagem da esposa. Entretanto, já fazia tanto tempo que eles dois estavam separados, que ele não conseguiu mais reaproximar-se dela como gostaria. Após meses tentando resolver suas diferenças, tiveram de encarar o inevitável.

Com o futuro incerto, Aimée tinha medo que nunca mais tivesse o mesmo poder que desfrutava quando ainda estava casada com Robert. Ela temia que a unção de Deus não estivesse mais sobre a sua vida; entretanto, seus temores findaram ao ser recebida calorosamente pelos amigos, quando chegou naquele

acampamento. Ela sentiu-se grandemente inspirada quando viu os sinceros agradecimentos a Deus, por parte dos amigos, e quando sentiu novamente o fogo do Senhor queimando dentro de seu coração.

Contudo, mesmo assim, sentiu que deveria confessar ao Senhor a sua negligência com o seu chamado. Por isso, no primeiro apelo do primeiro culto realizado ali no acampamento, ela foi a primeira a se prostrar diante do Senhor. E quando se ajoelhou no altar, sentiu a graça e a aprovação de Deus.

"Um amor tão grande como aquele", dizia ela, "era mais do que o meu coração poderia agüentar. Antes mesmo de senti-lo, eu já estava caída ao chão, de costas, debaixo do seu poder."

Aimée permaneceu naquele acampamento por várias semanas; ali ela lavou pratos, arrumou as mesas e orou pelas pessoas... havia muito tempo que ela não se sentia tão feliz![20]

PODER ESPIRITUAL E UMA TENDA RASGADA

Logo Aimée começou a pregar por conta própria. Ela usava qualquer método para atrair as pessoas, que viajavam de todas as partes do país para poder ouvi-la.

Já no ano de 1915 ela tinha uma freqüência de mais de quinhentas pessoas em suas reuniões. Ela era considerada a novidade do momento. Além de sua maneira dramática de pregar, ainda havia o fato de ser mulher; e uma mulher pregadora não era muito fácil de se encontrar naqueles dias. Por isso, todos estavam curiosos para vê-la e ouvir o que tinha a dizer.

Em uma de suas reuniões, as pessoas ali presentes recolheram sessenta e cinco dólares para ela. Com aquela oferta, ela pôde comprar a tão desejada tenda. Era uma mercadoria de quinhentos dólares e que lhe custou apenas os sessenta e cinco da oferta. Empolgada com o "grande negócio" que havia conseguido, Aimée desenrolou a lona para montar a tenda e viu, decepcionada, que não havia sido um negócio tão bom assim. Afinal, em certos lugares, a lona estava rasgada em tiras. Sem se deixar abater, ela rapidamente convocou alguns voluntários que a ajudaram a fazer os remendos necessários. Trabalharam incansavelmente até que seus dedos ficaram rijos e doloridos. Ao final do dia, a tenda "de retalhos" estava de pé!

Certo dia, olhando a multidão, Aimée viu Harold, que havia viajado até ali com **O** intuito de ouvi-la pregar. E antes que a noite terminasse, ele já estava cheio do Espírito Santo; a partir daí ele decidiu ajudá-la nas reuniões.

Havia uma empatia natural em Aimée que acentuava ainda mais o seu estilo ministerial, atraindo multidões de pessoas de todas as classes sociais. O povo se identificava com ela pois, afinal de contas, todos sabiam o que é ter uma mãe e a consideravam como se fosse a mãe deles. E aqueles que vinham até ela experimentavam **O** poder de Deus por intermédio de manifestações surpreendentes. Muitos vinham simplesmente porque queriam sentir a presença de Deus, e milhares acabavam recebendo o batismo do Espírito.

UMA IGREJA ITINERANTE

Durante os próximos sete anos, Aimée cruzou os Estados Unidos seis vezes. Entre os anos de 1917 e 1923, ela pregou em mais de cem cidades, realizando campanhas que duravam de duas noites até um mês inteiro.

A primeira experiência de cura divina que ela teve em seu ministério aconteceu com uma mulher que sofria de artrite reumatóide. O pescoço daquela senhora estava tão retorcido que ela não conseguia sequer olhar para Aimée. Entretanto, imediatamente após a oração da fé, ela virou o seu pescoço e conseguiu fitar o rosto da evangelista; nesse exato momento, Aimée percebeu que Deus a havia curado da sua enfermidade.

Aimée Semple dizia enfaticamente que nunca procurou exercer um ministério de cura divina, e que essa idéia não a agradava nem um pouco.[21] Contudo, as manifestações de cura divina vieram junto com o seu chamado evangelístico. Grande multidão de pessoas vinha até ela em busca de oração, depois de ouvirem do sucesso extraordinário resultante das respostas às suas orações.

Certo dia, em uma de suas reuniões, as ofertas foram suficientes para que ela adquirisse um automóvel, e ela comprou um Packard, modelo Touring, ano 1912, o qual logo se tornou a sua "igreja itinerante". Aimée abaixava a capota, ficava de pé no banco de trás, e pregava em oito a dez reuniões por dia. E entre uma reunião e outra, ela distribuía folhetos e panfletos, convidando a todos para virem assistir às outras reuniões.

Embora Aimée dirigisse as reuniões com muita graça, também mantinha uma posição firme. Ela havia desenvolvido uma grande força física carregando a sua tenda e fixando os seus pregos no solo, durante o processo de instalação da mesma. Na verdade, ela tinha mais força e falava mais alto que a maioria dos homens.

QUEIMADURAS, BOLHAS E CARNAVAL

Como já mencionamos, Aimée era conhecida por suas pregações apaixonadas. Ela geralmente tratava o seu público como uma mãe trata os seus filhos - nunca condenava ou ameaçava, e sempre encorajava seus ouvintes a se apaixonarem pela graça e a misericórdia de Deus.

Entretanto, como uma mãe que precisa ser firme com os filhos, Aimée não era nada fraca. Certa vez, uma lâmpada explodiu em seu rosto, deixando-o em chamas. Ela correu e enfiou a cabeça dentro de um balde d'água mas, mesmo assim, ficou com o rosto e o pescoço cheios de bolhas. E para piorar a situação, tudo isso aconteceu diante de uma platéia onde havia pessoas que estavam ali só para colocarem Aimée contra a parede, fazendo-lhe perguntas difíceis e desconcertantes; e isso sem falar no sarcasmo. O local estava cheio na noite em que isso aconteceu; então ela foi para trás da tenda, sentindo muita dor. Em seguida, um dos que estavam ali só para perturbar, pulou para a plataforma, e disse: "A senhora que prega cura divina se machucou; ela queimou o rosto e, por isso, não haverá reunião esta noite."

Entretanto, assim que ele disse isso, Aimée levantou a barra da lona da tenda e entrou furiosamente, saltando para cima da plataforma. Ela estava sentindo dores terríveis, mas ainda conseguiu juntar forças suficientes para sentar-se ao piano e clamar: "Eu louvo ao Senhor porque me curou e levou embora toda a dor!" Então, depois de cantar umas duas ou três estrofes de um hino, a multidão presenciou um milagre: o rosto de Aimée passou rapidamente de uma cor avermelhada, para a cor natural da sua pele.[22]

Aimée aproveitava cada oportunidade que tinha para reunir as pessoas e falar-lhes de Jesus. Por isso, certo dia, enquanto visitava uma cidade onde estava tendo um desfile de Mardi Grãs (Carnaval), sentiu que seus esforços de chamar a atenção dos presentes seriam insuficientes, caso ela não arranjasse logo um bom plano. Ao observar o desfile, ela percebeu que muitos dos carros alegóricos estavam representando temas dos diferentes estados, bem como do comércio local. Então, mais do que depressa, ela transformou o seu Packard 1912 em um carro alegórico, retratando uma igreja! Seu pessoal rapidamente a ajudou a cobri-lo, fazendo-o parecer uma montanha com uma tenda no topo. Em seguida, eles decoraram o carro com palmeiras verdes e musgo espanhol; nas laterais, ela pintou as seguintes frases: "Jesus Breve Virá!" e, "Estou Indo Para Uma Reunião Pentecostal, e Você?" Dentro do veículo, Aimée tocava o seu pequeno órgão, enquanto Harold colocava o carro dentro do desfile, sem que os policiais percebessem. A multidão adorou a novidade, gritou em aprovação, deu ruidosas gargalhadas e vivas! Naquela noite, Aimée e seu grupo conseguiram encher a tenda! "Parece que aquela nossa atitude audaciosa no desfile agradou em cheio às pessoas"[23], concluiu Aimée.

DE HAROLD PARA MINNIE

Foi mais ou menos nessa época que Aimée começou a publicar *The Bridai Cali* (O chamado para as bodas) que, inicialmente, era apenas um jornal de quatro páginas. Contudo, dentro de três meses, sua publicação já era uma revista de dezesseis páginas, contendo fotos, sermões, poemas e um cupom com o preço da assinatura. A intenção de Aimée com essa publicação era "transformar a igreja, tirando o jugo de condenação e pecado, e colocando em seu lugar o tom de celebração e alegria comum em um casamento feliz".[24]

A fama que Aimée tinha com relação à sua liberdade no Espírito Santo atraía pessoas de diferentes meios. Logo, toda sorte de "caçadores de emoções", andarilhos e bandidos da região estavam freqüentando a sua tenda. Quando as reuniões não eram tão grandes, ela podia controlá-las bem; entretanto, quando o número chegou na casa dos milhares, a única maneira que ela tinha de acalmar as explosões emocionais dos presentes era recorrer às músicas especiais e aos cânticos congregacionais, e isso Aimée fazia com grande maestria. E não demorou muito, e ela estava introduzindo apresentações teatrais como o drama e a narrativa, em suas pregações.

Aimée sentia-se à vontade entre a comunidade negra de sua cidade e gostava muito de visitar seus lares, e não raro via que era bem mais pobre do que eles. E eles sabiam que Aimée Semple retribuía o amor que

tinham por ela. Corriam para junto dela em grande número quando os visitava e núnistrava a eles nas plantações de fumo e de algodão no Sul do país.

O número de pessoas nas reuniões continuava aumentando. Entretanto, a vida pessoal de Aimée começou a dar problemas novamente, pois ela e Harold estavam novamente em desacordo a respeito do ministério. Ele não estava nada satisfeito com a vida nômade que eles estavam levando, tampouco entendia a visão de futuro de sua esposa. Por isso, finalmente, depois de uma noite inteira de discussão, Harold juntou suas coisas e foi embora.

Alguns anos mais tarde, Harold deu entrada nos papéis de divórcio, alegando que Aimée o havia abandonado. Entretanto ela refutou esta acusação, afirmando exatamente o contrário. Harold seguiu sua vida e casou-se outra vez, conseguindo uma vida conjugal nos termos que ele julgava "normais" para uma família.

Nessa época, Minnie decidiu ajudar no ministério de Aimée e trouxe com ela Roberta, que agora tinha sete anos de idade. Já fazia dois anos que Aimée não via a filha. Assim que Roberta veio ficar com a mãe, ficou logo empolgada com o ministério que ela desenvolvia e adorava vê-la pregar.

Imediatamente Minnie resolveu cuidar da questão do grande número de pessoas que sempre vinha para as reuniões, pois cada dia Aimée atraía um número maior de gente. Com milhares enchendo suas reuniões, ela precisava desesperadamente de alguém para ajudá-la nessa área. E a mamãe Kennedy era a pessoa certa para isso.

Ela cria que evangelismo era mais do que fé - exigia organização! O jeito meticuloso de Minnie estava na mesma altura que a unção de Aimée, e isso, mais tarde, iria levá-la das tendas para os estádios.

UM PAR DE SAPATOS "ESTICADOS" E UMA GARRAFA DE NUVENS

Mesmo no meio de toda a agitação e o envolvimento que demandava o ministério, os filhos de Aimée diziam que sempre se sentiam seguros quando viajavam com ela, e adoravam estar na Estrada com a mãe. Apesar disso, algumas pessoas a acusaram de tornar a vida dos filhos muito difícil. Contudo, a verdade é que os dois ficavam muito desapontados quando não podiam acompanhá-la em algumas de suas viagens.

Tanto Rolf quanto Roberta sempre guardaram maravilhosas lembranças da mãe-A filha gostava de relembrar das histórias que a mãe contava quando estavam viajando na estrada. Certa ocasião, depois que Aimée descreveu uma nuvem de maneira tão bela, Roberta desejou pegar uma. Então a mãe, prontamente, parou o carro no acostamento, pegou uma garrafa vazia e desceu do veículo. Em seguida, ergueu a garrafa destampada no ar até que a névoa que havia ao redor formasse minúsculas gotinhas ali dentro. Em seguida, voltou para o carro e deu de presente para Roberta, como se fosse uma nuvem de verdade.

Rolf, por sua vez, lembra de certa ocasião em que estava precisando muito de um par de sapatos e de como alguém os doou para ele. Quando a caixa chegou, todos estavam ansiosos para ver; entretanto, ao tentar calçá-los, descobriu que eram pequenos. Os que estavam por perto ficaram desapontados, até que Roberta perguntou: "Mãe, o que aconteceu com os sapatos dos israelitas durante a peregrinação pelo deserto?... os pés das crianças devem ter crescido." Então, sem pensar, Aimée respondeu rapidamente: "Deus deve ter feito com que os seus sapatos esticassem." Ao ouvir essa resposta, Roberta perguntou-lhe se Deus iria fazer o mesmo pelos sapatos de Rolf, e a mãe disse: "Não sei, querida, mas vamos nos ajoelhar e pedir isso a Ele." Depois que oraram, Rolf experimentou novamente o calçado e, dessa vez, serviu perfeitamente!

Houve ainda uma outra ocasião, quando Rolf participava de um acampamento e se feriu. Ele estava brincando descalço em um gramado alto, e machucou o pé em um rasteio que estava escondido no meio da grama. Seu ferimento foi profundo e estava sangrando bastante.

Quando Aimée ficou sabendo do acidente que havia acontecido com o seu filho, correu para o lugar onde ele estava e o carregou para sua cama, na pequena barraca. Rolf relembra com carinho de como a mãe segurava seu pé machucado, enquanto orava a Deus pedindo que o curasse. E logo depois que ela terminou de orar, ele adormeceu quase que imediatamente.

Muitas horas mais tarde, Rolf acordou com o barulho das pessoas que estavam na tenda de reuniões, distante do lugar onde ele estava. Quando levantou-se, viu a mancha de sangue na sua cama e olhou na sola do pé, para ver a ferida que havia feito com o rasteio. Contudo, para sua surpresa, não havia nenhum sinal de ferimento ali. Imaginando ter olhado o pé errado, ergueu o outro pé e olhou, mas este também estava

absolutamente sem nada! E muito feliz com o que estava vendo, compreendeu que o seu pé estava completamente curado!

VESTIDA DE SERVA

Das doutrinas do início do pentecostalismo, a única que se tem conhecimento que Aimée tinha posição contrária era a da santificação como uma segunda obra da graça. Ela cria firmemente que aqueles que alegavam possuir, ou procuravam alcançar a "perfeição cristã", geralmente davam as costas para as pessoas do mundo, criando um isolamento religioso.

Ela queria que o Evangelho servisse para todos. Não desejava que ninguém se sentisse intimidado ou de alguma forma cerceado de ir às reuniões para ouvir o Evangelho. Aimée sentia grande preocupação com a atitude elitista que ela percebia na igreja e que mantinha afastados os pecadores necessitados. Ela chamava o pecado de pecado, e convidava a todos ao arrependimento.

"Não importa o nome bonito que você dê, pecado **é** sempre pecado... Deus olha para o coração do homem e procura por santidade, porque sem ela, ninguém verá ao Senhor. Precisamos ser salvos e santificados, mas tudo isso **é** alcançado somente por intermédio do precioso sangue de Jesus Cristo."[25]

Em 1918, quando a Primeira Guerra Mundial estava assolando a Europa e a América estava infestada por uma gripe endêmica mortal, a doutrina que Aimée pregava era vista como um raio de esperança. Um dos seus maiores trunfos apreciado por todos, era a sua atitude de serva. E para demonstrar isso, certo dia, quando ela estava procurando um novo vestido para comprar, o Senhor falou com ela:

"Você é ou não é serva de todos? Se é, então vá até a sessão de uniformes e peça para ver um vestido de empregada."

Então, Aimée obedeceu e comprou dois uniformes pelo preço de cinco dólares. E daquele dia em diante, ela era sempre vista usando os seus vestidos brancos com capa, característicos de uma serviçal.[26]

EU PROMETI A VOCÊ UM JARDIM COM ROSAS

Certa tarde, quando Roberta estava passando muito mal com uma forte gripe, perguntou à sua mãe por que eles não tinham uma casa como todo mundo. Então, juando Aimée estava orando pela cura da filha, Deus falou com ela que não apenas iria curar Roberta, como também lhes daria uma casa nas terras ensolaradas do sul da Califórnia. Ela chegou mesmo a ter uma visão da sua nova casa, onde via um belo bangalô com um jardim de rosas.

Assim, tão logo Roberta sarou, a família partiu para a Califórnia. Mais tarde, ela disse que eles não faziam a menor idéia do tamanho do milagre que seria aqueí, casa: "Quando mamãe nos falou que alguma coisa iria acontecer, disse com tani convicção como se já tivéssemos o dinheiro no banco."[27]

Aquela viagem seria uma verdadeira aventura. Os mapas eram raros, as cidade muito distantes umas das outras e as condições das estradas eram sempre uma *u* cógnita. Entretanto, nada disso foi suficiente para desanimar Aimée.

Assim, tão logo foram liberados para fazer a viagem (por causa das restrições ferentes à gripe Influenza, que havia atacado Roberta-), Aimée dirigiu para Inc nápolis, na Costa Oeste. E foi ali que ela encontrou-se com Maria Woodworth-Ette acontecimento que foi um dos mais empolgantes de toda a sua vida. Ter a opor nidade de finalmente conhecer a mulher que tanto a havia inspirado deixou Air Elizabeth vibrando de alegria - e ouvi-la pregar também.

Quando chegou em Los Angeles, no final do ano de 1918, descobriu que a fama havia chegado antes. Agora, a Missão da Rua Azusa era apenas uma lembran-| ça. Seus antigos membros haviam se espalhado pela cidade, mas continuavam esperando pela pessoa que Deus usaria para reuni-los novamente. E quando Aimée" chegou, eles pensaram que seria ela essa pessoa.

Dois dias depois de sua chegada, Aimée pregou uma mensagem para setecentas! pessoas, intitulada: "Grite, Pois o Senhor te Entregou Esta Cidade". E já no início de 1919, os corredores, os andares e as soleiras das janelas do Auditório Filarmônico ficavam lotados de pessoas que vinham para ouvi-la pregar.

O povo de Los Angeles fazia de tudo para agradar Aimée e a sua família. Então, me-[1] nos de duas semanas depois que eles haviam chegado à cidade, uma mulher se levantou durante uma reunião, e disse a Aimée que o Senhor havia tocado em seu coração para que doasse a ela um pedaço de terra, onde pudesse construir uma casa. Logo em seguida, outros se levantaram, doando a mão-de-obra e o material para a construçãc até mesmo as mudas das rosas que ela havia visto em sua visão, foram doadas. Assim, no mês de abril a casa, com suas varandas e uma lareira, tornara-se uma realidade.

RELACIONAMENTO COM A MÍDIA

Nesta época, Aimée começou a sentir uma grande necessidade de ter um local permanente para a realização das reuniões. Assim, entre os anos de 1919 a 1923, ela cruzou os Estados Unidos nove vezes, pregando e levantando fundos para a construção do *Angelus Temple* (Templo Angelus). E em todos os lugares por onde passava, ia conquistando o coração de todas as pessoas.

O tom da pregação de Aimée podia mudar de uma "conversa de criança" e assuntos de moças, como ela sempre gostava de fazer para agradar o seu público, até o torr. solene e profundo de uma dinâmica profetisa ganhadora de almas. Deus havia lhe concedido a habilidade de adequar os seus sermões às muitas e diferentes situações.

Os meios de comunicação descobriram Aimée em 1919, dando início a um relacionamento amor/ódio que mais tarde se tornou um dos mais conhecidos e comentados da América do Norte. Aimée os amava, mas eles nunca tinham certeza do que ela estava fazendo com eles! Afinal, esses veículos de comunicação não esta-varri acostumados com gente que soubesse se aproveitar dos métodos que usavam, e procuravam derrubá-la com perguntas ardilosas, do tipo: "Aimée, você acha que usar meia fina é pecado?" Ao dar a resposta, ela graciosamente cruzava as pernas, e dizia: "Depende totalmente de quanto se mostre delas."[28] Esse tipo de espaço que a mídia lhe dava contribuía ainda mais para fazer de Aimée um fenômeno nacional.

Em Baltimore, Maryland, o primeiro salão onde ela pregou tinha capacidade para três mil pessoas sentadas. Entretanto, por falta de lugar para sentar, muitas pessoas tiveram de voltar para casa sem assistir à reunião. Por essa razão, ela alugou um outro local onde havia cadeiras para dezesseis mil. E foi aqui que Aimée chocou a multidão por ter repreendido um comportamento demoníaco camuflado como se fosse uma demonstração de adoração. Até então, era considerado antiético confron--ar alguém que estivesse "em êxtase" pelo Senhor. Entretanto, Aimée repreendeu a senhora que estava tendo esse comportamento e pediu a um membro do coro para ir com a tal senhora para uma sala menor.

Ela ficou em oração, observando aquela mulher por algum tempo; depois, desafiando a ética da liderança de seus dias, convocou a Igreja a que agisse com maturidade espiritual, dizendo:

"Está provado que essa mulher é uma louca que estava internada em um asilo... Entretanto, esse é **o**



155
Aimée e a banda das campanhas

tipo de pessoa que muitos dos crentes permitiriam se exibir no púlpito - simplesmente por temerem estar 'apagando **o** Espírito'."[29]

Enquanto Aimée estava em Baltimore, começou uma campanha nacional de cura divina, onde milagres incríveis e nunca vistos aconteceram. O noticiário dava destaque especial às curas que eram realizadas cada dia.

Conta-se que quando Aimée entrava em um lugar, antes do começo de alguma reunião, sempre havia um atropelamento desesperado de pessoas doentes tentando, ao menos, tocar nela. Quando ela via aquilo, corria de volta para o seu camarim com um grande peso em seu coração, para poder orar pedindo o socorro de Deus.

Em todo o lugar que Aimée ia, multidões se apertavam para poder tocá-la. E eia observava com tristeza os policiais que eram forçados a fecharem as portas, na tentativa de protegê-la.

Depois de um tempo, quando ela fechava os olhos à noite, tudo o que ela conseguia ver eram as quase duas mil pessoas apertadas dentro de um lugar com capacidade para abrigar apenas mil. Ela via o altar e o porão abarrotados de doentes e acordava pensando em como Jesus havia lidado com uma situação assim:

> "Diante de uma situação assim, será que não fica mais fácil entender por que razão Jesus tinha de entrar num barco, e afastar-se um pouco da praia para pregar para a multidão?"[30]

Em 1921, Aimée realizou uma reunião de três semanas em Denver, Colorado, onde dezesseis mil pessoas encheram o Auditório Municipal duas ou três vezes cada dia. Uma das noites, oito mil pessoas tiveram de voltar para casa, porque não havia lugar.

MINNIE - EFICIENTE E DOMINADORA

Durante esses dias de ministério intenso, Minnie sempre cuidou do estado de saúde de sua filha com muita atenção. E ela considerava essa questão da mais alta importância, pois se a saúde de Aimée desse algum problema, todo o seu ministério sofreria. As duas eram mais como irmãs do que mãe e filha; entretanto, na área espiritual, nunca concordaram plenamente.

Minnie era uma pessoa muito organizada. Ela cuidava do ministério de Aimée desde os assuntos mais importantes até os mais comuns, mantendo todos os compromissos financeiros absolutamente em dia. Ela era uma mulher muito resistente e, às vezes, só dormia duas horas por noite; costumava examinar cuidadosamente cada pessoa enferma, antes do inicio das reuniões, para se precaver dos causadores de problemas. E antes de cada culto, ela também passava longas horas junto com os inválidos. Minnie nunca se sentava para uma refeição; em vez disso, comia enquanto fazia o registro dos enfermos, dava as boas vindas aos representantes de alguma caravana, ou organizava o ministério de auxílio aos necessitados. Ela trabalhou diligentemente para estabelecer uma base financeira para o ministério. Contudo, nunca compreendeu plenamente a totalidade do chamado ministerial da filha, nem entendeu verdadeiramente por que Aimée fez o que fez de sua vida.

E se ela percebia que alguém estava se aproximando muito da filha, incomodava Aimée até conseguir acabar com aquele relacionamento. Muitos dos funcionários do ministério pediram demissão ou foram demitidos por causa dela. Talvez essa tenha sido a razão porque Aimée nunca teve amizades duradouras. O relacionamento mãe-e-filha das duas sempre foi muito estressante. E, mais tarde, nos anos que se seguiriam, o sentimento de estar sendo "dominada" e "controlada" pela mãe, faria com que Aimée e ela se separassem.

Em 1921, Aimée já estava cansada de sua vida nas estradas e começou a procurar um lugar onde eles pudessem construir o Angelus Temple. E ela encontrou esse lugar nas imediações da prestigiada área do Echo Park, que era cercada por abundante vegetação, belos locais para piqueniques e um maravilhoso lago, nos arredores de Los Angeles.

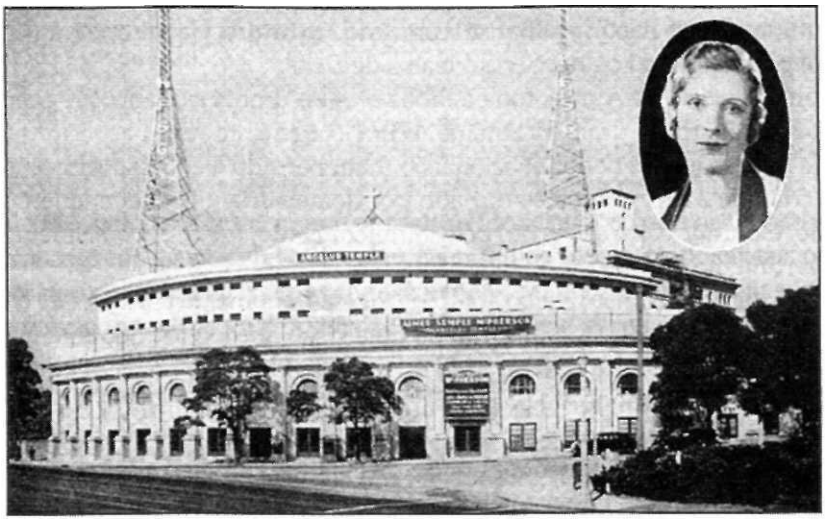
A "PRIMEIRA" - DO KKK PARA HOLLYWOOD

Aimée foi a "primeira" em muitas áreas. Enquanto construía o Templo, a estação de rádio Oakland Rockridge a convidou para ser a primeira mulher a pregar usando as ondas do ar. Esse acontecimento iria

acender um novo fogo dentro dela e algum tempo mais tarde, ela teria a sua própria estação de rádio. Entretanto, o seu primeiro desafio era construir o Templo.

Todos contribuíram generosamente na execução daquela construção. Prefeitos, governadores, ciganos e até mesmo o Ku Klux Klan se apressou em contribuir. Embora Aimée não concordasse com o KKK, eles a amavam. Contudo, foi esse "amor" deles por ela, que os levou a cometer um crime.

Numa ocasião, durante uma reunião em Denver, em junho de 1922, Aimée estava em um local onde iria pregar, juntamente com uma repórter, quando alguém a chamou e pediu que ela fosse orar por um paralítico



O Templo Angelus, Los Angeles, Califórnia

que estava do lado de fora. Ela então pediu à repórter que fosse com ela, pois gostaria que testemunhasse a oração. Porém, ao saírem na porta, as duas foram rendidas, vendadas e levadas para uma reunião do KKK.

Depois, vieram a saber que tudo o que o KKK desejava era ouvir uma mensagem em particular da evangelista. Ela fez uma pregação baseada em Mateus 27, cujo tema era: "Barrabás, o homem que achava que nunca seria pego". Depois da palavra, Aimée ouviu educadamente enquanto eles lhe garantiam um apoio "secreto" em todo o território nacional. Para eles, isso significava simplesmente que, para qualquer lugar que Aimée fosse dentro dos Estados Unidos, ela podia confiar neles para protegê-la. Em seguida, eles novamente vendaram as duas e as levaram de volta para o local de reuniões em Denver.[31]

Aquela repórter escreveu uma tremenda história sobre aquele seqüestro, a qual contribuiu para dar ainda mais notoriedade à Aimée, bem como para trazer mais dinheiro para a construção do Templo.

Em 1922, no final do ano, o templo de cinco mil lugares estava finalmente pronto. Sua inauguração se deu com um culto que de tão especial, chegou a ser extravagante. Aconteceu no dia primeiro de janeiro de 1923. Quem não pode estar presente ao culto pode ver algo parecido na parada do Torneio das Rosas, em Passadena, Califórnia: um carro alegórico coberto de flores levava o coral da igreja que seguiu cantando durante o desfile, e ganharam o primeiro lugar do seu grupo.[32]

O *The New York Times* deu completa cobertura à festa de dedicação daquele templo, e daquele dia em diante, o Templo Angelus, com capacidade para cinco mil pessoas sentadas, esteve cheio quatro vezes em cada domingo.

Aquele templo tinha uma acústica perfeita; naquela época chegou a sair uma conversa de que muitos produtores de Hollywood estavam esperando que Aimée fracassasse, para que eles pudessem adquirir o prédio para transformá-lo em um teatro. Contudo, Aimée não iria falhar; ao contrário, no futuro, ela mesma transformaria aquele prédio em um teatro. Seria o teatro de Deus.

Do ponto de vista de Aimée, toda a Bíblia era um drama sagrado que precisava ser pregado e ilustrado dramaticamente. E era exatamente nesse aspecto que, segundo ela cria, as igrejas denominacionais tinham perdido a eficácia. Aimée honestamente cria que a Igreja tinha se tornado por demais fria e formal enquanto, por outro lado, o mundo, com seu gosto pelo entretenimento, trazia encorajamento, alegria e divertimento às pessoas.

Em julho de 1922, Aimée deu ao Templo Angelus o nome de IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR, por causa de uma visão que tivera enquanto pregava um sermão baseado no primeiro capítulo do livro de Ezequiel. Em sua primeira ordenação, foram consagrados mil pastores.

Duas reuniões foram separadas cada semana no templo para orar pelos enfermos. E embora Aimée tivesse vinte e quatro presbíteros em seu conselho, ela dirigia a maioria dessas reuniões pessoalmente, até o dia de sua morte, em 1944.

Os resultados das curas realizadas em Los Angeles eram espantosos, mas eram menos notados pelo público em geral do que os registrados nas campanhas naáonais que Aimée realizava pelo país. A razão disso, certamente, era porque nos maiores cultos realizados no Templo, o foco não estava em cura divina, mas no evangelismo e no treinamento dos ganhadores de almas.

ALGUMAS HISTÓRIAS DO TEMPLO

Sem sombra de dúvida, o Templo Angelus era um local bastante movimentado. Aimée tinha providenciado ali uma torre de oração que ficava ocupada vinte e quatro horas por dia. Ela também montou um coral de cem vozes, e uma banda de metais composta por trinta e seis músicos. Em todos os cultos o santuário ficava cheio de música. Aimée providenciou ainda a compra em Hollywood de fantasias, acessórios e cenários para abrilhantar ainda mais os seus sermões. Muitos em Los .Angeles sabiam que assistir a um culto no Templo Angelus era sempre um grande acontecimento.

Aimée tinha um notável senso de humor, e embora houvesse muitas falhas nos seus primeiros sermões ilustrados, ela sempre conseguia tirar o melhor deles. Certa ocasião, para dar um pouco mais de vida à sua descrição do cenário do Jardim do Eden, ela encomendou um papagaio de um circo que estava visitando a cidade. Contudo, obviamente ela não sabia do linguajar vulgar e grosseiro que a ave havia aprendido enquanto trabalhava nos shows circenses. Assim, no meio do seu sermão, o papagaio virou-se para ela, e disse: 'Ah, vá pro inferno!".

As cinco mil pessoas que estavam ali presentes não podiam acreditar no que ouviram! Depois, como se o pássaro quisesse ter certeza de que *todos* tinham ouvido o que ele havia dito, repetiu a frase! Mas Aimée não era o tipo de pessoa que se deixava vencer assim tão facilmente e deu a volta por cima, tirando o melhor da situação - como ela sempre fazia com cada uma de suas gafes e aproveitando-se da ocasião, começou a "pregar" para o papagaio, encorajando-o a tomar uma decisão. Então, quando a ave voltou a repetir as mesmas palavras, o auditório veio abaixo! Finalmente ela "persuadiu" o pássaro alugado a seguir o caminho cristão, prometendo a ele um poleiro no céu, por sua ajuda no show.[33]

E claro que alguns ministros evangélicos se opunham à Aimée por causa de seus métodos. Entretanto, ela respondia a eles publicamente, dizendo:

> "Mostrem-me uma maneira melhor de atrair as pessoas para virem para a igreja, e ficarei feliz em experimentar os seus métodos. Mas, por favor, não me peçam para pregar para bancos vazios. Não vamos perder nosso tempo discutindo a respeito de métodos. Deus deseja usar a cada um de nós. Vocês se lembram do velho ditado sobre a receita de sopa de coelhos? Começa assim: ***primeiro, cace um coelho.***"[34]

ESTRELAS FAMOSAS, ESCOLA BÍBLICA E RÁDIO

Muitos astros e estrelas hollywoodianos tinham grande interesse no que Aimée tinha a dizer. Alguns eram freqüentadores assíduos do Templo, como Mary Pickford, Jean Harlow e Clara Bow. Charlie Chaplin freqüentou alguns dos cultos dela, e mais tarde, se tornaram grandes amigos. Na verdade, Chaplin foi a pessoa que ajudou Aimée a montar um palco no Templo, para ela apresentar as ilustrações de seus sermões - e ela mostrou a ele o Caminho da vida.

O ator Anthony Quinn tocou na banda de Aimée, antes de se tornar o famoso astro de cinema que foi. Quando ele ainda era um adolescente, ela o levou em uma cruzada pela Espanha, para servir-lhe de intérprete. E esse ator, mundialmente conhecido, disse mais tarde que um dos momentos mais marcantes de sua vida foi quando conheceu Aimée. Ele escreveu:

"Alguns anos mais tarde, quando via as grandes atrizes representando, costumava compará-las com ela... Ingrid Bergman... Katharine Hepburn... Greta Garbo... nenhuma produziu em mim uma sensação tão forte como aquele choque elétrico que senti ao ver Aimée Semple McPherson pela primeira vez."[35]

Em fevereiro de 1923, Aimée abriu a sua primeira escola de ministérios que, mais tarde, se tornaria conhecida como Escola Bíblica L.I.F.E *(Lighthouse of International Foursquare Evangelism* - Farol do evangelismo quadrangular internacional). Aimée era uma professora muito dedicada ao ensino.

Ali na escola, a "Irmã", como costumavam chamá-la, atuava como professora e revelava aos estudantes, de maneira aberta, tanto seus pontos fortes quanto as suas fraquezas. Seus autores cristãos favoritos eram Wesley, Booth e um avivalista canadense chamado Albert Benjamin Simpson. Aimée estava sempre citando esses homens e ensinava a partir de seus escritos.

As vezes, ela testava os alunos saindo mais cedo da sala de aula, pedindo a eles que passassem o restante do tempo em oração. Depois, se escondia em algum corredor e ficava observando os estudantes saírem da sala, para ver quem iria sair correndo e quem era atencioso o suficiente para tirar um tempinho para pegar uma folha de papel que ela tinha deixado cair propositalmente no chão. Os atenciosos receberiam os seus elogios, pois acreditava que aqueles que prestavam atenção a detalhes seriam ministros mais valorosos e sensíveis.

Um ano mais tarde, em fevereiro de 1924, Aimée inaugurou a Radio KFSG *(KaU Four Square Gospel),* com a primeira licença de transmissão radiofônica concedida a uma mulher. Essa foi também a primeira estação de rádio evangélica a ser operada.

SERÁ QUE AIMÉE ESTÁ MORTA?

Por volta de 1926, Aimée estava precisando muito de umas boas férias e, por isso. fez uma viagem para a Europa e a Terra Santa. Contudo, acabou pregando a maior parte do tempo. Então, depois que voltou, aconteceu o maior e mais polêmico escândalo que seu ministério já viu. Em 18 de maio daquele ano, enquanto passava alguns momentos na praia, em companhia de sua secretária, Aimée terminou de fazer as últimas anotações no sermão que pregaria naquela noite e pediu à secretária que fosse ligar para o pessoal do Templo, passando-lhes as informações. Entretanto, quando

I colega voltou para a praia, não a encontrou mais lá. Pensando que Aimée tivesse ido nadar um pouco, procurou na água para ver se a encontrava; não tendo sucesso, resolveu informar às autoridades.

Nos próximos trinta e dois dias, o desaparecimento de Aimée se tornou a notícia mais "quente" na imprensa de todo o mundo. As praias de Los Angeles foram totalmente vasculhadas e suas águas mais distantes cuidadosamente checadas, em busca *áe* algum sinal de Aimée. Entretanto, nada foi encontrado.

Enquanto isso, o pessoal do Templo Angelus recebeu uma carta pedindo um resgate de vinte e cinco mil dólares para a soltura de Aimée. Minnie jogou essa carta fora, juntamente com um tanto de cartas malucas que estavam chegando pelo correio naqueles dias. Em seguida, chegou uma outra carta, de outro lugar, exigindo quinhentos mil dólares; a imprensa ficou em polvorosa. Qualquer novidade a respeito desse desaparecimento era a notícia do dia. Certa ocasião, foi noticiado que ela havia sido vista em dezesseis lugares diferentes, em um único dia, de costa a costa da nação.

SEQUESTRADA!

Finalmente, no dia 20 de junho, foi marcado um culto em memória de Aimée, no Templo Angelus. Então, três dias depois desse culto, ela surgiu em Douglas, Arizona, vinda do deserto de Agua Prieta, México.

Quando perguntada sobre o seu paradeiro, Aimée contou a todos que, naquele dia na praia, assim que a secretária saiu, um homem e uma mulher se aproximaram dela pedindo que fosse orar por uma criança que estava morrendo. Disse que a mulher estava chorando e que o homem até havia trazido um casaco para Aimée se cobrir (já que estava em trajes de banho), na esperança de que ela aceitasse ir com eles. Então ela concordou em ajudá-los e os seguiu até o carro; Aimée explicou que já ha-wia feito isso tantas vezes que nem deu muita importância aos fatos.

Entretanto, quando os três chegaram até onde estava o carro, ela percebeu que o motor estava ligado e que havia um outro homem ao volante. A mulher, que estava fingindo ser a mãe da criança enferma, entrou primeiro dentro do carro e, em seguida, o homem que supostamente era o pai, deu-lhe um forte empurrão e disse para que ela entrasse também. A próxima coisa que viu foi alguém puxando a sua cabeça para trás e, depois, a mulher pressionando fortemente contra o seu rosto, um pano embebido em clorofórmio.

Mais tarde, quando acordou, encontrava-se presa em uma cabana, vigiada por **mima** mulher e dois homens. Aimée disse ainda que eles a ameaçaram, cortaram um pedaço do seu cabelo e queimaram seus dedos com um cigarro. Mais tarde, levaram-na para um outro lugar e, depois, os dois homens foram embora. Então, aproveitando um momento em que a mulher havia saído para fazer compras, conseguiu se livrar e escapar do cativeiro. Antes de sair, a mulher a havia amarrado com tiras de lençóis, mas Aimée conseguira cortar as amarras utilizando-se de uma tampa de lata que estava com as bordas dentadas. Tão logo conseguiu se desamarrar, Aimée pulou a janela e caminhou pelo deserto durante quatro horas até chegar a uma cabana em Douglas, Arizona.

Quando ela finalmente conseguiu ajuda da polícia, uma vez que os policiais acreditaram que ela era quem "dizia" ser, ligou para Minnie em Los Angeles. Entretanto, nem mesmo a mãe acreditou que era ela; foi preciso que Aimée contasse um segredo que apenas ela sabia, a respeito da vida particular das duas, para que Minnie finalmente acreditasse.

O QUE VOCÊ ACHA?

Depois de uma noite no hospital, aproximadamente cinqüenta mil pessoas deram as boas vindas à Aimée, no Templo Angelus. Contudo, sua provação estava apenas começando.

Ela descreveu os seus seqüestradores e registrou queixa contra eles, todavia nunca foram encontrados. E quando a polícia a acompanhou até o deserto, na tentativa de refazer o percurso que ela dissera ter percorrido, não conseguiram encontrar nenhuma choupana que encaixasse nas descrições que ela havia fornecido.

Então, o procurador do Distrito de Los Angeles, Asa Keyes, acusou Aimée de estar mentindo e se esforçou o mais que pôde para desacreditá-la. Na época, saiu uma notícia de que ela havia sido vista em um bangalô Carmel, na companhia de seu produtor de rádio, Kenneth Ormiston, e Keyes tratou logo de conseguir o máximo possível de testemunhas, na tentativa de confirmar o fato.

Aimée tinha conquistado muitos inimigos no submundo do crime, por isso a possibilidade de haver seqüestradores envolvidos. Os gângsteres possuíam uma grande rede de prostituição, tráfico de drogas, sistema de agiotagem e contrabando de bebidas alcoólicas na área de Los Angeles, e Aimée havia ganhado para o Senhor muitas das pessoas chaves desses negócios.

Também é verdade que Aimée regularmente abria as portas de sua estação de rádio para que novos convertidos falassem sobre a sua conversão. E quando esses que haviam vindo do submundo do crime davam os seus testemunhos de conversão, eles não apenas estavam espalhando as novas sobre sua mudança de vida - também estavam expondo os feitos criminosos dos seus antigos parceiros - e muitas vezes até mesmo mencionavam os seus nomes.

Aimée nunca mudou a versão do seu seqüestro; na verdade, seu relato do que aconteceu foi o único que não sofreu variação com o passar do tempo. Os repórteres, detetives e promotores estavam sempre contando uma história diferente dos fatos. Até mesmo aqueles que testemunharam contra Aimée, mudaram o seu depoimento. E quando eles o fizeram, as acusações de corrupção da moral pública, obstrução da justiça e conspiração para manipular evidências, que haviam contra ela, foram finalmente retiradas.

Alguns fatos secundários com relação ao escândalo que atingiu Aimée são bem interessantes: o promotor do município, Asa Keyes, tempos depois, foi condenado e mandado para a prisão de San Quentin. Além disso, mais tarde o advogado de Aimée foi encontrado morto. As evidências parecem indicar que a máfia realmente estava envolvida.[36]

ELA QUEBROU O NARIZ DE MINNIE?

Tão logo retornou ao seu ministério, Aimée passou a usar o que se pode dizer de "as verdadeiras vestes de um ministério apostólico". Ela passou a comparecer em clubes noturnos, em salões de danças, de jogos e

de lutas de box; e, durante os intervalos, ela convidava as pessoas para as suas reuniões. Os donos destes estabelecimentos gostavam da publicidade e os clientes adoravam Aimée.

Ela era uma pessoa que não tinha medo dos pecadores do mundo e agora estava procurando, ainda com mais fervor, levar Jesus para onde eles estavam. Ela achava muito engraçado o fato de que um bom número de cristãos colocassem barreiras demarcando onde deveriam e onde não deveriam pregar o evangelho.

Por ocasião do final de 1926, seguidas ações judiciais a ameaçavam, e os seus empresários procuravam envolvê-la em toda sorte de empreendimentos comerciais. Quando os planos deles fracassavam, a culpa e todas as contas caíam sobre Aimée. Os seus advogados, por sua vez, pareciam que só faziam as coisas piorarem para ela. E mais do que nunca, Aimée precisava desesperadamente de um amigo; precisava de alguém em quem confiar. Todavia, parecia que todas as pessoas que lhe eram mais próximas a estavam traindo, ou se retraindo em sua amizade por causa das críticas feitas a ela.

Até mesmo Minnie, a mãe de Aimée, começou a vacilar em seu apoio à filha. Ora estava no papel de mãe abnegada, desejosa de ajudar, ora mostrava sua má vontade como supervisora de um ministério que não compreendia bem. Estava sempre pronta a criticar a filha quando não concordava com ela. E não demorou muito para que passasse a fazer isso em público.

Aimée sempre elogiou sua mãe publicamente; porém, quando Minnie veio a público com seus golpes antagônicos, as coisas chegaram a um ponto crítico. Agora que a própria mãe estava combatendo-a em praça pública, Aimée sentiu-se totalmente traída. E a igreja começou a dividir-se. Aqueles que trabalhavam debaixo das ordens de Minnie continuaram leais à ela, enquanto o conselho de presbíteros do Templo ficou do lado de Aimée. De fato, quando aquela situação chegou ao fim, os líderes iriam ajudar a encontrar um "plano de aposentadoria permanente" para Minnie.

Milagrosamente, no meio de tudo isso, Aimée compôs a sua primeira ópera, em 1931, e deu o nome de *Regem Adoratge* (Adorai ao Rei). A isso seguiu-se uma outra visita à Terra Santa. Contudo, dessa vez ela estava relutante em voltar para casa, por causa das crescentes dificuldades existentes entre ela e a mãe. E seus temores provaram ter fundamento, porque quando ela chegou em casa, ela e Minnie finalmente acabaram se enfrentando.

E era fato conhecido que quando Minnie ficava zangada com Aimée, suas palavras eram cruéis e iradas. Entretanto, seguindo o último *round* desse famoso desentendimento, saiu na imprensa uma notícia de que Minnie havia terminado com um nariz machucado e com um curativo. A manchete que vinha acompanhando a foto de capa do jornal dizia o seguinte: "MÃE DIZ QUE AIMÉE QUEBROU SEU NARIZ!"

As coisas, porém, não eram exatamente o que pareciam. Na verdade, Minnie simplesmente havia feito uma cirurgia plástica na noite do desentendimento das



Aimee com a bandeira da Igreja Quadrangular



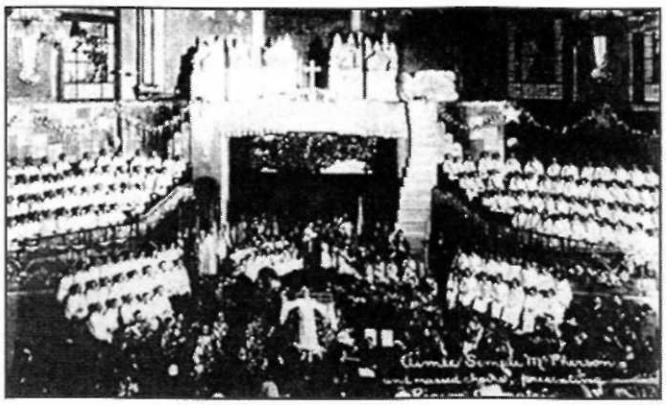
O Templo Angelus



Todos digam: "Glória a Deus!"



Cinco mil lugares



Aimee e coral em uma de suas muitas óperas no Templo Angelus



Orando pelos enfermos



Milhares formando fila no funeral de Aimee

duas e mais tarde, desmentiria a notícia. Entretanto, o desmentido não adiantou. Era o fim de linha para Minnie, e ela teve que largar o cargo.[37]

Logo em seguida à "aposentadoria" forçada de Minnie, uma grande quantidade de pessoas queria o cargo de administrador do ministério. Juntamente com as despesas do acordo com a sua mãe, a depressão e os processos, as dívidas de Aimée rapidamente foram se amontoando. Na verdade, ela passou os próximos dez anos resolvendo os processos e pagando os credores. Quando todos esses débitos foram saldados, colocaram um cartaz comemorativo no topo do Templo.

ELA NÃO É BIÔNICA

Todavia, o peso de tudo isso simplesmente acabou sendo mais do que Aimée conseguia suportar. Assim, em 1930, ela sofreu um colapso total: tanto físico, quanto emocional, e teve de ficar confinada em um chalé em Malibu, sob a constante supervisão de um médico.

Depois de dez meses passando por essa provação e depois de apresentar uma sensível melhora, Aimée voltou para o Templo Angelus, em Los Angeles. Contudo, nunca mais teria a força e o vigor que antes desfrutara. O médico dela explicou que o seu problema de saúde era, pura e simplesmente, o fato de não "conseguir descansar o tempo necessário".[38]

Quando chegou o ano de 1931, Aimée sentia-se muito só. O preço da fama era muito alto e ela não tinha nenhum amigo mais chegado; e do fundo do seu coração, ansiava por companhia.

Em meados daquele ano Rolf, seu filho, se casou com uma aluna de um instituto bíblico, o que deixou Aimée muito feliz. Depois, no dia 13 de setembro, ela casou-se novamente, agora pela terceira vez. Seu terceiro marido chamava-se David Hutton. Disseram que a sua solidão e o enorme desejo de ser amada, a fizeram acreditar que ele possuía todo tipo possível de virtudes; entretanto, isso estava longe de ser verdade.

Não muito depois do casamento, Hutton foi processado por uma outra mulher a quem tinha prometido matrimônio. O processo demorou um ano para ser concluído e quando saiu a sentença, a decisão judicial foi contra ele.

Contudo, Aimée continuou desenvolvendo o seu ministério viajando pelo país e alcançou um tremendo sucesso na Nova Inglaterra, onde milhares de pessoas compareceram para ouvi-la. Por causa de suas condições de saúde, no dia 22 de abril de 1927 ela renunciou ao pastorado do Angelus Temple. Contudo, o conselho não aceitou a sua renúncia. Depois, em janeiro do próximo ano, ela embarcou para a Europa, seguindo o conselho de seu médico. E, novamente, milhares de pessoas lotaram as suas reuniões. Durante a sua ausência, Hutton, no meio do escândalo, entrou com pedido de divórcio.

A SILENCIOSA DAMA DA GUERRA

Os anos entre 1938 e 1944 foram muito tranqüilos para Aimée. Durante esse tem-D0 quase não saía nada a seu respeito na imprensa.

Aimée foi processada por empregados insatisfeitos, pastores associados e qualquer outra pessoa que achasse que poderia ganhar alguma coisa às custas dela. Então, ela decidiu contratar um novo administrador, Giles Knight, que a manteve afastada dos olhos do público. Qualquer repórter que desejasse falar com ela tinha primeiro que passar por ele; e ele não permitia a aproximação de nenhum deles. Aimée o colocava à par do seu paradeiro e, depois, ficava de longe, levando uma vida mais ou menos anônima.

Rolf McPherson sempre falou muito bem sobre Knight, por causa do serviço que ele prestou à sua mãe e que trouxe tanta paz ao lar deles.

Muitos dos esforços de Aimée durante esses anos foram dedicados a pastorear, treinar futuros ministros, estabelecer centenas de igrejas e enviar missionários por todo o mundo. Entretanto, em 1942 ela foi para as principais ruas de Los Angeles, à frente de sua banda de metais e da guarda uniformizada, levando bandeiras do país e das forças armadas. Seu objetivo era vender títulos do governo para financiamento da guerra, e conseguiu vender 150 mil dólares desses títulos em apenas uma hora. Por isso, o Tesouro dos Estados Unidos lhe concedeu uma honrosa condecoração pública, pelos seus esforços patrióticos. Durante a Segunda Guerra Mundial ela também organizava, regularmente às sextas-feiras à noite, reuniões especiais de oração; isso lhe garantiu o apreço especial do Presidente Roosevelt e do governador da Califórnia.

UMA GRANDE PESSOA DESCANSA

Em 1944, a saúde de Aimée estava muito debilitada. Ela estava sofrendo com infecções tropicais, as quais havia contraído durante suas viagens missionárias. Assim, em fevereiro daquele ano, ela nomeou Rolf o novo vice-presidente do ministério. Ele já havia provado a sua fidelidade e servido à sua mãe muito bem durante muitos anos. De fato, ele foi a *única* pessoa que permaneceu ao seu lado durante os bons e os maus tempos.

Depois, em setembro daquele ano, Rolf e Aimée viajaram para Oakland, para inaugurarem ali uma igreja. Houve um blecaute na cidade por causa da guerra e, por isso, Rolf e a mãe passaram longas horas no quarto dela, conversando sobre ministério e família. Estar em frente de grandes multidões e falar sobre a obra

ministerial sempre alegravam muito Aimée, por isso ela estava com o espírito muito animado. Já entrada a noite, Rolf deu um beijo de boa noite na mãe e deixou o quarto.

Aimée sempre sofrera com insónia. Estava tomando sedativos por orientação do seu médico, e com certeza havia tomado dois nessa noite. Provavelmente ela não estava conseguindo dormir, e estava marcado para ela pregar no dia seguinte. Por isso, ela deve ter decidido tomar uma dose maior.

Segundo os médicos, deve ter sido mais ou menos durante a madrugada que Aimée percebeu que alguma coisa estava errada. Entretanto, em vez de chamar o filho Rolf, fez uma ligação para o seu médico particular, em Los Angeles; ele estava no meio de uma cirurgia e não pôde atender ao seu chamado. Então ela ligou para um outro médico, que a encaminhou para o Dr. Palmer, em Oakland,

Califórnia. Contudo, antes de conseguir fazer essa terceira ligação, ela perdeu a consciência.

Às dez da manhã, Rolf foi acordar a mãe e a encontrou na cama, respirando com muita dificuldade. Ao perceber que não conseguia reanimá-la, procurou ajuda médica; porém, já era muito tarde. Assim, no dia 27 de setembro de 1944, aos cinqüenta e três anos, Aimée Semple McPherson partiu para encontrar-se com o Senhor.

O corpo de Aimée foi velado no Templo Angelus durante três dias e três noites, enquanto sessenta mil pessoas faziam fila para prestar-lhe uma última homenagem. O palco da orquestra, onde foi colocado o seu ataúde aberto, ficou totalmente coberto de flores, bem como a maior parte dos corredores do templo. Cinco carros repletos de flores tiveram de ser dispensados, pois não havia espaço para colocá-las.

Depois, no dia 9 de outubro de 1944, aniversário de Aimée, um desfile de seiscentos automóveis se dirigiu para o Cemitério Memorial Forest Lawn, onde esta general do exército de Deus foi finalmente colocada para descansar. Nesse dia, aquele cemitério recebeu duas mil pessoas, juntamente com os mil e setecentos ministros do Evangelho Quadrangular que Aimée havia ordenado.

A história completa de Aimée Semple McPherson jamais poderá ser contada em apenas um capítulo. Como outros grandes generais de Deus, só o céu irá dizer tudo o que ela realizou. Contudo, para o nosso propósito aqui, deixe-me dizer que durante a sua vida ela escreveu cento e setenta e cinco canções e hinos, muitas óperas e treze dramas. Ela também pregou milhares de sermões e formou mais de oito mil ministros na Faculdade Bíblica L.I.F.E (VIDA). Estima-se que, durante a Depressão, algo em torno de um milhão e meio de pessoas receberam ajuda por intermédio de seu ministério. E hoje, a Igreja do Evangelho Quadrangular continua pregando as verdades da Palavra de Deus como foram reveladas à Irmã McPherson, conforme a Declaração de Fé original do Evangelho Quadrangular. As quatro bases são: "Jesus é o Salvador, Jesus é Aquele que cura, Jesus batiza com o Espírito Santo e Jesus é o Rei que vem."

DIRIJA O SEU DESTINO

Para concluir, gostaria de enfatizar algo muito importante que Aimée sempre fazia questão de deixar claro para os seus alunos: "Permaneça no meio da estrada."

Depois de tudo o que você leu sobre ela neste livro, deve ficar bem claro que essa afirmação não se refere a "ser inconstante". A irmã Aimée estava falando sobre a força que precisamos ter para ficarmos firmes em algum lugar. E essa afirmação tinha um duplo significado para ela.

Primeiro, ela dizia: "aja com ousadia em todas as áreas da vida, e não permita que o mundo coloque você no seu molde. Seja desinibido e demonstre com toda ousadia o amor e a liberdade que Jesus coloca à disposição de todos os homens. E fique firme quando estiver sob pressão, nunca vacilando diante do medo. Também, seja ausado na realização do plano que Deus tem para a sua vida, na força do que os céus mu z" amado *você* para fazer."

Segundo, seja apaixonado com relação aos dons do Espírito Santo, *mas sem exageros.* Não intimide as pessoas pelo fato de você ter poder. Aimée sempre usava a potência do motor do carro para apresentar esse conceito. Ela dizia que embora um carro possa chegar facilmente a 140 km por hora, uma pessoa tem de ser muito tola para trafegar a essa velocidade no meio de uma multidão. Ela explicava que o poder do Espírito Santo estava sempre presente, mas que era para ser usado ao longo dos anos na ministração às pessoas.

O que Aimée estava literalmente nos dizendo para fazer quando ela dizia para permanecermos "no meio da estrada" era isto: os excessos podem até nos fazer subir como um foguete; porém, mais tarde isso vai nos fazer explodir e cair de volta a terra. A fé cristã é um *estilo de vida,* portanto, pense nessa corrida como uma maratona - e não como uma corrida de curta distância.

Agora, peguemos a tocha que Aimée passou para nós, e nunca nos contentemos com a mediocridade de uma vida apenas "religiosa". Vamos abalar o nosso mundo para Deus com a liberdade, a valentia e a sabedoria que o Senhor nos deu. E permaneçamos firmes "no meio da estrada" à medida que realizamos o chamado de Deus em nossas próprias vidas.

CAPÍTULO OITO, AIMEE SEMPLE MCPHERSON Referências:

1 Daniel Mark Epstein, *Sister Aimée: Tlie Life of Aimée Semple McPherson* (Irmã Aimée: a vida de Aimée Semple McPherson), Orlando, FL: Daniel Mark Epstein, reimpresso com permissão de Harcourt Brace and **Company,** 1993, pp. 3, 80, 81.
2 *Ibid.,* p. 10.
3 *Ibid.,* p. 11.
4 *Ibid.,* p. 21.
5 *Ibid.,* pp. 22,23.
6 *Ibid.,* p. 28.
7 *Ibid.,* pp. 30,31.
8 *Ibid.,* p. 36.
9 *Ibid.,* p. 39.
10 *Ibid.,* pp. 41-47.
11 *Ibid.,* pp. 48,49.
12 *Ibid.,* p. 50.
13 *Ibid.,* p. 55.
14 *Ibid.,* p. 57.
15 *Ibid.,* pp. 57-59.
16 *Ibid.,* p. 67.
17 *Ibid.,* p. 73.
18 *Ibid.,* p. 75.
19 ibid., p. 76.
20 ifo'd., pp. 77,78.
21 Mi., p. 111.
22 *Ibid.,* p. 119.
23 Ifad., p. 120.
24 *Ibid.,* p. 122.
25 M., p. 134.
26 ftid., p. 144.
27 *Ibid.,* p. 145.
28 /feid., p. 159.
29 *Ibid.,* p. 172.
30 Ibid., p. 201.
31 *Ibid.,* pp. 241-243.
32 *Ibid.,* p. 248.
33 I&id., pp. 256,257.
34 *Ibid.,* p. 259.
35 *Ibid.,* p. 378.

[36] *Ibid.,* p. 312.
[37] *Md.,* p. 340.
[38] *Ibid.,* p. 343.
[39] *Ibid.,* p. 417.

CAPÍTULO NOVE

Kathryn Kuhlman



"A MULHER QUE CRIA EM MILAGRES"

j j^^^entenas de pessoas foram curadas simplesmente enquanto estavam ■ sentadas no auditório, em silêncio, absolutamente sem qualquer V/ manifestação extraordinária. Nenhuma sequer. Às vezes nem tinha pregação. Houve ocasiões em que isso aconteceu sem que nem uma canção tivesse sido cantada."

Nenhuma demonstração estrondosa, nem orações barulhentas, como se Ele fosse surdo. Nenhum grito, nenhum clamor na quietude de Sua presença. Houve centenas de vezes em que a presença do Espírito Santo era tão real que quase se podia ouvir o ritmo de centenas de corações batendo como se fossem um só."[1]

E, de repente, no meio desse profundo silêncio, soava uma voz: "Eeeeuuu cree-eeiiiiooo eeeemm miiiilllaaaagreeeess!" De repente, os aplausos se tornavam ensurdecedores, à medida que uma silhueta alta e magra trajando um vestido longo e esvoaçante, geralmente branco, surgia na frente de milhares de pessoas. Ela se aproximava do centro do palco como que deslizando, e mais um culto de milagres realizado por Kathryn Kuhlman se iniciava.

Em seu ministério internacional, a senhorita Kuhlman lançou os fundamentos da obra do Espírito Santo na vida de incontáveis milhares por todo o mundo. Seu ministério singular mudou o foco do corpo de Cristo que, antes, era voltado para uma demonstração dos dons sobrenaturais do Espírito; e agora, passava para Aquele que dá os dons, ou seja, o próprio Espírito Santo.

O tom profético de seus ensinamentos estabeleceu o ritmo que a Igreja adotaria nos tempos que estavam por vir. Seu ministério foi literalmente um precursor da Igreja do futuro.

Embora ela costumasse se referir a si própria como sendo "uma pessoa comum", Kathryn era alguém absolutamente singular. Muitos tentaram imitar a sua voz e sua forma quase teatral de se expressar, mas sem sucesso. Outros se esforçaram para traduzir a unção especial que ela tinha em suas técnicas e métodos, mas em vão.

Louvo a Deus pela vida de Kathryn Kuhlman. Ela foi um exemplo de alguém que, de maneira destemida, pagou o preço para fazer a obra de Deus. Sou grato pelas lições que aprendi por intermédio da vida dela. Neste capítulo, gostaria de compartilhar algumas dessas lições com você, leitor; muitas das quais, contadas pela própria Kathryn.

A cidade de Concórdia, no estado do Missouri, foi fundada por alemães que começaram a chegar ali no final de 1830. A mãe de Kathryn, Emma Walkenhorst, casou-se com Joseph Kuhlman, em 1891. Segundo o seu cadastro escolar do segundo



Kathryn na entrada de sua casa

234

grau, Kathryn Johanna Kuhlman nasceu no dia nove de maio de 1907, na fazenda da família, aproximadamente a dez quilômetros de Concórdia. Ela recebeu o nome de suas duas avós e não possuía certidão de nascimento, uma vez que isso não era exigido por lei no Missouri, até o ano de 1910.

Quando Kathryn tinha dois anos de idade, seu pai vendeu a sua propriedade de aproximadamente sessenta e cinco hectares e construiu uma enorme casa na cidade. E essa foi a casa que Kathryn sempre se referiu como sendo o seu "lar".

Uma amiga de infância descreveu a jovem Kathryn da seguinte maneira: "Ela tinha um rosto grande e com sardas, e cabelos avermelhados. Não se podia dizer que era exatamente bonita; afinal, não era graciosa ou atraente no sentido literal da palavra. Era a mais alta da 'nossa gangue' (quase um metro e oitenta), magricela e com um porte físico mais apropriado para meninos. Suas longas passadas mantinham o resto de nós literalmente bufando atrás dela, na tentativa de acompanhá-la."

Quando ainda era uma criança, Kathryn também se destacava por sua "independência, autoconfiança e um desejo de fazer as coisas à sua maneira".[2] Ela conseguia "dobrar" seu "papai", conseguindo com ele quase tudo o que queria. Segundo Kathryn, a disciplina sempre ficava a cargo da sua mãe, que era uma mulher muito dura e que nunca elogiou Kathryn ou demonstrou-lhe qualquer afeição. Mesmo assim, Kathryn jamais sentiu que não fosse amada ou querida, pois seu pai lhe deu todo o amor e carinho que ela sempre precisou. Na verdade, ela amava tanto o pai que, mesmo trinta anos após a sua morte, lágrimas ainda enchiam os seus olhos quando ela falava dele.

Certa ocasião, quando Kathryn tinha aproximadamente nove anos de idade, queria muito fazer algo especial no aniversário de sua mãe. Por isso, decidiu que iria oferecer a ela uma festa surpresa de aniversário.

Entretanto, Kathryn prestou atenção no fato de que o dia do aniversário da mãe cairia exatamente em uma segunda-feira. Assim, ela foi pela vizinhança pedindo a *todos* que comparecessem trazendo um bolo.

Acontece que a segunda-feira era o dia da semana em que se fazia a faxina na casa " dos Kuhlman. Em todos os outros dias, Emma Kuhlman colocava as suas melhores roupas, pois como dizia, nunca se sabe

quando uma visita inesperada iria aparecer e ela tinha verdadeiro pavor à simples idéia de que alguém a visse pobremente vestida.

Assim, a segunda-feira chegou, e Emma Kuhlman se vestiu para enfrentar um dia de "faxina". E como ela estava trabalhando perto de uma tina de água quente, seus cabelos já estavam molhados de suor, suas roupas úmidas e sujas e, ainda por cima, estava com as pernas à mostra. Então, ouviu alguém bater na porta e, quando abriu, bem ali, em sua frente, estavam os vizinhos - todos bem arrumados, vestidos com suas melhores roupas. E lá estava Emma, totalmente cansada e fatigada por causa do seu dia de limpeza! Com seu orgulho totalmente arruinado, Emma jurou para Kathryn, em uma voz que mais parecia um sussurro, que cuidaria dela mais tarde.[3]

E foi exatamente o que a mãe de Kathryn fez! Na verdade, Emma Kuhlman obrigou a filha a comer cada um dos bolos que os vizinhos lhe trouxeram!

O pai de Kathryn ensinou-lhe os princípios do mundo dos negócios. Ele era dono de um estábulo e a filha gostava de ir com ele em suas visitas, para cobrar às pessoas que lhe deviam dinheiro. Anos mais tarde, Kathryn daria ao pai o crédito por tudo o que ela sabia em relação à organização e aos negócios.

"PAPAI, EU RECEBI JESUS EM MEU CORAÇÃO!"

Kathryn tinha quatorze anos de idade quando passou pela experiência do novo nascimento. Durante a sua vida, várias vezes ela contou a história de como havia respondido ao soberano chamado, o qual foi feito pelo próprio Espírito Santo e não por uma outra pessoa qualquer. Ela vinha de uma formação "religiosa", mais que espiritual; as igrejas às quais ela havia freqüentado nunca faziam apelos para que as pessoas recebessem a salvação.

Sobre isso, mais tarde ela escreveria o seguinte:

> "Eu estava sentada ao lado de minha mãe, e os ponteiros do relógio marcavam cinco minutos para o meio-dia. Não me lembro do nome do pastor e nem uma única palavra sequer do seu sermão; entretanto, alguma coisa aconteceu comigo ali. E isso é tão real para mim hoje, como o foi naquele dia - e aquilo foi a coisa mais real que já me aconteceu em toda a minha vida."
>
> "Naquele momento em que eu estava ali, meu corpo começou a tremer de tal maneira que eu já não conseguia mais segurar o hinário e, por isso, o coloquei no banco... e chorei. Eu estava sentindo o peso dos meus pecados e compreendi que era uma pecadora. Sentia-me como se fosse a menor e mais insignificante criatura em todo o mundo, embora fosse apenas uma garota de quatorze anos de idade.



A família Kuhlman (Kathryn usando laço)

"... fiz a única coisa que sabia que poderia fazer: saí vagarosamente do lugar onde estava, e caminhei até a fileira de bancos da frente. Chegando ali, sentei-me bem na ponta de um deles e continuei chorando. Ah, como eu chorei!

"... sentia-me a pessoa mais feliz em todo o mundo! O pesado fardo havia desaparecido de sobre os meus ombros. Naquele momento eu experimentei algo que nunca mais me deixou. Eu era uma pessoa nascida de novo, e o Espírito Santo fez para mim exatamente o que Jesus disse que ele faria (João **16.8)."**[4]

Naquele dia, o pai de Kathryn estava na cozinha, quando ela voltou da igreja e entrou em casa, correndo para lhe contar a sua boa nova. Ela tinha o costume de contar ao pai tudo o que lhe acontecia.

Segundo o seu próprio relato, Kathryn correu para ele, e disse: "Papai... Jesus entrou em meu coração!"

Sem manifestar a menor emoção, ele disse simplesmente: "Estou feliz por você."[5]

Kathryn lembra-se de que nunca teve certeza absoluta de que seu pai tenha realmente entendido o que ela quis lhe dizer naquele dia. Depois de sua experiência de novo nascimento, ela preferiu freqüentar a igreja Batista com o seu pai, em vez de permanecer na Metodista, onde sua mãe congregava. Entretanto, mesmo ali, ela tinha as suas próprias convicções.

Segundo a própria Kathryn, ela nunca teve certeza de que seu pai tenha tido a experiência do novo nascimento. As vezes, falava com toda a convicção de que sim; porém, em particular, manifestava frustração por não saber com certeza.

Contudo, de uma coisa Kathryn tinha certeza: seu pai tinha uma grande aversão a pastores. Na verdade, ela conta que os desprezava! Se Joseph Kuhlman via um pastor descendo a mesma rua por onde ele vinha subindo, imediatamente atravessava para o outro lado para não ter de falar com o tal pregador. Ele dizia que todo pastor "só estava interessado em dinheiro". As únicas vezes que ele costumava ir à igreja era em dias de festa, ou em algum culto especial onde Kathryn faria alguma apresentação. Até onde ela sabia, ele nunca orava ou lia a Bíblia.

O PRIMEIRO ABRAÇO

Para Kathryn, entretanto, freqüentar a igreja era tão importante como ir para o trabalho. Inicialmente ela freqüentava a igreja Metodista, junto com sua mãe. E foi ali, em 1921, que ela nasceu de novo. Contudo, de 1922 em diante, toda a família se afiliou à igreja Batista. E embora ela tivesse crescido em um ambiente denominacional, mais tarde o seu ministério se tornou bastante ecumênico, e ela se movimentava com toda a liberdade entre todas as igrejas, desde as mais pentecostais até a católica. Nenhuma denominação serviu de barreira ao ministério de Kathryn Kuhlman. Ela se recusou a fazer parte de qualquer uma delas e não deu a nenhuma organização o crédito pelo seu ministério. A única Pessoa a quem ela deu todo o crédito do que fez foi a Deus.

Durante os anos da adolescência de Kathryn, sua mãe foi professora dos jovens da Liga Epworth, na igreja Metodista. Uma vizinha disse que a Sra. Kuhlman era uma "excelente professora da Bíblia, por isso Kathryn e seus irmãos certamente receberam o melhor ensinamento e treinamento em casa". Os vizinhos também falavam que, à noite, ouviam alguém da família Kuhlman cantando, enquanto um outro tocava o piano.[6]

Mesmo sendo considerada uma excelente professora dos jovens na igreja, a mãe de Kathryn ainda não havia passado pela experiência do novo nascimento; o que aconteceu somente em 1935, durante uma das reuniões de Kathryn, na cidade de Denver.

Certo dia, Kathryn convidou a mãe para assistir a uma de suas reuniões. Depois do término do primeiro culto, ela foi até a sala de oração, que ficava atrás do púlpito para orar pelas pessoas que haviam atendido ao apelo de entregar a vida ao Senhor Jesus. Algum tempo depois, sua mãe entrou na sala, dizendo que gostaria de conhecer a Cristo como a filha conhecia.

Kathryn, sufocada por lágrimas de alegria, se aproximou rapidamente e colocou suas mãos atrás da cabeça de sua mãe. E no exato momento em que seus dedos tocaram Emma, ela começou a tremer e, depois, a chorar. Era o mesmo tipo de tremor e choro que Kathryn lembrava ter experimentado ao lado de sua mãe, naquela pequena igreja Metodista, na cidade de Concórdia. Desta vez, entretanto, havia algo novo. A mãe de Kathryn levantou a cabeça e começou a falar; no início, bem devagar, depois, rapidamente. Todavia, as palavras não eram em inglês; eram claras, bem pronunciadas e em uma língua desconhecida.

"Chorando e rindo ao mesmo tempo, Kathryn caiu de joelhos ao lado da mãe... quando Emma abriu os olhos, procurou pela filha e a abraçou fortemente. E aquela era a primeira vez que Kathryn se lembrava de ser abraçada pela mãe."[7]

Depois daquela experiência, Emma Kuhlman não conseguiu dormir durante três dias e duas noites. Ela era uma nova criatura e pelo resto de sua vida, em Concórdia, ela desfrutou de uma doce e maravilhosa comunhão com o Espírito Santo.

A JOVEM EVANGELISTA

Uma das características das pessoas grandemente usadas por Deus é a sua disposição de deixar tudo para poder obedecer ao chamado divino. Em 1913, Myrtle Kuhlman, a irmã mais velha de Kathryn, casou-se com Everett Parrott, um evangelista jovem e de boa aparência, que estava terminando o seu curso no Instituto Bíblico Moody. Assim, Myrtle e seu esposo começaram um ministério com tendas. Aproximadamente dez anos mais tarde, em 1924, Kathryn e Myrtle convenceram seus pais que era a vontade de Deus que Kathryn viajasse com o casal.

Nessa época, os Parrott, cuja sede de seu ministério era no Oregon, foram apresentados ao Dr. Charles S. Price, que tinha um ministério de cura divina e foi ele quem lhes ensinou sobre o batismo com o Espírito Santo. Entretanto, mesmo tendo sido uma experiência maravilhosa, o casamento de Myrtle e Everett não era uma união feliz. E para piorar ainda mais as coisas, pressões financeiras vieram somar-se aos problemas já existentes.

Seria muito fácil para Kathryn sentir autopiedade, por causa dessas circunstâncias. Contudo, em vez disso, passou a se ocupar dos afazeres da casa dos Parrott, assumindo a lavagem de roupa, realizada na segunda-feira e passando-as na terça.

UM POUCO SOBRE O SEU CARÁTER

Durante esse tempo, juntamente com as lições sobre paciência na adversidade, Kathryn também aprendeu a não se entregar à autocomiseração. Mais tarde, muitas de suas mensagens foram baseadas em suas experiências pessoais de crescimento espiritual nessas áreas. Para Kathryn, a autopiedade e o egoísmo eram a mesma coisa. Obviamente que, desde a sua adolescência, ela determinou em seu coração que nenhum desses sentimentos teria qualquer lugar em sua vida, independentemente do que lhe acontecesse.

> "Tenha cuidado com a pessoa que não sabe dizer: 'Eu sinto muito', quer ela seja um membro de sua família, um colega de trabalho ou mesmo um funcionário seu. Você vai acabar percebendo que essa pessoa é muito egoísta."
>
> "Essa é a razão porque você já me ouviu dizer dez mil vezes que a única pessoa que Jesus não pode ajudar, a única pessoa para quem não existe perdão de pecados é aquela que não diz: 'Sinto muito pelos pecados que cometi.' ... Uma pessoa tão egoísta assim geralmente atrai doenças para si própria como se fosse um ímã."[8]

Ainda muito cedo em sua vida, Kathryn aprendeu que o egocentrismo, bem como todos os outros pecados a ele ligados, como a autopiedade, auto-indulgência e até mesmo o ter ódio de si mesmo levam a pessoa a fazer um juízo condenatório de si mesma. E isso impede a obra do Espírito Santo na vida dela.

Kathryn sempre disse que qualquer pessoa poderia experimentar a atuação do Espírito em sua vida, se ela estivesse disposta a pagar o preço. E "pagar o preço" não é uma experiência única; começa com um compromisso, uma determinação de seguir a Cristo cada dia de nossa vida.

Houve muitas vezes em que ela poderia ter escolhido não submeter-se à disciplina do Santo Espírito; contudo, felizmente para o corpo de Cristo dos dias de hoje, ela fez a escolha certa e é um exemplo para nós.

NÃO EXISTE MAIS NADA SOBRE O QUE EU POSSA PREGAR!

Kathryn passou cinco anos com sua irmã e cunhado, preparando o alicerce para o seu próprio ministério. Ela realizava os serviços da casa para aliviar algum peso que a sua presença pudesse trazer e também passava muitas horas lendo e estudando a Palavra de Deus.

Em 1928, a família Parrott chegou em Boise, no estado de Idaho. Nessa época, eles tinham sua própria tenda e ainda uma pianista, Helen Gulliford, trabalhando com eles. Entretanto, seus problemas conjugais continuavam aumentando. Por isso, eles decidiram que Everett iria para Dakota do Sul, e Myrtle, Helen e Kathryn permaneceriam em Boise, para dar continuidade ao trabalho ali.

Contudo, depois de duas semanas verificaram que as ofertas recolhidas não eram suficientes para pagar o aluguel do salão, do pequeno apartamento e ainda sobrar para a compra de alimentos. Estavam vivendo precariamente de pão e atum.[9]

Não demorou muito e Myrtle percebeu que sua única alternativa era ir ao encontro do marido. Kathryn e Helen não tinham nenhuma esperança de continuar viajando com os Parrott; então, assim como Paulo e Barnabé, na igreja do Novo Testamento, elas decidiram dividir a equipe. Um pastor de Boise lhes ofereceu a oportunidade de pregar em um pequeno salão de jogos, o qual havia sido transformado em uma missão - e foi ali que teve início o Ministério Kathryn Kuhlman.

Daquela missão proveniente de um salão de jogos, elas foram para Pocatello, Idaho, onde Kathryn pregava em um velho teatro lírico. O prédio estava sujo e precisou de uma boa faxina antes que elas pudessem usá-lo. E você pode imaginar quem é que fez a limpeza - a própria evangelista, é óbvio! De lá, elas foram para Twin Falis, no mesmo estado onde, no final do inverno, Kathryn escorregou no gelo e quebrou a perna. E embora o médico tenha lhe dito para não colocar o pé no chão por duas semanas, ela continuou pregando do mesmo jeito, tendo apenas o cuidado de manter o pé engessado. Kathryn nunca permitiu que algum problema em seu corpo físico servisse de empecilho, ou comprometesse a vontade de Deus para a sua vida.

Certa vez, ela disse o seguinte:

> "Depois daquela primeira mensagem que preguei em Idaho - sobre Zaqueu em cima da árvore - (e eu também, como ele, me achava meio enrolada em dificuldades), de uma coisa tive certeza: encontrava-me totalmente comprometida com o reino de Deus. Sentia Jesus muito real em minha vida e o meu coração estava firme no Senhor/'[10]

Lembrando daquela época, ela disse o seguinte, sobre o que sentiu depois de pregar quatro ou cinco sermões:

> "... fiquei pensando: 'Sobre o que mais eu posso pregar? Não **há** mais nada na Bíblia'. Eu **já** havia esgotado absolutamente todo o estoque de sermões. E do pouco que eu sabia, não conseguia pensar em mais nada sobre o que eu pudesse pregar."[11]

FIRME E FORTE NO ABRIGO DOS PERUS

Muitas vezes, naqueles primeiros anos, as acomodações eram absolutamente precárias. Certa vez, a família com a qual Kathryn deveria se hospedar, não tinha um lugar adequado para acomodá-la - até que se lembraram da "casa" dos perus. Ela sempre dizia que, se fosse preciso, dormiria, com todo o prazer, mesmo em uma pilha de palhas, por causa da grande necessidade que sentia de pregar a Palavra.

Inclusive, mais tarde, ela acharia engraçado o fato de que, naquela época, tinha disposição até mesmo para trancar as portas do salão de reuniões, para que ninguém saísse de lá enquanto ela não tivesse a certeza de que todos ali estavam salvos! E claro que isso era brincadeira dela; entretanto, ela ficava nos locais de reunião até altas horas, orando por qualquer um que desejasse oração.

E provável que outros lugares onde Kathryn ficou tenham sido mais limpos que aquele abrigo de perus mas, com certeza, não estavam tão quentinhos. Afinal, naquela época, não era comum os quartos de hóspedes possuírem sistema de aquecimento. Mais tarde, ela contou como costumava se encolher debaixo de uma grande pilha de cobertores, até que o lugar onde estava deitada ficasse quente. Depois, virava-se de bruços e estudava a Palavra de Deus durante horas.

Kathryn era uma pessoa totalmente entregue a Deus, e esse era o grande segredo do seu ministério. Seu coração era *firme* no Senhor e, por isso, ela decidiu ser leal a Ele e evitar entristecer ao Espírito Santo.

Em seus primeiros anos do ministério, Kathryn desenvolveu outras duas importantes características: dedicação e lealdade a Deus e ao Seu povo. Ela ampliou e aprofundou sua compreensão das coisas espirituais partindo da base de caráter que havia formado bem cedo na vida.

A LEALDADE DE KATHRYN

O que será que mantém uma pessoa fiel ao seu chamado? A resposta de Kathryn era: "lealdade".

> "A palavra ***lealdade*** tem bem pouco valor nos dias de hoje, pois ela quase não tem sido praticada... Trata-se de algo que não compreendemos... **é** como o amor: Você só pode entender quando o vê em ação. O ***amor é algo que você faz;*** e o mesmo **é** verdade com relação **à** lealdade. Significa fidelidade; significa sujeição; significa devoção."
>
> "... Meu coração **é** firme. Serei leal ao Senhor a qualquer custo, a qualquer preço. Lealdade **é** muito mais que um interesse casual por alguém ou por alguma coisa. E um compromisso pessoal. Em uma última análise, significa: Aqui estou; pode contar comigo. Eu não o decepcionarei."[12]

Em outras palavras, a verdadeira lealdade daqueles que são chamados para o ministério é expressa pela decisão deles de nunca se desviarem do chamado de Deus; não acrescente nada a isso e nem tire nada disso - apenas obedeça. De acordo com Kathryn, quando as pessoas começam a se dedicar aos seus próprios interesses, a lealdade delas para com o Senhor se volta para elas mesmas.

QUERO QUE A OBRA DE DEUS SEJA G - R - A - N - D - E !

Após pregarem por todo o estado de Idaho, Kathryn e Helen mudaram-se para o Colorado e depois de um avivamento de seis meses na cidade de Pueblo, elas chegaram a Denver. Quando ainda estavam em Pueblo, certo empresário, chamado Earl F. Hewitt, se juntou a elas para ser o administrador dos negócios. Naquele ano, 1933, a Depressão estava bastante severa: companhias estavam fechando as portas, milhões de pessoas desempregadas e as igrejas lutavam para permanecerem abertas.

Kathryn era uma evangelista itinerante sem o suporte financeiro de nenhuma denominação; entretanto, cria em um grande Deus cujos recursos são ilimitados. Ela acreditava que se alguma pessoa serve a um deus *limitado* financeiramente, então ela está servindo ao deus errado. Durante toda a sua vida ela viveu debaixo dos princípios da fé, e colocou em Deus toda a sua confiança.

E baseada nesses princípios, ela pediu a Hewitt que fosse a Denver e agisse como se eles tivessem um milhão de dólares. Quando ele lhe disse que, na realidade, eles tinham apenas cinco dólares, ela respondeu:

> "Ele [Deusl não está limitado ao que nós somos ou temos. Certamente o Senhor pode usar os nossos cinco dólares e multiplicá-los tão facilmente como multiplicou aqueles pães e peixes... Agora, vá para Denver e me consiga o local mais espaçoso que você puder, encha-o de cadeiras e providencie para Helen o melhor piano que encontrar. Depois, coloque um grande anúncio no jornal *Denver Post* e em todas as estações de rádio. Essa obra é de Deus e nós vamos fazê-la à maneira d'Ele - ou seja, GRANDE!"[13]

Assim, Hewitt confiou no que Kathryn disse e seguiu as suas orientações. O local que ele conseguiu era



Primeiros anos de ministério

um prédio que havia sido um depósito da Companhia Montgomery Ward. As reuniões tiveram a duração de cinco meses e durante esse tempo, eles ainda se mudaram para um outro depósito. Na primeira noite, o culto contou com uma freqüência de cento e vinte e cinco pessoas; já na segunda, o número era de quatrocentas. E, daí por diante, aquele lugar de reuniões ficava lotado todas as noites. Depois de cinco meses, Kathryn anunciou que iria encerrar as reuniões ali, mas o povo não aceitou. Um homem ofereceu-se para dar a entrada em um terreno onde pudessem construir um local permanente, em cujo topo colocariam uma placa com a seguinte frase: "A Oração Muda as Coisas".

As pessoas estavam sedentas pela Palavra de Deus; entretanto, o tema básico das mensagens era a salvação da alma. De tempos em tempos, quando Kathryn fazia o apelo no final dos cultos, havia pastores tendo a experiência do novo nascimento; aquele era um ministério de fé e esperança. Durante esse tempo, Helen organizou um coral de cem vozes e compôs a maioria dos hinos que eles cantavam.

Então, devido à grande aceitação do seu ministério em Denver, Kathryn concordou em permanecer um pouco mais ali. E já que tudo estava indo perfeitamente bem, começaram a procurar um lugar para construírem um local permanente para as reuniões. Entretanto, repentinamente uma tragédia abateu-se sobre ela.

A MORTE DO PAI

Em dezembro de 1934, Kathryn viveu o primeiro e maior trauma em toda a sua vida: seu amado pai morreu em um acidente. Por causa de uma tempestade de neve, ele havia caído na rua coberta de gelo e um carro o atropelou quando tentava se desviar dele.

Devido à tempestade, foi somente após várias horas que um amigo conseguiu entrar em contato com Kathryn, no Colorado. Depois de receber a notícia de que seu pai estava à beira da morte, ela pegou o carro imediatamente e começou a sua viagem para casa, dirigindo debaixo de uma intensa nevasca, indo de Denver, passando pelo Kansas e chegando em Missouri. Segundo ela, somente Deus sabe o quão rápido ela dirigiu naquelas estradas cobertas de gelo e com um grau de visibilidade quase zero.

No dia 30 de dezembro, ela chegou em Kansas City e ligou para casa, para dizer ao seu pai que estava quase chegando. Contudo, foi informada de que ele havia falecido bem cedo naquela mesma manhã.

Quando chegou em casa, já encontrou o corpo de seu amado pai em um caixão na sala de visitas, sendo velado pelos parentes e amigos, em uma tradicional vigília. O trauma foi mais do que Kathryn conseguia

suportar. E um grande sentimento de ódio começou a crescer dentro dela, contra o rapaz que atropelara seu pai.

"Eu sempre fui uma pessoa muito feliz, e papai havia contribuído em muito para que eu fosse assim. Mas agora ele não estava mais comigo, e em seu lugar ficaram estes estranhos sentimentos de medo e ódio; sentimentos até então desconhecidos para mim."

"Meu pai era o pai mais perfeito que qualquer garota poderia ter. Para mim, ele era alguém incapaz de errar. Ele era o meu ideal."

Kathryn havia saído de casa há mais de dez anos, voltando ao lar apenas algumas vezes durante esse tempo. E agora sabia que nunca mais teria a oportunidade de ter o seu pai presente em uma de suas reuniões, para ouvi-la pregar. Eli disse que o sentimento de ódio pelo jovem responsável pela morte do pai, ferve. dentro dela, e começou a vomitar esse veneno para todo mundo - até que chegou o dia do funeral.

"Sentada ali, no banco da frente daquela pequena igreja Batista, eu me recusava a aceitar a morte de papai. Isso não podia ser verdade... Então, um por um dos membros da família se levantou e dirigiu-se para o local onde estava o caixão, para prestar uma última homenagem a papai. Mamãe, minhas duas irmãs, meu irmão... apenas eu fiquei ali sentada."

"Então, o encarregado do enterro se aproximou de mim, e disse: 'Kathryn, você não gostaria de ver o seu pai mais uma vez, antes de eu fechar o caixão?'

"E de repente eu estava em pé, na frente da igreja, olhando para baixo - meus olhos fixados não no rosto do meu pai, mas em seus ombros; aqueles ombros onde eu tantas vezes havia me debruçado... Então eu me inclinei sobre o caixão, e coloquei a minha mão suavemente em seu ombro. E assim que o toquei, alguma coisa aconteceu dentro de mim. Tudo o que os meus dedos acariciaram foram um monte de roupas... tudo ali dentro daquele caixão era simplesmente descartável; muito amado um dia, mas colocado de lado agora. Meu querido pai não estava mais ali.

"... Aquela foi a primeira vez que o poder do Cristo ressurreto veio verdadeiramente sobre mim. De repente, eu não tinha mais medo da morte... e assim que o meu medo desapareceu, também o meu ódio se foi. Agora eu sabia que papai não havia morrido... ele estava vivo!"[14]

REVIGORADA E SORRIDENTE

Kathryn retornou a Denver com um novo entendimento e uma nova compaixão. E logo que ela voltou, encontraram um prédio e começaram a reforma em fevereiro de 1935. Em 30 de maio desse mesmo ano, o Tabernáculo do Reavivamento de Denver abriu as suas portas com uma enorme placa de *neon* em cima, com os dizeres: "A ORAÇÃO MUDA AS COISAS". O auditório comportava duas mil pessoas sentadas e o nome do tabernáculo podia ser visto de uma grande distância. Durante os próximos quatro anos, milhares de pessoas dos arredores freqüentaram as reuniões de Kathryn Kuhlman ali naquele local. Os cultos eram realizados todas as noites da semana, exceto na segunda-feira.

Aquele centro de avivamento logo se transformou em uma igreja organizada; contudo, não era afiliado a nenhuma denominação. Algum tempo depois, começaram a realizar a escola dominical e também colocaram ônibus especiais para trazer as pessoas para as reuniões. Realizavam ainda trabalhos em prisões e em casas de idosos. Mais tarde, Kathryn começou um programa de rádio, chamado "Sorria Sempre".

Em 1936, muitos músicos e pregadores ministraram no Tabernáculo do Reavivamento de Denver; entre eles, estava Raymond T. Richey, um proeminente evangelista que passou três semanas ali na igreja. Richey fora um importante pioneiro nos primórdios dos avivamentos com ênfase em cura, na América do Norte.

Kathryn classificou o trauma causado pela morte de seu pai como "o seu vale mais profundo". Entretanto, houve outra experiência que provaria ser quase tão profunda como aquela.

O COMEÇO DE UM ERRO!

Em 1935, um evangelista chamado Burroughs A. Waltrip, da cidade de Austin, Texas, foi convidado para pregar no Tabernáculo. Ele era um homem muito bonito e oito anos mais velho que Kathryn, e logo os dois estavam totalmente atraídos um pelo outro.

O único problema era que ele era casado e tinha dois filhos pequenos. Kathryn parecia ignorar a voz do Espírito Santo falando dentro dela que aquele relacionamento era um grande erro. Pouco tempo depois de sua primeira viagem a Denver, Waltrip divorciou-se de sua esposa e disse para todos que tinha sido ela quem o havia deixado. Contudo, sua ex-esposa, Jessie, contou que ele dizia que se alguém não ama o seu cônjuge na ocasião do casamento, então não havia aliança, e que isso deixava a pessoa livre para se divorciar e casar-se novamente com outra pessoa. Depois que Waltrip deixou a sua esposa, ele jamais voltou para casa, e seus dois filhos nunca mais viram seu pai novamente.[15]

UM ERRO CHAMADO "MISTER"

Depois de abandonar a sua família, Waltrip mudou-se para Mason City, Iowa, se apresentando como um homem solteiro; sua intenção era começar um centro de avivamento chamado Radio Chapei. Ele era conhecido como um evangelista dramático e sensacionalista, e começou um programa radiofônico transmitido diariamente de dentro da própria igreja. Kathryn e Helen vieram para aquela cidade com a intenção de ajudá-lo a levantar fundos para o seu ministério.

E não demorou muito para que o envolvimento romântico entre Kathryn e Waltrip, a quem ela chamava pelo apelido de "Mister", se tornasse público. Helen e outros amigos de Kathryn, da cidade de Denver, a aconselharam veementemente a não se casar com o evangelista; entretanto, ela dizia que se a ex-esposa o havia abandonado, então ele era livre para se casar novamente.

Deve ficar bem claro aqui que nem os detalhes da separação de Waltrip de sua esposa, nem o envolvimento de Kathryn com ele são muito claros. Aqueles que amavam e valorizavam o ministério dela preferiram manter esse assunto em segredo. Obviamente criam que Deus a havia perdoado de qualquer erro nesse relacionamento; sendo assim, os detalhes não eram importantes.

Em 16 de outubro de 1938, Kathryn anunciou para a sua congregação em Denver que estava planejando unir seu ministério com o do "Mister", em Mason City, "owa. Dois dias depois, no dia 18 de outubro, quase um ano e quatro meses depois da homologação do divórcio de Waltrip, ele e Kathryn se casaram secretamente na cidade de Mason City.

QUAL É O PROBLEMA, AFINAL?

Gostaria de esclarecer algo aqui. O problema não era o divórcio em si. É claro que esse assunto é uma grande questão entre muitos religiosos e suas denominações farisaicas; mas não o é para Deus. Ele coloca esse assunto de uma forma muito simples no Novo Testamento, onde encontramos que existem duas razões para o divórcio. A primeira delas é se um dos cônjuges repetidamente se envolve em imoralidades; a outra é quando uma das partes abandona o casamento. Se um dos cônjuges é vitima de uma dessas duas situações, diante de Deus ele está livre e tem a bênção para se casar novamente. Caso você tenha feito alguma decisão a respeito do divórcio, que não esteja de acordo com as Escrituras, quero lhe dizer que existe perdão e restauração da parte de Deus, e um novo e puro recomeço à sua espera. Algumas pessoas que se julgam muito justas, e mesmo algumas denominações podem até não lhe permitir um novo começo, mas se você buscar a Deus, Ele irá ajudá-lo.

Kathryn se viu envolvida em uma situação onde havia claramente a operação de um espírito de mentira e engano. Waltrip deixou sua esposa no Texas e divorciou-se dela, o que foi o seu primeiro erro. Depois, tentou esconder sua atitude errada adotando uma doutrina enganosa, mentindo para aqueles que estavam ao seu redor. Desde o início, a união Kuhlman-Waltrip foi algo *totalmente erradol*

ELA QUASE FEZ ISTO...

Kathryn escolheu acreditar na história desse homem que disse que sua esposa o havia abandonado. Entretanto, durante todo o tempo em que ela fazia os planos para o seu casamento, seu coração estava inquieto; ela simplesmente não conseguia ter paz de espírito. A maioria das pessoas dizia que "Mister" não amava Kathryn; o que ele amava era a habilidade que ela tinha de atrair as pessoas e de levantar recursos financeiros. Ele era conhecido pelo seu espírito ganancioso e estilo de vida extravagante. Quando se casou com Kathryn, havia pessoas de oito estados "atrás dele" por causa de dívidas.

Até mesmo a mãe de "Mister" implorou para que Kathryn não se casasse com o seu filho. Ela tinha esperanças de que ele iria cair em si e voltar para sua antiga esposa e filhos. Diante de tudo isso, você deve estar perguntando: "Então, *por que* Kathryn foi em frente com esse casamento?"

Antes da data do casamento em Mason City, Kathryn discutiu esse assunto com suas amigas, Lottie Anthony e Helen. Lottie lembrou a Kathryn que ela havia dito: "Eu simplesmente não consigo descobrir qual é a vontade de Deus com relação a este assunto" e, por isso, as amigas tentaram convencê-la a esperar ter a paz de Deus sobre o seu casamento. Ela porém, não deu ouvidos a esses conselhos.

Quando as três mulheres chegaram em Des Moines, a caminho de Mason City, Helen disse para Kathryn que não iria continuar com ela nesta história de casamento e ficou no hotel. Lottie concordou com Helen e também se recusou a participar da cerimônia.

Todavia, Kathryn encontrou uma outra amiga que aceitou servir de testemunha de sua união com Waltrip. Durante a oficialização do casamento, Kathryn desmaiou e o noivo a ajudou a recobrar os sentidos, para que pudesse terminar de fazer os votos. A decisão deliberada de dar um passo fora da vontade de Deus certamente estava pesando muito sobre ela.

Quando os recém-casados voltaram da cerimônia para Des Moines, Kathryn fez algo muito estranho. Depois que o casal se registrou no hotel, ela se recusou a ficar com o seu marido. Sua amiga íntima, Lottie Anthony, contou que ela correu para o carro e dirigiu até o outro hotel, onde as duas amigas estavam hospedadas.

Quando chegou no quarto delas, Kathryn sentou-se e chorou, admitindo que havia cometido um grande erro se casando, e que iria pedir a anulação. Então Lottie ligou para Waltrip, informando-o dos planos da amiga. Quando ele lamentou o fato de estar perdendo sua esposa, Lottie retrucou em tom ríspido: "Para início de conversa, ela nunca foi sua!"

As três mulheres deixaram Des Moines, com a esperança de conseguirem explicar a situação para a congregação em Denver. Entretanto, eles não lhes deram a menor chance. Afinal, estavam furiosos com Kathryn por ter tratado aquela questão com falta de maturidade e por ter se casado em segredo. Lottie disse a eles que, com aquela atitude, a congregação de Denver a estava "mandando de volta para os braços de Waltrip".[16]

SONHOS DESPEDAÇADOS

A obra que Kathryn havia construído com tanto empenho durante aqueles últimos cinco anos, rapidamente se desintegrou. Hewitt comprou a parte dela no prédio e Helen foi trabalhar em uma igreja menor, ali mesmo em Denver. O "rebanho" havia se dispersado. Por causa desse grave erro, Kathryn perdeu a sua igreja, seus amigos mais chegados e o seu ministério. Até mesmo o seu relacionamento com Deus foi prejudicado porque ela colocou "Mister" e seus desejos acima de sua paixão pelo Senhor.

Kathryn Kuhlman, a mulher que alguns veneravam como uma "perfeita santa" era, na verdade, um ser humano e estava sujeita às mesmas tentações de qualquer mortal. Ela era uma grande mulher de Deus, mas *o que a tornou grande foi a sua determinação e as atitudes que tomou para consertar o seu erro.* Além de enfrentar os olhares atravessados, os cochichos e a rejeição generalizada, Kathryn precisou de uma enorme fé e de uma determinação obstinada para restaurar o seu ministério. Dizem que os erros que ela cometeu resultaram na poderosa revelação que se percebia em seus sermões a respeito de tentação, perdão e vitória.

Contudo, isso não aconteceu da noite para o dia. Durante oito anos Kathryn viveu praticamente no esquecimento, se comparado ao ministério de grande abrangência que havia tido. Foram seis anos de casamento, e os outros dois tentando encontrar um caminho para voltar ao ministério de tempo integral.

Alguns amigos que viajaram até Mason City para visitar Kathryn no ano em que ela morou ali, disseram que ela ficava sentada na plataforma, atrás do seu marido e. enquanto ele pregava, ela chorava.

Quando as pessoas de Mason City ficaram sabendo da mentira de Waltrip a respeito de seu primeiro casamento, pararam de freqüentar seus trabalhos e a Radio Chapei logo teve de fechar as suas portas. As poucas vezes que Waltrip permitiu que Kathryn pregasse sozinha foram nos lugares onde ninguém sabia que ela era casada. Sabe-se que, pelo menos uma vez, uma série de reuniões foi cancelada na última hora, depois que o pastor que havia convidado Kathryn ficou sabendo, por intermédio de um membro de sua igreja, que ela era casada com um homem divorciado.[17]

A DOR DE SENTIR-SE MORRENDO

Kathryn deixou Waltrip em 1944, durante o tempo em que eles estavam morando em Los Angeles, mas ele não lhe deu o divórcio até 1947.

Em uma das raras ocasiões em que ela falou sobre aqueles anos, e sobre o que havia acontecido, disse o seguinte:

> "Eu tive de fazer uma escolha: serviria ao homem que eu amava, ou a Deus? Eu sabia que não poderia servir a Deus e continuar vivendo com Mister. Ninguém jamais conhecerá a dor de sentir-se morrendo, como eu a conheço, pois o meu amor por ele era maior que o meu amor pela própria vida. E, por algum tempo, creio que cheguei a amá-lo mais que a Deus. Entretanto, finalmente eu disse a ele que precisava deixá-lo, pois o Senhor nunca havia me liberado do meu chamado inicial. Não era só a questão de viver com ele, mas de ter de viver com minha consciência, e o peso que o Espírito Santo colocava sobre mim era quase insuportável. Eu já estava cansada de ficar justificando a mim mesma." [18]

Em uma de suas últimas aparições, em uma sessão de perguntas e respostas, um jovem perguntou a Kathryn como ela "encontrou sua morte". Ele já havia ouvido falar sobre essa morte várias vezes. Então ela respondeu-lhe:

> "Ela veio por meio de uma grande decepção, um enorme desapontamento, que me fizeram sentir como se todo o meu mundo houvesse desmoronado. Não é o que nos acontece que importa, mas o que fazemos depois, com aquilo que nos aconteceu. E aqui a gente chega outra vez na questão da vontade de Deus para nós."
>
> "Naquela época, eu achava que o que havia acontecido comigo era a maior tragédia de toda a minha vida. Acreditava, sinceramente, que nunca mais seria capaz de me levantar. Nunca. Alguém que nunca tenha passado pela morte jamais entenderá sobre o que estou falando... Hoje eu sinto que toda aquela situação era parte da perfeita vontade de Deus para mim."[19]

Por diversas vezes Kathryn comentou o quanto havia sofrido naquela situação, por causa do ministério. Entretanto, várias outras pessoas também sofreram muito; entre elas podemos citar a esposa que fora abandonada no Texas, com dois filhos pequenos, precisando urgentemente de uma explicação do porquê eles nunca mais veriam o pai. Aquela prova trouxe grande dor no coração para todos os que conheciam e amavam o casal.

OS DOIS LADOS DA MOEDA

Entretanto, desde o momento em que Kathryn Kuhlman tomou a decisão de deixar toda aquela triste situação para trás e retomar o seu ministério, ela nunca vacilou em atender ao seu chamado ministerial. Kathryn nunca mais se desviou do caminho que o Senhor havia preparado para ela e jamais tornou a ver o "Mister". A evangelista comprou uma passagem para Franklin, Pensilvânia e nunca mais voltou.

Kathryn teve a sua vida com Deus totalmente restaurada. Embora aqueles tenham sido tempos difíceis para ela, as bênçãos de Deus logo tornaram a vir sobre a sua vida. O destino de Waltrip, por outro lado, é incerto. Ele simplesmente desapareceu de vista, e não voltou a entrar em contato nem mesmo com a sua família. Segundo sua ex-esposa, Jessie, foi só alguns anos mais tarde que James Waltrip, o irmão de Burroughs, descobriu que ele havia morrido em uma prisão da Califórnia, onde cumpria pena por ter roubado dinheiro de uma mulher.[20]

FORA DA TOCA

Aparentemente ninguém sabe dizer, com certeza, por que Kathryn escolheu a cidade de Franklin, no estado da Califórnia, para começar ali o seu "retorno". Franklin era uma cidade de minas de carvão, fundada por imigrantes alemães. Talvez tenha sido por se sentir em casa ali, ou talvez porque seus moradores a tivessem aceitado; independentemente de qual tenha sido a razão, o fato é que deu certo!

E da Pensilvânia ela viajou pelos estados do meio oeste e do sul, West Virgínia, Virgínia e Carolina. Em alguns desses lugares ela foi rapidamente aceita; em outros, entretanto, seu passado logo vinha à tona e os dirigentes cancelavam as reuniões. E no estado da Geórgia, um jornal ficou sabendo da história a respeito do seu casamento com um homem divorciado, e publicou uma matéria sobre isso. Assim, Kathryn achou melhor cancelar suas reuniões ali e pegar um ônibus de volta para Franklin.

Em 1946, Kathryn saiu do seu "deserto" e mudou-se para a "terra prometida" do seu verdadeiro ministério. Após um *tour* sem sucesso pelo Sul, ela foi convidada para ministrar uma série de reuniões no Tabenáculo do Evangelho, com capacidade para mil e quinhentas pessoas sentadas, localizado ali mesmo na cidade de Franklin, Pensilvânia. O Tabernáculo havia se tornado muito conhecido desde que Billy Sun-day havia pregado lá. E as reuniões ministradas por Kathryn naquele local foram tão maravilhosas que até parecia que aqueles últimos oito anos conturbados de sua vida nunca tinham existido.

AS MUITAS VOZES

Não muito depois de ter iniciado as reuniões no Tabernáculo, Kathryn começou a apresentar um programa diário na Radio WKRZ, na cidade de Oil City, Pensilvânia. A aceitação dos ouvintes foi tão grande que dentro de poucos meses ela acrescentou uma outra estação em Pittsburgh. E em vez de ter sido esquecida, Kathryn agora tinha a sua caixa de correios simplesmente inundada de cartas. Não demorou muito e a estação de radio da cidade de Oil City teve de impedir a entrada de visitantes no estúdio, pois eram tantos que estavam atrapalhando o trabalho dos funcionários.

A Segunda Guerra Mundial havia terminado há pouco, e alguns artigos ainda eram muito escassos. Certo dia, Kathryn casualmente mencionou durante o seu programa que havia estragado o seu último par de meias finas; em pouco tempo, a estação simplesmente transbordou de pacotes de meias de *nylon.*

Naqueles dias, próximos ao fim da guerra, houve um mover do Espírito Santo para restaurar o corpo de Cristo, por intermédio do dom de cura. O grande avivamento de cura divina estava no seu auge, e curas maravilhosas estavam sendo realizadas através do ministério de homens tais como Oral Roberts, William Branham e, por último, Jack Coe. Gordon Lindsay fundador da revista *The Voice ofHealing* (A voz da cura), e do Instituto Bíblico Cristo Para as Nações publicou, na referida revista, matérias sobre esses grandes avivalistas.

Nessa época, Kathryn orava principalmente para as pessoas receberem a salvação. Entretanto, ela já começava a orar pelos enfermos e a impor as mãos para que fossem curados. Embora ela não gostasse da expressão "curadores pela fé", ela freqüentou essas reuniões na esperança de aprender mais a respeito desse fenômeno de Deus. Ela não tinha a menor idéia de que um "ministério de cura" iria conferir a ela fama internacional.

Depois de ter observado várias reuniões realizadas em tendas, onde o povo buscava a cura, Kathryn adquiriu uma compreensão muito maior sobre o assunto. E embora ela ainda tivesse muitas perguntas sem respostas a respeito de cura divina, resolveu estabelecer um padrão para o seu ministério:

> "Bem no início de meu ministério, eu estava muito preocupada com muito do que vi acontecendo no campo da cura divina. Eu estava confusa com tantos métodos que eram empregados, e aborrecida com a maneira pouco sábia de ministrar; nenhuma delas eu poderia associar, de maneira alguma, nem com a ação do Espírito Santo, e nem com a natureza de Deus."
>
> "... Até hoje, não há nada mais repulsivo para mim do que a falta de sabedoria... Se tem uma coisa que eu não suporto é fanatismo - essa manifestação da carne que traz vergonha a algo que é tão maravilhoso, tão sagrado."[21]

E Kathryn falava ainda da dor que sentia em seu coração quando estava presente em algumas dessas reuniões. Pelo resto de sua vida, ela exortou as pessoas a manterem o foco em Jesus e a se concentrarem unicamente n'Ele. Depois de assistir a uma reunião evangelística em uma tenda, na cidade de Erie, Pensilvânia, ela disse:

> "Eu comecei a chorar e simplesmente não conseguia parar. Aquelas expressões de desespero e desapontamento que eu vi no rosto daquelas pessoas, ao ouvirem que era a sua falta de fé que os estava mantendo afastados de Deus, me perseguiriam durante semanas. Será que era este o Deus de toda a

misericórdia e grande compaixão? Eu saí daquela tenda e, com lágrimas quentes escorrendo pelo meu rosto, olhei para cima e clamei: Eles levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram."[22]

É interessante notar que Kathryn Kuhlman tenha preferido não associar o seu ministério com a publicação *Voice ofHealing,* de Gordon Lindsay. Aquela revista era o veículo promocional dos evangelistas de cura divina daquela época; entretanto, mesmo assim, Kuhlman decidiu que não faria parte dela. Muitos daqueles evangelistas eram honestos e sinceros, contudo, outros se voltaram para o sensacionalismo e adotaram métodos questionáveis em seus ministérios.

OS MILAGRES ACONTECEM!

A partir do momento em que Kathryn viu na Palavra de Deus que a cura divina estava à disposição do crente, exatamente como a salvação, ela começou a entender o relacionamento do cristão com o Espírito Santo. Assim, em 1947 ela começou a ensinar sobre o Espírito de Deus. Algumas das coisas que ela disse durante a primeira noite de ensino, foram revelações até mesmo para ela. Mais tarde, ela contou que esteve acordada durante toda aquela noite, orando e lendo mais a Palavra.

A segunda noite de reuniões foi uma ocasião muito significativa, quando uma pessoa ali presente testemunhou ter sido curada em uma de suas reuniões. Uma mulher se levantou e contou que, enquanto Kathryn pregava na noite anterior, ela havia sido curada. Sem que ninguém impusesse as mãos sobre ela, e sem que Kathryn sequer soubesse o que estava acontecendo, aquela mulher havia sido curada de um tumor. Antes de ir para a segunda reunião, aquela senhora havia ido ao médico para que ele confirmasse a sua cura.

E no próximo domingo depois daquele testemunho, um segundo milagre aconteceu. Um veterano da Primeira Guerra Mundial, que por causa de um acidente industrial havia perdido completamente a visão de um olho, atingido por um estilhaço de ferro quente, e cujo segundo olho havia sido declarado legalmente cego, recuperou 85% da capacidade de visão do olho danificado e toda a visão do segundo olho.

TUBARÕES, DELEGADOS E GLÓRIA

Uma vez que as curas e os milagres começaram a acontecer, as multidões no Tabernáculo eram ainda maiores que as reunidas por Billy Sunday. Deus começou a prosperar grandemente o ministério de Kathryn, mas os adversários também começaram a se levantar, com a intenção de enfraquecer a obra e o fluir do Espirito nc ministerio dela.

E o ataque veio através de M. J. Maloney e do conselho curador do Tabernáculo. Maloney insistia em que deveria receber uma certa porcentagem de toda a renda dc ministério, inclusive das entradas que resultavam do programa de rádio e das contribuições enviadas pelos ouvintes. Kathryn se recusou e Maloney ameaçou processá-la.

Uma das ocorrências desse confronto foi que Maloney lacrou as portas do tabernáculo, impedindo Kathryn de utilizá-lo. A batalha travada por ela e seus seguidores. basicamente trabalhadores em minas de carvão, e Maloney e seus homens, resultou na quebra do cadeado da entrada do prédio por parte dos seguidores dela para que os cultos continuassem. Esse desentendimento só teve fim quando as pessoas que financiavam o ministério de Kathryn levantaram 10 mil dólares e compraram uma velha pista de patinação, localizada nas imediações do Sugar Creek. Eles deram o nome àquela pista de Templo da Fé. O novo local de reuniões era duas vezes maior que o prédio de Maloney e ficou lotado desde o primeiro culto realizado ali.

Ironicamente, durante o ano agitado e crucial de 1947, outro fato interessante aconteceu. Certa noite, Kathryn ouviu alguém batendo na porta de seu apartamento. Quando ela abriu, em sua frente estava o delegado, vestido à paisana. Vinha comunicar que o marido dela havia entrado com uma ação de divórcio no estado de Nevada. Naquela manhã haviam chegado documentos judiciais ao escritório dele. nos quais ela aparecia como a parte acusada.

Kathryn abaixou os olhos e viu os papéis nas mãos do xerife; sua cabeça permaneceu abaixada. Vendo a sua vergonha e desapontamento, o delegado se aproximou e tocou em seu braço, pois ele vinha freqüentando as reuniões de Kathryn e sabia que ela havia sido enviada por Deus àquele lugar. E ciente de que processos de divórcio entre pessoas famosas eram geralmente passados para a imprensa para divulgação, o delegado havia mantido os documentos em segredo para entregá-los pessoalmente.

E o delegado ainda teve o cuidado de assegurá-la de que ninguém, além deles dois, jamais ficaria sabendo desse processo. Kathryn disse a ele que lhe seria grata pelo resto de sua vida.

A bondade daquele homem poupou Kathryn de muitas dores de cabeça. Sete anos mais tarde, alguns repórteres descobriram sobre isso, mas, naquele tempo, o ministério dela já estava tão bem estabelecido que não poderia ser afetado por notícias tão antigas.

Grandes reuniões de cura divina continuaram sendo realizadas naquele ringue de patinação reformado e outros locais foram inaugurados nas cidades vizinhas; um deles era no Auditório Stambaugh, em Youngstown, Ohio. Finalmente o Espírito Santo havia encontrado um ministério que não iria tentar receber os créditos pelos Seus feitos, e nem a glória pelos resultados de Sua operação.

Uma antiga secretária relembra:

> "A senhorita Kuhlman era muito sensível ao Senhor. Certo dia eu permaneci no Tabernáculo após a reunião, e pude ver dentro da sala do rádio; lá estava ela, ajoelhada, louvando a Deus pelo culto, sem saber que alguém a observava." sa da publicidade que havia em torno dos cultos de milagres. A Fundação Kathryii Kuhlman, com base em Pittsburgh, sustentava pastores nacionais em mais de vin:e igrejas localizadas em campos missionários no exterior.

Muitos a chamavam de "pastora" por causa do amor e do respeito que tinham pc: ela, mas Kathryn nunca foi ordenada ao ministério. Depois de seu tempo em Denver ela nunca mais pastoreou nenhuma igreja. Ela dizia que não havia sido chamada para desenvolver um dos cinco ministérios básicos, isto é, um daqueles mencionados em Efésios 4.11. Ela caminhou na simplicidade de ser apenas "uma serva" do Senhor.

Aqueles que estavam mais próximos de Kathryn disseram que, desde o início d£ seu ministério, ela anunciou que seria a próxima Aimée Semple McPherson, a fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular. Aimée era definitivamente um exemplo para ela. Quando a glamourosa "Irmã" construiu o Templo Angelus, durante o período de sua maior popularidade, Kathryn estava presente. Dizem alguns que ela freqüentou a escola bíblica de Aimée e sentou-se na galeria de sua igreja, assimilando cada aspecto das mensagens ungidas e a dramaticidade da "Irmã". Diferentemente dos demais estudantes da Escola Bíblica L.I.F.E, ao terminar o seu curso bíblico, Kathryn teria preferido não permanecer com a Igreja do Evangelho Quadrangular; escolhendo um caminho independente.

E interessante notar que Rolf McPherson, o filho de Aimée, não se lembra de Kathryn Kuhlman entre os alunos da escola fundada por sua mãe.[25]

Embora nunca tenha conhecido pessoalmente Aimée, os efeitos do seu ministério ficaram marcados em Kathryn. Contudo, havia uma grande diferença entre as duas: Aimée ensinava que as pessoas deviam buscar o batismo no Espírito Santo; Kathryn entendia que "buscar o batismo" era uma prática que provocava divisão. Ela era pentecostal, mas não fazia disso um ponto de debates. As pessoas sempre comparavam Kathryn com Aimée, mas foi somente seis anos depois da morte prematura da fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular que Kathryn começou a aparecer no noticiário nacional.[26]

UMA IGREJA NA MÍDIA

As mensagens de Kathryn foram ouvidas em todos os Estados Unidos e em muitos lugares além-mar, através das ondas curtas do rádio. Parecia que a América mal podia esperar para ouvir aquela voz calorosa e agradável perguntar aos ouvintes, no início de cada um de seus programas: "Olá, pessoal... estavam esperando por mim?"

Seus programas de rádio não tinham um tom religioso ou enfadonho; pelo contrário, o programa fazia a pessoa sentir-se como se a própria Kathryn Kuhlman tivesse passado para tomar um cafezinho. Ela ministrava aos seus ouvintes que estavam necessitados, preocupados e feridos, e suas palavras de encorajamento mudavam a vida daquelas pessoas. Com freqüência ela soltava uma risadinha, fazendo com que seu ouvinte se sentisse como se houvesse acabado de ter uma conversa bem sincera e honesta com ela. Se ela sentia vontade de chorar, chorava; se sentia vontade de cantar, cantava. Ela tinha a habilidade de ministrar no rádio exatamente como o fazia em seus cultos públicos. E não são muitos os que têm essa habilidade; mas ela tinha. A pedido dos ouvintes, por seis anos após a sua morte, a Fundação Kuhlman disponibilizou para outras estações de rádio todas as gravações das pregações que ela havia feito para os seus programas radiofônicos.

Durante mais de oito anos antes de sua morte, seu programa semanal televisivo foi transmitido nacionalmente. Naquela época, era o programa de meia hora de duração mais antigo produzido nos estúdios da CBS, embora não fosse ao ar por essa emissora.

TUDO TINHA DE SER FEITO À MANEIRA DE KATHRYN

Suas reuniões foram transferidas do Carnegie Hall para a Primeira Igreja Presbiteriana em Pittsburgh e, durante anos, alguns dos maiores estudiosos da Bíblia daquela cidade freqüentaram essas reuniões. Nos seus últimos dez anos de vida, Kathryn realizava reuniões mensais no Auditório Shrine, em Los Angeles, onde ela ministrou a milhares e onde centenas receberam a cura divina. Ela também pregou em grandes igrejas, conferências e reuniões internacionais, e gostava particularmente de ministrar para os membros da Associação Internacional dos Homens de Negócios do Evangelho Pleno, uma organização fundada por Demos Shakarian, na cidade de Los Angeles.

Foi somente muitos anos mais tarde que Kathryn consentiu em integrar os cultos de milagres com outros tipos de conferências. Ela achava que as restrições de uma conferência, com horários pré-estabelecidos e tempos muito limitados, poderiam reprimir a ação do Espírito Santo, que era parte importantíssima em suas reuniões.

Caso algum outro grupo quisesse que ela falasse em uma de suas reuniões, precisava ajustar o seu programa para se adequar ao estilo dela. Afinal, ela sabia que Deus a havia chamado para ministrar de uma certa forma e, por isso, não iria mudar em nada. Se ela achasse que não teria liberdade, ou que pessoas "questionáveis" estariam presentes e que talvez, pudessem "manchar" seu ministério, cancelava na hora. As pessoas costumavam dizer que mesmo "aqueles que estavam no comando de algum evento, não estavam realmente à frente" quando Kathryn estava na programação.[27]

ELA MORRIA MIL VEZES

Kathryn nunca pregava contra fumar ou beber bebidas alcoólicas. E óbvio que ela não defendia esses vícios, mas também se recusava a fazer distinção entre as pessoas. Além do mais, ela não gostava nada da maneira que alguns evangelistas ministravam sobre cura divina. Kathryn achava que o que faziam era "errado" e não suportava esse tipo de ministério.

Ela jamais dizia que a doença era do diabo e evitava o assunto; preferia chamar a atenção do povo para o fato de como Deus era tremendo. Ela acreditava que se conseguisse voltar os olhos das pessoas em direção ao Senhor, então todas as demais coisas se ajeitariam. No começo de seu ministério, Kathryn costumava encorajar as oessoas a deixarem as suas denominações; entretanto, no final, ela mudou sua posição e as incentivava a que retornassem às suas igrejas, para serem uma luz brilhante **e** uma força restauradora no meio delas.[28]

Dizem que a vida de Kathryn era uma constante oração. Por estar sempre viajando, ela não tinha como ter tempos normais de devoção e, por isso, aprendeu a fazer de qualquer lugar onde estivesse, o seu lugar de orações. Antes de suas reuniões, ela era vista "andando de cima para baixo, cabeça ora erguida, ora abaixada, braços estendidos para cima, mãos entrelaçadas atrás, nas costas", seu rosto geralmente banhado em lágrimas. Parecia que ela estava suplicando ao Senhor, dizendo: "Querido Jesus, não retires o Teu Santo Espírito de mim."[29]

Embora uma oração tão profunda assim pudesse parecer algo muito íntimo, não era essa a visão de Kathryn. Muitas vezes, durante essas orações, ela era interrompida por alguém perguntando algo que ela precisava responder e, logo em seguida, ela retornava ao mesmo tom profundo que estava usando no momento da interrupção. Oral Roberts descreveu o relacionamento dela com o Santo Espírito da seguinte maneira:

> "Era como se eles estivessem conversando um com o outro; e você não seria capaz de dizer quando Kathryn começava a falar, e quando era a vez do Espírito Santo. Era uma completa unidade."[30]

Pessoas de todos os tipos e de todas as denominações vinham para as reuniões de Kathryn: católicos, episcopais, batistas, pentecostais, bêbados, doentes, os que estavam à beira da morte, o muito espiritual e o

descrente. E Kathryn sabia que ela era o vaso que Deus usaria para levá-los ao Senhor. De certa forma, ela conseguia transpor qualquer barreira e trazer a todos para o mesmo nível de entendimento. Mas como será que ela conseguia fazer isso? Creio que era porque ela vivia em uma total e completa dependência do Espírito Santo. Ela sempre dizia: "Eu morro mil vezes antes de cada culto."[31]

Por ser uma evangelista ecumênica, Kathryn nunca permitia a manifestação **do** don de línguas, de interpretação ou de profecia durante os seus cultos. Se alguém repetidamente falasse em línguas alto o suficiente para perturbar o culto, ela pedia que tal pessoa fosse discretamente retirada da reunião. Ela cria em todos os dons **do** Espírito, mas não queria fazer nada que atrapalhasse ou desviasse algum visitante de adquirir uma fé simples em Deus.

Entretanto, ela dava total liberdade para "cair pelo poder do Espírito". Muitos vieram a crer no poder maravilhoso de Deus simplesmente por ter estado debaixo dessa manifestação. E Kathryn explicava esse fato dizendo o seguinte:

> "A única coisa que posso dizer é que nosso ser espiritual não está preparado para receber o poder de Deus em sua plenitude; assim, quando nos conectamos a esse poder, simplesmente não conseguimos resistir a ele. Nossa "fiação" espiritual é para baixa voltagem, e Deus, através do Espírito Santo, é alta voltagem."[32]

Uma outra característica de Kathryn era que ela nunca deixava a plataforma, mesmo quando os músicos estavam ministrando ou algum solista cantando. Geralmente ela ficava do lado, mas sempre permanecia à vista do público, em pé, sorrindo e com as mãos estendidas em direção ao Senhor.

Ela estava consciente de que, um dia, estaria na presença de Deus e teria de prestar contas de seu ministério a Ele. Kathryn nunca achou que fosse a primeira opção de Deus para aquele ministério; segundo ela, o Senhor havia chamado um homem para fazê-lo, mas este não esteve disposto a pagar o preço. Na realidade, ela não estava muito certa de ser a segunda ou a terceira escolha de Deus; entretanto, sabia que havia respondido "sim" para o Senhor. Seu ministério se destacou como sendo um dos mais importantes, se não *o* mais importante, do Movimento Carismático.

DEMAIS PARA SEREM ENUMERADOS

Quais foram alguns dos milagres mais marcantes? Embora tenha havido milhares e milhares de milagres, os mais maravilhosos entre todos, na concepção de Kathryn Kuhlman, eram os que levavam a pessoa a experimentar o novo nascimento. Certa ocasião, um garoto de cinco anos de idade, aleijado de nascimento, andou em direção à plataforma onde estava Kathryn, sem a ajuda de ninguém. Um outro dia, uma mulher, também aleijada e confinada a uma cadeira de rodas por doze anos, caminhou ao encontro da evangelista, sem a assistência do marido. Um homem na Filadélfia, que havia colocado um marca-passo oito meses atrás, sentiu uma dor muito intensa em seu peito depois que Kathryn impusera as mãos sobre ele. De volta à sua casa, percebeu que a cicatriz da colocação do aparelho havia desaparecido e que parecia que o marca-passo não estava funcionando; por isso, resolveu procurar o médico. Ao examinar a radiografia que havia solicitado, o doutor descobriu que não havia mais nenhum aparelho ali, e que o coração daquele homem estava totalmente curado.

Em seus cultos era comum tumores e cânceres desaparecerem, cegos verem e surdos passarem a ouvir. Dores de cabeça, do tipo enxaqueca, desapareciam instantaneamente, e até mesmo dentes eram divinamente restaurados. Seria impossível enumerar os milagres que o ministério de Kathryn Kuhlman produziu! Só Deus sabe de todos eles.

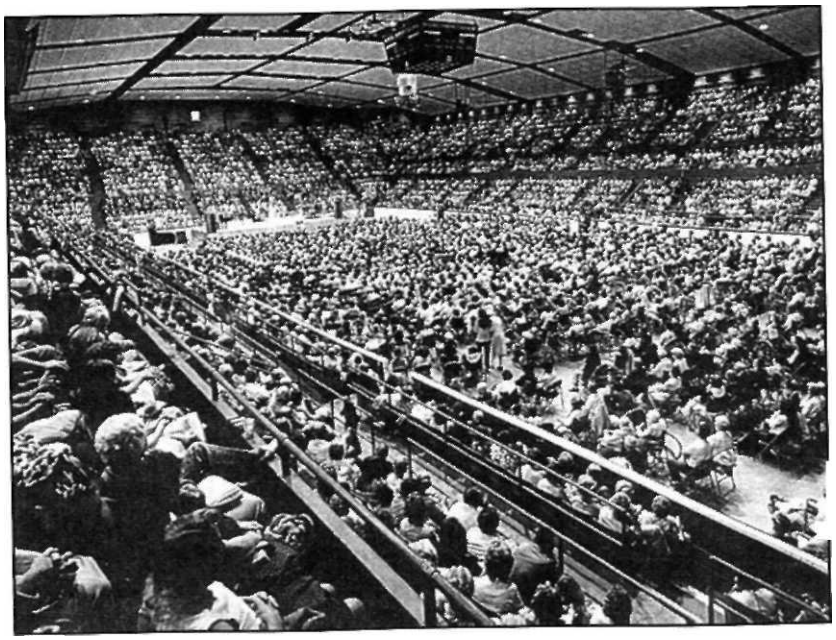
Ela chorava de alegria quando via os milhares sendo curados através do poder de Deus. Alguns até mesmo se lembravam das lágrimas dela caindo nas mãos deles. Contudo, dizem que ela também chorava ao ver as pessoas que permaneciam doentes ou em cadeiras de rodas indo embora. Kathryn nunca tentou explicar por que alguns recebiam a cura, enquanto outros, não. Ela cria que, em última análise, a res-oonsabilidade era de Deus. Gostava de referir-se a si mesma como alguém que pertencia à "equipe de vendas", e não à Administração. Qualquer coisa que o Gerente decidisse fazer, o papel dela era apenas obedecer. Entretanto, ela dizia que essa seria uma das primeiras perguntas que faria a Deus, tão logo chegasse ao céu!

MINISTRANDO NO NORTE

Em agosto de 1952, Kathryn pregou para mais de quinze mil pessoas na tenda do ministério de Rex Humbard, na cidade de Akron, Ohio. Nas primeiras horas da

KATHRYN KUHLMAN - "A MULHER QUE CRIA EM MILAGRES'

Pessoas correndo para conseguir assento na reunião de Kathryn Kuhlman



Seattle, Washington, 1974



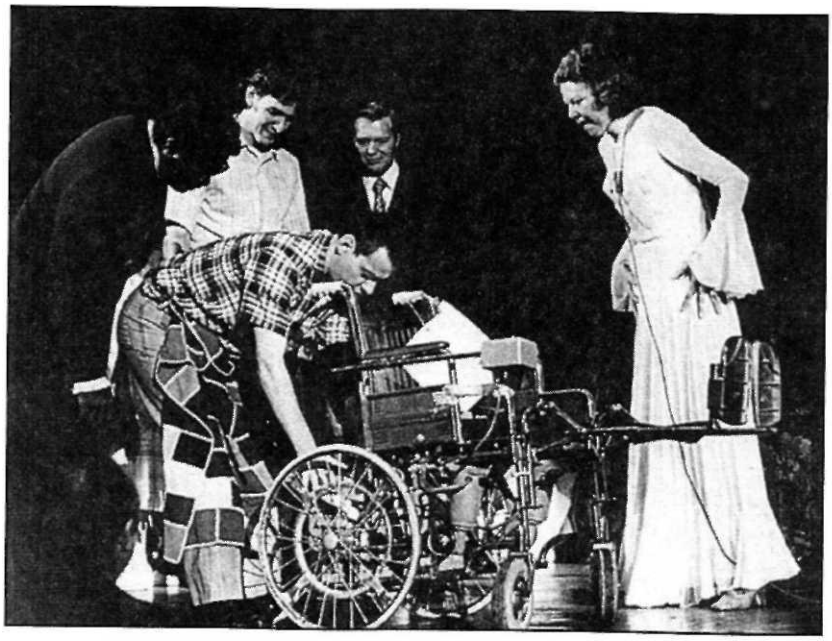
Impondo as mãos aos doentes



Ministrando aos inválidos



Mais cadeiras de rodas vazias



Levanta-te e empurra!



Kathryn com Oral Roberts



"Sê livre em nome de Jesus!"



"Você não O ama querido?"

madrugada, antes do primeiro culto de domingo no qual Kathryn iria pregar, um pc I ciai veio acordar os Humbard, dizendo: "Reverendo Humbard, o senhor precisa fazei alguma coisa; tem aproximadamente dezoito mil pessoas do lado de fora da tenda ' Isso era quatro horas da madrugada, e o culto só começaria às onze da manhã!

Kathryn, que estava acostumada a falar para grandes grupos que não cabia— num auditório ou numa tenda, disse a Rex Humbard que só havia uma saída: começar o culto às oito da manhã. E foi exatamente isso o que eles fizeram! Maude Aimée, a esposa de Rex, disse que Kathryn ministrou àquelas pessoas até às duas e meia da tarde daquele domingo.

Depois dessas reuniões, os Humbard estacionaram o seu *trailer* em Akron e, mais tarde, construíram um ministério televisivo e uma das maiores igrejas daquela época - entre 1960 a 1970. Por causa daquela experiência na cidade de Akron, Kathryn e os Humbard desenvolveram uma amizade que duraria por toda a vida.

Mais ou menos nessa época, Kathryn recebeu um diagnóstico médico de que tinha o coração aumentado e um defeito na válvula mitral. Mesmo assim, ela continuou com seu ministério, permanecendo totalmente dependente da direção dc Espírito Santo.

O BRILHO E AS ESTRELAS CADENTES

Nesse tempo, Kathryn já havia se tornado uma celebridade tanto no meio evangélico quanto no secular. Astros e estrelas de cinema vinham para as suas reuniões, e o comediante Phyllis Diller chegou a recomendar um dos livros de Kathryn a uma fã que estava à beira da morte.[33] O próprio Papa concedeu à Kathryn uma audiência particular no Vaticano, e lhe deu de presente um pendente entalhado com a figura de uma pomba. As autoridades das maiores cidades americanas presentearam a evangelista com a "chave" de suas cidades. Ela chegou até mesmo a receber uma Medalha de Honra, no Vietnã, por suas contribuições aos feridos de guerra.

E claro que, juntamente com as honras, vieram também os ataques. Alguns ela conseguiu ignorar facilmente; contudo, houve outros que causaram feridas muito profundas em sua alma. E entre esses estava a traição de dois de seus empregados: Dino Kartsonakis e seu cunhado, Paul Bartholomew.

Para resumir a história, depois que ficaram sabendo que a Fundação Kuhlman havia assinado um contrato multimídia, Dino e seu cunhado exigiram um grande aumento de salário.

Kathryn apreciava muito a companhia de Dino e, sem dúvida, muitos que assistiram às suas cruzadas se lembravam do entusiasmo que ela tinha na voz, quando o anunciava, dizendo com um majestoso movimento de braço: "E agora, aaaaquiiiii está Diiiiinoooo!" Ela o havia tirado do anonimato e lançado em um ministério internacional. As pessoas diziam que ela o vestia com as roupas mais elegantes daquela época e que estava constantemente exaltando o nome dele perante a mídia.

Entretanto, parece que Dino sucumbiu debaixo da influência de seu cunhado, Paul Bartholomew. Embora Paul fosse a pessoa com o maior salário na equipe de Kathryn, ainda não estava satisfeito e, mais tarde, entrou com um processo contra ela exigindo um valor exorbitante. E como se isso não bastasse, quando ela não aprovou a publicidade em torno do relacionamento de Dino com uma moça do show biz, ele ficou rancoroso e também exigiu mais dinheiro. Como resultado, Kathryn demitiu os dois; porém, antes disso, eles fizeram muitas acusações públicas com relação ao caráter dela, as quais se espalharam por todo o mundo.[34]

Em seus últimos anos de ministério, Kathryn não dedicava mais muito tempo analisando o caráter dos futuros membros de seu grupo. Em vez disso, simplesmente escolhia pessoas com as quais simpatizava; entretanto, o período de simpatia era curto e logo só restava muita dor. É bem possível que seus erros com relação ao pessoal que contratava eram provenientes de seu cansaço físico e mental. Sua agenda era tremendamente agitada. Embora ela tivesse sido alertada que contratar Bartholomew e Kartsonakis seria um erro, não deu ouvidos e os contratou mesmo assim. E essa decisão resultou na situação já mencionada.

Embora certamente tenham existido julgamentos errados, falta de entendimento e enganos cometidos por parte das pessoas ao seu redor, Kathryn nunca permitiu que a carne participasse em qualquer mover do Espírito Santo, bem como também nunca aceitou receber nenhum crédito para si mesma. Kathryn Kuhlman sempre deu toda a glória a Deus.

Com o ministério continuando a todo vapor, grandes denominações deram à Kathryn o crédito por possuir o mais puro ministério do Espírito Santo de sua época. Ela não tinha nenhum programa não revelado de trabalho, ou quaisquer motivos ocultos para fazer o que fazia; o que as pessoas viam, era exatamente a realidade. Ela nunca fingia possuir respostas que não tivesse, e estava sempre muito atenta para não entristecer o Espírito Santo. Ela sempre esteve comprometida com Deus e submissa a Ele, e foi muito honesta e sincera durante toda a sua vida.

CAEM AS ARQUIBANCADAS

Em 1968, Kathryn ministrou na associação de Pat Robertson e seu sócio, Jim Bakker, para uma multidão de mais de três mil pessoas. Imediatamente após o início da reunião, uma fileira de arquibancadas se soltou e caiu contra a parede; muitos foram parar no chão e outros ficaram pendurados. A equipe de emergência chegou logo e levou alguns em macas para serem atendidos. Cadeiras dobráveis foram colocadas para

substituir as arquibancadas, e a reunião finalmente voltou ao normal. E durante o incidente Kathryn, indiferente a tudo isso, continuou pregando e já estava na metade do sermão quando tudo foi resolvido!

Durante o ano de 1968, Kathryn fez várias viagens internacionais para Israel, Finlândia e Suécia; ela foi a convidada especial de vários shows, entre eles: *Johnny Carson Show* e *Dinah Shore Show.* Ela era uma pessoa muito diplomática e bem-vinda entre todos, mas sempre demonstrava o poder do Espírito Santo em sua vida, em todos os programas que participava na mídia. Dizem que os empregados dos estúdios da CBS sempre sabiam quando Kathryn havia entrado no prédio, pois sentiam que toda a atmosfera do ambiente se modificava.

Em 1975, embora já faltando poucos anos para completar os setenta, e meio demadrugada, antes do primeiro culto de domingo no qual Kathryn iria pregar, um policial veio acordar os Humbard, dizendo: "Reverendo Humbard, o senhor precisa faze: alguma coisa; tem aproximadamente dezoito mil pessoas do lado de fora da tenda. Isso era quatro horas da madrugada, e o culto só começaria às onze da manhã!

Kathryn, que estava acostumada a falar para grandes grupos que não cabiam num auditório ou numa tenda, disse a Rex Humbard que só havia uma saída: começar o culto às oito da manhã. E foi exatamente isso o que eles fizeram! Maude Aimée, a esposa de Rex, disse que Kathryn ministrou àquelas pessoas até às duas e meia da tarde daquele domingo.

Depois dessas reuniões, os Humbard estacionaram o seu *trailer* em Akron e, mais tarde, construíram um ministério televisivo e uma das maiores igrejas daquela época - entre 1960 a 1970. Por causa daquela experiência na cidade de Akron, Kathryn e os Humbard desenvolveram uma amizade que duraria por toda a vida.

Mais ou menos nessa época, Kathryn recebeu um diagnóstico médico de que tinha o coração aumentado e um defeito na válvula mitral. Mesmo assim, ela continuou com seu ministério, permanecendo totalmente dependente da direção do Espírito Santo.

O BRILHO E AS ESTRELAS CADENTES

Nesse tempo, Kathryn já havia se tornado uma celebridade tanto no meio evangélico quanto no secular. Astros e estrelas de cinema vinham para as suas reuniões, e o comediante Phyllis Diller chegou a recomendar um dos livros de Kathryn a uma fã que estava à beira da morte.[33] O próprio Papa concedeu à Kathryn uma audiência particular no Vaticano, e lhe deu de presente um pendente entalhado com a figura de uma pomba. As autoridades das maiores cidades americanas presentearam a evangelista com a "chave" de suas cidades. Ela chegou até mesmo a receber uma Medalha de Honra, no Vietnã, por suas contribuições aos feridos de guerra.

É claro que, juntamente com as honras, vieram também os ataques. Alguns ela conseguiu ignorar facilmente; contudo, houve outros que causaram feridas muito profundas em sua alma. E entre esses estava a traição de dois de seus empregados: Dino Kartsonakis e seu cunhado, Paul Bartholomew.

Para resumir a história, depois que ficaram sabendo que a Fundação Kuhlman havia assinado um contrato multimídia, Dino e seu cunhado exigiram um grande aumento de salário.

Kathryn apreciava muito a companhia de Dino e, sem dúvida, muitos que assistiram às suas cruzadas se lembravam do entusiasmo que ela tinha na voz, quando o anunciava, dizendo com um majestoso movimento de braço: "E agora, aaaaquiiiii está Diiiiinoooo!" Ela o havia tirado do anonimato e lançado em um ministério internacional. As pessoas diziam que ela o vestia com as roupas mais elegantes daquela época e que estava constantemente exaltando o nome dele perante a mídia.

Entretanto, parece que Dino sucumbiu debaixo da influência de seu cunhado, Paul Bartholomew. Embora Paul fosse a pessoa com o maior salário na equipe de Kathryn, ainda não estava satisfeito e, mais tarde, entrou com um processo contra bilitada por causa de suas condições físicas, ela fez uma viagem ministerial a Jerusalém, onde foi pregar na Segunda Conferência Mundial sobre o Espírito Santo. Apesar de sua idade e mesmo estando enferma, ela se mostrou vigorosa quando chegou sua vez de ministrar.

Kathryn havia ficado sabendo que Bob Mumford seria um dos oradores principais naquela conferência e, por isso, tentou cancelar a sua participação. Ela disse que os ensinamentos dele sobre discipulado eram uma completa heresia e que não poderia participar por causa disso. Entretanto, no final, ela foi para Israel e ajudou muitos ali a experimentarem a ministração do Espírito Santo.

"SOU FELIZ, COM JESUS..."

O último culto de milagres realizado pelo ministério de Kathryn Kuhlman, aconteceu no Auditório Shrine, em Los Angeles, Califórnia, no dia 16 de novembro de 1975. Quando ela estava saindo do prédio, uma funcionária do escritório Kuhlman, em Hollywood, viu algo que jamais esqueceria.

Segundo ela relata, assim que todos deixaram o auditório, Kathryn andou calmamente até o final do palco, ergueu a cabeça e, de forma bem lenta, olhou demoradamente a galeria, como se estivesse examinando as cadeiras uma por uma; aquilo pareceu uma eternidade. Em seguida, ela desceu o seu olhar para a segunda galeria, acompanhando cada fileira e cada banco com o olhar. Depois, olhou para baixo e "estudou" cada assento que estava ali.[35]

Podemos imaginar o que é que poderia estar passando pela mente de Kathryn, naquele momento: as lembranças, as vitórias, as curas, as alegrias e as tristezas. Será que ela sabia que nunca mais voltaria àquele palco? Seria possível que ali, naquele momento, ela estivesse dando adeus ao seu ministério terreno?

Em pouco tempo, apenas três semanas depois dessa data em novembro, Kathryn submeteu-se a uma cirurgia de coração aberto e estava à morte num leito do Centro Médico Hillcrest, em Tulsa, no estado de Oklahoma

Nessa ocasião, ela já havia passado todo o controle de seu ministério para Tink Wilkerson, o qual, em tempos passados, havia atuado no ramo dos negócios automobilísticos em Tulsa. Ele era filho de Jeannie Wilkerson, que havia sido uma verdadeira profetisa do Senhor.

Apesar de ter estado ao lado de Wilkerson apenas dez meses, Kathryn confiava muito nele. Inclusive, foi ele quem escolhera o local onde ela fizera a cirurgia de coração. Antes de morrer ela deixou a maioria de seus bens para Wilkerson. Quando questionados a respeito dele, os membros da equipe dela tinham opiniões divergentes. Alguns deles entendiam que Wilkerson havia enganado Kathryn; outros pensavam que ele teria sido um enviado de Deus para seus momentos finais. Entretanto, os meios de comunicação fervilhavam com questionamentos sobre as razões de Wilkerson ter recebido uma parte tão grande dos bens de Kathryn, enquanto Maggie Hartner, que trabalhara com ela tantos anos, recebera tão pouco.

Em 1992, Wilkerson foi condenado em dois tribunais distritais no estado de Oklahoma, por fraudes ocorridas em um antigo negócio de automóveis. Sua liberdade estava marcada para o verão de 1993, ocasião em que ele pretendia começar a escrever um livro sobre o relacionamento de amizade dele próprio e de sua esposa com Kathryn. Mas ele se manteve calado por todos esses anos, talvez por uma questão de respeito. Creio que a história que ele tem a contar deveria ser contada.

"EU QUERO IR PARA CASA"

Oral e Evelyn Robert estavam entre as poucas visitas a quem foi permitido ver Kathryn no Centro Médico Hillcrest. Quando eles entraram em seu quarto e se aproximaram de sua cama para orar em seu favor, para que fosse curada, Oral lembra-se de algo muito interessante que acontecera. "Quando Kathryn entendeu que estávamos ali para orar por sua recuperação, ela estendeu a sua mão como se fosse uma barreira, e depois apontou em direção ao céu." Evelyn Roberts olhou para o esposo e disse: "Ela não quer a nossa oração; ela deseja ir para casa."

A evangelista passou a mesma mensagem para Mirtle, sua irmã. Ela disse a Wi-lkerson: "Minha irmã deseja ir para casa."[37]

A maravilhosa dama dos cabelos ruivos, a qual apresentou o ministério do Espírito Santo para a nossa geração e empolgou o coração de milhares, finalmente realizou o desejo do seu coração. Foi falado, naquela época, que o Espírito Santo desceu mais uma vez sobre ela, deixando o seu rosto iluminado. A enfermeira que estava em seu quarto, notou que havia um brilho envolvendo a cama de Kathryn, proporcionando uma paz indescritível.[38] As vinte horas e vinte minutos do dia 20 de fevereiro de 1976, Kathryn Kuhlman partiu para estar com o Senhor, aos sessenta e oito anos de idade.

Oral Roberts dirigiu o culto fúnebre, que foi realizado no Forest Lawn Memorial Park, em Glendale, Califórnia. O caixão de Kathryn foi enterrado no mesmo cemitério onde estava a sepultura de Aimée Semple McPherson, distantes apenas oitocentos metros um do outro. Por ocasião da morte de Kathryn, Oral Roberts teve uma visão de que Deus iria levantar e espalhar ministérios semelhantes ao dela por todo o mundo, fazendo com que a magnitude do poder de Deus fosse ainda maior do que havia sido na vida de Kathryn.

Kathryn Kuhlman foi uma jóia de grande valor. Seu ministério abriu o caminho para que conhecêssemos o Espírito Santo em nossa geração. Ela esforçou-se para nos mostrar como ter comunhão com Ele e como demonstrar-Lhe o nosso amor. Kathryn realmente tinha a habilidade de nos revelar o Santo Espírito como sendo o nosso Amigo. E, por isso, ninguém melhor do que ela para concluir este capítulo:

> "O mundo me chamava de tola por ter entregado minha vida completamente a Alguém a quem eu jamais vira. Entretanto, sei exatamente o que vou dizer quando estiver, finalmente, diante d'Ele. Quando eu olhar o maravilhoso rosto de Cristo, terei apenas uma coisa para lhe dizer: 'Eu tentei'. Eu dei a Ele o melhor de mim; minha redenção terá sido completada quando eu estiver de pé, diante dAquele que tornou tudo isso possível."[39]

CAPÍTULO NOVE, KATHRYN KUHLMAN

, Referencias:

1 Roberts Liardon, *Kathryn Kuhlman: A Spiritual Biography of God's Miracle Working Power* (Kathryn Kuhlman: urna biografía espiritual do poder de Deus que opera milagres), Laguna Hills, CA: Embassy Publishing Company, 1990, p. 68.

2 Helen Hosier, *Kathryn Kuhlman: The Life She Led, the Legacy She Left* (Kathryn Kuhlman: a vida que ela viveu, o legado que ela deixou), Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1971, p. 38.

3 Jamie Buckingham, *Daughter of Destiny: Kathryn Kuhlman... Her Story* (Filha do destino: Kathryn Kuhlman... sua história), Plainfield, NJ: Logos International, 1976, pp. 17,18.

4 Hosier, *Kathryn Kuhlman: The Life She Led...,* pp. 32,33.

5 Buckingham, *Daughter of Destiny...,* p. 23.

6 Hosier, *Kathryn Kuhlman...,* p. 44.

7 Buckingham, *Daughter of Destiny...,* pp. 70, 71.

8 Sermon by Kuhlman (sermão de Kuhlman), "Not Doing What We Like, But Liking What We Have To Do" (Não fazendo o que gostamos, mas gostando do que temos que fazer).

9 Buckingham, *Daughter of Destiny...*, capítulo 3.

10 Sermão de Kuhlman, "Guidelines for Life's Greatest Virtue" (Diretrizes para as maiores virtudes da vida).

11 The Kathryn Kuhlman Foundation (Fundação Kathryn Kuhlman), *Heart to Heart with Kathryn Kuhlman* (De coração para coração com Kathryn Kuhlman), p. 58.

12 Veja nota n.[9]10.

13 Buckingham, *Daughter of Destiny...,* p. 57.

14 Hosier, *Kathryn Kuhlman...,* pp. 60-64.

15 Wayne E. Warner, *Kathryn Kuhlman: The Woman Behind the Miracles* (Kathryn Kuhlman: a mulher por trás dos milagres), Ann Arbor, MI: vine Books, divisão da Servant Publication, 1993, p. 84, nota de rodapé n.[9] 5, p. 263.

16 *Ibid.,* pp. 93,94.

17 Buckingham, *Daughter of Destiny...,* capítulo 5.

18 *Ibid.,* p. 88.

19 Sermão de Kuhlman, "The Ministry of Healing" (O ministério de cura).

20 Warner, *Kathryn Kuhlman,* p. 104.

21 Sermão de Kuhlman, "The Secret of All Miracles in Jesus' Life" (O segredo de todos os milagres da vida de Jesus).

22 Buckingham, *Daughter of Destiny...,* pp. 101,102.

23 Warner, *Kathryn Kuhlman,* p. 120.

24 Buckingham, *Daughter of Destiny...,* pp. 118,119.

[25] Entrevista com Rolf McPherson, em fevereiro de 1996.
[26] Warner, *Kathryn Kuhlman,* pp. 203-205, 276, nota de rodapé n.º 4.
[27] *Ibid.,* p. 210.
[28] *Ibid.,* p. 162.
[29] Buckingham, *Daughter of Destiny...,* p. 147.
[30] Warner, *Kathryn Kuhlman,* p. 234.
[31] *Ibid.,* p. 212.
[32] *Ibid.,* p. 220.
[33] *Ibid.,* p. 164.
[34] /bid., pp. 186-189.
[35] *Ibid.,* p. 236.
[36] /bid., p. 242.
[37] Jbz'd., p. 240.
[38] Buckingham, *Daughter of Destiny...,* p. 305.
[39] "A Tribute to the Lord's Handmaiden" (Um tributo à serva do Senhor), extraído da *Abundant Life Magazine* (Revista vida abundante), Tulsa, OK: Oral Roberts Evangelistic Association (Associação evangelística Oral Roberts), maio de 1976, capa.

CAPÍTULO DEZ

William Branham



"UM HOMEM DE NOTÁVEIS SINAIS E PRODÍGIOS"

fW **Toce é do diabo e fica enganando as pessoas, gritou ele, 'um impostor, % / uma cobra se arrastando pela grama, um farsante, e eu vou mostrar *W* a estas pessoas quem você realmente é!' Esse foi um audacioso desafio e todos no auditório podiam ver que não se tratava de uma simples ameaça... Estava parecendo que era um momento bastante complicado para aquela pequena figura ali no púlpito. Muitos dos presentes devem ter ficado com muita pena dele. Obviamente todos os presentes estavam vendo que não se tratava de algum truque. Aquele homem ali no púlpito precisava ter como comprovar a autoridade que tinha, ou então sofrer as conseqüências."**

"Os segundos estavam passando... a sensação que se teve era de que alguma coisa estava impedindo aquele acusador de alcançar os seus intentos malignos. Calma, porém firme, a voz do evangelista podia ser ouvida apenas a uma distância bem pequena. Ele disse: 'Satanás, só porque você desafiou o servo de Deus em frente a esta grande congregação, agora terá de se curvar diante de mim. Em nome de Jesus, você vai se prostrar aos meus pés'.

"E, na mesma hora, aquele que há apenas alguns minutos havia desafiado o homem de Deus, de forma tão descarada, com ameaças e acusações terríveis, deu um gemido horrível e caiu no chão, soluçando histericamente. Então, enquanto o homem permanecia se contorcendo ali, o evangelista calmamente deu seqüência ao culto."[1]

William Branham era um homem muito humilde e bondoso, bastante familiarizado com a tragédia, o sofrimento e a pobreza. Semi-analfabeto segundo os padrões do mundo, Branham foi educado através de meios sobrenaturais. Gordon Lindsay. fundador do ministério Cristo Para as Nações, foi seu amigo pessoal e também seu biógrafo oficial. Ele disse que a vida de Branham foi "tão fora dos padrões do mundo e tão extraordinária", que se não tivesse sido documentada, as pessoas poderiam sob circunstâncias normais, considerar as histórias de sua vida e ministério "forçadas e inverossímeis".[2]

Simples em seu raciocínio e pobre no uso da língua, Branham se tornou o líder do avivamento Voz da Cura, que teve início no final dos anos quarenta. Houve muitos avivalistas de cura divina que se destacaram durante esses anos, e cada um deles teve as suas próprias qualidades. Entretanto, nenhum foi capaz de combinar o ministério profético, as manifestações sobrenaturais e a cura divina, como o foi William Branham.

Infelizmente há, no entanto, uma nota triste neste relato: a fase final de seu ministério teve um porém, e à medida que este capítulo sobre a vida de Branham for prosseguindo, o que será escrito poderá chocar alguns e entristecer a outros. Entretanto, compreendam que os detalhes servem para nos trazer uma lição. A vida de

William Branham é um exemplo tragicamente triste do que acontece quando um ministério não acompanha o tempo propício do céu. Contudo, o começo da sua vida e obra e um tributo à influência sobrenatural de Deus na terra. Se o leitor conserva no coração algum tradicionalismo religioso, os primeiros anos da vida de Branham certamente provocarão uma onda de choques em sua forma de pensar.

UM REDEMOINHO DE LUZ

Nas primeiras horas da manhã, do dia 6 de abril de 1909, um pequeno bebê, pesando menos de dois quilos e meio, nascia nas colinas do Kentucky. Caminhando pelo piso de terra batida da velha cabana, o pai, de apenas dezoito anos de idade. estava vestindo um novo macacão, reservado para aquela ocasião. A mãe, que mal tinha quinze anos, segurava o seu filho nos braços, enquanto decidiam qual seria o seu nome; por fim, chegaram a um consenso: William Marrion Branham.

Enquanto as primeiras luzes do dia surgiam no céu, a avó decidiu abrir as janelas para que os pais pudessem ver melhor o filho que acabara de nascer. E foi nesse ambiente que o primeiro acontecimento sobrenatural da vida do jovem Branham teve lugar. Em suas palavras, ele conta a história conforme lhe fora transmitida:

> "De repente, uma luz mais ou menos do tamanho de um travesseiro, veio como um redemoinho através da janela, e ficou rodopiando onde eu estava e depois pousou sobre a cama."[3]

Os vizinhos que presenciaram a cena ficaram como que extasiados com o que viram, imaginando que tipo de criança havia nascido na casa dos Branham. Enquanto i Sra. Branham acariciava as pequenas mãos do seu filho, ela não fazia a menor idéia áe que aquelas mesmas mãos seriam usadas por Deus para curar multidões, e liderar um dos maiores avivamentos de cura divina de sua época.

Duas semanas mais tarde, o pequeno William Branham fez sua primeira visita à igreja Batista Missionária.

PISO DE CHÃO BATIDO E TÁBUAS COMO CADEIRAS

A família de William Branham era a mais pobre entre os pobres. Eles viviam nas regiões das montanhas de Kentucky. O lugar onde moravam era de chão batido e, como cadeiras, usavam tábuas. Eram pessoas sem qualquer instrução segundo os oadrões do mundo. Portanto, ler a Bíblia ou qualquer outro livro era praticamente impossível.

As condições de vida eram precárias e havia bem pouca ênfase em servir ao Senhor. A família Branham possuía um conhecimento superficial a respeito de Deus; apenas isso. O ambiente em que viviam era muito adverso e eles se esforçavam ao máximo para conseguirem sobreviver. Os Branham freqüentavam a igreja basicamente por uma questão de obrigação moral ou, ocasionalmente, como um evento social.

Quando passamos a conhecer a origem de Branham, fica fácil compreender por que Deus usou sinais sobrenaturais para falar com ele. Ele não sabia ler ou estudar a



Cabana onde nasceu Branham perto de Berksville, Kentucky

Bíblia sozinho e também não sabia como orar; além do mais, durante toda a sua juventude ele nunca ouviu qualquer pessoa orando.

Se uma pessoa não sabe ler, então não tem como aprender de Deus através da Sua Palavra. E se não ora, então também não pode ouvir da sua voz interior ou dc seu espírito. E, por último, se ninguém ao seu redor conhece a Deus, então também não haverá ninguém com capacidade para lhe ensinar.

Em tais circunstâncias, Deus fica com a responsabilidade de transmitir Sua mensagem a alguém por intermédio de sinais e maravilhas. Isso é muito raro, mas Deus não está limitado pela ignorância ou pobreza. Isso aconteceu naquele tempo e pode acontecer nos dias de hoje também. De um jeito ou de outro, Deus irá entregar a Sua mensagem para um indivíduo.

Lemos, no Antigo Testamento, o relato de uma jumenta que falou com Balaão (Nm 22.21-41). Essa seria a única maneira de Balaão ouvir a voz de Deus. O Senhor também falou com Moisés através de uma sarça ardente. E no livro de Atos, sinais e maravilhas capacitaram os crentes a virar de cabeça para baixo o mundo "religioso" que vivia em densas trevas.

Deus não está limitado a nenhuma educação teológica. Ele é Deus - e às vezes, Ele vai levantar alguém como William Branham e trazê-lo para destruir os nossos moldes religiosos. A religião quer que nos esqueçamos de que a palavra "sobrenatural" descreve a presença de Deus; tem gente que fica bem intranqüila quando Deus rompe a casca de sua "religiosidade".

E foi Deus operando por intermédio de sinais e maravilhas que fez com que Branham conhecesse o Senhor, compreendesse o chamado de Deus para a sua vida e, mais tarde, caminhasse nos caminhos do Senhor.

SALVO DE MORRER CONGELADO

A providência divina estava sobre a vida de Branham desde o seu nascimento. Seu pai, que trabalhava como madeireiro, tinha de ficar fora de casa por longos períodos de tempo. Certa ocasião, quando Branham tinha apenas seis meses de vida, seu pai viajou para trabalhar em outra região. Uma violenta tempestade de neve cobriu as montanhas, aprisionando a pequena criança e a mãe dentro de sua cabana. Com o fim do estoque de comidas e de lenha para a fogueira, a morte parecia inevitável. Assim, a mãe de Branham agasalhou a si mesma e ao seu filho com trapos de cobertores, e deitaram-se na cama, famintos e tremendo de frio, simplesmente esperando para enfrentar o seu destino. «

Entretanto, o "destino" não tem o poder de mudar os planos de Deus. Ele estava cuidando deles por intermédio de um vizinho que, percebendo que não havia nenhum sinal de fumaça saindo da chaminé da casa, enfrentou a pesada nevasca em direção à cabana e entrou. Ao perceber a situação, ele rapidamente

ajuntou madeira para acender o fogo e encarou a tempestade de neve outra vez, de volta à sua própria cabana, para providenciar alimento para os Branham. A bondade e a atenção daquele homem, salvaram a vida de William Branham e sua mãe.

Pouco tempo depois dessa quase tragédia, o pai de Branham mudou-se com sua família para Utica, no estado de Indiana, onde conseguiu um trabalho como lavrador. Mais tarde, foram para a cidade de Jeffersonville, naquele mesmo estado, a qual se tornaria conhecida como sendo a cidade de William Branham.

Mesmo que a família tenha se mudado para Jeffersonville, que era uma cidade de tamanho médio, eles continuaram extremamente pobres. Quando já tinha seus sete anos de idade, o pequeno Branham sequer tinha uma camisa para vestir e ir para a escola; só possuía um casaco. Muitas vezes ele permanecia sentado, suando debaixo do calor escaldante de sua pequena sala de aula, com vergonha de tirar o casaco, por não estar usando nada por baixo.

Deus nunca faz acepção entre pobres e ricos; Ele vê o que existe no coração das pessoas.

UM VENTO VINDO DO CÉU

As aulas daquele dia haviam terminado e os amigos de Branham estavam saindo para ir pescar na lagoa. Ele queria muito ir com eles, mas seu pai havia dito que ele tinha de buscar água para a família usar à noite.

Branham chorava enquanto pegava a água, triste por ter de trabalhar em vez de ir pescar na lagoa. Cansado de carregar o pesado balde de água da cisterna até à sua casa, sentou-se debaixo de uma velha árvore para descansar. Repentinamente ele ouviu o som do vento soprando no topo da árvore. Levantou-se depressa para observar, e percebeu que não havia vento em nenhum outro lugar, apenas naquela árvore. Em seguida, deu um passo para trás e olhou para cima, por entre os galhos da árvore, e ouviu uma voz dizendo: "Jamais beba, fume ou desonre o seu corpo com qualquer coisa, pois eu tenho um trabalho para você realizar quando se tornar mais velho."

Assustado com aquela voz e tremendo de medo, o pequeno garoto correu para os braços da mãe, chorando. Imaginando que o filho tivesse sido picado por alguma cobra, ela tentou acalmá-lo. Contudo, incapaz de tranqüilizá-lo, colocou-o na cama e chamou um médico, temendo que ele estivesse sofrendo de algum tipo de desordem emocional.

E durante o resto de sua infância, Branham fez tudo o que pôde para nunca mais passar perto daquela árvore.[4]

Por mais estranha que essa experiência possa ter sido para Branham, ele decidiu que nunca deveria fumar, beber ou fazer qualquer coisa que viesse a desonrar o seu corpo. Muitas vezes, por causa da pressão dos companheiros, ele chegou até a tentar; entretanto, assim que ele levava um cigarro ou um copo de bebida aos lábios, tornava a ouvir aquele som do vento soprando no topo daquela árvore. Imediatamente olhava ao seu redor, mas sempre percebia que tudo estava calmo e tranqüilo como antes. E aquele mesmo estranho medo vinha sobre ele, fazendo com que jogasse fora o cigarro ou deixasse o copo e fugisse para longe.

Por causa desse seu estranho comportamento, Branham teve poucos amigos durante a sua adolescência. Ele disse o seguinte a respeito de si próprio: "Era como se durante toda a minha vida eu fosse como uma ovelha negra, sem conhecer ninguém que me entendesse; afinal, nem eu mesmo me entendia." Ele freqüentemente comentava que sempre tinha uma sensação estranha: "Como se alguém estivesse ao meu lado, tentando me dizer alguma coisa, especialmente quando me encontrava sozinho."[5] Por essa razão, Branham passou os anos de sua juventude em uma busca frustrada por direção, incapaz de compreender o chamado de Deus para a sua vida e de responder a ele.

SEM TER PARA ONDE CORRER

Embora Branham tenha experimentado manifestações sobrenaturais em sua vida, ele ainda não havia tido a experiência do novo nascimento. Quando tinha quatorze anos de idade, ele foi ferido acidentalmente durante uma caçada, e teve de ficar hospitalizado durante muitos meses. Todavia, não percebeu a insistência do chamado de Deus pressionando a sua vida, e não tinha a menor idéia do que estava acontecendo com ele. Seus pais não estavam muito familiarizados com o Senhor e, por isso, Branham não recebeu muito

encorajamento por parte deles. Tudo o que ele tinha era o seu conhecimento limitado, o que o levou a continuar a resistir ao chamado de Deus.

Com a idade de dezenove anos, Branham decidiu mudar-se para outra cidade, na esperança de que um novo ambiente pudesse aliviá-lo de suas pressões. Sabendo que sua mãe não iria concordar com a sua decisão, disse a ela que estava indo para um acampamento, longe de casa pouco mais de vinte e dois quilômetros. Contudo, seu destino era outro: a cidade de Fênix, no estado do Arizona.

Em um novo ambiente, e com um estilo de vida diferente, Branham tratou logo de garantir um trabalho diurno em um rancho nos arredores. Durante a noite, porém, perseguia a carreira de boxeador profissional, onde chegou até mesmo a ganhar algumas medalhas. Entretanto, mesmo tendo tentado, Branham não podia fugir de Deus, nem mesmo indo morar no meio do deserto. Numa determinada ocasião, olhando para as estrelas no céu, sentiu novamente o chamado de Deus para a sua vida.

Certo dia, recebeu a notícia de que seu irmão, Edward, que tinha quase a sua idade, estava muito doente. Contudo, Branham achou que não era nada grave e que, com o passar do tempo, ele ficaria bom; por isso, continuou o seu trabalho no rancho. Alguns dias depois, porém, chegou a devastadora notícia de que seu irmão havia falecido.

A dor que Branham sentiu com essa perda foi quase insuportável. "Quando recebi aquela dolorosa notícia, a primeira coisa que eu pensei foi se ele estava preparado para morrer", lembrou Branham. "... Então, novamente Deus me chamou; todavia, como das outras vezes, tentei lutar contra isso."[6]

Durante a viagem de volta à casa de seus pais, lágrimas rolavam pelo seu rosto, à medida que se lembrava da infância junto do irmão. Recordando-se de como havia sido dura a vida para eles, ficou imaginando se Deus não teria levado Edward para um lugar melhor.

A morte de Edward foi muito dura para a família, pois nenhum deles conhecia a Deus e era impossível para eles encontrar algum consolo em meio a tanto sofrimento. Contudo, foi durante o funeral do irmão que Branham lembra-se de ter ouvido a primeira oração da sua vida.[7] E foi ali que ele decidiu que iria aprender a orar. Ele tinha planos de, logo após o enterro, voltar para o Arizona; entretanto, sua mãe suplicou-lhe que ficasse com eles em casa. Branham concordou e conseguiu um trabalho na companhia Gas Works, na cidade de New Albany.

ENFRENTANDO A MORTE

Aproximadamente dois anos mais tarde, enquanto testava medidores de gás, Branham se intoxicou com o produto, e todo o revestimento do seu estômago ficou coberto de ácido químico. Ele sofreu durante semanas, antes de decidir que precisava da ajuda de um médico especialista.

Os exames que Branham fez constataram que ele estava com apendicite; assim, o médico pediu a sua imediata internação para que se submetesse a uma intervenção cirúrgica. Pelo fato de não estar sentindo dores, ele pediu que fosse aplicada apenas uma anestesia local, pois assim poderia permanecer consciente e assistir à cirurgia. Mesmo ainda não sendo uma pessoa nascida de novo, Branham pediu a um pastor batista que ficasse com ele na sala de cirurgia, durante o tempo da operação.

Após a intervenção cirúrgica, William foi levado para o seu quarto no hospital, onde ia piorando a cada dia que passava. Ao perceber que o seu batimento cardíaco ficava mais e mais fraco, sentiu que a morte estava à espreita. Em determinado momento, percebeu que o quarto foi escurecendo gradualmente e, à distância, ouviu aquele som de vento, que já lhe era tão familiar. Parecia que o vento estava soprando em uma floresta, fazendo ruído nas folhas das árvores. Branham lembrava-se de ter tido o seguinte pensamento: "Bem, creio que isso é a morte que veio me buscar."

O vento foi chegando mais perto e o som se tornou mais e mais alto.

> "Depois, senti que eu **já** não estava mais ali", disse Branham. "Eu era novamente aquele garoto, descalço, em pé no mesmo lugar, debaixo daquela mesma árvore. E ouvi a mesma voz: 'Jantais beba ou fume'. Entretanto, desta vez a voz me disse: 'Eu chamei você, mas você não deu ouvidos'. As palavras se repetiram três vezes."
>
> "Depois, eu disse: 'Senhor, se é você quem está falando comigo, deixe-me voltar para a terra e eu prometo que vou pregar o Seu evangelho desde os telhados até às esquinas; vou anunciar a todos a Sua salvação!"

Repentinamente ele acordou, e viu que estava em seu quarto de hospital. Ele estava se sentindo bem melhor, mas o cirurgião pensou que ele estivesse morto. Quando ele entrou no quarto e viu Branham, disse: "Não sou um homem que freqüenta igrejas... mas devo reconhecer que Deus visitou este garoto."[8]

Poucos dias mais tarde, Branham teve alta do hospital e, fiel ao seu voto, começou a buscar a Deus imediatamente.

CURADO! E MUITO ORGULHOSO DISSO!

Branham foi de igreja em igreja procurando uma que pregasse sobre arrependimento. Finalmente, já em desespero, foi para um barracão que ficava na parte de trás de sua casa, e tentou orar. Contudo, ele não tinha a mínima idéia sobre o que deveria orar e, por isso, simplesmente começou a falar com Deus como falaria com qualquer outra pessoa.

De repente, uma luz surgiu na parede do barracão, formando uma cruz. Branham acredita firmemente que era o Senhor, pois parecia que "um peso de mil quilos havia sido retirado de sobre os seus ombros." E foi ali, naquele velho barracão-que Branham nasceu de novo.

O acidente ocorrido na companhia de gás havia deixado Branham com estranhas seqüelas. Uma delas era que, se fixasse os olhos em alguma coisa, durante muito tempo, a sua cabeça começava a tremer. Diante disso, pediu ao Senhor que, se fosse para ele pregar às pessoas, precisava ser completamente curado. Então, ele encontrou uma pequena igreja Batista Independente que cria em cura divina, foi à frente para receber oração e foi curado imediatamente. Vendo o poder de Deus manifeste ali nessa igreja, Branham começou a orar e a buscar ao Senhor para experimentar esse tipo de poder em sua vida. Seis meses depois, ele recebeu a resposta.

Depois de aceitar o seu chamado para ser um pregador, William Branham foi ordenado ministro da igreja Batista Independente. Então, adquiriu uma pequena tenda e começou a pregar imediatamente, alcançando grandes resultados.



Branham em seus primeiros anos de ministério

E NOVAMENTE AQUELA LUZ!

Em junho de 1933, aos vinte e quatro anos de idade, Branham liderou o seu primeiro grande avivamento realizado em uma tenda, na cidade de Jeffersonvil-le, onde aproximadamente três mil pessoas compareceram em apenas uma noite. E no dia onze daquele mesmo mês, ele realizou o batismo de cento e trinta pessoas nas águas do rio Ohio. Quando ele estava batizando a décima sétima, outro acontecimento sobrenatural aconteceu. Ele descreve aquele momento da seguinte maneira:

"Um facho de luz desceu do céu... Aquela luz veio brilhando e parou no ar justamente sobre o lugar onde eu estava... eu fiquei simplesmente apavorado."

Muitos dos quatrocentos que estavam às margens do rio viram aquela luz; alguns fugiram de medo, outros ficaram e se prostraram em adoração. Alguns disseram ter ouvido uma voz, outros, não.[9]

Naquele outono, o povo que havia participado de suas reuniões construiu um tabernáculo e o chamaram de "Tabernáculo Branham". De 1933 a 1946 ele exerceu um ministério a tempo parcial naquela igreja, enquanto trabalhava em um emprego secular.

UMA ESPOSA MARAVILHOSA

Foi durante estes tempos felizes dos anos de 1930 que Branham conheceu uma jovem cristã maravilhosa. Seu nome era Hope Brumback, e preenchia as "exigências" de Branham - nunca havia fumado ou bebido; ele a amou verdadeiramente.

Após vários meses, Branham decidiu pedir Hope em casamento. Entretanto, por ser muito tímido e não ter coragem de falar com ela pessoalmente, decidiu que a sua segunda melhor alternativa seria escrever-lhe uma carta. Todavia, temendo que a tal carta pudesse ir parar primeiro nas mãos da mãe dela, colocou a correspondência na caixa de correios com muita hesitação. Mas, para o seu alívio, foi Hope quem pegou a carta primeiro e imediatamente respondeu "Sim!"

Pouco tempo depois, os dois se casaram. Branham relembra: "Não acredito que pudesse haver algum outro lugar, em toda a terra, que fosse mais feliz que a nossa pequena casa." Dois anos mais tarde, nascia Billy Paul, o primeiro filho do casal Branham. William descreveu o momento do nascimento do filho: "A primeira vez que ouvi o seu choro naquele hospital, parecia até que já sabia que era um garoto; e eu o dediquei ao Senhor antes mesmo de vê-lo."[10]

UMA NOVA PORÇÃO DE PODER

A Grande Depressão dos anos de 1930 logo se abateu sobre os membros do Tabernáculo Branham, e aqueles tempos se tornaram um pouco difíceis. Não demorou muito e Branham passou a pregar mesmo sem receber salário, continuando a trabalhar em seu emprego secular para poder sustentar a família. Depois que consegui-economizar algum dinheiro, decidiu fazer uma viagem para Michigan, para pescar Contudo, logo o seu dinheiro acabou e ele teve de voltar para casa.

Em sua volta, porém, viu muita gente reunida para um culto, e logo ficou imaginando que tipo de pessoas seriam. Ele resolveu parar, e foi ali que teve a sua primeira experiência com o "Pentecostalismo".

Aquelas pessoas faziam parte de um acampamento do Movimento "Unicista". (Os membros desse grupo faziam parte de uma denominação de pessoas que acreditavam, segundo explicação delas próprias, "somente em Jesus".) Branham ficou impressionado com os seus cânticos e com as suas palmas. E quanto mais tempo ele se demorava com eles, mais convencido ficava de que havia algo de especial nesse poder sobre o qual falavam.

Naquela noite, Branham dirigiu o seu carro Ford Modelo "T" até uma lavoura de milho e dormiu ali dentro do automóvel; estava ansioso para voltar no dia seguinte. Ele havia se apresentado para eles como um ministro e, durante a reunião, o líder do grupo anunciou que as pessoas ali gostariam de ouvir daquele que deveria ser o mais jovem pregador presente naquele evento: William Branham.

Ele ficou tão chocado que abaixou a cabeça, envergonhado; não queria que ninguém soubesse que ele estava ali pois, na noite anterior, havia usado a sua melhor calça como travesseiro, e a que ele vestia no momento era apenas uma velha calça de algodão.

O pregador voltou a pedir que William Branham viesse até o púlpito, mas ele permaneceu imóvel, muito desconcertado para responder. Afinal de contas, ninguém sabia mesmo quem era ele e, por isso, achou que estava a salvo.

Finalmente, um homem se inclinou para ele e perguntou: "Você sabe quem é William Branham?" Então, ele respondeu: "Sou eu", mas explicou-lhe que não poderia pregar diante daquelas pessoas da maneira como ele estava. Ao que o homem respondeu: "Eles se importam mais com o seu coração do que com a sua aparência". Em seguida, levantou-se e apontou para Branham, dizendo: "Aqui está ele!"

Então, relutantemente Branham levantou-se e se dirigiu à plataforma. E tão logo ele começou a pregar, o poder de Deus desceu sobre ele e a reunião durou duas horas. Depois disso, pastores de todas as partes do país se aproximavam dele, pedindo que fosse às suas igrejas e lhes ministrasse sobre avivamento. Quando Branham foi embora, sua agenda estava lotada. Esse pessoal do movimento "Unicista" não tinha a mínima idéia de que havia acabado de convidar um batista para ministrar em suas igrejas, e isso durante semanas!

"LIXO" E TRAGÉDIA

Branham voltou correndo para casa. Assim que colocou o carro na entrada, Hope veio correndo para encontrá-lo. Ele, muito empolgado com os últimos acontecimentos, contou a ela sobre as reuniões no acampamento e de todos os compromissos que havia marcado. Ela parecia tão empolgada quanto ele, mas os familiares e os amigos não estavam assim tão contentes. E a maior oposição veio por parte de sua sogra, que era inflexível em suas posições. Ela exclamou: "Você sabe que essas pessoas são um bando de 'santos roladores'?... Pensa que vai arrastar a minha filha para uma coisa dessas?... Ridículo! Isso não passa de lixo que as outras igrejas jogaram fora."[11]

Assim, influenciado pela sogra, Branham cancelou todas as reuniões que havia marcado com o pessoal do Movimento Unicista Pentecostal. Mais tarde, lamentaria essa decisão como sendo o maior erro de toda a sua vida. Afinal de contas, se ele tivesse ido para ministrar nessas reuniões, sua família não teria passado pela grande inundação ocorrida no estado de Ohio, em 1937.

O inverno daquele ano foi absolutamente severo. Quando pesados blocos de neve começaram a derreter, isso provocou uma grande inundação no rio Ohio, que transbordou nas suas margens. Nem mesmo as represas e os diques conseguiram segurar o grande avanço das águas.

E essa inundação não poderia ter vindo em pior momento para os Branham, pois Hope havia acabado de dar à luz a mais um filho, e desta vez era uma menina, a quem deram o nome de Sharon Rose. Por causa do trabalho de parto, o sistema imunológico de Hope ainda não havia sido completamente restaurado e, por isso, contraiu uma séria doença nos pulmões.

E foi exatamente nesse período de convalescença de Hope que o dique do rio Ohio não resistiu à força das águas, e rapidamente toda a área ficou inundada. As sirenes deram o alarme anunciando que todos deveriam evacuar o local, para a sua própria segurança. Hope não estava em condições de ser removida; entretanto, não havia escolha. Assim, apesar do frio e da chuva, ela foi transportada para um hospital provisório, montado em uma região mais alta. E, para piorar ainda mais a situação, durante essa grande inundação os dois filhos de William e Hope contraíram uma severa pneumonia.

"ONDE ESTÁ MINHA FAMÍLIA?"

Por mais que Branham quisesse ficar ao lado de sua amada família, sabia que tinha de ajudar sua cidade a lutar contra aquela enchente. Então, tomou a decisão de se juntar ao esquadrão de resgate; porém, quatro horas mais tarde, quando voltou ao hospital, descobriu que a água havia rompido as paredes do lugar e que a sua família não estava mais ali.

Branham passou toda aquela noite em uma busca desesperada pela sua família. Finalmente, foi avisado que sua esposa e filhos haviam sido enviados de trem, para outra cidade. Mais do que depressa, tentou de todas as maneiras ir ao encontro deles, mas foi impedido pelas águas da inundação. E por duas semanas ele ficou isolado e impossibilitado de sair de onde estava, e não teve nenhuma notícia a respeito dos seus.

Tão logo as águas abaixaram, saiu em seu caminhão, à procura de sua família; ele não tinha a menor idéia se eles estavam vivos ou não. Quando chegou na próxima cidade, onde eles supostamente estariam, ninguém sabia do tal hospital, mui:: menos de seus queridos.

Totalmente desesperado, Branham andou pelas ruas com o chapéu na mão, vagando, orando e clamando por sua família. Alguém o reconheceu e lhe disse pari onde sua esposa e filhos haviam sido enviados. Entretanto, as águas da enchente haviam destruído qualquer meio de se chegar à cidade onde estavam. Branham agradeceu ao homem e continuou em sua busca.

Repentinamente, como se fosse uma orientação de Deus, correu até um amie: que lhe disse saber para onde sua família havia sido enviada e que a sua esposa estava à beira da morte. Os dois homens procuraram

até encontrar uma maneira de passar pelas águas e ao anoitecer, Branham e seu amigo entraram na cidade e encontraram a sua família.

"EU JÁ ESTAVA QUASE EM CASA..."

A igreja Batista ali naquela cidade havia sido transformada em um hospital ' provisado. Quando Branham encontrou Hope, ajoelhou-se ao lado de sua cama e ficou sabendo que os raios-X haviam mostrado que ela estava com tuberculose, e que essa doença estava se agravando cada dia mais em seus pulmões. Ele falou calmamente com ela e Hope lhe informou que os filhos estavam com a sogra dele. Assim que ele os encontrou, percebeu que também estavam com a saúde deteriorada.

Então Branham decidiu que iria trabalhar e juntar os recursos necessários para ver sua esposa e os filhos recuperados. Certo dia, enquanto estava trabalhando, recebeu uma ligação do hospital, e o médico lhe disse que, se desejasse ver a esposa ainda com vida, deveria ir até lá imediatamente.

Tão logo desligou o telefone, correu ao encontro de Hope. Ao chegar ali, entrou' às pressas e o médico veio encontrar-lhe ainda na porta, levando-o sem mais demora até o quarto onde estava a esposa. Quando entrou, viu que já havia um *lenA* çol cobrindo todo o seu corpo; entretanto, Branham a agarrou e sacudiu, gritando: "Querida! fale comigo!... Deus, por favor, deixe que ela fale comigo mais uma vez." Então, naquela mesma hora, Hope abriu os olhos, tentou tocar o marido, mas estava muito fraca para conseguir erguer o braço.

Ela olhou para ele e disse baixinho: "Eu já estava quase em casa. Por que você me chamou?"Em seguida, com uma voz fraca e quase inaudível, começou a falar com ele sobre o céu. Ela disse: "Querido, você tem pregado sobre o céu, tem falado sobre ele, mas não pode imaginar quão maravilhoso ele é."

Então, com os olhos cheios de lágrimas, agradeceu Branham por ter sido sempre um esposo tão bom; em seguida, foi ficando cada vez mais calma. Ele termina o relato com as seguintes palavras: "Ela me puxou para perto de si, e me deu um beijo de despedida... depois, partiu para estar com o Senhor."

Quando ele estava dirigindo de volta para casa, sozinho na escuridão, tudo o que via fazia com que se lembrasse de Hope. Sua dor parecia insuportável. Em casa. pensando sobre os seus filhos que haviam ficado sem a mãe, adormeceu, até que foi acordado com uma batida na porta.

A NOITE MAIS TRISTE DE SUA VIDA

"William, sua filha está morrendo", foram as palavras daquele homem, parado ali em sua porta.

Sentindo-se totalmente exausto, Branham entrou na caminhonete com aquele homem e levaram a fiüiinha Sharon para um hospital, mas isso não adiantou quase nada, pois os exames mostraram que seu bebê estava com meningite espinhal.

O hospital transferiu Sharon para uma ala reservada, para onde eles levavam os doentes que precisavam ficar isolados. Aquela doença fatal havia contorcido a perninha do bebê, de modo que ficara deslocada de sua posição normal e a dor intensa havia feito com que ela ficasse estrábica. Incapaz de ver a sua filha em tal agonia, Branham impôs as mãos sobre ela e orou, pedindo a Deus que poupasse a sua vida. Com o coração cheio de tristeza, ele pensou que Deus o estivesse punindo por não ter participado das reuniões de avivamento da igreja Unicista. Logo depois que orou, sua garotinha foi unir-se à sua mãe, no céu.[12]

Em apenas uma noite, Branham perdeu duas das três pessoas mais preciosas que ele tinha na terra: a esposa e a filha. Agora ele só tinha o filho, Billy Paul.

Dois dias depois, um homem de coração destruído enterrou sua filha nos braços da mãe. Parecia que ele não seria capaz de suportar tamanha dor. E nos anos que se seguiram, sempre que ia orar pelos enfermos, a lembrança desses sentimentos ainda iria trazer muitas lágrimas de compaixão ao rosto de William Branham.

E NOVAMENTE AQUELE VENTO

Os próximos cinco anos foram um período de "deserto" na vida de Branham; parecia que ninguém conseguia entendê-lo. Sua igreja Batista estava ficando cada dia mais impaciente com ele, e até disseram que suas visões eram coisa do diabo. Eles chegaram até a dizer que a luz que havia aparecido no dia do seu nascimento indicava a presença de um demônio em sua vida. Advertiram Branham a parar com as suas experiências com visões, ou seu ministério iria "acabar caindo no descrédito" das pessoas.[13]

Durante esse tempo, Branham casou-se novamente. Ele havia dito muitas vezes que nunca faria isso; porém, antes de morrer, Hope havia pedido a ele que, por causa dos filhos, seria bom que ele se casasse outra vez.

Ele continuou a pregar no Tabernáculo Branham; entretanto, também trabalhava ::mo guarda florestal, como uma atividade secundária. Em sete de maio de 1946, um maravilhoso dia de primavera, quando ele voltou para casa para almoçar, recebeu a visita de um amigo. Então, os dois saíram e pararam debaixo de uma frondosa árvore. Sobre aquela ocasião, Branham fez o seguinte relato: "Parecia que a copa daquela árvore estava solta... era como se alguma coisa tivesse descido daquela ár-ore, como um grande vento impetuoso."

Sua esposa veio correndo lá de dentro da casa, para ver se ele estava bem. Tentan-:: controlar as emoções, Branham sentou-se e contou-lhe sobre o que havia aconte-zdo com ele há vinte anos. Nessa ocasião, ele tomou a decisão de que iria descobrir, de uma vez por todas, o que estava por trás desse "vento". Ele disse o seguinte: "Ei me despedi de minha esposa e do meu filho, e disse-lhes que, caso não retornas?: dentro de alguns poucos dias, talvez eu nunca mais voltasse para casa."

O ANJO DO SENHOR CHEGOU

Então, Branham procurou um lugar onde pudesse se recolher para orar e ler a Bíblia. Sua angústia era tão grande que parecia que sua alma iria separar-se de ses corpo. Foi aí que ele clamou: "Deus, será que vais falar comigo de alguma forma? Porque se o Senhor não me ajudar, não posso continuar vivendo."

Naquela mesma noite, por volta das onze horas, percebeu uma luz oscilante dentro do local onde ele se encontrava. Imaginando que alguém estivesse se aproximando com uma lanterna, olhou pela janela, mas não viu ninguém. Repentinamente a luz começou a espalhar-se sobre o chão. Assustado, Branham saltou da cadeira quando viu uma bola de fogo brilhando no piso. Depois, ouviu os passos de alguém e, ao olhai, percebeu os pés de um homem vindo em sua direção. Levantando os olhos, viu uru ser celestial que parecia pesar uns cem quilos, vestido com um manto branco.

Enquanto Branham tremia de medo, o homem falou com ele: "Não temas. Fui enviado pelo Todo-poderoso para dizer-lhe que sua vida peculiar e sua maneira de agir, que tem sido tão mal compreendida, tem o propósito de mostrar que Deus o enviou para levar o dom de cura divina aos povos da terra."

E O ANJO CONTINUOU...

"Se você for sincero, e conseguir que as pessoas creiam em você, nada conseguira resistir às suas orações; nem mesmo o câncer."

A primeira reação de Branham foi como a que Gideão teve, no Antigo Testamento. Ele disse ao anjo que era uma pessoa pobre e sem instrução e que, por isso, ninguém iria aceitar o seu ministério, ou mesmo dar ouvidos ao que ele dissesse.

Entretanto, o anjo lhe disse que ele iria receber dois dons para servirem de sinal de comprovação do seu ministério. Primeiro, Branham seria capaz de identificar doenças por intermédio de uma vibração em sua mão esquerda.

Alguns chegaram a fazer chacota dessa manifestação física, ou mesmo a rotularam como sendo demoníaca. Para entender a Palavra do Senhor, precisamos compreender a lei da justiça e a lei do Espírito, para só então formular o princípio. E possível explicar aquela "vibração" da seguinte forma: quando a enfermidade impura que estava atuando na pessoa afligida por ela era tocada pelo poder de Deus, através de Branham, desencadeava uma reação física, ou uma vibração. Quando o que é impuro se depara com o que é puro, *disso resulta uma reação!*

Anos mais tarde, Gordon Lindsay testemunhou esse fenômeno. Ele disse que a "corrente elétrica, como uma vibração", que William Branham sentia era tão forte que, instantaneamente, fazia com que o relógio de Branham parasse. Disse ainda que depois que o espírito saía da pessoa, a mão "vermelha e inchada" de Branham voltava à sua condição normal.

O anjo continuou instruindo Branham; disse que quando ele sentisse a vibração, era para orar pela pessoa. Se a vibração parasse, era porque a pessoa estava curada; se não, era para ele "simplesmente abençoar a pessoa e ir embora".

O SEGUNDO SINAL

Então Branham disse ao anjo: "Senhor, tenho medo de que não me ouçam." Ao que ele respondeu: "Se isso acontecer, vai acontecer que você saberá o segredo mais íntimo do coração deles; e a isso eles ouvirão."[14]

Ainda com relação a esse segundo sinal, o anjo fez a seguinte declaração: "Os pensamentos dos homens falam mais alto no céu do que as palavras deles na terra." Qualquer pecado que tenha existido na vida de uma pessoa, mas que esteja debaixo do sangue de Jesus, jamais será revelado. Entretanto, se em vez disso o pecado não for confessado ou se o transgressor continuar escondendo-o, isso será trazido à luz por intermédio desse dom da palavra de conhecimento. Quando isso acontecia na fila de oração, Branham se afastava do microfone e falava em particular com a pessoa, conduzindo-a para um arrependimento imediato.

Será que isso era uma verdadeira visitação de Deus? Sim, era. E como podemos ter certeza? Porque os anjos são enviados para ministrar aos herdeiros da salvação (veja Hebreus 1.14). Os anjos anunciaram o nascimento de Jesus e ministraram a ele durante toda a Sua vida aqui na terra. E por toda a Bíblia, os anjos do Senhor também ministraram e proclamaram a Palavra de Deus à humanidade.

O anjo do Senhor jamais revelará alguma coisa que seja contrária às Escrituras. Ele também nunca acrescenta ou retira nada da Palavra. Ou seja, o anjo do Senhor nem inventa o que não está na Bíblia, nem distorce as Escrituras. A Palavra de Deus é sempre a base.

Durante a sua visita, o anjo do Senhor continuou dizendo a Branham muitas outras coisas concernentes ao seu ministério. Primeiro, ele disse que William Branham, um desconhecido pregador, muito em breve iria estar diante de milhares, em abarrotados estádios. Segundo, ele disse que, se Branham fosse fiel ao seu chamado, os resultados iriam atingir o mundo todo e sacudir as nações. A visita daquele anjo durou aproximadamente meia hora.[15]

SEM TEMPO A PERDER

Depois que recebeu a visita desse anjo, Branham voltou para sua casa. E no próximo domingo, à noite, contou aos membros do tabernáculo sobre essa visitação. **E** por mais inacreditável que isso possa parecer, eles acreditaram totalmente em tudo **O** que ele lhes disse.

As palavras do Senhor se confirmaram rapidamente. Enquanto Branham estava falando, alguém chegou e lhe entregou um telegrama. Era de um tal de Rev. Robert Daughtery, pedindo a Branham que fosse a St. Louis orar por sua filha, que se encontrava terrivelmente enferma. Ele já havia esgotado todos os recursos da medicina e sentia que a oração era a única esperança para a filha.

Branham, todavia, não tinha dinheiro para fazer aquela viagem. Entretanto, a congregação rapidamente levantou uma oferta, conseguindo dinheiro suficiente para uma viagem de ida e volta de trem. Então ele pegou emprestado uma muda de roupas com um de seus irmãos e um casaco com um outro. À meia-noite, os membros da congregação o acompanharam até à estação, para pegar o trem com destino a St. Louis.

O PRIMEIRO MILAGRE

Chegando em St. Louis, encontrou uma garotinha deitada, à beira da morte, por causa de uma enfermidade desconhecida. A igreja já havia orado e jejuado em favor dela, mas até aquele momento ela não tinha apresentado nenhuma melhora. Os melhores médicos da cidade haviam sido chamados, mas foram incapazes de diagnosticar o caso dela.

Lágrimas desciam pelo rosto de Branham, enquanto ele caminhava em direção ao leito daquela pequena menina. Ela era simplesmente pele e osso, deitada ali naquela cama, arranhando o seu próprio rosto como se fosse um animal. Ela estava rouca de tanto gritar de dor, pois seu tormento já durava três meses.

Então Branham juntou-se aos demais em oração, mas não houve nenhuma melhora. Finalmente ele pediu que lhe arranjassem um lugar tranqüilo, onde pudesse ficar a sós e buscar ao Senhor. E esse seria o seu padrão de comportamento nos primeiros anos de seu ministério. Enquanto buscava a Deus, ele geralmente

conseguia as respostas através de uma visão. Então ele esperava até que as condições fossem exatamente conforme havia visto na visão e, depois, agia baseado no que vira. Os resultados eram sempre imediatos quando ele seguia esse padrão.

Depois de algum tempo, Branham voltou confiante para dentro da casa. Ele perguntou ao pai e aos outros: "Vocês crêem que eu sou o servo de Deus?" "Sim!", responderam. "Então, façam o que eu disser e não duvidem." E ele continuou falando várias outras coisas; depois, orou pela criança, de acordo com a visão que o Senhor havia dado a ele. Imediatamente o espírito maligno deixou a garotinha e ela foi curada; e viveu uma infância normal e saudável.

Quando a notícia da cura se espalhou, as pessoas juntaram-se para ver Branham, mas ele preferiu se retirar, prometendo que voltaria mais tarde. Assim, dentro de algumas semanas, ele estava de volta.

OS MORTOS SÃO RESSUSCITADOS

Em junho de 1946, Branham voltou a St. Louis e dirigiu uma reunião de doze dias, onde pregou e orou pelos enfermos. A tenda ficou lotada, e ainda tinha muitas pessoas do lado de fora, mesmo debaixo de chuvas torrenciais. Tremendas manifestações do poder de Deus foram testemunhadas, como coxos andando, cegos vendo e surdos ouvindo. Um pastor, que havia vinte anos era cego, recebeu de volta a sua visão; uma mulher, que tinha rejeitado o Espírito de Deus, caiu morta do lado de fora da tenda, como conseqüência de um ataque do coração. Branham foi até onde estava o corpo e orou sobre ele. A mulher se levantou e encontrou salvação em Jesus Cristo. As curas se multiplicaram e cresceram além da conta. Branham geralmente ficava orando pelos enfermos até duas horas da manhã.

De St. Louis, ele foi convidado para ministrar em reuniões de avivamento de Jo-nesboro, Arkansas, onde mais ou menos vinte e cinco mil pessoas assistiram às reuniões. [16] Durante esse culto, Branham foi chamado rapidamente até uma ambulância, onde uma idosa senhora havia morrido. Depois de fazer uma oração simples, ela se levantou e abraçou o marido. Havia tantas pessoas de pé, encostadas na porta de trás da ambulância, que parecia que não ia dar para abri-la para que Branham pudesse sair. Então, o motorista colocou o seu casaco cobrindo o vidro, para que William Branham pudesse sair pela porta da frente.[17]

Certa mulher, que havia dirigido centenas de quilômetros tentou, debaixo de lágrimas, descrever para os outros a humildade, a compaixão e a brandura de Branham. Quando ela olhou para ele, disse que "tudo o que podia ver era Jesus", acrescentando: "você nunca mais será o mesmo depois de vê-lo."[18]

VAMOS CRESCER

Em Arkansas, Branham conseguiu seu primeiro administrador de campanhas, W. E. Kidson, que era o editor do jornal *The Apostolic Herald* (o mensageiro apostólico). Esse era o informativo que publicava as notícias do ministério de Branham. Kidson, um obstinado pioneiro da doutrina Unicista, foi quem apresentou William para a sua denominação e o levou para pregar em várias igrejas menores.

O ano de 1947 é lembrado como um tempo muito frutífero no ministério de Branham. Foi nessa época que a revista *Time* publicou as notícias sobre as suas campanhas, e foi quando a equipe do evangelista fez a primeira viagem aos estados da região oeste dos Estados Unidos.

T. L. e Daisy Osborn foram grandemente influenciados pelas reuniões de Branham, ocorridas em Portland, Oregon. Naqueles dias, eles tinham acabado de chegar de uma viagem missionária à índia, a qual os havia deixado desanimados, sem propósito, sem visão e praticamente prontos a abandonar o ministério.

Conta-se que T. L. estava presente em uma reunião em que Branham pediu a uma garota estrábica que se virasse para a platéia e encarasse as pessoas. Enquanto ele impunha suas mãos sobre ela, T. L. viu quando os olhos da jovenzinha foram gradualmente endireitados. Naquele momento, ele ouviu as seguintes palavras: "Você pode fazer isto! Você pode fazer isto!" Depois de encerrada a reunião, os Osborn sentiram-se revigorados, reanimados e receberam uma nova direção do Senhor. Eles finalmente encontraram a resposta para o que estavam procurando. E o resultado disso foi um incrível ministério internacional de cura e missões, realizado pelos Osborn entre as nações do mundo.

Foi também no ano de 1947 que Branham conheceu Gordon Lindsay e se associou a ele. Jack Moore, um ministro do Movimento Unicista, viajava com Branham quando eles se encontraram com Lindsay. Embora

Gordon fosse trinitariano, os dois homens formaram uma coalizão que se mostrou fundamental para o sucesso de Branham.

Quando Lindsay percebeu que um mover divino, sem precedentes, havia come çado, insistiu com Branham para que levasse o seu ministério para além dos limire-do movimento Unicista, para o meio dos círculos do Evangelho Pleno. Acreditanc que Gordon Lindsay estava sendo usado para cumprir as palavras que o anjo havia lhe dito durante a visitação, Branham concordou. E como Lindsay era um mestre na organização (um atributo que William não possuía), este concedeu a Gordo* a liberdade de organizar e promover um dos maiores avivamentos de cura daqueles tempos.

Moore e Lindsay organizaram a primeira Campanha da União no outono de 1947. Essas reuniões tinham como objetivo unir os membros do Movimento Unicista, com os Trinitarianos, em um grande acontecimento. Realizadas nos estados do noroeste dos Estados Unidos e partes do Canadá, a Campanha da União foi muito bem recebida porque as mensagens de Branham não faziam alusão a diferenças doutrinárias. As pessoas que compareceram puderam desfrutar da "maior experiência religiosa de toda a sua vida." Muitas vezes, de acordo com alguns relatórios, aproximadamente mil e quinhentas pessoas experimentavam o novo nascimento em um único culto. W. J. Ern Baxter, que se juntou ao grupo no Canada, escreveu que mais ou menos trinta e cinco mil curas aconteceram durante aquele ano de ministério.[19]

NASCE "A VOZ DA CURA"

Em um esforço de dar voz à sua mensagem de cura divina por toda parte, a equipe de Branham desenvolveu um novo método de publicidade. Eles decidiram que deveriam criar uma nova publicação, que circulasse fora das congregações do Movimento Unicista, e que alcançasse todo o "universo" cristão. E, mais uma vez, acreditando que essa decisão iria ajudar a cumprir a palavra de Deus com relação a ele, Branham aceitou a idéia. Entretanto, Kidson, seu editor, não concordou. Por essa razão, William Branham o tirou de suas funções e indicou Lindsay e Moore para serem seus novos editores, e ele próprio assumiu o lugar de publicador. Junta, essa equipe organizou a revista *The Voice ofHealing* (A voz da cura).

A idéia original era publicar apenas um número da revista, simplesmente para apresentar aos leitores a pessoa e o ministério de Branham. Entretanto, a procura foi tão grande que aquela revista-piloto foi reimpressa muitas vezes. Finalmente a equipe decidiu publicar *The Voice ofHealing* mensalmente.

E daí por diante, Branham estabeleceu como parâmetro que nunca iria discutir questões de doutrina. Ele disse:

> "Deus não colocou o seu endosso apenas sobre uma igreja em particular; pelo contrário, deixou claro que o puro de coração veria a Deus." E ele sempre acrescentava: "Deixem que os nossos companheiros cristãos decidam o que quiserem sobre essa questão. De qualquer forma, essas coisas não fazem muita diferença mesmo. O importante é que sejamos irmãos e tenhamos comunhão uns com os outros."

Freqüentemente, William Branham dizia que os crentes tinham de ter a liberdade de "discordar amplamente quanto à teologia"; mas que se chegassem ao ponto de não mais poderem se abraçar como irmãos, então deviam se sentir como quem "decaiu da fé".[20]

OS PRIMEIROS PROBLEMAS

Em 1948, o ministério de Branham sofreu uma repentina parada, quando ele sofreu um colapso nervoso. Ele estava física e mentalmente cansado por causa da grande exigência do seu ministério. Antes de contratar Lindsay como o administrador de suas campanhas, ele costumava ficar acordado até as primeiras horas da manhã, orando pelas pessoas que estavam na fila para receber suas orações. E isso, obviamente, o deixava completamente exausto. Branham não sabia quando era hora de parar. Seu peso diminuiu consideravelmente e rumores de que ele estava às portas da morte começaram logo a circular.

Diante de tudo isso, Lindsay estabeleceu que o horário de ministração de Branham seria apenas de uma hora cada noite, e não seria permitido que as pessoas visitassem William em seu quarto de hotel. Lindsay aumentou o número de reuniões, mas sabiamente reduziu as interrupções e os excessos.

Quando Branham sofreu sua crise de esgotamento, passou a apontar certas pessoas como culpadas por suas mazelas. Começou acusando Lindsay de colocar muitas responsabilidades sobre ele. Depois,

comunicou a Lindsay e a Moore que, no futuro, a revista *A Voz da Cura* passaria a ser de exclusiva responsabilidade deles.

Lindsay ficou chocado com as acusações de Branham. Afinal de contas, ele havia acabado de fechar uma grande campanha de cura para Branham, e sentiu-se abandonado quando a responsabilidade da revista fora jogada sobre as suas costas. Entretanto, continuou a publicar a revista e até aumentou o número de artigos para cobrir outros ministérios de cura. Embora eles continuassem a trabalhar juntos, dali para frente o bom relacionamento de amizade entre eles nunca mais seria o mesmo.

Durante essa época, outros evangelistas que atuavam na área de cura divina começaram a ganhar notoriedade. Oral Roberts, que havia começado o seu ministério um ano depois de Branham, pediu que todos orassem pela recuperação do amigo de ministério. Seis meses depois, William Branham voltou à cena inesperadamente, dizendo que havia sido milagrosamente curado. Seu retorno foi comemorado com grande entusiasmo pelos seus seguidores.

A primeira grande cruzada de cura divina realizada por Branham, depois de sua enfermidade, aconteceu em 1950. Foi durante esse tempo que F. F. Bosworth, o grande avivalista de cura divina da década de 1920, juntou-se à equipe de Branham. Multidões de mais de oito mil pessoas compareceram para uma única reunião.

E foi nessa ocasião que a fotografia mais famosa do ministério de Branham foi tirada. Ela ficou conhecida como a foto do "halo". Um pastor batista havia desafiado Branham para um debate sobre cura divina, e ele aceitou. Então, esse pastor contratou um fotógrafo para fotografar o evento. Uma das fotos tiradas naquela ocasião mostrava um halo de luz sobre a cabeça de Branham. Imediatamente Lindsay providenciou para que ela fosse reconhecida oficialmente como foto original, com certificação por escrito de que nem alterações e nem retoques haviam sido executado-tanto na foto, quanto no negativo.

ABALANDO AS NAÇÕES

Em abril de 1950, Branham viajou para a Escandinávia, tornando-se o primeiro evangelista do movimento Voz da Cura, a viajar para a Europa. Antes da viagem, porém, Branham teve uma visão de um garoto sendo atropelado por um carro e, em seguida, morrendo; todavia, era trazido de volta à vida. Ele contou essa visão em todos os lugares da América do Norte por onde passou.

Quando chegou na Finlândia, o carro onde Branham estava ficou parado atrás de um outro que havia atropelado dois garotos. A equipe dele pegou um dos garotos acidentados e levou-o para o hospital. Vendo que o pulso e a circulação da criança haviam parado, Branham ajoelhou-se no assoalho do carro e orou ao Senhor, pedindo misericórdia. O garoto voltou imediatamente à vida e começou a chorar. Ele recebeu alta do hospital três dias depois. No dia seguinte, Branham teve uma visão que lhe mostrava que não apenas um dos meninos, mas os dois estavam vivos.

Um amigo que estava viajando junto, havia escrito em um pedaço de papel a primeira visão que Branham tivera sobre o garoto, exatamente na mesma hora em que a visão havia acontecido. Depois de fazer a anotação, ele colocou aquele pedaço de papel em sua carteira. Depois do incidente, dizem que aquele amigo pegou o papel e o leu para Branham. Era absolutamente a mesma visão que ele havia contado a todos.

William Branham também havia recebido muitos pedidos de oração do povo da África; entre eles, alguns que vieram acompanhados de uma passagem de avião. Assim, no final do ano de 1951, ele e sua equipe de ministério viajaram para a África do Sul, onde realizaram campanhas durante todo o mês de dezembro.Conta-se que aquelas reuniões foram as maiores realizadas até então naquele país, com multidões calculadas em torno de cinqüenta mil pessoas. E muitos tiveram de ser mandados de volta para casa, por falta de lugar.

A cidade de Durban possuía, na época, uma população de mais de duzentas mil pessoas. Todos os ônibus da cidade foram colocados nas ruas e, mesmo assim, nem todas as pessoas conseguiram ir para as reuniões de Branham. Os resultados foram tão incríveis que até um livro, intitulado *A Prophet Visits South Africa* (Um profeta visita a África do Sul), foi escrito para registrar o acontecimento.

COMO ELE AGIA?

William Branham possuía uma personalidade cativante. Não era uma personalidade carismática ou exuberante, mas ele era mais lembrado por sua humildade e origem simples. Estava sempre se desculpando por não ter um bom grau de instrução e por sua falta de cultura. Ele não se sentia muito à vontade em falar diante de grandes multidões e, quando falava, era geralmente com uma voz bem discreta e quase gaguejando. Na maioria das vezes, Branham deixava a parte da pregação para Bosworth e os demais membros da equipe e, depois, ele ministrava a cura divina para as multidões.

Tudo o que dizia respeito ao seu ministério estava relacionado ao sobrenatural. Ele desaprovava qualquer pessoa que se deixasse guiar pelo intelectualismo, e não permitia que ocupasse a plataforma juntamente com ele. Toda a sua equipe se concentrava em criar uma atmosfera onde pudesse existir a manifestação de cura divina. Baxter e Bosworth pregavam nas reuniões realizadas durante as manhãs e tardes; Baxter tinha a responsabilidade de pregar sermões evangelísticos, enquanto a função de Bosworth era instruir as pessoas em como receber e manter a cura. Lin-dsay, o coordenador das campanhas, era o responsável pelos apelos. Embora Bra-nham insistisse que a sua função primordial era orar pelos enfermos, era ele quem sempre pregava nos cultos da noite.

Tão logo a procura pelas campanhas de Branham se tornou muito grande, suas reuniões foram limitadas a apenas algumas noites em cada cidade. Para organizar melhor o ajuntamento de pessoas, Lindsay idealizou e escreveu um livreto intitulado *Divine Healing in the Branham Meetings* (Cura divina nas reuniões de Branham), que era largamente distribuído nas cidades, antes que a equipe chegasse ali para pregar. Diferentemente dos primeiros evangelistas de cura divina, Branham não tinha condições de passar semanas instruindo as pessoas sobre cura divina antes de orar por elas e, assim, esse livreto servia como ferramenta de instrução para aqueles que estavam buscando a cura. Como resultado, eles chegavam para as reuniões prontos para receber, e Branham rinha condições de orar por eles já na primeira noite da campanha.

Branham evitava qualquer entrevista pessoal antes das reuniões da noite e, na maioria das vezes, gastava três dias em jejum e oração antes de cada campanha. Ele também não orava pelas pessoas enquanto não sentisse que o anjo do Senhor estava em pé, ao seu lado direito.

"Sem essa consciência", dizia Bosworth, "ele parecia alguém totalmente incapaz. Entretanto, quando sentia a presença do anjo, era como se o véu da carne fosse rasgado, e ele entrasse no mundo do Espírito, para ser totalmente dominado pela sensação da presença do invisível".

Algumas testemunhas disseram ter visto o anjo em pé ao lado de Branham. Entretanto, a maioria dos que disseram ter visto essa presença, geralmente descrevia o fenômeno como sendo uma "luz celestial". Bosworth escreveu que na campanha realizada em terras africanas, em 1951, foi visto uma luz sobre a cabeça daquelas pessoas cuja fé havia atingido o nível necessário para receberem a bênção. E enquanto estava sob a unção, Branham reconhecia essa luz.[21]

Quando ele orava pelas pessoas que estavam na fila para receberem sua oração, Branham as orientava a formarem uma fila ao seu lado direito. Assim, ele cria que as pessoas receberiam uma porção dobrada de poder, porque passavam em frente dele e do anjo.

A equipe de Branham usava os populares "cartões de oração" - cada pessoa recebia um cartão com um número gravado, e esses números iam sendo chamados de forma aleatória, durante o culto. Ele também orava sobre lenços, para serem enviados àquelas pessoas que estavam passando por aflições (veja Atos 19.12).

SUA DOUTRINA NOS PRIMEIROS DIAS

Branham cria que a cura divina era parte da obra consumada no calvário, e qu= qualquer enfermidade e todo pecado eram causados por Satanás. "Aquilo que os médicos denominam 'câncer'. Deus chama de demónio", pregava ele.[22]

William Branham também tinha um forte ministério de libertação. Juntamente com o pecado e as doenças, ele classificava insanidade, crise de raiva, incredulidade e hábitos imorais como obras do maligno. Ele não acreditava que a libertação curasse a pessoa, mas, sim, que abria um caminho para que a cura pudesse acontecer.

Durante as suas reuniões, antes de Branham expulsar demónios, ele parava e dizia aos céricos ali presentes que ele não podia se responsabilizar pelo que "de mal pudesse acontecer a eles".[23]

Caso alguém desejasse ser curado em suas reuniões, deveria fazer duas coisas: (1) crer em Jesus e confessar que Ele havia morrido para que ele fosse curado, e (2) crer que Branham era um profeta de Deus, enviado para ministrar a cura.

Ele cria que a fé era um sexto sentido. Para ele, fé era acreditar no que Deus havia revelado. As pessoas perdiam a cura porque desistiam de crer no que Deus havia revelado a elas. "Assim como a fé mata a doença, a incredulidade a ressuscita", ponderava Branham.[24]Segundo ele, uma pessoa não precisava ser cristã para ser curada; entretanto, teria de se tornar, se desejasse continuar curada.

Embora Branham apoiasse o trabalho dos médicos, sabia que eles eram limitados. Segundo cria, a medicina apenas "mantinha o corpo limpo, enquanto Deus operava a cura" propriamente dita. Branham declarava: "Nenhuma área da medicina jamais curou qualquer enfermidade." Dizem que ele ficava "completamente indignado" quando alguém dizia que cura divina era fanatismo. Na mesma hora, ele respondia dizendo: "Por que a medicina nunca é rotulada como fanatismo, quando uma pessoa morre em conseqüência de um tratamento médico incorreto?"[25]

Branham também era contra a prosperidade dos cristãos, especialmente a dos ministros do evangelho. Ele sempre dizia que poderia ter sido um milionário com a renda do seu ministério, mas escolheu não ser, e se negava a receber presentes muito valiosos. Ele dizia: "Quero ser exatamente como as pessoas que chegam para receber oração." Quando ele finalmente aceitou um Cadillac de presente, manteve o automóvel em sua garagem por dois anos, pois tinha vergonha de usá-lo.[26]

ELE COMEÇOU A ESCORREGAR...

Durante nove anos Branham continuou sendo muito influente no ministério de cura divina. Nessa época, evangelistas com chamado ministerial para essa área começaram a surgir por todo o país, operando grandes sinais e maravilhas. Em 1952, um dos melhores momentos do avivamento Voz da Cura, quarenta e nove proeminentes evangelistas, que davam ênfase em cura divina, foram destaque na revista *The Voice ofHealing* (A voz da cura). A revelação sobre cura divina havia atingido o clímax em todo o mundo. Entretanto, desse ano em diante, as chamas desse avivamento começaram a se apagar. Em 1955, Branham começou a enfrentar problemas e seu ministério passou por uma mudança radical.

O AFASTAMENTO DE LINDSAY

Gordon Lindsay foi uma das melhores coisas que poderiam ter acontecido ao ministério de William Branham. Lindsay tinha a Palavra, e Branham tinha o dom. Gordon também tinha uma grande habilidade organizacional que iria abrilhantar o dom e o ministério de Branham. Com certeza eles formavam uma equipe ministerial projetada no céu.

Entretanto, Branham se recusou a reconhecer a importância de Lindsay. Em vez disso, ele o incriminava, acusava e até certo ponto, deixou-o de lado. Creio firmemente que Deus tenha separado Lindsay para ajudar Branham, porque Branham não poderia ter realizado o seu ministério sozinho. Por essa razão, também creio que a separação deles tenha sido um grande erro, e que Branham caiu em heresias por causa disso.

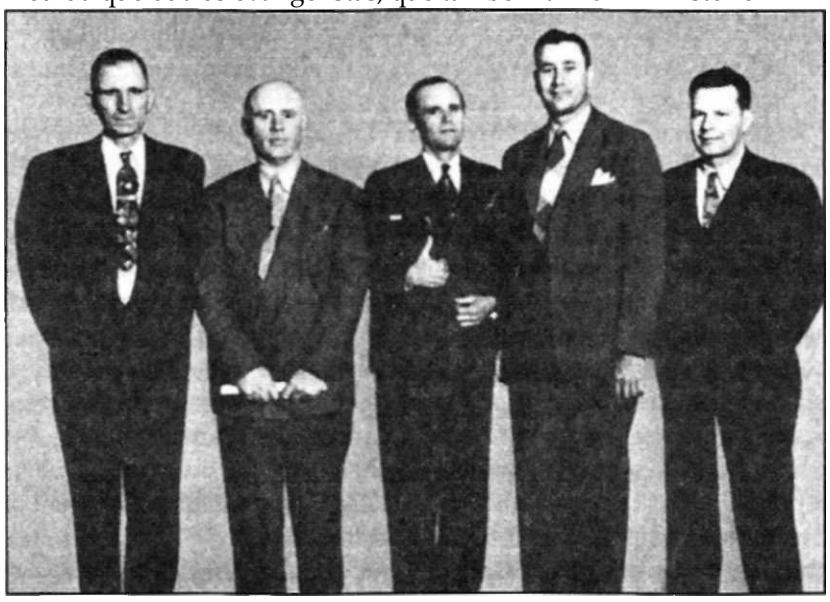
CERCADO POR HOMENS MANIPULADORES

Por causa da frieza de Branham para com ele e mais o fato de que seu próprio ministério estava crescendo, Lindsay o deixou após quatro anos de parceria. Os homens que substituíram Lindsay estavam muito aquém do seu calibre, no que diz respeito a caráter e integridade. O fato de que Branham não tinha o menor tino para os negócios, e que pouco se importava com isso, era algo amplamente propagado. Com a perda da cerca de proteção que havia na administração de Lindsay, muitas pessoas perceberam que os novos administradores de Branham estavam tirando vantagens dele e das finanças de seu ministério, usando-os em benefício próprio e para acumular riquezas. Durante a gerência de Lindsay, o ministério de Branham sempre teve sobras financeiras; entretanto, sob a nova administração, estava passando por dificuldades nessa área. A situação piorou tanto que Branham chegou a pensar que teria de deixar o ministério e trabalhar secularmente.

As multidões que compareciam às reuniões estavam diminuindo e logo o ministério estava devendo a quantia de quinze mil dólares. O total de cartas que o ministério recebia todos os dias caiu de mil, para pouco mais de setenta e cinco.

No auge desse tempo de avivamento, a falta de cuidados de Branham com os assuntos financeiros parecia passar despercebida. Entretanto, agora que as finanças estavam apertadas, sua falta de cuidados despertou a atenção da Receita Federal americana. Em 1956, foi aberto contra o evangelista um processo por sonegação tributária; e, a despeito das objeções que apresentou, Branham acabou aceitando um acordo ex-Trajudicial de quarenta mil dólares; um débito que perdurou pelo resto de sua vida.[27]

Eventualmente, Branham começou a perceber que as pessoas o haviam colocado em um pedestal. E à medida que outros evangelistas, que também tinham ministério



Oral Roberts assistiu à cruzada de Branham na cidade de Kansas em 1948. Esta é uma rara fotografia que mostra da esquerda para a direita: Young Brown, Jack Moore, William Branham, Oral Roberts e Gordon Lindsay



Convenção de evangelistas da Voz da Cura em dezembro de 1949, na qual o irmão Branham participou. Na parte superior, da esquerda para a direita: Orrin Kingsriter, Clifton Erickson, Robert Bosworth, H.C. Noah, V.J. Gardner, H.T. Langley, Abraham Tannenbaum...No meio: Raymond T. Richey, William Branham, Jack Moore, Dale Hanson, O.L Jagger, Gayle Jackson, EE Bosiuorth, Gordon Lindsay...Na parte inferior: Sra. Erickson, Sra. Kingsriter, Sra.Lindsay, Srta. Anna Jeanne Moore, Sra. Bosworth, Sra. Jackson e Sra. Langley



Pregando a Palavra!



Branham na África do Sul



Branham com F.F. Bosworth



Ministrando em uma igreja hispânica em Phoenix, Arizona, 1947



Gordon Lindsay, William Branham e W.V. Grant em Dallas, Texas, 1964



A famosa foto do halo

na área de cura divina, foram se tornando proeminentes, essas pessoas iam "massa-geando" o ego de Branham. Elas apoiavam as suas visões estranhas, afirmando que ele era o novo Elias, o precursor da segunda vinda de Cristo, o líder da era da Sétima Igreja (Ap 3.14-22). Para eles, somente Branham tinha condições de cumprir o chamado de mensageiro à Laodicéia; ninguém mais tinha capacidade para exercer esse papel.

Em 1958, havia apenas uns doze proeminentes evangelistas de cura divina. Estava claro para todo mundo que os dias de glória do avivamento A Voz da Cura estavam chegando ao fim. Agora era tempo de buscar ao Senhor, buscando a revelação das novas diretrizes a serem seguidas, durante o próximo mover de Deus.

DESVIANDO-SE DO CHAMADO

Entretanto, Branham não aproveitou bem a oportunidade. De fato, ele nunca fez nenhum tipo de transição. Em vez de buscar ao Senhor, para que lhe mostrasse o seu lugar nesse novo mover de Deus, ele voltou-se para o radicalismo e o sensacionalismo. Branham resolveu atuar no ministério de ensino; mas isso foi totalmente por sua própria vontade, não por ordenança divina.

E bem provável que, por intermédio de seu dom profético, William Branham tenha visto o despertar do dom de ensino, o qual iria acontecer através do Movimento da Palavra de Fé, e que começou no final dos anos setenta. Contudo, obviamente ele se antecipou um pouco ao tempo certo; talvez em uma tentativa de recuperar o seu *status* como o líder do movimento. Branham fracassou por não entender que ele já era um inegável líder entre as igrejas; a única coisa que precisava era voltar ao seu chamado.

Deus não chamou Branham para ser um mestre, exatamente porque ele não tinha conhecimento suficiente da Palavra para exercer esse papel. Por isso, o seu ministério começou a ensinar e enfatizar doutrinas conflitantes. Parece que ele se esqueceu de tudo o que havia pregado no início de seu ministério.

Sem dúvida, esse grande erro fez com que sua vida tivesse um fim precoce, e até hoje continua a cobrir de sombras o seu ministério.

ELE FEZ À SUA MANEIRA

Branham dizia ter estranhas visões espirituais, as quais o faziam estar sempre buscando e se empenhando para ver realizadas. Durante toda a década de sessenta ele passou lamentando o fato de que sua popularidade estava em baixa, e reparando que outros evangelistas haviam deixado ele para trás.[28] Isso se tornou uma verdadeira obsessão para ele.

Branham tentou dar um novo impulso à sua popularidade fazendo uso dos seus ensinamentos doutrinários, os quais, segundo ele, lhe haviam sido dados por revelação profética. E por fazer uso errado do seu dom, suas profecias se tornaram distorcidas. Em vez de usar sua habilidade profética para converter o coração dos homens a Deus, ele tentou predizer acontecimentos internacionais.

APOIANDO SUAS PRÓPRIAS DOUTRINAS

Quando lemos sobre alguns exemplos das doutrinas endossadas por Branharr. conseguimos compreender porque foi um erro tão grande ele ter permitido que Lin-dsay fosse dispensado do seu ministério. Se Lindsay tivesse permanecido com ele. todos esses erros não teriam sobrevindo sobre a vida de Branham. A seguir, listamos alguns exemplos chocantes das doutrinas "proféticas" que ele ensinou até os seus últimos dias de vida.

PERDIÇÃO ETERNA

Apresentada como uma nova revelação, Branham ensinava que não havia perdição eterna. Segundo ele, o inferno era para sempre, mas não por toda a eternidade. *Para sempre,* na sua concepção, significava um período de tempo e que, depois, todos os que estivessem no inferno seriam destruídos.[29]

A SEMENTE DA SERPENTE

Ele também ensinava que a mulher não fora criada por Deus, mas um mero subproduto do homem. Chegava mesmo a dizer que os animais estavam em um nível superior ao da mulher, pois haviam sido criados do nada. Segundo ele, esse *status* secundário da mulher fazia com que ela fosse "a criatura mais facilmente enganada e mais enganadora da face da terra".

Para William Branham, a mulher carregou a semente da Serpente. Essa doutrina dizia que Eva e a Serpente haviam tido relações sexuais no Jardim do Eden, e que dessa relação nascera Caim. Ele dizia ainda que Deus planejara a multiplicação da espécie através do pó da terra, como havia sido no caso de Adão, mas que a ação de Eva e Satanás havia alterado os planos divinos. Por causa de Eva e seu envolvimento sexual com o diabo, aconteceu um método inferior de procriação. De acordo com Branham, toda mulher carrega, literalmente, a semente do diabo.

Certa vez, ele disse o seguinte:

> "Toda vez que um cortejo de enterro passa pela rua, a culpada **é** uma mulher... Tudo o que existe de errado, **é** por culpa de uma mulher. E aí a colocam como cabeça da igreja... que vergonha."[30]

Branham argumentava que por causa de sua hereditariedade e de seu ato vergonhoso com Satanás, a mulher não estava qualificada para ser uma pregadora. Ele ensinava que a descendência sobrenatural de Eva, originada em Caim, construiu grandes cidades onde os cientistas nasceram, bem como o intelectualismo. Por isso, para Branham, todo cientista e todo intelectual que rejeita a natureza sobrenatural do evangelho, é porque vem da semente da Serpente.[31]

DIVÓRCIO

De acordo com Branham, já que as mulheres haviam levado os homens ao envolvimento com o sexo, o resultado foi a poligamia; por isso, elas tinham de ser punidas. Então, o homem pode ter muitas esposas, mas a mulher apenas um marido. Para ele, quando Jesus falou sobre o divórcio, estava falando para a mulher, não para o homem. Conforme seus ensinamentos, uma mulher não pode se casar novamente sob nenhuma circunstância; o homem, entretanto, pode divorciar-se quantas vezes desejar, e casar novamente com uma virgem.[32]

O SINAL DA BESTA

Branham ensinava que o denominacionalismo era o sinal da besta, os protestantes eram a grande meretriz, e que os católicos eram a própria besta. Por causa de uma visão que tivera, ele insinuou (embora nunca tenha falado claramente), que ele era O mensageiro dos últimos dias, e O profeta de Laodicéia, que tinha o poder de abrir o Sétimo Selo do livro do Apocalipse. Ele profetizou que a destruição dos Estados Unidos teria início em ***1977.***[33]

O PODER DE SUAS PALAVRAS

Branham afirmava que chegaria um dia em seu ministério quando a "Palavra declarada" que partisse de sua boca transformaria corpos físicos em corpos glorificados para o arrebatamento. Esse poder tremendo seria liberado porque as palavras de Branham restaurariam o nome original de JHVH. No passado, esse nome nunca tinha sido pronunciado corretamente; entretanto, "a boca de Branham tinha sido formada de modo especial para poder pronunciá-lo".[34]

SOBRE O MOVIMENTO UNICISTA

Embora houvesse negado no início de seu ministério, agora Branham pregava abertamente a doutrina Unicista. Entretanto, ele criticava as igrejas que criam "somente em Jesus", dizendo que "houve muitas pessoas que se chamaram 'Jesus', mas há apenas um Senhor Jesus Cristo". Um dia ele pregava que os Trinitarianos não eram nascidos de novo; em outros, declarava que apenas alguns deles eram. Ele chegou a profetizar afirmando que "os Trinitarianos são do diabo" e, depois, convocou a todos que estavam ouvindo a fita dessa pregação, que fossem batizados em nome de Jesus Cristo.[35]

Ele também estava sempre mudando a sua doutrina sobre a salvação. Algumas vezes ele dizia que "qualquer pessoa pode ser salva", outras, podia alinhar-se com a doutrina calvinista, e dizer: "Há milhões de pessoas que aceitariam a salvação, se pudessem, mas não podem. Não é para eles."[36]

Um outro grupo de seguidores originou-se desse grupo de discípulos, os quais se denominaram de "os Mensageiros". Hoje eles são conhecidos como "os Branhj-mitas". As igrejas deles não são filiadas a nenhuma denominação, uma vez que Branham detestava essa forma de organização. Eles são seguidores de William Bra-nham e acreditam que ele foi o mensageiro de Laodicéia para a igreja da nossa era. Até hoje um grande retrato dele fica dependurado na parede de suas igrejas, a qua. o apresenta como sendo o "pastor" deles.

Os Mensageiros, ou Branhamitas, é um movimento conhecido no mundo inteire Na verdade, a quarta maior igreja do Zaire pertence a esse grupo.[37]

A HISTÓRIA SOBRE A SUA MORTE

Branham pregou o seu último sermão durante a celebração do dia de Ação de Graças de 1965, na igreja de Jack Moore. Embora Moore não concordasse com as doutrinas de Branham, ele permaneceu seu amigo durante todo o ministério do evangelista.

Em dezoito de dezembro daquele mesmo ano, Billy Paul Branham dirigia seu carro à frente do carro de seu pai, que viajava em companhia da esposa, em uma viagem de volta a Indiana, passando pelo Texas. Repentinamente, um motorista embriagado, que vinha em sentido contrário, fez uma manobra brusca para desviar do carro de Billy Paul, mas acabou cruzando a faixa do meio da estrada e chocando-se de frente com o carro de Branham, que vinha logo atrás.

Percebendo o que acontecera, Billy Paul deu meia volta no carro e veio imediatamente ao local do acidente. Saltando do seu carro, percebeu que seu pai havia se chocado contra o pára-brisa do carro e estava com várias fraturas, mas ainda podia sentir o seu pulso. Entretanto, ao verificar o estado da Sra. Branham, não conseguiu perceber o seu pulso, pois ela já se encontrava morta.

Naquele mesmo instante, seu pai se mexeu e, tão logo viu o seu filho, perguntou-lhe: "Sua mãe está bem?" Billy respondeu-lhe: "Não, Papai, ela está morta." Então Branham disse: "Coloque a minha mão sobre ela."

Billy Paul pegou a mão ensangüentada do pai e a colocou sobre o corpo da Sra. Branham. O pulso dela voltou instantaneamente e ela retornou à vida.[38]

William Branham permaneceu em coma durante seis dias até que, no dia vinte e quatro de dezembro de 1965, veio a falecer.

Embora muito triste com a morte de Branham, o mundo pentecostal não ficou surpreso. Gordon Lindsay, no tributo fúnebre que escreveu ao amigo, disse que a morte de Branham tinha sido a vontade de Deus: "O Senhor sabe quando o ministério especial de um homem de Deus está completo, e o tempo certo de levá-lo para o lar celestial."[39]

É interessante notar que Lindsay creu nas palavras que o jovem evangelista, Kenneth E. Hagin, da cidade de Tulsa, Oklahoma, disse. Dois anos antes que tudo acontecesse, Deus havia falado a Hagin sobre a morte de Branham. Em uma palavra profética, o Senhor havia dito a Hagin que iria "tirar o profeta" de cena. E Branham morreu exatamente na data que o Senhor havia dito ao jovem Kenneth.

Hagin estava dirigindo uma reunião, quando chegou a notícia do acidente com Branham. Então ele convocou os irmãos ali reunidos para se achegarem ao altar para orar. Quando ele se ajoelhou para a oração, o Espírito do Senhor falou com ele o seguinte: "Para quê você vai orar? Eu não lhe disse que estava tirando-o de cena?" Então Hagin se levantou, incapaz de continuar a oração.

Por causa da desobediência de Branham com relação ao seu chamado e por criar doutrinas de confusão, Hagin cria que Deus teve de retirar o "pai" do avivamento de cura divina da terra.

Por quatro vezes, o Espírito Santo disse a Lindsay que Branham iria morrer e que era para ele avisá-lo disso. Entretanto, Lindsay não conseguia passar pela barreira dos homens "manipuladores" que cercavam Branham.

Um dia, finalmente, ele conseguiu e, mais do que depressa, chegou até onde estava Branham, mesmo sem ser anunciado. Ele tentou argumentar com Branham, dizendo-lhe: "Por que você não ministra apenas na área que Deus deseja, e exercita o dom que o Senhor lhe concedeu? Permaneça nisso! Não tente se aventurar nesse outro ministério."

Contudo, Branham lhe respondeu simplesmente: "Acontece que eu quero ensinar."[40]

Branham tinha um inacreditável dom de cura. Entretanto, sem ter o conhecimento da Palavra aliado a isso, ele acabou se envolvendo em um desastre doutrinário. A ignorância não é uma bênção, especialmente quando você atinge multidões com as suas palavras. Deus deu a Branham um grande dom, mas não podia tomar isso de volta. E, como esse dom estava desviando as pessoas, fazendo com que seguissem a doutrina dele, Deus colocou em ação o seu soberano direito, conforme mencionado em 1 Coríntios 5.5:... *entreguem esse homem a Satanás, para que o corpo seja destruído, e seu espírito seja salvo no dia do Senhor.* Na verdade, a morte de Branham foi um ato de misericórdia da parte de Deus. Alguns crêem que o Senhor salvou Branham do inferno.

INCAPAZ DE RESSUSCITAR

Embora o funeral tenha sido no dia 29 de dezembro de 1965, o corpo de Branham não foi enterrado até a Páscoa de 1966. Durante esse tempo, toda sorte de rumores com respeito à sua morte andou circulando, entre as pessoas, em todos os círculos. Um deles era que o seu corpo havia sido embalsamado e estava sendo mantido em um lugar refrigerado, pois muitos dos seus seguidores criam firmemente que ele iria ressuscitar de entre os mortos. Qualquer que tenha sido a razão, uma declaração oficial a esse respeito veio através de seu filho, em vinte e seis de janeiro de 1966, em um culto realizado em memória de William Branham.

Segundo ele, a esposa de seu pai havia pedido para que o enterro fosse adiado porque ela estava decidindo se mudaria para o Arizona, ou se permaneceria em Indiana, e ela queria que ele fosse sepultado onde ela escolhesse viver. Assim, enquanto a Sra. Branham decidia sobre a sua mudança, o corpo dele permaneceu guardado na funerária.

Enquanto isso, os seguidores de William Branham mantinham a esperança de que ele ressuscitaria naquele próximo domingo de Páscoa. O filho de Branham disse que o pai alegava que o arrebatamento da igreja do Senhor se daria durante a Páscoa.

Em meio a uma grande decepção e muita relutância, o corpo de William Bra-nham foi sepultado no dia 11 de abril de 1966 (uma segunda-feira). Seu túmulo tem o formato de uma grande pirâmide, e traz a figura de uma águia no seu topo. (Infelizmente, a águia foi roubada.) Até hoje, Branham é celebrado por seus seguidores como sendo o cabeça da era da Sétima Igreja e, assim, a única pessoa capaz de abrir o Sétimo Selo.

Os seguidores de Branham se recusam a vê-lo como um ser humano, e rumores sobre a sua volta continuaram circulando mesmo durante a década de oitenta. Cada ano. os membros do Tabernáculo Branham fazem um culto especial de Páscoa e ouvem às gravações de seus sermões. Alguns deles, mesmo que secretamente, ainda esperam pelo seu retorno, em uma dessas ocasiões especiais. As pessoas comentam que os pastores atuais do Tabernáculo não encorajam a especulação a respeito da ressurreição do seu fundador; entretanto, os Branhamitas nunca aceitaram a sua morte.[41]

APRENDENDO A LIÇÃO

Não escrevemos a história de William Marrion Branham para ser objeto de críticas. Cremos que ela pode nos trazer a lição mais poderosa que este único capítulo pode conter, que é a seguinte: Façamos o que Deus nos diz para fazer - nem mais, nem menos; não há várias opções aqui. Só existe um caminho, e é Deus quem decide qual será. Sua tarefa é seguir nessa direção.

Nesta nossa geração, é o céu que deve determinar o cronograma de nossa vida e também o de nossa igreja. Ou estamos dentro da vontade de Deus, ou fora dela. Nosso chamado deve permanecer dentro do tempo estabelecido por Deus.

Tudo o que Branham queria era ser uma voz. Se ele tivesse permanecido dentro dos planos de Deus para a sua vida, poderia ter sido uma das vozes mais fantásticas que já existiram. Sua grandeza de ministério nunca deve ser esquecida ou diminuída; seu dom foi verdadeiro. *Contudo, precisamos entender que cometemos grandes erros quando não temos tanto a Palavra, quanto o Espírito trabalhando conjuntamente em nossa vida.*

A maioria de nós ainda nem tinha nascido quando esses grandes homens e mulheres de Deus exerceram seus ministérios; por isso, não tivemos a oportunidade de observar e estudar a vida deles. E é por isso que resolvi escrever este livro. Então, estude tudo o que você leu aqui e aprenda com isso. Clame a Deus para

que ele o ajude naquilo que você não tem certeza. Peça a Ele que o treine e ensine a agir no Seu Espírito e dentro do Seu tempo. Obedeça aos planos divinos todos os dias de sua vida, e nunca se desvie deles por causa de suas próprias idéias ou por causa das pressões de terceiros. Sua unção virá somente quando você estiver disposto a obedecer aos planos que Deus estabeleceu para sua vida. Abrace esse plano e agarre-se fortemente a ele; abrace esse plano e fique firme nele. Então, prossiga com determinação e realize grandes proezas em nome de Jesus.

CAPÍTULO DEZ, WILLIAM BRANHAM Referências:

[1] Gordon Lindsay, *A Man Sent From God* (Um homem enviado de Deus), Jefferson, IN: William Branham, 1950, pp. 23-25.
[2] *Ibid.,* p. 11.
[3] C. Douglas Weaver, *The Healer-Prophet, William Marrion Branham: A Study of the Prophetic in American Pentecostalism* (O profeta da cura, William Marrion Branham: um estudo do profético no pentecostalismo Americano), Macon, GA: Mercer University Press, 1987, p. 22.
[4] Lindsay, *William Branham,* pp. 30,31.
[5] *Ibid., p. 31.*
[6] *Ibid.,* pp. 38,39.
[7] Weaver, *The Healer-Prophet,* p. 25.
[8] Lindsay, *William Branham,* pp. 39-41.
[9] Weaver, *The Healer-Prophet,* p. 27.
[10] Lindsay, *William Branham,* p. 46.
[11] Weaver, *The Healer-Prophet,* p. 33.
[12] Lindsay, *William Branham,* pp. 52-63.
[13] Weaver, *The Healer-Prophet,* p. 34.
[14] Lindsay, *William Branham,* pp. 76-80 e Weaver, *The Healer-Prophet,* p. 75.
[15] Lindsay, *William Branham,* pp. 75-79.
[16] *Ibid.,* p. 93.
[17] *Ibid.,* p. 94.
[18] *Ibid.,* p. 102.
[19] Weaver, *The Healer-Prophet,* pp. 46,47.
[20] *Ibid.,* p. 54.
[21] *Ibid.,* pp. 72,74.
[22] *Ibid.,* p. 62.
[23] *Ibid.,* p. 63.
[24] *Ibid.,* p. 65.
[25] *Ibid.,* pp. 66,67.
[26] *Ibid.,* p. 109.
[27] Mi., p. 94.
[28] I&idv p. 96.
[29] *Ibid.,* pp. 118,119.
[30] *Ibid.,* pp. 110-113.
[31] Ibid., p. 113.
[32] *Ibid.,* p. 112.
[33] *Ibid.,* p. 116.
[34] JWd., pp. 130,139.
[35] *Ibid.,* p. 120.
[36] *Ibid.,* pp. 121,122.
[37] *Ibid.,* pp. 152,153.
[38] Entrevista pessoal com Billy Paul Branham.
[39] Weaver, *The Healer-Prophet,* p. 105.
[40] Kenneth E. Hagin, *Compreendendo a Unção,* Rio de Janeiro, Editora Graça Editorial, Rio de Janeiro.
[41] Weaver, *The Healer-Prophet*, pp. 153-155.

CAPÍTULO ONZE

jack Coe



"O HOMEM QUE POSSUÍA UMA FÉ OUSADA"

f jT^^^ive **de comparecer perante o juiz, e ele me perguntou se eu era culpado da acusação de estar perturbando a paz. Então, respondi: *Ã.* Que paz?"**

'Bem, vocês batem palmas, gritam e fazem outras coisas semelhantes' respondeu ele.

'Senhor juiz, me responda uma coisa: não é verdade que as pessoas, quando estão assistindo a um jogo, também fazem bastante barulho, gritam e batem palmas?'

'Sim, mas parece que as palmas delas não perturbam ninguém. Entretanto, quando vocês fazem a mesma coisa, as pessoas simplesmente não conseguem dormir/

'E o senhor juiz gostaria de saber qual é a diferença?'

'Sim, gostaria muito.'

"A diferença é que o Espírito Santo está presente em nossos gritos, e isso incomoda os nossos vizinhos, fazendo com que permaneçam acordados... e isso faz com que os bares fechem as suas portas."[1]

Jack Coe era um homem grandalhão que, nas reuniões da tenda, demonstrava
um senso de humor um tanto indelicado, ao mesmo tempo, ele era visto pelas criar-cas de seu orfanato como um "pai" amoroso e cheio de compaixão.

Criado sem pai, tão logo se tornou adulto aprendeu a fazer de Deus o seu Paci;; por causa disso, não tinha nenhuma dificuldade em colocar os homens - independentemente se tinham um título importante em suas denominações - em seus lugares, caso eles tentassem passar por cima da voz de Deus. A personalidade dinâmica deste avivalista quase não deixava margem para uma atitude indiferenie em relação a ele.

Coe era considerado um avivalista radical porque ele, juntamente com alguns outros, estava fazendo de tudo para combater o preconceito racial dentro da igreja. Em uma época em que a segregação racial dominava a sociedade, Coe encorajou fortemente as pessoas de todas as raças e culturas a participarem de suas reuniões.

UMA INFÂNCIA INFELIZ

Jack Coe nasceu no dia 11 de março de 1918, filho de Blanche e George Coe, em Oklahoma. Ele teve seis irmãos. Blanche foi criada na igreja batista, mas não se pode assegurar que ela era salva quando Jack nasceu. Alguns acham que seu pai nasceu de novo em uma cruzada de Billy Sunday, mas George nunca mais freqüentou igreja alguma.

Os avôs de Coe eram cristãos, portanto seu pai foi criado em um ambiente sadio. Além da atmosfera positiva do lar, os avôs também eram ricos, e quando faleceram, deixaram uma considerável herança para o pai de Jack. Mas, os sólidos princípios de mordomia seguidos pelos avôs, aparentemente não foram herdados por George, que tinha o mau hábito de jogar e beber. A mãe de Jack tentou freqüentar a igreja por algum tempo, mas como George não a acompanhava, acabou desistindo. Coe sempre achou que as coisas teriam sido diferentes se a sua mãe tivesse perseverado na oração pelo seu marido e continuado a participar da igreja.

Quando Coe tinha cinco anos de idade, um caminhão de mudança estacionou na frente de sua casa e ficou emocionado pensando que alguma coisa nova iria ser entregue para eles. Ele observou os homens se aproximando de sua mãe e conversando com ela, e então viu como ela ficou pálida de repente e rompeu em lágrimas. O pequeno Coe percebeu que nada iria ser entregue em sua casa, ao contrário, estes homens tinham vindo para levar embora todos os móveis que eles tinham! George os havia abandonado depois de perder toda a mobília da casa apostando...e estes homens a estavam levando embora.

Enquanto o caminhão se afastava, sua mãe ficou sozinha para enfrentar o futuro com seus sete filhos. Ela não tinha a quem recorrer, então se ajoelhou ali mesmo e começou a orar. Esta foi a primeira vez que Coe viu a sua mãe orando!

Mas as coisas ainda iriam piorar. No dia seguinte, um homem veio ver a casa deles. Pensando que as intenções dele era comprá-la, Blanche lhe informou que a casa não estava à venda. "Eu não vim para comprar a casa", disse o homem, "Ela já é minha! Sinto muito, mas vocês terão que mudar-se." Era inacreditável. Seu pai tinha perdido a casa por dívidas de jogo.[2]

BASTA DE DADOS, SENHOR COE!

Blanche Coe se mudou com seus filhos para Pensilvânia, onde tentou dar-lhes uma vida decente. Moravam num porão. Enquanto a irmã mais velha de Coe cuidava das crianças, a sua mãe trabalhava lavando roupa de dia e estudava enfermaria à noite. Era uma luta terrível para todos.

Então um dia, o pai de Coe apareceu na casa deles suplicando a Blanche que voltasse para ele e prometendo abandonar o vício do jogo. Como a vida havia sido difícil para Blanche, atendeu ao apelo de George e voltaram todos a morar juntos em Oklahoma. Mas George começou a jogar novamente, e desta vez a sua esposa o abandonou para sempre. Blanche ficou com a filha, e deixou os demais irmãos com o pai.

NINGUÉM O QUERIA

Muitas vezes, as crianças ficavam sozinhas quando se pai ia jogar. Era comum não terem nada para comer. Não demorou muito e a Sra. Coe voltou e levou seus filhos com ela.

Quando Coe estava com nove anos, sua mãe sentindo-se oprimida pela responsabilidade de tomar conta sozinha de seus filhos, levou Jack e seu irmão a uma casa muito grande. Depois de conversar com as pessoas que moravam ali e despedir-se de seus filhos, foi embora, deixando o pequeno Coe e seu irmão nos degraus da entrada desse orfanato.

Mais tarde, Jack escreveria sobre essa experiência:

> "Eu fiquei pensando: meu pai não me quer, e agora a minha mãe... a única amiga que eu já tive, também estava virando as costas para mim e me abandonando. Quando a vi se afastando para longe, indo embora, cheguei a pensar que o meu coração iria explodir dentro de mim. Fiquei um longo tempo ali parado, observando-a desaparecer, e chorando."[3]

O que Coe não sabia era que, depois de ter deixado os filhos naquele orfanato, sua mãe também chorou durante vários dias.

O irmão de Coe, que era três anos mais velho que ele, acabou fugindo do orfanato. Depois de entrar às escondidas dentro de um vagão de trem e roubar uma bicicleta, foi atropelado por um carro na rodovia e morreu na hora. Durante o funeral, o garoto Jack sentiu-se ainda mais só.

A GARRAFA NÃO É A TUA AMIGA

Coe permaneceu no orfanato durante oito anos. Durante esse tempo, ele aprendeu muito pouco sobre Deus. Assim que completou dezessete anos de idade, Jack Coe começou a levar uma vida de bebedeiras e farras. E não demorou muito para que ele se tornasse um alcoólatra, exatamente como o seu pai.

Durante esse período de escravidão ao vício do álcool, até houve ocasiões em que Coe tentou se aproximar de Deus. Entretanto, todas as pessoas que freqüentavam as igrejas aonde ele ia ocasionalmente, levavam uma vida sem compromisso com **O** Senhor e, por isso, não tinham respostas para oferecer a ele. Assim, foi se afundando cada vez mais no pecado.

Em pouco tempo, a saúde de Jack começou a sentir os efeitos da vida desregrada que ele estava levando. Por causa do álcool, ele adquiriu uma úlcera no estômago e o batimento do seu coração era duas vezes mais rápido que o normal. Ele estava praticamente morrendo por causa da bebida, e o médico o advertiu de que a sua próxima bebedeira poderia colocar um fim em sua vida.

Diante disso, Coe tentou tomar algumas decisões que pudessem livrá-lo. Entretanto, como ainda não conhecia a Deus, ficou imaginando quem poderia ajudá-lo a ficar firme em seu propósito de ficar longe das bebidas. Isso o levou a mudar-se para a Califórnia, pois sua mãe morava lá e, se existia alguém neste mundo que poderia ajudá-lo, esse alguém certamente era ela.

Tão logo chegou em casa, sua irmã o convidou para acompanhá-la a uma festa. Porém, enquanto os outros dançavam, Coe arranjou logo um jeito de ir para o local onde estavam servindo as bebidas. Naquela noite, ele foi levado para casa totalmente embriagado; contudo, dessa vez sua mãe não tomou conhecimento do ocorrido.

"DEUS, ME DÊ ATÉ DOMINGO!"

Na noite seguinte, Coe estava sentindo-se tão mal que achou que iria morrer; estava muito fraco e quase não conseguia andar. Acabou tendo de ser levado às pressas em uma ambulância para o hospital, e imediatamente medicado. Depois de examinado, sentou-se em uma cadeira e levantou os braços, suplicando: "O, Deus, por favor, não me deixe morrer. Dê-me uma nova chance; eu não quero ir para o inferno."[4] Então, repentinamente Coe melhorou. Sua fraqueza desapareceu e, da mesma maneira, os sintomas. Ele não tinha a menor idéia do que havia acontecido com ele, mas estava muito feliz!

Logo depois disso, Jack Coe decidiu ir embora da Califórnia, e levar a sua mãe com ele. Os dois foram para a cidade de Fort Worth, no Texas. Chegando lá, Coe arranjou um emprego de gerente em uma loja de máquinas Singer de costura. Infelizmente, porém, ele já havia esquecido a promessa que havia feito a Deus e, certa noite, voltou para casa totalmente alcoolizado. Dessa vez, entretanto, quando caiu em sua cama, não conseguia dormir. Virava pra lá e pra cá, sob uma grande convicção do Espírito de Deus. Finalmente, levantou-se e tomou mais uma dose de uísque, pois, quem sabe, assim conseguiria apagar de vez. Alguns dias depois disso, aconteceu uma experiência única com Coe, que mudaria a sua vida para sempre.

Era mais ou menos umas três horas da madrugada, e ele tinha acabado de voltar para casa, bêbado. Então, deitou-se em sua cama e tentou dormir, mas não conseguiu. Ao levantar-se para tomar uma outra dose de uísque, ouviu um barulho e percebeu que havia alguém ali.

Assustado, Coe ficou preocupado com o seu coração, pois ele começava a bater e, em seguida, parava... batia, parava. Foi então que ouviu uma voz, dizendo: "Esta é a sua última chance. Eu já o chamei muitas vezes e, agora, estou chamando-o pela última vez."

Neste momento, Jack Coe saltou da cama, e caiu de joelhos, clamando: "O, Deus, eu te peço: dê-me até domingo! Se o Senhor atender **a** esse meu pedido, prometo que acerto para sempre **a** minha vida contigo."

"PUXA VIDA, EU CONSEGUI!"

E o domingo chegou e Coe não tinha a mínima idéia de onde deveria ir. Quando ele era mais jovem, tinha sido batizado várias vezes, em vários lugares, mas nada havia sido capaz de mudar a sua vida ou responder aos seus questionamentos. Naquela época, só havia cultos à noite, e por isso, foi somente no fim da tarde que Coe começou a pensar seriamente em algum lugar onde pudesse ir, mas não conseguia pensar em lugar nenhum. Então, às cinco horas da tarde, foi até o seu escritório para procurar algum lugar na lista de telefones. Coe havia ouvido falar de algumas pessoas que tinham o hábito de abrir a Bíblia em qualquer

parte dela, apontar o dedo aleatoriamente sobre alguma passagem, e tomar aquela mensagem que estivesse escrita ali como sendo a vontade de Deus para elas. Então, resolveu tentar isso com a lista telefônica.

Pegou aquele enorme livro e fechando os olhos deixou-o cair, para ver onde é que as páginas iriam ficar abertas. Pegou-o do chão e seus olhos pousaram exatamente no nome e no endereço da Igreja do Nazareno. Então, se dirigiu para aquele local e chegou no estacionamento da igreja duas horas antes do início do culto. Quando as portas finalmente se abriram, saiu do carro e entrou, sentando-se em um dos últimos bancos. Ao final do culto, o pregador fez o apelo, perguntando se havia alguém ali presente que gostaria de ir para o céu. O pastor disse: "Oferecemos a você, nesta noite, a experiência do novo nascimento." Ao ouvir essa frase, Coe correu para frente, gritando: "Eu quero essa experiência! E exatamente isso o que eu quero!" Então, uma pequena senhora com seus cabelos grisalhos, orou por ele e, imediatamente Coe sentiu algo que nunca havia sentido. Não estando ainda familiarizado com o "linguajar evangélico", começou a correr por todo canto do salão da igreja, exclamando: "Puxa vida! Consegui! Puxa vida! Consegui!" Mas tarde, ao relembrar aquele momento, Coe diria: "Eu não sabia qual era o significado de 'Glória!' e 'Aleluia!' E eu tinha que botar para fora o que sentia, algo que estava dentro de mim."

Naquela noite Coe voltou para casa às quatro horas da manhã. Ele havia ficado na igreja durante todo esse tempo, orando e louvando a Deus.

O QUE ELES FIZERAM A VOCÊ?

Durante os próximos seis meses, Jack Coe foi um homem "faminto". Ele ia para a igreja todas as noites e permanecia lá até às primeiras horas da manhã seguinte. Ele praticamente "devorava" a sua Bíblia e estava constantemente se imaginando no lugar de algum personagem bíblico. Sua mãe observava o seu comportamento e estava muito preocupada com isso. Finalmente, uma noite quando ele estava se aprontando para sair, ela lhe perguntou se ele estava indo para a igreja. E é óbvio que ele estava. Então, ela disse: "Decidimos ir com você, para descobrirmos o que foi que esse povo lhe fez." Ao final da mensagem, sua mãe foi uma das que atendeu ao apelo. Ela não sabia como orar e, por isso, disse simplesmente: "Ó Senhor, me dê o que o Senhor deu para Coe." Imediatamente ela veio correndo até onde estava o filho e, em prantos, lhe disse: "Jack! Eu recebi! Eu recebi!" Quando eles se sentaram no banco, Coe e a mãe se abraçaram, louvando a Deus.

De volta para casa, mais tarde naquela noite, pararam em um supermercado para comprar alguns alimentos. Havia bem poucas pessoas fazendo compras àquela hora e, nem Coe e nem a sua mãe estavam conseguindo conter a alegria. Assim, começaram a correr de um lado para o outro nos corredores, gritando, rindo e louvando a Deus. O responsável pelo açougue disse a eles: "Parece que vocês acabaram de ser salvos." Então eles contaram o ocorrido para aquele atendente, e lágrimas começaram a rolar em seu rosto. Não demorou muito e ele estava ajoelhado, pedindo a Deus que o salvasse também![5]

"ELES LANÇARÃO UMA MALDIÇÃO SOBRE VOCÊ!"

Aproximadamente um ano e meio depois de aceitar a Jesus, Coe ficou sabendo, pela primeira vez, de uma reunião dos "santos roladores". Então, por pura curiosidade, ele e sua irmã resolveram "tirar aquela história a limpo". Na verdade, ele achou que a reunião era muito parecida com as da Igreja do Nazareno, com exceção do falar em outras línguas, e do fenômeno das pessoas caírem debaixo do poder de Deus ao aproximar-se do altar. Inicialmente ele chegou a pensar que elas estivessem desmaiadas.

Finalmente o pregador viu Coe e, apontando o dedo para ele, perguntou: "Você é crente?" Depois que Coe respondeu afirmativamente, o pastor continuou: "Você já é batizado com o Espírito Santo? Já falou em línguas?" Ao que Jack respondeu: "Não, senhor; e também não quero."

Então o pastor prosseguiu na sua conversa: "Hoje, quando você for para casa, aceitaria o desafio de ler tudo o que encontrar na Bíblia a respeito do batismo com o Espírito Santo? E que, depois, se ajoelhará e orará a Deus perguntando a Ele que, se essa experiência for para você, vai aceitá-la? Caso ela não seja para você, então, tudo bem."

Coe respondeu-lhe: "Claro! Porque eu tenho certeza de que a Bíblia não menciona nada sobre falar em línguas." Ao ouvir essa resposta de Coe, quando este virou-se para ir embora, o pastor lhe disse: "Tudo bem; vá para casa e leia a sua Bíblia."

Chegando lá, Coe foi ler a Bíblia e, em cada referência que ele verificava nas Escrituras, encontrava o termo "outras línguas". Assim, na noite seguinte, ele foi até à casa do seu pastor da Igreja do Nazareno. Quando Coe mostrou-lhe as passagens no livro de Atos, sobre falar em outras línguas, o pastor disse: "Se algum dia o Senhor quiser que você fale em línguas, Ele vai lhe chamar para o campo missionário e lhe dar essa capacidade, para que você possa se comunicar com os nativos." Essa explicação fez sentido para Coe e, assim que ele se virou para sair, o pastor lhe advertiu: "Fique longe desses 'santos roladores', ou eles lançarão uma maldição sobre sua vida."

"SE EU NÃO RECEBER ISSO, EU MORRO!"

Naquela noite, Coe não quis ir à reunião com a sua irmã. Ele disse a ela que aquelas reuniões eram coisa do diabo. Ao ouvir isso, ela respondeu: "Então, me diga uma coisa: Por que é que as pessoas que estão ali conseguiram parar de mentir e roubar, e de fazer outras coisas erradas?" Depois de dizer-lhe isso, ela foi para a igreja sem ele.

Coe ficou ali na cama, se debatendo durante muito tempo. Entretanto, algum tempo depois, levantou-se, colocou uma roupa, e foi para a reunião. Quando chegou ao salão da reunião, o pregador mais uma vez apontou para ele, e novamente Coe lhe disse que não queria falar em línguas. Então o ministro falou: "Bem, vamos considerar você um caso especial. Se Deus quiser enchê-lo com o Santo Espírito, sem que tenha de falar em línguas, da nossa parte tudo bem."

"Se é assim, então eu vou", respondeu Coe. Em seguida, foi até à frente, mas as pessoas que se aglomeraram em volta dele, pareciam estar se contradizendo umas às outras, quando clamavam - "Liberta-o!" "Domina-o!" "Esvazia-o!" "Enche-o!" Depois de alguns minutos disso, Jack desceu do altar mais do que depressa, e saiu correndo do templo.

Já do lado de fora, respirou aliviado e procurou se recompor. Tentou desfazer o amassado de sua roupa e deu um sorriso enquanto dizia para si mesmo: "Com certeza estou convencido de que não existe este negócio de falar em línguas." Então, quase que imediatamente, sentiu Deus falando ao seu coração: "Você deseja tanto isso que não sabe o que fazer. Você sabe que essa experiência é para você, e que é totalmente verdadeira." Depois dessas palavras, Coe começou a se lamentar: "Senhor... se eu não conseguir isso, eu morro!" E durante todo o trajeto de volta para sua casa, ele foi clamando: "Louvado seja Deus por Sua glória!"

A próxima noite chegou e Coe foi correndo para o culto. E tão logo fizeram o apelo para aqueles que gostariam de receber o batismo com o Espírito Santo, ele foi para frente mais que depressa. E novamente as mesmas pessoas vieram para ficar ali com ele; contudo, desta vez ele permaneceu ali. De repente, Coe viu uma luz muito brilhante; e quanto mais a luz brilhava, mais ele ia sentindo-se como que sumindo; e quanto mais ele louvava a Deus, mais brilhante a luz se tornava. Finalmente, sentiu que uma mão descia e segurava a sua. Era Jesus, e os dois seguiram caminhando juntos, e puderam conversar durante um bom tempo.

Quando Coe acordou, estava deitado no chão. Era quatro horas da manhã e ele estava falando em línguas. Na verdade, tudo o que ele conseguiu fazer durante os próximos três dias foi falar em línguas! Ele só conseguia falar em sua língua nativa se escrevesse em algum papel. Durante aqueles dias, ele viveu como que em uma atmosfera celeste, onde toda a criação parecia estar louvando ao Senhor.[6]

A ESCOLA BÍBLICA, JUANITA E O EXÉRCITO

Durante os anos de 1939 e 1940, Coe freqüentou o Southwestern Bible Institute, uma faculdade bíblica das Assembléias de Deus. Nessa época, o Sr. P. C. Nelson era o reitor daquele instituto. Durante o seu tempo ali, Coe conheceu uma moça que se chamava Juanita Scott. Mais tarde, aquele encontro provaria ser bem mais que uma simples coincidência.

Em 1941, depois do ataque das forças japonesas a Pearl Harbor, Coe alistou-se no exército. Inicialmente ele não ficava muito à vontade de orar e nem de agir como um cristão perto de seus amigos soldados. Entretanto, uma vez que ele percebeu que esses homens grosseiros não tinham nenhuma vergonha da maneira como agiam, decidiu portar-se como um verdadeiro crente; e sofreu muitas perseguições por causa disso. Contudo, a perseguição não o intimidou e nem o fez parar. Na verdade, logo ele percebeu que era tão ousado quanto aqueles homens; a única diferença era que ele iria obedecer à voz de Deus. Assim, aproveitou todas as oportunidades que teve para pregar.

Durante o tempo que passou servindo no Centésimo Trigésimo Esquadrão de Bombas em Walter Boro, no estado de Carolina do Sul, Coe tinha permissão para ir a qualquer lugar que desejasse. Ele estava alojado "no meio do nada", e a igreja mais perto ficava a mais de setenta quilômetros de distância. Sendo assim, todas as noites ele andava oito quilômetros, depois pegava carona no restante do percurso, para poder freqüentar a igreja! Independentemente de estar chovendo ou não, ele não perdia um único culto sequer. E isso durou pelo tempo de seis meses.

Certo dia o seu superior mandou que ele ajuntasse suas coisas, pois ele estava sendo mandado para a enfermaria do quartel. De lá, ele seria mandado para o hospital. Coe protestou veementemente contra essas providências, principalmente depois que entendeu que estava sendo mandado para a enfermaria onde ficavam os casos psiquiátricos. Depois da consulta com o psiquiatra, Coe disse ao médico que qualquer pessoa que desobedece a Bíblia é louca, e não o contrário disso. Resultado: Coe foi confinado.



O soldado Coe

A VIDA NA ALA PSIQUIÁTRICA

Coe sentia muita vontade de orar e jejuar, mas sabia que isso iria contribuir ainda mais para convencer o pessoal do hospital de sua "loucura". Depois de estar confinado por nove dias, Coe começou a clamar a Deus. Ele abriu a sua Bíblia no livro de Atos, e leu a passagem que conta como Deus enviou um anjo para fazer tremer a cela da prisão onde estavam Silas e Paulo, e abrir a porta da prisão onde se encontravam. Ao ler esse relato,

Coe sentiu-se envergonhado por causa de sua atitude de fraqueza, e resolveu levantar a sua voz e cantar.

De repente, ele ouviu uma batida em sua porta. A seguir, o jovem guarda da ala psiquiátrica entrou na cela; com os olhos cheios de lágrimas, ele disse: "Pregador, eu suportei isso enquanto pude. Eu venho aqui todas as noites, e tenho de ouvir as suas orações, o seu clamor e a sua busca por Deus a noite inteira. Eu vou acabar ficando louco se não receber isso que você possui. Meu pai era um pregador pentecostal, mas eu nunca fui salvo. Por favor, será que você poderia orar para que eu receba a salvação?"

Coe ajoelhou-se com o jovem, clamou em seu favor, orou por ele e presenciou a sua gloriosa salvação. Depois da oração, eles gritaram tão alto que os demais reclusos acordaram e começaram a gritar também!

Com o coração transbordando de gratidão, o jovem disse para Coe: "Eu não sei o que poderei fazer por você, mas prometo que vou tentar." E, já na manhã seguinte, Coe foi posto em liberdade. Um pouco relutante, porém, o médico disse-lhe que seu estado de saúde era precário, e que estava sofrendo de psiconeurose ou fanatismo religioso; contudo, não era nada muito perigoso.

Durante o tempo em que esteve no exército, Coe mudou de companhia sete vezes. E em cada uma delas, mais cedo ou mais tarde, eles o colocavam por algum tempo na ala psiquiátrica, simplesmente porque não sabiam como lidar com ele.[7]

SEJA UM... O QUÊ?

Depois de servir no exército por um período de um ano e três meses, Coe começou a sentir um desejo ardente de pregar o evangelho. Quando ia para a cama, à noite, ficava deitado, se imaginando pregando para as multidões; durante o dia, ficava pregando para si mesmo.

Finalmente, decidiu fazer uma visita ao pastor da Igreja de Deus naquela cidade, com a esperança de ter a oportunidade de pregar. Então o pastor o convidou para ajudar no altar, orando pelas pessoas que aceitavam a mensagem do evangelho. Entretanto, não era bem isso o que Coe queria e, por essa razão, resolveu ir embora. Contudo, ao virar-se para sair, sentiu o Senhor falando ao seu coração que deveria ir até o pastor e dizer-lhe que faria qualquer coisa que ele lhe pedisse para fazer.

"Bem, estou muito contente de ouvir isso", respondeu o pastor. "Recentemente o nosso zelador nos deixou e eu ficaria muito feliz se você pudesse fazer o serviço de limpeza da igreja", concluiu.

Ao ouvir isso, Coe sentiu-se insultado e disse ao pastor que havia sido chamado para pregar, e não para ser zelador de igreja. Então ele virou-se e se retirou. Porém o Senhor continuou a tratar com Coe e após mais uma noite sem dormir, voltou à igreja para ser o seu novo zelador!

TREINAMENTO ESPIRITUAL

Mais tarde, Coe disse que aquele pastor fora o "inspetor" mais exigente para quem ele já trabalhara na vida. Ele costumava passar a mão sobre os bancos de madeira para ter certeza de que estavam realmente limpos. Depois de alguns meses trabalhando ali, aquele pastor convidou Coe para ser professor na escola dominical. Jack Coe ficou simplesmente maravilhado! Finalmente ele teria a oportunidade de pregar! Essa alegria, entretanto, durou só até que ele ficou sabendo que iria ensinar a classe de "iniciantes"! Coe ficou chocado! Primeiro, ele resistiu; depois, embora relutante, resolveu aceitar. Seus "alunos" tinham entre um e três anos de idade.

Depois de algum tempo, Coe foi promovido a líder de louvor, depois para líder de jovens e, mais tarde, para pastor auxiliar. Quando o atual pastor fora chamado para pastorear uma outra igreja, a congregação convidou Coe para ser o seu substituto. Assim, finalmente Coe teria a sua chance de poder pregar para alguém![8]

O CASAMENTO E A VISÃO

Durante aquele tempo que Coe estava trabalhando nessa igreja, ele ouviu a notícia de que Juanita Scott estava viajando pelo país com um grupo musical. Durante os últimos anos, ela e Jack haviam trocado correspondências, mas o relacionamento deles nunca havia seguido o rumo do romantismo. Depois que a Igreja de Deus resolveu contratar um novo pastor, Coe decidiu começar o seu próprio ministério. Então, ele escreveu para o grupo musical do qual Juanita era parte, o Southern Carolers (os cantores do sul), pedindo que eles viessem até à sua cidade para ajudá-lo a começar aquele novo trabalho. Entretanto, quando o grupo chegou na cidade, os planos de Coe tiveram de mudar drasticamente. É que ele fora confinado ao seu posto no exército e, por algum tempo, não poderia mais conduzir reuniões regulares.

Assim, Coe providenciou para que o grupo musical de Juanita se apresentasse em outras reuniões de avivamento, e se encontrava com ela depois dos cultos. Durante esse tempo, ele e Juanita se aproximaram mais um do outro e, em pouco tempo, estavam casados. Coe conseguiu, com um órgão do governo, um local para morarem. Completamente sem dinheiro, tiveram de dormir no chão de concreto e usar os cobertores do exército para se cobrirem; sem falar no jejum forçado de três dias, até que, finalmente, puderam comprar alguma coisa para comer. Contudo, não demorou muito e os dois já tinham uma casa de três cômodos completamente mobiliada, um carro e mil dólares no banco. Ele era habilidoso com as mãos, e por isso, conseguiu consertar um rádio e vendê-lo por sessenta dólares; também conseguiu triplicar um investimento que fizera com a venda de algumas galinhas. O carro ele havia adquirido por haver ajudado um amigo.

Durante esse tempo, Coe começou a orar ao Senhor pedindo entendimento sobre o ministério de cura divina. Ele já havia ouvido falar sobre pessoas que tinham sido curadas, mas não sabia nada a esse respeito. Certo dia, caiu no sono enquanto lia um livro de P. C. Nelson, que tratava desse assunto. Durante o sono, sonhou que sua irmã estava morrendo em um quarto de hospital e, de repente, uma luz muito brilhante encheu o quarto onde ela estava. Ela pulou da cama imediatamente e começou a correr e a gritar: "Estou curada! Estou curada!"

No próximo dia, Coe descobriu que aquele seu sonho era realidade. Sua irmã estava com pneumonia dupla e havia sido desenganada pelos médicos. Ele partiu imediatamente para vê-la.

Assim que Coe entrou no quarto de hospital onde estava a irmã, percebeu que tudo ali era exatamente como havia visto em seu sonho. Depois de uma série de acontecimentos críticos, e totalmente contra todas as previsões, Deus curou e salvou a sua irmã - no último momento possível. E esse foi um tremendo milagre, que afetou poderosamente a vida de Jack Coe.[9]

PRONTO PARA MORRER

Em 1944, quando Juanita estava grávida do primeiro filho, Coe caiu gravemente enfermo. Ele contava com apenas vinte e seis anos de idade, mas havia contraído malária. Seu peso havia baixado de mais de cento e dez quilos, para menos de sessenta e cinco; ele era pele e ossos. Certo dia, a febre chegou a mais de quarenta graus e durou cinqüenta e quatro horas. Seu baço e fígado atingiram o dobro do tamanho normal, inflingindo-lhe tamanha dor a ponto de ele morder a língua até sangrar.

Finalmente, depois de a febre abaixar até um ponto em que Coe podia entender o que as pessoas estavam falando, os médicos o colocaram à par de suas reais condições. Alguns dias depois, quando viram que já não havia mais nada que a medicina podia fazer por ele, os médicos lhe deram alta para que pudesse voltar para casa, para perto de sua família. Sua oração sincera foi: "E agora, Senhor, o que eu vou fazer?" Ao que Deus lhe respondeu: "Eu o chamei para pregar o evangelho; por isso, vá lá fora e pregue!"

Durante algum tempo, o estado de saúde de Coe parecia bom; todavia, logo uma outra crise de malária o derrubava. Fortes sensações de frio e febre fizeram com que Coe ficasse totalmente prostrado. Com todas as complicações com essa doença, era muito difícil para ele levar uma vida normal. As fortes dores em seu baço e fígado eram quase insuportáveis. Juanita ficava sentada ao seu lado durante horas, aplicando bolsas de gelo para aliviar-lhe as dores.

Chegou um dia que Coe pensou que não agüentaria mais aquela situação. Então, pressentindo que estava chegando a hora de o seu marido morrer, Juanita saiu do trailer onde moravam, em prantos. Foi então que Deus passou a mostrar várias coisas para Coe, sobre as quais ele deveria se arrepender. Esse processo durou por algum tempo e, quando terminou, Jack Coe sentia-se livre em seu interior. "Tudo bem, Senhor, estou pronto para ir agora", foram finalmente as suas palavras, com relação ao seu final. Nesse momento, ele ouviu uma voz falando ao seu coração: "Você está pronto para ir, mas não precisa." Então, repentinamente, Coe sentiu-se como se estivesse coberto por um óleo morno, da cabeça aos pés, quando o Senhor falou: "Você está curado agora".

Coe pulou da cama, agarrou a sua esposa, que nesse momento estava dormindo ali perto dele, e gritou: "Querida! Querida! Eu estou curado! Eu estou curado!"

E na noite seguinte, apesar de estar sendo atormentado por pensamentos sussurrados pelo diabo, Coe se vestiu e foi pregar no meio da rua, onde três pessoas receberam a salvação. Mais tarde, naquele mesmo ano, a igreja Assembléia de Deus o ordenou ao pastorado.[10] E desse dia em diante, Coe nunca mais teve outro ataque de malária - Deus verdadeiramente o havia curado!

OH, NÃO! UMA PESSOA CEGA?

Em 1945, Coe foi para a cidade de Longview, no estado do Texas, onde continuou a estudar e a orar a respeito do assunto de cura divina. Ele pediu a Deus uma demonstração especial a respeito do poder divino e, depois, decidiu anunciar uma campanha de cura divina. "Deus irá abrir os olhos aos cegos, fazer o paralítico andar, e o surdo ouvir. E Ele vai fazer isso exatamente aqui, nesta igreja, amanhã **à** noite." Essa foi a sua ousada confissão de fé.

Na noite seguinte, a igreja estava lotada. Após a pregação de Coe, as pessoas fizeram filas para receber oração. As enfermidades não eram assim tão graves: algumas dores no estômago, dores de cabeça e ainda outras indisposições menos sérias. Entretanto, de repente Coe ergueu os olhos, e a avistou logo adiante - uma mulher cega. "Oh, Senhor, o que é que eu vou fazer com ela?", perguntou ele, e já começou a se preocupar com o que as pessoas iriam dizer se ela não fosse curada.

Quando chegou a vez dela receber oração, deu um passo à frente. Coe, porém, pediu que a senhora fosse novamente para o final da fila. Ele acreditava que, quando chegasse novamente a vez dela, a pequena fé que ele tinha já teria aumentado o suficiente para realizar aquela cura! E não demorou muito para que ela chegasse até ele novamente. Desesperado, Coe orou: "Senhor, aquela senhora já está quase aqui na frente outra vez. O que eu vou fazer?" E o Senhor respondeu rapidamente, dizendo: "Filho, afinal de contas, o que o fez pensar que poderia abrir os olhos aos cegos? Faça o que é para você fazer, e Eu farei o que somente Eu posso fazer."

Jack Coe se arrependeu de sua atitude, orou por aquela mulher e a ungiu com óleo. Seus olhos se abriram e ela disse que podia ver alguma coisa se movendo no fundo da igreja, mas a imagem não era nítida. Então, lembrando-se de que Jesus, certa ocasião, havia orado duas vezes para que uma pessoa fosse curada, Coe orou novamente. E dessa vez ela começou a gritar: "Eu posso ver! Estou vendo!"[11]

A EXPANSÃO DO MINISTÉRIO

A notícia da cura dessa senhora logo se espalhou pela cidade, e a fé de Coe se fortaleceu enormemente. Um pastor de Oklahoma pediu que ele fosse até à sua cidade para realizar uma campanha de três dias. Depois da primeira noite, onde surdos e mudos haviam sido curados e paralíticos tinham largado as suas muletas e passado a andar, os responsáveis por aquelas reuniões tiveram de alugar o ginásio de uma escola, para poderem acomodar todas as pessoas.

Naquele tempo, Coe achava que tinha de permanecer no local de reuniões orando por todos aqueles que vinham em busca de oração. E, às vezes, ele chegava a ficar ministrando àquelas pessoas até às cinco da manhã do dia seguinte. Assim, quando começou a viajar pelo estado de Oklahoma, orando pelos enfermos, praticamente não tinha tempo para dormir.

Em algumas cidades, ele ficava na casa dos irmãos; e quando isso acontecia, as pessoas costumavam vir a essas casas para receberem oração. Se ele estivesse dormindo, elas esperavam até que acordasse. Contudo, se houvesse um grande número delas, ele era acordado para que pudesse orar por suas necessidades. As vezes isso se repetia até por quatro ou cinco vezes em um único dia!

Por isso, não demorou muito e o corpo de Coe começou a dar sinais de cansaço. Afinal de contas, ele estava dormindo apenas pouco mais de uma hora cada noite. Entretanto, as necessidades das pessoas eram muitas e exigiam que ele orasse por elas a qualquer hora que viessem. Naqueles dias, campanhas de cura eram algo novo, e havia muitos princípios nas práticas ministeriais que o povo ainda não compreendia. Finalmente, Deus disse a Coe que ele precisava agir com sabedoria e procurar descansar adequadamente. Assim, ele obedeceu ao Senhor e se fortaleceu, para prosseguir em seu ministério junto aos doentes.

DIGA ADEUS À SUA CASA

Em 1946, Coe juntou os seus esforços editoriais aos de Gordon Lindsay, na publicação da revista *The Voice o/Healing* (A voz da cura), e foi nomeado seu co-editor. Então, em 1947, Coe e sua esposa tomaram uma decisão drástica, que iria lhes afetar o resto da vida. O casal havia adquirido uma pequena casa, e Juanita tinha muito orgulho da mesma, pois a havia mobiliado com muita graça e fazia questão de manter o seu gramado impecável. Entretanto, certo dia, após voltarem para casa, vindos de um culto, Juanita começou a chorar; ela sabia que Deus estava lhes pedindo que vendessem a casa e tudo o mais que possuíam, para se dedicarem de tempo integral à obra de Deus. Assim, decidiram vender. E logo no outro dia, ainda pela manhã, antes mesmo de Coe se levantar, alguém já estava em sua porta interessado em comprar a sua casa. Assim, poucos dias depois, Coe comprou uma velha tenda, uma nova caminhonete e um *trailer.*

Desta forma, os Coe estavam prontos para partir, e o primeiro lugar para onde foram foi à cidade de Chickasha, em Oklahoma. Na segunda noite de reuniões, eles experimentaram o seu primeiro desafio ministerial; é que caiu uma forte chuva, fazendo com que todo o tecido da parte de cima da tenda se rasgasse, ficando apenas as cordas. Depois da tempestade, o pastor local os desafiou a se examinarem para saber se realmente estavam dentro da vontade de Deus; ao que Juanita respondeu: "Mesmo se perdermos tudo o que temos, ainda assim teremos certeza de que estamos no centro da vontade de Deus." Quando ela ia saindo, o pastor lhe disse: "Se vocês têm tanta fé em Deus assim, eu também tenho fé suficiente para ajudá-los." E, dizendo isso, entregou a ela uma oferta de cem dólares.[12]

Ao final dessa primeira campanha, os Coe tinham dinheiro suficiente para trocar a lona da tenda e ainda comprar uma caminhonete maior para carregá-la.

AS HISTÓRIAS DA TENDA

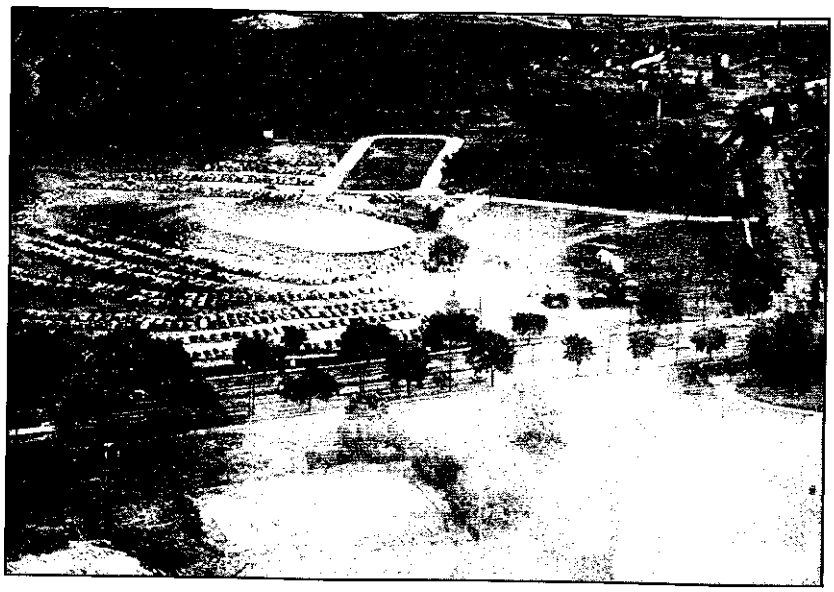
Em 1948, Coe seguiu para a cidade de Redding, na Califórnia, após ser especificamente orientado por Deus para aquela localidade, para realizar a sua próxima reu-



Orando pelos doentes



Jack e Juanita Coe



A maior tenda do país



Jack Coe



Atrás das grades



Uma reunião no "Grande Topo"

nião. Antes de receber essa diretriz de Deus com relação ao seu próximo destino, ele nunca havia ouvido falar em tal cidade. Quando chegaram ali, o diabo começou a trabalhar para impedir as reuniões. O responsável pelo corpo de bombeiros daquela cidade disse à Coe que a sua tenda não era à prova de fogo e que, por isso, não daria permissão para ele armá-la. O custo de transformar a tenda para que se tornasse à prova de fogo ficaria em mil e setecentos dólares, enquanto o preço total da tenda era de apenas quatrocentos dólares.

Coe, então, resolveu comprar a solução à prova de fogo e fazer, ele mesmo, o trabalho. Assim, mergulhou cada parte da tenda nessa mistura até que toda a lona ficasse imersa. Contudo, essa solução "paliativa" não passou na inspeção do chefe dos bombeiros. Quando viu que sua tentativa não havia dado certo, profundamente frustrado, Coe começou a chorar. Diante dessa cena, o bombeiro lhe disse que, se aquelas reuniões significavam tanto para ele, iria permitir que Coe desse prosseguimento na execução dos seus planos e montasse a sua tenda.

Nas primeiras reuniões, a freqüência foi pequena; entretanto, Coe permaneceu orando fielmente pelos doentes. Entre as pessoas que vieram, havia uma senhora que usava colete ortopédico e muletas que foi totalmente curada. Naquela noite, pela primeira vez em anos, ela pôde ajoelhar-se ao lado de sua cama e orar. Ela orou até o sol raiar, e depois, foi novamente para a reunião. Seu testemunho alvoroçou toda a cidade; ela contou que os médicos já estavam prontos para amputar a sua perna.

Coe divulgou o testemunho dessa mulher na rádio e por causa disso, a gerente da estação radiofônica entregou sua vida a Jesus. Uma proeminente senhora católica chegou naquela noite à reunião, em um Cadillac dirigido por um chofer. Ela se converteu naquela ocasião e imediatamente fechou todos os seus estabelecimentos onde eram vendidas bebidas alcoólicas. Sempre que ela chegava para as reuniões estava com as mãos erguidas e ao sair, também as mantinha levantadas.

Até aquela época, as ofertas eram muito poucas, e os credores já haviam ameaçado tomar a caminhonete de Coe. Por isso, ele levantou-se em frente da congregação e disse aos irmãos que precisava desesperadamente de setecentos e quarenta dólares. Quando ele disse isso, uma senhora caminhou em sua direção e preencheu-lhe um cheque no valor total do que ele precisava. Duas noites mais tarde, ele disse: "Eu gostaria muito de ter um órgão Hammond ou algum tipo de música aqui em nossa tenda", e aquela mesma senhora comprou o órgão para ele. O grupo de avivamento de Coe permaneceu ali na cidade de Redding durante um mês e três semanas, e conseguiu levantar dinheiro para pagar as despesas da próxima cruzada.[13]

Após umas merecidas férias, a família Coe continuou ministrando na Califórnia. Em Fresno, ele chegou a ser preso sob a acusação de estar perturbando a paz da cidade. Coe se declarou "inocente", e a acusação só foi a julgamento muitos meses depois. Entretanto, o caso foi arquivado por falta de provas, e nunca mais se fez qualquer menção no assunto.

O HOMEM E O MINISTRO

Coe era um homem impetuoso que, com maestria, dominava suas platéias. Diziam dele que podia mostrar-se atrevido, irritado, impertinente, humilde e sempre corajoso. Também diziam que ele amava uma controvérsia e que atraía muitas sobre a sua pessoa; era alguém que gostava de uma disputa. Gordon Lindsay escreveu o seguinte a respeito dele: "Em sua infância e juventude, era questão de lutar ou morrer, por isso, ele ficou desse jeito."[14]

A fé de Coe era ao mesmo tempo temerária e desafiadora. Contudo, as pessoas que saíam das reuniões curadas, não pareciam se importar com isso! Com freqüência, ele dava tapas nas pessoas, ou as sacudia. Entretanto, da mesma forma, elas não pareciam se incomodar: todas saíam curadas. Algumas nem sentiam o tapa. Coe foi também o primeiro evangelista a atrair e dar boas vindas a pessoas da comunidade negra, que compareciam às reuniões em grande número. Usava de certa aspereza ao pregar e costumava "dar nome aos bois". Certa ocasião, um grupo de jovens estava em pé, em cima das cadeiras da tenda, e ele gritou para eles: "Estas cadeiras são minhas! Eu não teria coragem de fazer isso se fosse na casa de vocês!"[15]

Em uma outra ocasião, um patrulheiro rodoviário chegou para ele e lhe disse que a sua multidão estava bloqueando a estrada, e que ele deveria tirar as pessoas dali. Então, Jack Coe respondeu dizendo que não tinha nada a ver com a estrada, e que era responsabilidade da patrulha prender as pessoas que estavam ali, caso quisessem que eles saíssem. Em seguida, deu continuidade à sua pregação, sem se incomodar nem um pouco com a exigência do guarda rodoviário.[16]

Por volta do ano de 1950, Coe parecia estar em constante competição com os outros pregadores. E uma maneira de demonstrar isso era providenciando sempre tendas cada vez maiores. Mesmo assim, todas as noites o seu pessoal ainda tinha de dispensar milhares de pessoas que compareciam para assistirem às suas pregações, mas que não encontravam lugar.

Em 1951, Coe foi a uma das reuniões de Oral Roberts. Ele mediu o tamanho da tenda de Roberts, e encomendou uma ainda um pouco maior. Depois, em julho daquele mesmo ano, ele publicou uma notícia na revista *The Voice ofHealing,* que dizia o seguinte:

> "Uma carta da Fábrica de Tendas Smith, da cidade de Dalton, no estado da Geórgia, afirma que, segundo as suas medidas, a tenda de Coe é, por uma pequena margem, a maior tenda de reuniões evangelísticas do mundo. Considerando que a tenda de oração, de Oral Roberts, mede 27,5 por 42 metros, então ele tem a maior tenda equipada. Tanto a tenda de Coe, como a de Oral Roberts, são maiores do que a grande tenda do circo Ringling Brothers."[17]

A VISÃO DO "ROSTO SARDENTO"

Certa noite, em uma reunião na cidade de Lubbock, Texas, um garoto sardento aproximou-se do avivalista. Abraçando as pernas de Coe, o menino disse meio que com a língua presa: "Poo fafor, ministlo, me deixxaa irr pia caassaa com vochê." Er-tão, uma senhora apareceu e o afastou, enquanto Coe ficou observando-o afastar-se; Entretanto, aquela cena ficou na mente de Coe a noite inteira. No próximo dia, efe tentou encontrar o garoto, mas não conseguiu.

Pelo fato de ele mesmo ter sido uma criança sem lar, Coe sempre sentiu em se., coração que algum dia ele ainda iria trabalhar com essas crianças, providenciand :-lhes um abrigo decente. Entretanto, ele sabia que, se Deus tinha colocado esse dese-: em seu coração, também teria de colocá-lo no coração de Juanita. Jack Coe não conseguia esquecer-se do rosto sardento daquele jovenzinho.

Finalmente, enquanto dirigia para casa, depois de uma reunião, Coe perguntou à sua esposa: "Querida, o que você diria se eu lhe dissesse que o Senhor tem falado comigo sobre abrir um lar para crianças de rua?" Ambos sabiam que, em termos financeiros, esse projeto era praticamente impossível. Contudo, Juanita respondeu: "Eu sempre pensei que deveria trabalhar em uma casa para crianças; talvez seja isso mesmo. Então, vá em frente e obedeça a Deus."[18]

POUCO A POUCO

Agindo em obediência, o casal Coe deu uma pequena entrada na compra de um terreno em Dallas, e continuou com suas cruzadas de cura divina. Em todas as reuniões. Coe falava com as pessoas sobre seus planos de abrir uma casa para crianças, e logo o povo começou a fazer doações de madeira e material. Jack e Juanita colocaram a própria casa à venda, a qual foi vendida na mesma semana. Eles usaram o dinheiro para ajudar a pagar os operários. Depois, mudaram-se para uma parte da casa das crianças, que ainda estava em construção, e viveram lá até que a casa estivesse toda pronta.

A casa ainda não possuía água encanada e o sistema de aquecimento não era suficiente para manter todos os cômodos aquecidos. Por isso, o bebê deles pegou pneumonia. O casal entregou a saúde do filho nas mãos de Deus e partiram para mais uma campanha. Depois de terem viajado mais ou menos uns cinqüenta quilômetros, a febre do bebê cedeu e ele passou a brincar - ele havia sido instantaneamente curado!

Pouco a pouco Deus foi providenciando os recursos necessários para o trabalho com a casa das crianças. As pessoas começaram a doar cortinas, cobertores, roupas, e não demorou muito, e o casal Coe pode fazer a sua "inauguração". A casa estava pronta e começaram a receber as crianças.

Certo dia, enquanto Coe observava os garotos brincando, um garotinho veio até ele e lhe disse: "Agora você vai ser o meu pai." Logo havia um monte deles abraçados a Coe, querendo receber o seu amor. A respeito disso, mais tarde Coe disse o seguinte: "Parecia que, finalmente, o meu sonho havia se tornado realidade."[19]

DEUS DISSE "NÃO"

Bob Davidson era um dos garotos da casa. Seu pai havia ficado paralítico, e não tinha condições de sustentar a família. Embora Coe fosse um evangelista de fama nacional, Davidson dizia que ele era como um "pai amoroso" quando estava em casa. Algumas pessoas lembravam-se de Jack Coe como sendo uma pessoa que estava sempre feliz. Era um homem que amava a diversão, e que tinha o maior prazer em fazer brincadeiras com as pessoas. Contudo, sempre ouvia o Senhor com relação às crianças e sabia exatamente onde estabelecer os limites.

Certa ocasião, depois de estar na casa por vários anos, Davidson quis ir à Feira Estadual com alguns amigos. Quando ele foi pedir dinheiro a Coe, para poder entrar na feira, este lhe disse que, se terminasse as suas tarefas, poderia ir.

Assim, o garoto trabalhou duro para conseguir terminar suas obrigações em tempo de ir. Ao final, correu ao encontro de Coe, gritando que havia terminado todo o trabalho. Nessa mesma hora, os rapazes com quem ele estava indo para a feira, pararam em frente da casa, em um carro modelo Plymouth Fury novinho. Eles acenaram para Davidson, pedindo que se apressasse e entrasse no carro, para que pudessem partir.

Observando aquela cena, Coe deu a Davidson o dinheiro pelo seu trabalho, mas mudou de idéia com relação a deixá-lo ir à feira. Jack disse a ele: "Deus me disse para não deixá-lo ir neste passeio."

E claro que o garoto não entendeu nada. Ele gritou e praguejou, dizendo: "Você mentiu! Você mentiu pra mim!" Em seguida, saiu correndo e foi para um outro canto da casa, emburrado.

Algum tempo depois, Coe foi até onde ele estava, e disse-lhe: "Se você realmente deseja ir a essa Feira, eu mesmo o levo até lá. Porém, Deus me disse que você não poderia ir com aqueles rapazes. Por isso, não me senti bem em deixá-lo ir."[20]

Então o rapaz enxugou o rosto, e foi para a feira com Coe. Quando estavam seguindo pela estrada, uma ambulância e um carro de polícia passou por eles a toda velocidade, seguindo direto à frente.

Prosseguindo em sua viagem, nada se pode comparar ao horror da cena que encontraram. Bem diante de seus olhos, no acostamento, estava o Plymouth Fury zeri-nho, todo retorcido e completamente destruído. Ao lado do carro, espalhados pelo chão, estavam os corpos dos amigos de Davidson - todos mortos. Coe e o jovem ficaram ali, parados à beira da estrada, abraçados e chorando.

VESTIDOS COMO A REALEZA

Davidson nunca se esqueceu de como Coe se importou com ele o suficiente para conseguir ouvir o aviso do Senhor sobre o perigo que estava correndo. Ele crê, com toda certeza, que deve a sua vida única e exclusivamente à compaixão de Jack Coe.

A casa das crianças, às vezes, chegava a abrigar até umas dezessete crianças. Davidson lembra que, certa vez, esse número chegou a cem! Algumas chegavam tão sujas que precisavam tomar banho umas quatro ou cinco vezes para que se conseguisse enxergar o seu couro cabeludo. Muitas daquelas crianças tinham sido abandonadas, e deixadas passando fome. Eram os vizinhos delas que avisavam as autoridades sobre as suas condições. Depois, a casa das crianças acolhia a quantas tinha condições de acolher.

Coe sempre dizia o seguinte, às pessoas que faziam doações para a casa: "Não mandem roupas velhas para as crianças da minha casa, pois elas devem se vestir tão bem quanto os seus filhos." Dizem que depois que Coe recebia as crianças, e cuidava delas, até mesmo o governador teria orgulho de ficar com elas. Jack as ensinava a orar, ensinava-lhes sobre Jesus e as levava à igreja regularmente. A maioria delas era batizada com o Espírito Santo e falava em línguas.

Mais tarde, Coe conseguiu comprar uma propriedade de aproximadamente oitenta e um hectares nos arredores de Dallas, para construir a casa. Essa terra era suficiente para a construção de uma fazenda auto-sustentável e quatro grandes dormitórios. Coe estabeleceu um alvo de receber duzentas crianças. Deus honrou os seus esforços e supriu abundantemente todas as necessidades daquela casa.

O GRANDE TOPO

Nessa altura de seu ministério, Coe já havia comprado e vendido muitas tendas, perseguindo o seu alvo de possuir a maior tenda da nação. E finalmente ele conseguiu. Agora ele podia gabar-se do fato de que sua nova tenda era "maior que o grande topo". Tempestades haviam destruído outras, mas Coe acreditava que esta seria sobrenaturalmente sustentada pelas mãos de Deus.

Coe não realizava apenas reuniões pequenas, limitadas; suas campanhas eram enormes! Uma das maiores que ele realizou aconteceu na cidade de Little Rock, no estado de Arkansas, onde o governador calculou que mais de vinte mil pessoas assistiram! Surdos ouviram, cegos enxergaram e paralíticos andaram quando Deus milagrosamente os tocou com a bênção da cura. E, acima de tudo, milhares foram salvos.

Então, chegou o dia em que uma nova tempestade se abateu sobre a tenda de Coe. Naquela noite, o vento soprou tão forte que o próprio avivalista mal podia agüentar em pé do lado de fora. Ainda havia três mil e quinhentas pessoas dentro da tenda, quando a tempestade atingiu o seu pior momento e um raio danificou o sistema elétrico, apagando todas as lâmpadas do recinto. Quando isso aconteceu, Coe correu até o seu *trailer* e começou a orar. E tão logo ele fez isso, o vento finalmente diminuiu e a tempestade se acalmou.

Coe voltou para a tenda para ver como estavam as pessoas, e encontrou uma senhora no chão, aparentemente tendo um ataque do coração. Ele até podia ouvir o som da morte na garganta dela. Alguém chegou a sugerir que eles chamassem uma ambulância, mas Coe disse: "Nós vamos orar **e** crer em Deus, **e** o Senhor irá curá-la." Eles oraram e, dentro de alguns minutos, ela já estava de volta ao seu estado normal, louvando a Deus juntamente com os demais irmãos.[21]

A HISTÓRIA DA GRANDE INUNDAÇÃO

Coe estava presente na grande inundação que atingiu a cidade de Kansas City, a maior da história dos Estados Unidos. Antes que ele chegasse ali, sonhou com uma grande enchente invadindo a cidade de todos os lados. Entretanto, isso não o fez desistir da viagem, e ele montou a sua imensa tenda bem ao lado da cidade. Durante todas as reuniões, Deus falou em profecia que iria trazer julgamento sobre aquela localidade, mas a maioria das pessoas não deu ouvidos aos avisos; alguns chegaram a rir, zombar e até mesmo saíram da reunião em sinal de deboche. Choveu durante todas as noites, deixando encharcada a plataforma para onde milhares de pessoas iam quando aceitavam a Jesus durante os apelos. Coe permaneceu com seu espírito inquieto e, durante duas noites, não conseguiu pegar no sono.

Pela manhã do dia seguinte, disse à esposa: "Você iria achar que estou doido se eu desmontasse a tenda? Alguma coisa está me dizendo que devo desmontá-la." Assim, quando ele estava se preparando para colocar em prática as suas palavras, viu que os seus caminhões já estavam atolados na lama, e que a umidade havia danificado as baterias, impedindo-as de funcionar. Após trabalhar arduamente para colocá-las novamente em funcionamento, foi só na parte da tarde que o grupo conseguiu fazer os caminhões funcionarem.

Quando ele começou a desmontar a tenda, as pessoas começaram a questionar os seus motivos: "O que você está fazendo?" "Não vai haver culto hoje à noite?" "Não creio que haja motivos para preocupação." "O máximo que poderia acontecer se o rio inundasse, seria molhar os pés das cadeiras." "Não existe a menor possibilidade de as águas transbordarem por sobre os diques." "Não deixe que o diabo engane você." Porém, apesar de todas essas argumentações, Deus havia falado claramente com Coe: "Tire logo a tenda daqui."

Contudo, por volta das sete horas e trinta minutos daquela noite, a equipe ainda não tinha retirado quase nada. Diante disso, Coe tentou organizá-los, pedindo-lhes que se apressassem. E quando eles estavam começando a baixar a cobertura da tenda, um pastor se aproximou de Coe, e disse: "Não retire a tenda, pois Deus pode tomar conta dela." Ao que Coe respondeu: "Eu sei que Deus pode tomar conta desta tenda, e **é** exatamente por isso que a estou desmontando. Deus me disse para retirá-la, e **é** isso que eu vou fazer."

Finalmente, três horas mais tarde, quando eles estavam retirando a última estaca, a máquina (de retirar as estacas das tendas) travou e não puxava o poste nem mais um centímetro. Justo naquele momento, todos os apitos e sirenes da cidade começaram a emitir o seu som agudo. E o aviso que receberam, foi: "Os diques se romperam!"

Coe estava pronto para sair, mas não conseguia colocar toda a tenda dentro das caminhonetes, e os homens estavam saindo em disparada. Então ele subiu em cima de uma grande caixa, e implorou-lhes: "Pessoal, não me deixem agora. A tenda já está toda enrolada; não me deixem!" Nessas alturas dos acontecimentos, a ponte que dava acesso às saídas daquela área estava completamente abarrotada de gente em pânico, lutando umas com as outras para atravessá-la. Os homens olhavam para a multidão e, depois, para Coe. Finalmente, um deles disse: "Precisamos ser homens o bastante para ficar aqui e ajudá-lo. Se ele não está com medo de afogar-se, eu também não estou." Com isso, quarenta homens voltaram e ajudaram Coe a colocar as lonas da tenda dentro dos carros. E somente depois que tudo estava carregado, é que eles saíram da cidade.

Quando os caminhões de Coe estavam deixando Kansas City, alguns daqueles que se recusaram a deixar a cidade sentaram-se em suas varandas, e zombaram dele, dizendo: "Ora, ora, os 'santos roladores' estão de mudança! O que aconteceu? Onde está a sua fé em Deus?" Então Coe respondeu de volta: "E é por isso mesmo que estamos partindo. Nós temos fé em Deus e Ele nos disse para sairmos!" Outros permaneciam em suas sacadas, rindo do evangelista. Eles sequer imaginavam que a inundação iria destruir tudo o que tinham. E foi exatamente isso o que aconteceu a muitos deles.

Em seu trajeto deixando a cidade, Coe parou para ajudar o pastor Barnett (pai de Tommy Barnett, que foi pastor de uma das maiores igrejas localizadas em Fênix, Arizona) a levar os seus móveis e outros pertences para a igreja. Porém, o grupo que estava ajudando na mudança era muito pequeno e foi tarde demais. O pastor e Coe viram do caminhão quando a água entrou pelas janelas da igreja, destruindo tudo. Entretanto, mesmo tendo perdido tudo o que tinha naquela enchente, Barnett fez um compromisso de permanecer em Kansas City.

O pastor Barnett e Coe conseguiram salvar muitas pessoas; porém, durante o processo, também viram muitos morrerem afogados. Depois de fazerem tudo o que podiam, começaram a atravessar a ponte em busca de um lugar seguro. Quando Coe olhou para trás, viu que o nível da água no local onde antes estava armada a tenda, tinha atingido uma altura de aproximadamente seis metros; se tivesse permanecido ali, a tenda teria sido completamente destruída. E apenas uma pequena parte do prédio da igreja de Barnett ainda permanecia visível.[22]

Aqueles homens viraram as costas e se foram, agradecendo a Deus profundamente pela Sua absoluta provisão e livramento.

ENVERGONHADOS? QUAL É A NOVIDADE?

Em 1952, Coe viajou por toda a região Sul, realizando grandes cruzadas de cura divina. Dois anos antes ele havia começado a publicar a revista *The Herald ofHealing* (O mensageiro da cura) e, um ano depois, em 1951, a circulação da mesma já havia alcançado um número de trinta e cinco mil exemplares. Jack Coe orgulhava-se do fato de que ela era uma das revistas que mais crescia na nação, com uma renovação anual de cem por cento das assinaturas. Por volta de 1956, a circulação da revista já havia alcançado o número de duzentos e cinqüenta mil exemplares.[23]

Quando chegou agosto de 1952, Coe iniciou um programa evangélico no rádio e seu alcance chegou a cem diferentes estações por semana. Milhares de pessoas foram salvas e curadas por intermédio de seu programa. Foi mais ou menos nessa época que os milagres "criativos" - o surgimento milagroso de partes inexistentes no corpo das pessoas - começaram a acontecer em suas reuniões.

Entretanto, quando Coe realizou uma cruzada na cidade de Springfield, no Missouri, a Assembléia de Deus começou a se opor ao seu trabalho, pois não era muito favorável aos ministérios de cura divina e libertação. Entretanto, ele tinha uma personalidade vulcânica, especialmente quando se tratava de alguém querendo ser ditador ou tentando controlar o seu chamado ministerial. Ele tentou acatar as sugestoes e críticas deles, e chegou até a fazer propaganda do *Pentecostal Evangel* (a publicação oficial das Assembléias de Deus) em uma de suas reuniões, o que resultou em um acréscimo de cento e vinte novas assinaturas. Além disso, tirou uma grande oferta para ajudar os programas missionários deles.

Contudo, Coe não era um homem preso a denominações. Por mais que ele tentasse, não conseguia ficar dentro de todas as restrições e regulamentos de um sistema denominacional. E, para complicar, ele achava que os líderes das Assembléias de Deus não acreditavam mais em milagres. Por isso, escreveu-lhes uma carta muito corajosa, sugerindo que a denominação substituísse a atual liderança por homens que acreditassem no poder milagroso de Deus. O resultado foi que o Concílio Geral da igreja considerou a sua carta ofensiva.

Depois de todos esses impasses, em 1953, Coe foi expulso das Assembléias de Deus. Eles estavam irritados com sua "extrema independência" e envergonhados com alguns de seus métodos. Depois disso, começou a existir um clima de animosidade entre os dois lados. Chegou a circularem boatos de que Coe tivesse pensado em dividir a igreja, e fundar uma outra denominação, chamada Assembléia de Deus Fundamentalista, mas que desistira e resolvera continuar em seu chamado ministerial inicial.[24]

NOVA IGREJA, NOVO LAR, NOVO ENTENDIMENTO

Não demorou muito e Coe pegou a visão de ter a sua própria igreja. Seria um centro de avivamento, um lugar que evangelistas poderiam visitar e realizar campanhas contínuas. Teria espaço bastante para acomodar as pessoas que esses ministérios atrairiam. E os planos eram de fundar o mesmo tipo de centro nas demais grandes cidades do país. Coe sabia que seria grandemente criticado por essa mudança; entretanto, decidiu ir em busca do seu sonho, apesar da perseguição. Assim, em 1953, ele começou o primeiro dos centros: O Centro de Avivamento de Dallas.

Durante a primavera daquele ano, Coe começou a questionar a Deus por que algumas pessoas não eram curadas. Embora já tivesse visto milhares sendo curados, também já tinha visto outros milhares indo embora sem receberem a bênção da cura. Após um período de oração, Deus revelou a Coe que muitos não compreendiam como receber a cura e que precisavam de ensinamento nas Escrituras, com respeito à Sua Palavra e ao Seu poder. Aquela foi uma tremenda revelação para ele! Até aquele dia, muitos dos evangelistas da Voz da Cura dependiam da unção recebida por intermédio de seu dom de cura; outros não sabiam quase nada sobre o que a Palavra de Deus tinha a dizer sobre o assunto.

Assim, em um esforço de fortalecer a fé e dissipar as dúvidas daqueles que estavam buscando a cura, Coe construiu uma casa de fé. Era um lugar onde o enfermo poderia ficar até conseguir receber a bênção da cura, e onde havia aulas diárias sobre oração e cura divina. Finalmente, após meses de luta contra a resistência das autoridades da cidade com relação aos seus planos de construção, a Casa da Fé de Jack Coe foi inaugurada ao lado da sua Casa Para Crianças "O Mensageiro de Cura", no verão de 1954. Em setembro, a Casa da Fé de Coe recebeu o seu primeiro paciente em tempo integral. Dali para frente, as pessoas foram só chegando. Nenhum medicamento era oferecido ou permitido dentro das instalações e, à noite, os pacientes eram levados para o Centro de Avivamento de Dallas.

Em julho daquele ano, Coe experimentou o maior avivamento de toda a história de seu ministério. Ele havia levado o seu "grande topo" para Pittsburgh, Pensilvânia, onde estimativas dizem que mais de trinta mil pessoas nasceram de novo. Uma das noites daquela campanha de avivamento foi reservada apenas para os "casos de macas"; e mais de setenta e cinco por cento daqueles que chegaram ali em macas, levantaram-se e voltaram para suas casas andando. Uma grande rede de televisão noticiou as reuniões de avivamento, atraindo ainda maiores multidões para o evento. E mesmo que fortes ventos rasgaram o "grande topo" durante a sua permanência em Pittsburgh, essa campanha de um mês de duração foi o ponto alto da vida ministerial de Coe.

Durante todo o ano de 1953, sua igreja, o Centro Dallas de Avivamento, continuou crescendo. Coe e um outro pastor alugaram um grande teatro, o qual eles reformaram para realizar trabalhos durante a noite. O amor de Coe pelas crianças o levou a desenvolver no Centro uma escola cristã de tempo integral, onde professores cheios do Espírito ensinavam as crianças e demonstravam amor a elas.

O primeiro andar e a galeria do local de reuniões ficavam lotados de gente todas as noites. Quando chegou o final do ano, a congregação já havia crescido tanto que eles tiveram condições de construir suas próprias instalações.

Em janeiro de 1954, Coe abriu um novo Centro de Avivamento em Dallas. Era um prédio simples e belo que tinha uma enorme cruz branca que se destacava bem à frente da igreja. O Centro tinha um lugar para atender às pessoas da igreja todas as noites da semana. Havia ônibus que pegavam as pessoas que não tinham como vir para as reuniões, e uma ambulância que buscava qualquer um que estivesse hospitalizado, ou mesmo doente em casa, e que desejasse ir até à igreja para receber oração.

MUITAS PROVAÇÕES - VIDA E MINISTÉRIO

Coe continuou evangelizando por todo o país, tentando levantar dinheiro para um programa na televisão. Então, em 1956, ele foi preso em Miami, Flórida, sob a acusação de praticar a medicina sem licença.

Deixe-me esclarecer uma questão aqui. Nessa época, a cidade de Miami era conhecida por suas constantes perseguições aos ministros evangélicos; especialmente aqueles que pregavam sobre cura divina. Quando a perseguição se tornava muito intensa, a maioria dos evangelistas simplesmente pegava as suas coisas e deixava a cidade. Mas não Coe! Ele preferia ficar e lutar. Lembre-se que Coe adorava uma boa briga. Por causa disso, a polícia de Miami o prendeu e o jogou na prisão. Mais tarde ele foi solto, após pagar uma fiança de cinco mil dólares.

E por causa dessa sua prisão, Coe começou a exortar outros evangelistas de cura divina a vir para Miami e lutar por aquilo em que criam. E quando chegou o dia do julgamento do seu caso, ficou evidente que suas palavras haviam sido ouvidas, pois muitos evangelistas proeminentes compareceram para testemunhar em seu favor. Na verdade, existem registros que mostram que esses evangelistas puderam operar milagres de cura - enquanto estavam ali prestando depoimentos! Assim, Deus transformou a situação a Seu favor e, no final, o juiz deu o caso por encerrado.

O incidente de Coe em Miami provou ser uma enorme vitória. Entretanto, algo muito decisivo para o seu ministério estava em vias de acontecer. Em dezembro, enquanto pregava em Hot Springs, Arkansas, o evangelista de cura divina adoeceu gravemente.

Era fato conhecido que Coe sempre negligenciara terrivelmente a sua saúde. Ele mantinha uma agenda extremamente apertada, dirigindo até três reuniões por dia, as quais duravam de quatro a seis semanas. O excesso de trabalho, o estresse e a falta de um descanso adequado logo trouxeram as suas conseqüências. Devido ao tremendo desgaste que seu corpo sofria, dizia-se que, por dentro, o corpo de Coe era como o de um homem de noventa anos de idade.

A família de Coe diz que o Senhor o avisou sobre a sua morte um ano antes da data, e que ele aceitou o fato de que iria morrer em breve. Seu pessoal também diz que ele cria que a vinda de Jesus aconteceria logo depois da sua morte. E por causa desses dois fatos, Coe trabalhou incansavelmente para pregar o evangelho - mesmo até a exaustão.

Além da agenda terrível que Coe mantinha, seus hábitos alimentares eram irregulares e nada saudáveis. Muitas noites, após as suas cruzadas, ele fazia uma refeição super pesada, às três horas da manhã! Conseqüentemente, estava extremamente acima do seu peso normal.

Ironicamente, parece que a geração dos evangelistas do movimento a Voz da Cura não compreendiam a questão da mordomia que o cristão deve ter com respeito ao seu corpo, como nós o fazemos hoje. Precisamos entender que o nosso corpo físico é a morada do nosso espírito aqui na terra. Precisamos manter hábitos saudáveis de alimentação, de atitude mental e de bem estar de um modo geral, do contrário nossa "residência" física - nosso corpo - para de funcionar e morre. E se isso acontecer, então nosso espírito terá de deixar a terra para habitar o céu.

Gosto de comparar o nosso corpo físico com um macacão de astronauta. Se você fosse designado a participar de uma viagem espacial, a única coisa capaz de manter o seu corpo junto à superfície da lua é a sua roupa de astronauta. Essa roupa espacial conta com um cilindro de oxigênio, um escudo de proteção para o corpo e é pesado o suficiente para permitir que o astronauta caminhe ereto no ambiente sem gravidade do espaço. Porém, se essa vestimenta fosse danificada, o suprimento de oxigênio seria interrompido, a proteção deixaria de existir e o astronauta flutuaria deixando a superfície lunar. Por quê? Porque você precisa dessa roupa de astronauta para conseguir ficar na lua.

A mesma coisa é verdade com relação ao nosso corpo físico. Se falharmos em nossa tarefa de sermos bons mordomos de nossa carne, nosso corpo irá morrer cedo e, então, nosso espírito terá de partir. Por isso, se não cuidarmos de nosso corpo físico, nossa vida e ministério chegarão ao fim.

UMA MORTE PRECOCE

Inicialmente Coe achou que estava com esgotamento físico; entretanto, logc diagnosticaram que ele tinha poliomielite. Sua esposa queria que ele fosse internadc em um hospital e, para que ela ficasse mais tranqüila, ele consentiu.

Durante o seu tempo de internação, Coe permaneceu a maior parte do tempo inconsciente; contudo, havia algumas vezes que ele recobrava a consciência e conseguia dizer o que estava precisando. Segundo sua esposa, o Senhor havia falado com Coe que sua hora de partir chegara.[25] Assim, no início de 1957, Jack Coe partiu para estar com o Senhor.

Juanita Coe foi duramente repreendida por muitos evangelistas por não ter permitido que eles orassem por seu marido. Gordon Lindsay, porém, disse que a morte de Coe devia ser vontade de Deus, ou "a providência divina teria feito com que alguém tivesse conseguido orar por ele. Seu ministério simplesmente havia sido concluído."

Conta-se que Coe fora avisado de sua morte próxima em razão de seu pouco cuidado com a saúde, hábitos pessoais e agenda pesada. A história é que Deus teria falado diversas vezes a determinado obreiro transmitindo-lhe uma palavra de advertência para Jack Coe. Ele teria obedecido a Deus e ido falar com Coe.

Conforme a história, Coe precisava corrigir-se em três áreas: 1) o amor aos irmãos, 2) seu peso e 3) o amor ao dinheiro. O profeta teria dito a Coe que se ele não se corrigisse nesses pontos, morreria cedo. E Coe realmente morreu cedo; ele tinha apenas trinta e oito anos de idade.

E importante notar aqui que a família de Coe nega veementemente que esse profeta em particular tenha falado alguma vez com Coe. Eles afirmam que um parente de Coe chegou a procurar o tal profeta para confrontá-lo a respeito desse relato tão amplamente divulgado. Ainda segundo a família, este profeta disse que nunca havia falado diretamente com Coe, embora Deus tenha mandado a ele que o fizesse.

O MINISTÉRIO CONTINUA

Depois da morte de Coe, sua esposa anunciou que ela e os chefes dos departamentos iriam dar prosseguimento ao ministério do seu marido. Ela trabalhava como pastora assistente do Centro Dallas de Avivamento e, durante algum tempo, continuou realizando campanhas de cura divina. Houve muitas pessoas que sentiram que ela poderia ter continuado e começado seu próprio ministério de avivamento; entretanto, ela preferiu deixar que essa parte do ministério acabasse. Mais e mais ela direcionava suas energias para o trabalho com missões estrangeiras e para a Casa das Crianças "O Mensageiro da Cura". Mesmo depois da morte de Coe, o *Herald of Healing* continuou com a sua tiragem de trezentos mil. Foi somente quando Juanita decidiu terminar com a publicação, que a popularidade do seu marido diminuiu.

Hoje em dia, ambos os filhos de Jack Coe, Jack Jr. e Steve estão no ministério, pastoreando suas próprias igrejas, e a Sra. Coe continua ativa na igreja. Os Coe continuam pregando o evangelho e ensinando sobre Jesus a essa geração e à próxima, cumprindo o plano de Deus na vida de cada um, individualmente.

NÃO VIVA NO PASSADO

Uma das grandes coisas a respeito de Jack Coe é que ele nunca permitiu que o seu passado o atrapalhasse. Seu passado deve ter influenciado suas atitudes, mas nunca o impediu ou fez com que recuasse.

Quando criança, ele foi grandemente machucado por causa das terríveis condições dentro de sua casa; entretanto, isso nunca foi desculpa para que ele se sentasse em um canto e ficasse sentindo pena de si mesmo. Em vez de fazê-lo sentir-se um coitadinho, aqueles tempos difíceis construíram dentro dele uma consciência da necessidade de libertação. Ele sabia que não podia depender das outras pessoas para fazerem as coisas por ele; afinal, ele era um lutador. E verdade que, às vezes, ele chegou a lutar na carne. Contudo, Jack Coe estava determinado a fazer alguma coisa com a fome que sentia em seu coração! Ele estava determinado a assumir o controle de sua vida terrivelmente prejudicada, em vez de permitir que aquelas desvantagens continuassem a controlar a vida dele.

Como resultado disso, Coe saiu de seu lugar e se lançou à frente, como um dos líderes do avivamento A Voz da Cura. Ele possuía aquele tipo de "independência" que mantém um obreiro em posição de vanguarda. Quando baseamos a nossa vida e a nossa fé no que o homem fala, ou nos horrores de nosso passado, somos derrotados. Entretanto, quando perseguimos ou corremos atrás do clamor do nosso coração, Deus vem em nosso socorro cada vez que precisamos e manifesta a sua glória em nós.

Mais uma importante lição que podemos tirar da vida de Coe: compreender que não precisamos exagerar os fatos que realizamos e nem competir com alguém para mostrar o nosso valor. Essa é a única área do ministério de Jack Coe que, a meu ver, rinha alguma coisa passível de reprovação. As vezes, se a insegurança prevalecer em um ministério, a pessoa irá, ou se retrair, ou passar dos limites para provar o seu valor. Quando seguimos os anseios da carne, temos de confiar em nossa própria força e, aí, nos desgastamos antes de tempo. O seu passado jamais determinará o seu futuro, a menos que você permita. Pela fé, podemos ter um futuro absolutamente novo. E esse futuro é claro, sólido, não experimentado por ninguém, e está esperando para viver com você todos os sonhos que você traz em seu interior. Mantenha o Senhor como a sua maior paixão, e os desejos do seu coração irão certamente se concretizar.

CAPÍTULO ONZE, JACK COE Referências:

1 Jack Coe, *The Story of Jack Coe* (A história de Jack Coe), Dallas, TX: Herald of Healing (O arauto da cura), Inc., 1955, pp. 78, 79.

2 *Ibidem.*, pp. 5, 6.

[3] *Ibidem.,* p. 12.
[4] *Ibidem.,* p. 15.
[5] *Ibidem.,* pp. 16-20.
[6] *Ibidem.,* pp. 21-26.
[7] *Ibidem., **pp.** 29-M.*
[8] *Ibidem.,* pp.42-44.
[9] Ibidem., pp.48-54.
[10] ftz'ifem., pp. 55-59.
[11] *Ibidem., **pp.*** 60-62.
[12] »m., pp. 68, 69.
[13] »m., pp. 72-75.
[14] David Harrell Jr., *All Things are Possible* (Todas as coisas são possíveis), Bloomington: Indiana University Press, 1975, pp. 58-59.
[15] Interview with Pastor Gary Ladd who attended Coe meetings in Tyler (Entrevista com o Pr. Gary Ladd, que participou das reuniões em Tyler, TX, em 1949)
[16] Coe, *The Story of Jack Coe, **pp.** 79,* 80.
[17] Harrell, *All Things Are Possible,* pp. 59-60.
[18] Coe, *The Story of Jack Coe, **p.*** 86.
[19] *Ibidem., **p.*** 90.
[20] Entrevista com Bob Davidson, em 25 de julho de 1995.
[21] Coe, *The Story of Jack Coe, **p.*** 98.
[22] *Ibidem.,* pp. 99-106.
[23] Harrell, *All Things Are Possible, **p.*** 60.
[24] *Ibidem., **p.*** 61.
[25] Comentários pessoais da família Coe, em abril de 1996.

CAPÍTULO DOZE

A. A. Allen



"O HOMEM DOS MILAGRES"

"Antes de começarmos a falar sobre a vida de A. A. Allen, gostaria de fazer alguns comentários que, creio, o ajudarão a compreender a história des-,se grande homem.

Todos nós temos as nossas preferências, quando o assunto é dons ministeriais. Existem alguns ministérios que prezamos mais que outros, e nem todos os dons ministeriais irão se encaixar dentro dos nossos padrões pessoais.

Alguns de nós podemos até ficar surpresos ao descobrir que nossa idéia de ministério, ou como esse ministério deve ser exercido, não coincida com o conceito de Jesus. Gosto de definir "preferência" mais como uma idéia particular do que uma revelação do nosso espírito.

Nossas preferências pessoais são apenas isso - preferências; não são regras. Por essa razão, precisamos ter o cuidado de não julgarmos o chamado ou o dom ministerial de uma outra pessoa, usando como base o nosso gosto pessoal. Envolver-se apenas nos ministérios que satisfaçam as nossas preferências pode fazer com que, ao longo de nossa caminhada, percamos muitas coisas valiosas.

Tenho uma grande admiração pelo ministério de A. A. Allen. Concordo que ele tenha cometido erros; todos os generais cometeram, e todos os que ainda o serão também vão cometer. Particularmente acredito que existem coisas que Allen fez "na carne" que, com toda a sinceridade, achou que estivesse fazendo "no Espírito".

Entretanto, quando analisamos a criação turbulenta de Allen, precisamos considerar como ele triunfou sobre toda essa situação, com o firme propósito de impactar o mundo para Jesus. Bem poucas pessoas, se é que existiu alguém, conseguiram superar o que Allen fez para atender, de maneira tão brilhante, ao chamado de Deus. Sua história deveria ser capaz de atingir todas as gerações. Gostaria que você mantivesse isso em mente, à medida que for lendo este capítulo.

POUCO LEITE, MAS MUITO WHISQUE

Asa Alonzo Allen nasceu em uma manhã chuvosa de Páscoa, no dia 27 de março, de 1911. Seus pais, Asa e Leona, decidiram dar-lhe o nome do pai e do tio, um ministro presbiteriano; essa foi a única conexão com Deus que seus pais lhe proporcionaram, e certamente eles não tinham a menor idéia de que, um dia, ele viria a ser um pastor. Asa Alonzo, entretanto, iria sair da sua pequena e conhecida região de Sulphur Springs, no estado de Arkansas, para se tornar um dos avivalistas mais sensacionais dos tempos modernos.

Também é verdade que A. A. Allen causou mais polêmica do que qualquer outro evangelista do movimento A Voz da Cura. Ele foi grandemente criticado por seus modos dramáticos e sensacionalistas, e totalmente censurado por seus hábitos pessoais. A mídia o tratou com total desprezo e os líderes das denominações se afastavam dele o mais que podiam; além disso, ainda ordenavam aos outros que mantivessem distância dele. Todavia, alguns acreditam sinceramente que ele tenha sido um dos mais importantes avivalistas que surgiram durante o avivamento ocorrido no movimento A Voz da Cura.[1] E é importante mencionar aqui que, aqueles que costumavam criticar Allen, foram muito menos produtivos em seus ministérios do que ele.

Allen nasceu em um lar bastante tumultuado, onde "problema" era uma palavra bastante familiar. Quando ele nasceu, seus pais já tinham dois filhos e quatro filhas. Durante a sua infância, suas irmãs lhe proporcionavam as únicas alegrias que ele conhecia; elas o amavam, brincavam com ele e o tratavam como se fosse um verdadeiro príncipe. Por outro lado, seus pais eram alcoólatras e criaram os filhos na mais completa e absoluta pobreza. Até mesmo o primeiro par de calçados que Allen usou lhe foi presenteado por uma pessoa totalmente desconhecida.

Os pais de Allen eram tão alcoólatras que chegaram ao ponto de improvisar uma espécie de alambique atrás do casebre onde moravam. Sua mãe continuou bebendo compulsivamente mesmo enquanto estava grávida dele. Afinal de contas, por serem muito pobres, o nascimento de mais um filho não foi nenhum motivo de alegria.

O passatempo favorito dos pais de Allen era dar a ele e às suas irmãs as bebidas alcoólicas que fabricavam, para que as crianças ficassem embriagadas. Depois, ficavam observando os filhos e rindo das suas palhaçadas até que as crianças caiam ou desmaiavam.[2] A mãe de Allen repetidamente enchia a sua mamadeira de bebida alcoólica para evitar que ele chorasse e, à noite, quando o colocava na cama para dormir, entregava-lhe uma mamadeira cheia da bebida feita em casa.

O tabaco também era algo que existia em grande abundância no lar deles e como era cultivado em casa, era puro e muito forte; ele aprendeu a fumar antes mesmo de atingir a idade mínima de freqüentar a escola. Ele sempre dava umas tragadas nos cigarros de sua mãe, quando ela pedia que ele os acendesse para ela.[3]

Seu pai era um músico muito talentoso e embora não fosse cristão, a igreja local o convidava para reger o coral e para se apresentar com eles. Geralmente, na maioria das vezes em que eles se apresentavam, ele estava embriagado. O jovem Allen herdou esse talento e, às vezes, ia para as esquinas cantar para o povo que passava. Devia ser um verdadeiro espetáculo ouvir aquela voz infantil cantar os hinos que aprendera com o seu embriagado pai. O garotinho Allen ficava nas esquinas cantando repetidamente os hinos da igreja, e as pessoas que passavam por ali, demonstravam seu apreço jogando-lhe moedas. Ele entrou para o mundo do entretenimento quando ainda era muito novo e parecia que ele havia nascido para isso.

UM BALDE DE CERVEJA E DE PROBLEMAS

Os pais de Allen estavam sempre brigando, atirando as coisas um no outro e ameaçando um ao outro com armas. Finalmente, quando ele tinha apenas quatro anos de idade, sua mãe deixou o seu pai e foi com os filhos para a cidade de Cartha-ge, Missouri.

E logo depois que ela largou o marido, casou-se novamente; entretanto, as brigas eram as mesmas. E sob a fúria causada pelo álcool, sua mãe e o padrasto brigavam a tal ponto que as crianças menores saíam correndo de dentro de casa, horrorizadas. Quando Allen tinha seis anos, seu padrasto já o encarregava de levar pequenos barris de cerveja para casa.

A respeito dessa época, Allen relata:

> "Cada um de nós cresceu com uma inclinação para a bebida. Eu tinha apenas dois irmãos, e um deles morreu quando eu ainda era muito novo; quase não me lembro dele. Meu irmão mais velho, entretanto, morreu como um alcoólatra. Meu pai foi ao funeral completamente bêbado. Minha mãe parou de beber antes de eu me tornar adulto, mas minhas quatro irmãs e eu já estávamos bem adiantados no caminho do inferno dos alcoólatras."[4]

Além do problema com a bebida, sua mãe também era tremendamente ciumenta. E para piorar ainda mais a situação, ela se casou com um homem mais jovem do que ela. Quando o marido saía para trabalhar,

com a ajuda de um binóculo ela ficava observando-o se afastar, para ver se ele iria parar no caminho para conversar com alguma outra mulher. Eles moravam muito perto do trabalho dele, e ela ficava observando tudo o que ele fazia durante o expediente. Assim, no dia do pagamento, ela exigia que ele lhe desse um relatório de tudo o que fazia com o dinheiro. E se ela cismasse que a quantia recebida era menor que a quantia habitual, ela o acusava de estar gastando dinheiro com alguma outra mulher. Finalmente, não suportando mais a situação, o padrasto pegou tudo o que tinha e foi embora de casa; e o garoto Allen fez o mesmo.

Com a idade de onze anos Allen fugiu de casa, determinado a voltar para o Arkansas para reencontrar o seu pai. Contudo, ele não tinha muita certeza de qual direção seguir e para piorar ainda mais a situação, tão logo ele se colocou na estrada, o tempo ficou muito ruim; por isso, decidiu voltar para junto da mãe. Planejando cuidadosamente a sua próxima tentativa, Allen decidiu que, quando a oportunidade chegasse, não permitiria que houvesse falhas.

Quando Allen estava com quatorze anos, já tinha o porte de um homem feito; então resolveu que já era hora de fugir novamente. Desta vez, decidiu que faria o que fosse preciso para que desse certo; por isso, pegou carona às escondidas em automóveis e caminhões de carga, e viajou muitos quilômetros em direção ao Sul. Durante a sua viagem, juntamente com alguns outros amigos andarilhos, trabalhou colhendo e descaroçando algodão, cavando valas e chegou até a ser preso por roubar milho.

"TIRA-O DAQUI OU DÊ CABO DA VIDA DELE"

Em todos os lugares que Allen chegava, ele era a alma da festa. Tinha uma bela voz de tenor e um enorme senso de ritmo; estava sempre cantando, dançando, bebendo e fumando. Embora sua energia parecesse inesgotável, mais tarde Allen confessou que se sentia miserável. Muitas vezes ele saía no meio de uma festa e se embrenhava pela mata, em busca de um lugar sossegado para chorar.

Com apenas vinte e um anos de idade, Allen já era uma pessoa extremamente nervosa. Quando acendia um cigarro, tinha de segurar o pulso com a outra mão, porque tremia demais. Dizem que ele não conseguia sequer segurar uma xícara de café sem que o líquido derramasse. Sentia uma queimação no peito e vivia atormentado com uma tosse seca e profunda; e, para piorar, sua memória estava começando a falhar. Resumindo, mesmo ainda estando praticamente no início de sua vida, Asa Alonzo Allen já estava com os seus dias contados.

Sem ter nenhum lugar para onde ir, resolveu, então, voltar para a casa de sua mãe. Crendo que a vida no interior e refeições regulares lhe fariam bem, Allen tinha esperanças de poder recuperar a sua saúde.

Contudo, tão logo chegou de volta à sua casa, retornou à prática dos velhos hábitos. Ali, naquele ambiente rústico do campo, Allen e sua mãe construíram uma destilaria clandestina para fabricar a própria bebida. Além da destilaria, todos os sábados à noite eles transformavam a casa deles em uma danceteria; e em pouco tempo eles já estavam atraindo grupos de desordeiros em busca de diversão.

Felizmente, um pouco abaixo da rua onde eles estavam, um outro homem chamado Irmão Hunter, começou a abrir as portas de sua casa com um motivo bem diferente. Embora não tivesse muito estudo, Hunter havia nascido de novo e estava cheio do Espírito Santo; por isso, resolveu abrir uma igreja e se tornar o pastor da mesma. Contudo, ele estava muito inquieto com relação àquele salão de danças que ficava localizado bem ali em sua rua.

O irmão Hunter tentou atrair os jovens, mas a maioria deles estava muito fascinada pela "Danceteria e Destilaria Allen", para ter qualquer interesse por igreja. Então, o pastor decidiu que, se algum dia aquela comunidade iria presenciar um avivamento, então o salão de danças teria de fechar as portas. Diante disso, um grupo de pessoas resolveu se unir e começar uma campanha de oração. Eles clamaram a Deus, dizendo:

"Senhor, feche as portas daquele salão de danças do Allen! Se for possível, salva-o; contudo, se ele não se render a Ti, ou o Senhor o leva embora daqui, ou dê cabo da vida dele. De uma forma ou de outra, feche as portas daquela danceteria."[5]

Bem, graças a Deus, somente uma parte das orações deles foi respondida!

A DAMA DE VESTIDO BRANCO

Em junho de 1934, as coisas começaram a mudar, quando um dos amigos de farra de Allen pediu-lhe para que o acompanhasse para fazer um serviço em outra cidade. Durante essa viagem, certo dia eles passaram em frente a uma igreja Metodista rural. As luzes estavam acesas e dentro havia pessoas cantando, batendo palmas e dançando.

Allen estava impressionado... aquelas pessoas ali estavam se divertindo! Ele pensava que igreja era um lugar solene e triste; então, pediu ao amigo que parassem ali.

Quando entraram para investigar, encontraram algo que os deixou ainda mais surpresos: a pastora era uma mulher, que estava vestida de branco. Ao ouvi-la falar, Allen chegou a pensar que se tratasse de um anjo. Ele não queria que aquela mulher o visse ali, pois ela tinha uma aparência muito pura; então, todas as vezes que a pregadora se aproximava do lugar onde ele estava, Allen se escondia atrás do aquecedor à lenha. E pela primeira vez em toda a sua vida, Allen sentiu convicção de pecados. Entretanto, antes de fazerem o apelo, ele e seu amigo saíram de fininho da igreja.

Durante toda aquela noite e no dia seguinte ele lutou com Deus em seu coração. Ele ansiava possuir a alegria e a paz que havia visto no rosto das pessoas daquela igreja. Então, decidido a não continuar lutando contra a convicção de Deus, resolveu voltar ao culto na noite seguinte.

Ao começar o culto, Allen prestou muita atenção na letra de todas as canções que as pessoas cantaram e também nos testemunhos que foram dados; o tema do sermão foi sobre como o sangue de Jesus lavou todos os nossos pecados. Assim, tão logo fizeram o apelo, ele levantou a sua mão o mais alto que pôde!

A senhora evangelista já havia ouvido falar sobre ele, e pensou que Allen estivesse ali apenas para causar problemas. Então ela pediu a todos os que estavam sendo sinceros, que se colocassem de pé. E sem pensar um segundo sequer, ele se levantou.

Mesmo assim, ela continuou temerosa, porque achou que ele estava ali apenas com a intenção de fazer um escândalo. Apesar de tudo, porém, decidiu continuar. Em seguida, pediu para aqueles que estavam de pé para virem até à frente, se estivessem realmente sendo sinceros; Allen foi o primeiro a atender o apelo, na verdade, ele foi o único dos que ficaram de pé que caminhou até a frente. Ainda acreditando que ele estava ali para causar confusão, a senhora perguntou-lhe: "Você *realmente* quer aceitar Jesus?"

"Claro! Foi para isso mesmo que eu vim até aqui", respondeu Allen.

E para a grande surpresa da pregadora, ele se ajoelhou e pediu a Jesus para ser o Senhor de sua vida. E daquele momento em diante, um novo A. A. Allen passou a existir. Nada mais de danças, nada mais de negócio ilegal de destilaria. Seus amigos zombaram dele, mas isso não fez com que Allen voltasse à sua antiga vida. Agora ele era mesmo uma nova criatura.[6]

"ELES SÃO DO DIABO!"

Em um velho baú que ficava no sótão de sua casa, Allen encontrou uma Bíblia que sua irmã havia ganhado em uma competição. Até aquela data, ninguém havia lido aquela Bíblia; então, ele a pegou e leu-a de capa a capa. Quando ia para o campo, levava consigo o precioso Livro para poder lê-lo; antes de cada refeição, ele também separava um tempinho para a leitura. De acordo com as próprias palavras de Allen, parecia que ele simplesmente não conseguia ler o suficiente da Palavra.

Enquanto isso, um pouco abaixo naquela rua, havia uma grande alegria na igreja Pentecostal do Irmão Hunter! "Aquele garoto Allen" havia nascido de novo! Suas orações haviam sido respondidas e parecia que aqueles mesmos jovens que costumavam freqüentar o salão de danças do Allen agora estavam visitando a igreja porque estavam curiosos sobre as músicas e a adoração. A maior surpresa de todas, entretanto, foi quando o próprio Allen entrou para assistir ao culto. Depois que a reunião terminou e que ele foi embora, a congregação permaneceu e orou para que Deus o enchesse com o Espírito e o usasse para ganhar almas.

Na manhã seguinte, depois que ele assistiu à reunião na igreja Pentecostal, ele visitou um pastor Metodista que o advertiu a manter-se longe dos pentecostais, dizendo que eles eram do diabo, pois falavam em línguas.

"Depois desse conselho, fiquei simplesmente muito ansioso para voltar lá o mais rápido possível", disse Allen. "Eu estava curioso para ouvi-los falar em outras línguas!"[7]

Depois de mais alguns cultos, os dons de línguas e interpretação começaram a se manifestar durante uma das reuniões e, quando Allen analisou friamente tudo o que presenciara ali, teve certeza de que o que vira

era coisa de Deus. E, por causa disso, ele agora realmente desejava aquela experiência que as outras pessoas da igreja tinham.

Logo no próximo dia Allen voltou a encontrar-se com aquele pastor metodista; compartilhou com ele o que havia presenciado e mostrou-lhe nas Escrituras referências que provavam que falar em línguas era algo para os dias atuais. Ao que o pastor respondeu: "Você não pode falar em línguas! Afinal, hoje em dia ninguém tem esse tipo de experiência, pois isso não é para os nossos dias!"

"Bem, pois eu lhe digo que eu terei", respondeu Allen. "E sabe de uma coisa, pastor: é exatamente isso o que o senhor precisa."[8]

O pastor foi-se embora batendo o pé, aborrecido e Allen rompeu os laços com a igreja Metodista.

Alguns dias depois desse acontecimento, uma das irmãs de Allen também experimentou a bênção do novo nascimento, e pouco tempo depois, ele finalmente recebeu o batismo com o Espírito Santo e o dom de línguas, em uma reunião em um acampamento da igreja Pentecostal, em Oklahoma, onde ele e a irmã estavam participando.

Aqueles dias ali pareceram um verdadeiro céu na terra para ele. Na noite em que ele foi cheio do Espírito Santo, estava usando a sua única muda de roupas - uma calça e uma camisa, brancas! Ele prostrou-se no chão coberto de poeira, mas não se importou; tudo o que ele queria era Deus. E logo sentiu como se ondas de eletricidade estivessem avançando lentamente das pontas de seus dedos até envolver todo o seu corpo. Depois, aconteceu. Allen estava alheio a tudo o mais que não fosse a presença de Deus. Ele ficou de pé e, literalmente, começou a gritar em outras línguas! Sua roupa branca estava toda suja, mas Allen tinha realizado o grande desejo do seu coração!

COLORADO & LEXIE = AMOR

Durante o ano de 1934, uma grande seca se abateu impiedosamente sobre o estado do Missouri; não havia trabalho em lugar algum. Então, certo dia Allen recebeu uma carta de um velho amigo, convidando-o para ir trabalhar em um rancho no estado do Colorado.

Assim, em setembro daquele ano, Allen cruzou as planícies daquele estado, cansado, com sede e sentindo-se um pouco privado da comunhão dos irmãos da igreja Pentecostal. Embora estivesse indo para um novo lugar em busca de trabalho, estava preocupado com a possibilidade de não existir ali cristãos que compartilhassem de sua nova crença. Quando estava andando pela estrada, encontrou um pedaço de papel trazido pelo vento; então ele agachou-se e o pegou. Ao ver o que estava escrito ali, Allen deu um largo sorriso; era uma página da revista da Igreja do Evangelho Quadrangular, chamada *Bridai Cali* (convite às bodas). Compreendeu, então, que em algum lugar daquelas planícies havia alguém que, assim como ele, acreditava no poder de Deus.

E tão logo ele chegou no rancho, perguntou se alguém ali freqüentava os cultos da Igreja do Evangelho Quadrangular. Seus amigos lhe disseram que havia uma garota que vivia pouco mais acima na estrada e que, provavelmente, freqüentava. Eles acrescentaram: "Ela até acredita que tem um chamado para ser pregadora."[9]

Pouco tempo depois dessa conversa, Allen se apresentou a Lexie Scriven, que tinha um chamado para pregar, e que tinha acabado de chegar de uma viagem com alguns amigos evangelistas. Os dois logo se tornaram grandes amigos, estudando a Bíblia diariamente, pesquisando as Escrituras e buscando respostas para algumas questões. Lexie sentia-se desafiada e revigorada quando ouvia Allen que, constantemente, estava colocando em xeque as tradições religiosas nas quais ela se apegava. Pelo fato de não ter sido criado debaixo de tradições, Allen sentia que via as coisas com mais clareza que Lexie. Logo, ela já havia sido persuadida pela maneira com que ele via a Palavra, e os dois começaram a ir para a igreja juntos. Pareciam inseparáveis; contudo, o relacionamento dos dois não era nada mais que uma grande amizade.

Não passou muito tempo, e Allen voltou ao estado do Missouri, para ajudar a sua mãe a mudar-se para uma nova casa no estado de Idaho. Lexie foi para o Instituto Bíblico na cidade de Springfield, no Missouri, mas quase todos os dias recebia cartas de Allen. Não demorou muito, e os dois começaram a ver que estavam gostando um do outro; por isso, Allen escreveu-lhe uma carta pedindo sua mão em casamento. Ela aceitou e, no dia 19 de setembro de 1936, os dois se casaram no estado do Colorado. Mais tarde, a sua união foi agraciada com a chegada de três garotos e uma menina.

UM SARIGÜÊ PARA O JANTAR DE AÇÃO DE GRAÇAS

Allen e Lexie começaram sua vida de casados com apenas cem dólares no bolso, alguns presentes de casamento e um velho Ford modelo *"A"*. Eles não tinham emprego e nem a promessa de algum, mas sabiam que Deus os havia chamado para pregar.

Eles economizaram todo o dinheiro que conseguiram, com a intenção de poder entrar para o Instituto Bíblico Central naquele mês de setembro e, depois, sair do Colorado, seguindo pelo Missouri, com planos de dar uma parada para visitar a mãe de Allen. Entretanto, ao chegar na casa dela, a encontraram muito doente, sem nenhum dinheiro e ninguém para poder tomar conta dela. O casal imediatamente comprou comida e outras necessidades, cuidou da casa e pagou as contas, assim, ficaram sem dinheiro e sem esperanças de entrar para a Escola Bíblica.

Quando as condições de saúde de sua mãe melhoraram, Allen e a esposa continuaram a sua trajetória, procurando emprego e um lugar para morar. Durante essa busca, alguém sugeriu que eles realizassem um culto em uma casa e, assim, Deus concedeu a Allen a sua primeira oportunidade de pregar. E ao terminar aquela reunião, eles deixaram aquela casa com planos para a realização da sua primeira reunião de avivamento.

Havia, porém, um problema - nenhum dinheiro e nenhuma esperança de consegui-lo; então o casal começou a cortar lenha para vender. E com o dinheiro que conseguiam, compravam gasolina para as viagens que faziam para pregar o evangelho. Durante duas semanas eles cortaram e venderam lenha, parando apenas para anotar alguma idéia que Deus colocava no coração deles, para usarem na pregação da noite.

Naquela época, os heróis de Allen eram Dwight L. Moody e Charles Finney; por isso, nada mais normal do que basear a sua primeira pregação nos sermões desses dois homens.

Em seu primeiro Dia de Ação de Graças, em vez de peru, o *casai comeu sarigüê,* que eles alegremente aceitaram de alguém da igreja. Lexie o preparou e recheou exatamente como teria feito se fosse um peru. Ao final daquelas duas semanas, os membros da congregação tiraram uma oferta para surpreender o pastor; o total da "oferta" foi de trinta e cinco centavos de dólar.

FEIJÃO E BROA DE FUBÁ

Quando a última reunião ali naquela cidade terminou, eles receberam um convite para uma nova oportunidade de pregar. Contudo, havia um pequeno problema: o local ficava muito longe da casa deles para se conseguir chegar em apenas um dia de viagem. Assim, precisariam encontrar um outro lugar para ficar, próximo ao novo local de reuniões. E o único lugar disponível era uma cabana de dois cômodos que estava sendo usada como celeiro, mas que o gentil proprietário consentiu em retirar os grãos para que eles pudessem se instalar ali. O piso estava com enormes rachaduras, as janelas estavam quebradas e a porta dos fundos havia desaparecido. Entretanto, fizeram o melhor que puderam, colocando um cobertor no lugar da porta, dependurando lençóis nas janelas e usando os assentos do carro como cama. Lexie cobriu uns caixotes de laranja com alguns panos de pratos e usou-os como mesas e cadeiras e, durante semanas, passaram a feijão e broa de fubá, dependendo totalmente de Deus para suprir as suas necessidades. Em seu diário, havia anotações de ofertas especiais no valor de "cinco centavos".

E foi durante essas reuniões que o casal Allen aprendeu sobre o poder da oração. Certo dia, depois de um culto de oração, todos os não-crentes que compareceram às reuniões de avivamento, as quais aconteceram após um período de oração, puderam vivenciar a experiência do novo nascimento. Trinta pessoas foram salvas em apenas duas semanas, e muitas delas tiveram que caminhar mais ou menos dez quilômetros simplesmente para estarem ali. Após realizar um culto de batismo para aqueles novos convertidos, a família Allen pegou novamente a estrada.

Se existissem empregos disponíveis naquele tempo, com certeza Allen teria conseguido algum; contudo, não havia nada disponível e, por isso, gastava o seu tempo estudando a Bíblia e orando. Além disso, visitava as pessoas e orava por suas necessidades.

"OUVI A SUA VOZ COMO SE FOSSE UM REDEMOINHO"

Por volta do final dos anos de 1930, apenas algumas semanas depois do nascimento do primeiro filho deles, Allen aceitou o convite para pastorear a Igreja Assembléia de Deus Memorial Tower, na cidade Holly, no estado do Colorado. Enquanto estava ali, Allen foi licenciado pastor dessa denominação.

Decidido a descobrir o segredo do poder de Deus, Allen começou a orar e a jejuar, e a buscar ao Senhor. Jejuar era algo novo para ele e, por isso, encontrou alguns problemas; justamente quando ele ia buscar a Deus, começava a sentir o cheiro da comida que sua esposa estava preparando para ela e para o filho. Assim que ele começava a orar, o cheirinho da comida que Lexie estava preparando chegava à suas narinas. E, por mais que se esforçasse, não adiantava. O espírito estava pronto, mas a carne era fraca. Ele acabava desistindo, saindo do aposento onde estava orando, para participar da refeição em família.

Então, certo dia, quando ele mal havia colocado uma colherada de comida na boca, sentiu imediatamente uma convicção do Senhor. Largou logo o garfo, e disse para a esposa que não iria sair do quarto de oração enquanto não ouvisse o próprio Senhor lhe dizendo que poderia sair. Chegou até mesmo a pedir à ela que o trancasse ali dentro. Lexie riu e lhe disse que, em uma hora, ele estaria dando murros na porta, pedindo para sair.

Entretanto, as horas passaram e nada de ele bater na porta pedindo para sair. Assim, depois de lutar contra a sua carne e vencer, Allen encontrou vitória dentro d: seu local de oração. Em suas próprias palavras, ele nos diz como foi essa sua experiência com o Senhor:

> "... eu comecei a entender que aquela luz que estava iluminando o meu quarto de oração era a glória de Deus!... A presença do Senhor era tão real e poderosa que achei que iria morrer ali mesmo, de joelhos... Então, como se fosse um redemoinho, eu ouvi a Sua voz: era Deus! E Ele estava falando comigo! Aquela era a gloriosa resposta que eu vinha buscando tão diligentemente e pela qual eu estava esperando desde a minha conversão, aos vinte e três anos... O Senhor falava comigo mais rápido que qualquer ser humano conseguiria; mais depressa que eu podia acompanhar mentalmente! Ele estava me mostrando uma lista de coisas que se interpunham entre mim e o Seu poder. Depois de cada novo item adicionado à lista em minha mente, seguia-se uma breve descrição ou explicação daquele requisito e de sua importância... E, à medida que Deus ia falando comigo, eu ia escrevendo."

O PREÇO A PAGAR PELOS MILAGRES

> "... quando finalmente anotei o último requisito na lista, Deus falou mais uma vez, dizendo: ***Esta é a resposta. Quando você tiver colocado no altar da consagração e da obediência, o último item desta lista, então você não apenas irá curar os doentes mas, em meu nome, também expulsará demônios e verá muitos milagres ao pregar a Palavra; pois eis que lhe dou poder sobre toda a força do inimigo.***"
>
> "Na mesma ocasião, Deus me mostrou que as coisas que constituíam impedimentos ao meu ministério, também estavam impedindo o ministério de milhares de outros obreiros."
>
> "Finalmente eu descobrira o preço que precisava pagar para ter o poder de Deus em minha vida e ministério: O PREÇO DO PODER QUE OPERA MILAGRES!" [10]

Aqui estão os requerimentos que A. A. Allen disse que o Senhor lhe falou. Se ele compreendesse estes treze pontos e obedecesse a Deus em relação a eles, veria o poder miraculoso do Altíssimo em seu ministério:

1. Entender que não conseguiria realizar milagres de maior qualidade que os de Jesus.
2. Entender que é possível andar como Jesus andou.
3. Ser irrepreensível como o próprio Deus.
4. Ter Jesus como o seu único exemplo.
5. Negar os desejos carnais por intermédio do jejum.
6. Depois de negar-se a si mesmo, seguir a Jesus sete dias por semana.
7. Convencer-se de que sem Deus o homem não pode fazer absolutamente nada.
8. Livrar-se do pecado em seu corpo.
9. Não perder tempo em discussões vazias e inúteis.
10. Entregar seu corpo totalmente para Deus, para sempre.
11. Acreditar em todas as promessas de Deus.

Os outros dois pontos se tratavam de pecados "de estimação", especificamente mencionados pelo Senhor. Allen nunca sentiu que poderia compartilhá-los com alguém.[11]

A VISITA DO CÉU - O PRIMEIRO MILAGRE

Finalmente Allen começou a bater na porta do quartinho para que a sua esposa o deixasse sair. E tão logo ela viu o rosto do marido, disse: "Você encontrou a resposta!"

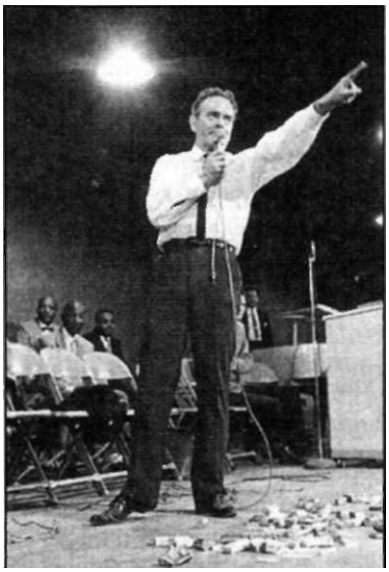
"Sim; o Senhor me visitou do céu, e aqui está a resposta."

Ali, escrito naquele pedaço de papel, estavam os treze requisitos dados por Deus. O casal sentou-se em sua velha mesa da cozinha e juntos, choraram, quando Allen contou a Lexie toda a história e lhe mostrou a lista.

Logo depois dessa visitação de Deus e sentindo o chamado de Deus para o campo evangelístico, a família Allen desligou-se de sua igreja e, depois que ele recebeu um convite, partiram para Missouri. E foi ali que ele realizou o seu primeiro culto de milagres.

Um antigo trabalhador de minas de carvão, que era totalmente cego por causa de uma explosão ocorrida alguns anos antes, começou a participar das reuniões. Noite após noite ele se sentava ali na platéia e ouvia a Palavra do Senhor. Uma das noites, depois do apelo, ele veio até à frente na esperança de ser curado.

Allen e Lexie ficaram bastante impressionados com tamanha fé. Mais tarde admitiram que precisariam de mais fé do que a que eles tinham para que aquele homem recebesse a sua cura! Eles oraram por todos os que vieram à frente pedindo oração e colocaram o homem cego no final da fila. Pessoas com dores de cabeça, resfriados e alguma deficiência auditiva foram curadas e voltaram para casa regozijando-se. O homem cego, entretanto, permaneceu ali.



Então, de repente, Allen pediu a todos os que estavam ali presentes e que tinham fé para a cura daquele homem, que viessem à frente e se juntassem a eles em oração. Depois, disse: "Estou sentindo que existe falta de fé aqui em nosso meio!" Quando ele terminou de falar isso, um homem se levantou e saiu bruscamente do salão.

Eles oraram e Deus respondeu às suas orações. Quando terminaram de orar, o homem cego olhou para a gravata que Allen estava usando, e disse de qual cor ela era; depois começou a nomear os objetos que se encontravam ali no salão![12]

LEXIE E O MINISTÉRIO

Durante os próximos quatro anos e meio, Allen viajou como avivalista da Igreja Assembléia de Deus. Embora ocupasse uma posição de prestígio, sua remuneração ainda era muito pequena e, por isso, sua situação financeira continuou muito difícil durante os primeiros cinco anos da década de quarenta. Especialmente porque, nessa altura da vida deles, já tinham quatro filhos. Geralmente Lexie ficava em casa tomando conta dos filhos menores, enquanto Allen permanecia fora até três meses consecutivos, viajando.

Lexie tinha de lidar com a frustração de não poder ver seu marido regularmente, e ainda encontrar tempo para desenvolver o seu próprio chamado ministerial. Embora ela desejasse a estabilidade de uma vida familiar normal, aprendeu uma lição muito valiosa; mesmo ela tendo um chamado para a obra do Senhor, seu ministério também consistia em ser uma mãe. Lexie entendeu que existe um tempo para todas as coisas. A maternidade e a sua vida familiar equilibrada nunca deveriam ser sacrificadas em prol da outra parte do seu chamado ministerial. Afinal de contas, mais tarde ela teria tempo para se dedicar a esta parte e, então, poderia envolver-se mais plenamente, tendo a certeza de que cada faceta do seu chamado havia sido executada por inteiro.

Anos mais tarde, quando as crianças já estavam crescidas, Allen continuou evangelizando sozinho. Por isso, Lexie procurou nas imediações de sua comunidade e descobriu uma área onde não havia uma igreja do Evangelho Pleno; então ela começou uma e tornou-se a pastora! Quando Allen já havia adquirido uma estabilidade financeira que lhe permitia levar a esposa e os filhos em suas viagens, Lexie deixou a direção da igreja e entregou o comando da mesma para um outro pastor.[13]

TEXAS - O CÉU NA TERRA!

Em 1947, Lexie recebeu um telefonema de Allen, dizendo-lhe para preparar tudo, pois iriam mudar-se para a cidade de Corpus Christi, no Texas. Afinal de contas, ele havia sido convidado para ser o pastor de uma das maiores igrejas da Assembléia de Deus daquela região, e estava muito empolgado, pensando na estabilidade que isso poderia proporcionar à sua família. Ele disse a Lexie que, provavelmente, permaneceriam ali até que Jesus voltasse.

A família Allen amou a cidade de Corpus Christi, bem como a igreja ali; contudo, sentia-se triste, pois em uma cidade de mais de cem mil habitantes, havia apenas um pequeno número de igrejas evangélicas.

Eles chegaram exatamente quando a igreja havia acabado de começar a sua construção. Numa situação em que muitos se sentiriam sobrecarregados, o apetite espiritual de Allen apenas aumentou. Lançou-se nessa nova fase de ministério sonhando com uma igreja equipada com os dons espirituais, uma igreja que evangelizaria e que prosseguiria na direção das coisas celestiais. Esta igreja parecia ser o que ele estava buscando. Os membros o ouviram pregar durante duas semanas antes de convidá-lo para ser o seu pastor. Allen foi duro em suas pregações e falou bem claro a respeito de tudo o que cria; mesmo assim, eles continuaram querendo que ele fosse o seu pastor!

A. A. Allen dedicou inteira atenção a todas as áreas daquele ministério, escolhendo e treinando cada um dos seus colaboradores. A freqüência aumentou e logo a igreja já não tinha espaço para acomodar a todas as pessoas que compareciam às reuniões.

UM GOLPE MORTAL

A igreja já estava com uma freqüência de algumas centenas, mas a intenção de Allen era alcançar a cidade por intermédio de um programa radiofônico. Então ele começou a traçar planos para um programa de rádio bem-sucedido, e chegou até a participar de um seminário sobre radiodifusão na cidade de Springfield, Missouri.

Ao terminar o seminário, voltou para casa vibrando e cheio de planos. Então, convocou uma reunião especial com os líderes da igreja, para explicar-lhes detalhadamente seus planos para alcançar a cidade através das ondas do rádio. Ele tinha certeza de que os integrantes do seu conselho iriam abraçar a sua visão.

Entretanto, um dos presentes informou-lhe que o conselho não aprovava a sua iniciativa e que ele estava extrapolando nas despesas. Aquele líder continuou dizendo que Allen os havia ajudado a construir uma das mais belas igrejas no Texas, mas que precisariam de tempo para se recuperar dos gastos, e que não tinham condições de acompanhar os planos dele. Depois que esse homem terminou, um outro levantou-se e chamou a atenção dos presentes para os enormes gastos que teriam com aquele projeto e de que isso seria um tremendo fardo para a igreja. A opinião geral era de que eles já haviam realizado muito em pouco espaço de tempo e que, por enquanto, não necessitavam de mais nenhum investimento.[14]

Allen ficou simplesmente arrasado e terminou a reunião na mesma hora.

Creio ser necessário esclarecer algo aqui: Era o *chamado* de Allen que lhe dava energia para prosseguir; e esse chamado não era ser um pastor, mas evangelizar a nação. Ele tinha a "fibra espiritual" necessária para esse tipo de trabalho; era algo intrinsecamente ligado ao seu chamado. E isso não é muito comum em leigos, o que não quer dizer que haja necessariamente algo errado com eles; é apenas o que normalmente se vê. Deus nos concedeu os cinco dons ministeriais para crescermos espiritualmente, de modo que possamos todos acompanhar o "tempo" do céu. Precisamos das pessoas leigas e, é óbvio, também precisamos dos pastores. Entretanto, igualmente importante, *precisamos* que todos assumam o encargo de sua chamada e trabalhem debaixo da unção celestial.

Infelizmente, porém, Allen inocentemente tentou dissimular e restringir o seu chamado ao ministério pastoral. Será que você pode imaginar como deve ser difícil tentar limitar o chamado de um evangelista avivalista? Quando o conselho daquela igreja vetou os planos de Allen, destruíram, mesmo que sem querer, uma grande parte do seu ser, amarrando a sua vida e impedindo a realização de uma parte do seu destino.

Allen havia tentando fazer concessões ao seu chamado por desejar segurança material, o que é compreensível, já que ele queria ser um pai mais presente para os seus filhos. Contudo, não demorou muito para ele perceber que o preço era elevado demais. Teria sido melhor, embora possivelmente mais difícil, buscar a Deus e encontrar uma outra maneira de resolver a questão.

ESCURIDÃO, TORMENTO, INFERNO: O COLAPSO

Quando Allen voltou para casa, preferiu não dizer nada à esposa, e tentou agir como se nada tivesse acontecido; ele nem discutiu os planos das férias com ela. Entretanto, durante a noite ela acordou ouvindo Allen chorar no quarto ao lado. Ela chegou a pensar que ele estivesse intercedendo em favor de alguém, até que ele veio para o quarto, ainda em prantos.

Bastante assustada, ela perguntou-lhe o que estava acontecendo. E foi então que ele lhe disse o que havia acontecido na reunião do conselho, e ela percebeu que ele estava mais que desapontado: estava arrasado! Não havia mágoa, nem raiva e nem acusação - simplesmente um coração despedaçado.

Allen apresentou o seu pedido de demissão e achou que jamais voltaria a pregar. Entretanto, a igreja o amava profundamente e, por isso, sugeriu que ele tirasse umas longas férias, de vários meses, tempo em que ele continuaria recebendo seu salário integral. A igreja até mesmo insistiu em lhe dar alguma ajuda adicional para cobrir qualquer despesa que surgisse durante a viagem.

Aparentemente Allen estava sofrendo de um esgotamento emocional, e a igreja achou que ele estivesse trabalhando demais. Contudo, sua esposa, conhecedora de sua força e do seu zelo, sabia que isso não era possível. Ela sabia muito bem que o seu esgotamento era devido a um coração quebrantado. Uma parte do seu ser havia sido levada cativa, e ele achava que a havia perdido para sempre.

Lexie o levou para umas longas férias; entretanto, ele estava tão atormentado que só conseguiu um pequeno descanso nessa viagem, e as suas condições pioraram. Assim, ficou impossível que qualquer um dos dois obtivesse algum descanso. Depois de apenas uma semana nas montanhas, sem qualquer melhora, ele pediu para voltar para casa, achando que nunca mais voltaria ao normal.

"SAIA DELE!"

Lexie começou a buscar a Deus desesperadamente em favor do seu esposo. De repente tudo ficou claro para ela! Eles não haviam falhado... Deus não os deixara de lado! O chamado e os planos de Deus para A. A. Allen continuavam exatamente como sempre foram. Quando ela finalmente compreendeu que o diabo estava simplesmente se aproveitando da situação pela qual Allen estava passando, começou a repreender aquele ataque. Não demorou muito e Allen também chegou à conclusão de que um demônio estava aproveitando-se de seu sofrimento emocional para atormentá-lo. Ele viu que estava sendo atacado por um espírito atormentador.

Durante a viagem de volta para o Texas, Allen parou o carro no acostamento da estrada e pediu à esposa para orar por ele com imposição de mãos. Segundo as palavras de Allen, no exato momento em que Lexie disse: "Em nome de Jesus, eu te ordeno: saia dele agora!", o espírito maligno o deixou. Ele começou a sentir um enorme alívio físico, e eles puderam se alegrar juntos, à medida que uma sensação de leveza substituiu o sentimento de opressão e peso que o castigava. Então, de repente, antes mesmo que ela colocasse o carro de volta à estrada, ele adormeceu. Mais tarde, não se lembrava de como chegara em casa e nem de como fora parar em sua cama; dormiu como uma criança durante três dias seguidos, e quando acordou, estava totalmente recuperado.

"VOCÊ FALHOU AO PAGAR O PREÇO"

Por volta do final do ano de 1949, a família Allen começou a ouvir histórias a respeito de umas reuniões de curas milagrosas que estavam acontecendo. Os evangelistas que estavam à frente daquelas campanhas não eram, necessariamente, pregadores de muita projeção. Na verdade, alguns pastores eram mais eloqüentes em seus sermões do que eles; entretanto, quando estes evangelistas de cura divina oravam pelos enfermos, os milagres aconteciam tão rápido que ficava até difícil de enumerá-los. Allen e Lexie se recusaram a acreditar na metade das histórias que lhes contaram; contudo, a curiosidade deles começou a crescer.

Certo dia, um amigo deu a Allen um exemplar da revista *A Voz da Cura.* Depois de lê-la, Allen disse: "Quando eu li a revista, achei tão ridículo o que estava ali que cheguei a rir. *Fanáticos,* foi o que pensei, quando fechei a revista e a coloquei de lado, em um canto da minha sala de estudos."[15] Alguns dos membros

de sua igreja vieram dessas reuniões realizadas em tendas contando histórias espetaculares, mas Allen demonstrava desaprovação e achava que eles estavam sendo levados para o fanatismo.

Pessoalmente não acredito que essa tenha sido a sua intenção. Talvez até tenha dito aquelas palavras, mas creio que naquele momento ele estava tremendamente emocionado, pois sabia que o que estava bem à sua frente era, nada menos, que uma mostra do seu próprio chamado. *Entretanto, você pode apostatar de tal forma de seu chamado, que as coisas que antes eram tão preciosas e alcançáveis se transformam, com o tempo, em apenas uma distante lembrança.*

Não muito depois, alguns ministros amigos de Aíien o persuadiram a ír a Daíías e participar de uma reunião de avivamento na tenda de Oral Roberts. Durante a sua viagem, ele lembrou-se da experiência que havia tido com Deus em seu quarto de oração, muitos anos atrás. Então, vieram-lhe à memória os treze requisitos que, na ocasião, estavam impedindo sua entrada no mundo do miraculoso. Ao se afastar de seu encargo espiritual para tentar ser um pastor, ele havia deixado de lado a visão que Deus lhe dera.

Quando estava se aproximando de Dallas, Allen foi se tornando mais e mais convencido de que lá ele iria testemunhar exatamente os feitos que Deus o havia chamado para realizar. "Mas eu nunca paguei o preço para ver o poder miraculoso de Deus agindo em minha vida", acrescentou.[16]

Allen foi conquistado pelas reuniões realizadas em tendas e pelo poder de Deus manifesto por intermédio da vida de Roberts, e sentiu-se como se estivesse vivendo nos tempos do livro de Atos. Milagres após milagres aconteceram enquanto ele estava ali observando. Mas aquilo não era fanatismo; era o poder de Deus que opera milagres.

Enquanto ele estava ali sentado, observando a fila de pessoas esperando para receberem oração, ouviu novamente a voz de Deus, dizendo-lhe:

"Meu filho, onze anos atrás você buscou a minha presença, e há onze anos eu o chamei para realizar este mesmo ministério. Entretanto, você falhou em não pagar o preço e não se consagrar; por isso você fracassou e não fez a obra para a qual eu o chamei." Então, com lágrimas descendo pelo rosto, Allen ergueu as suas mãos e clamou a Deus: "Senhor, desta vez eu farei!"[17]

UMA MUDANÇA RADICAL NO MINISTÉRIO

Dois domingos depois ele deixou o pastorado. Ele teria entregado a igreja no próximo domingo depois de sua volta, mas sua esposa pediu-lhe que esperasse um pouco para ter certeza de que estava tomando a decisão certa.

Imediatamente, pastores de todas as partes do país ligaram para solicitar os seus serviços de evangelista. Em menos de um mês um novo pastor já havia ocupado o seu púlpito. Contudo, os componentes da família Allen mantiveram a igreja de Corpus Christi como a sua base ministerial e viajavam sempre partindo dali.

Eles colocaram todos os seus pertences dentro de um ***trader*** e, em menos de três meses depois de seu "esgotamento", A. A. Allen estava na trilha do avivamento.

Então Allen começou a estudar a lista dos treze requerimentos que o Senhor havia dado a ele onze anos atrás. Ele não podia acreditar que havia perdido tanto tempo. Onze anos! E enquanto estava estudando aquela lista, percebeu que os itens de número doze e treze ainda não haviam se cumprido em sua vida; todavia, todos os outros onze já tinham se realizados. Finalmente, com grande determinação, ele conseguiu realizar os dois últimos. Depois disso, notáveis milagres começaram a se realizar por intermédio de seu ministério.

Em maio de 1950, Allen enviou o seu primeiro relatório para a revista *A Voz da Cura*, falando sobre o resultado da grande campanha realizada em Oklahoma, Califórnia. Ele escreveu o seguinte sobre essa reunião:

"Muitos dizem que este é o maior avivamento da história de Oklahoma... noite após noite as ondas da glória divina passam sobre a congregação, permitindo que diversas pessoas testifiquem de curas que receberam mesmo enquanto estavam simplesmente sentadas em suas cadeiras."[18]

Em 1951, Allen fez uma mudança radical em seu ministério. Ele decidiu comprar uma tenda e anunciar seu ministério como sendo o de um "avivalista com ênfase em cura divina". Ficou sabendo de uma tenda que

estava à venda e que era equipada com iluminação, assentos, um palco e um sistema de som; tudo por oito mil e quinhentos dólares!

O problema era que ele só tinha mil e quinhentos dólares; por isso, ligou para o proprietário da tenda e fez-lhe uma proposta de dar uma entrada de mil e quinhentos e, depois, pagar o restante. Entretanto, o proprietário lhe disse que um outro pastor acabara de telefonar oferecendo o valor total. O dono, porém, lhe disse que iria orar a respeito e lhe daria uma resposta no próximo dia.

E no outro dia, quando Allen ligou para ele, não ficou nem um pouco surpreso ao ouvir que a tenda seria dele, com apenas mil e quinhentos dólares de entrada. O restante das prestações seriam no valor de cem dólares, de forma que Allen poderia pagar tranqüilamente. E, assim, a tenda ficou com ele!

Dessa forma, no dia quatro de julho daquele ano, a tenda de avivamento de A. A. Allen foi erguida para acomodar a sua primeira campanha, realizada na cidade de Yakima, Washington.[19]

FINALMENTE, NO RÁDIO!

Em novembro de 1953, Allen finalmente viu o seu sonho realizado, quando começou a apresentar o programa radiofônico *Allen e a Hora do Avivamento,* nacionalmente conhecido, transmitido em nove estações de rádio e em outras duas estações de super potência. E dois anos depois, em 1955, o seu programa já estava em dezessete rádios latino-americanas e em dezoito norte-americanas.[20] Logo ele teve de montar um escritório permanente para poder cuidar do grande número de correspondências que chegava. Allen também passou a realizar cruzadas anuais em Cuba e México, onde muitos respondiam aos apelos e abandonavam a feitiçaria e destruíam seus ídolos nas plataformas dos locais onde ele estava pregando. Esses avivamentos ocorreram entre os anos de 1955 a 1959, quando Fidel Castro assumiu o poder.

Allen parecia alcançar ainda mais sucesso em meio à pressão e perseguição. Costumavam descrevê-lo como sendo um homem baixo, "bochechudo", que tinha um olhar bravo, que gritava num momento e, em seguida, falava baixinho, quase cochichando. Era um pregador típico da "religião à moda antiga", com os mesmos costumes de bater o pé, dar gritos, chorar, soltar exclamações de "glória a Deus!", falar em línguas bem alto e até dançar no púlpito, de modo extravagante. De vez em quando ele começava a pular tocando um pandeiro. Em seus cultos era possível ver alguém dando cambalhotas corredor abaixo e passando em frente à plataforma com movimentos espasmódicos e muitas pessoas em meio ao auditório se movendo como que dançando balé.

Allen nunca se deixou influenciar pelos modismos passageiros e sentia que era sua obrigação pregar da maneira que pregava. Ele não escolhia as palavras quando estava pregando e parecia que sempre conseguia transformar adversidades em vantagens. Ele dizia o que pensava, e era exatamente isso o que as pessoas que vinham até ele queriam ouvir.

UM DURO GOLPE EM KNOXVILLE

Em 1955, começaram a surgir várias acusações contra Allen; cada uma mais séria que a anterior, e isso o afetou grandemente.

A acusação de que ele abusava da bebida parecia que estava sempre perseguindo o seu ministério. E se as pessoas acreditavam ou não nessas acusações, dependia em se elas davam ouvidos aos seus amigos ou aos seus inimigos.[21] Alguns nunca acreditaram que ele tivesse sido capaz de vencer o uso excessivo do álcool, o qual fora muito presente durante a maior parte da sua juventude.

Entretanto, a maior crise de sua vida veio no outono de 1955, quando ele realizava uma campanha de avivamento na cidade de Knoxville, no estado de Tennessee. Ele foi preso sob a acusação de dirigir embriagado, mas o caso nunca foi a julgamento, porque Allen não compareceu ao tribunal. Ele pagou uma fiança de mil dólares e foi-se embora daquele estado.[22]

Todo esse incidente é muito nebuloso. Entretanto, Allen continuou afirmando que a mídia de Knoxville era famosa por sua perseguição aos evangelistas; ele também declarou que chegou a ver uma lista de pregadores que pagaram a alguns jornais para espalharem notícias falsas sobre ele. Segundo um companheiro próximo de Allen, ele disse a alguns amigos que havia sido seqüestrado e deixado inconsciente. Quando acordou, um amigo lhe disse que ele estava em uma "sala cheia de fumaça de cigarro e alguém despejava bebida por sua garganta." Contudo, a essas alturas, a notícia de que Allen havia confessado a acusação a alguns proeminentes ministros da cidade de Knoxville, já havia se espalhado.

AFASTAR-SE? DE JEITO NENHUM!

Em 1956, depois de ouvir sobre as acusações e controvérsias envolvendo Allen, Ralph M. Riggs, superintendente do Conselho Geral das Assembléias de Deus, enviou uma carta a ele pedindo-lhe que se afastasse de reuniões públicas até que as coisas se resolvessem. Entretanto, Allen achou esse pedido impossível de ser atendido e sentiu que, para não prejudicar a reputação, sua organização o estava abandonando exatamente quando ele mais precisava dela. Então ele enviou a Riggs uma carta um tanto cáustica, lembrando-lhe que haviam ministrado juntos por dezoito anos, "sem que, em nenhum momento, surgisse qualquer questionamento quanto **à** minha integridade", acrescentou. Em seguida, devolveu suas credenciais de ministro às Assembléias de Deus, declarando que fazê-lo não constituía "grande perda". Ele disse a Riggs o seguinte: "Um afastamento do ministério público, a esta altura dos acontecimentos, arruinaria o meu ministério, pois isso soaria como uma admissão de culpa."[24]

A acusação também trouxe muitos problemas na associação A Voz da Cura. Embora Lexie tenha garantido à liderança desse grupo de que as acusações não eram verdadeiras, Gordon Lindsay disse que aqueles que pertenciam àquela organização deveriam ter um alto comprometimento com a ética. Assim, Allen afastou-se desse grupo também.

A filha de Allen chegou a achar que A Voz da Cura era, na verdade, uma organização de evangelistas das Assembléias de Deus e que, por isso, "estavam tentando, com todo o empenho, realizar o trabalho deles dentro dos moldes das Assembléias". Assim, se as regras não fossem obedecidas dentro da denominação propriamente dita, o ministro poderia, possivelmente, ter problemas com a rede A Voz da Cura.[25]

A PALAVRA DE R. W. SCHAMBACH

Um dos maiores ministros evangelistas de nossa geração é R. W. Schambach, da cidade de Tyler, Texas. Quando ele estava começando o seu ministério, ele se juntou ao grupo de avivamento de Allen e logo se tornou o seu braço direito. Sendo o homem de caráter e integridade que é, ele sabia que isso significava pagar o alto preço que um avivamento exige.

Recentemente, Schambach e eu estávamos na mesma cidade, participando da mesma reunião, quando resolvi compartilhar com ele a minha visão a respeito da importância de preservar a história para as gerações vindouras. Então ele concordou em contar-me o seu lado da história de Allen. Assim, enquanto conversávamos, ele compartilhou comigo algumas coisas muito interessantes. Ele me disse que havia se unido à equipe de avivamento de Allen exatamente na noite anterior àquele incidente em Knoxville. Em seguida, fez uma afirmação surpreendente, contrária a qualquer outro relato escrito a respeito de A. A. Allen.

Schambach disse que Allen *não estava* bêbado. "Posso afirmar isso", disse ele, "porque eu estava com ele no carro!" Segundo ele, todo o incidente tinha sido uma conspiração para arruinar o ministério de Allen e que, depois daquele problema em Knoxville, percebeu a extrema perseguição que o evangelista havia sofrido. E foi exatamente aí que Schambach começou a aprender qual o preço que se tem de pagar pelo avivamento. Não importa que tipo de acusações tinham sido lançadas sobre Allen, Schambach conhecia a inocência dele, pois estava com ele o tempo todo. Por isso, decidiu permanecer fiel em servir a ele e ao seu ministério. Durante os seis anos que R. W. Schambach foi seu parceiro de ministério, participou com o evangelista de todas as suas cruzadas.

"Ele era um homem de Deus", relembrou. "Estávamos juntos o tempo todo; éramos inseparáveis. Quando tínhamos de viajar juntos, dividíamos o mesmo quarto! Ele nunca fez nada que fosse contrário à Palavra, e era um homem de oração e milagres. Foi assim que eu o conheci", concluiu o amigo.

Schambach também descreveu Allen como sendo "uma pessoa de fácil contato", de quem as pessoas podiam se aproximar a qualquer hora. "Não havia a menor inveja nele", disse sorrindo. "Se eu começasse a pregar sobre um assunto qualquer, ele gritava de lá: "Vai em frente, Schambach, é a sua vez!" E aí, assentava-se e me deixava pregar, não importava onde estivéssemos. Ele fazia piada ao falar das roupas e da personalidade de Allen; dizia que era uma mistura entre James Cagney e Spike Jones.*

Quando estávamos saindo do hotel para continuar a nossa conversa do lado de fora, percebemos que havia um caminhão dos bombeiros no estacionamento. Então, ele disse:

"Isso me faz lembrar de uma outra história, Roberts."

Então ele me contou que a história do fogo no topo da tenda de Alien, durante as reuniões de Los Angeles, era realmente verdadeira. Os caminhões do corpo de bombeiros subiam e desciam as ruas, procurando pelo fogo, mas não puderam encontrar o local do incêndio. Eles sabiam que o fogo estava em algum lugar, pois podiam ver a fumaça. Finalmente os caminhões dos bombeiros foram na direção da tenda mas, assim que chegaram, descobriram que não havia nenhum fogo.

"Creio que aquilo se deu porque Deus queria que todos soubessem que estávamos na cidade", brincou ele. "Então, ele colocou o Seu fogo santo no topo da tenda simplesmente para que as pessoas pudessem ver que estávamos ali."

E sobre o 'óleo milagroso' que apareceu na palma da mão das pessoas? Perguntei. "Isso também foi verdade. Eu mesmo tive uma prova disso em minhas próprias mãos", respondeu Schambach.

Em Los Angeles, em uma das reuniões de Alien, "todos ficaram com suas mãos impregnadas de óleo, sorriu Schambach, exceto Alien. Creio que Deus permitiu aquilo para provar que aquela manifestação era verdadeira, e não um embuste", concluiu.

Em 1961, Schambach deixou Alien para começar o seu próprio ministério; entretanto, permaneceu fiel ao evangelista pelo resto de sua vida. Se existe alguém que tem um ministério similar ao de A. A. Alien, este alguém é o grande evangelista R. W. Schambach.

EM FRENTE! POR ENQUANTO

Então, Alien devolveu sua licença para a Assembléia de Deus e rompeu laços com a associação A Voz da Cura, tornando-se um evangelista independente. Muitos disseram que essa decisão foi benéfica para ele e os livros que contam a história dizem o mesmo.

A maioria dos evangelistas trabalha muito bem de maneira independente, pelo menos enquanto permanecem "ligados" àqueles que entendem o seu chamado e, baseados nas Escrituras, podem influenciar a vida deles. Eles podem ter uma igreja como sendo "a sua igreja", mas essa congregação local precisa dar a eles a liberdade de desenvolver o seu ministério pessoal. As vezes eles podem ter dificuldades em adaptar os seus métodos à aprovação de algum organismo estabelecido, como o de uma igreja, pois os dois são muito diferentes. De modo geral, os evangelistas aviva-listas são rápidos, extravagantes, dramáticos e têm a energia de um touro. Se o pastor entende o chamado do evangelista, os dois podem trabalhar muito bem juntos; entretanto, se o ministro tentar controlar o evangelista, para que este se encaixe dentro das necessidades da igreja local, aí vai haver problemas.

Parece que o ano de 1956 foi um tempo de grandes transformações nos ministérios. Contudo, Alien encontrou uma maneira de seguir em frente quando muitos estavam parando. Ele tinha uma grande habilidade para levantar fundos e nessa época, ainda estava empenhado em permanecer firme ao seu chamado.

Assim, Alien deu continuidade ao seu trabalho iniciando a sua própria publicação, chamada *Miracle Magazine* (Revista milagre). Era uma revista composta basicamente de suas mensagens sobre cura divina e libertação, e onde ele dava destaque a vários testemunhos de cura. Por volta do final de 1956, essa revista já tinha uma lista de mais de duzentas mil assinaturas pagas.

Nessa época, Allen deu início à Associação Miracle Revival, uma organização independente que tinha o intuito de licenciar pastores e sustentar missões. Ele refutava firmemente qualquer acusação de que houvesse ali alguma "conotação deno-minacional". Em sua primeira cerimônia de ordenação, Allen consagrou quinhentos pastores.[27]

SENSACIONALISMO, CONTENDAS E MILAGRES

Depois daquele incidente em Knoxville, Allen se tornou uma figura extremamente controvertida e a mídia o seguia para todos os lugares, na esperança de conseguir uma boa história. Acontecimentos extravagantes e sensacionais foram reportados nos avivamentos de Allen, mas muitos desses boatos visavam apenas desacreditar o seu ministério. Lexie disse que, durante esse tempo, os inimigos de Allen fizeram tudo o que podiam para destruí-lo. Contudo, parecia que, sempre que uma perseguição surgia para atacá-lo, ele

retaliava com algum milagre extraordinário ou uma outra ocorrência, que vinham unicamente para confirmar o seu chamado.

Em Los Angeles foi divulgado que uma cruz havia surgido na testa de Allen, e que uma chama flamejante aparecera em cima de sua tenda, conforme mencionei anteriormente que R. W. Schambach havia me dito. Segundo Allen, isso foi um sinal. E, como prova, ele citou Ezequiel 9.4, que diz que um anjo foi enviado do céu para colocar uma marca na testa de todos aqueles que clamam ao Senhor por causa da maldade existente na terra. O sinal na testa de Allen e a chama em cima do topo de sua tenda foram noticiados pela mídia.

O fotógrafo de Allen, R. E. Kemery, tirou a foto de um homem em cujas mãos apareciam marcas de cravos. Disseram que em outra reunião um "óleo miraculoso" começou a escorrer da cabeça e das mãos dos que estavam presentes. E ele respondia àqueles que questionavam esse acontecimento mencionando Hebreus 1.9, onde diz que a recompensa para aquele que odeia a iniqüidade e ama a justiça é ser ungido com o óleo da alegria.

Allen também foi criticado por vender a gravação dos sons que uma mulher endemoninhada emitia, e um livreto contendo dezoito imagens de demônios, desenhadas por uma pessoa insana e possessa pelo diabo.

Algumas das curas causaram muita admiração, como uma ocorrida nos arredores da cidade de Los Angeles, quando uma mulher que pesava duzentos e quarenta quilos perdeu noventa e seis imediatamente, tão logo Allen impôs-lhe as mãos e orou por ela. As pessoas disseram que viram quando o corpo dela foi diminuindo de tamanho.

Outro caso foi o de um pastor do Evangelho Pleno, que havia tido "escamas de crocodilo" em seus braços por, aproximadamente, cinqüenta anos e que, quando sentou-se em uma cadeira no púlpito, atrás de Allen, foi curado na mesma hora. As escamas secaram-se e, em seguida, começaram a cair, enquanto uma nova pele se formava no lugar. Pela primeira vez em toda a sua vida, aquele pastor teve a oportunidade de usar camisa sem mangas.

Ainda um outro caso. Certo homem estava dirigindo pela auto-estrada, ouvindo o programa de Alien chamado *A Hora de Alien,* quando foi tocado profundamente em seu coração. Então ele parou o seu carro no acostamento, colocou as suas mãos sobre o rádio, e orou juntamente com Alien, pedindo a Deus que "colocasse de volta todas as partes do seu corpo que estavam faltando". Os médicos haviam tirado o seu pulmão direito, três costelas e um osso do peito; além disso, por causa de uma doença, ele também tinha perdido o segundo dedo do pé esquerdo. Naquela noite, o seu dedo cresceu completamente, inclusive com unha. Mais tarde, quando os cirurgiões tiraram um raios-X do seu tórax, viram que tudo o que haviam retirado dele, estava de volta aos seus devidos lugares.

Certa ocasião, em 1957, quando Alien tentou colocar um anúncio no Jornal *Akron,* eles não lhe deram permissão. Aquele jornal não apenas se recusou a publicar o seu anúncio, como acabou publicando um "relato calunioso" do seu ministério, no qual prevenia a cidade com respeito ao avivamento que ele promovia. Alien anunciou então que havia ganhado, em outra publicação, vinte e cinco mil dólares de anúncios de primeira página, totalmente grátis.[28]

Em meados dos anos cinqüenta, ele desencadeou todo um ataque ao denomina-cionalismo e às "religiões de homens". Embora muitas das coisas que ele tenha dito e escrito com relação à essa questão sejam verdade, aparentemente ele estava falando por causa de mágoas e frustrações que sentia. Quando ele tentou reatar os laços de relacionamento com a liderança da Assembléia de Deus, segundo o próprio Alien, ele foi banido por eles e ainda recomendaram a outros que também o ignorassem. Embora desmentisse essa acusação, o Conselho Geral da igreja fez uma declaração dizendo que "seu ministério lançava sombra".[29] Em outras palavras, se alguém se associasse a ele, o próprio caráter dessa pessoa seria colocado em questão.

MILAGRES NO VALE

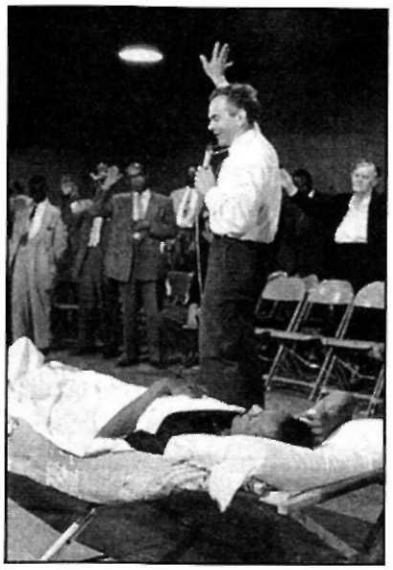
Mesmo com todas essas polêmicas, o ministério de Alien continuou crescendo, e ele começou o Centro Internacional de Treinamento Milagres de Avivamento, para pastores. Nesse centro ele ensinava os princípios da prosperidade, cura divina, expulsão de demônios e muitos outros.

Em janeiro de 1958, durante uma campanha de avivamento na cidade de Fênix, Arizona, Deus o chamou para fundar uma escola bíblica ali. Naquela mesma manhã, Alien ganhou uma propriedade de

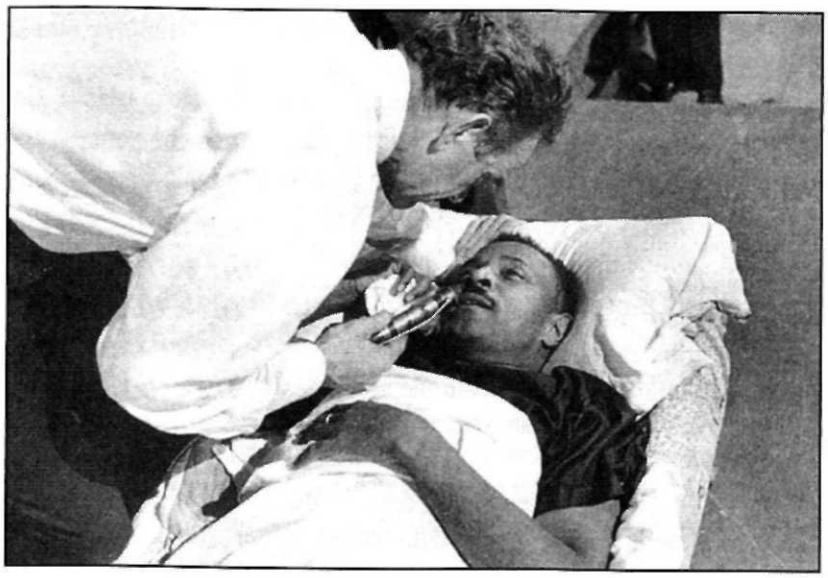
aproximadamente quinhentos hectares, distante apenas alguns quilômetros da cidade de Tombstone, naquele mesmo estado. Ele chamou aquela terra de "Vale dos Milagres" e começou a construir ali o centro de treinamento e sede do seu ministério. Alien dobrou a quantidade de terras e muitos membros de tribos americanas nasceram de novo como resultado de seu ministério. Muitos cristãos que moravam naquela área foram fervorosamente reavivados e, lá pelos anos de 1960, o local se transformou em uma próspera cidade.



"O Senhor está aqui para fazer-te livre!"



"Agora Senhor te pedimos, cura!"



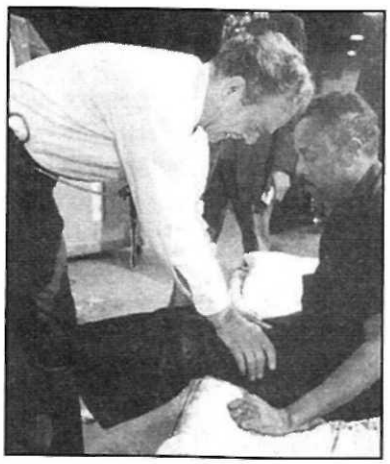
"O que gostaria que Jesus fizesse por você?"



"Se você acredita que Deus está te curando, levanta-te agora em fé"



"É isso aí..."



"Agora faça com as pernas algo que não podia fazer antes"



"Curado em o nome de Jesus!"



" Caminhemos um pouco"

O ano de 1958 foi um ano de crise para o movimento de avivamento A Voz da Cura; contudo, não o foi para Allen. Nesse ano ele anunciou um programa de cinco frentes para o seu ministério no Vale dos Milagres - campanhas de avivamento em tendas, programa radiofônico *Allen e a Hora do Avivamento*, programas missionários além-mar, o Centro de Treinamento Vale dos Milagres e um departamento de publicações.[30] Foi também nessa época que ele começou a ensinar sobre prosperidade, à luz da Bíblia. Na verdade, a maioria das coisas que ele ensinava estava associada, de alguma forma, com prosperidade financeira.

Pessoas de diferentes camadas sociais freqüentavam as suas reuniões; e ele pregava a mesma mensagem, com a mesma eloqüência, a cada tipo de audiência. Allen nunca mudou um sermão para adequá-lo a algum tipo especial de classe social. Tudo podia ser visto nas reuniões que ele promovia: desde gente que se adornava com casacos de pele e pérolas, até aquele que usava macacão e andava descalço. Ao se passar pelo estacionamento, via-se desde Cadillacs de pintura impecável a veículos com capo amarrado com fios de arame enferrujado.

Entretanto, em 1960, durante o auge da tensão racial, a Ku Klux Klan ameaçou invadir as reuniões de Allen, onde negros e brancos estavam presentes. Com a intenção de assustar Allen e a sua equipe, essa organização dinamitou uma ponte nas imediações do local de suas reuniões; contudo, tanto o culto como o batismo continuaram, sem o menor sinal de temor dos participantes.

Foi ainda nesse mesmo ano que Allen construiu uma igreja no Vale dos Milagres, com capacidade para quatro mil pessoas sentadas. Ele tinha muitos planos para essa cidade e queria construir casas, áreas de recreação e centros de mídia.

UM TRÁGICO FIM

Entretanto, alguma coisa aconteceu durante os últimos anos de vida e ministério de Allen. Embora os detalhes sejam meio obscuros, conta-se que ele foi condenado a devolver a quantia de trezentos mil dólares de impostos. Além disso, em 1967, Allen e sua esposa, Lexie, se separaram. Os detalhes sobre esse incidente também não são muito claros; contudo, amigos chegados da família afirmaram que o casal nunca chegou a se divorciar de fato.

As poucas informações a esse respeito dizem que antes da separação, ambos estavam totalmente envolvidos na obra do Senhor, e continuaram assim até o dia em que partiram para estar com o Senhor. Lexie, que era jornalista, envolvida com os afazeres do lar, e Allen, viajando sem parar, raramente sendo encontrado em casa. Alguns acreditam que se ele não tivesse morrido logo após a separação, eles teriam voltado um para o outro. Depois da morte, os dois foram sepultados um ao lado do outro, compartilhando o mesmo túmulo, nas terras do Vale dos Milagres.

Em 1969, Allen era um homem muito doente, padecendo de um grave problema de artrite em seu joelho esquerdo. Ele passava a maior parte do tempo relembrando do seu começo humilde. Segundo ele, naquele ano a *Revista Milagres* já estava com uma tiragem de trezentos e quarenta mil assinaturas, e recebia correspondência de noventa países.

Allen, entretanto, logo piorou da artrite e teve de submeter-se a uma cirurgia no joelho. Ele sofria tantas dores que Don Stewart, um jovem cheio de zelo e muito capacitado, começou a substituí-lo nas cruzadas.

Então, no dia onze de junho de 1970, Allen viajou para San Francisco, e se hospedou no Jack Tar Hotel (hoje Cathedral Hills Quality Hotel). Ele se registrou um pouco antes de uma da tarde naquele dia, e tinha uma consulta médica marcada às nove da manhã do dia seguinte, no Centro Médico da Universidade da Califórnia, para ver se precisaria de uma outra cirurgia em seu joelho.

Entretanto, às nove horas daquela noite, Allen fez uma ligação para o seu amigo Bernard Schwartz. O teor exato daquela conversa é desconhecido, mas Schwartz ficou preocupado e seguiu imediatamente para aquele hotel. Quando ele chegou ao quarto de Allen, a porta estava trancada e ele não respondia. Schwartz informou ao gerente do hotel sobre o problema e eles abriram a porta com a chave reserva.

Exatamente às nove e quinze da noite, Schwartz e o gerente do hotel encontraram o corpo de Allen. O relatório do médico legista afirma que Allen estava sentado em uma cadeira em frente à televisão. Contudo, ele foi oficialmente considerado morto às vinte e três horas e vinte e três minutos do dia onze de junho de 1970. A. A. Allen morreu aos cinqüenta e nove anos de idade.

O QUE ACONTECEU, SEGUNDO O RELATÓRIO DO LEGISTA

Existem alguns detalhes a respeito da morte de A. A. Allen que são muito importantes. Embora não fosse um fato muito conhecido, ele sofria de uma artrite severa. Na realidade, é fato documentado que o seu médico pessoal, o Dr. Seymour Farber, lhe receitou Percodan, Seconal e Valium, para aliviar as dores e por causa de um problema de insónia, causado exatamente por essas fortes dores.

Aqui estão alguns fatos: O relatório do legista, caso de número 1151, para Asa Alonzo Allen registra uma concentração de álcool no sangue de Allen em uma medida de 0.36 por cento - um nível de concentração alcoólica muito alto no sistema sanguíneo. Segundo esse relatório, a causa da morte foi atestada como "repentino choque alcoólico e infiltração de gordura no fígado".

Inicialmente isso leva a crer que Allen morreu como um alcoólatra crônico. Entretanto, depois de posterior investigação, acredito o contrário. E aqui está a minha opinião a respeito do que eu creio que tenha acontecido.

ESPERE UM POUCO! VAMOS INVESTIGAR OS FATOS

Primeiramente, não podemos nos esquecer de que o seu médico particular o conhecia muito bem. Embora o alcoolismo crônico possa enganar um principiante, não consegue enganar o médico pessoal de um paciente; especialmente quando esse médico pessoal costuma examinar tão freqüentemente os seus pacientes, como o Dr. Farber tinha o cuidado de fazer com relação a Allen. Ele não teria prescrito drogas tão altamente viciantes como o Percodan, o Valium e o Seconal a um alcoólatra crônico, pois isso teria sido uma sentença de morte, porque a mistura do álcool com barbitúricos e narcóticos pode levar à morte. Quando o sangue de Allen foi examinado e feito os registros por um laboratório do departamento de toxicologia, não foi encontrado nenhum vestígio de drogas em seu sistema, embora houvesse uma grande quantidade de remédios prescritos no local em que Allen foi encontrado morto.

Seus amigos pessoais mais chegados dizem que Allen detestava, até mesmo odiava medicamentos prescritos. Ele estava sempre afirmando que não tomaria remédios quando tivesse de pregar, pois os efeitos da droga o faziam ficar com o raciocínio lento e o impediam de pensar claramente.

Sabendo como Allen fora criado, acredito que o problema era questão de atitude pessoal. Ele estava sofrendo com uma artrite que lhe causava dores cruciantes - na verdade, eram dores tão intensas que ele mal conseguia se mover.

O pessoal médico que trabalha com pacientes que sofrem de artrite dizem que não é muito raro o paciente usar o álcool com propósitos medicinais. Muitos fazem uso disso, em vez de correrem o risco de desenvolverem um vício pelas drogas prescritas. Não estou aqui dando uma desculpa, apenas apresentando uma realidade.

Creio que deveria ser reconhecido que o relatório do legista diz que Allen morreu por causa de alcoolismo "repentino" e não "crônico". Existe uma diferença bastante distinta nas terminologias médicas. O termo "repentino" significa choque ligeiro ou repentino, mas "crônico" significa contínuo; ou, em outras palavras, um alcoólatra. O relatório do legista diz que Allen morreu por causa de um repentino choque alcoólico, e *não* do alcoolismo propriamente dito.

Um outro fato a ser considerado é que, de acordo com a autópsia, o tecido adiposo encontrado dentro do fígado era compatível com o de alguém que tem bebedeiras ocasionais.

Precisamos entender que existe uma diferença médica entre aquele que é um alcoólatra crônico e o que bebe habitualmente. Os crônicos são aqueles que têm bebido por um longo período de tempo e que permaneceram bêbados a maioria do tempo, mesmo dando ou não para perceber. Alguém que bebe habitualmente pode estar bebendo há apenas algumas semanas, ou pode até mesmo ser chamado de "bebedor social".

Discutindo o diagnóstico dessa autópsia com vários proeminentes médicos e especialistas por todo o país, eles me explicaram que as condições desse fígado *não* configuravam cirrose. A cirrose em um fígado é provocada por alcoolismo crônico e é, na verdade, o necrosamento do tecido do fígado; necrosamento este que vai avançando ao longo do tempo. Se o tecido adiposo interno permanece comprometido em função da ingestão habitual de bebida alcoólica, esse quadro poderia levar à cirrose.

O hábito de beber bebida alcoólica produz gordura nos tecidos. Se a pessoa ficar vários dias sem ingerir esse tipo de bebida, a gordura se dissolve e os tecidos voltam ao normal. Allen tinha o fígado de alguém que, durante um período de semanas ou meses, tinha participado de alguma bebedeira. Isso simplesmente quer dizer que ele havia bebido até embriagar-se.

Em todo o relatório do legista, grande parte das discussões centraliza-se na questão da condição artrítica de Allen, e não no conteúdo alcoólico encontrado em seu sangue. Na verdade, não há nenhuma evidência de que Alien tenha sido um alcoólatra, e isso foi provado pelas condições de seu fígado. Pelo contrário, existem bem mais evidências de que o álcool tenha sido ingerido apenas de forma medicinal.

E é nisso que eu creio também. Alien não era um alcoólatra, mas creio que ele, periodicamente, se valia do álcool como alívio medicinal e, para ser sincero, eu realmente não acredito que ele via muita diferença entre o álcool e as drogas prescritas. Ele detestava as drogas prescritas e os seus efeitos demorados. O álcool se dissipa rapidamente e os efeitos eram provavelmente menos severos em seu organismo. Provavelmente nem sempre ele tenha preferido o álcool às drogas prescritas; mas sabemos, por meio de relatos médicos, que pelo menos por algumas semanas, foi isso o que ele fez.

É muito fácil pensar friamente quando o nosso corpo não está sofrendo dores; entretanto, a situação fica bem diferente se estamos passando constantemente por dores excruciantes.

Creio que na noite em que Alien morreu, ele estava sofrendo dores atrozes. Isso parece especialmente claro pelo fato de ele ter voado até San Francisco para uma consulta no próximo dia.

Por meio dos fatos que pesquisei, cheguei à conclusão que nessa noite de onze de junho de 1970 em particular, em uma tentativa desesperada de fazer parar a dor, Alien literalmente bebeu até morrer.

O VALE DAS SOMBRAS

Embora alguns detalhes do final do ministério de Alien sejam um pouco vagos, a antiga chefe do seu departamento financeiro, a Sra. Helen McMaines, tem um grande carinho e respeito por ele, e diz que ele era uma pessoa sem igual. De acordo com ela, ele era muito cuidadoso e muito honesto com qualquer oferta que o iriinistério recebia. Ela se lembra de como ele costumava trazer as ofertas de amor para ela, colocando as pesadas sacolas em cima do balcão, e dizendo: "Aplique tudo no ministério, Helen; afinal de contas, tudo isso pertence a Deus." McMaines disse que ele trabalhava dia e noite pelas pessoas, sem jamais demonstrar cansaço.

"Ele não permitia que nada fosse colocado em seu nome; nem a casa e nem absolutamente nada do Vale dos Milagres. Segundo ele, quando morresse, toda a propriedade deveria ir para Deus", acrescentou Helen. Em seguida, com muita tristeza na voz, ela disse que acreditava que nunca mais haveria algum outro ministro como A. A. Alien. "Ele não tinha medo de enfrentar o diabo", afirmou ela, "e quando você não teme Satanás, todo tipo de perseguição se levanta contra você", concluiu. Os McMaines são um casal bastante querido e que ainda mantém um relacionamento muito chegado com James, o filho de Alien. Segundo eles, James Alien tem uma grande consideração pelo ministério dos pais.[31]

Não obstante o fervor que demonstrava, parece que a personalidade carismática e o ministério de Alien foram mudando no final, o que transparece no fato de ele publicar denúncias agressivas contra certas igrejas e na ênfase bastante forte que deu na questão dos votos ao Senhor e na doutrina da prosperidade. Será que as feridas, as traições e as conspirações denominacionais que surgiram contra ele o levaram para esse tipo de comportamento? Será que foi Deus quem mudou o foco do ministério dele? Quaisquer que tenham sido suas razões, creio que o ministério de A. A. Allen terminou de maneira muito triste; muito parecido com o fim do ministério de John Alexander Dowie.

Exatamente como aconteceu com a cidade de Dowie, chamada Sião, atualmente não existe mais nenhum propósito espiritual no Vale dos Milagres. Hoje esse vale é apenas um pedaço de quinhentos hectares de terra. Recentemente fiquei sabendo que um fazendeiro havia comprado aquela propriedade, com a intenção de transformá-la em lavoura. As construções que existiam ali foram todas demolidas ou alugadas.

Há algum tempo, organizei uma excursão ao Vale dos Milagres com o intuito de conseguir encontrar alguma coisa que pudesse nos dizer um pouco mais sobre Allen. O que encontramos ali, entretanto, nos deixou simplesmente chocados. Em uma grande pilha deixada ao lado de um dos prédios, encontramos centenas de cartas de testemunhos, cadernos de anotações pessoais, cartas, livros de relatórios financeiros, fotos do ministério, textos originais da revista *Miracle Magazine,* rolos de filmes, negativos de fotografias e um diário de valor inestimável, contendo testemunhos de curas, acompanhadas das respectivas fotos. Eram testemunhos sobre centenas de curas: surdez, alergia, enxaquecas, doenças pulmonares, úlcera, câncer, artrite, deficiência nos ossos, cegueira, entre outros. Estava tudo lá, e quem quer que tenha jogado todas aquelas coisas no lixo o fez, obviamente, com a clara intenção de tentar destruir qualquer vestígio do ministério de A. A. Allen.

Mas Deus tinha outros planos.

Hoje todos aqueles itens estão guardados no museu histórico da Biblioteca dos Reformadores e Avivalistas da cidade de Irvine, na Califórnia. Eles estão seguros ali e serão preservados para esta geração e para as gerações futuras. Por meio desses artigos as pessoas não apenas podem estudar a respeito da história espiritual cristã, mas também podem vê-la e dar testemunho a seu respeito.

VAMOS PROSSEGUIR

Eu sei que Allen cometeu erros, e não tenho nenhum problema em admitir isso. Entretanto, a despeito desses erros, ele procurou mostrar como se faz para pagar o preço para obter o poder espiritual. Na verdade, R. W. Schambach aprendeu como pagar o preço para ter esse poder simplesmente observando a vida de Allen.

A. A. Allen conseguiu vencer as conseqüências de uma horrível criação para atender ao chamado de Deus; e isso confere um grande crédito a ele e ao seu ministério, porque ele quase conseguiu chegar até o fim sendo bem-sucedido. Contudo, ele não foi longe o bastante. Precisamos ir além do que Allen foi para sermos bem-sucedidos.

E o que isso exige de nós? Já está até parecendo um disco arranhado, mas vou dizer novamente: *Fique firme no ministério para o qual Deus o chamou.* Não se aventure por outras direções simplesmente para atender à sugestão de uma pessoa ou de um desejo pessoal seu; e não permita que as perseguições e o criticismo dos outros o faça retrair-se.

O que mais isso exige? Comece a desenvolver uma imunidade a tudo aquilo que o afeta negativamente. Como? Vigie o seu coração e deixe que Deus o guie pela Sua Palavra até que não haja mais em você qualquer sinal de retrocesso *ou* de autopromoção. E logo, a perseguição naquela área de sua vida não vai mais ter nenhum domínio sobre você. Depois, quando você começar a sentir um outro "impulso", ou alguma outra coisa começar a incomodá-lo, comece a construir uma imunidade nessa área em particular também. Procure referências bíblicas que façam alusão a esse problema específico em relação ao seu chamado. Depois, declare essa verdade ao seu coração *até que isso sature o seu ser e se torne parte de você;* é assim que você desenvolve imunidade com relação a alguma coisa. Então, quando essas coisas tentarem aprisionar você, enfrente; e a Palavra vai guardar o seu coração. Ao final, você terá conseguido se fortalecer espiritualmente nessa área.

Encha-se diariamente com a ministração do Espírito Santo. Permita que Ele derrame o óleo de alegria e contentamento em sua vida. A alegria do Espírito é o que nos dá a força para sermos bem-sucedidos.

Não tente agüentar tudo sozinho; pelo contrário, mantenha-se cercado de pessoas que conhecem o seu chamado e estão cheias da força da Palavra e do Espírito. Se essas salvaguardas não estão presentes em sua vida e ministério, peça a Deus que encaminhe até você contatos e relacionamentos dessa natureza. Eles não são aquelas pessoas que estão sempre dizendo "sim, senhor" para tudo o que você faz, com a intenção de animá-lo e bajulá-lo em todas as decisões que você faz; estando você certo ou errado. São *relacionamentos divinos* com pessoas que sabem como se posicionar de forma corajosa no Espírito por causa das experiências que elas mesmas já tiveram. Se elas se mantêm puras, então estão equipadas para aconselhá-lo e ajudá-lo quando você estiver passando por alguma crise.

Não busque nas Escrituras passagens para retaliar aqueles que o acusam. Se o fizer, acabará tendo um ministério cheio de aspereza e amargura. Há momentos em que somos tentados a agir assim; no entanto, é Deus que defende aqueles que são dele! Por isso, deixe que Deus faça a parte que é dele, e faça você a sua. Procure orientação nas Escrituras *primeiro.* E quando a Palavra de Deus o curar, então você terá adquirido imunidade por meio da Palavra e será diariamente cheio do Espírito Santo. Depois disso, estará pronto para alcançar o próximo nível no ministério. Entretanto, se você continuar com uma atitude de condenar os outros, não sairá do lugar. E quando permanecemos em um mesmo nível por muito tempo, começamos a ficar frustrados e tentamos procurar outros caminhos ministeriais. Alguns têm permanecido em uma posição de estagnação por tanto tempo, que não conseguem encontrar o caminho de volta.

Não existe nada novo debaixo do sol. O que aconteceu com esses grandes homens e mulheres do passado pode acontecer novamente; por isso, devemos aprender com as experiências deles e fortalecer o nosso homem interior. Precisamos de força espiritual para cumprirmos a vontade de Deus. *Determine* que a sua vida e o seu ministério serão um sucesso tanto no céu, como na terra, para a glória de Deus!

CAPITULO DOZE, A. A. ALLEN Referências:

David Harrell Jr., *All Things Are Possible* (Todas as coisas são possíveis),
Bloomington, IN: Indiana University Press, 1975, p. 66.
Lexie E. Allen, *God's Man of Faith and Power* (O homem de Deus, de fé e poder),
Hereford, AZ: A. A. Allen Publications (Publicações A. A. Allen), 1954, p. 55.
Ibidem.
Ibidem., p. 56.

Ibidem., p. 17.
Ibidem., pp. 18-20.
Ibidem., p. 22.
Ibidem., p. 25.
Ibidem., p. 29.
Ibidem., pp. 98-104.
A. A. Allen, *Price of God's Miracle-Working Power* (O preço para o poder miraculoso de Deus), Miracle Valley AZ: A. A. Allen Revivals Inc., 1950. L. Allen, *God's Man of Faith and Power* (O homem de Deus, de fé e poder), pp. 106-108.
Ibidem., pp. 167-169.
Ibidem., pp. 143,144.
Ibidem., p. 155.
Ibidem., p. 159.
Ibidem., pp. 161,162.
Ibidem., p. 165.
Ibidem., pp. 173-175.
Harrel, *All Things Are Possible,* p. 68.
Ibidem., p. 70.
Allen Spragget, *Kathryn Kuhlman: A Woman Who Believed in Miracles* (Kathryn Kuhlman: a mulher que cria em milagres), segmento sobre Allen, de acordo com a Corte Criminal do Município de Knox. Nova Yorque: Signet Classics, publicado pela Nova Livraria Americana Inc., 1970, pp. 32,33. Harrel, *All things Are Possible,* p. 70. *Ibidem.,* p. 71. *Ibidem.,* pp. 70, 71.
Entrevista pessoal com R. W. Schambach, em 22 de março de 1996, Em Paso, Texas.
Harrel, *All things Are Possible,* p. 74. *Ibidem.,* p. 72. *Ibidem.,* p. 71.
Ibidem., p. 74.
Entrevista pessoal com Helen McMaines, em 29 de abril de 1996.